MONSENHOR HENRI DELASSUS
Doutor em Teologia

A CONJURAÇÃO ANTICRISTÃ

O Templo Maçônico

que quer se erguer sobre as ruínas da

Igreja Católica

As portas do
inferno não prevalecerão
contra Ela.
(Mat., XVI, 18)

TOMO III

Bibliothèque Saint Libère

http://www.liberius.net

NIHIL OBSTAT:

Insulis, die 11 Novembris 1910.

H. QUILLIET, s. th. d.
librorum censor

IMPRIMATUR

Cameraci, die 12 Novembris 1910.

A. MASSART, vic. gen.
Domus Pontificiae Antistes.

Traduzido do original francês
"La Conjuration Antichrétienne - Le Temple Maçonique
voulant s'élever sur les ruines de l'Église Catholique",
impresso por Société Saint-Augustin
Desclée, De Brouwer et Cie.
LILLE, 41, Rue du Metz

III

SOLUÇÃO DA QUESTÃO

O MUNDO

CÉU E TERRA

E SEU ENIGMA

I — A OBRA DO AMOR ETERNO

E A QUEDA

CAPÍTULO lii

A OBRA DO AMOR ETERNO

A partir del siglo XVIII la conjuración anticristiana concentró su principal empeño en Francia, hija primogénita de la Iglesia. Y, pues, principalmente ahí que debemos observarla. Pero como esa conjuración se extiende a toda la tierra, debemos frecuentemente hacer incursiones en otras partes del mundo para seguir a sus agentes.

A partir do século XVIII a conjuração anti-cristã concentrou seu principal empenho na França, filha primogênita da Igreja. É, pois, principalmente aí que devemos observá-la. Mas como essa conjuração se estende a toda a terra, devemos freqüentemente fazer incursões em outras partes do mundo para seguir os seus agentes.

Seus últimos atos introduziram no cenário um novo personagem ao qual parece pertencer o primeiro papel. Os franco-maçons conduziram-nos aos judeus, em seguida os judeus nos colocaram na presença de Satã.

Se, pois, desejamos ter uma idéia completa e aprofundada da conjuração anti-cristã, é ele que devemos agora estudar. Quem é ele? Que ele quer? Como ele se põe em contacto com os homens e para que fim?

Uma vez feito esse estudo, deveremos procurar saber se em oposição à ação satânica não existe uma outra ação extranatural para combatê-la; e se acharmos que existe, deveremos perguntar a quem deve pertencer a vitória.

Essas questões convidam-nos para as altas regiões da filosofia e da teologia. Que nossos leitores não se assustem, com receio de não compreenderem, e não pulem estas páginas. Seremos suficientemente claro, cremos, para que possam seguir sem esforço e encontrar neste estudo um interesse tanto mais cativante quanto mais elevada é a ordem em que ele se realiza.

A explicação da presença do demônio no nosso mundo e a ação funesta que nele exerce invocam a questão preliminar do mal e suas origens, e a questão do mal não pode ser resolvida senão com o conhecimento do ser, do ser sobrenatural como do ser natural.

O ser existe, não posso negá-lo: tenho consciência de minha existência e tenho a visão e o contacto com mil e mil objetos que me rodeiam, que agem sobre mim e sobre os quais exerço minha ação.

Existo, mas não existia há cem anos. Eu era menos do que um grão de areia perdido no fundo dos mares. Como existo? Não posso explicá-lo senão através da ação de um outro ser, anterior à minha existência e que me produziu, assim como eu mesmo produzo. E assim como todas as coisas que me circundam, o próprio céu e a própria terra, tiveram começo, minha razão conclui pela existência de um primeiro Ser, que existe, Ele, por Si mesmo, e por conseqüência, é eterno. Um tal Ser pode sozinho tirar todas as coisas da "ausência eterna", a fim de que elas existam com Ele.

A razão que não deseja enganar-se a si mesma não pode se impedir de remontar dessa forma do ser contingente e limitado que é, e cuja presença ela observa fora de si, ao Ser necessário, que carrega em si mesmo a razão do seu ser.

Existindo em Si mesmo, tendo em si o princípio do ser, ele pode ser a fonte eterna.

Por que quis Ele que com Ele existíssemos?

Não podemos oferecer outras razões que não estas: Ele quis ver *imagens* da sua essência, porque é isto que somos. Ele quis transbordar as idéias que nEle existem e transmitir sua felicidade.

Bonnum est diffusivum sui, disse São Tomás de Aquino depois de Aristóteles. O bem encontra prazer em se difundir, sua natureza é de se dar. Conseqüentemente, o Bem infinito, o

Ser infinito tem um desejo infinito de se comunicar. O apóstolo São João, inspirado por Deus, deu dEle essa definição: Deus é amor, *Deus charitas est*. É, pois, no amor que existe em Deus, que é Deus, que se encontra o motivo da criação e o princípio de todas as criaturas.

Deus se conhece infinitamente porque se ama infinitamente. Conhecer, amar, esta é a vida das inteligências. Conhecer-se, amar-se, é no Ser infinito a vida absoluta. Assim Deus é chamado nas Sagradas Escrituras: o Deus que vive.[1] A vida em Deus — Ele no-lo revelou — é a geração do Verbo e a exalação do Amor, relações inefáveis de onde promanam as três Pessoas que constituem a natureza divina.

Nos transportes do seu amor natural, as três Pessoas divinas chamaram do nada novas pessoas para nelas verem a repetição da sua felicidade.[2] Elas nos concederam o dom do ser, da vida e da inteligência para nos amarem e para serem amadas por nós, para obterem essa glória acidental e derramar em nós algo da felicidade dElas. Tal é o mistério da criação: explosão do Amor de Deus, como diz Saint-Bonnet, transbordamento do amor infinito. Deus é bom, Ele é impelido por Sua natureza a Se dar. Tal é a evidência que se coloca diante do homem quando ele reflete sobre o que ele é, sobre o que é o universo.

Blanc de Saint-Bonnet começa o livro póstumo editado pela piedade fraternal, com o título de *L'Amour et la Chute* [O Amor e a Queda], com estas palavras:

"O cristianismo torna-se hoje menos visível aos espíritos nas suas duas grandes noções: o Amor, que é a vida de Deus, e a queda que compromete a vida do homem. Esse esquecimento, que produz todos os nossos males, ameaça deixar desabar a civilização. Se o pensamento da queda do homem e do amor que Deus lhe vota pudesse entrar de novo nos espíritos tudo mudaria de aspecto na Europa". Todos os escritores que compreenderam a Revolução, que gostariam de libertar o mundo dela, esforçam-se em restaurar o pensamento da queda. O divino Salvador Jesus encarregou-se a Si mesmo de restaurar o pensamento do amor, manifestando o abrasamento do seu Sagrado Coração.

Deus não podia satisfazer sua Bondade no dom da existência de uma única criatura, como não podia esgotar sua Beleza numa única imagem da sua essência. Ele então multiplicou suas criaturas e multiplicou as espécies (*species, imagem*). Deus, diz São Tomás de Aquino, transportou as idéias ao ser para comunicar às criaturas sua bondade e representá-la nelas.[3] Ele produziu naturezas múltiplas e diversas a fim de que aquilo que falta a uma delas para representar sua Bondade divina seja suprido por outra. E acrescenta: "Existe distinção formal para os seres que são de espécie diferente; existe distinção material para aqueles que diferem apenas do ponto de vista numérico. Nas coisas incorruptíveis (os puros espíritos) existe somente um indivíduo para cada espécie". A incontável multidão dos anjos apresenta, pois, graus infinitos de perfeição sempre mais alta, de beleza sempre mais perfeita, de bondade sempre mais comunicativa.

Puros espíritos e seres materiais não constituem toda a criação. Deus também produziu os seres mistos, que somos nós, animais racionais compostos de corpo e de alma. O conjunto desses seres forma o mundo. "Aquele que vive eternamente, diz a Sagrada Escritura, criou tudo ao mesmo tempo".[4] Os seres animados não puderam aparecer senão quando a matéria

---

[1] A palavra Deus, com a qual se denomina o Infinito, deriva de um verbo grego que significa: viver.

[2] Somente as inteligências, somente as pessoas são capazes de felicidade; mas se as criaturas materiais não são feitas para serem *felizes*, elas o são para contribuir para a felicidade dos seres espirituais.

[3] *Summa Theologica*, parte I, q. XLVI. Nas edições ordinárias esta questão contém apenas três artigos. No manuscrito 138 da Biblioteca de Monte Cassino encontra-se um outro, que está reproduzido na edição das obras de São Tomás, publicada por Leão XIII: *Da subordinação das coisas.*

[4] Ecles. XVIII, 1. Deus simul ab initio temporis utrumque de nihilo condidit creaturam, spiritalem et corporalem, angelicam videlicet et mundanum et deinde humanam quasi comunem ex spiritu et corpore constitutam (4° Concílio de Latrão, cap. 1).

chegou ao ponto de poder prestar-se à formação dos seus corpos. Eles existiram inicialmente apenas no princípio de suas espécies, que se desenvolveu em indivíduos através de sucessivas gerações.

Assim nasceu o mundo: "O mundo foi feito por Ele", diz São João.[5] Colocando no singular a expressão "o mundo", o apóstolo assinala que existe apenas um mundo, quer dizer, que não se encontra na criação nenhuma parte que seja estranha às outras.

Mas, nessa unidade, que multiplicidade e que diversidade! Falando apenas dos anjos, Daniel[6] exclama: "Mil milhares O servem e uma miríade de miríades O assiste, o Senhor dos exércitos", o Senhor de toda a hierarquia das diversas ordens de seres.

Comentando essa palavra, diz São Tomás: "Os anjos formam uma multidão que ultrapassa toda a multidão material". Ele se apóia sobre o que São Denis, o Areopagita, diz no capítulo XIV da "Hierarquia Celeste": "São numerosas as bem-aventuradas falanges dos espíritos celestes; elas ultrapassam a medida ínfima e restrita dos nossos números materiais".[7]

Ora, formando uma espécie única para si, cada um desses espíritos reflete, por assim dizer, um ponto do infinito, constitui uma imagem diferente da perfeição divina, um resplendor especial da divina Bondade. Que imaginação poderia representar o esplendor crescente desses espelhos da divindade que, partindo dos confins do mundo humano, vão, subindo sempre em grupos graduados, até o trono do Eterno? Quem poderia ir em pensamento de um para o outro até aquele que está no cume dessa hierarquia e recebe a primeira e a mais resplandecente irradiação da glória de Deus! "Ó abismo inesgotável da sabedoria e da ciência de Deus, exclama São Paulo. DEle, por Ele e para Ele são todas as coisas. A Ele a glória por toda a eternidade!"[8]

Mas eis o que é mais aflitivo para o nosso espírito e mais comovente para o nosso coração. O Amor não encontrou apaziguamento na criação, por inefável que fosse o dom do ser, e a vida no ser, e a inteligência na vida! Após ter feito das criaturas imagens de Sua perfeição, Deus quis fazer das criaturas suas amigas e para tanto elevá-las até Ele. Não nos admiremos. Deus é amor, e sua caridade desce como uma torrente que derruba todos os obstáculos, os que vêm do Infinito como os que vêm da natureza do finito.

Aqui reside o mistérios dos mistérios do Amor: esse dom de Deus para nós, elevando-nos até Ele para nos amar e ser amado por nós! Como dar, a esse respeito, já não digo o conhecimento adequado, mas uma idéia suficiente para nos convidar ao abandono amoroso da nossa alma ao Amigo divino?

Com Deus se dá a nós? Como O possuímos? Com que amor somos chamados a amá-Lo?

Digamos inicialmente com São Tomás que Deus está em todas as suas criaturas como a causa está no seu efeito. Ele é, Ele, causa primeira, a causa inicial e a causa persistente, a causa criadora e a causa conservadora de tudo quanto existe. Ele está, ademais, em suas criaturas, através da sua essência, quer dizer, através da idéia que cada uma delas realiza. Ele está, enfim, através do seu poder que, depois de as ter criado, as mantêm no ser que Ele lhas deu e constitui o primeiro princípio da atividade delas.

Nas inteligências Deus está, ou pelo menos pode estar, de um outro modo: como o objeto conhecido naquele que conhece e o objeto amado naquele que ama. Mas isto não constitui um modo especial de presença distinta do modo geral. Concedendo à criatura racional que O

---

[5] Jo. I, 10.
[6] Dan. VII, 10.
[7] Quem considera os milhões de estrelas que a mão de Deus lançou no espaço, pode admirar-se da multidão dos espíritos celestes, os quais podem glorificá-Lo por si mesmos?
[8] Rom. XI, 33-34.

conheça e O ame, Deus não faz senão movê-la para o seu fim, segundo pede sua natureza, como Ele faz com as outras criaturas.

Um modo de presença verdadeiramente especial seria aquele que produzisse um efeito de uma ordem externa, acima da ordem natural.

Ora, esse modo existe. Deus, no seu amor infinito, inventou-o, criou-o e revelou-nos sua existência.

Digamos no que consiste.

O uso normal da razão faz-nos chegar ao conhecimento de Deus e esse conhecimento produz em nós o amor. É um conhecimento abstrato, através do raciocínio, da visão dos seres e de sua contingência. Esse conhecimento faz-nos desejar um outro conhecimento: a visão direta do próprio Ser Supremo. Como explicamos nas primeiras páginas deste livro,[9] essa visão não é naturalmente possível a nenhuma criatura que existe ou venha a existir. Mas concebemo-la possível se, na natureza criada, Deus vier enxertar, por assim dizer, uma participação da natureza divina. Participando dessa natureza, o homem, o anjo, poderiam produzir atos dela: ver a Deus e amar a Deus, como Deus se vê e se ama.

Deus dignou-se informar-nos de que seu amor chegou a esse ponto. Pelo dom da graça santificante Ele nos tornou partícipes da natureza divina. "Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor, diz o apóstolo São Pedro, concedeu-nos os maiores e mais preciosos dons que nos havia prometido; por eles tornou-nos participantes de sua natureza divina".[10]

Qual é a obra própria da natureza divina? É engendrar o Verbo e emanar o Amor. Essa obra é tão absoluta, que seus resultados são as Pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Se verdadeiramente tornamo-nos participantes da natureza divina, essa participação que é a graça santificante deve trazer para nossa alma como que um eco da geração do Verbo e da processão do Espírito Santo. Que isto é e será assim é coisa ainda afirmada: "Vede, diz-nos o apóstolo São João da parte de Deus, vede que amor o Pai tem por nós, em querer que sejamos chamados filhos de Deus, e com efeito o somos... Sim, meus bem-amados, nós somos, desde agora, os filhos de Deus. Mas aquilo que seremos um dia ainda não nos foi revelado. Sabemos que quando Ele vier na sua glória, seremos semelhantes a Ele, porque O veremos tal qual é. E todo aquele que tem essa esperança nEle torna-se santo como Deus".[11]

Veremos a Deus tal como Ele é, e isto porque seremos, porque somos semelhantes a Ele; e sendo semelhantes a Ele, somos legitimamente chamados seus filhos, somos verdadeiramente seus filhos. Nós o somos desde agora, porque já possuímos a graça santificante que nos faz participar da natureza divina. Essa natureza participada já produz em nós seus atos, os atos das virtudes teologais, a Fé, a Esperança e a Caridade, que nos fazem alcançar Deus nEle mesmo e que, após o tempo da prova, transformar-se-ão em visão, posse, amor beatífico.

A produção desses atos, assim na terra como no céu, é e será, dissemos acima, como um eco em nós da geração do Verbo e da processão do Espírito. São Tomás fá-lo compreender nos oito artigos da sexagésima terceira questão da primeira parte da sua Suma, parte esta intitulada *Da missão das Pessoas divinas*.

Houve missão visível da segunda Pessoa da Santíssima Trindade através do Pai na Encarnação.

Houve missão visível da terceira Pessoa através das duas outras em diversas circunstâncias.

Além dessas missões visíveis, há as invisíveis em cada um de nós e em todos os instantes da vida cristã. E é por elas que Deus está em nós de forma diferente do que a título de causa e

---

[9] Tomo I, p. 18.
[10] II Ped. I, 4.
[11] I Jo. III, 2.

de exemplar, como ele está em todas as suas criaturas, segundo a diversidade das suas naturezas. A *missão* O faz habitar em nós de outra maneira. Da mesma maneira que em Deus o Filho é engendrado pelo Pai e que o Espírito procede do Pai e do Filho, em nós, cristãos, e em geral em todas as criaturas inteligentes ornadas da graça santificante, e por isso tornadas participantes da natureza divina, o Pai, do qual procede o Filho, *envia* o Filho; o Pai e o Filho, dos quais procede o Espírito, *enviam* o Espírito Santo, e isto não uma vez, mas em todos os atos da vida sobrenatural que são fé e caridade; missão do Filho no ato de fé, missão do Espírito Santo no ato de caridade, como no céu, a visão intuitiva será produzida pela missão do Verbo, e o amor beatífico pela missão do Amor divino.

De onde resulta que as três Pessoas divinas habitam em nós como nelas mesmas, agem em nós como nelas mesmas. É o que Nosso Senhor prometera: "Se alguém me ama, corresponde às propostas do meu amor, Nós viremos a ele e nele faremos nossa morada".[12] E não somente Elas aí habitam, mas Elas têm aí suas relações e essas relações têm repercussão nas nossas almas, nas nossas inteligências e nos nossos corações sobrenaturalizados pela graça. "Falamos de missão a respeito do Filho, diz Santo Agostinho,[13] em razão dos dons que tocam a inteligência". Podemos dizer a mesma coisa a respeito do Espírito Santo, em razão dos dons do coração: ele abrasa as faculdades afetivas de um amor sobrenatural, como o Filho ilumina a inteligência com as luzes da fé.

Aí está em nós o começo de uma vida divina que desabrochará nos céus; aí, a fé será visão e o amor beatitude, pela mesma maneira, pela ressonância da vida divina em nós.

Toda a vida adquire sua origem num nascimento. Uma vida nova não pode sair senão de uma nova geração. Foi o que realizou em nós o santo batismo. Ele nos fez entrar nessa vida superior, especificamente e genericamente distinta da vida natural. É a necessidade que Nosso Senhor assim exprimira: "Em verdade, em verdade eu vos digo, quem não *renascer* da água e do Espírito Santo não entrará no reino de Deus",[14] onde Deus é visto e amado como Ele se vê e se ama. O primeiro nascimento tornou-nos partícipes da natureza humana, o segundo, da natureza divina.

A criação se explica pelo desejo de Deus que é induzido, se assim podemos dizer, pelo esplendor do seu Verbo, a querer que seu brilho reapareça nos espíritos criados à sua imagem. O dom do sobrenatural encontra sua explicação na santidade de Deus. Ela faz a união divina, ela chama as criaturas a uma união participada: *Sanctus, sanctus, sanctus, Dominus Deus Sabaoth*. Santo, santo, santo é o Deus dos exércitos. Ele é três vezes santo nEle mesmo pela Trindade das suas Pessoas; e Ele é santo na multidão dos espíritos ordenados, hierarquizados como um exército, que Ele convida à união santificante, a se unirem a Ele sobrenaturalmente. Essa união exige uma regeneração nEle, Ele é suficiente poderoso para produzi-la, não obstante peça uma virtude mais alta do que a exigida para a criação. Assim a Santíssima Virgem, cheia da graça divina, manifestou sua admiração e sua alegria com estas palavras: "*Fecit mihi magna qui* POTENS est et SANCTUM nomem ejus". Ele fez em minha grandes coisas, Aquele que é *poderoso* e cujo nome é *santo*. Pela santidade entramos no infinito sem nos confundir, penetramos no seio de Deus sem nos perder, conservando nossa individualidade, nossa personalidade, estando unidos à Divindade, de tal maneira que ela produz em nós o que ela produz nEla mesma. Eis a grande coisa que maravilhava a Santíssima Virgem e A fazia lançar este brado: "*Magnificat anima mea Dominum et exultavit spiritus meo in Deo salutari meo*".

---

[12] Jo. XIV, 23.
[13] *De Trinit.*, IV, cap. XX.
[14] Jo. III, 5.

A união sobrenatural com Deus, assim entre os anjos como entre nós, tem dois graus: a preparação e a fruição, a graça e a glória. Pela graça somos dados em garantia do dote que é entregue somente no feliz final da prova à qual a preparação nos submete.

Porque Deus quer respeitar a liberdade das suas criaturas, e essa vontade obriga a não tornar definitivo o dom do sobrenatural senão após a aceitação reconhecida e amorosa.

As Pessoas divinas que querem habitar em nós, batem, primeiramente, através dos apelos da graça, à porta do nosso coração. Elas querem ser acolhidas como amigas antes de produzirem em nós as grandes coisas de que falamos. Elas nos oferecem sua amizade, *Vos amici mei estis*;[15] é preciso que lhes demos a nossa, que entremos em comércio com Elas, em comércio de amor. Se essa oferta deve ser aceita, pode ser recusada, recusa que seria uma ofensa e uma ofensa de uma culpabilidade infinita, o limite da injúria, tratando-se de Deus.

Foi essa injúria feita à infinita Bondade?

———— ♦ ————

[15] Jo. XV, 14.

CAPÍTULO LIII

A QUEDA

I. — NO CÉU

O capítulo precedente pode ter parecido uma digressão, algo dispensável. Não é isso, ele disse o que era necessário dizer para preparar o espírito à compreensão de tudo quanto vai seguir.

Assim, desde a criação dos anjos,[16] Deus convidou a inumerável multidão deles a contratarem com Ele uma aliança de amizade tal que, se fossem fiéis, ela os levaria ao gozo da visão do seu Ser, a contemplá-Lo face a face, a penetrarem na sua vida íntima e dela participarem. Sua Bondade antecipou-lhes Seu amor; a eles incumbia o dever de corresponder a essa antecipação.

Que ocorreu?

O arcanjo São Miguel e os anjos que escutaram sua voz, abriram-se com entusiasmo e gratidão ao dom divino. Lúcifer e os anjos que seguiram seu exemplo opuseram uma recusa à munificência divina.

Como isso pôde se dar?

Os anjos, na superioridade de suas inteligências, viam, compreendiam a excelência do dom que lhes era oferecido melhor do que nós o podemos fazer.

Como um dom tão excelente, um dom realmente divino até no seu objeto, pôde ser desprezado? Esse fato, o mais desconcertante que houve e que jamais haverá, faz-nos descer ao fundo da miséria do ser contingente, tivesse mesmo ele a sublimidade daquele que, pela excelência de sua natureza, estava no ápice da hierarquia angélica.

Ao transmitir o ser às criaturas inteligentes, Deus põe nelas o desejo da felicidade. Esse impulso as leva e as dirige a Deus, o Sumo Bem, quando elas acolhem, por uma livre correspondência, a emanação do amor divino; esse impulso as abandona ao mal quando a esse amor elas preferem o movimento cego do amor próprio. A esse desejo de felicidade Deus acrescentou a Graça, isto é, uma atração de ordem sobrenatural, que se sobrepõe à atração de ordem natural, dirigida ao Sumo Bem.

A vida presente foi dada ao homem, e o primeiro instante foi dado ao anjo para que a criatura cedesse o *eu* ao amor; para que o *eu*, renunciando ao egoísmo, se dê ao Sumo Bem. "Assim se dando, longe de se aniquilar, o *eu*, pela maravilha da personalidade, entra ele próprio na posse do Bem; fica penetrado dele, como se é penetrado pela alegria, como o corpo é penetrado pelo ar que respira e pelo qual está envolvido. Mas o finito, cuja natureza vem do nada, pode permanecer estéril; e apesar do impulso divino, tornar-se o oposto ao Amor, cair no estado contrário a Deus, no estado daquele que recusa se dar, daquele que não ama. Esse egoísmo é possível no ser que tem a liberdade de usar, como quiser, o dom sagrado da existência e o poder de recusar-se ao Amor".[17]

---

[16] Condens in eis naturam et largiens gratiam. (S. Agostinho, *De natura et gratia*).
[17] Blanc de Saint-Bonnet, *L'amour et la chute*.

Essa foi, ó dor!, a conduta de numerosos anjos, e é também a conduta de numerosos homens. Criados para a eterna Felicidade, eles se desviaram dela, e se desviaram dela para correrem em direção à ruína. Esse movimento de independência da criatura é denominado *superbia*,[18] συπερ, *acima*, βια, *força*; na nossa língua, *suficiência*, estado daquele que crê bastar a si mesmo. Não encontramos a suficiência, ou orgulho, naqueles que são atingidos pelo sentimento de uma *força exagerada* que pretende tudo encontrar em si mesmo?

São Tomás de Aquino diz[19] que todos os anjos, sem exceção, sob a moção de Deus, realizaram um primeiro ato bom que os conduziu rumo a Deus, como autor da natureza. Restava-lhes realizarem um segundo ato de amor mais perfeito, o ato de caridade, o ato do amor sobrenatural. A graça convidava-os a isso, ela os impulsionava a se voltarem para Deus enquanto objeto da Beatitude.

São Miguel e os anjos que o imitaram por um reflexo da graça recebida, prestaram homenagem a Deus com todo o seu ser; por um ato de amor, eles uniram suas vontades ao dom que Deus lhes oferecia, e por esse ato chegaram ao seu fim sobrenatural.

Os outros fecharam-se neles mesmos, e Deus não pôde fazer chegar a vida sobrenatural a esses corações orgulhosos; Ele não podia violar inutilmente a liberdade deles. Por causa de suas naturezas puramente espirituais, suas vontades fixaram-se nesse mal através desse primeiro ato. Foi-lhes feito imediatamente segundo suas vontades. Enquanto os espíritos dóceis à vocação sobrenatural entravam no céu da glória, gozavam imediatamente da visão de Deus nEle mesmo, no mistérios das Processões divinas que constituem Seu Ser, os outros abandonavam mesmo o céu da graça e eram relegados para sempre às regiões inferiores, à geena do inferno, castigo do orgulho deles.

À frente deles encontrava-se Lúcifer, o mais perfeito dos anjos e, por conseguinte, de todos os seres criados. Foi a sua sugestão e o seu exemplo que arrastaram os outros. Vendo-se no cume da criação, ele não quis olhar acima de si, procurar sua perfeição e sua beatitude na união com uma natureza superior à sua; ele quis encontrá-las nele mesmo. Ele se fechou, pois, na sua naturerza, querendo se contentar em gozar suas faculdades naturais.

"Espírito soberbo e infeliz, tu paraste em ti mesmo; admirador da tua própria beleza, ela foi para ti uma armadilha".[20] Era não somente ingratidão, mas revolta contra Deus, ao Qual pertence determinar o fim de cada uma das suas criaturas.

"Não se lhe pode atribuir [a Lúcifer], como observa São Tomás, a espectativa insensata de destronar o Ser Supremo, ou de à força sentar-se à Sua direita, como Seu igual.[21] Ele teve apenas o desejo de ser semelhante a Deus,[22] quer dizer, de poder apresentar-se como bastando a si mesmo, como não tendo nenhuma necessidade de ser aperfeiçoado por nada fora de si. Deus definiu a Si mesmo: "Eu sou Aquele que é". No seu orgulho, Lúcifer disse: "Eu sou aquele que é. Deus não

---

[18] Initium omnis peccate superbia. Ecle. X, 15.
[19] S. T., parte I, q. LXIII, art. 5.
[20] Bossuet, *Élévations*, IVª semana, 2ª elevação.
[21] O anjo, que conhece a Deus não como nós, através da razão, mas, como observa São Tomás, com um conhecimento necessário e infalível que resulta do conhecimento que tem de si mesmo, reprodução da natureza divina, real e exata, embora infinitamente distante do divino exemplar, não podia ter tal idéia.
[22] Sou semelhante ao Altíssimo. Is. XIV, 13, 14.

espera de nenhuma natureza superior à sua um acréscimo de perfeição; nisto quero ser como Ele. A mim também basta ser o que sou por minha própria natureza e comprazer-me nisso". "O demônio não permaneceu na verdade", diz o apóstolo São João.[23] A verdade está em que mesmo a sua natureza ele a recebia de Deus e ela o tornava dependente dEle.

O orgulho tanto mais o impeliu para esse caminho quanto Deus, oferecendo-lhe o estado sobrenatural, dava-lhe a conhecer Seus desígnios acerca da natureza humana. Lúcifer viu que para entrar em união com Deus e receber nesta união a vida sobrenatural, devia inclinar-se diante de um ser inferior a ele numa das duas naturezas que deviam compor Sua pessoa, o Filho de *Deus* feito *Homem*, tornado o Chefe de toda a criação;[24] e mesmo diante da Mulher que, cooperando com a Encarnação do Verbo, mereceria partilhar Sua realeza sobre o universo, céu e terra.[25]

A falta de Lúcifer, o crime do seu orgulho, foi, pois, precisamente, repudiar o sobrenatural; e a tentação que ele fez com que os anjos que estavam abaixo dele sofressem, após ele mesmo ter nela sucumbido, pode, pois, ser denominada, com toda a propriedade do termo, tentação do *naturalismo*. Retenhamos essa observação, pois ela nos servirá de tocha na seqüência deste estudo, porque veremos essa mesma tentação reproduzir-se no paraíso terrestre, depois no deserto ao qual Jesus se retirará após seu batismo; e é também a ela que a Cristandade está submetida desde o século XV pela franco-maçonaria, pela judiaria e pelo demônio.

No céu essa tentação ocasionou o que as Sagradas Escrituras chamam de "grande combate: *Et factum est prœlium magnum in cœlo*. Miguel e seus anjos combateram contra o Dragão, e o Dragão e seus anjos combateram; mas ele não puderam vencer".[26]

É a mesma guerra que prossegue aqui em baixo e que entre nós se apresenta sob este aspecto: "O antagonismo entre duas civilizações". Para compreender o que ela foi no céu e como é na terra, ela tem por adversários não somente os homens contra os homens, mas também os humanos contra os demônios. — *"Não é somente contra*

---

[23] Jo. VIII, 44.
[24] Primogenitus omnis creaturæ. Colos. I, 15-17.
In omnibus Ipse primatum tenens. Ef. I, 20-22.
Pacificans... sive quæ in cœlis sunt. Colos. I, 20.
Orígenes diz que Jesus pacificou os céus obtendo para os bons anjos o dom dos dons, isto é, a vida sobrenatural. "In cœlis quidem non pro peccato sed pro munere oblatus est" (Hom. 2, supra caput, 1 e 2, Levit.).
[25] "Tendo Deus introduzido uma segunda vez no cenário do mundo seu Filho primogênito, disse: "Que todos os anjos O adorem!" Essa segunda introdução, essa nova apresentação feita pelo Pai, refere-se visivelmente a Seu Filho colocado num segundo e novo estado, conseqüentemente, a Seu Filho encarnado. Crer no Filho de Deus feito homem, esperar nEle, amá-Lo, servi-Lo, adorá-Lo, tal foi a condição da salvação. Os dois testamentos contam que o preceito foi dirigido assim aos anjos como aos homens: está escrito num e noutro: Et adorent eum omnes angeli ejus.
"Satã estremeceu ante a idéia de se prosternar diante de uma natureza inferior à sua, sobretudo ante a idéia de receber ele próprio, dessa natureza tão estranhamente privilegiada, um acréscimo atual de luz, ciência, mérito e um aumento eterno de glória e de beatitude. Julgando-se ferido na dignidade da sua condição nativa, *ele se entrincheirou nos direitos e exigências da ordem natural*". Cardeal Pie, III[a] Instrução sinodal. Ver Suma Teológica, parte I, q. LXIV, a. I, ad IV. — Suarez diz a mesma coisa: *De malig. ang.* L. VIII, C. XIII, n. 13 e 18.
[26] Apoc. XII, 7.

homens de carne e sangue que temos de lutar, mas contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra os maus espíritos espalhados pelos ares"[27] — é preciso dizer, a ordem, a hierarquia e a subordinação que Deus estabeleceu entre suas criaturas.

Vemos na parte mais baixa da criação as criaturas que apenas têm existência; acima delas, as que participam, em graus diversos, da energia vital; depois os animais racionais, e, no cimo, as puras inteligências. Sabemos por nossa própria experiência que os seres inferiores estão na dependência dos seres superiores. Deus disse ao criar o homem: "Que ele domine sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos e toda a terra"; e nós exercemos esse domínio.

Guardadas as proporções, dá-se o mesmo no céu.

Entre os puros espíritos não há somente diferenças de graus na semelhança com o Ser divino, na participação da Sua perfeição; há também comércio entre os seres superiores e os seres inferiores, aqueles dando a estes. É o que explica, numa linguagem sublime, São Denis, o Areopagita, ou, pelo menos, o autor dos tratados que lhe são atribuídos.

"Nessa efusão liberal da natureza divina, diz ele, sobre todas as criaturas, uma parte mais importante cabe às ordens da hierarquia celeste, porque, num comércio mais imediato e mais direto, a divindade deixa extravasar nelas mais puramente e mais eficazmente o esplendor da sua glória". Ora, em toda constituição hierárquica, dos graus de perfeição resultam os graus de subordinação. "A última ordem do exército angélico é elevada a Deus pelas augustas potestades dos graus mais sublimes. Qual é o número, quais são as faculdades das diversas ordens que os espíritos celestes formam? Isto é exatamente conhecido apenas por Aquele que é o adorável princípio da perfeição dessas ordens. A primeira hierarquia é regida pelo próprio soberano iniciador, e ela afeiçoa os espíritos subalternos à semelhança divina. Ela não se comunica a eles através dos excessos de um poder tirânico, mas, arremessando-se para as coisas do alto com uma impetuosidade bem ordenada, arrasta com amor em direção ao mesmo objeto as inteligências menos elevadas. Deve-se estimar, é sempre São Denis quem fala, que a hierarquia superior mais próxima por sua classe do santuário da divindade, governe a segunda por meios misteriosos; por seu turno, a segunda, que engloba as Dominações, as Virtudes, as Potestades, conduz a hierarquia dos Principados, dos Arcanjos e dos Anjos; e esta rege a hierarquia humana, a fim de que o homem se eleve e se volte para Deus e a Ele se una. E assim, por divina harmonia e justa proporção, todos se elevam, um através do outro, até Aquele que é o soberano princípio e fim de toda a bela ordenação. Ele é denominado Dominador supremo, porque atrai tudo a Si como um centro poderoso, e porque comanda todos os mundos e os rege com plena e forte independência, ao mesmo tempo que é o objeto do desejo e do amor universais. Todas as coisas sofrem o seu jugo por uma natural inclinação e tendem instintivamente para Ele, atraídas pelos encantos poderosos do seu indômito e suave amor".[28]

---

[27] Ef. VI, 12.

[28] São Denis, o Areopagita, *De la hiérarchie céleste*. Passim.

Constitui, pois, lei da natureza universal, que entre as criaturas existe uma hierarquia baseada na desigualdade da participação que elas têm na perfeição suprema, na superioridade ou na inferioridade da natureza que lhes toca.

Os seres de uma natureza inferior, de uma perfeição menor, estão subordinados àqueles que são de uma natureza superior. Os anjos de uma classe mais elevada exercem, pois, sobre os que estão abaixo deles aquilo que São Tomás denomina de *Prælatio*, uma supremacia de autoridade e de poder.

Essa prelazia pertencia, em toda a hierarquia dos seres, ao mais sublime de todos os anjos, àquele que havia recebido o nome de Lúcifer, de porta-luz, em razão do papel que lhe estava destinado no céu e que o Areopagita explica assim: "Toda graça excelente, todo dom perfeito vem do alto e desce do Pai das luzes. Ele é uma fonte fecunda e um imenso transbordamento das luzes que cumula com sua plenitude todos os espíritos".

Lúcifer, colocado no primeiro lugar, recebia pois as primeiras ondas desse rio de luz e de vida que corre de Deus, e elas se espalhavam dele para as esferas inferiores. Daí seu nome Lúcifer, transmissor da luz.

Ele quis conservar a prelazia que o tornava tão glorioso, e foi para mantê-la na sua posse que ele travou batalha. Santo Agostinho, que denomina Satanás *Perversus sui amor*, diz que no seu pecado ele amou o poder que lhe era próprio. *"Angelum peccasse amando propriam potestatem".*[29]

Ele quis conservar esse poder, enquanto seu pecado o transferia a outros.

Como conseqüência do pecado que ele e seus discípulos acabavam de cometer, uma nova distinção era estabelecida entre os puros espíritos; uns eram sobrenaturalizados, outros não. Ora, o sobrenatural fazia com que os primeiros entrassem numa região inacessível aos segundos, conferia-lhes uma dignidade e prerrogativas que os outros não podiam mais alcançar. Temos a prova disso no louvor que a Santa Igreja faz a uma criatura humana, mas extraordinariamente sobrenaturalizada, a humanidade do Homem-Deus: *Exultata est super choros angelorum*. Ademais, sabemos que a Santíssima Virgem, a Mãe de Cristo, foi coroada Rainha dos Anjos.

Lúcifer, vendo isso, ainda asim quis manter e afirmar a supremacia que a excelência da sua natureza lhe dava sobre os outros anjos. Estes resistiram, e o grito *Quis ut Deus?* exprime bem o gênero dessa resistência. Ele põe em relêvo uma oposição fundamental às sugestões naturalistas que Satanás espalhava nas fileiras das milícias celestes para conservar o domínio sobre seus irmãos. "Quem é como Deus?" responderam estes. Quem pode pretender bastar a si mesmo, subsistir por si mesmo, encontrar em si mesmo seu fim último? E, de outro lado, quem pode ser superior à criatura que Deus elevou a uma participação na sua natureza divina? Deus, que está acima de tudo, dá à criatura à qual Ele se une pela graça uma dignidade que a eleva acima do que quer que exista no mundo da pura natureza.

As pretensões de Lúcifer e dos seus foram assim repelidas. Ele, o príncipe dos arcanjos, tornou-se, por seu orgulho, subordinado daquele dentre os anjos bons que é o último na ordem da natureza.

———— ♦ ————

[29] *Genesi ad litteram*, cap. XV.

CAPÍTULO LIV

A QUEDA

II. — NA TERRA

O fato pré-histórico que acabamos de relatar segundo as Sagradas Escrituras e as revelações divinas é também um fato histórico porque entrou na trama dos acontecimentos deste mundo. Sem ele estes não se podem explicar, nele encontram sua luz.

Desde que a humanidade existe, existe luta, existe combate, combate no coração de cada homem, combate entre os bons e os maus, combate do naturalismo contra o sobrenatural, do egoísmo humano contra o Amor infinito. Esse combate não é, pois, senão a continuação daquele que foi deflagrado entre os puros espíritos na origem do mundo, e, entre nós como no céu, é Lúcifer quem conduz a batalha, e se ele ainda encontra São Miguel como adversário, na nossa direção ele vê sobretudo Maria, que tomou junto a Deus o lugar que ele deixou vazio pelo seu pecado, o mais formal que existiu: *peccatum aversio a Deo*.

O pecado de Lúcifer e dos seus anjos retirou-lhes, dissemos, a prelazia, quer dizer, a preeminência e essa espécie de jurisdição que dela decorre, sobre os anjos que lhes eram inferiores. Retirou-lhes o poder que tinham sobre o mundo material? São Paulo decidiu a questão. Ele os denomina, ainda após a queda: "as virtudes dos céus". São Denis, no seu livro *Des noms divins* (cap. VI), diz de uma maneira geral que os dons concedidos à natureza angélica de nenhum modo mudaram nos demônios, mas permanecem na sua integridade.

São Tomás de Aquino indica com exatidão essa verdade. Ele observa que após a queda o demônio é ainda chamado "querubim", mas não mais "serafim". Dá-se que a palavra "querubim" significa "plenitude de ciência", enquanto "serafim" significa "aquele que arde" do fogo da caridade. A ciência é compatível com o pecado, mas não a caridade.

Assim, eles guardam seu poder, observa Bossuet. "Eles continuam, diz ele, a ser chamados "Virtudes dos Céus" para mostrar-nos que ainda no suplício conservam o poder, assim como o nome que tinham por sua natureza. Deus podia justamente privá-los de todas as vantagens naturais, é sempre Bossuet quem fala, Ele preferiu fazer ver, conservando-as, que todo o bem da natureza transformava-se em suplício para aqueles que dele abusam contra Deus. Assim, a inteligência deles permaneceu tão penetrante e sublime como sempre; e a força de suas vontades, para mover os corpos, por essa mesma razão, ficou como os destroços do seu pavoroso naufrágio".

No Livro III do Tratado sobre a Trindade, capítulo IV, Santo Agostinho nos ensina que "*toda* a natureza corporal é administrada por Deus com o concurso dos anjos". Na resposta que deu a Bildad, Jó, falando do poder de Deus, denomina-o: "Aquele sob o Qual se curvam os que carregam o mundo".[30] São Tomás tece esplêndido comentário

[30] Jó IX, 13. Tradução de Bossuet.

sobre essa palavra.[31] A causa segunda, a criatura, verdadeiramente age, e age por sua própria virtude, mas sua virtude e sua ação próprias são penetradas pela virtude e pela ação do agente principal, Deus, da qual ela é de alguma maneira instrumento.

"Quando Deus criou os puros espíritos, diz Bossuet, tanto lhes deu a inteligência quanto o poder: e submetendo-os à Sua vontade, Ele quis, para a ordem do mundo, que as naturezas corporais e inferiores fossem submetidas às deles, segundo os limites que Ele prescrevera. Assim, o mundo visível foi à sua maneira sujeitado ao mundo espiritual e intelectual; e Deus fez esse pacto com a natureza corporal, que ela estivesse unida à vontade dos anjos, na medida em que a vontade dos anjos, nisto conformes à de Deus, a determinasse para certos efeitos".[32]

Não são somente os teólogos que nos dizem que os corpos são governados pelos espíritos.

Newton imortalizou-se, observa J. de Maistre, ao relacionar à gravidade os fenômenos que ninguém jamais imaginara atribuir-lhe; mas o criado do grande homem sabia, a respeito da *causa* da gravidade, tanto quanto seu senhor. O princípio do movimento não pode ser encontrada na matéria, e nós carregamos em nós mesmos a prova de que o movimento começa por uma vontade. É o que diz Platão: "Pode o movimento ter um outro princípio além dessa força que se move ela mesma?" (Platão, *De Lege*).

Ademais, Newton não pensava de maneira diversa. Nas suas cartas teológicas ao Dr. Bentlig, ele diz mais explicitamente o que dissera na sua filosofia natural (Princípios Matemáticos): "Quando me sirvo da palavra *atração*, não considero essa força fisicamente, mas apenas matematicamente. Que o leitor cuide, pois, de não imaginar que com essa palavra eu entenda designar uma causa ou uma razão física, nem que eu queira atribuir aos centros de atração forças reais e físicas, porque não considero nesse tratado senão as proporções matemáticas, sem me ocupar com a natureza das forças e das qualidades físicas".[33]

O mundo material é, pois, regido pelos anjos, a ponto de São Tomás (q. LII) se perguntar se existe um anjo cuja virtude pudesse atingir através de um mesmo ato e como objeto proporcionado ao seu poder todo o universo material. E responde: Em si a coisa não é impossível. Mas sendo múltiplos os anjos destinados à administração do mundo material, cada qual tem uma virtude limitada a certos efeitos determinados.[34] Os anjos decaídos conservaram a parte que lhes estava destinada no governo do mundo material. O poder deles sobre o mundo é tal que "se Deus não retivesse seu furor, diz Bossuet, nós os veríamos agitar este mundo com a mesma facilidade com que giramos uma bolinha".

---

[31] Sum. Theol., q. XLVII. Ver também as questões CV a CXIX.

[32] *Elévation sur les* mystères, XXXIIIª semana, Vª elevação.

[33] Clarke, de quem Newton disse: "Somente Clarke me compreende", fez essa declaração: "A atração pode ser o efeito de um impulso, mas não certamente material — *impulsu non utique corporeo*. E numa nota acrescenta: "A atração não é certamente uma ação material à distância, mas a ação de alguma causa imaterial".

[34] A mesma restrição deve ser feita na ordem moral. Deus designa para o demônio os limites precisos do poder que Ele lhe concedeu sobre o seu servidor Jó. Assim também Nosso Senhor disse aos Apóstolos: "Satã pediu para vos examinar". Ele pede, observa Bossuet; é um poder maligno, malfazejo, tirânico, mas submisso ao poder e à justiça de Deus.

Estamos nós submetidos ao império deles, como o estão os seres materiais? A espécie humana guarda o último nível na hierarquia dos espíritos e por essa razão deve receber a luz e a inspiração para o bem através do ministério dos anjos. De fato, cada um de nós temos o nosso anjo da guarda, que exerce junto a nós esse ofício. Conservou o demônio sua prelazia sobre nós? Nossa raça foi dotada, desde a criação, na pessoa de Adão, nosso chefe, da graça santificante, que nos faz entrar na ordem sobrenatural. Ora, vimos que o sobrenatural estabelece entre os seres uma hierarquia de ordem superior que subtrai Adão e seus descendentes do império do demônio.

Este concebe amargos sentimentos sobre isso. A inveja que despertara nele quando o Homem-Deus fora apresentado à adoração se exasperou. "É um ciúme furioso, diz Bossuet, que anima os demônios contra nós. Eles vêem que, sendo bem inferiores pela natureza, nós os sobrepujamos em muito pela graça". E mais: "A inimizade de Satanás não é de uma natureza vulgar; ela está misturada a um ciúme negro que o corrói eternamente". Ele não pode suportar que vivamos na esperança da felicidade que ele perdeu, e que Deus, por sua graça, nos iguale aos anjos; que seu Filho se tenha revestido de uma carne humana para fazer de nós homens divinos. Ele se encoleriza quando considera que os servidores de Jesus, homens miseráveis e pecadores, sentados nos tronos augustos, o julgarão, com os anjos que o imitaram, no fim dos séculos. Essa inveja queima-o mais do que as chamas".[35]

E por isso ele diligencia em nos arrastar após ele ao pecado que faz perder a prerrogativa que a graça nos dá sobre ele.

No primeiro momento, vendo o que é a natureza humana, uma só espécie na multidão dos indivíduos que com o tempo ela deveria abarcar, disse para si mesmo que se conseguisse fazer decair do nível em que a graça colocara aquele no qual a espécie inteira estava então contida, recuperaria sobre ela o império que o direito da natureza lhe dava, tornar-se-ia o príncipe, o chefe da humanidade. À inveja juntou-se, pois, a ambição, para levá-lo a tentar junto aos nossos primeiros pais a sedução que exercera sobre os anjos; se viesse a persuadi-los toda a raça cairia sob o seu império.

Como fizera com os anjos, Deus concedera a Adão e Eva o dom da graça santificante, prelúdio e preparação da glória. Antes de admiti-los à glória era preciso que se mostrassem dignos dela. Daí a necessidade da prova no paraíso terrestre, assim como no paraíso celeste. Lá como aqui, Deus quis, Deus devia, podemos dizer, pedir à sua criatura o consentimento para o pacto de amizade que Ele queria contratar com ela para a eternidade. Os termos do mandamento, ou da proibição, tal como formulados no texto bíblico, indicam com suficiente clareza uma lei, uma cláusula que se refere à conservação ou à perda do estado paradisíaco e dos privilégios que o constituíam. "*Ne comedas... quocumque enim die comederis... morte morieris*". Para o homem, tratava-se de ficar na posse do dom da imortalidade ou perdê-lo, e, como a seqüência do relato o prova, ficar na posse dos outros dons que lhe eram conexos ou perdê-los. A natureza do homem, composto de corpo e alma, pedia que o ato do qual dependesse seu destino fosse concomitantemente interior e exterior, ato plenamente deliberado e ao mesmo tempo exterior. Foi o que aconteceu: não comereis desse fruto, senão morrereis.

Para operar a sedução, Satanás apresentou-se no jardim sob a forma de serpente. Deus, no paraíso, mostrava-Se ao homem e conversava com ele sob forma

---

[35] Primeiro sermão da Quaresma.

visível; dava-se o mesmo com os anjos. Eva não se surpreendeu, pois, ao ouvir uma serpente falar. Que era essa serpente? Há os que traduzem a palavra hebraica "serafim" por "serpente que voa e resplandecente". Talvez Adão e Eva estivessem acostumados a ver os anjos celestes sob essa forma.

Ele chegou, pois, junto à árvore da ciência do bem e do mal, e perguntou a Eva: "Teria Deus dito: Não comereis das árvores do jardim?" A mulher respondeu: "Comemos dos frutos das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que fica no meio do jardim Deus disse: Não comereis desse fruto e nele não tocareis, com receio de que morrais". Disse a serpente à mulher: "Não, não morrereis. Mas Deus sabe que no dia em que comerdes, vossos olhos se abrirão e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal". Sereis como Deus. Aí está a tentação, a renovação da tentação que seduzira os anjos. Ser como Deus, bastar-se a si mesmo. Que tentação para o egoísmo! Adão nela sucumbiu, como sucumbiram os anjos que se deixaram acalentar pelo orgulho. Sereis como Deus, conhecendo por vós mesmos o bem e o mal. Encontrando no uso das vossas faculdades naturais o progresso que vos conduzirá à perfeição pretendida pela vossa natureza, chegareis à felicidade, a uma felicidade semelhante àquela de que Deus goza, felicidade que não será nem emprestada, nem dependente.

Assim como os anjos maus, Adão e Eva deixaram-se convencer.

Como vemos, na terra como no céu a essência da tentação foi o naturalismo. Foi por ter tido o orgulho de dizer, acompanhando os anjos rebeldes: como Deus, eu bastarei a mim, que Adão transpôs a proibição de comer o fruto funesto. Ó dor! seu orgulho fê-lo cair não somente no estado de natureza, mas ainda no estado de natureza corrompida. Ele e Eva viram-se, subitamente, não deuses, mas seres de carne!

Ademais, viram-se submetidos a Satanás. "Todo aquele que se entrega ao pecado, diz São João, é escravo do pecado",[36] e todo aquele que dá ouvidos a Satanás volta a cair sob sua supremacia, da qual a graça o livrara. Lúcifer pôde, desde então, prometer-se na terra um império semelhante ao que conservava nos infernos sobre aqueles que o seguiram na apostasia. Ele dominou sobre todos os filhos do orgulho.[37]

De fato, até à vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo, todo o gênero humano,[38] excetuado um pequeníssimo povo depositário da promessa, viveu no naturalismo ao qual Adão o arrastara e sob o jugo do demônio, pelo qual se deixara seduzir. Satanás fez erguer para si templos e levantar altares em todos os lugares da terra, e aí fez com que lhe rendessem um culto tão ímpio quanto supersticioso. Quantas vezes o próprio

---

[36] Jo. VIII, 34.

[37] Última palavra de Deus a Jó.

[38] Não refletimos suficientemente sobre as conseqüências contidas nas leis da *espécie*. Certamente existe qualquer coisa em mim que não existia em Adão, posto que sou um indivíduo; mas não houve nada de *essencial* em Adão que não haja em mim. Porque ele mesmo era a espécie, antes de ser indivíduo. "Todos os homens que nascem de Adão, diz São Tomás, podem ser considerados um só homem, pois todos têm a mesma natureza". A ciência, que não pode perceber a causa do prodígio da espécie no seio da natureza, relativamente às plantas e aos animais, como conheceria, relativamente ao homem, a lei da solidariedade, à qual estão atreladas, simultaneamente, a reversibilidade do mérito e o pecado original?

povo eleito deixou-se arrastar por ele, a ponto de sacrificar a Maloch até os seus filhos![39]

Ainda hoje, em todos os lugares em que o Evangelho ainda não foi pregado, em todos os lugares em que o tabernáculo se encontra ainda ausente, Lúcifer e seus demônios reinam. Os missionários do século XVII ficaram muito surpresos quando, tendo partido da França ligeiramente cética de então, desembarcaram nas Índias Orientais e se encontraram no meio das mais estranhas manifestações diabólicas. Os viajantes, como os missionários dos dias de hoje, são testemunhas dos mesmos prodígios. Paul Verdun publicou um livro, *Le diable dans les missions*.[40] Dos numerosos fatos que ele recolheu dos relatos de viagens e de estadas nos gelos dos pólos como nos ardores do Equador, nas florestas das nascentes do Amazonas como nas margens do Bramaputra, nos pagodes das cidades chinesas e nas choças dos selvagens da Oceania, resulta que, em todos os lugares em que o cristianismo não foi implantado, as populações acreditam, e não sem razão, no poder dos demônios dos ídolos, das pedras e das árvores consagradas ao seu culto. Entre essas populações as aparições e possessões são coisas freqüentes, conhecidas e admitidas por todo o mundo. Em todos esses países existem feiticeiros. Para tornar-se um deles é preciso sofrer provas cruéis, que ultrapassam em muito as práticas mais penosas da mortificação cristã. Na maioria dessas iniciações uma manifestação do demônio mostra que ele aceita o candidato como seu, faz dele um possuído ou o leva. Esses feiticeiros têm por servidor ou por senhor um demônio familiar que fazem agir, revestido com uma aparência de animal. Eles podem dar a certos objetos — amuletos, fetiches — uma virtude benfazeja ou prejudicial. A natureza desses objetos é indiferente; é a consagração deles ao demônio que lhes dá a força. Em todos os lugares os feiticeiros odeiam e temem os missionários católicos, e em todos os lugares os missionários expulsam os demônios. Os enviados dos missionários, simples cristãos, virgens, mesmo crianças, têm o mesmo poder. Esses fatos verificados nos nossos dias confirmam não somente os relatos do Evangelho, mas ainda aqueles dos pagãos da antiguidade e aqueles dos nossos pais da Idade Média. Eles confirmam igualmente aquilo que a doutrina católica nos ensina sobre o pecado original e suas conseqüências.

———— ♦ ————

[39] Todas as religiões pagãs, antes como depois da vinda de Cristo, procedem da magia ou nela deságuam, e esta, na diversidade das suas formas e das suas práticas, aparece como uma na sua essência e se manifesta como o culto de Satã.
[40] 2 vol., in-12, Delhomme.

A TENTAÇÃO RENOVADA

CAPÍTULO LV

I — A TENTAÇÃO DE CRISTO

"Desde que a maldade do demônio nos envenenou com o veneno mortal da sua inveja, disse o Papa São Leão,[41] o Deus todo-poderoso e clemente, cuja natureza é bondade, cuja vontade é poder e cuja ação é misericórdia, indicou por antecipação o remédio que Sua piedade destinava à cura dos humanos; e isso nos primeiros tempos do mundo, quando declarou à serpente que da Mulher nasceria alguém bastante forte para esmagar sua cabeça cheia de orgulho e de malícia. Ele anunciava desse modo que Cristo viria em nossa carne, simultaneamente Deus e homem, e que, nascido de uma Virgem, seu nascimento condenaria aquele pelo qual a origem humana fora profanada. Após ter enganado o homem com sua velhacaria, o demônio se regozijava de vê-lo despojado dos bens celestes; ele se regozijava por ter encontrado algum consolo na sua miséria através da companhia dos prevaricadores, e de ter sido causa de que Deus, tendo criado o homem num estado tão honorável, tivesse mudado suas disposições a seu respeito. Foi necessária, pois, amados irmãos, a maravilhosa economia de um profundo desígnio pelo qual um Imutável, cuja vontade não pode deixar de ser boa, realizou, por intermédio de um mistério mais oculto, os primeiros desígnios do seu amor, para que o homem, arrastado ao mal pela astúcia e maldade do demônio, não viesse a perecer, contrariamente à finalidade que Deus se propusera".

No tempo assinalado pela divina sabedoria, Deus executou esse desígnio da sua misericórdia, manifestado na mesma hora da ofensa e da queda. Ele enviou seu Filho para reparar a falta do nosso pai. Entre os homens a justiça enfraquece quando se transmuda em misericórdia; na Redenção ela permanece intacta: Deus perdoa, mas a justiça recebe satisfação posto que um Deus-Homem substitui os culpados e expia por eles.

Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, Ele assumiu a condição de escravo e apareceu aos demônios e aos homens na humildade da carne, "numa carne semelhante àquela do pecado, e assim reconhecido como homem".[42]

---

[41] 2° Sermão sobre a Natividade.

[42] Rom. VIII, 3 e Filip. II, 7.

Existe tanto perigo em afirmar que não há em Jesus Cristo uma natureza semelhante à nossa quanto em negar que Ele seja igual em glória ao seu Pai. É sobre a autoridade divina que está apoiada nossa fé, e é uma doutrina divina que professamos. São verdadeiras as palavras que Jesus, cheio do Espírito Santo, fez ressoar: "No começo era o Verbo, e o Verbo estava em Deus e o Verbo era Deus..." Aquilo que o mesmo pregador acrescenta é igualmente verdadeiro: "O Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos sua glória, como a glória do Filho único do Pai". Numa e noutra natureza o Filho de Deus é, pois, o mesmo, assumindo o que é nosso sem nada perder do que Lhe é próprio; renovando o homem no homem, Ele permanecia nEle mesmo, imutável... É por isso que, quando o Filho único de Deus confessa ser inferior ao Pai, ao Qual se diz igual, mostra que há verdadeiramente nEle uma e outra natureza, porque, através da

Satanás estava a espreita. Ele viu Jesus nascer num estábulo de Belém e viver obscuramente no humilde povoado de Nazaré. Os prodígios que envolveram sua infância não lhe passaram desapercebidos, mas trinta anos passados na oficina de um carpinteiro, na submissão e na obediência, na humildade e na pobreza, não lhe pareceram poder constituir as primícias dAquele que devia derrubar seu império.[43]

Quando ele O viu sair do retiro; quando ouviu as palavras de Jesus que anunciavam estar próximo o reino de Deus; quando viu o Precursor recusar-se a batizar Jesus pela razão de não ser digno de desatar as correias de suas sandálias, e dizer que Ele batizaria no Espírito Santo; quando, sobretudo, foi testemunha da descida do Espírito Santo e ouviu a voz do Pai celeste declarar: "Este é o meu Filho bem amado!", começou a se perguntar se não se tinha enganado até então, e se esse Jesus não era o Filho da Mulher que lhe fora mostrado no dia da sua primeira vitória, como sendo Aquele que devia roubar-lhe o império e esmagar-lhe a cabeça.

Ele quis certificar-se disso; e, permitindo-lhe Deus, em razão das lições que daí resultariam para nós,[44] ele pôde tentar em Jesus suas insinuações e prestígios, como fizera no paraíso terrestre e nos céus.[45]

Conhecemos o relato do Evangelho. Após seu batismo, Jesus se retirou para o deserto, abstendo-se de qualquer alimento durante quarenta dias. Vendo-O apertado pela fome segundo a fraqueza da carne que Ele havia assumido, Satanás aproveitou essa ocasião para tentá-Lo, para descobrir o que lhe importava saber, através de uma prova decisiva. "*Demon Christum aggressus est, potissimum ut exploraret utrum vere Filius Deis esset*, diz Suarez.[46] Foi sobretudo para saber se Ele era o Filho de Deus que o demônio atacou Cristo".

Sua primeira palavra manifestou seu pensamento: "Se tu és o Filho de Deus..." Mostrando as pedras arredondadas em forma de pão que juncavam o solo, como ele havia mostrado a Eva o fruto proibido, ele Lhe propôs fizesse um milagre que provaria Sua divindade: transformar as pedras em pães. Ele não percebia que esse milagre, se

---

desigualdade da qual Ele fala, prova que nEle existe a natureza humana; e através da igualdade que Ele afirma, declara possuir a natureza divina. (São Leão, Papa, 7° Sermão sobre a Natividade).

[43] Deus está presente em toda a parte, conhece tudo o que se faz e tudo o que se diz, porque está em todas as suas criaturas como princípio dos seus seres e de suas atividades. O mesmo não acontece com os anjos, bons ou maus. O anjo está num lugar conforme, por sua vontade, ele aplica a esse lugar a ação da sua virtude. Ele não se encontra *circunscrito*, como estão os corpos, mas *definido*, de tal maneira que não está em outro. De maneira que muitos dos atos de Jesus que concerniam Sua pessoa puderam escapar a Satanás. É verdade que aquilo que ele não conheceu por si mesmo pôde conhecer através de um ou vários demônios que tivesse delegado junto ao Divino Salvador para estarem informados de tudo quanto Lhe dizia respeito.

Ademais, como observa Santo Agostinho (*Cidade de Deus*, IX, 21), Cristo só foi conhecido dos demônios tanto quanto quis, e Ele só quis tanto quanto foi necessário... Quando Ele julgou bom ocultar-se um pouco mais profundamente, o príncipe das trevas duvidou dEle e O tentou para saber se Ele era Cristo.

[44] Persuadamo-nos, cristãos, de que não teria sido permitido a Satanás tentar o Salvador sem algum alto conselho da divina Providência. (Bossuet, *Sermão sobre o demônio. 1° domingo da Quaresma*).

[45] Não é indigno do nosso Redentor, diz São Gregório Magno, ter querido ser tentado, por que Ele viera a esse mundo para ser morto. Ao contrário, era justo que Ele vencesse assim as nossas tentações pelas suas, da mesma maneira como viera triunfar sobre a nossa morte pela sua morte... O Filho de Deus pôde ser tentado pela sugestão; mas jamais o deleite penetrou na sua alma. Assim, essa tentação do diabo foi toda exterior e de nenhum modo esteve dentro dEle. (Sermão sobre o Evangelho do 1° domingo da Quaresma).

[46] *In tertiam partem divi Thomæ*. Q. XLI, art. I, com. II.

realizado, provaria precisamente o contrário, porque a saciação da fome poderia ser obtida por meios naturais e humanos, e querer obtê-la para si chamando em auxílio o poder divino era faltar com o respeito devido a Deus. Talvez ele percebesse isso, e então sua proposta era duplamente maliciosa. Sabemos qual foi a resposta de Jesus; ela exprimia Seu respeito por seu Pai e pela Palavra que Deus estabeleceu como regra da nossa conduta, a nós, filhos dos homens, e ao próprio Verbo encarnado. De outro lado, ela deixava o tentador na ignorância relativamente à sua Pessoa.

A segunda tentação traiu visivelmente a inquietação de Satanás. No extremo desejo de alcançar o objetivo pretendido, ele teria aceitado saber, à custa de sua própria humilhação, se Nosso Senhor era verdadeiramente o Filho de Deus. Se Jesus, precipitando-se do alto do templo, como ele Lhe pedia, os anjos tivessem vindo sustentá-Lo, ele teria reconhecido nisso, pensava ele, que era o senhor soberano da celeste hierarquia, mas para sua vergonha e confusão. Porque teria sido cruel para ele ver Jesus caindo do alto do templo como se descesse do céu, carregado pelos anjos bons, que são os ministros de Deus no castigo que lhe é infligido, diante da multidão que enchia o átrio do templo, e apresentá-Lo nessa pompa celeste e nessa majestade que teria forçado a adoração dos espectadores. Jesus, como fizera da primeira vez, dissipou com uma palavra tirada das Sagradas Escrituras essa tentação que Satanás acreditara muito sedutora.

Este não se deu ainda por satisfeito; e novamente usando o poder sobre-humano dos espíritos, senhores da gravidade e do espaço, transportou Jesus para o cume de uma alta montanha. "Quando dizemos que o Homem-Deus foi transportado pelo diabo para uma montanha elevada ou para a cidade santa, observa São Gregório, Papa, repugna ao espírito crer e os ouvidos humanos se espantam em ver isso afirmado. Reconhecemos, porém, que isso não é inacreditável, se comparamos outros fatos a esse. É certo que o demônio é o chefe de todos os homens iníquos e todos os ímpios são membros desse chefe. Não foi Pilatos um membro do diabo? Não foram membros do diabo os judeus que perseguiram Jesus Cristo e os soldados que O crucificaram? Assim, que haveria de espantoso em Cristo se deixar transportar pelo próprio demônio para uma montanha, visto como Ele desejou sofrer a crucifixão pelos membros do demônio?".[47]

As duas primeiras tentações não tinham podido resolver a questão que atormentava o príncipe deste mundo. Ele compreendeu que seria inútil continuar a encaminhar suas tentativas no mesmo sentido. Assim, na terceira tentação, ele não mais diz: "Se és o Filho de Deus". Deixando essa questão, que ele sentia não poder resolver, buscou um outro intuito.

---

[47] Sermão sobre o 1° domingo da Quaresma.

Santo Agostinho, no comentário sobre o Salmo LXIII, versículo 7, também diz:

"*Cristo, como homem*, colocou-se ao alcance das intenções perversas dos judeus, e como homem sofreu que eles se apoderassem dEle. Com efeito, não poderiam ter-se apoderado dEle se Ele não fosse homem, nem vê-Lo se não fosse homem, nem feri-Lo se não fosse homem, nem crucificá-Lo e matá-Lo se não fosse homem. Foi, pois, como homem que Ele se expôs a todos esses sofrimentos, que não poderiam acontecer-Lhe se não fosse homem. Mas se Ele não fosse homem, o homem não teria sido libertado. Esse homem penetrou o fundo dos corações, quer dizer, o segredo dos corações, oferecendo ao olhar humano Sua humanidade, não deixando aparecer Sua divindade; ocultando Sua natureza de Deus, pela qual Ele é igual ao Pai.

Desde a catástrofe do paraíso terrestre ele reinava como senhor da humanidade aviltada e degradada; mas ele temia por seu império todas as vezes que se lembrava da predição do Senhor: uma Mulher e seu Filho esmagarão tua cabeça. Inquieto, ele não cessava de espionar os filhos dos homens, particularmente aqueles que lhe pareciam mais inteligentes e mais fortes, para tomá-los ao seu serviço. Jamais sua atenção fora despertada sobre alguém como sobre este, jamais alguém lhe parecera dever desempenhar no mundo um papel tão importante. Ele O vê entrar na sua carreira e começar uma obra que, sem dúvida e à vista da extraordinária virtualidade do personagem, terá sobre o curso do mundo, sobre a direção do gênero humano, uma influência que não pode ser avaliada. Ele diz a si mesmo que para conservar seu império ele deve apoderar-se dessa força. Assim, após ter mostrado seu poder transportando Jesus para o pináculo do templo, ele opera um prestígio que deve seduzí-Lo, se ele for apenas um homem, e colocá-Lo a seu serviço. Do alto da montanha para a qual O transportou, ele Lhe mostra todos os reinos do mundo e sua glória, e Lhe diz: "Eu te darei todo o poder e a glória desses impérios; porque isso me foi entregue e eu o dou a quem eu quiser". Isto me foi entregue. Ai de nós, sim, por Adão e seu pecado. Eu o dou a quem eu quiser. Não. O poder de Lúcifer depende inteiramente de uma simples permissão divina. "Tudo isso eu Te darei, se, prosternado, me adorares". Vê, eu sou o senhor do mundo. Conheço teu gênio. Eu Te darei o governo do universo, sob minha suserania, se Tu me prestares essa homenagem.

Sem dúvida, a pregação de São João Batista, anunciando que o reino de Deus estava próximo, tinha determinado Lúcifer a adotar suas providências para manter sobre a terra o império de que desfrutava há tantos séculos. Um homem lhe era necessário para lutar contra o enviado de Deus, como ele mesmo havia feito no céu contra o arcanjo Miguel, para manter sobre a terra o reino do naturalismo e impedir o reino de Deus, quer dizer, o sobrenatural, de tomar posse da terra. Ele quis ver se Jesus não seria esse homem. Ele se esforça em deslumbrá-Lo, em excitar nEle o amor ao mundo e àquilo que existe no mundo: a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e o orgulho da vida,[48] numa palavra, mergulhá-Lo no naturalismo e através dEle aí manter todos os povos. A palavra de Deus pronunciada pelo Homem-Deus, com a autoridade que Lhe pertencia, arrebatou-lhe essa quimera: "Retira-te, Satanás. Porque está escrito: adorarás ao Senhor teu Deus e só a Ele servirás".

"Adorarás ao Senhor teu Deus e só a Ele servirás". Era o que vinha ensinar de novo à raça de Adão Aquele que tinha a missão de restabelecê-lo na sua primitiva dignidade de filho de Deus destinado à eterna beatitude que a vida sobrenatural oferece.

A tentação de Nosso Senhor foi um dos grandes mistérios da Sua vida. Os homens tornaram-se no paraíso terrestre súditos de Satanás e escravos da natureza. Importava que Nosso Senhor, empreendendo a obra que seu Pai lhe confiara, "de introduzir numerosos filhos na glória", vencesse primeiramente o inimigo que tinha submetido a humanidade e limitado sua ambição à vida presente e ao gozo dos bens deste mundo. Ele poderia então, novo Adão, chefe da humanidade regenerada, oferecer-lhe uma benção mais preciosa do que aquela perdida na origem.

[48] I Jo. 2, 16.

Quando Jesus terminou Sua missão de Evangelista, na segunda-feira da Semana Santa, na qual Ele deveria completar Sua outra missão, a de nos resgatar, os apóstolos André e Filipe apresentaram a Jesus os gentios vindos a Jerusalém para a solenidade da Páscoa e que tinham exprimido o desejo de ver o Messias. Ao pedido deles, Jesus Se sobressalta. Ele vê neles e nas suas condutas como que as primícias e o penhor da conversão do mundo pagão, que será o fruto da Sua morte, que Ele acaba de mostrar estar próxima. Esse pensamento O comove. Dir-se-ia o prelúdio da terrível agonia que devia produzir-se três dias mais tarde no jardim das Oliveiras. Ele exclama: "Minha alma está perturbada. Que direi? Pai, livrai-me dessa hora! Mas foi para isso que vim, Pai. Pai, glorificai vosso nome". E vem uma Voz do céu: "Eu o glorifiquei e novamente o glorificarei". A multidão se espanta. Jesus diz: "Não foi para mim que essa voz se fez ouvir, mas para vós... Agora é o julgamento deste mundo, agora o príncipe deste mundo vai ser jogado para fora".

Jesus, em acordo com o céu, anunciava assim a ruína do império de Satanás e a inauguração do novo reino, do Reino de Cristo, do Reino dos Céus, que ia ser fundado sobre essa ruína, por Sua morte na cruz.

Assim ia ser restaurada a ordem sobrenatural, à qual seriam novamente convidados judeus e gentios, toda a raça de Adão resgatada pelo sangue do Homem-Deus.

———— ♦ ————

A TENTAÇÃO DA CRISTANDADE

CAPÍTULO LVI

II.— TENTAÇÕES DIVERSAS

M*ors et vita duello conflixere mirando*. A morte e a vida travaram sobre o Calvário um combate a que os anjos assistiam cheios de admiração. Nesse combate, o autor da vida morre, mas na Sua morte Ele vive e por Sua morte Ele reina. *Dux vitæ mortuus regnat vivus*. O resgate foi pago, a Redenção foi completada, o pecado do mundo foi eliminado e o príncipe deste mundo está vencido, seu reino terminou, em princípio, mas é necessário que o reino que ele construiu seja reconquistado, é o *magnum prœlium* do céu que vai se repetir na terra, nas mesmas condições. Muitas vezes a Igreja parecerá expirante; sempre na sua morte aparente ela haurirá uma nova vida.

O duelo é deflagrado em primeiro lugar entre cada alma e seu tentador. A Redenção é universal, o divino Salvador mereceu a salvação de todos os homens, mas a justificação continuará a depender da vontade de cada um. Os méritos de Cristo não serão aplicados aos indivíduos senão com o consentimento e a cooperação deles.[49] O sobrenatural, que voltou a ser o apanágio da humanidade, deve, como sempre, ser aceito por cada um dos seus membros. Antes dessa aceitação, suposta na criança, efetiva no adulto, o filho de Adão está ainda sob o jugo de Satanás, e a ele retorna através do voluntário repúdio do estado de graça, seja cometendo atos condenados pela moral cristã, o que lhe faz perder a amizade de Deus, seja pela resolução de se isolar unicamente na natureza, através da indiferença religiosa. Esta é a lei que foi promulgada desde o começo no céu e na terra. Ela não mudou, não pôde mudar com a Redenção. A nova fonte de vida que a lança do soldado romano fez correr do Coração de Jesus na cruz está aberta a todos, mas ela não dá suas águas senão aos que as vêm beber.

O que é verdadeiro para os indivíduos, também o é para os povos. Chamados pela voz dos apóstolos, judeus e gentios se entregaram, um a um, a essa fonte, e a aglomeração deles formou o corpo da Igreja.

Para reconquistar seu império, Satanás atacou o corpo social como ele ataca as pessoas. É o que fora dito no começo e o que a divina Sabedoria requeria: *Inimicitias ponam inter semen tuum et semen illius*. Após ter anunciado a Redenção do gênero humano pelo Filho da Mulher, Deus fez entrever a luta que devia seguir-se entre as duas cidades, uma, a raça da serpente, outra, a raça da Mulher bendita.

A palavra hebraica empregada pelo Gênesis para assinalar os ataques da serpente designa bem os dois gêneros de assalto que a Igreja não cessou de ter de sofrer: as perseguições e as heresias. Essa palavra especifica um ódio que se exerce

---

[49] O batismo é conferido às crianças dos pais que pedem por elas; a elas, em seguida, cabe ratificar o que foi feito. Foi assim que as coisas se passaram no céu e no paraíso terrestre: os anjos e nossos primeiros pais receberam a graça santificante no momento de sua criação; eles tiveram em seguida de consentir no dom divino que lhes fora concedido.

simultaneamente através do ardil e da crueldade. Exatamente aí se situam as duas guerras que a história sempre tem visto se alternarem, ou mesmo se confundirem, desde os primeiros dias até este em que vivemos.

Satanás suscitou primeiro a perseguição dos imperadores romanos, que durou três séculos e produziu tantos milhares de mártires. Não podendo sufocar a Igreja no Seu sangue, recorreu a outros meios de destruição.[50]

Quase logo após o reino de Constantino, chegamos ao pontificado do papa Gelásio I, no ano de Cristo 493. Como a situação é sombria! A conversão do império, um século antes, parece ter sido estéril, e a catástrofe parece iminente. O Oriente inteiro está nas mãos de cristãos infiéis no Concílio Ecumênico da Calcedônia; o Ocidente está sob o domínio dos arianos, que rejeitam o Concílio Ecumênico de Nicéa; o próprio Papa é súdito de um soberano ariano. E como se uma só heresia não bastasse, o pelagianismo se propaga no Picenum com a conivência dos bispos. No Norte do império desmembrado, os bretões inicialmente infestados pelo pelagianismo são agora espoliados pelos pagãos saxões. O clero católico está oprimido nos reinos arianos de Borgonha, Aquitânia, Espanha, e o culto católico está momentaneamente abolido pelos vândalos arianos da África. O Oriente quase inteiro toma o partido do patriarca de Constantinopla Acácio no seu cisma, e adere à heresia monofisista, enquanto que, fora do império, a heresia oposta, o nestorianismo, faz escandalosos progressos.

É este um caso isolado? Cento e quinze anos mais tarde, quando São Gregório Nazianzeno ia inaugurar sua pregação em Constantinopla (378), não parecia a situação desesperadora com o arianismo crescendo e os cismas cada vez mais numerosos? E mais tarde, no início do pontificado de São Gregório Magno, a Igreja não parecia ameaçada de um fim próximo? Os últimos vestígios da civilização romana esboroavam diante da invasão dos lombardos na Itália; no Oriente e no Ocidente, fome, pestes, terremotos; os bretões cristãos são massacrados, reduzidos à escravidão, expulsos para as montanhas desertas pelos seus inimigos pagãos; o arianismo é ainda o senhor na Espanha e em grande parte da Itália. Nada de espantoso que São Colomban — e ele não era o único — acreditasse no fim do mundo.

Se dividirmos em três períodos cronológicos toda a história da Igreja, as tempestades que acabamos de descrever pertencem ao primeiro, mas os outros dois não são menos agitados. No segundo (636-1270), a Igreja viu-se várias vezes ameaçada de destruição: no século VIII pelos árabes; no IX pelos normandos; no X pelos imperadores germânicos. O terceiro período, o mais próximo de nós, está marcado por três grandes acontecimentos, que, segundo os princípios das probabilidades históricas, teriam sido fatais, cada um de per si, à Igreja. Primeiramente, o Grande Cisma: durante trinta e sete anos, os próprios fundamentos são abalados, o princípio da obediência é desacreditado, conquanto, em compensação, a boa fé e, mais que isso, a santidade se mostrem nas duas obediências como para atestar uma autoridade divina, ainda que em guerra com ela mesma. Em seguida estoura o protestantismo: os católicos são vítimas de calúnias e de insultos indescritíveis, logo seguidos de pilhagens, destruições, massacres. A

[50] O quadro que segue é emprestado do livro de Charles Stanton Devas, doutor em artes pela Universidade de Oxford: *A Igreja e o Progresso do Mundo*, traduzido do inglês pelo dominicano Folghera.

Inglaterra parece, em 1540, um país devastado: as obras de arte e os tesouros do saber, acumulados durante séculos, desaparecem. A França vê suas igrejas destruídas às centenas, seus padres e religiosos imolados aos milhares; os príncipes católicos são declarados indignos de comandarem, e a religião católica é ultrajada por horríveis sacrilégios. De um só golpe, no meio desse furacão de egoísmo e de fanatismo, dois terços do seu império parecem irremediavelmente perdidos para a Igreja. Enfim, o jansenismo triunfa durante o século XVIII: a grande Igreja da França está infestada por ele até às entranhas; José II, arquiduque de Toscana, e o rei de Nápoles estão às vésperas de romper com a Santa Sé; bispos e professores discutem abertamente as doutrinas católicas; os jesuítas, campeões de Roma contra o protestantismo e o jansenismo, são perseguidos de morte em Portugal, na Espanha, na França, em Nápoles, e a ameaça de um cisma obriga o Papa a suprimir aquela guarda de elite no momento mesmo em que dela tem mais necessidade. Depois vem a Revolução, que renova os massacres dos primeiros séculos.

Esse quadro é bem lúgubre, mas o reverso não é consolador? Em cada um desses momentos o Mestre intervém. Constantino sucede a Diocleciano; o quarto, o quinto e o sexto século terminam em três conversões que constituem três esplendorosas bênçãos: a de Santo Agostinho, a de Clóvis, a dos anglo-saxões; a desolação dos séculos seguintes desabrocha em Hildebrando e nas Cruzadas; o zelo dos dominicanos, dos franciscanos, a glória da Suma Teológica de São Tomás de Aquino são, por assim dizer, a resposta de Deus à tirania imperial e à heresia albigense; a ferida do grande cisma mal está fechada e eis Fra Angelico, a flor da arte cristã, e Tomás de Kempis, a flor da mística cristã; após Lutero e Calvino aparece a verdadeira Reforma, obra do Concílio de Trento, e novas missões se estendem ao Oriente e ao Ocidente, trazendo à Igreja povos mais numerosos do que aqueles que A tinham desertado.

Nessa luta gigantesca, observemos isto, foi sempre a França que forneceu o mais disputado e o mais ilustre campo de batalha. Clóvis bate os arianos, Carlos Martelo os árabes, Carlos Magno os lombardos, Montfort esmaga os albigenses, São Luís planta a cruz diante de Túnis, os Guise e a Santa Liga triunfam sobre a morte, e hoje, entre os missionários, aqueles que saíram do coração da França são os que levam mais longe as conquistas da Igreja nos países infiéis. Como é verdadeira esta palavra da história: *Gesta Dei per Francos!*

É também na França que se vê o fronte de batalha de uma outra guerra mais íntima do que essa que acaba de ser descrita.

Os outros combates foram diferentes, parciais e, relativamente falando, de pouca duração. Era o corpo-a-corpo de dois gigantes que, após um esforço num sentido tentavam derrubar o adversário num impulso contrário. O que nos resta descrever é a luta contínua, porque deve ser decisiva; é a luta profunda que atinge as próprias fontes da vida espiritual, no indivíduo como na sociedade e na Igreja. Seu objeto é aquele que esteve, primeiramente, em litígio com os anjos, depois entre nossos primeiros pais e a serpente: naturalismo contra o sobrenatural.

Desde os primeiros dias do cristianismo esse combate se travou no fundo das almas, mas no século XV Satanás acreditou chegado o momento de transportar esse drama íntimo para o grande cenário do mundo e dele fazer a augusta tragédia que nos oferece a história dos povos cristãos desses últimos séculos.

A TENTAÇÃO DA CRISTANDADE

CAPÍTULO LVII

III. — TENTAÇÃO FUNDAMENTAL E GERAL

I. — DA RENASCENÇA À REVOLUÇÃO

Acabamos de ver que inicialmente Satanás tentou sufocar a Igreja no Seu sangue. Ele não pôde lograr êxito. Quando os pagãos puseram fim à perseguição sangrenta, viu-se o inferno fazer os maiores esforços para obter que essa Igreja se destruísse por si própria, enfraquecida que estava pelos ataques externos. Ele suscitou as heresias. Através delas ele destacava do corpo místico de Cristo membros mais ou menos numerosos e mesmo populações. Mas sucedia que aquilo que a Igreja perdia de um lado, Ela o reganhava de outro, e que, mesmo as ovelhas desgarradas, após maior ou menor aflição, voltavam ao redil.

Ele concebeu então um outro desígnio, mais digno do seu gênio infernal. Continuando a suscitar seitas, as diversas confissões protestantes que se seguiram ao jansenismo, ele raciocinou que seu triunfo estaria assegurado, e para sempre, se conseguisse formar no próprio seio da Igreja uma sociedade de homens que ficariam misturados aos católicos, como o fermento na massa, para produzir uma fermentação secreta que ele poria em desenvolvimento, se preciso por uma seqüência de séculos, mas que terminaria infalivelmente por expulsar do corpo da Igreja o espírito sobrenatural e substituí-lo pelo espírito naturalista. Ele obteria assim na terra o mesmo triunfo, mas mais completo do que conseguira no céu através da sedução da terça parte da milícia celeste. Ele esperava chegar, através desse envenenamento lento, insensível, ignorado, a uma dissolução completa do reino de Deus sobre a terra.

As duas primeiras partes desta obra descreveram esse trabalho obscuro da franco-maçonaria, porque é ela que constitui na Cristandade o fermento naturalista. Para convencer-se disso basta reler o que ela mesma disse de si própria e considerar suas obras.

Vimo-la nascer nas catacumbas de Roma no século XIV. Não contradigo aqueles que viram sociedades secretas no seio da Igreja antes dessa época. Elas existiam, emprestaram seu auxílio às diversas heresias. Mas foi somente no século XIV que se formou a sociedade que teve por objetivo substituir a religião cristã pela religião natural, não num ou noutro país, mas em toda a Cristandade, e que perseguiu esse objetivo imperturbavelmente até o dia de hoje, após acreditar ter chegado ao termo dos seus esforços com a Revolução.

Dos humanistas aos enciclopedistas, dos enciclopedistas aos modernistas, é é o grito do naturalismo que se faz ouvir sempre e por toda a parte, são as instituições inspiradas pela idéia naturalista que querem substituir as instituições cristãs, tanto assim que o cardeal Pie pôde observar este fato: “A questão viva que agita o mundo é saber se o Verbo feito carne, Jesus Cristo, permanecerá sobre os nossos altares ou se Ele será suplantado pela deusa Razão”.

A seita tenebrosa que se denominou franco-maçonaria não cessou, desde o século XIV, de se desenvolver em todos os países cristãos, e depois entre todos os povos do universo. Em toda a parte ela se mistura a todas as manifestações da

atividade humana para torcê-las no sentido do objetivo que Satanás lhe destinou, o triunfo da razão sobre a fé, da natureza sobre a graça, do homem sobre Deus. Foi o que ele propôs aos anjos: Sacudi o jugo do Deus Redentor e santificador. Sede vós mesmos suficientes para vós mesmos e sereis como deuses.

"Não considerada a época em que se realizou a transformação da antiguidade pagã no cristianismo, diz o historiador Pastor, não existe outra mais memorável do que o período de transição que une a Idade Média aos tempos modernos e ao qual se deu o nome de Renascença... Desfraldou-se francamente o estandarte do paganismo. Pretendeu-se destruir radicalmente o estado de coisas existente (a civilização cristã) considerado por eles (os humanistas) como uma degenerescência".

"Ao homem decaído e resgatado, diz Bériot, a Renascença opôs o homem nem decaído nem resgatado, que se erguia pelas únicas forças da razão e do livre-arbítrio". O ideal naturalista de Zenon, Plutarco e Epicuro, que consistia em multiplicar ao infinito as energias do ser, tornou-se o ideal pelo qual os fiéis da Renascença substituíram, na sua conduta assim como nos seus escritos, as aspirações sobrenaturais do cristianismo. Assim Paulin Paris pôde dizer com toda verdade que o que começou a ser mudado no mundo, na época da Renascença, "foi o objetivo da atividade humana": a ordem sobrenatural foi mais ou menos completamente posta de lado, a moral tornou-se a satisfação dada a todos os instintos, o gozo sob todas as formas tornou-se objeto de todos os desejos imoderados. A noção cristã do nosso fim foi derrubada nos corações e ao mesmo tempo estabelecia-se o divórcio entre a sociedade civil e a sociedade religiosa. "A Deus, dizia Alberti no seu Tratado de Direito, deve ser deixado o cuidado das coisas divinas. As coisas humanas são da competência do juiz".

"A Reforma, disse Taine, é apenas um movimento particular dentro de uma revolução que começou antes dela", retorno do cristianismo ao naturalismo.

Essa revolução teve seu desabrochar nos últimos anos do século XVIII. É exatamente o estabelecimento e o reino do naturalismo sobre as ruínas do cristianismo, perseguido pelos filósofos e depois pelos jacobinos. Barruel, nas suas *Mémoires pour servir à l'Histoire du Jacobinisme*, faz a observação desse fato: "As obras dos enciclopedistas estão repletas de indícios que anunciam a resolução de fazer suceder uma religião puramente natural à religião revelada". Ademais, a ambição deles não se limitava a transformar a França, mas a "recomeçar a História, e, para isso, "refazer o homem nele mesmo",[51] segundo o modelo naturalista. "O grande objetivo buscado pela Revolução, dizia Boissy-d'Anglas, é reconduzir o homem à pureza, à simplicidade da natureza", e ele pedia o retorno de uma religião "brilhante" que se apresentasse com dogmas que prometeriam "o prazer e a felicidade".

Eles instituíram, pois, o culto da Natureza, que os humanistas tinham solicitado com seus desejos. Quando acreditaram morto o catolicismo na França, graças à guilhotina e às proscrições, puseram-se ao trabalho para instituir a religião da Natureza. Robespierre inaugurou-a com o discurso de 7 de maio de 1794: "Todas as seitas, disse ele, devem se confundir na religião nova da natureza". O Deus da revelação foi substituído pelo Ser Supremo indicado pela razão. A própria razão foi deificada, teve seu calendário, suas décadas, suas festas, seu culto, sua moral.

Um discurso não é suficiente para instaurar uma religião; assim, a festa do Ser Supremo foi apenas o ponto de partida. Pouco tempo após a festa de 10 de agosto de

---

[51] Ver tomo I, pág. 37.

1793, na qual as honras divinas foram rendidas a uma estátua da Natureza, erguida na praça da Bastilha,[52] viu-se surgir uma sociedade de caráter religioso, sustentada pelos governantes, que lhe entregaram, logo após sua aparição, várias das nossas igrejas: os teofilantropos.[53] Na inauguração do Templo da Fidelidade, a teofilantropia é apresentada como "o culto dos primeiros humanos, do homem que sai das mãos do Ser Supremo, culto original, religião da natureza que Deus, essencialmente imutável, não pôde querer mudar". Assim, na base da teofilantropia estava a negação formal do amor divino que quis elevar a humanidade à ordem sobrenatural.[54]

Um ritual determinava o costume que devia vestir o oficiante desse culto. "Uma túnica azul-celeste, descendo do pescoço aos pés, um cinto rosa e, por cima, uma veste branca aberta na frente". Na abertura da cerimônia, "crianças depositam sobre o altar um cesto de flores e frutos; queima-se incenso; depois o leitor começa o ofício com uma oração à qual os assistentes se associam mantendo-se de pé: "Pai da natureza, bendigo teus favores, agradeço teus dons... Digna-te receber de bom grado nossos cânticos,[55] a oferenda dos nossos corações e a homenagem dos presentes da terra que acabamos de depositar sobre teu altar em sinal do nosso reconhecimento pelos teus benefícios".

Inútil expor aqui todo o ritual. Ele regulamenta o ofício das décadas e das regras a serem observadas nas festas: da primavera, 10 do germinal; do verão, 10 do messidor; do outono, 10 de vendemiário; do inverno, 10 do pluvioso; da fundação da República, 1° do vendemiário; da soberania do povo, 30 do ventoso; da juventude, 10 do germinal;

---

[52] Ver o capítulo V, *A Revolução institui o naturalismo*.

[53] Temos à mão as brochuras que eles se apressaram em publicar para divulgar e espalhar a nova religião:

Da origem do culto dos teofilantropos, o que é, o que deve ser. *Discurso pronunciado no dia da inauguração do Templo da* FIDELIDADE *(Igreja de São Gervásio) e de* MONTREUIL *(Igreja de Santa Margarida).* Ano VI da República.

MANUAL DOS TEOFILANTROPOS OU ADORADORES DE DEUS E AMIGOS DOS HOMENS. *Contendo a exposição dos seus dogmas, da sua moral e das suas práticas religiosas, com uma indicação sobre a organização e a celebração do culto.* Ano VI.

INSTRUÇÃO ELEMENTAR SOBRE A MORAL RELIGIOSA, EM PERGUNTAS E RESPOSTAS. *Redigida pelo autor do Manual dos Teofilantropos.*

RITUAL DOS TEOFILANTROPOS. *Contendo a ordem dos seus diferentes exercícios e a coletânea dos cânticos, hinos e odes adotados pelos diferentes Templos, tanto de Paris quanto dos Departamentos.* Ano VI.

COLETÂNEA DE CÂNTICOS, HINOS E ODES *para as festas religiosas e morais dos teofilantropos, precedida das invocações e fórmulas que recitam nas suas festas.*

ANO RELIGIOSO DOS TEOFILANTROPOS. *Coletânea dos discursos e extratos sobre a religião e a moral universais, para serem lidos durante o curso do ano, seja nos templos públicos, seja nas famílias.* Não possuímos o ANO RELIGIOSO, que compreendia seis volumes.

[54] Na INSTRUÇÃO ELEMENTAR SOBRE A MORAL RELIGIOSA, "Livro composto para os teofilantropos, adotado pelo júri de instrução para ser ensinado nas escolas primárias", lêem-se as perguntas e respostas que seguem:

P. A moral fornece uma regra para distinguir o que é bom e o que é mal?

R. Sim.

P. Qual é essa regra?

R. É a seguinte máxima: "Bom é tudo aquilo que tende a conservar o homem ou a aperfeiçoá-lo. Mal é tudo o que tende a destruí-lo ou a deteriorá-lo".

É exatamente a moral dos humanistas: e é também exatamente a dos manuais escolares de hoje.

[55] Um professor e uma professora estavam adidos a cada templo para ensinar os cantos aos alunos.

dos esposos, 10 do floreal; do reconhecimento, 10 do prarial; da agricultura, 10 do messidor; da liberdade, 10 do termidor; dos anciãos, 10 do frutidor.

O ritual dessas festas começa por esta introdução: “A teofilantropia é o culto da religião natural... O autor da natureza uniu todos os homens pelo liame de uma só religião e de uma só moral, liames preciosos que é necessário evitar cuidadosamente sejam rompidos pela introdução de doutrinas e de práticas que não conviriam à toda a família do gênero humano”. O Manual que expõe os dogmas dos teofilantropos exprime este desejo: “Possa este código fazer a felicidade do mundo inteiro!” Seus dogmas reduzem-se a dois: a existência de Deus e a imortalidade da alma. Mas o que é Deus, o que é a alma, como Deus recompensa os bons, pune os maus, os teofilantropos não o sabem e não levam até aí suas pesquisas indiscretas: eles estão convencidos que há distância demais entre Deus e a criatura, para que esta possa pretender conhecê-Lo.

Se seus dogmas são simples, sua moral não o é menos. Ela se limita a esta regra, a esta única regra:

“O bem é tudo o que tende a conservar o homem ou a aperfeiçoá-lo.

“O mal é tudo o que tende a destruí-lo”.

Não foi sem motivo que demos alguma extensão à exposição do que era e do que queria ser a teofilantropia ao se estabelecer sobre a ruína da religião revelada, que a Revolução se vangloriava de ter operado.

No livro intitulado *Théorèmes de Politique Chrétienne*, monsenhor Scotti tem um capítulo no qual estabelece que o culto dos teofilantropos, que não é, diz ele, senão o deísmo ou o naturalismo, é o GRANDE ARCANO DAS SOCIEDADES SECRETAS.

É exatamente isso. A misteriosa operação que os alquimistas maçons querem fazer o gênero humano sofrer é transformar o ouro da graça, o ouro da glória oferecido e dado à humanidade pelo Amor infinito, naquilo que bem se poderia chamar de chumbo vil do naturalismo. Foi isto que eles perseguiram da Renascença até a Revolução. Eles acreditaram ter conseguido; mais do que nunca eles acreditam. A esperança deles foi vã, ela ainda o será. A alma cristã, apesar da corrupção das idéias tentada sobre ela há vários séculos e apesar dos massacres dos últimos dias, tem-se mostrado tão viva, que Napoleão se viu forçado a devolver-lhe o culto católico. Nós temos a convicção invencível que ainda será assim após o reino dos nossos Blocarts.

◆

CAPÍTULO LVIII

TENTAÇÃO FUNDAMENTAL E GERAL

(*continuação*)

II. — DA REVOLUÇÃO AOS NOSSOS DIAS

Nem Satanás nem sua raça renunciaram aos seus desígnios após a derrota sofrida pela Concordata. Desde que a franco-maçonaria se reorganizou, ela retomou a perseguição com um novo ardor e com base num plano mais vasto e mais bem estudado. Poderíamos contentar-nos em rogar aos nossos leitores que se ativessem ao que foi dito precedentemente, mas é bom lembrar os principais pontos, a fim de que os fatos citados, encontrando-se assim juntos, recebam uns dos outros uma luz que ponha em evidência mais manifesta a tentação à qual está submetida a Cristandade.

Na primeira fase, isto é, da Renascença à Revolução, a conjuração anti-cristã empregou vários séculos na perversão das idéias, fazendo suceder umas às outras as opiniões opostas aos dados da fé, e despendendo o tempo necessário a fazê-las penetrar de uma região a outra, das classes superiores nas inferiores. Julgava ela que estando assim preparados os espíritos, um vigoroso impulso bastaria para fazer ruir o edifício eclesiástico.

Chegado o momento, o abalo foi produzido com uma impetuosidade, com um furor ao qual nada resistiu.

Essa rapidez e essa violência foram a própria causa da reação que se impôs.

Esclarecida por essa experiência, a seita julgou que para ter êxito na sua segunda empresa devia caminhar lentamente para chegar com segurança, não somente com o trabalho dos intelectuais sobre a opinião pública, mas também com o trabalho preliminar que outros dos seus agentes devem buscar na ordem dos fatos, a destruição da instituição temporal da Igreja. “O trabalho que vamos empreender, está dito nas Instruções secretas que foram redigidas por ocasião da reorganização da franco-maçonaria, não é obra de um dia, nem de um mês, nem de um ano; pode durar vários anos, talvez um século; mas nas nossas fileiras o soldado morre e o combate continua”.

A primeira coisa que se fez no momento mesmo em que o culto católico era restabelecido foi desconsiderá-lo aos olhos das populações, fazê-lo decair do nível que lhe conferiu sua instituição divina. Para isso foi empregada a igualdade civil dos cultos. Vimos a tenacidade de Napoleão em estabelecê-la na Concordata e em dar-lhe nos artigos orgânicos estabilidade e meios para se impor. Ouvimos o brado de Pio VI: “Sob essa igual proteção dos cultos se esconde e se disfarça a mais perigosa e a mais astuciosa perseguição que seja possível imaginar contra a Igreja de Jesus Cristo, com o escopo de que as forças do inferno possam prevalecer contra Ela”.

Da Concordata e da legislação francesa a máquina desorganizadora foi transportada para a Convenção européia chamada “Santa Aliança”. “Se o espírito que produziu essa peça tivesse falado com clareza, observa J. de Maistre, leríamos no alto: Convenção pela qual tais e tais príncipes declaram que todos os cristãos são uma só

família que professa a mesma religião e que as diferentes denominações que os distinguem nada significam".

A igualdade fora concedida até então apenas aos cultos cristãos; a seita aproveitou-se da revolução de 1830 para introduzir os judeus, e do Segundo Império para fazer entrar os muçulmanos.

Da mesma forma, desde o dia seguinte ao da Concordata, em lugar de permitir à Igreja da França reconstituir seu patrimônio, como tinha sido estipulado, adotaram-se providências, multiplicadas com o tempo, cujos efeitos só foram percebidos quando concluída a espoliação que se seguiu à separação entre a Igreja e o Estado. As compras de terras não foram mais autorizadas, as fundações tiveram que ser feitas com rendas do Estado, as igrejas, os presbitérios, os bispados foram pouco a pouco declarados propriedades dos municípios, dos Departamentos, do Estado. Queriam ver chegado o momento em que pudessem tirar da Igreja da França todas as suas propriedades, e com isso não mais deixar-lhe nenhum contacto com a terra, Ela que, não obstante, não é uma sociedade de puros espíritos. Ao mesmo tempo expulsava-se o clero católico de todas as administrações escolares, hospitalares etc., nas quais podia manter relações com a sociedade e exercer alguma influência.

Mas a seita tinha objetivos mais altos. A Igreja da França é apenas uma Igreja particular. Ela aplicava-se muito em obter que o exemplo da França fosse seguido por outras nações. Mas o que mais importava à realização dos seus desígnios era volatilizar também a instituição temporal da Igreja, chefe de todas as igrejas, *caput omnium Ecclesiarum*, como ela fazia ir pelos ares as Igrejas particulares. Foi a primeira das missões confiada à Grande Loja. Ela o conseguiu através do poder que exercia mais ou menos diretamente sobre os Governos. O Piemonte, com o auxílio de Napoleão e a conivência dos governos dos outros países, conseguiu fazer desaparecer os Estados da Igreja, tirou dos Papas o prestígio e a autoridade que eles detinham na qualidade de soberanos temporais, iguais aos reis e aos imperadores, e mesmo superiores a todos em razão da antiguidade e da eminência de sua dignidade.

Quando todos esses pontos de apoio terrenos que os séculos, a sabedoria dos homens e a Providência de Deus tinham dado à Igreja foram-lhe tirados, veio a separação entre a Igreja e o Estado, operada primeiramente na França para servir de exemplo e de preparação para as outras nações católicas.

Sabemos com que perfídia a seita combinara essa operação. Ao mesmo tempo em que cortava o último cabo que ainda ligava a Igreja e a sociedade e impossibilitava dali em diante todas as relações entre esses dois mundos, ela pensava em cortar, através dos atrativos dos bens temporais, o outro cabo, aquele que une a Igreja da França à Igreja mãe e mestra. Ela prometia uma fruição precária desses bens a quem quisesse desconhecer a hierarquia, sua autoridade e sua existência.

Por intermédio desses meios progressivos e tão sabiamente arranjados, a Igreja da França devia, no pensamento da seita, desaparecer.

Tudo isso era apenas a primeira parte do programa, o trabalho de destruição necessário para o estabelecimento de uma religião natural.

Não basta, com efeito, que a Igreja, órgão do sobrenatural no mundo, desapareça, é preciso que a religião revelada seja substituída pela religião natural. É por esta que Satanás pode tomar posse do seu império, sem deixar de dar satisfação à necessidade religiosa que inquieta toda criatura intelectual que não chegou ao final da sua degradação.

Satanás não manifesta o objetivo que busca àqueles que usa para alcançá-lo. Ele empurra este por um caminho e aquele por outro. Sob esse impulso, ele deixa vários irem além do limite que ele marcou. Mas ele sabe o que quer, e não podemos ignorá-lo quando consideramos o conjunto dos movimentos que imprime. Eles convergem para o naturalismo, tendem a estabelecer uma religião humanitária sobre as ruínas da religião trazida do céu pelo Filho de Deus.

Os instrumentos dos quais se serve, e que vemos em ação há um século, têm dele, senão a evidência, pelo menos um sentimento instintivo.

Que disse Waldeck-Rousseau quando inaugurou em Toulouse a atual fase da perseguição? Mostrou duas sociedades em conflito: "a democrática" trazida pela grande corrente da Revolução, e a católica, que ele não nomeou, mas designou suficientemente ao dizer que ela sobreviveu ao grande movimento do século XVIII. Tomando partido nesse conflito, anunciou que atacaria inicialmente as primeiras fileiras do exército do Divino Redentor e Santificador: as congregações e as ordens religiosas.

"É preciso acabar com isso, dissera antes dele Raoult Rigault, faz cento e oitenta anos que isso dura". Com efeito, fazia então cento e oitenta anos que Satanás perdera o seu império e que se esforçava em reconquistá-lo.

Falando mais francamente do que Waldeck-Rousseau, Viviani declarou que o objetivo da guerra que nos fazem é "opor à religião divina a religião da humanidade". Antes dele Gambetta dissera: "A luta entre os agentes da teocracia romana e os filhos de 89". Bourgeois: "É preciso buscar a vitória do espírito da Revolução, da Filosofia e da Reforma sobre a afirmação católica". Viviani subiu de novo à tribuna para dizer: "Estamos face a face com a Igreja Católica" e isso para "a direção a ser dada à humanidade". A Igreja a conduz ao céu, nós queremos trazê-la de volta para a terra. Nessa mesma sessão Pelletan foi ainda mais explícito: "O grande conflito está empenhado entre os Direitos de Deus e os Direitos do Homem"; o direito de Deus, o direito do Seu amor, o direito da Sua natureza, que é o Bem, de se difundir, de se comunicar até o dom de uma participação na Sua natureza divina; e o direito do homem de ouvir seu egoísmo, de se confinar em si mesmo e aí triunfar sobre Deus e Seu amor. "A Revolução, disse Lafargue, é o triunfo do homem sobre Deus".

"É chegada a hora de optar entre a antiga ordem que se baseia na Revelação e a nova ordem, que não reconhece outros fundamentos além da ciência e da razão humana".[56] "O esforço deve ser supremo".[57] "É o grande duelo entre a religião e o livre-pensamento".[58]

Quando sobreveio na maçonaria a querela a respeito de manter ou dispensar o Ser Supremo, o *Monde Maçonnique* interveio para dizer: "Existe somente uma religião, uma só verdadeira, uma só natural, a religião da humanidade". Dizendo isso o *Monde Maçonnique* apenas observava qual era a doutrina constante da franco-maçonaria. Gustave Bord, um dos que melhor a estudaram, pôde resumir assim suas verificações: "A franco-maçonaria é uma *seita religiosa* que, após algumas tentativas, se organizou sobretudo na Europa por volta de 1723, professou uma doutrina humanitária e se sobrepôs às outras religiões".

---

[56] Boletim da Grande Loja Simbólica no dia seguinte ao da publicação da Encíclica de Leão XIII sobre a franco-maçonaria.

[57] O orador da Convenção de 1902.

[58] *Action*, por ocasião do caso Ferrer.

Tudo isso confirma as palavras de monsenhor Scotti: “O grande arcano das sociedades secretas é o naturalismo”; e as de Leão XIII: “O desígnio supremo da franco-maçonaria é destruir de alto a baixo toda a disciplina religiosa e social nascida das instituições cristãs e substituí-la por uma nova, cujo princípio e leis fundamentais são tirados do naturalismo”. “Venho buscar a luz, deve dizer o recipiendário no dia da sua iniciação, porque meus companheiros e eu estamos perdidos na noite que cobre o mundo”, desde o tempo em que ele está envolvido pelas trevas da *superstição*; quer dizer, desde que as superfluidades místicas vieram se impor à razão, desde que deveres empíricos desviaram as consciências, desde que as falaciosas promessas de além-túmulo redundaram no abandono da busca dos verdadeiros bens, aqueles que a natureza nos oferece tão liberalmente.

É, pois, a insinuação do naturalismo que é a insinuação-mãe, aquela da qual derivam ou aquela com a qual se relacionam todas as insinuações que a franco-maçonaria espalha pelo mundo desde as suas origens. E o naturalismo é exatamente a tentação suprema à qual Satanás submete a Cristandade desde que ele soube construir para auxílio dessa intenção esse maravilhoso organismo que é a franco-maçonaria. Através dela ele continua no nosso mundo o combate, o mesmo combate que levantou no céu nas primeiras horas da criação do mundo e que se apressou novamente em suscitar nos primeiros dias da existência do gênero humano. O cidadão Sibrac tinha o sentimento dessa continuidade quando, em 1866, no Congresso do livre-pensamento realizado em Bruxelas, convocava as mulheres para a Grande Obra dizendo: “Foi Eva quem lançou o primeiro grito de revolta contra Deus”. E os instituidores da franco-maçonaria bem assinalaram que essa perspectiva não lhes era desconhecida quando deram às lojas como brado de admiração e de aprovação essa exclamação: Eva! Eva!

A seita, por ela mesma ou por aqueles que de perto ou de longe sugestiona, tem desempenhado o papel que lhe foi designado com uma amplitude, uma perseverança e uma eficácia cujos resultados enchem de assombro mesmo aqueles que a ela pertencem. Que nossos leitores se lembrem do que dissemos a respeito das associações criadas em todos os pontos do mundo para abater as barreiras doutrinárias, no seio do catolicismo como em todas as seitas, e assim preparar o terreno religioso para o estabelecimento da “religião do futuro”, do “judaísmo dos novos dias”.[59]

Essa religião já toma forma na América. “A religião americana, diz Bargy,[60] tem dois caracteres que a definem; ela é *social* e ela é *positiva*; social, quer dizer, mais preocupada com a sociedade do que com os indivíduos; positiva, quer dizer, mais curiosa relativamente ao que é humano do que ao que é sobrenatural”. E Strong, no início do seu relatório oficial para a Exposição de 1900: “Hoje a religião se envolve menos com o futuro do que com o presente. A religião, servindo ao progresso terreno, confunde seu objetivo com o das ciências morais e sociais”, quer dizer, se humaniza, se naturaliza.

---

[59] Sintetizamos nesta obra o que a respeito relatamos no *Problème de l'Heure Présente*. E quantos fatos novos vieram em confirmação desde a publicação daquele livro.

[60] *La Religion dans la Société aux Etats-Unis*.

No livro que acabamos de citar, Bargy tem um capítulo intitulado: *Uma paróquia americana*, que pode ser apresentado como o tipo, aperfeiçoável, dos futuros grupos religiosos baseados no naturalismo.

A paróquia está dividida em clubes: clube dos homens, clube dos jovens, clube das moças. Admitem que não podem organizar as mulheres casadas em clubes porque os cuidados da casa as retêm nos seus lares. Há, não obstante, algumas instituições para elas.

No clube dos homens: há três sessões de ginástica por semana; toda terça-feira uma reunião para discussão das questões sociais; e toda quinta-feira, dança.

No clube dos jovens: toda segunda-feira aulas de aritmética, ortografia, leitura e caligrafia; três vezes por semana sessão de ginástica e banhos; terça-feira, dança; quarta-feira, exercícios militares e outros.

No clube das moças: todos os dias aulas de costura, moda, culinária; três vezes por semana, aula de cultura física; duas vezes por semana, aulas de leitura; cinco vezes aulas de estenografia e datilografia.

Os pastores favorecem a dança. Concertos, peças representadas pelos membros servem assim para criar uma atmosfera social... A vida interna e íntima da paróquia reside nos clubes. Mas sua ação se estende para fora dos clubes através da clínica, da oficina de auxílios, e sobretudo através de duas obras de mutualidade: a agência de empregos e a associação de empréstimos.

As Igrejas assim organizadas do ponto de vista da ação social são chamadas "Igrejas institucionais". A Igreja institucional criou um novo tipo de pastor: o pastor homem de negócios. "O diretor de uma fábrica, diz o *Evening Post*, não precisa de mais talento para a ação do que o chefe de uma Igreja moderna com a multiplicidade das suas obras. Não há lugar para a teologia num homem que preside seis comissões numa tarde. A Igreja institucional não formará Tomases de Aquino".

Um dispêndio tão grande de atividade e de dinheiro teria, pelo menos, uma finalidade espiritual? Bargy questionou-se a respeito. Ele responde: "As Igrejas da Europa levam o dogma tão a sério que tudo o que elas fazem de humano parece a seus adversários um caminho secreto que leva ao dogma; mas quase nunca vem ao espírito de um americano vislumbrar numa boa obra um sentido oculto dogmático. As obras sociais transformam-se na própria existência dessas Igrejas. Para os jovens ministros da nova escola são as obras que constituem o encanto do seu trabalho. No pensamento do clero, a obra humanitária não está subordinada à obra eclesiástica; quando a equipe de futebol comparece ao serviço (religioso) da noite, ele se rejubila, mas quando a coleta da noite fornece dinheiro para o futebol ele não se rejubila menos. Da mesma forma, os membros das obras amam-nas por si mesmas; é a única forma de religião de muitos amam; os americanos têm uma tendência a não compreender outro culto que não seja a ação; as obras não são para eles um auxílio para a religião, elas são a própria religião".

Existe em Nova Iorque uma "Conferência Religiosa do Estado de Nova Iorque"; ela estimula os outros Estados a constituírem confederações semelhantes. Todo ano ela realiza uma assembléia geral. A sessão de 1900 reuniu representantes de onze seitas, entre elas a dos judeus. Suas sessões da manhã realizam-se no "Edifício das Caridades Reunidas", e as da tarde em diversas igrejas, por revezamento. Na sessão de 1900 os conferencistas discutiram, entre outras questões, estas que bem mostram o espírito e as tendências dessas associações: "possibilidade de um culto comum", "a religião, princípio vital de uma democracia". Um rápido serviço religioso ocorre nas

sessões da tarde; e uma comissão formada por dois pastores e um rabino propôs um "Manual do Culto Comum", composto de orações tiradas dos ofícios judeus, fragmentos da liturgia cristã, antiga e moderna, e extratos das Sagradas Escrituras adotados pelos judeus, cristãos e sociedades morais".

Stanley-Root, encarregado, pelo jornal de Nova Iorque mais preocupado com as questões religiosas, de uma pesquisa sobre a Igreja moderna, observou de perto esses ministros do novo modelo e concluiu assim: "PERMUTA É A PRIMEIRA E A ÚLTIMA PALAVRA DO CRISTIANISMO..."

Essa mentalidade dos americanos explica porque eles põem ardor no seu trabalho, na conquista da fortuna, uma espécie de sentimento que eles chamam de religioso.

"Acredita-se, diz Bargy, que os americanos têm o gosto pelo bem-estar. Absolutamente não é isso, eles têm o gosto pela religião. O culto deles pela civilização material tem todos os caracteres da ilusão religiosa. Eles se imolam verdadeiramente a Maloch, como os mártires voluntários de Cartago".[61]

Tal é o esboço atualmente existente da religião natural. Esse culto naturalista certamente encontrará melhor acolhida do que aquele inventado pelos seguidores de Robespierre e pelos teofilantropos.

Dir-se-á: foi entre os protestantes que nasceu, não sairá do meio deles. Que ninguém se engane. Mais de uma paróquia católica na América o adotou, mais ou menos inteiramente. E entre nós a democracia-cristã não empurra o clero nesse sentido?

O ex-abade Hébert permitiu-se dizer: "Não é verdade que nos dias atuais a fé ativa e viva não é encontrada mais numa Casa do Povo do que numa Catedral, num Laboratório, num Armazém Cooperativo do que em numerosos conventos?" É um exagero que chega às raias da mentira. Mas não poderia ele citar tendências e fatos que cobririam essa mentira com uma certa aparência de verdade?

Ao lado do culto humanitário tomarão lugar os cultos propriamente luciferinos que assim vimos se formar, como na Igreja Católica se encontram as Ordens e as Congregações religiosas mais direta e plenamente dedicadas ao culto de Deus.

———— ♦ ————

[61] Ver, para mais detalhes, o livro *Le Problème de l'Heure Présente*, capítulo XLVIII.

CAPÍTULO LIX

TENTAÇÃO FUNDAMENTAL E GERAL

(*continuação*)

III. — NO MOMENTO ATUAL

A. d'Estienne, tratando do problema religioso na *Revue Moderniste Internationale*,[62] diz: "O admirável progresso das ciências naturais e históricas, encolhendo cada dia mais o domínio do sobrenatural, acabou por eliminá-lo completamente e por criar uma mentalidade hostil a toda idéia religiosa que se presuma estar baseada nele... Essa crise não poderia ser apaziguada senão sob a condição de tornar aceitável a concepção religiosa, recriando-a e interpretando-a de novo segundo as exigências da ciência moderna. Criamos a ciência de que precisávamos, criaremos a religião de que precisamos... Não perco tempo em discutir a concepção materialmente exterior da religião, fundada sobre uma revelação mais ou menos direta e pessoal de Deus; essa concepção é doravante estranha à nossa atual mentalidade... Aquilo de que o homem tem necessidade neste momento, não é mais de confiança num ser infinito, mas de confiança na *sua natureza capaz de evoluir e de progredir ao infinito*... O estado atual da nossa mentalidade religiosa exige uma expressão *completamente desvinculada de qualquer apanágio sobrenatural*... Assim como a filosofia, também a religião deve se humanizar... É todo um mundo de teocracia, mundo milenar, que se esboroa, mas é um novo ser que nasce: o homem fonte da sua própria fonte, finalidade da sua própria atividade, luz da sua própria consciência, e criador eterno de si mesmo: o Homem-Deus".

Basta lançar um olhar em torno de si para convencer-se de que as coisas não estão nesse ponto para todos. Mas que este é o resultado muito nitidamente marcado da tentação que Lúcifer faz a Cristandade sofrer desde o século XIV, que muitos tenham chegado a esse limite, e que a massa seja arrastada para isso, nada de mais certo.

A tentação que trabalha, que perturba o mundo há cinco séculos jamais foi tão nitidamente exposta como nessas palavras: o mundo da teocracia, mundo milenar, deve se esboroar. Ele é doravante estranho à nossa atual mentalidade, hostil a qualquer idéia religiosa que estiver baseada no sobrenatural. Esse esboroamento causa ou causará um vazio na alma humana naturalmente religiosa. Esse vazio pede para ser preenchido. Como? Tornando aceitável a concepção religiosa. Como a concepção religiosa pode ser tornada aceitável à mentalidade moderna? Recriando-se-a, interpretando-se-a de novo segundo as exigências da ciência moderna. Criamos a ciência de que precisávamos; criaremos a religião de que precisamos. Quais são as exigências dessa criação? A nova religião não pode mais ser uma religião exterior, quer dizer, uma Igreja, e sobretudo uma Igreja fundada numa revelação mais ou menos direta e pessoal de Deus. Nossa mentalidade exige uma expressão completamente desvinculada de qualquer apanágio sobrenatural. Assim como a filosofia se

[62] Número de março de 1910, p. 91-96.

humanizou, também a religião deve se humanizar. Ela deve ser feita não mais de confiança num ser infinito, mas de confiança na natureza humana capaz de evoluir e de progredir até o infinito a partir desse novo ser que a ciência criou para nós, desse ser desvinculado do sobrenatural, fixado no naturalismo: o homem fonte da sua própria consciência, criador eterno de si mesmo; e por isso tornado Homem-Deus.

É, em algumas palavras, todo o fundo do modernismo do qual nosso Santo Padre o Papa Pio X disse na Encíclica *Pascendi dominici gregis*: "Quem poderá espantar-se que Nós o definamos como o encontro de todas as heresias. Se alguém se tivesse imposto a tarefa de recolher todos os erros que existiram contra a fé e de concentrar sua substância como o sumo, num só, verdadeiramente não teria tido melhor êxito. Ainda não é bastante dizer: os modernistas não arruínam somente a religião católica, mas toda a religião para chegarem à "identidade do homem e de Deus, quer dizer, ao panteísmo".

O que torna essa tentação tão radical, infinitamente perigosa, como observa S. S. Pio X, "é que não há por que procurar hoje os artífices do modernismo entre os inimigos declarados. Eles se escondem, e isto é objeto de apreensão e de angústia muito vivas, no próprio seio e no coração da Igreja, inimigos tanto mais temíveis quanto menos abertamente o são. Falamos de um grande número de católicos leigos e, o que é ainda mais deplorável, de padres que, sob aparência de amor à Igreja, absolutamente curtos de filosofia e de teologia sérias, impregnados, ao contrário, até às entranhas de um veneno de erro haurido junto aos adversários da fé católica, assaltam, audaciosamente, em falanges serradas, tudo o que há de mais sagrado na obra de Jesus Cristo... Não é de fora, mas de dentro que eles tramam sua ruína... Amalgamando neles o racionalista e o católico, eles o fazem com tal refinamento de habilidade que ludibriam facilmente os espíritos inadvertidos".

O Padre Weiss, no seu livro *Le Péril Religieux*, mostra a extensão e o império que o modernismo conquistou no mundo dos "intelectuais". Ele termina o penúltimo capítulo de sua obra com estas palavras, que constituem a conclusão de todas as citações que ele tomou dentre uma multidão de autores e dentre todos os fatos que ele relata: "O homem moderno considera a "humanidade" como seu próprio Deus, e se comporta como seu próprio mestre e senhor, não somente em relação aos outros homens, mas em relação a Deus. Se se desejar indicar o lugar que o homem ocupa no pensamento moderno, não existe outra palavra a empregar senão *homoteísmo*, empregada por Léo Berg, ou então *egoteísmo*, empregada por Kircher. Não se pode imaginar maior contraste com a concepção cristã do homem". Acrescentemos que não podemos conceber nada mais perfeitamente idêntico à atitude dos anjos rebeldes em face de Deus no dia da grande tentação.

De nenhum modo se pense que esse estado de espírito e de coração esteja confinado ao círculo dos "intelectuais". A literatura derrama esse veneno em silêncio, gota a gota, nas veias do público, de todo o público. Não se passa um dia sem que os jornais, revistas, magazines etc., insinuem esse veneno no coração de milhões de indivíduos, aqui num artigo de fundo, ali numa novela, acolá numa correspondência ou nota breve.

"É induvidoso, escrevia recentemente um publicista, Maurice Talmeyer, que, desde o século XVIII, tem sempre havido, permanentemente, uma conjuração filosófica e literária — seja extremamente prudente, seja extremamente audaz — para arrancar dos nossos espíritos não somente toda a espécie de catolicismo, mas toda a crença em qualquer sobrenatural. É igualmente certo que essa conjuração, no momento atual,

alcança seu máximo, sempre medindo sua ação nos meios em que ela deve ser exercida".

A ação da literatura sobre a opinião pública, não obstante se exerça todos os dias sobre a multidão, não foi julgada suficientemente rápida pelos conjurados, nem suficientemente decisiva, e por isso foi instituída a escola pública. Graças a ela, diz Payot no seu *Cours de Morale* (p. 199), "toda a idéia sobrenatural logo terá desaparecido". A imagem que ele emprega para exprimir esse pensamento é bem elaborada para inspirar ao professor e através deste ao aluno o mais profundo desprezo por qualquer objeto da fé cristã:

"É somente no mar, onde o rio mistura suas águas às águas dos outros rios, que a lama que ele transporta cairá no fundo. Assim acontece com as civilizações, as filosofias e as religiões, que perderão suas crenças turvas e se decantarão apenas na religião universal que reunirá as consciências superiores liberadas das estreitezas das hipóteses e dos dogmas que dividem".

E em outra parte, no prefácio desse mesmo livro:

"Quanto à crença no sobrenatural, ela atenta contra a educação do juízo da causalidade, já lento em se despertar; ora o juízo da causalidade é a característica dos espíritos sãos e vigorosos. Se cada qual observasse as causas reais dos seus fracassos, dos seus sofrimentos, quantos progressos na arte de viver! Assim, a crença no sobrenatural, que, teoricamente, é uma doutrina de nada, é perigosa para a educação, porque expõe o espírito a perder o contacto com a realidade, quer dizer, com o rarefeito conjunto das leis cujo conhecimento garante nossa liberdade. Ela dá asas e autoridade à imaginação enganosa, mestra do erro e da falsidade, poderosa inimiga da Razão".[63]

"A escola, dissera Spuller por ocasião da instituição da escola neutra e quando ele mesmo fora Ministro da Educação,[64] a escola, eis, doravante, o templo da fé dos novos tempos", dos tempos em que todo pensamento sobrenatural estará ausente dos espíritos, em que não haverá outra fé além daquela concedida pelos ditos dos doutos, desses doutos que fazem da natureza o único Deus cognoscível.

É inútil insistir. A questão da neutralidade escolar, da sua finalidade e das suas conseqüências, foi tratada abundantemente demais, por ocasião da discussão das últimas leis educacionais, para que não esteja presente no espírito dos nossos leitores. Observemos, no entanto, que se o ensino atualmente dado à infância chega até a arruinar os fundamentos da própria religião natural, até a negar a existência de Deus, a espiritualidade da alma etc., aquele que inspira nossos legisladores sabe que um dia ou outro far-se-á infalivelmente uma reação, porque o homem é feito de tal maneira que não pode ficar sem religião. Mas ele espera que, estando inteiramente extirpada do espírito humano a própria noção do estado sobrenatural ao qual fomos chamados, os homens não retornarão a ela, não poderão voltar a ela, e que, estando mergulhados na miséria ou no ateísmo, não terão outras aspirações senão aquelas que pertencem à natureza, à inteligência e ao coração confinados nos seus limites naturais. Eles terão então conduzido a humanidade ao ponto em que o tentador a quer, para que possa de novo reinar sobre ela, e isso dali para sempre, tendo sido desprezada a Redenção e rejeitado o Redentor.

---

[63] 2ª edição, página XI.
[64] Discurso pronunciado em Lille, em 1889.

Quando J. de Maistre, nos primeiros momentos da Revolução que foi o ponto culminante da primeira fase da tentação naturalista, dizia dela: “Ela é satânica”, ele absolutamente não via o por que dessa invasão de Satanás no nosso mundo; ele observava o fato, ele via os jacobinos movidos pelos espíritos infernais, ele não tinha o termo da intervenção deles, não conhecia o último pensamento de Lúcifer: atirar a França, e com ela a Cristandade, no naturalismo para readquirir assim o império sobre a humanidade decaída uma segunda vez.

A obra avança, essa obra da suprema iniqüidade e da infidelidade radical. O apóstolo São Paulo preveniu-nos contra o “mistério da iniqüidade”. Essa palavra mistério não designava uma trama secreta? Nós a fazemos remontar ao século XIV porque então ela começou a se manifestar; mas o apóstolo São Paulo já a via formar-se aos seus olhos divinamente esclarecidos. Esse mistério de iniqüidade era por ele também chamado de grande apostasia. Ela se consuma aos nossos olhos.

Ferdinand Bouisson percebeu-a nestes termos: “O Estado sem Deus, a escola sem Deus, a prefeitura sem Deus, o tribunal sem Deus, assim como a ciência e a moral sem Deus, é simplesmente esta a concepção de uma sociedade *humana* que quer basear-se exclusivamente na *noção humana*, nos seus fenômenos e nas suas leis. Separar da Igreja a nação, a família, os indivíduos — empurrada por um maravilhoso instinto das suas necessidades e deveres próximos, a democracia se prepara”.

Assistimos à secularização absoluta do governo e das leis, do regime administrativo e da economia social, da política interna e das relações internacionais. Tudo isso se libertou da Igreja, do Redentor e do Céu. É o fato dominante da nova sociedade.

E a esse fato numerosos católicos se unem. Eles dizem que as sociedades, até então cristãs, podem eliminar da vida pública todo elemento sobrenatural e se recolocar nas condições que crêem ser o direito da natureza. Eles até vêem nisso um progresso. Eles o chamam de “O progresso”, o melhoramento por excelência!

E isso que aplaudem fora deles, a isso tendem eles próprios, por sua própria conta.

Pode ser de outra maneira? “Os cidadãos permanecem sempre grandemente expostos a essa doença do naturalismo nos países em que o naturalismo for admitido como estado normal e legítimo das instituições e das sociedades públicas”. [65]

O cardeal Pie recolheu dos lábios de uma das vítimas desse estado social estas palavras que pretendem ser uma justificação do naturalismo individual:

“A Deus não agrada que eu me relacione, pelo menos deliberadamente, a essa vida grosseira dos sentidos que assimila o ser inteligente ao animal sem razão! Essa vida ignóbil é indigna de um espírito educado, de um coração nobre e bem formado: repudio o materialismo como uma vergonha para o espírito humano. Professo abertamente as doutrinas espiritualistas; quero, com toda a energia da minha vontade, viver a vida do espírito e observar as leis exatas do dever. Mas vós me falais de uma vida superior e sobrenatural: vós desenvolveis toda uma ordem sobre-humana, baseada principalmente no fato da encarnação de uma pessoa divina; vós me prometeis, para a eternidade, uma glória infinita, a visão de Deus face a face, o conhecimento e a posse de Deus, tal como Ele se conhece e Se possui a Si mesmo;

---

[65] Cardeal Pie, t. II, p. 402.

como meios proporcionados a esse fim, vós me indicais os diversos elementos que formam, de alguma maneira, os instrumentos da vida sobrenatural: fé em Jesus Cristo, preceitos e conselhos evangélicos, virtudes infusas e teologais, graças atuais, graça santificante, dons do Espírito Santo, sacrifício, sacramentos, obediência à Igreja. Admiro essa elevação de vistas e de especulações. Mas, se me envergonho de tudo quanto me coloque abaixo da minha natureza, também não tenho nenhum atrativo por aquilo que tenda a elevar-me acima dela. *Nem tão baixo, nem tão alto*. Não quero passar-me *por animal, nem por anjo*; quero permanecer homem. Ademais, aprecio muitíssimo minha natureza; reduzida aos seus elementos essenciais e tal como Deus a criou, e a considero suficiente. Não tenho a pretensão de chegar, após esta vida, a uma felicidade tão inefável, a uma glória tão transcendente, tão superior a todos os dados da minha razão; e, sobretudo, não tenho a coragem de submeter-me aqui embaixo a todo esse conjunto de obrigações e de virtudes sobre-humanas. Serei, pois, reconhecido a Deus por suas generosas intenções, mas não aceitarei esse favor, que seria para mim um fardo. É da essência de todo privilégio o poder-se recusá-lo. E posto que toda essa ordem sobrenatural, todo esse conjunto da revelação é um dom de Deus, gratuitamente acrescentado por Sua liberalidade e por Sua bondade às leis e aos destinos da minha natureza, restringir-me-ei à minha condição primeira".

Assim fala o "homem de bem".

Tal tinha sido, pelo menos de modo equivalente, o raciocínio de Adão, quando o tentador lhe disse: "Sereis com deuses, encontrareis vossa suficiência em vós mesmos". Tal foi o raciocínio de Lúcifer.

Como observa o cardeal Pie, a pretensão daquele que quer se enclausurar no naturalismo, viver a vida da razão sem participar da vida sobrenatural, é uma pretensão praticamente quimérica e impossível; porque, depois do pecado do primeiro pai, o homem foi ferido na sua natureza; ele é doente no seu espírito e na sua vontade. Ele não é capaz por ele mesmo nem de conhecer toda a verdade, nem de praticar toda a moral, mesmo natural, menos ainda de sobrepujar todas as tentações da carne e do demônio sem uma luz e uma graça do alto.

Mas, além disso, esse raciocínio não reconhece o domínio soberano de Deus, o Qual, após ter tirado o homem do nada, conservava o direito de aperfeiçoar Sua obra e elevá-la a um destino mais excelente do que aquele inerente à sua condição natural. Destinando-nos uma vocação sobrenatural, Deus praticou um ato de amor, mas também praticou um ato de autoridade. Ele deu, mas, dando, quer que se aceite. Seu favor torna-se um dever para nós. A qualidade de filho de Deus, o dom da graça, a vocação para a glória, aí está uma nobreza que obriga; todo aquele que falta a esse dever é culpado.

Acrescentemos que aquilo que obriga os indivíduos obriga as nações. Criando o homem essencialmente social, Deus não pôde querer que a sociedade humana fosse independente dEle. Desde que a plenitude das nações entrou na Igreja, a ordem sobrenatural impõe-se a elas, como se impõe a cada um de nós. Elas não têm o direito de se tornarem apóstatas. Se o fazem, tal não-reconhecimento dos direitos de Deus não podem pretender a impunidade. *Peccatum peccavit Jerusalem; propterea instabilis facta est*. A França cometeu o pecado de abandonar a Deus, e por causa disso não sabe mais como manter-se de pé; e sempre cambaleante, rolando de queda em queda, de abismo em abismo, de catástrofe em catástrofe, procura em vão suas condições de equilíbrio e de estabilidade. Todos os que a glorificavam vieram tomá-la

em comiseração, se não em desprezo, vendo essas humilhações. *Omnes qui glorificabant eam, spreverunt illam quia viderunt ignominiam ejus*.

Será preciso fazer ouvir uma voz mais humana?

Já em 1834 Guizot fazia esta advertência:

"Imaginamos o que se tornaria o homem, os homens, a alma humana e as sociedade humanas, se a religião fosse efetivamente abolida, se a lei religiosa realmente desaparecesse? Não quero expandir-me em queixas morais e em pressentimentos sinistros; mas não hesito em afirmar que não há imaginação que possa representar-se, com suficiente verdade, o que aconteceria a nós e ao nosso redor, se o lugar ocupado pelas crenças cristãs ficasse vazio de repente, e seu império aniquilado. Ninguém conseguiria dizer em que grau de rebaixamento e de desregramento cairia a humanidade".

Gladstone disse a mesma coisa:

"*Do dia em que o divórcio entre o pensamento humano e o cristianismo for consumado datará o irremediável início da decadência radical da civilização no mundo*".[66]

———— ♦ ————

[66] Discurso na Universidade de Glasgow, 1879.

CAPÍTULO LX

A MULHER QUE GUERREIA EM NOME DE DEUS

Desde o fim da Idade Média, pois, existe na Cristandade um impulso contínuo exercido não somente sobre os indivíduos, mas também sobre os povos enquanto povos, e que visa a mudar a finalidade que a atividade humana se propusera alcançar, baseada na palavra de Cristo. Essa finalidade era a vida eterna. Os usos, costumes, leis e instituições foram se formando pouco a pouco sob esse princípio. Desde a Renascença existe uma tendência contrária que se fortifica e desenvolve a cada dia: dar como finalidade à toda atividade social e pessoal a melhoria das condições da vida presente para chegar a um gozo mais pleno e mais universal. “O século XIV abriu o caminho, diz Taine, e depois, cada século só se ocupou em preparar na ordem das idéias novas concepções, e na ordem política novas instituições (correspondentes ao novo ideal). Desde aquele tempo a sociedade não mais reencontrou seu guia na Igreja e a Igreja sua imagem na sociedade”.

As nações jamais se recolocarão sob a conduta da Igreja? A Igreja jamais verá novamente os povos darem ouvidos e abrirem os corações ao Sermão da Montanha? Ou será preciso que doravante Deus se contente em colher almas no meio de uma sociedade que se afastará cada vez mais dEle? A idéia da civilização cristã subsiste sempre em numerosos espíritos, ela desperta em diversos deles, e a Igreja está sempre presente para mantê-la e lembrá-la. Terminará ela por retomar a ascendência sobre a idéia da civilização naturalista? e após uma luta de vários séculos conseguirá triunfar sobre a tentação satânica e retomar sua marcha ascendente por um período de tempo que não podemos determinar, mas que bem poderia ser mais longo do que aquele do desregramento no qual estamos extraviados, pobres de nós!, há tempo demais?

Quem ousa esperar isso?

E, no entanto, sabemos que Deus muito freqüentemente deixa às paixões humanas desencadeadas e ao próprio demônio o cuidado de executarem Suas vontades e cumprir Seus desígnios eternos. “Tal é, se não me engano, diz o cardeal Pie, a parte ordinária da Providência na história dos séculos: o homem se move, se agita, na esfera dos seus pensamentos, dos seus desejos freqüentemente culpáveis; e Deus, hábil em tirar o bem do mal, converte os obstáculos em meios, e do próprio crime forja para Si uma arma poderosa. Então o resultado é de Deus e é sempre admirável”.[67]

[67] Elogio de Joana d’Arc.

Deus, no entanto, não quer absolutamente agir sozinho. Ele nos deu a liberdade, e a grande lei do mundo sobrenatural é que façamos uso dela a fim de merecermos por nossas obras e Ele possa nos dar a recompensa.

O primeiro emprego da liberdade, na tentação, é defender-se. Desde a Renascença do naturalismo, a Igreja, e com ela seus fiéis, não cessaram de fazê-lo. Não é nossa intenção lembrar o que os católicos, no curso desses cinco a seis séculos, opuseram à invasão do naturalismo na Cristandade. Não falaremos das lutas teológicas que essa invasão suscitou em mil terrenos e pelas quais o erro refutado serviu para dar à verdade uma precisão mais exata e um brilho mais potente. Tampouco relataremos a história dos esforços feitos para sustentar e manter as instituições sociais concebidas e realizadas no espírito da civilização cristã. Essas duas ordens de defesa e de ataque exigiriam desenvolvimentos infinitos, que não entram no objetivo próprio deste livro.

Aquilo que o tema de que ele trata pede, no ponto em que chegamos, é isto:

Expusemos a ação secreta dos franco-maçons, dirigidos pelos judeus, guiados eles mesmos por Satanás, para substituir a civilização cristã por uma civilização humanitária e naturalista. A contrapartida exige que procuremos a existência de uma outra ação secreta, aquela das santas almas esclarecidas, dirigida para o Céu, que contrariaria, entravaria a obra do inferno e acabaria por destruí-la. A sentença pronunciada por Deus no começo do mundo: — "Porei inimizades entre ti e a Mulher, entre a tua posteridade e a posteridade dEla; ela te esmagará a cabeça e tu Lhe ferirás o calcanhar" —, dá-nos a entender que nossa procura não deve ser vã.

"Tu" é Satanás; a "Mulher" é Maria. A raça da serpente compreende a multidão dos que a seguem, anjos e homens. Ela lhes comunica alguma coisa do seu poder: *Dedit illi virtutem suam et potestatem magnam* (Apoc. XIII, 2). A raça da Mulher é a multidão dos fiéis.[68]

São Máximo de Turim faz esta observação: "Deus não disse: **ponho**, para que não se compreenda que Ele fala de Eva. A promessa refere-se ao futuro: **porei**, significando assim a mulher da qual deve nascer o Salvador". De outra parte, pelas palavras *semen tuum, semen illius*, Deus não pôde querer significar uma geração carnal. Satanás não a tem e não pode tê-la. Entre os seres imateriais somente Deus engendra um Filho. É pois de uma outra paternidade e de uma outra filiação que se trata: paternidade e filiação morais baseadas na semelhança e na adoção. Existem filhos do demônio que dele procedem enquanto arrastados para o pecado, e que são seus filhos em razão da semelhança que o pecado lhes dá com ele. "Tendes o diabo como pai, disse Nosso Senhor aos judeus, e cumpris os desejos e vosso pai". Existem também os filhos de Maria, que A amam e que são por Ela amados, que A admiram e que, nessa admiração, tornam-se, com Seu auxílio, semelhantes a Ela.

Maria concebeu-os no Seu coração no dia da Anunciação e cooperou para o nascimento espiritual deles no Calvário. Concebendo o Salvador segundo a carne, ela nos concebeu em espírito, porque Ela concebia a nossa Redenção.[69]

---

[68] Corpus Ecclesiae mysticum non solum consistit ex hominibus sed etiam ex angelis... Totius autem hujus multitudinis Christus est caput. De ejus influentia non solum homines receperunt sed etiam angeli. *Sum. Theol.*, parte II, q. VIII, a. 4.

[69] Quando supervenit in eam Spiritus sanctus operata est mundi salutem et concepit redemptionem. S. Ambrósio, Ep. 49 ad Sabinum.

As duas raças estão pois face a face e a causa que as colocou em combate é do céu e da terra; os campeões lá do Alto estão hoje no nosso campo de batalha.

O apóstolo São João viu bem a unidade dessa guerra. Ele descreveu as duas fases que se desenrolaram, uma e outra, diante da Mulher, e, se assim podemos dizer, sob o Generalato dEla.

No capítulo XII do Apocalipse ele nos mostra a Mulher revestida do sol da divindade. "O Verbo, recebendo de Maria seu revestimento de carne, diz São Bernardo, fê-la brilhar com a glória da Sua majestade". A lua, imagem do mundo instável que Ela domina e governa com seu Filho Jesus, está a Seus pés. Sobre sua cabeça está uma coroa com doze estrelas, símbolo das Suas prerrogativas, que Lhe dão um esplendor superior ao das criaturas mais sublimes.

É a Mãe de Cristo, a Mãe de Deus que está aqui representada.

Ela vai tornar-se a Mãe dos homens, *Clamabat parturiens et cruciabatur ut pariat*. Ela está no Calvário. "Parece-me, diz Bossuet, que ouço Maria falar ao Pai Eterno com um coração simultaneamente aberto e fechado: fechado por uma extrema dor, mas aberto ao mesmo tempo à salvação dos homens pela santa dilatação da caridade". É em meio a essas dores excessivas, pelas quais Ela entra na participação dos suplícios da Cruz, que Jesus A associa à Sua fecundidade; "Mulher, eis teu filho. Eis tua Mãe".

O dragão que arrastou com sua cauda a terça parte das estrelas do céu, pára diante da Mulher e quer devorar esse Filho. Daí o combate até o dia em que se fará ouvir no céu a voz que dirá: "Agora a salvação do nosso Deus está consolidada, e o seu poder e o seu reino, e o poder do seu Cristo, porque o acusador dos nossos irmãos, que os acusava dia e noite diante de nosso Deus, foi precipitado".[4]

Esse canto de triunfo fez-se ouvir no céu após a vitória do arcanjo São Miguel, e far-se-á ouvir novamente na terra quando o dragão for precipitado de novo nos infernos para não mais sair. Os profetas misturam nos seus oráculos as cenas distanciadas pelo tempo e pelos lugares, mas que a relação de causas ou de idéias lhes permite aproximar! São João fala ao mesmo tempo do grande combate que aconteceu no céu e daquele que se desenvolve na terra, porque a causa é a mesma. O próprio Nosso Senhor assim procedeu quando anunciou a ruína de Jerusalém e a do mundo.

Depois que a primeira derrota o abismou nos infernos uma primeira vez, o demônio veio à terra desencadear um novo combate. Aí foi vencedor e, com o pecado original, inundou a terra de corrupção. "A serpente, diz São João, lançou de sua goela como que um grande rio, atrás da Mulher, para submergir nas suas águas" Aquela que lhe fora mostrada como devendo recolher sua realeza no céu e na terra. Ele pensou que o rio de iniqüidade que vomitara no paraíso terrestre atingiria Maria. Deus absolutamente não o permitiu, a Mãe de Cristo nasceu Imaculada no meio da imundície universal. "E o dragão se irritou contra a Mulher e foi fazer guerra contra Seus filhos que guardam os mandamentos e que dão testemunho de Jesus Cristo".[5]

Aqueles que dão testemunho de Jesus Cristo e assim demonstram ser filhos de Maria, são aqueles homens que confessam que Jesus Cristo é Filho de Deus, Redentor dos homens, Restaurador da ordem sobrenatural. Satanás e os seus, os do inferno e os da terra, querem, contra os pregadores do Evangelho, manter sob a

---

[4] Apoc. XII, 10. Já lembramos que o nome "diabo" significa acusador. O diabo os acusa de se deixarem seduzir por ele.

[5] Apoc. XII, 15-17.

dependência de Lúcifer aqueles que a fé e o batismo não regeneraram, e trazer de volta a ele os que reentraram na ordem sobrenatural: e a Mulher e Seus filhos lutam contra ele e contra eles para arrancar-lhes suas vítimas, entregá-las a Deus, mantê-las na inocência e na fidelidade. Luta de todos os dias, sem cessar renovada por uma inimizade que Deus tornou perpétua.

É, pois, não somente entre Maria e a serpente, mas também entre os sequazes de Satanás e os filhos de Maria que foi estabelecida a inimizade e anunciada a luta desde o começo do mundo, inimizade absoluta e luta incessante, porque a palavra divina não fixa nem tempo nem medida. É até ao julgamento final que Satanás procurará submeter os homens e arrastá-los para o seu domínio; e é igualmente até à segunda vinda do divino Salvador que Maria se esforçará em aplicar-lhes os méritos da Redenção e com isso fazê-los entrar no reino dos céus. Porque se a Redenção do gênero humano foi operada pelo sacrifício de Jesus, ela não o foi senão em princípio e de direito; é necessário que a santificação se cumpra em cada um de nós individualmente. Ora, essa santificação exige que o homem seja primeiramente tirado das mãos de Satanás, depois que lhe seja subtraído cada vez que ele tem a fraqueza ou a loucura ou a perversidade de retornar ao seu tirano. Daí essa luta perpétua, na qual a Santíssima Virgem, refúgio dos pecadores, auxílio dos cristãos, Mãe da divina fé e da divina graça, desempenha o papel que Deus Lhe destinou nos primeiros dias do mundo.

Essa luta é universal. Por toda a parte vemo-la de indivíduo contra indivíduo entre os homens, de cristãos contra demônios entre espíritos, e ao mesmo tempo de cidade contra cidade, da cidade de Deus contra a cidade do mundo, da qual Lúcifer é o príncipe. Sempre e por toda a parte o objeto da luta é o mesmo: o sobrenatural.

É necessário expor aqui, mais explicitamente do que o fizemos, o que é o sobrenatural, a fim de propiciar a compreensão da extraordinária elevação dessa guerra, *magnum prœlium*, e a sublimidade dos interesses que dela dependem.

O Messias prometido no próprio dia da queda dos nossos primeiros pais não devia ser somente nosso Redentor, nosso Salvador, nosso Jesus; Ele devia ser também nosso Cristo; nEle está a plenitude da divindade, por Ele recebemos participação na natureza divina. "O Verbo se fez carne e habitou entre nós, e a todos que O receberam deu o poder de serem filhos de Deus".[6] "Deus, que é rico em misericórdia, diz o apóstolo São Paulo, consultando apenas o excessivo amor com que nos amou, quando estávamos mortos pelo pecado, deu-nos a vida em Cristo".[7] "Vim, disse o próprio Cristo, para que tenhais vida em abundância".[8] Não uma vida qualquer, mas a "vida eterna".[9] Essa vida eterna nos é comunicada pelo batismo. Ela nos enxerta em Cristo, diz São Paulo, faz de nós membros vivos do seu Corpo Místico.[10] Deus não nos deixou ignorar a que sublimidade essa incorporação nos conduz: "Quando chegou

---

[6] Jo. I.
[7] Ef. II, 3-6.
[8] Jo. X, 12.
[9] Jo. III, 14-15.
[10] Nosso Senhor Jesus Cristo é o novo Adão. Ele foi, como o antigo, estabelecido por Deus como Chefe da humanidade; estamos contidos nEle como estávamos no primeiro homem. De onde segue que Cristo e os cristãos formam um só todo, uma só pessoa mística, assim como a cabeça e os membros.

Da mesma forma que o pecado de um só faz-nos todos morrer, a justiça de um só pode se espalhar e dar a vida a todos (I Cor. XV, 47-49; Rom. V, 15; Ef. I, 22).

a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, formado pela Mulher, para remir os que estavam sob a lei, para que recebêssemos a Sua adoção. E porque sois seus filhos, Deus enviou a vossos corações o Espírito do seu Filho que clama: Abba, Pai. Nenhum de vós é, pois, mais escravo, mas filho; e se é filho é herdeiro da parte de Deus".[11]

Ex magno genere ex tu, disse Tobias ao anjo Rafael; é o que podem dizer a cada um de nós os anjos, assim aos decaídos como aos santos. Eles sabem de que raça somos, a maior que possa existir, porque somos da raça de Cristo, que é Filho de Deus.

Deus, por um ato livre do Seu amor, estabeleceu, pois, um elo transcendente entre a nossa natureza e a Sua, entre nossas pessoas e Sua Pessoa.

Esse elo não era necessário em si, não era ordenado nem mesmo formalmente reclamado por nenhuma exigência do nosso ser; é devido à caridade imensa, à liberalidade gratuita e excessiva de Deus por Sua criatura. Mas em conseqüência da vontade divina, esse elo tornou-se obrigatório, indeclinável, necessário. Ele subsiste eminentemente e subsistirá eternamente em Jesus Cristo, simultaneamente Deus e homem, natureza divina e natureza humana sempre distintas, mas irrevogavelmente unidas pelo vínculo hipostático; ele deve se estender, segundo as proporções e pelos meios divinamente instituídos, à toda a raça da qual o Verbo encarnado é chefe, e nenhum outro ser moral, seja individual e particular, seja público e social, pode rejeitá-lo ou rompê-lo, no todo ou em parte, sem faltar à sua finalidade, e, conseqüentemente, sem prejudicar mortalmente a si mesmo, e sem incorrer na vindita do Mestre soberano dos nossos destinos.

Ora, Satanás não cessa de agir sobre cada um de nós e sobre as nações enquanto nações para obter delas e de nós esse grito de revolta: "Quebremos seu jugo e sacudamos para longe de nós as suas cadeias".[12] De sua parte, Deus não cessa de difundir em nossos corações Sua graça e de dar às sociedades os socorros naturais e sobrenaturais para nos manter no Seu amor.

Desses socorros e dessas graças Maria é a dispensadora. É, pois, entre Ela e Satanás que em última análise o combate é travado: "*Inimicitias ponam inter te et mulierem et semen tuum et semen Ipsius*. Ela te esmagará a cabeça, e tu Lhe ferirás o calcanhar". É bem a luta ordinária entre o homem e a serpente: esta ataca facilmente o calcanhar do homem, que caminha direito, enquanto o homem procura esmagar a cabeça da serpente que rasteja. Mas por cruel que possa ser a ferida que ela cause no calcanhar, ela não é incurável, ao passo que sua cabeça, uma vez esmagada, a mata. O vencedor está, pois, claramente indicado: será a Virgem, será a Igreja pela proteção de Maria, será todo o homem de boa vontade que A invocar e se puser sob Sua proteção.

Toda a história do gênero humano, todo o conjunto da religião se condensa num mistério de amor, num mistério do mal, num mistério de triunfo: o amor deve ter a última palavra. O termo final da história universal será o amor triunfante e glorificante, assim como no início havia sido o amor criador.

———— ♦ ————

[11] Gal. IV, 4-5.

[12] Sl. II, 3.

CAPÍTULO LXI

COM QUE ARMAS BATER O TENTADOR?

Penitência! Penitência! Penitência! Tal foi o brado da Santíssima Virgem, no seu gemer, em Lourdes, nos dias 25, 26, 27 e 28 de fevereiro de 1858. Doze anos antes, em 19 de setembro de 1846, a Mulher do Gênesis prometida ao mundo viera excitar suas tropas ao combate, dizendo-lhes que empregassem as mesmas armas. Ela lhes pedira retomassem a prática da abstinência e do jejum, e de retornassem ao mesmo tempo à mortificação e à oração, em particular à santificação do domingo. Também em Lourdes Maria pediu que a oração estivesse unida à penitência. Ela recomendou particularmente a recitação do rosário e mostrou com que respeito deve ser rezado.

Vinte anos antes das censuras e advertências de Maria em Salete, o próprio Deus havia chamado a atenção, através de uma grande manifestação nos ares, para o grande símbolo do sacrifício. Em Migné, em 17 de dezembro de 1826, a cruz apareceu aos olhos das populações espantadas, como no tempo de Constantino, fazendo um primeiro apelo à França por sua conversão. Oração, conversão, penitência, são as condições divinamente desejadas de todas as misericórdias.

Como foi recebido esse tríplice apelo? Se passearmos os olhos pela superfície das coisas, não poderíamos ficar senão infinitamente desolados. Por toda a parte e em todas as classes da sociedade, o amor ao prazer, o luxo, a luxúria não cessaram de fazer todos os dias progressos crescentes. A lição de 1870 deu a esses progressos algumas horas de parada. A partir do dia seguinte eles retomaram o seu curso com furor. Desnecessário dizer a que ponto chegamos hoje.

Quanto à oração — pelo menos a oração pública — não ouvimos sempre mais extinguir-se o seu murmurar nas nossas cidades? Sabeis, pergunta o cardeal Pie, por que o primeiro de todos os povos, aquele que o Espírito Santo denominou de um povo de gigantes, sabeis por que ele desapareceu da terra? A Escritura vai no-lo contar: *Non exoraverunt antiqui Gigantes, qui destructi sunt confidentes virtuti suæ,* e esses homens que se fiaram em suas forças foram destruídos. Queremos prestar justiça ao nosso século; por mais de um aspecto é um século de gigantes. Mas, em meio a todas essas maravilhas e a toda essa glória, a religião olha em torno dela com ansiedade. Porque, ó dor!, se a oração emudecer entre nós; se o espírito deixar de purificar, de vivificar a matéria; se os homens, crendo-se auto-suficientes, disserem a Deus que Se retire; se a desgraça que Mardoqueu suplicava ao Senhor afastasse do seu povo quando dizia: “Não fecheis a boca daqueles que cantam os Vossos louvores” desabar sobre nós; não tardará a vir o dia em que, sobre as ruínas fumegantes da nossa pátria, e sobre os escombros dispersos da nossa civilização, as gerações diriam: “Esses homens gigantes não rezaram, e enquanto confiavam nas suas forças foram destruídos”.

Graças a Deus, sob as superfícies acontecem coisas mais consoladoras e mais tranqüilizadoras. Restam milhares e milhares de almas santas que todos os dias e cem vezes por dia elevam para o céu estas súplicas: Perdoai nossas ofensas, as nossas e aquelas do Vosso povo; não o deixeis sucumbir às tentações que o assaltam de todos os lados; livrai-nos do mal no qual está mergulhado o mundo contemporâneo.

E a esses conjurações juntam os desejos de um maior poder sobre o coração de Deus, porque estes procedem do puro amor: Pai, que Vosso nome seja santificado, que Vosso reino venha, que Vossa vontade seja feita assim na terra como no céu. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, assim como era no princípio. Que essa glória seja tal como a desejou o pensamento criador, o pensamento redentor e o pensamento santificador no primeiro dia do mundo; que ela seja dada na sua plenitude à Trindade divina, agora, na hora em que estamos, e para sempre até o fim do mundo terrestre, para realizar pelos séculos dos séculos, na eternidade dos céus, todo o pensamento da predestinação.

A essas orações endereçadas a Deus unem-se aquelas à Santíssima Virgem. De quantos milhões de bocas, e quantas vezes por dia, se elevam até o trono de Maria estas palavras de veneração, de admiração, de confiança e de amor: "Ave Maria, cheia de graça". Sei que posso fazer subir até Vós minhas mais confiantes orações porque Deus está conVosco, Vós sois a Bendita entre todas as mulheres, mostrada ao gênero humano na desolação e no terror da sua queda como o canal de benção pelo qual nos viria a salvação. Ademais, Vosso fruto, o fruto de Vossas entranhas, é o Bendito, no Qual reside a plenitude das misericórdias e das bondades divinas.

Quantas preces se juntam todos os dias a essas sobre toda a face da terra, variadas ao infinito, como o é a diversidade dos estados de alma, e como o pede a vicissitude dos acontecimentos do mundo, mas todas terminando por se confundirem num mesmo desejo: o reino de Deus sobre a terra através do desenvolvimento da vida sobrenatural nas almas.

Depois vêm, de tempo a tempo, as orações extraordinárias indicadas pelos Papas. Então, de todas as partes do universo, do seio de todas as multidões, do fundo de todos os mosteiros, do pé de todos os altares, súplicas ardentes são dirigidas ao trono de Deus.

Às orações privadas é preciso acrescentar a santa Liturgia — o Ofício divino e a Missa — de um poder bem maior, porque é a oração da Igreja, a oração da Esposa que fala ao seu Esposo. Por isso a seita maçônica tudo fez para suprimi-la. Ela pensou ter tido êxito em 93, ao fechar as igrejas, massacrar padres e religiosos; e nos dias atuais, foi através do exílio das pessoas consagradas ao serviço divino, foi através das tentativas de novo fechamento das igrejas e de espoliação dos vasos sagrados que ela reabriu a era das perseguições.

"Não dizei, é o cardeal Pie quem fala, que tendo a Igreja promessas de imortalidade, pareça inútil rezar por Ela. Existem graças muito importantes, muito necessárias, que Deus não concede à Sua própria Igreja senão em virtude das orações dos seus filhos. Quanta luz, força, santas inspirações, resoluções generosas podem descer ao coração do Vigário de Cristo e de toda a hierarquia superior pelas preces, invocações e suspiros dos sacerdotes ardentes, dos humildes levitas, das virgens consagradas, dos piedosos fiéis; ninguém pode dizer quanto isso deve ser conhecido e compreendido. Se temos uma Igreja santamente governada e maravilhosamente conservada em meio a tantos elementos de anarquia e de dissolução; se temos um Papa (Pio IX) heroicamente firme numa época de transações e compromissos universais, um episcopado e todas as Ordens eclesiásticas solidamente unidas ao Vigário de Jesus Cristo, não duvideis, isto se deve às orações da grande família cristã".

Concomitantemente à oração existe na Igreja o exorcismo. Porque, desde o segundo período da guerra declarada ao sobrenatural e à civilização cristã, nos

primeiros dias da Reforma, o anjo do Apocalipse bradou: "Desgraça! Desgraça! Desgraça! para os que habitam a terra". E um anjo ministro das vinganças do Senhor recebeu a chave do poço do abismo. Ele o abriu e os demônios escaparam, numerosos como uma invasão de gafanhotos. Eles tinham no seu comando, como rei, o anjo do abismo que se chama em hebreu Abaddon (*perdição, ruína*, por oposição a Cristo *salvador*) e Apollyon, isto é, *destruidor*. Era, com efeito, o início das destruições e das ruínas, o início da perdição através do anti-cristianismo. O Papa Gregório XVI, na Encíclica *Mirari Vos*, na qual condenou a doutrina de Lamennais, disse: *Vere apertum dicimus puteum abyssi*.[70]

Esses demônios fugidos do inferno nos dias da Reforma ainda não foram repelidos para o abismo. A prova disso — é o pensamento dos soberanos Pontífices — está no exorcismo que os Papas Leão XIII e Pio X fazem rezar por todos os padres que acabam de celebrar a Missa e pelos fiéis que unem suas vozes à do ministro de Deus: "São Miguel Arcanjo, defendei-nos neste combate: vinde em nosso socorro contra a malícia e as ciladas do demônio. Que Deus lhe faça sentir (a Satanás) Seu império, nós o pedimos instantemente. E vós, príncipe da milícia celeste, pela virtude divina, precipitai no inferno Satanás e os outros espíritos malignos que estão espalhados pelo mundo para perder as almas".

Aquilo que dá ao exorcismo, assim com à oração, seu pleno poder é a união que a pessoa que reza ou que exorciza tem com o divino Redentor, enquanto Redentor, enquanto vítima de expiação. Quanto mais íntima for essa união mais favoravelmente é acolhida a mediação entre Deus e o mundo. A grande medianeira, Maria, associou-se no Calvário ao sacrifício de Jesus e a dor da sua alma, atravessada pela espada predita por Simão, teve, com diz a santa liturgia, o amargor e o infinito da extensão dos mares.

Aqueles que combatem sob Suas ordens, pelo menos aqueles que se encontram nas primeiras fileiras, partilham Seu martírio e é por intermédio desse martírio que reparam a iniqüidade e atraem a misericórdia.

Adimpleo ea quæ desunt passionum Christi in carne mea. Palavras misteriosas! Explicando-as, Santo Agostinho diz: Jesus Cristo sofreu tudo o que devia sofrer. Levantado na cruz, Ele disse: "Tudo está consumado", quer dizer, nada falta à medida dos meus sofrimentos. Tudo o que foi escrito a meu respeito está agora cumprido. Os sofrimentos de Jesus estão, pois, completos. Sim. Mas somente no Chefe. Seu Corpo Místico e os respectivos membros devem ainda padecer os sofrimentos de Jesus. Somos, com efeito, o corpo e os membros de Jesus Cristo. O apóstolo era um

[70] A fumaça que em nossos dias sai do poço do abismo e obscurece o sol são "essas idéias modernas", que toldam, em quase todos os espíritos, as verdades sobrenaturais. E esses gafanhotos são os demônios que, de um lado, excitam os franco-maçons e os jornalistas, os oradores e os romancistas, que se colocaram a serviço deles, a empregar todos os seus talentos em propagar o livre-pensamento e as idéias revolucionárias, e que, de outro lado, levam os leitores e ouvintes a acolhê-los com simpatia e a fazer dessas sugestões a regra da sua conduta pública e privada. As Encíclicas de Pio IX e particularmente seu *Syllabus*, as cartas de Leão XIII, *Humanum Genus* e *Immortale Dei*, confirmando e desenvolvendo a Encíclica de Gregório XVI, não puderam ainda tirar as ilusões dos homens do nosso tempo acerca dos erros saídos do abismo desde o século XVI, contra os quais Pio VI, Pio VII e Leão XII já os tinham prevenido.

dos seus membros; eis a razão pela qual disse: Cumpro na minha carne o que falta aos sofrimentos de Jesus Cristo

No último capítulo do Apocalipse lêem-se outras misteriosas palavras: “O momento está próximo. Que o injusto pratique ainda o mal, que o ímpio se manche ainda. Que o justo pratique ainda a justiça e que o santo ainda se santifique”. Na terrível ameaça feita aos endurecidos na primeira parte desse versículo e na insistente exortação feita aos justos na segunda, alguns autores ascéticos viram uma lei da Providência, em virtude da qual, nas grandes épocas da história do mundo, quando Deus se dispõe a mostrar o poder do Seu braço, se há freqüentemente entre os homens uma recrudescência da malícia e de corrupção, há também uma recrudescência de justiça e de santidade.

A adorável Providência, para a Qual todos os caminhos são justiça e misericórdia, gosta de fazer superabundar o bem onde abunda o mal. Ela espera que os méritos, assim como os deméritos da pobre humanidade, subam bem alto para descerem com Suas misericordiosas severidades. E esses méritos Ela suscita nas almas privilegiadas às quais Ela concede uma vocação de expiação e de sacrifício.

Essa convicção mantém na esperança contra toda a esperança a alma filialmente abandonada a Deus. No pior dos dias de maldade, ela se pergunta se o mal que transborda não seria secretamente compensado pelo aumento do bem oculto na intimidade das almas com Deus.

É preciso que nos detenhamos um pouco longamente sobre este ponto, porque é aqui que se manifesta a luta entre a luz e as trevas, entre as potestades deste mundo e as virtudes do Alto.

CAPÍTULO LXII

VÍTIMAS DE EXPIAÇÃO E DE SALVAÇÃO

Nosso Senhor Jesus Cristo, que sem cessar vive a fim de interceder por nós, também incessantemente morre sobre o altar a fim de aplacar a Justiça infinita. Ele não é o único a realizar esse sacrifício de expiação. Os monges, as monjas encerram suas vidas junto ao tabernáculo, e cada dia misturam a pequena gota de água dos seus sacrifícios ao vinho do sacrifício do Redentor, para, como diz São Paulo, cumprir na carne deles o que é necessário acrescentar aos sofrimentos de Cristo para a Igreja, que é o Seu corpo. Tomemos como exemplo a Cartuxa; eis algumas das mortificações que a regra lhe impõe: o levantar-se à noite para a recitação do Ofício divino, o cilício continuamente levado no corpo, os golpes, as marcas da disciplina, a perpétua abstinência de carne, o jejum desde 15 de setembro de cada ano até a Páscoa, a abstinência de laticínios durante o Advento e a Quaresma e todas as sextas-feiras do ano, a abstinência a pão e água uma vez por semana etc.

Na nossa época, estamos habituados a considerar o ingresso nos conventos de homens e mulheres inclinados à contemplação e à penitência como obra egoística de salvação individual. É bom lembrar a esta época, às almas capazes de heroísmo, que aí reside a primeira obra social, porque é aí que está e que sempre estará o grande poder contra o autor de todos os males que afligem a sociedade.[71] Como diz São Paulo, não temos que lutar somente contra a carne e o sangue, mas contra os príncipes, contra as potestades, contra as dominações deste mundo de trevas, contra os espíritos malignos espalhados pelos ares.[72] E é por isso que Nosso Senhor nos deu essa advertência: os grandes demônios não são expulsos senão pelo jejum e pela oração.

Há na vida de mortificação dos religiosos e daqueles que os imitam mais ou menos de perto no mundo uma influência capital sobre a marcha dos acontecimentos; o inferno não a ignora e os políticos sectários a sentem. Parece que um espírito satânico sopra-lhes no ouvido: aí estão vossos mais temíveis adversários. Assim, sua

---

[71] No discurso que pronunciou na consagração da igreja do Sagrado Coração em Bethléem-les-Anvers, monsenhor Mermillod disse muito bem às “Filhas do Coração de Jesus” encarregadas de rezar naquele santuário: “Sem as almas vítimas e consoladoras que unem seus sacrifícios ao de Jesus sobre o altar o mundo desabaria. Vi na Alemanha um quadro sublime: *A última Missa se celebra sobre a terra*. No céu, o Padre Eterno aguarda que ela termine; os anjos do julgamento, apoiados em seus trompetes, dispõem-se a executar as ordens do Altíssimo e a convocar o mundo para o grande julgamento da eternidade. E no entanto, a Hóstia e o Cálice elevados pelo sacerdote suspendem ainda a realização da sentença suprema. Quando a última gota do Cálice tiver sido bebida, Deus dirá: “O sangue do meu Filho parou de correr sobre a terra; as imolações das almas justas, unidas à da grande Vítima dos altares estão terminadas. Tudo está acabado, não há mais tempo”. Assim, em união com Jesus Cristo, as almas justas imoladas sustentam o mundo”.

[72] Ef. VI, 12.

primeira obra ao assumirem o poder é fechar os asilos da oração e da penitência. Felizmente para nós, os carmelos, as trapas, as cartuxas não são destruídas pelo exílio; continuam a funcionar no exterior, e sempre pela França e pela Igreja. "Uma das considerações mais dignas de excitar toda a inteligência do homem, disse Joseph de Maistre, apesar de que o comum dos homens se ocupe muito pouco do fato, é que o justo, sofrendo voluntariamente, não satisfaz somente por ele, mas pelo culpado, pela via da reversibilidade. É uma das maiores e mais importantes verdades da ordem espiritual". Nos seus *Eclaircissements sur les Sacrifices*, ele diz ainda: "Nenhuma nação tem duvidado de que exista na efusão do sangue uma virtude expiatória. Ora, nem a razão nem a loucura puderam inventar essa idéia, menos ainda fazê-la adotar em geral. Ela tem sua raiz nas últimas profundezas da natureza humana, e a História, a esse respeito, não apresenta uma só dissonância no universo. Acreditava-se, como se acreditou, como sempre se acreditará, que o inocente podia pagar pelo culpado... Tal tem sido a constante crença de todos os homens. Ela se modificou na prática, segundo o caráter dos povos e dos cultos; mas o princípio sempre está presente. Encontramos especialmente todas as nações concordes com a eficácia maravilhosa do sacrifício voluntário da inocência que se entrega ela própria à divindade como uma vítima propiciatória. Os homens sempre atribuíram um preço infinito a essa submissão do justo que aceita os sofrimentos; é por esse motivo que Sêneca, após ter pronunciado a famosa palavra: "Vede o grande homem em luta com o infortúnio; esses dois combatentes são dignos de atraírem os olhares de Deus", acrescenta logo em seguida: "sobretudo se o homem provocou o infortúnio".

Orígenes, falando do *Cordeiro de Deus que apaga os pecados do mundo*, diz: "Ele serviu de expiação segundo certas leis misteriosas do universo, tendo querido muito submeter-se à morte em virtude do amor que tem pelos homens, e nos resgatou por Seu sangue das mãos daquele que nos havia seduzido e ao qual estávamos vendidos pelo pecado". Dessa Redenção geral operada pelo grande sacrifício, Orígenes passa a essas redenções particulares, que poderíamos chamar de *diminutas*, mas que estão ligadas sempre ao mesmo princípio. "Outras vítimas, diz ele, relacionam-se com aquela. Quero falar dos generosos mártires que também derramaram seu sangue... A morte deles destrói as potestades malfazejas, propicia a um grande número de homens auxílios maravilhosos em virtude de uma certa força que não pode ser denominada".

O cristianismo repousa por inteiro sobre o dogma da expiação, da redenção pela dor. O Salvador dos homens agiu pouco, observa o cardeal Pie, e sofreu muito. O Evangelho é conciso sobre Sua vida, prolixo sobre Sua paixão. Sua grande obra foi morrer; foi por Sua morte que Ele vivificou o mundo. Ora, se tal é a primeira e a mais fundamental verdade do símbolo cristão, é, pois, a primeira lei moral do cristianismo que os discípulos, e sobretudo os apóstolos do Crucificado, continuem o mistério de Suas dores.

Todos, religiosos ou leigos, podem levar sua parte, pequena ou grande, a essa obra de expiação e de salvação, se bem que nem todos da mesma maneira. Todo cristão deve viver uma vida verdadeiramente cristã; ora, a vida cristã não vai sem mortificação, e, em virtude da comunhão dos santos, toda mortificação, todo sacrifício tem repercussão no corpo da Igreja, para a expiação do pecado, e também para retirar das tentações a força da sedução.

Acima da vida simplesmente cristã, existe um estado místico, no qual não se deve querer entrar por si mesmo, mas somente pelo chamado de Deus, controlado e reconhecido por um sábio diretor.

Essa recomendação é importante. Não é raro vermos almas dirigirem ao divino Mestre o pedido de sofrimento num impulso entusiasmado de fervor. Deus nem sempre responde. Ele sabe, na Sua presciência, que, apesar talvez da sinceridade do pedido, essas almas não estão à altura de converter seus desejos em atos. Ademais, esses desejos podem dar à alma a ilusão de terem chegado à perfeição.

No estado místico que vem da predestinação divina, a alma fica estreitamente unida ao divino Cordeiro imolado pela salvação do mundo; ela sofre com Ele, seja infligindo ao corpo as torturas que lhe são inspiradas por Deus, seja aceitando, sofrendo com coração amoroso, aquelas que Deus lhe inflige diretamente. As vidas dos santos estão cheias de fatos que se referem a um e a outro desses casos.

Relativamente ao primeiro caso, tomemos este exemplo, entre mil, Santa Coleta, que Nosso Santo Padre o Papa Pio X acaba de colocar no calendário das festas a serem celebradas pela Igreja universal. Chamada a reformar a Ordem dos Franciscanos, ela se entregou a expiações cuja lembrança faz tremer. Seu leito se compunha de alguns sarmentos; seu travesseiro era um bloco de madeira. "Ela se revestia, diz o manuscrito de Thonon, com um cilício duro e inumano; cingia seu débil corpo com três cadeias de ferro que magoavam dolorosamente sua inocente carne".

A venerável Catarina Emmerich, que viveu de 1774 a 1824,[73] fornece-nos um exemplo recente da expiação passiva. Nós nos demoraremos nesse assunto porque essa extática teve como missão particular, como veremos, combater a franco-maçonaria e suas obras.

No dia da sua primeira Comunhão, Jesus inspirou-lhe o pensamento de se oferecer como vítima pela Igreja. Ao receber o sacramento da Confirmação, foi instruída que a graça do Espírito Santo vinha trazer-lhe o dom da força para ser fiel à resolução que tomara após essa inspiração, de sofrer tudo o que Deus lhe desse para sofrer com o objetivo de expiar os crimes de que se tornam culpados os povos cristãos. Desde logo ela se pôs a oferecer a Deus suas ações e seus sofrimentos por tal ou tal fim que interessava à catolicidade. Assim, por exemplo, quando arrancava as ervas daninhas do campo de seu pai, conjurava o Senhor a extirpar a erva daninha que o homem inimigo semeou no campo da Igreja. Quando as urtigas que ela apanhava deixavam-lhe nas mãos um violento ardor, suplicava ao Senhor não permitisse que os

---

[73] Catarina Emmerich era filha de pobres e piedosos camponeses da aldeia de Flamske, perto de Coesfeld, cidade da diocese de Munster. Ela teve diversos historiadores, todos alemães. As obras deles foram traduzidas para o francês: o Dr. Krobbe, deão da catedral de Munster; o Revmo. Pe. Thomas Wegener, postulante do processo de beatificação; o Revmo. Pe. Schmoeger, redentorista; a obra desse último tem três volumes in-8°.

Dom Guéranger prestou acerca dessa serva de Deus e da missão de que foi encarregada este testemunho: "Lendo essas visões, cujo conjunto é de grande beleza e que carregam freqüentemente o vestígio de uma luz sobre-humana, não podemos evitar de reconhecer uma ação providencial que se exerceu primeiramente nos países da Europa em que o naturalismo fez maiores estragos, para chegar em seguida a nós e nos ajudar poderosamente a reviver essa fé piedosa que definhava há tanto tempo".

Em 9 de maio de 1909 realizou-se no Vaticano reunião da Sagrada Congregação dos Ritos para o exame dos escritos da venerável Catarina Emmerich, com vistas à sua beatificação.

pastores de almas se deixassem desanimar pelas fadigas e sofrimentos que encontrariam ao cultivar a vinha do Senhor.

Mas estas coisas eram apenas ensaios de aprendizado. Pouco depois ela conjurou o Senhor a sobrecarregá-la com as expiações que a Justiça divina reclamava. Aceito seu sacrifício, ela sofreu, em todo o curso da sua vida, com uma paciência inacreditável, sofrimentos indizíveis e de toda natureza. Quando completou vinte e quatro anos, Jesus fe-la partilhar o suplício da coroa de espinhos. Foi em 1789, no momento em que Bonaparte mandou aprisionar o Papa Pio VI e se apoderou dos Estados da Igreja. Ela recebeu em seguida os outros estigmas da Paixão, que carregou durante toda a vida.

Essa pequena camponesa da aldeia de Flamske completou o pensamento desses dois gênios, Orígenes e de Maistre, que acabamos de mencionar acima, e isso num estilo não menos nobre do que o deles: "Vi, disse ela um dia, a graça do Espírito Santo que perpassava as obras dos Apóstolos, dos discípulos, dos mártires, de todos os santos; vi como eles sofriam por amor a Jesus, como eles sofriam em Jesus e na Igreja, que é Seu corpo; vi como por essa razão eles se tornavam canais vivos do rio da graça da Sua Paixão reconciliadora. Muito mais, como eles sofriam em Jesus, Jesus sofria neles e de Jesus vinham os méritos que eles transmitiam à Igreja. Vi que quantidade de conversões foram operadas pelos mártires: eram como canais abertos pelo sofrimento para levar a milhares de corações o sangue vivo do Redentor". Nessas palavras ela resumia todo o mistério da sua própria vida e das de tantas outras esposas de Cristo.

Na época em que ela viveu, quer dizer, no começo do último século, para não falar senão do nosso tempo, outros receberam a mesma vocação. Ela própria nos diz: "A Mãe de Deus repartiu esse trabalho (de luta contra os sequazes de Satanás e de expiação por seus crimes), entre sete pessoas, a maioria do sexo feminino. Vi entre elas a estigmatizada de Cagliari, assim como Rosa Maria Serra e outros que não posso nomear, um franciscano do Tirol e um padre que mora numa casa religiosa situada no meio das montanhas, o qual sofre além de toda expressão por causa do mal que se faz na Igreja". E em outro lugar: "Vi trabalharem comigo, da mesma maneira como trabalho, seis pessoas, três homens e três mulheres. Era a estigmatizada de Cagliari, Rosa Maria Serra e uma pessoa muito doente, afligida por grandes enfermidades corporais; o franciscano do Tirol, que freqüentemente vi unido a mim pelas intenções; depois um jovem eclesiástico que mora numa casa na qual residem vários outros padres, num país de montanhas. Este deve ser uma alma de elite; ele está numa aflição inexprimível por causa do estado da Igreja, e ele deve sofrer dores extraordinárias com que Deus o favorece. Todas as noites, ele lhe dirige uma fervorosa oração, a fim de que Ele se digne de fazê-lo sofrer por tudo o que se fez de mal naquele dia na Igreja. O terceiro é um homem de classe elevada, casado, que tem muitos filhos, uma mulher má e extravagante e excelente situação de moradia. Ele mora numa grande cidade na qual há católicos, protestantes, jansenistas e livre-pensadores. Tudo está perfeitamente regrado na casa dele: ele é muito caridoso com os pobres e suporta muito nobremente tudo o que lhe faz sofrer a mulher má".[74]

---

[74] São João da Cruz faz esta observação: "As penitências escolhidas pela alma não podem produzir nela os mesmos frutos que a cruz da Providência: vemos pessoas de grande austeridade não poderem sofrer uma contradição".

Catarina acrescenta: “Vejo ainda cem mil verdadeiros crentes cumprindo seus deveres com simplicidade”.

Aquilo que a Venerável diz a respeito desses cem mil e particularmente desse rico, que contribuíam com ela na reparação das iniqüidades do mundo e na aplacação da Justiça divina, é muito notável e consolador. Ela não diz que eles se impunham penitências, mas que cumpriam fielmente seus deveres e suportavam pacientemente as misérias que a Providência lhes administrava. Com isso obtinham que Deus os mantivesse no número daqueles que não somente se justificavam a si mesmos, mas satisfaziam pelos outros, e vinham em socorro da Santa Igreja nas dificuldades que os maus suscitam contra Ela.

Em todas as horas de provações para a Igreja, Deus difundiu esse espírito de reparação, e sempre ele foi acolhido por numerosos fiéis na medida da sua caridade e também na da graça que lhes era dada. Sempre também, nos momentos de crise, Ele encontrou almas mais generosas, mais heróicas, que corresponderam ao chamado divino e aceitaram a missão de vítimas. O autor da vida de Santa Liduína, Huysmans, diz com muito acerto: “Deus sempre encontrou através das épocas santos que consentiram em pagar, por suas dores, o resgate dos pecados e das faltas. Essa lei do equilíbrio a guardar entre o bem e o mal é singularmente misteriosa, quando se pensa nisso; porque, ao estabelecê-la, o Todo-Poderoso parece ter querido Ele mesmo fixar limites e pôr um freio ao seu Todo-Poderio. Por essa regra, é necessário, com efeito, que Jesus faça um apelo ao concurso do homem e que este não se recuse em prestá-lo. A fim de reparar a perversidade de uns, Ele reclama as orações e as mortificações de outros; e aí reside verdadeiramente a glória da pobre humanidade: jamais Deus foi logrado”. O autor dessas linhas contou, para estupefação dos homens do nosso tempo, a terrível e longa agonia da virgem de Schiedam e teve o cuidado de antes descrever o pavoroso estado no qual se encontrava a Europa, no tempo em que essa santa consentiu em ser vítima por essa mesma Europa, isto é, no fim do século XIV e início do XV, quando a Cristandade começava a sair do bom caminho.

Na mesma época, um pouco antes, Santa Brigite proveu de maneira diferente às necessidades da Igreja. Ela teve de combater publicamente, ela, simples mulher, a corrupção do século, através da palavra e da ação. Viam-na percorrer todos os países da Europa, exortar os povos à paciência, ditar aos bispos, príncipes e reis regras de vida indicadas pela Sabedoria Divina. Durante trinta anos ela exortou os Papas de Avinhão a romperem suas cadeias e retornarem a Roma. Sua vida parece-nos mais ativa do que passiva; no entanto, a enumeração das suas penitências, diz Vastovius, produziria em nós calafrios e faria crer tratar-se de invenções, se não se souber que o Amor divino eleva a alma acima de si mesma. Ela experimentava dificuldades quase intransponíveis para apresentar-se publicamente e para repreender, como lhe era ordenado, os crimes dos príncipes e dos povos. “Vai a Roma, dissera-lhe Nosso Senhor, e permanece naquela cidade até que tiveres falado com o Papa e com o imperador e comunicado a eles o que te direi”. A Santíssima Virgem anunciara a Brigite o cisma do Ocidente e lhe ordenara transmitisse ao cardeal Albani o que ela lhe ditava: “Informo o cardeal por teu intermédio que, do lado direito da Santa Igreja o fundamento está consideravelmente enfraquecido, de tal sorte que a abóbada superior está fendida em vários lugares e ameaça de tal maneira ruir que muitos dos que passam por baixo perdem a vida. A maior parte das colunas, que deveriam manter-se direitas, já se inclinam até o solo, e o piso tão deteriorado que os cegos caem ao entrar. Às vezes isto acontece também aos que vêem claramente: caem como os cegos, tropeçando

nos buracos do piso. Esse estado de coisas torna a situação da Igreja muito perigosa; e o resultado disso aparecerá num futuro próximo: porque ela (a parte direita) sofrerá um desmoronamento completo se não for reparada. A queda fará tanto barulho que será ouvido através de toda a Cristandade. Mas é preciso compreender estas coisas no sentido espiritual", quer dizer, não relativamente a uma igreja material, mas à Igreja.

Quantas outras vítimas voluntárias poderíamos evocar em todo o curso da história da Igreja! Nos nossos dias, vimos entre várias outras Louise Lateau, cujos êxtases muitos dos nossos leitores puderam contemplar, cujas estigmas puderam tocar. A Irmã Maria Teresa fundou uma congregação cuja única obra, poderíamos dizer, é a Adoração reparadora.

Em face dos monstruosos excessos do mal, a graça de Deus suscitou num certo número de corações fiéis um imenso desejo de compensar, pela dedicação do amor, os ultrajes da impiedade. Assim, outras obras nasceram desse grande pensamento de reparação. Cada uma tem sua finalidade, são tantos os gêneros de crime a expiar! Cada uma tem seu caráter particular, que aparece no lugar e na hora desejados por Deus nesse admirável canteiro das almas onde as flores se multiplicam ao infinito sem jamais serem absolutamente semelhantes. Nosso Senhor permite que todas essas associações reparadoras tomarem parte ativa nos Seus sofrimentos, e todas juntas, unidas à Igreja, diz São Paulo, reproduzem na sua plenitude o mistério da Sua vida e da Sua morte.

Enquanto uns blasfemam, outros rezam e choram: *unus orans et unus maledicens*. Enquanto uns ultrajam Cristo e sua Igreja, outros se imolam ao lado da santa Vítima.

A patrona de todas essas almas expiatórias é a Virgem das Sete Dores. Em 29 de dezembro de 1819, Jesus deu a Catarina Emmerich a intuição das dores de sua Mãe no momento da Paixão e lhe disse: "Se queres ajudar, sofre assim". Após o retorno do seu Filho ao céu, Maria permaneceu na terra até que, sob Sua tutela, a Igreja estivesse fortificada e pudesse selar com o sangue dos mártires a vitória da Cruz.

Depois, e até a última vinda do Senhor, Ela não deixa faltar à Igreja, em nenhuma época, membros que, caminhando em Suas pegadas, tornam-se, por seu sacrifício voluntário, fonte de perdão e de benção para a comunidade cristã. É, pois, essa Mãe de misericórdia quem, segundo as necessidades e os méritos da Igreja, destina aos instrumentos escolhidos a tarefa que deverão cumprir para lutar vitoriosamente contra Satanás e aqueles que se colocam sob suas ordens: *Inimicitias ponam inter te et mulierem et semen tuum et semen Illius*.

CAPÍTULO LXIII

UMA ANTAGONISTA DA FRANCO-MAÇONARIA

Tivemos que preparar nossos leitores para a compreensão e a aceitação do papel assinalado à venerável Ana Catarina Emmerich na atual provação da Igreja, a guerra de morte que a franco-maçonaria faz à Esposa de Cristo. Devem ter visto que, se existe uma ação subterrânea e mesmo infernal que influencia os acontecimentos deste mundo, há uma outra que vem do céu e que tem sobre estes uma eficácia não menos certa. É chegado o momento de dizer com que poder e com que sucesso uma simples monja pôde se colocar em face da seita maçônica e se opor à sua obra. Existem hoje, sem dúvida, os que a sucederam nessa tarefa e a realizam com o mesmo heroísmo; mesmo no seu tempo, quer dizer, na primeira parte do século XIX, ela absolutamente não esteve só, e se nos restringimos particularmente a ela é porque em nenhum outro a oposição à franco-maçonaria pareceu tão direta. Alguns se surpreenderão com o que diremos, assim como aquilo que precedeu pode tê-los surpreendido, mas, segundo o pensamento de um grande cristão, "é chegada a hora de mostrar ousadamente a nosso mundo envenenado por séculos de ceticismo e de materialismo o milagre e a obra visível de Deus cada vez que se apresente a ocasião. Nossa sociedade desceu ao fundo do abismo, ela só se levantará olhando par o alto".

Em suas contemplações, Ana Catarina assistia ao desenvolvimento do mistério da iniqüidade. Tudo o que interessava em todos os lugares à Santa Igreja era-lhe mostrado. Os sofrimentos e as opressões da Cristandade, os perigos que a fé corria e as feridas que lhe eram abertas, a usurpação dos bens eclesiásticos, a profanação das coisas santas eram-lhe colocadas diante dos olhos, e a obrigação de expiação que disso resultava para ela às vezes a absorvia por tanto tempo que os dias e as semanas se passavam sem que ela pudesse retornar, com o uso dos seus sentidos exteriores e das suas faculdades intelectuais, a este mundo visível que a rodeava. À vista desse transbordamento de impiedades e de crimes, ela entrava em luta com as potestades do mal; ela resistia aos ataques de Satanás, particularmente àqueles que tinham por objetivo corromper o espírito e o coração do clero, que, como vimos, foi a principal tarefa designada à Alta Maçonaria. Ela se opunha, por seus sofrimentos e seus sacrifícios, a tudo o que via em perigo na Igreja, na Sua hierarquia, na integridade da fé, da moral, da disciplina. Tudo o que a falsa ciência, tudo o que a conivência com os erros do tempo, com as máximas e projetos do príncipe deste mundo, numa palavra, tudo o que ameaçava a ordem estabelecida por Deus era-lhe manifestado em visões de uma simplicidade maravilhosa, que lhe faziam compreender o que tinha de fazer e de sofrer para levar socorro aos que combatiam, consolação aos que estavam tristes, para expiar e desviar os males que esses atentados atraíam.

"Vi, disse ela um dia, a justiça de Deus pesar sobre o mundo, vi sob a forma de raios o castigo e a desgraça descer sobre muitos; e vi também que enquanto eu estava tomada de piedade e rezava, torrentes de dores se desviavam da massa, penetravam em mim e me atormentavam de mil maneiras". "Sobre essa pobre virgem, diz seu

historiador, Deus pôs todas as tribulações da Igreja, como talvez não tenha jamais acontecido desde a Sua fundação".

O inferno tentou entravar sua missão.

Em março de 1813, o prefeito de Munster, acompanhado do delegado de polícia, foi até junto a ela, em Dulmen. No dia seguinte ele enviou oito médicos e cirurgiões do exército, com ordem de empregarem todos os meios para cicatrizar os estigmas da Paixão que ela carregava no corpo. No dia 22 desse mês foi iniciado um inquérito eclesiástico sobre o estado místico da Venerável, presidido pelo vigário-geral Clément-Auguste, de Droste, que mais tarde se tornou tão célebre como arcebispo de Colônia. Esse inquérito teve continuidade no dia 28 do mesmo mês e no dia 7 de abril. De 10 a 20 de junho, Ana Catarina esteve vigiada por vinte cidadãos de Dulmen, para garantir que o sangue dos estigmas não vinha de nenhuma causa natural. Seis anos mais tarde, em 1819, o governo nomeou uma nova comissão, composta pelo *landrath*, dois médicos e três eclesiásticos. No dia 2 de agosto eles quiseram transportar Ana Catarina para a casa do conselheiro do Tribunal de Contas Mersmann. Ela se recusou. Um alto graduado da franco-maçonaria, Borges, veio para arrancar-lhe o consentimento. Ele não o obteve. Então levaram-na à força; seus historiadores contam longamente as provações que lhe fizeram sofrer e as indignidades às quais se entregaram à vista dela. No dizer de um médico que a viu ao retornar à casa, em 29 de agosto, seus olhos estavam apagados, seu corpo de um frio cadavérico não passava de um esqueleto. Todavia, ela conservara a força de alma e a vivacidade de espírito. Durante todas essas provações os desígnios e os atos dos personagens que trabalhavam contra a Igreja não deixaram de lhe ser mostrados, a fim de que ela os entravasse pelo mérito atribuído aos seus sofrimentos e à energia e santidade das suas orações.

A Igreja estava então, com ainda está hoje, numa das horas mais críticas da sua história. 1820, como vimos, foi o ano em que a Grande Loja entrou em plena atividade, e sabemos qual missão lhe foi dada. "Ora, diz um dos historiadores da nossa heroína, o que Ana Catarina fazia, no estado de contemplação, contra essa conjuração infernal, era uma obra tão real, acompanhada de resultados tão positivos quanto tudo o que se faz na esfera da via habitual. O martírio ao qual se submetia não era somente uma paixão, mas também uma ação, como em Nosso Senhor Jesus Cristo o sacrifício do Calvário foi uma obra, a obra da Redenção. Um dia ela pensou sucumbir ao peso das dores que a crucificavam; seu anjo exortou-a à resignação dizendo-lhe: "Cristo ainda não desceu da cruz. É preciso perseverar com Ele até o fim".

É através da participação nos sofrimentos da divina Paixão que, no momento em que o inferno faz mais esforços para retomar a posse do mundo, as pessoas escolhidas por Deus triunfam sobre ele e obtêm a vitória para a Igreja, depois a paz num crescendo de glória.

Clément Brentano,[75] no seu diário, em data de 2 de janeiro de 1820, após ter descrito uma cena mais pungente do que nunca, recolheu dela estas palavras:

---

[75] Clément Brentano converteu-se ao catolicismo em 1818. Foi, naquela época, um dos que tentaram regenerar a poesia impregnando-a com a fé religiosa da Idade Média. Foi apresentado a Catarina Emmerich pelo Venerável Overberg, que era seu confessor extraordinário, e por monsenhor Saïler, bispo de Ratisbonne.

“Quando estava prestes a sucumbir e gemia, perdendo a coragem, vi em seguida, na sua realidade, os mesmos sofrimentos experimentados por Ele. Assim, fui flagelada, coroada de espinhos, amarrada com cordas, caí por terra, fui jogada e pregada sobre a cruz. Foi pela Igreja que sofri assim”.

“Tive a visão de uma grande igreja.[76] Junto dela vi muitas pessoas distintas, entre as quais vários estranhos, com aventais e colheres de pedreiro. Pareciam enviados para demolir essa igreja. Já começaram a destruí-la por intermédio das escolas que entregam à incredulidade. Toda espécie de pessoas junta-se a eles. Até padres estavam lá, e mesmo religiosos. Isso me causou tal aflição que chamei meu divino Esposo em socorro. Supliquei-Lhe não deixasse o inimigo triunfar desta vez”.

Ana Catarina vê a franco-maçonaria encarniçada em destruir a Igreja da Alemanha. A seita envia para lá estrangeiros que conjuram contra Ela, em parte com as autoridades do país, em parte com as lojas; ela vê o povo escutá-los e segui-los, seduzido pelas idéias que os próprios padres e religiosos difundem.

Nessa mesma visão teve a consolação de ver cinco personagens, três dos quais revestidos de hábitos sacerdotais, virem em auxílio da Igreja de Viena, e o Céu cooperar com a obra deles. “Mas, acrescenta, esta Igreja só será salva depois de uma grande tempestade”. Que quis ela dizer com isso? Quis ela falar da grande crise que porá fim à atual prova da Igreja universal, à grande tentação do naturalismo? Não o saberíamos dizer. Ela viu uma chama saída da terra envolver a igreja de Santo Estêvão, objeto da sua visão, envolvê-la e atingir aqueles que estavam no trabalho de demolição. O historiador da Venerável interpreta esse incêndio como “um grande perigo seguido de um novo esplendor após a tempestade”.

Não sabemos se, naquela data, houve uma conspiração maçônica em Viena; mas eis o que se passava em Francfort-sur-le-Mein. Os príncipes da Alemanha haviam convocado uma assembléia, na qual vários padres católicos se mostraram animados dos mesmos sentimentos dos leigos que a compunham. O mais perigoso, no dizer de Catarina, era o vigário-geral Wessenberg, de Constance. Essa assembléia redigiu dois projetos de organização interna e externa da Igreja. Catarina viu na sala das deliberações o demônio sob a forma de um cão que lhe disse: Esses homens aí fazem verdadeiramente a minha obra. Catarina ofereceu-se como vítima de expiação e Deus lhe impôs uma obra de reparação que durou quinze dias.

A ação da maçonaria junto aos poderosos, para obter, através de leis e regulamentos, a alteração da constituição que Nosso Senhor deu à Igreja, não era sua

---

De 1818 a 1824 ele sempre se manteve perto da extática como seu secretário, anotando, dia a dia, o que ela contava dos seus êxtases. Como repugnasse à Irmã fazer essas declarações, seu guia celeste lhe dizia: “Tu não imaginas quantas almas, lendo estas coisas, ficarão edificadas e praticarão a virtude”. Foi somente, pois, nos últimos anos da sua vida que pôde dar testemunho de tudo aquilo pelo qual Deus a fez passar e de tudo aquilo que Ele lhe dera a conhecer. Suas comunicações sempre lhe foram difíceis, e um ano antes de sua morte, nos primeiros dias de fevereiro de 1823, Nosso Senhor precisou dizer-lhe: “Não te dou essas visões para ti; mas elas te são concedidas para que tu as tornes úteis. Deves comunicá-las como tas dou, a fim de mostrar que estou com a minha Igreja até a consumação dos séculos”.

[76] A Igreja espiritual é freqüentemente apresentada aos extáticos sob a figura de uma igreja material: a basílica de São Pedro como toda a Igreja Católica, um templo particular como uma diocese. Aqui, a descrição feita mostra que se trata da igreja de Santo Estêvão em Viena, capital da Áustria.

única preocupação. Ela não estava menos atenta aos esforços feitos para corromper o espírito da juventude.

"Tive uma visão, diz ela em abril de 1823, sobre a situação deplorável dos jovens estudantes de hoje. Vi-os em Munster, assim como em Bonn, correndo pelas ruas. Tinham nas mãos pacotes de serpentes, cujas cabeças sugavam, e ouvi estas palavras: "São serpentes filosóficas". O racionalismo de Kant, Fichte, Schilling e Hegel envenenava, com efeito, os estudantes das universidades alemãs. Ela acrescentava: "Vi que muitos pastores deixavam-se tomar por idéias perigosas. Oprimida de tristeza, desviei os olhos dessa visão que me enchia de angústias e rezei pelos bispos". Foi da Alemanha que nos veio a falsa ciência em filosofia, teologia, Sagrada Escritura, todo esse modernismo que Pio X solenemente condenou na Encíclica *Pascendi*. A irmã Emmerich vê essa falsa ciência nos seus primórdios apoderar-se do espírito dos estudantes e seduzir mesmo os clérigos. A essa visão, ela reza e sofre para obter que os bispos exerçam aquele dentre seus deveres que é o primeiro e o mais importante, posto que vinculado ao próprio nome *Επισχοποσ*, o da vigilância.

Falando desses inovadores, disse ela um dia: "Vejo-os numa certa relação com a vinda do Anticristo. Porque também eles, com seus conluios, cooperam para a realização do mistério da iniqüidade". Ela via essa cooperação até nos detalhes. Assim, deplorava a arte, que acabamos de assinalar acima, com que a franco-maçonaria sabe inventar palavras sedutoras e os estragos que essas palavras produzem por intermédio da perturbação que jogam nas idéias. "Ela viu, diz seu historiador, todas as coisas secarem e morrerem diante do *progresso das luzes* e sob o regime da *liberdade* e da *tolerância*".

A ação exercida por essa humilde religiosa através de suas orações e expiações não ficava absolutamente circunscrita aos limites do seu próprio país, ela se estendia a toda a Igreja.

No fim do Primeiro Império,[77] a convocação do conciliábulo de Paris e os esforços feitos pelo imperador para tirar do Papa a nomeação dos bispos, tiveram na sua alma e no seu corpo doloroso reflexo.[78] Nos tempos que se seguiram até a sua morte, ela teve participação em todas as provações pelas quais a conjuração anti-cristã fez passar a Santa Igreja. Seu anjo a transportava em espírito para o lugar onde as potestades do mal agiam.

Em julho de 1820 ela contou o que segue: "Foi-me dito que eu precisava fazer uma viagem na qual veria a desgraça do mundo... Não tive (nessa viagem) nenhuma alegria, senão a de ver que a Igreja tem seus fundamentos na rocha... Quando chego a um país, vejo as principais sés de perdição. E desses centros ela se difunde através do país como através de canais envenenados. Sem o auxílio de Deus não se pode contemplar tantas misérias e abominações sem morrer de dor".

---

[77] O Primeiro Império vai de 1804 a 1814, sob Napoleão I. (N. do T.)

[78] Conhecemos o que se passou, dentro do maior segredo, entre Pio VII e os "cardeais negros", em razão do protesto contra a se-dizente "Concordata" de 25 de janeiro de 1813, arrancada do Pontífice isolado e atormentado. Pio VII fez suas as palavras do seu predecessor Pascal II ao imperador da Alemanha e repetiu-as ao imperador dos franceses:

"Reconhecendo nossa consciência nosso mau escrito, nós o confessamos mau, e, com a ajuda do Senhor, desejamos que seja anulado por inteiro, a fim de que não resulte nenhum dano para a Igreja, nem nenhum prejuízo para a nossa alma".

Ela se vê inicialmente na "pátria de São Francisco Xavier" (Navarra). "Vi muitos santos e tranqüilo esse país comparativamente à pátria de Santo Inácio" (Espanha). Na França ela vê Santa Genoveva, São Denis, São Martinho e muitos outros santos que rezam por nós. Mas ela também vê "grandes misérias, uma corrupção espantosa e abominações horríveis na Capital". Parece-lhe que essa cidade está a ponto de desaparecer. "Pareceu-me que minavam debaixo dessa grande cidade, na qual o mal está no ponto máximo. Havia vários demônios ocupados nesse trabalho. Eles já estavam bem adiantados e eu acreditava que com tantos e tão pesados edifícios ela logo iria desabar".[79]

"Em seguida entrei na Espanha. Vi por todo o país uma longa cadeia de sociedades secretas. E meu anjo me disse: "Hoje Babel está aqui".

"Desse desditoso país fui conduzida para uma ilha em que nasceu São Patrício (Irlanda). Aí os católicos estavam muito oprimidos. Eles mantinham relações com o Papa, mas em segredo.

"Da ilha de São Patrício fui conduzida a uma outra grande ilha (Inglaterra). Vi aí a opulência, os vícios, muitas misérias e numerosos navios".

Em seguida ela visita os reinos do Norte, depois o Oriente, passa pela China e pelas Índias, chega à América e retorna à Europa. "Ela fica completamente perturbada com essa viagem, diz seu historiador, como se estivesse prestes a morrer". Nós apenas indicamos as principais etapas dessa viagem mística; devemos nos demorar naquilo que ela diz de Roma: "Cheguei a São Pedro e São Paulo. Vi um mundo tenebroso, cheio de desgraça, mas como que atravessado por raios de luz, pelas inumeráveis graças emanadas dos milhares de santos que aí repousam. Vi São Pedro numa grande tribulação e numa grande angústia. Eu o vi rodeado de traições.[80] Vi

---

[79] Isto foi escrito por Clément Brentano sob ditado da Venerável em 1820. O padre Schmœger, que escreveu sua vida, publicou-a em 1867, em alemão, e a versão francesa apareceu em 1868. Em 1820, os esgotos que sulcam o subsolo de Paris não tinham sido cavados, e em 1867, o metrô não estava construído.

[80] Ele volta freqüentemente aos traidores que rodeiam o Papa e às ciladas que Lhe são armadas: "Vejo tantos traidores! exclamou ela um dia. Eles não podem suportar que se diga: isso vai mal".

Monsenhor Battandier, na correspondência que envia à *Semaine de Montréal* disse faz um ano: "...Limitar-me-ei a reproduzir esta frase de uma longa conversa que um bispo teve há cerca de dez dias com o Soberano Pontífice. — "Vós vos espantais do que me dizeis, mas não sabeis que tal e tal vão habitualmente à casa de Barrère. Esse embaixador consegue pagar muito mais, e largamente, ao meu pessoal para que continue junto a mim na função de espiões". — É exatamente o *periculum ex falsis fratribus*, que São Paulo denunciava como o mais grave dentre os que ele tivera que sobrepujar.

— Mas por que o Papa não afasta esses servidores indignos? Responderei a pergunta com uma anedota que aconteceu com Leão XIII. Um dia uma alto prelado subiu correndo as escadarias da Secretaria de Estado e se precipitou para junto do cardeal. Ele chega quase sem fôlego e, numa frase cortada pela necessidade de respirar, faz saber ao cardeal que ele acaba de ter conhecimento, por acaso, de que três empregados do Vaticano são pagos pelo governo italiano para espionar e relatar ao Quirinal tudo quanto seja importante. Ele esperava agradecimentos, uma explosão de indignação e medidas severas contra esses traidores. O cardeal limitou-se a responder-lhe com calma: "Reconheço, Monsenhor, que vossas informações são perfeitamente exatas, mas não são completas. Não são três, mas quatro, as pessoas que o governo italiano paga por esse serviço. De outra parte, se desaparecessem do Vaticano, seriam substituídas imediatamente por outras, e minha situação ficaria bem mais delicada, porque eu precisaria descobri-las".

que em casos extremos de desgraça ele tem visões e aparições.[81] Vi muitos e piedosos bispos, mas eram fracos e o mau partido tomava a dianteira. Vi a Igreja dos apóstatas ter muito crescimento. Vi as trevas que saíam dela espalharem-se pelos arredores, e vi muita gente desertar da Igreja legítima e se dirigir para a outra dizendo: "Aqui tudo é mais natural".

"Vi de novo as artimanhas do homem-negro. Tive ainda o quadro dos demolidores que atacavam a Igreja de São Pedro. Vi ainda como, no fim, Maria estendia seu manto sobre a Igreja, São Pedro e São Paulo também intervinham, e como os inimigos de Deus foram expulsos".

Essa visão aconteceu, como dissemos, em 1820, quer dizer, sob o reinado de Pio VII, que ocupou o trono pontifício de 1800 a 1823. Os cinco últimos anos do seu pontificado foram aqueles em que Catarina Emmerich foi favorecida com as revelações mais importantes relativamente ao tema de que estamos tratando. Esta é uma das principais. Catarina viu o Papa numa grande tribulação e numa grande angústia. Com efeito, nesse momento Ele estava submetido a provas mais penosas do que tinha sido sua prisão pelos satélites de Napoleão e aquilo que se seguiu. Ela diz que em momentos de grande aflição ele foi favorecido com visões. Vemos na sua história que ela mesma foi freqüentemente conduzida por seu anjo junto a ele, como também junto ao seu sucessor, Leão XII. Ela ia para perto deles, não corporalmente, mas à maneira dos espíritos. Ela lhes transmitia os conselhos e mesmo às vezes as admoestações que seu guia celeste lhe sugeria. Essas comunicações eram produzidas através das iluminações de espírito a espírito, como nos mostra São Tomás relativamente aos anjos que se entretêm entre si, ou através de palavras faladas e ouvidas? Não o sabemos; mas esse desconhecimento não deve fazer-nos rejeitar a possibilidade dessas mensagens. Posto que Deus aceitava as orações e os sofrimentos de sua serva para o bem da Igreja, podemos admitir que Ele a enviasse junto ao Pastor supremo para esclarecê-lo, encorajá-lo e fazer com que evitasse os perigos que seus inimigos e os traidores a seu serviço lhe armavam, sem que, no entanto, ela deixasse seu leito de dores. Ela própria, ao mencionar uma mensagem da qual foi incumbida junto a um eclesiástico, nos dá a idéia do modo como essas comunicações são recebidas. "Precisei ir até Munster, junto ao vigário-geral. Tive de dizer-lhe que ele estragava muitas coisas por causa do seu rigor, que ele devia dispensar mais cuidados ao seu rebanho e permanecer mais em casa para aqueles que tinham necessidade de vê-lo. Foi como se ele tivesse encontrado no seu livro uma passagem que lhe sugerisse esses pensamentos. Ficou desgostoso consigo mesmo". Görres, no

---

[81] Um mês mais tarde, em 10 de agosto de 1820, ela diz: "A aflição do Santo Padre (Pio VII) e da Igreja é tão grande que devemos implorar a Deus noite e dia. O Santo Padre, mergulhado na aflição, trancou-se, para se subtrair a exigências perigosas. Ele está muito fraco e completamente esgotado pela tristeza, pelas preocupações e pela oração. A principal razão para se manter fechado é que não pode mais se fiar senão em poucas pessoas. Mas há perto dele um velho padre muito simples e muito piedoso que é um amigo e, por causa da sua simplicidade, considera-se não valer a pena ser afastado. Ele vê e observa muitas coisas que comunica fielmente ao Santo Padre. Informei-o enquanto ele rezava a propósito dos traidores e das pessoas mal intencionadas existentes entre os altos funcionários que vivem na intimidade do Santo Padre, a fim de que lhe seja dado conhecimento disso".

capítulo XXVI do IV livro da *Mystique Divine*, fala dessa ação à distância, relata numerosos exemplos e procura explicá-la.

Distingue três formas e dá como exemplos do primeiro tipo Rita de Cássia, Pedro Regala, Bennon, bispo de Meissen, Afonso de Balzana, S. Anchieta; do segundo tipo, a Bem-Aventurada Liduína, Catarina Emmerich ; do terceiro tipo, São José de Cupertino, Santo Antônio de Pádua, São Francisco Xavier, Maria de Ágreda, São Lourenço Justiniano, Ângela da Paz.

É permitido acreditar que não seja coisa muito rara vir Nosso Senhor Jesus Cristo desta forma em auxílio do Seu Vigário por vias extraordinárias. O autor da vida de Catarina Emmerich fala nessa ocasião da assistência que Gregório XVI e Pio IX receberam de uma outra mística, Maria Moerl, nos momentos de particular perigo. Mais recentemente, em 1897 e 1898, uma religiosa do Bom Pastor, nascida Condessa de Drotz zu Vischering, teve a missão de informar Leão XIII acerca do desejo que Nosso Senhor tinha de ver o gênero humano consagrado ao seu divino Coração.[82]

———— ♦ ————

[82] Os "Anais do Monte Saint-Michel" também mencionaram uma visão que Leão XIII teria tido enquanto celebrava a Missa, visão da qual ele teria dado conhecimento a monsenhor T., consultor da Congregação dos Bispos e Regulares. Ter-lhe-ia sido assim recomendado prescrever as orações e o exorcismo que são rezados após todas as Missas comuns. Eis como os *Anais* relatam o fato: "A terra apareceu-lhe como que envolta em trevas; e de um abismo entreaberto ele viu sair uma legião de demônios que se espalhavam pelo mundo para destruir as obras da Igreja e atacar a própria Igreja, que ele viu extremamente reduzida. Então São Miguel apareceu e repeliu os maus espíritos para o abismo". Não neste momento, mas mais tarde, quando a multiplicidade e o fervor dessas orações tiverem produzido seu pleno efeito.

CAPÍTULO LXIV

NO QUAL VEMOS NÚBIUS REAPARECER

Várias vezes Ana Catarina fala da Igreja dos apóstatas, que também chama de Igreja das trevas e cujos progressos ela mostra. Ela também assinala nessa Igreja a presença e a influência de certos cúmplices dos principais chefes da franco-maçonaria. Que é essa Igreja? Ela não o precisa, senão pela frase que lemos acima: "Aqui tudo é mais natural", e que parece indicar que com isso ela compreendia os propósitos daqueles que desertam da ordem sobrenatural para se porem mais à vontade no naturalismo.

Ela diz que a fraqueza, que a tolerância do clero permitiu a expansão dessa chaga. Ela diz até estado em Roma, como sempre em espírito, para sustentar o Papa, solicitado por seus assessores a fazer demasiadas concessões. Já nas *Soirées de Saint-Pétersbourg*, J. de Maistre fazia o senador russo dizer ao conde e ao cavalheiro católicos: "Examinai-vos a vós mesmos no silêncio dos vossos preconceitos e sentireis que vosso poder vos escapa". E anotava essa causa: "Não tendes mais essa *consciência da força* que reaparece tão freqüentemente sob a pena de Homero, quando ele nos quer tornar sensível a nobreza da coragem. Não tendes mais heróis, NÃO OUSAIS MAIS NADA E TUDO SE OUSA CONTRA VÓS". Catarina Emmerich ensina nas suas visões que essa "consciência da força" renasceria no clero e isto lhe foi apresentado sob uma bela imagem: "... A grande Senhora (a hierarquia eclesiástica assim figurada) carrega consigo um tabernáculo no qual existe um tesouro, uma coisa santa, que ela conserva, mas que ela não mais conhece bem: esse tesouro é a autoridade espiritual e a força secreta da Igreja que aqueles que estão na casa das núpcias (os católicos) não querem mais, não suportam mais. Mas esse poder crescerá de novo no silêncio. Os que resistirem serão então expulsos da casa, e tudo será renovado".[83] Não assistimos em nossos dias, sob o pontificado de Pio X, ao cumprimento dessa profecia?

"Vi de novo as maquinações do homem-negro".

Catarina Emmerich já tinha falado das maquinações do HOMEM-NEGRO na corte de Roma e várias vezes ainda o assunto será retomado na seqüência da sua história.

Nossos leitores recordam sem dúvida que precisamente nessa época em que a Venerável Catarina Emmerich sofria pela Igreja a franco-maçonaria, que acabava de se reorganizar, tinha estabelecido na própria Roma o que ela chamou de Grande Loja, e que à testa dessa loja de retaguarda ela colocara um personagem, membro de uma das embaixadas acreditadas junto à Santa Sé. Esse personagem tomara por pseudônimo dentro dessa sociedade secreta o nome de NÚBIUS, o homem-nublado, o homem das trevas e do mistério. A missão especial que o Poder Oculto lhe assinara consistia em preparar o assalto final à Santa Sé. Graças à sua situação na diplomacia, à nobreza da sua família, à sua fortuna, à sua sedução natural, ele era recebido em todos os lugares, tinha trânsito livre entre os superiores das Ordens, os prefeitos das

---

[83] Vida pelo Pe. Smœgher, II, p. 360.

Congregações, os cardeais, e graças à sua extrema prudência não levantava a menor suspeita em nenhum lugar.

Era ele que Ana Catarina seguia com os olhos de Vidente e qualificava de homem-negro, assim como ele se dizia homem-nublado? Não é temerário crer nisto.

Durante a oitava da festa de São João Evangelista daquele ano de 1820 em que a Grande Loja estava em plena atividade, a Venerável teve visões que diziam respeito à Igreja e aos assaltos que lhe iam ser desferidos. "Vi, diz ela, a basílica de São Pedro (figurando, como já observamos, a Igreja romana, a Igreja católica) e uma enorme quantidade de homens que trabalhavam para derrubá-la". Sabemos que no início do século XIII Inocente III teve uma visão simbólica muito parecida. As paredes da basílica de Latrão, mãe e mestra de todas as igrejas, pareceram-lhe entreabrir-se. São Domingos e São Francisco vieram sustentá-las. Catarina Emmerich dirá mais tarde que viu também ao lado dos demolidores outros homens ocupados em fazer reparos na Igreja de São Pedro. Aqui ela acrescenta: "Fileiras de trabalhadores ocupados no trabalho de destruição estendiam-se *através do mundo inteiro*, e fiquei espantada com a coordenação com que tudo era feito. Os demolidores destacavam grandes pedaços do edifício. Esses sectários são numerosos e entre eles há apóstatas. Realizando o trabalho de destruição eles pareciam seguir certas prescrições e certas regras. Usavam aventais brancos, debruados com uma faixa azul e guarnecido de bolsos. Tinham colheres de pedreiro fixadas na cintura. Ademais, têm vestimentas de toda espécie. Entre eles existem personagens distintos dos outros, grandes e corpulentos,[84] com uniformes e cruzes, os quais, contudo, não trabalhavam diretamente, mas marcavam nas paredes da igreja, com a colher de pedreiro, o que era preciso demolir. Vi com horror que havia também entre eles padres católicos. (Ela diz num outro dia que ela captava dos lábios desses eclesiásticos as solenes palavras maçônicas: luz, ciência, justiça, amor). Freqüentemente, quando os demolidores não sabiam bem como agir, eles se aproximavam, para se instruírem a respeito, de um dos seus, que tinha um grande livro no qual estava traçado todo o plano a seguir para as destruições, e este marcava exatamente, com a colher de pedreiro, o ponto que devia ser atacado; e logo um pedaço caía sob as marteladas. A operação prosseguia tranqüilamente seu ritmo e caminhava infalivelmente, mas sem despertar a atenção e sem ruído, tendo os demolidores os olhos à espreita".[85]

O leitor não deve perder de vista que isto foi escrito por Clément Brentano em 1820, sob ditado de Catarina Emmerich. Podia-se melhor descrever o que ninguém então suspeitava? Era possível ver e dizer de melhor maneira por quem e como seria conduzida a guerra contra a Igreja? Vemos hoje que um plano de destruição foi traçado com antecedência com uma sabedoria diabólica. Vemos que os operários encarregados da execução encontram-se divididos por todos os países do mundo, que os papéis foram distribuídos e que cada qual recebeu o significado da tarefa que lhe

---

[84] Essa aparência exterior lhes era dada, aos olhos da Vidente, para, sem dúvida, indicar o lugar mais ou menos importante que ocupavam na seita.

[85] No prefácio das suas Obras Pastorais, monsenhor Isoard escrevia em 1884: "Os homens que trabalham para apagar todo o vestígio de religião na França conhecem muito nitidamente, muito exatamente, o que querem fazer. Nunca perdem de vista o objetivo execrável que se determinaram alcançar. Eles têm um plano de campanha. As grandes linhas desse plano estão traçadas definitivamente há mais de cem anos. As operações particulares estão fixadas há mais de quarenta anos. Os menores detalhes de execução estão definidos há quatorze anos.

incumbe. Eles cavam no lugar que lhes foi assinalado; param quando as circunstâncias o exigem, para retomar em seguida o trabalho com um novo ardor. Em todos os países católicos o assalto é conduzido simultaneamente ou sucessivamente: contra a situação que o clero secular ocupava no Estado e nas diversas administrações; contra os bens que lhe permitiam viver, render a Deus o culto que Lhe é devido, ensinar a juventude e aliviar a miséria; contra as ordens religiosas e as congregações. Relativamente à França, o plano geral da guerra que devia ser desfechada contra os católicos foi apresentado na Câmara dos Deputados no dia 31 de maio de 1883, por Paul Bert. Na execução desse plano, Ferry, Waldeck, Combes, Loubet, Briand, Clemenceau não tiveram nenhuma política pessoal. Eles executaram aquilo cujas linhas o chefe misterioso traçara, indo consultar seus subalternos, os depositários do pensamento, quando ficavam hesitantes ou embaraçados. Após os doze primeiros anos desse trabalho, o episcopado da França pôde dizer: "O governo da República tem sido a personificação de um *programa* de oposição absoluta à fé católica". Desde então, cada ano tem abatido uma nova parte do edifício erguido por nossos pais, a Igreja da França. Catarina Emmerich via os franco-maçons e seus ajudantes distribuídos em diversas equipes, cada qual com uma tarefa determinada. Foi o que vimos. Gambetta foi encarregado da declaração de guerra. Paul Bert levou a picareta ao ensino, Naquet à constituição da família, Jules Ferry ao culto, Thévenet, Constans, Floquet etc. expulsaram o clero de todas as suas posições; Waldeck-Rousseau atacou as congregações religiosas; Combes, Clemenceau, Briand, conceberam e buscaram a separação entre a Igreja e o Estado.

Para os trabalhos de demolição no interior da Igreja há também engenheiros que podemos facilmente nomear: um ataca a Sagrada Escritura, outro a teologia, um terceiro a filosofia, este a História, aquele o culto. Sobretudo, há associações internacionais encarregadas, como vimos, de disseminar no público, e particularmente na juventude, o espírito refratário ao dogma.

Ana Catarina, que assim via os franco-maçons e seus cúmplices ou seus "inocentes úteis" se assanharem em demolir a Igreja, de dentro e de fora, também via o clero e os bons fiéis se esforçarem para entravar o trabalho deles e mesmo reerguer as ruínas já feitas, mas, diz ela, "com pouco zelo". Os defensores pareciam-lhe não ter nem confiança, nem ardor, nem método. Eles trabalhavam como se ignorassem absolutamente do que se tratava e quanto era grave a situação. "Era deplorável".[86]

Catarina Emmerich não foi a única pessoa a quem Deus fez ver as tramóias da franco-maçonaria, para com isso engajá-la no combate à seita através das suas orações e sacrifícios. Havia em Roma uma pobre mulher, mãe de família, de nome Ana Maria Taigi, cuja vida foi publicada pelo Pe. Calixte, trinitário, vida esta declarada "conforme às peças do processo apostólico". Em 27 de julho de 1909, realizou-se, na casa do cardeal Ferrata, a reunião preparatória para a sua beatificação. Seu historiador conta: "Ela via sobrenaturalmente as reuniões dos franco-maçons nas diversas partes do mundo; assistia aos seus conciliábulos, tinha conhecimento dos

---

[86] Em 4 de dezembro: "Ela teve uma visão e uma advertência relativamente a vários padres que, não obstante isso dependesse unicamente deles, não davam o que teriam podido dar com a ajuda de Deus; ela também viu que eles teriam de prestar contas de todo o amor, todas as consolações, todas as exortações, todas as instruções relativas aos deveres da religião que eles não nos dão, de todas as bênçãos que não distribuem embora a força da mão de Jesus esteja com eles, de tudo o que deixam de fazer à semelhança de Jesus (II p. 358).

seus planos; e, em razão dessa visão, ela dirigia a Deus fervorosas orações e generosas imolações. Nosso Senhor dissera-lhe: “Eu te escolhi para colocar-te no nível dos mártires... Tua vida será um longo martírio para a sustentação da fé”. Ela aceitara. E em mais de uma ocasião Deus frustrou os projetos da seita em consideração aos seus méritos. Assim, nos primeiros dias do pontificado de Gregório XVI (1831), uma revolta teve seu ponto de partida em Bolonha e estendeu-se gradativamente até às portas de Roma. A intenção era colocar a Cidade Eterna em revolução. Testemunhas ouvidas no processo de beatificação afirmaram que, desde os primeiros dias dessa revolta, Ana Maria predisse que ela fracassaria. Ela tivera a garantia de que seu sacrifício fora aceito.

O principal esforço dos demolidores foi sempre dirigido contra a cidadela da catolicidade. Aí vimos que o Poder Oculto estabeleceu a Grande Loja e, na direção dela, o homem que se fazia chamar pelos seus cúmplices de Núbius. Por seu turno, Catarina seguia as intrigas feitas em Roma por um homem poderoso. “Vi, disse ela um dia, o Papa em oração. Ele estava rodeado de falsos amigos. Vi sobretudo um homem-negro trabalhar para a ruína da Igreja com grande atividade. Ele diligenciava em cativar os cardeais através de adulações hipócritas”. Nossos leitores lembram sem dúvida que, na carta ao prussiano Klauss, Núbius dizia: “Algumas vezes passo uma hora da manhã na casa do velho cardeal Somaglia, o Secretário de Estado; cavalgo, seja com o duque de Laval, seja com o príncipe Cariati, ocasião em que freqüentemente encontro o cardeal Bernetti. Daí corro para a casa do cardeal Palotta; depois visito em suas células o Procurador-Geral da Inquisição, o dominicano Jabalot, o teatino Ventura ou o franciscano Orioli. À noite, começo nas casas de outros essa vida tão bem ocupada aos olhos do mundo”. Nessas visitas, nessas conversas, ele jamais perdia de vista a missão que recebera, o objetivo que queria alcançar e a respeito do qual dizia a um dos seus: “Sobrecarregaram nossos ombros com um pesado fardo, caro Volpe”.

Em 15 de novembro de 1819 a Venerável disse: “Precisei ir a Roma (em espírito, como sempre). Vi o Papa fazer demasiadas concessões em importantes negócios tratados com os heterodoxos. Existe em Roma um homem-negro que sabe obter muitas coisas mediante adulações e promessas. Ele se esconde atrás dos cardeais; e o Papa, no desejo de obter uma certa coisa, consentiu numa outra coisa que será explorada de maneira nociva. Vi isto sob a forma de conferências e troca de escritos. Vi em seguida o homem-negro vangloriar-se cheio de jactância diante do seu partido. “Eu o venci, disse ele, nós logo veremos o que acontecerá à Pedra sobre a qual está construída a Igreja”. Mas ele se vangloriou cedo demais. Precisei encontrar-me com o Papa. Ele estava de joelhos e rezava. Eu lhe disse (da maneira como ela mesma já explicou) aquilo que eu estava encarregada de lhe fazer chegar ao conhecimento. E o vi subitamente levantar-se e tocar a campainha. Mandou chamar um cardeal que encarregou de retirar a concessão que fizera. O cardeal, ouvindo isso, ficou completamente perturbado e perguntou ao Papa de onde lhe vinha aquele pensamento. O Papa respondeu que nada tinha a explicar sobre isso. “Basta, disse ele, deve ser assim”. O outro saiu inteiramente estupefato”.

“Vi muitas pessoas piedosas muito aflitas com as intrigas do homem-negro. Ele tinha o aspecto de um judeu”.

Em outro lugar ela fala ainda desse mesmo personagem: “O pequeno homem-negro, que vejo tão freqüentemente, *tem muitas pessoas que faz trabalhar para ele*

sem que elas conheçam o objetivo. Há também cúmplices seus na nova Igreja das trevas", quer dizer, se não me engano, naquilo que se chamou catolicismo liberal, depois democracia cristã, naturalismo e, enfim, modernismo.

Num outro dia, falando ainda do homem-negro, a Venerável diz: "Eu o vi realizar muitas subtrações e falsificações". Ela o via, acrescenta seu historiador, fazer desaparecer certas peças, adulterar outras, conseguir a destituição dos homens que o incomodavam na realização dos seus intentos. Ela via conselheiros do Papa ganhos pelas seduções favorecerem os conluios da seita. Eles diligenciavam em subtrair do conhecimento do Pontífice as providências adotadas num sentido hostil à Igreja, por exemplo, aquelas destinadas a unir as crenças católica, luterana e grega numa mesma Igreja, da qual o Papa, destituído de todo poder secular, seria apenas o chefe aparente. Nossos leitores sabem que hoje a seita dilatou suas idéias. O que ela quer agora não é somente a fusão das confissões cristãs, é a destruição de todas as barreiras, dogmáticas e outras, para permitir a todos os homens se unirem num catolicismo que, para conter todos, não professaria mais nada, não mais exigiria a adesão a nenhum dogma. "De um lugar central e tenebroso, dizia ainda Ana Catarina (sem dúvida o lugar que o homem-negro presidia, ou no qual a Grande Loja deliberava), vejo partirem mensageiros que levam comunicações a diversos lugares. (Vimos na correspondência de um dos membros da Grande Loja que ela mantinha, através dos judeus que a ela pertenciam, relações com todos os países). Vejo essas comunicações saírem da boca dos emissários como um vapor negro que cai no peito dos ouvintes e acende neles o ódio e a raiva".

Ela observava um dia, nestes termos, os efeitos dessa conspiração e dessa propaganda até no clero: "Vejo que nesse lugar (?) mina-se e sufoca-se a religião tão habilmente que resta apenas uma centena de padres que não estão seduzidos (pelas idéias modernas que os judeus declararam ter interesse em propagar). Não posso dizer como isso é feito, mas vejo a neblina e as trevas se espalharem cada vez mais". Ela acrescenta: "Espero poder ajudar os que resistem a essas seduções tomando sobre mim as dores da Paixão de Cristo". E quando ela disse isso, viu-se seu corpo se enrijecer e tomar a posição de uma pessoa estendida sobre a cruz. Um suor frio correu de sua fronte, sua língua se entorpeceu. Isso durou dez minutos e repetiu-se três vezes no mesmo dia. No fim, ela se abateu e ficou diversos dias num estado de aniquilamento do qual não saiu senão através da benção do seu confessor. "Continue, disse-lhe Jesus numa circunstância semelhante, continue a rezar e a sofrer pela Igreja. Ela arrebatará a vitória apesar das suas momentâneas humilhações, porque Ela não é uma instituição humana".

Ana Catarina terminara o relato da sua grande visão de 1820 com palavras de consolação. Depois de ter dito: "Tenho sob os olhos o quadro dos demolidores da Igreja de Pedro e das tramóias do homem-negro", ela acrescentara: "Vejo como no fim Maria estende seu manto sobre a Igreja e como os inimigos de Deus são expulsos". Acabamos de ouvir Nosso Senhor pôr-lhe no coração a mesma esperança.

———— ♦ ————

CAPÍTULO LXV

PREVISÕES DA ANTAGONISTA DOS FRANCO-MAÇONS

Não pretendemos apresentar as revelações da Venerável Ana Catarina Emmerich como artigos de fé; mas nenhum dos nossos leitores deixará de ter ficado espantado com a relação que elas têm, mesmo nos seus detalhes, com os fatos conhecidos mais tarde; o que autoriza se conceda certa confiança às predições que ela fez dos acontecimentos que ainda estão por vir.[87] "Eu vejo, disse ela um dia, as trevas se adensarem. Ameaça uma grande tempestade, o céu está coberto de um modo apavorante. Há poucas pessoas que rezam e a aflição dos bons é grande.[88] Vejo por toda a parte as comunidades católicas oprimidas, humilhadas, arruinadas e privadas de liberdade. Vejo muitas igrejas fechadas. Vejo grandes misérias se produzirem em todos os lugares. Vejo guerras e sangue derramado".

Num outro dia: "Vi o povo feroz, ignorante, intervir com violência. Mas aquilo não durou". Uma outra vez ainda, na festa de São Miguel, em 1820: "Tive a visão de uma imensa batalha. Toda a planície estava coberta por uma espessa fumaça. Vinhas estavam cheias de soldados, de onde atiravam continuamente. Era um lugar baixo:

---

[87] Nas *Soirées de Saint-Pétersbourg*, o senador, após ter lembrado os pressentimentos expressos pelos pagãos nos anos que precederam a vinda do divino Salvador, diz:

"O materialismo, que mancha a filosofia do nosso século, impede-a de ver que a doutrina dos espíritos, e em particular aquela do espírito profético, é inteiramente plausível por ela mesma, e, ademais, a que é melhor fundamentada pela tradição mais universal e mais imperativa que jamais houve. Pensais que os antigos tenham todos estado de acordo em crer que o poder de adivinhação ou profético era um apanágio inato ao homem? (Em nota, numerosas referências). Isto não é possível. Jamais um ser, e com mais forte razão, jamais uma classe inteira de seres poderia manifestar geralmente e invariavelmente uma inclinação contrária à sua natureza. Ora, como a eterna doença do homem consiste em penetrar o futuro, é uma prova certa de que ele tem direitos sobre esse futuro e que ele possui meios de alcançá-lo, pelo menos em certas circunstâncias...

"Se me perguntardes o que é esse "espírito profético", responderei que "jamais houve no mundo grandes acontecimentos que não tenham sido preditos de alguma maneira". Maquiavel é o primeiro homem que conheço como tendo antecipado essa proposição; mas se refletirdes nisso, vós mesmos descobrireis que a afirmação desse *piedoso* escritor está justificada por toda a História. Tendes um último exemplo na Revolução Francesa, predita em todos os aspectos e da maneira mais incontestável... Por que não quereis que seja da mesma maneira hoje? O universo está à espera. Como desprezaríamos essa notável persuasão? E com que direito condenaríeis os homens que, advertidos por esses sinais divinos, entregam-se a sábias pesquisas?... Posto que, de todos os lados, uma multidão de seres exclama em conjunto: VINDE, SENHOR, VINDE! por que censuraríeis os homens que se lançam nesse futuro misterioso e se glorificam de adivinhá-lo...?"

Acima das *previsões* dos homens superiores pelo gênio, há as *profecias* dos santos, dos personagens que Deus favorece com comunicações sobrenaturais.

[88] Em outro lugar: "Meu divino Esposo mostra-me as tristezas do futuro. Vejo quão poucas pessoas rezam e sofrem para desviar os males que estão por vir".

viam-se as grandes cidades ao longe. Vi São Miguel descer com numerosa tropa de anjos e separar os combatentes. Mas isso só acontecerá quando tudo estiver perdido. Um chefe invocará São Miguel e então a vitória descerá". Falando em outro lugar dessa batalha que parece, no seu pensamento, dever pôr fim ao atual estado de coisas, ela também diz: "O arcanjo São Miguel virá em socorro do generalíssimo que o invocará e lhe anunciará a vitória". Já em 30 de dezembro de 1809 ela havia dito ver São Miguel "pairando sobre a igreja de São Pedro, brilhante de luz, usando uma vestimenta vermelho-sangue e segurando na mão um grande estandarte de guerra. Verdes e azuis combatiam contra os brancos, que pareciam sofrer a derrota. Todos ignoravam por que combatiam. Entretanto, o anjo desceu, foi aos brancos e eu o vi várias vezes à frente de todas as suas coortes. Então eles ficaram animados de uma coragem maravilhosa, sem que soubessem de onde isso lhes vinha. O anjo multiplicava seus golpes entre os inimigos, as tropas inimigas passavam para o lado dos brancos, outros fugiam para todos os lados". O historiador de Ana Catarina acrescenta: "Ela ignorava a época dessa batalha e dessa intervenção celeste".

Assim como a Venerável Ana Catarina Emmerich previu, nós vimos as comunidades oprimidas. Assistimos aos inventários das nossas igrejas e aos processos contra os padres que nelas celebravam a Missa. Elas não estão fechadas, mas, legalmente, elas não mais nos pertencem e o usurpador espera a hora propícia para nos expulsar. As greves, que se multiplicam por toda a parte, pressagiam uma insurreição geral. E a guerra está sempre ameaçante, devendo colocar em conflito todos os povos e em cada nação a população inteira estará em armas.

Catarina Emmerich anuncia que quando tudo parecer perdido, o arcanjo São Miguel, invocado por um dos generalíssimos, virá dar-lhe a vitória. Seria o início das misericórdias divinas.

Em 1820, no final de outubro, o estado da Igreja foi novamente mostrado à Venerável sob a imagem da basílica de São Pedro. Ela viu as sociedades secretas estenderem suas ramificações por toda a terra, e desfechar contra a Igreja uma guerra de extermínio que lhe pareceu ter relação com o império que o Anticristo estabelecerá. Essa visão reproduz muitos aspectos semelhantes aos que se encontram no Apocalipse de São João. A pobre camponesa não conhecia, naturalmente, quase nada da Sagrada Escritura, nem de qualquer outro livro. Nesse êxtase ela viu, como já lhe havia sido mostrado, a intervenção da Santíssima Virgem. A Igreja pareceu-lhe inteiramente restaurada. Viu os trabalhos da seita destruídos, e seus aventais e todos os seus instrumentos queimados pela mão do carrasco num lugar marcado pela infâmia.

Três meses antes ela havia dito: "Tive de novo a visão da igreja de São Pedro minada segundo um plano formado pela seita secreta. Mas também vi o socorro chegar no momento da mais extrema aflição".

Várias vezes suas visões terminaram com a aparição da Santíssima Virgem que descia do Céu e cobria com o manto da Sua proteção a Igreja Católica figurada pela basílica de São Pedro. A principal dessas visões é assim relatada: "Ana Catarina viu a igreja demolida pelos franco-maçons e ao mesmo tempo reerguida pelo clero e pelos bons fiéis, mas, diz ela, com pouco zelo". A parte exterior da igreja já estava totalmente derrubada. Só restava de pé o santuário com o Santíssimo Sacramento. "Eu estava acabrunhada de tristeza e me perguntava onde estava aquele homem que eu tinha visto outrora permanecer sobre a Igreja para defendê-La, usando uma vestimenta vermelha e segurando uma bandeira branca. Então vi uma mulher cheia de

majestade avançar pela grande praça que fica diante da igreja. Ela tinha seu amplo manto erguido sobre os dois braços, e ela se levantou suavemente no ar. Ela se postou sobre a cúpula e estendeu sobre a igreja, em toda a sua extensão, o manto que parecia faiscar de ouro. Os demônios acabavam de tomar um instante de repouso; mas quando quiseram voltar ao trabalho foi-lhes absolutamente impossível aproximar-se do espaço coberto pelo manto virginal".

"Entretanto, os bons puseram-se a trabalhar com uma atividade incrível. Vieram homens muito velhos, impotentes, esquecidos, depois muitos jovens fortes e vigorosos, mulheres e crianças, eclesiásticos e seculares; e o edifício foi logo inteiramente restaurado. Vi tudo se renovar e uma igreja que se erguia até o céu. Quando tive esse espetáculo, não via mais o Papa atual, mas um dos seus sucessores, doce e severo ao mesmo tempo. Ele sabia unir a si os bons padres e afastar para longe dele os maus".

"Quanto à época em que isso deve acontecer, não posso indicá-la".

Na festa da Santíssima Trindade desse mesmo ano, ela dissera: "Vi uma imagem desse tempo *distante* que não posso descrever. Mas vi sobre toda a terra a noite se retirar e a luz e o amor (a fé e a caridade) retomarem uma nova vida. Tive nessa ocasião visões de toda espécie sobre o renascimento das Ordens religiosas. O tempo do Anticristo não está tão próximo como alguns crêem. Haverá ainda precursores, e vi em duas cidades doutores de escola dos quais poderiam sair esses precursores". De outra parte, a franco-maçonaria não será completamente aniquilada. Ouvimos Ana Catarina dizer que ela prepara a vinda do Anticristo, aqui ela diz: "Os homens de avental branco continuaram a trabalhar, mas sem ruído e com grande circunspecção. Eles estão temerosos e têm sempre o olho à espreita". Após o triunfa da Igreja, após a renovação de todas as coisas em Cristo, eles continuarão, pois, a existir, a recrutar, como fizeram após a Concordata e a Restauração, mas em meio a um mistério maior e mais impenetrável do que nunca, até à proximidade do dia em que o homem de pecado virá coroar a sua obra, para ser em seguida ele próprio vencido pelo Cristo triunfante em meio aos Seus eleitos. A próxima vitória não será, pois, a última. E a glória dessa que aguardamos, o divino Salvador quis deixá-la à Sua Mãe, segundo o que dissera no primeiro dia: *Ipsa conteret caput tuum.*

Faz mais de vinte e quatro anos que Catarina Emmerich é favorecida com essas visões sobre o futuro, que ela descreve ao sair dos êxtases e que Clément Brentano consigna nas suas notas sob ditado: quais eram nisso os desígnios de Deus? Não se vê outro que não o de sustentar a coragem nos dias da grande provação através da garantia dada de que ela terminaria subitamente quando tudo parecesse perdido, pela intervenção da Imaculada.

Outras pessoas receberam e nos deram as mesmas esperanças. Em 1830 uma Filha da Caridade, Catarina Labouré, recebeu da Santíssima Virgem a confirmação de uma sucessão de acontecimentos futuros, uns felizes, outros infelizes.

Numa primeira aparição, em 18 de julho de 1830, a Virgem Imaculada disse que o mundo estava ameaçado de desordens gerais. Na segunda, em 27 de novembro do mesmo ano, Ela mostrou a causa: o mundo se recolocara sob o império de Satanás. Mas ao mesmo tempo Ela mostrou que intercedia por ele e o apresentava a Deus sob a forma de um globo, com suas mãos virginais. Sua oração foi ouvida, porque abundantes graças se derramaram das Suas mãos sobre o globo e particularmente

sobre um ponto, a França.[89] Mas à Sua oração é preciso que se junte a nossa e por isso foi mandado à Irmã Labouré fazer cunhar e espalhar por toda a parte uma medalha com esta inscrição: "Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a Vós!"

É, pois, para Maria que devemos dirigir o olhar e fazer subir nossas orações. "Se Deus salva o mundo e Ele o salvará, disse Dom Guéranger,[90] a salvação virá pela Mãe de Deus. Por Ela, o Senhor extirpou os espinheiros e os espinhos da gentilidade; por Ela triunfou Ele sucessivamente sobre todas as heresias; hoje, porque o mal está no seu cúmulo, porque todas as verdades, todos os deveres, todos os direitos estão ameaçados de naufrágio universal, tudo isto é razão para crer que Deus e Sua Igreja não triunfarão uma última vez? É preciso confessar, existe matéria para uma grande e solene vitória, e é por isso que nos parece que Nosso Senhor reservou toda a honra dessa vitória à Maria; Deus não recua, como os homens, diante dos obstáculos. — Quando chegarem os tempos, a serena e pacífica Estrela dos Mares, Maria, levantar-se-á sobre esse mar proceloso das tempestades políticas e as ondas tumultuosas, espantadas por refletirem Seu suave brilho, tornar-se-ão calmas e submissas. Então não haverá senão uma Voz de reconhecimento que subirá Àquela que, uma vez mais, terá aparecido como o sinal da paz após um novo dilúvio. Maria é a chave do futuro, como Ela é a revelação do passado".

Monsenhor Pie, quase no mesmo tempo, dizia na igreja Notre-Dame de Poitiers:

"A própria magnitude dos nossos males é a medida das graças que nos estão reservadas. Maria Imaculada *foi colocada como um arco luminoso na nuvem, e esse arco é um sinal da reconciliação, da aliança entre Deus e a terra.* Por negras que sejam as nuvens acumuladas sobre nossas cabeças, e que são como que uma cortina que nos impedem de perceber qualquer claridade no céu, não me inquieto porque Deus declarou que à vista do arco Ele se lembraria da Sua promessa e que nenhuma inundação universal destruiria mais a terra... *Está no destino de Maria ser uma aurora divina*".

Muito antes destes e de tantos outros que falaram no mesmo sentido, a própria Maria dissera a Santa Brigite: "Sou a Virgem da qual nasceu o Filho de Deus. Permaneci aos pés da cruz no momento em que Ele triunfou do inferno e abriu o céu derramando o sangue do Seu divino Coração... Pairo hoje sobre este mundo e intercedo junto a meu Filho. Sou semelhante ao arco-íris que parece descer das nuvens à terra para tocá-la nas suas duas extremidades; porque Eu me inclino para os homens e minha oração atinge os bons e os maus. Eu me inclino em direção aos bons para mantê-los na fidelidade aos ensinamentos de sua Mãe, e me inclino em direção

---

[89] Após o relato da grande batalha em que os bons triunfam pelo socorro de São Miguel, Ana Catarina acrescenta: "Quando o anjo desceu do alto da igreja vi, acima dele, no céu, uma grande cruz luminosa à qual o Salvador estava preso; de Suas chagas saíam feixes de raios resplandecentes que se espalharam pelo mundo. Os raios das mãos, do lado e dos pés tinham a cor do arco-íris; eles se dividiam em linhas muito tênues, algumas vezes eles se reuniam e atingiam assim as aldeias, as cidades, casas sobre toda a superfície do globo. Os raios da chaga do lado se derramavam sobre a igreja colocada abaixo, como uma corrente muito abundante e larga. A igreja estava toda iluminada, e vi a maior parte das almas entrar no Senhor através dessa corrente de raios".

"Vi também na superfície do céu um coração resplandecente do qual saía um caminho de raios que se espalhavam sobre a Igreja e sobre muitos países. Foi-me dito que esse coração era Maria".

[90] Prefácio para a obra do Pe. Poiré, *La Triple Couronne de la Mère de Dieu*.

aos maus para tirá-los de sua malícia e preservá-los de uma perversidade maior... O homem que põe suas preocupações em fortalecer os fundamentos da Igreja pode contar na sua fraqueza com a ajuda da Rainha do Céu".[91]

No momento atual todos os verdadeiros Filhos de Maria têm os olhares voltados para a Virgem Imaculada. É com Ela que contam para fortalecer os fundamentos da Igreja e dissipar a pestilência que as lojas maçônicas e os antros de Cabala espalharam por toda a face da terra. Todas as almas que permaneceram verdadeiramente cristãs estão atualmente voltadas com invencível esperança para a Advogada do gênero humano, a todo-poderosa medianeira entre o divino Redentor e os remidos. Todos sentem que, sozinha, Maria pode frustrar as gigantescas conspirações formadas contra Cristo e contra a Sua Igreja. Apressemos, mediante orações mais fervorosas do que nunca, a hora dessa libertação.

———— ♦ ————

[91] Revelações, IV, 48 e III, 10.

SOLUÇÃO DO ANTAGONISMO ENTRE AS DUAS CIVILIZAÇÕES

CAPÍTULO LXVI

I. — PREMONIÇÕES DIVINAS

Alguns terão ficado surpreendidos em nos verem, nestes tempos de ceticismo, propor-lhes à atenção as palavras de uma Vidente. Não devem perder de vista que a luta engajada entre a civilização cristã e a civilização pagã não deve ser encarada somente nos fatos que a História registra e dos quais ela é testemunha, mas nas suas causas. Essas causas, nós a mostramos na própria origem do mundo, no dom da vida sobrenatural que Deus quis fazer à humanidade, assim como ao mundo angélico, e na oposição que os homens, assim como os demônios, escutando seu orgulho e dando ouvidos às insinuações de Lúcifer, fazem às propostas da Bondade divina. A luta que se vê sobre a terra não é senão a resultante daquela deflagrada nas regiões misteriosas entre Satanás e seus sequazes, os cabalistas e os franco-maçons, etc., de um lado, e de outro lado os santos e sua Rainha, a Mãe da divina graça.

Já tivemos de abrir aos olhos dos nossos leitores o capitulo doze do Apocalipse de São João. Devemos voltar a ele.

Nesse capítulo, dissemos, São João nos transporta simultaneamente a dois campos de batalha, um na face da terra, outro nas profundezas dos céus. Ele desenrola aos nossos olhos a dupla luta que o Dragão iniciou no alto contra Miguel e seus anjos e aquela que sustenta aqui contra a Mulher, Mãe dAquele ao Qual pertence o governar todas as nações. A cena celeste e a cena terrestre parecem mesmo confundir-se, e o que lhes imprime o traço de união é a Mulher, que aparece numa e noutra. No céu, como na terra, o Dragão se mantém diante dEla, espiando a hora do nascimento do Filho, o Filho do céu, Nosso Senhor Jesus Cristo, o filho da terra, a raça dos que se opõem cá embaixo à Satanás sob a bandeira de Maria.

Vários aspectos dessa visão podem ser aplicados à Santíssima Virgem, mas para poder ter em consideração todos os aspectos da imagem simbólica que é apresentada aqui, é preciso aplicá-los à *Igreja:* a Igreja, que começou no Paraíso terrestre, se desenvolveu através dos períodos patriarcal e mosaico e alcançou sua forma definitiva no catolicismo, é a *humanidade* (1° aspecto) *elevada* por Deus a uma condição superior, ao estado sobrenatural (2° aspecto). Ela nos é representada como dando à luz o Rei ao qual o Salmo II, 9, promete a vitória sobre as nações, quer dizer, Cristo. Com efeito, a humanidade elevada e santificada, deve *produzir o Cristo integral* (3° aspecto): primeiro o próprio Jesus Cristo, que é verdadeiramente *Filho do homem* e, como tal, pertence à *raça da mulher*; depois todos os eleitos, membros do corpo místico do qual Ele é a cabeça, com os quais Ele e sua Mãe devem esmagar a cabeça da serpente e reinar como vencedores sobre a humanidade rebelde a Deus.[92]

---

[92] A Santa Bíblia, versão francesa segundo os textos originais, T. VIII, *Apocalipse*. Pe. Peffard, S.J.

Após ter mostrado a franco-maçonaria na sua organização, nas suas obras, nas suas aspirações, nos seus mestres e no seu chefe, devíamos, pois, transportar o pensamento dos nossos leitores para as regiões místicas em que as almas privilegiadas entram em luta direta com Satanás e os seus para se oporem às obras deles e destruir-lhes os efeitos.

A conclusão desse estudo foi o anúncio discreto de acontecimentos formidáveis que terminariam com o triunfo dos Filhos de Deus e a renovação da ordem cristã perturbada desde a Renascença. Se meditarmos na duração do período que devem conter e na grandeza do objeto em litígio, não nos espantaremos, compreenderemos bem que esses acontecimentos devem estar inteiramente fora da ordem ordinária das coisas, e que eles sejam daqueles com os quais Deus julgou dever nos prevenir.

Freqüentemente Ele tem tido a bondade de condescender ao desejo do coração humano impaciente em conhecer seus destinos. Nos longos séculos que precederam a vinda do Messias Ele confortou a espera através de promessas sem cessar renovadas. Ele anunciou os acontecimentos nos quais elas deveriam se concretizar, determinou os tempos e os lugares em que deveriam se realizar.

Vindo o Messias, realizada a expiação, merecida a salvação, Deus podia deixar a Redenção estender-se de povo a povo, ganhar as gerações umas após as outras sem nos manifestar o plano segundo o qual se realizaria a obra do divino Salvador. No entanto, Ele o fez através do livro que ditou na Ilha de Patmos ao Apóstolo bem-amado.

E agora, muitos fatos nos permitem crer que após essa revelação fundamental Ele não se condenou a um silêncio absoluto. Dias obscuros e dias terríveis deviam vir nos quais a coragem dos filhos de Deus deveria ser sustentada. Nessas conjunturas, homens, mulheres de rara virtude, cuja santidade, pelo menos relativamente a vários deles, foi atestada por decretos de canonização, vieram dizer: Deus manifestou a mim Seus caminhos e eis o que acontecerá.

A Igreja não nos diz, relativamente a nenhum desses profetas, aquilo que Ela diz dos do Antigo Testamento e dos Apóstolos: o Espírito Santo apoderou-se das suas inteligências e ditou-lhes estas palavras.[93] Mas ela afirma que o dom da profecia, assim como o dom dos milagres, é permanente entre os filhos de Deus, que ele se manifestou no passado e que ele continuará a se manifestar no futuro. Podemos, pois, abrir os livros em que santos personagens consignaram aquilo que viram ou acreditaram ver acerca dos desígnios de Deus, da conduta da sua Providência e procurar descobrir aí o que deve resultar dos acontecimentos que presenciamos.

Nessa investigação, dois defeitos devem ser evitados: confiar em qualquer um que se apresente como profeta, ver em tudo o que é dito a revelação do que acontece no tempo no qual se vive.

Jamais percamos de vista num estudo desse gênero a palavra do salmista: “Deus existe desde toda a eternidade; mil anos passam diante dEle como o dia de ontem que já se escoou ou como a vigília da noite que chega”. Por conseguinte, não nos espantemos se, falando aos seus, ele os entretém com acontecimentos que se

[93] Segundo a doutrina da Igreja, as revelações feitas a um particular têm apenas um valor privado, não empenhando a crença de ninguém, e servem apenas para a edificação pessoal dos fiéis, e a Igreja, quando as aprova, nada mais faz do que reconhecer que não se encontra nessas páginas nada que se oponha à fé ou à moral cristãs.

realizarão a longo prazo, com acontecimentos que abarcarão às vezes vários séculos. É preciso fazer pairar o espírito deles acima dos tempos, e é a essa altura que devemos nos elevar se quisermos ter a compreensão daquilo que nos foi anunciado por eles, já desde o século XI.

Eles assistiram em espírito ao longo esforço do naturalismo para se implantar na Cristandade, esforço de cinco séculos, cujas últimas energias presenciamos.

Cinco séculos!

Se o fato não estivesse aí teríamos dificuldade em acreditar num combate tão longo. Mas não se disputa essa coisa que ultrapassa todas as outras: o futuro da humanidade, não somente no tempo, mas na eternidade? Entre nós, um dos principais elementos da grandeza de uma obra é o tempo que ela exige, a duração necessária à sua realização. Mas o que são nossos cinco séculos de lutas à vista da sublimidade do duelo estabelecido entre Lúcifer e o Homem-Deus e entre Aquele que vê os exércitos de Satanás atacar os exércitos de Miguel para roubar-lhes o dom que os diviniza? E quanto ao que se passou no Éden, sem duvida a Sagrada Escritura apresenta-nos o relato em termos que o colocavam à altura das inteligências primitivas para as quais foi inicialmente redigido; mas não temos dificuldade em conceber qual foi a magnitude do drama que devia ter tão grandes conseqüências para todo o gênero humano e para toda a seqüência dos séculos.

A provação a que está submetida a Cristandade desde o século XIV, o cerco da Igreja pela seita maçônica, a invasão progressiva do naturalismo na cidade de Deus através da Renascença, depois da Reforma, depois do Filosofismo, depois da Revolução, corresponde, em sua amplitude, à magnitude dos dramas precedentes.

Um pensamento, no entanto, se apresenta. Como Deus, na Sua infinita bondade, pode deixar durar assim um escândalo sob o qual tantas almas tropeçarão?

Não existe outra resposta que não a do Espírito Santo através da boca de Salomão no Antigo Testamento e da de São Paulo no Novo:

> “Que homem pode conhecer os desígnios de Deus?
> Quem pode penetrar nas determinações do Senhor?
> Tímidos são os pensamentos dos mortais,
> E incertas as nossas concepções.
> Mal podemos compreender o que está sobre a terra,
> Dificilmente encontramos o que temos ao alcance da mão.
> Quem, portanto, pode descobrir o que se passa no céu?”[94]

E o Apóstolo:

“Ó abismo insondável da sabedoria e da ciência de Deus! Quão impenetráveis são os seus juízos e incompreensíveis os seus caminhos. Quem pode compreender o pensamento do Senhor? Quem jamais foi o seu conselheiro? DEle, por Ele e para Ele são feitas todas as coisas”.[95]

Mas, se Ele fez todas as coisas para a Sua glória, Ele também as fez para a nossa salvação; e quem ousaria dizer que o número dos santos, o número daqueles que gozarão a eterna Beatitude teria sido maior durante esses cinco séculos, e que suas

---

[94] Sab. IX.
[95] Rom. XI, 33-36.

virtudes teriam sido mais heróicas e sua glória mais ilustre se suas vidas tivessem decorrido numa paz sem estímulos e sem combates? E depois, na consideração das obras de Deus é preciso saber não limitar seus horizontes. Que são cinco séculos de lutas comparados a cinqüenta, sessenta séculos, talvez mais, que tiveram de aguardar a vinda do divino Redentor, e comparados a esses, mais numerosos do que podemos supor, os que devem usufruir os frutos da sua Redenção? Esse pensamento não é temerário: não nos ensinou o Espírito Santo que Ele regra todas as coisas com medida, número e peso?

Deus paira acima do imenso campo de batalha que abarca toda a criação, o único eterno, o único princípio de todo o ser, das substâncias espirituais como das materiais: autor de tudo o que há de existente nos demônios como em todas as outras criaturas, Ele domina os combatentes dos píncaros da altura do seu Ser infinito. Ele não está comprometido na luta, quaisquer que sejam as vicissitudes; Ele não pode ser perturbado por elas, ou melhor, Ele as dirige para os Seus objetivos "com força e suavidade", quer dizer, com um poder de um sucesso infalível, não obstante respeitando a liberdade de todos.

Se é verdade que a luta a que hoje assistimos remonta à Renascença, nada de espantoso que Deus tenha desde aquela época traçado as suas diferentes fases. O tempo absolutamente não é para Deus o que é para nós. Ele existe desde toda a eternidade; mil anos passam diante dEle como o dia de ontem que já se escoou ou como a vigília da noite que chega. Eis o que o homem não deve cessar de dizer a si mesmo quando considera as revoluções que transformam o mundo e quando procura compreendê-las. Milhares de anos tiveram de passar antes que se pudesse cumprir a promessa de um Redentor feita a Adão. Quantos outros milhares, quantas lutas e vicissitudes exige a Redenção para chegar a seu termo, para triunfar daquilo que o pecado original colocou no coração do homem, para cumprir em toda a sua extensão e perfeição os desígnios da Bondade infinita!

Assim, acolhamos com naturalidade as palavras de esperança e de reconforto que grandes servidores de Deus vieram nos trazer, e creiamos de bom grado que eles eram Seus embaixadores quando, na entrada desse longo período de lutas, em que o natural queria sufocar o sobrenatural, em que Satanás queria triunfar sobre a Virgem, eles vieram dizer: Nada temais, Deus está convosco, Ele é o soberano Senhor de todas as coisas, Ele saberá transmudar em vantagem para vós e para a Sua glória a maldade do demônio.

"Nosso século, disse monsenhor Rœss, bispo de Estrasburgo, tem particular necessidade de saber que Deus dirige todos os acontecimentos deste mundo por sua divina Providência, e que, se Ele muito quer dar a conhecer seus desígnios à humanidade é às almas humildes que Ele os revela". E monsenhor Vibert, bispo de Saint-Jean-de-Maurienne: "Deus prova, por essas profecias, que tudo está submetido ao Seu governo; e para que a prova seja mais completa, Ele quase sempre se serve, para anunciar os maiores acontecimentos, daqueles que são pequenos e sem valor segundo o mundo: *Revelasti ea parvulis*". Monsenhor Marinelli, bispo de Syra, diz por seu turno: "No imenso amor que Deus dá à sua Igreja, obra das suas mãos, e aos homens, os quais, na maior parte do tempo, são ingratos, mas que nem por isso são menos criaturas Suas, Ele se dignou de predizer e anunciar aos mortais, através da boca dos Seus profetas, desde o começo do mundo, e no Antigo Testamento, verdadeira figura e tipo da Sua Igreja sob o Novo Testamento, as vicissitudes da Santa Igreja, as tribulações e os males que, em todas as épocas e sobretudo no fim dos

tempos, deviam castigar e oprimir o mundo, a fim de manter os homens em vigilância contra Satanás e seus emissários, e dispô-los a prevenirem, pela penitência e pela humildade, os golpes suspensos pela Justiça divina sobre a cabeça dos maus. Foi assim que, por uma particular providência, Deus quis fazer preceder, em todos os tempos, as grandes catástrofes do mundo e as grandes tribulações da Igreja, de sinais precursores e de predições, porque os golpes previstos por antecipação são menos terríveis de suportar, diz São Gregório Magno".

Faz cinco séculos que, sob a direção de Lúcifer e através da ação das lojas, o judaísmo, o protestantismo e o modernismo, ajudados por todas as paixões e por todos os vícios, assaltam a Civilização Cristã. Hoje, reunidos, seus batalhões realizam o supremo esforço para substituir a religião divina pela religião da humanidade e entregar a Satanás a direção das almas e dos povos.

Desta feita, pensam eles, o engajamento é definitivo, porque o mestre deles conhece a palavra do Apóstolo: "É impossível que aqueles que foram uma vez iluminados, saborearam o dom celestial, participaram dos dons do Espírito Santo, experimentaram a doçura da palavra de Deus e as maravilhas do mundo vindouro, e que apesar disso caíram na apostasia, se renovem outra vez para a penitência, visto que, de sua parte, crucificaram de novo o Filho de Deus e O entregaram à ignomínia. O terreno que recebe chuvas freqüentes e fornece ao agricultor boas searas é abençoado por Deus; mas o que produz só espinhos e abrolhos é julgado de má qualidade, e não demora a ser amaldiçoado e acabará sendo queimado".[96]

Será esta a sorte da atual geração? Estamos sendo julgados por termos demasiadamente "desprezado as riquezas da bondade, da paciência e da longanimidade divinas"?[97] Há os que assim crêem e não são dos menos esclarecidos.

Depois da Revolução, o naturalismo se apossou de todo o organismo social. Se ele não pode reger todas as existências individuais, ele quer ser a lei dos Estados e o princípio regulador do mundo moderno. A noção secular do Estado cristão, da lei cristã, do príncipe cristão, noção tão magnificamente estabelecida desde os primeiros tempos do Cristianismo, foi abolida, ao que parece, para sempre. A secularização de toda a ordem social é a palavra de ordem dada, aceita, e cuja realização se busca com uma perseverança que jamais se cansou há mais de um século e que acaba de levar a França à separação entre a Igreja e o Estado, quer dizer, a um espécie de apostasia. Ademais, em todo lugar os governantes e os povos, impregnados dessa doutrina de que o elemento civil e social dependem só da ordem humana, se levantaram contra Deus e contra seu Cristo, quebram Seus laços, sacodem o jugo daquilo que chamam de superstição. Eles chegaram não somente à negação de toda ordem e de todo ser sobrenatural, mas à deificação do homem que substituiu Deus.

Através da escola eles aprenderam o meio de tornar sua obra perpétua e indestrutível.

Eles vão mais longe do que Satanás. Jamais Satanás negou Deus. Ele não podia: sua natureza tão elevada e, por conseguinte, tão esclarecida, não o permite. Eles, abusando da fraqueza intelectual da criança, não se contentam em introduzir-lhe na alma o desprezo à Igreja, aos seus ensinamentos, aos seus sacramentos, a tudo o que constitui o sobrenatural. Ele negam não somente Cristo, autor da graça, mas a

---

[96] Heb. VI, 4-8.
[97] Rom. II, 4.

própria existência de um Deus criador. E como a idéia de Deus não cessa de povoar o espírito humano, nas regiões superiores do ensino eles dão resposta a ela. Deus, dizem eles, outra coisa não é senão o mundo concebido pelo nosso espírito *sob sua forma ideal* e o mundo nada mais é do que o próprio Deus, percebido por nós *na sua realidade*.

Foi nessa doutrina que desaguou o MODERNISMO que Sua Santidade o Papa Pio X pôs a nu na Encíclica *Pascendi*, perseguindo-o, dizimando-o, anatematizando todos e cada um dos seus instrumentos de erudição e de raciocínio.

Já não atingimos o fundo do abismo? Que mais precisaria acontecer para temer as ameaças que São Paulo acaba de nos fazer ouvir? A profecia de Daniel está realizada em toda a sua extensão: "*Et elevabitur et magnificabitur adversus Deum, et adversus Deum deorum loquetur magnifica*. O homem se levantará contra o Senhor; ele proferirá contra o Deus dos deuses orgulhosas insolências, e veremos a apoteose do homem com exclusão de toda divindade".

Que esperar nesse estado senão o raio que aniquila? O mundo não tem mais razão de ser se pretende continuar assim.

Converter-se-á? Voltar-se-á para Deus para dizer-Lhe a oração que Jeremias lhe dirigiu após suas lamentações?

"Tu, Jeová, reinas eternamente!
Teu trono subsiste de geração em geração.
Por que nos esquecerias por todo o sempre?
Abandonar-nos-ias por toda a duração dos nossos dias?
Faze-nos voltar a Ti, ó Jeová! e retornaremos;
Dai-nos outros dias como aqueles de outrora".

Eis o grande enigma do dia de hoje. Os povos cristãos converter-se-ão e o mundo poderá gozar os longos séculos de prosperidade temporal e espiritual que alguns esperam; ou ele perseverará na sua apostasia e então Deus castigará o mundo.

Qual das duas soluções veremos realizar-se num futuro próximo?

Quem pode dizê-lo se consulta apenas sua própria sabedoria? As misericórdias de Deus são infinitas e a malícia do homem excitada pela perversidade de Satanás não conhece limites. No entanto, Deus faz-nos repetidos avisos, os mais urgentes convites: o Sagrado Coração, a Imaculada Conceição e hoje a canonização de Joana d'Arc. Acabaremos por segui-los, ou seremos como as águas que jamais voltam às suas fontes? Apresenta a História o exemplo de um povo transviado que tenha retornado ao caminho? Após as reações, reações de um dia que se seguem às catástrofes, vemos os povos reencontrar aquilo que eram antes delas.

É o nosso fato de ontem e de hoje.

Deus, na sua predileção, faria por nós uma exceção à lei da História?

Há os que carregam essa esperança no coração e que a manifestaram.

"Para responder às orações dos santos, diz Saint-Bonnet, Deus chamar-nos-á das fronteiras do nada, e o gênero humano, estupefato pela iniqüidade cometida ao renegar seu Criador e seu Redentor, esclarecido sobre a inutilidade do seu longo querer, dos seus esforços inúteis para colocar o paraíso na terra, deixará cair seu orgulho e retornará às fontes da vida. As gerações que em seguida serão chamadas a completar o número dos eleitos permanecerão para sempre edificadas com a grandeza desse tríplice espetáculo: uma profundidade da malícia humana que não terá como

igual senão a impotência a que se verá reduzida; o vazio no qual terá momentaneamente entrado a civilização que se desvencilhou da fé; depois, como nos dias de Noé, um milagre da Bondade que intervém para que o Homem ainda subsista".

"Isto deve ser feito, disse o Santo Papa Pio IX, através de um prodígio que encherá o mundo de admiração".

J. de Maistre dissera bem antes dele: "Não duvido de maneira nenhuma de algum acontecimento extraordinário" para pôr fim à presente situação.

Extraordinário, e mesmo prodigioso, não quer dizer fenomenal. Que há de mais extraordinário e de mais prodigioso na história da França e mesmo, podemos dizer, na história do mundo, do que a intervenção de Joana d'Arc no momento em que ia começar para a Cristandade a grande tentação que terminará, quem sabe, com sua glorificação sobre os nossos altares? E que há ao mesmo tempo de mais simples e de mais fácil a Deus do que tomar uma pequena camponesa do meio da Sua tropa e dar-lhe Suas luzes para levar a bom termo a expulsão dos ingleses do solo da França ou para nos livrar da tirania dos franco-maçons, dos judeus e de Satanás?

Se acreditamos nos santos, esse momento virá, esse momento está próximo.

———— ♦ ————

CAPÍTULO IXvII

II. — VOZES DOS SANTOS

Já no século XII Deus manifestou a Santa Hildegarde, abadessa beneditina, a grande Profeta do Novo Testamento, como a denominaram seus contemporâneos, esse drama que devia ocupar cinco a seis séculos da história humana. São Bernardo, os Papas Eugênio III, Anastácio IV e Adriano IV declararam, sucessivamente, que suas revelações tinham Deus como autor. Suas obras foram publicadas na Patrologia de Migne, tomo CXCVII.[98]

Numa carta dirigida ao clero de Colônia e noutra ao de Treves, ela anunciou o protestantismo, filho da Renascença. Ela indicou suas causas e seus autores. "Esses impostores, diz ela na primeira dessas cartas, não são aqueles que devem preceder o último dia, mas são o seu germe e os seus precursores. Todavia, seu triunfo terá só um tempo. *Depois virá a aurora da justiça, e vosso fim será melhor do que o vosso começo. Instruídos por todo o passado, resplandecereis como ouro muito puro, e permanecereis assim muitíssimo tempo*". É ao clero que ela fala. Continua: "O povo espiritual será fortalecido na justiça através do terror dos flagelos passados, assim como os anjos foram confirmados no amor de Deus pela queda do diabo... E os homens admirar-se-ão de como uma tempestade tão forte tenha podido terminar numa tal calma... e é assim que o resultado final desse erro será a confusão do século".

Na segunda carta ela anuncia igualmente uma era de renovação na qual a virtude reflorescerá como nos mais belos dias da Igreja.

No *Livro das Obras Divinas*[99] ela anuncia a desagregação do Santo Império Romano, a hostilidade crescente contra o Chefe da Igreja por parte do poder secular e a ruína do poder temporal dos Papas. Depois diz: "Quando o temor de Deus for posto completamente de lado, guerras atrozes e cruéis surgirão sem cessar, uma multidão de pessoas será imolada, e muitas cidades se transformarão num monte de ruínas. Homens de uma ferocidade sem igual, suscitados pela Justiça divina, zombarão do repouso dos seus semelhantes. Assim tem sido desde o começo do mundo: o Senhor entregará aos nossos inimigos a chibata de ferro destinada a vingá-Lo das nossas iniqüidades. Mas quando a sociedade enfim tiver sido completamente purificada por

---

[98] Santa Hildegarde tinha apenas cinco anos quando o Espírito Santo a arrebatou numa visão sobrenatural que só terminou com a sua vida. Trinta e seis anos mais tarde, o Espírito do Senhor inundou-a com as luzes e fez dela uma doutora da Igreja. Suas primeiras revelações formam o livro *Scivias*, sigla de *Scito vias (Domini). Aprende os caminhos do Senhor*. É uma espécie de epopéia na qual se desenrola toda a história religiosa da humanidade desde a criação do mundo até a consumação final. As três primeiras visões consignadas nesse livro revelaram à santa o fim do tempo e fizeram-na entrever o Paraíso. Com a idade de sessenta e cinco anos ela contemplou e retraçou durante sete anos as visões do *Liber divinorum operum* (*Livro das Obras Divinas)*. A décima e última visão da obra é uma outra revelação dos últimos tempos do mundo. Além dessas obras, tem-se dela um grande número de cartas, porque ela mantinha correspondência com os papas, cardeais, bispos, doutores de Paris, reis, rainhas, os grandes de toda a Europa, até Constantinopla e Jerusalém. Ela nasceu por volta do ano 1100.

[99] Parte III, visão X, c. 25, 26.

essas tribulações, os homens, fatigados de tantos horrores, retornarão plenamente à prática da justiça e se alinharão fielmente sob as leis da Igreja que nos tornam tão agradáveis a Deus... A consolação substituirá então a desolação, os dias da cura farão esquecer, por sua prosperidade, as angústias da ruína... Nesse momento de renovação, a justiça e a paz serão restabelecidas mediante decretos tão inovadores e tão inesperados, que os povos arrebatados de admiração confessarão que nada de semelhante se vira até então... Os judeus se reunirão aos cristãos e reconhecerão com alegria a vinda dAquele que até então negavam ter vindo a este mundo... Então surgirão santos admiravelmente dotados do espírito de Deus, e ver-se-á uma superabundante floração de todo gênero de justiça nos filhos e nas filhas dos homens... Os príncipes rivalizarão em zelo com seus povos para fazer reinar por toda a parte a lei de Deus... Os judeus e os heréticos não porão limites ao seu entusiasmo. "Enfim, exclamarão, é chegada a hora da nossa própria justificação, as cadeias do erro caíram aos nossos pés, repelimos para longe de nós o fardo tão pesado da prevaricação".

"Entretanto, mesmo nesses dias, acrescenta Santa Hildegarde, a justiça e a piedade terão às vezes seus momentos de fadiga e de langor, mas para logo retomarem sua força primitiva; a iniqüidade levantará às vezes a cabeça, mas será de novo prostrada, e a justiça se manterá tão firme e tão forte que os homens desse tempo retornarão com toda honestidade aos antigos costumes e à sábia disciplina dos tempos antigos. Os príncipes e os poderosos, assim como os bispos e os superiores eclesiásticos, adotarão o exemplo daqueles dentre eles que observarem a justiça e levarem uma vida louvável. O mesmo sucederá entre os povos, que trabalharão para a melhoria uns dos outros, porque cada qual observará como este ou aquele se avulta na prática da justiça e da piedade".

A conjuração anti-cristã triunfará, no entanto, uma última vez, com o Anticristo, cuja vinda, reinado e extermínio Santa Hildegarde também descreve.

Essa surpreendente profecia de uma santa do século XI ainda não foi realizada. Ela se refere evidentemente ao nosso tempo, posto que acaba de falar na ruína do poder temporal dos Papas. Ele parece assim vir em apoio à nossa tese que considera o que se passa na catolicidade desde o século XIV até nossos dias, Renascença, Reforma, Revolução, como uma só e mesma provação, a tentação do naturalismo, o antagonismo entre a civilização humanitária e a civilização cristã, luta que terminará com o triunfo do amor de Deus sobre o egoísmo da criatura.

Por volta do fim do século XIV, quer dizer, no momento em que a Renascença fazia entrar o povo cristão nos caminhos funestos que ainda não acabamos de percorrer, Santa Catarina de Sena, que teve a glória de levar o Papado de volta à Cidade Eterna, também previu a infidelidade dos povos cristãos, os castigos que ela atrairia e a misericórdia de Deus que nos faria sair deles.[100] Interrogada por Raymond

---

[100] Os trinta e três anos da sua vida, como aqueles de Ana Catarina Emmerich, escoaram-se nos sofrimentos e também nos desprezos e ódios que o cumprimento de sua missão suscitava ao redor de si. Desde a idade de 10 anos ela experimentou o suplício infligido a Nosso Senhor sobre a cruz. Toda a sua vida esteve associada à Paixão de Cristo. A Igreja parecia vergar-se sob o peso de uma das mais terríveis provações que Ela teve de sofrer, o grande cisma. A Virgem de Sena lançou-se à arena para defendê-La e o demônio desencadeou contra ela suas mais pavorosas cóleras. Numa de suas orações ela dizia: "Agora o mundo se abate na morte e minha alma não pode suportar esse doloroso espetáculo. Que meio adotar,

de Capoue, seu confessor, ela diz: "... Passadas essas angústias e tribulações, Deus purificará a Santa Igreja e ressuscitará o espírito dos seus eleitos por um meio que foge a toda previsão humana. Após isso haverá na Igreja de Deus uma reforma tão completa e uma renovação tão feliz dos santos pastores que ao pensar nisso meu espírito se comove no Senhor. Assim como vos disse freqüentemente em outras ocasiões, a Esposa de Cristo está agora como que desfigurada e coberta de andrajos; então Ela tornar-se-á resplandecente de beleza, estará ornada de jóias preciosas e coroada com o diadema de todas as virtudes. A multidão dos povos fiéis se regozijará de se ver dotada de tão santos pastores. Por seu turno, as nações alheias à Igreja, atraídas pelo bom odor de Jesus Cristo, retornarão ao aprisco da catolicidade e se converterão ao verdadeiro Pastor e Bispo de suas almas. Agradecei, pois, ao Senhor, por essa profunda calma que Ele se dignará de conceder à Igreja após essa tempestade".[101]

No século XVI, na segunda etapa do modernismo, uma virgem italiana, a Bem-aventurada Catarina de Racconigi, vendo as primeiras sessões do Concílio de Trento, disse que as divisões da Santa Igreja não seriam levadas a bom termo por aquele Concílio: "Não haverá, diz ela, concílio completo ou perfeito antes do tempo em que vier o muito santo Pontífice que esperamos para a futura renovação da Igreja. Então, os infiéis se converterão com grande fervor de espírito à santa religião".

No século XVIII, o Bem-aventurado Grignion de Montfort, assim como a Venerável Ana Catarina Emmerich, anunciou que a renovação da Igreja seria feita pelas mãos de Maria e pelos santos apóstolos que Ela suscitaria. "Ela produzirá as maiores coisas que acontecerão nos últimos tempos: a formação e a educação dos grandes Santos, que estarão no fim do mundo, está reservada a Ela... Eles sobrepujarão tanto em santidade a maioria dos outros santos quanto os cedros do Líbano sobrepujam os pequenos arbustos. Com uma mão as grandes almas combaterão, derrubarão, esmagarão os hereges e suas heresias, os cismáticos e seus cismas, os idólatras e suas idolatrias, os pecadores e suas impiedades; e com a outra edificarão o templo do verdadeiro Salomão e a mística cidade de Deus... Foi por Maria que a salvação do mundo começou, é por Maria que deve ser consumada".

São Leonardo de Porto Maurício marca como ponto de partida dessa intervenção da Santíssima Virgem a definição da sua Imaculada Conceição.

O Venerável Holzhauser, na sua interpretação do Apocalipse, anuncia um monarca poderoso e um Pontífice santo que serão os grandes instrumentos das misericórdias divinas.

"Enquanto tudo está devastado na terra, os católicos são oprimidos pelos hereges e maus cristãos, a Igreja e seus ministros são tornados dependentes, os reinos são

---

Senhor, para reanimá-lo, pois que Vós não desceis mais dos céus para nos redimir, mas para nos julgar! Senhor, tendes servidores que chamais de vossos Cristos e com eles podeis salvar o mundo e dar-lhe a vida. Dai-nos, pois, Cristos, a fim de que eles empregem suas vidas pela salvação do mundo nos jejuns, nas vigílias e nas lágrimas".

Deus tem o hábito de escolher aquele que é fraco à vista do mundo para confundir os fortes (I Cor. 1-27). Para levar os Papas de Avinhão à Roma Ele se serviu de uma pequena vendedora, Catarina de Sena; para libertar a França, a pastorinha de Domrémy; para fundar, em nossos dias, a obra colossal da Propagação da Fé, Ele recorreu a uma pobre operária de Lião; e foi a humilde camponesa de Lourdes que Ele encarregou de produzir esse imenso movimento dos povos rumo às grutas do Gave.

[101] Bolandistas. *Acta Sanctorum*, 29 de abril.

derrubados, os monarcas mortos, os súditos atormentados e todos os homens conspiram para erigir repúblicas, dá-se uma mudança espantosa pela mão do Deus todo-poderoso, de tal maneira que ninguém pode humanamente imaginar. O monarca poderoso que virá como enviado de Deus destruirá as repúblicas de alto a baixo, submeterá tudo ao seu poder e empregará seu zelo em favor da verdadeira Igreja de Cristo. Todas as heresias serão deportadas para o inferno. Todas as nações virão e adorarão o Senhor seu Deus na verdadeira fé católica e romana. Muitos santos e doutores florescerão na terra. A paz reinará em todo o universo porque o poder divino atará Satanás por vários anos, até que venha o filho da perdição que de novo o desencadeará... As ciências serão múltiplas e perfeitas na terra. A Sagrada Escritura será compreendida unanimemente, sem controvérsia e sem erro das heresias. Os homens serão esclarecidos tanto nas ciências naturais como nas ciências celestes". Deve-se notar que isto foi escrito no meio do século XVII, quando não se poderia ter idéia do desenvolvimento das ciências naturais a que assistimos. O Venerável Holzhauser diz ainda: "Haverá um concílio ecumênico, o maior que jamais houve, no qual, por um favor particular de Deus, pelo poder do monarca anunciado, pela autoridade do santo Pontífice, e pela unidade dos príncipes mais piedosos todas as heresias e o ateísmo serão banidos da terra. Declarar-se-á o sentido legítimo da Sagrada Escritura, a qual será acreditada e admitida por todo o mundo, porque Deus terá aberto a porta da Sua graça".

Fala-se freqüentemente em outras profecias acerca do grande rei e do santo Pontífice que devem agir de comum acordo para restabelecer todas as coisas na verdade e na justiça. Não referiremos o que elas dizem a esse respeito, nem mesmo os detalhes dos acontecimentos que anunciam; existem nessas predições particulares demasiada probabilidade de acerto e erro para que a elas nos atenhamos. Aquilo a que nos propusemos foi unicamente mostrar como Deus parece ter querido sustentar a coragem dos Seus filhos em meio às calamidades que tudo anuncia como estando próximas, dizendo-lhes: durante esses castigos estarei sempre convosco e após o exercício da justiça virá uma manifestação de misericórdia e de amor tão grande como nada ainda houve de semelhante.

A Venerável Maria de Agreda, autora da *Cidade Mística*,[102] conta que, estando no coro, num dia da Imaculada Conceição, para rezar as Matinas, foi arrebatada em êxtase. Ela viu um dragão hediondo de sete cabeças sair do abismo acompanhado de milhares de outros, os quais percorreram, todos juntos, o mundo, procurando e apontando os homens dos quais se serviam para se oporem aos desígnios do Senhor, e para tratarem de impedir a glória de Sua Santíssima Mãe e os benefícios que iam ser depositados em Suas mãos em favor de todo o universo. O grande dragão e seus satélites espalhavam ondas de fumaça e de veneno para envolver os homens nas trevas e nos erros e infestá-los de malícia. "Essa visão dos dragões infernais causou-me, diz ela, uma justa dor. Mas logo depois vi que dois exércitos bem ordenados se dispunham no céu para combatê-los. Um desses exércitos era o da nossa grande

---

[102] No dia 13 de setembro de 1909, os restos mortais da Venerável Maria de Jesus Agreda, franciscana concepcionista espanhola, foram exumados com vistas à sua próxima beatificação. Fazia 244 anos que eles repousavam numa cripta úmida. O caixão que os continha foi aberto em presença de todas as autoridades. O corpo exalava um perfume delicioso, incomparável. Os médicos, no processo, declaram que ele se encontrava num estado de perfeita conservação.

Rainha e dos santos; o outro era o de São Miguel e seus anjos. Soube que o combate seria encarniçado de ambas as partes; mas o resultado da luta não era incerto".

Uma religiosa franciscana do mosteiro das Urbanistas de Fougères, nascida em 1731 e falecida em 1798, predisse a Revolução, a terceira etapa do modernismo, aquela que ainda percorremos, assinalando-lhe as causas; os novos princípios (princípios de 89) dariam à França uma nova Constituição da qual sairiam os maiores infortúnios. Depois ela acrescentou: "Não devo esconder as esperanças que Deus me dá acerca do restabelecimento da religião e do recobramento dos poderes do nosso Santo Padre, o Papa. Vejo na luz do Senhor uma grande potência conduzida pelo Espírito Santo e que, através de uma *segunda confusão*,[103] restabelecerá a boa ordem. Todos os falsos cultos serão abolidos, quero dizer, todos os abusos da Revolução serão destruídos e os altares do verdadeiro Deus restabelecidos. Os antigos costumes serão recolocados em vigor, e a religião, pelo menos segundo alguns aspectos, tornar-se-á mais florescente do que nunca... Após Deus ter satisfeito Sua justiça, derramará graças em abundância sobre a Sua Igreja. Ela verá coisas deslumbrantes mesmo da parte dos seus perseguidores, que virão lançar-se a Seus pés, reconhecê-La e pedir perdão a Deus e a Ela de todas as iniqüidades e de todos os ultrajes que Lhe fizeram".

Uma romana, Elisabete Canori-Mora, da Ordem Terceira da Santíssima Trindade (1774-1825), no momento em que a Grande Loja se estabeleceu em Roma e aí tramou as conspirações que referimos, teve conhecimento disso através de revelação, como Ana Catarina Emmerich, e para frustrar suas maquinações, ofereceu-se também como vítima à Justiça divina. No dia 8 de dezembro de 1820, Nosso Senhor lhe apareceu e exortou-a a aceitar os tormentos que as potestades infernais lhe fariam sofrer no seu corpo e na sua alma, que seria reduzida a uma agonia comparável à Sua no Jardim das Oliveiras. No dia 15 de fevereiro de 1821, quando os demônios rugiam por vê-la desfazer pela imolação suas tramas infernais, Nosso Senhor lhe apareceu de novo e lhe disse: "Teu sacrifício forte e constante fez violência à minha Justiça. Suspendo por um momento o castigo merecido. Os cristãos não serão dispersados, nem Roma privada do Soberano Pontífice. Reformarei meu povo e minha Igreja. Enviarei sacerdotes muito zelosos, enviarei igualmente meu Espírito para renovar a terra".

Falando do castigo que deve preceder essa renovação, ela diz: "Todos os homens estarão em revolta; eles se matarão mutuamente, massacrando-se sem piedade. Durante esse combate sangrento, a mão vingadora de Deus cairá sobre esses infelizes, e por Seu poder punirá o orgulho deles. Ele se servirá do poder das trevas para exterminar esses homens sectários e ímpios, que pretenderiam derrubar a Santa Igreja e destruí-La até os seus fundamentos. Imensas legiões de demônios percorrerão o mundo inteiro e através das grandes ruínas que causarão executarão as ordens da Justiça divina. Os homens serão assim castigados por intermédio da crueldade dos demônios, por se terem submetido voluntariamente ao poder infernal e por se terem aliado a ele contra a Igreja católica... Felizes os bons e verdadeiros católicos! Terão em seu favor a poderosa proteção dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, que vigiarão por eles a fim de que não lhes seja causado nenhum dano, nem nas suas pessoas, nem nos seus bens. Os maus espíritos devastarão todos os

---

[103] J. de Maistre dizia na mesma época: "É infinitamente provável que os franceses ainda nos causem uma tragédia".

lugares nos quais Deus tiver sido ultrajado, blasfemado e tratado de maneira sacrílega. Esses lugares serão arruinados, aniquilados, deles não restará nenhum vestígio".

"Após esse terrível castigo vi subitamente o céu clarear. São Pedro e São Paulo, por ordem de Deus, encadearam os demônios e fizeram-nos entrar nas cavernas tenebrosas das quais saíram. Então apareceu sobre a terra uma bela luminosidade que anunciava a reconciliação de Deus com os homens. Eles ofereceram suas ações de graças a Deus, que não permitira que Sua Igreja fosse arrastada pelas falsas máximas do mundo. As ordens religiosas foram restabelecidas e as casas dos cristãos pareciam-se às casas religiosas, tão grandes eram o fervor e o zelo pela glória de Deus".

Nessa mesma época o espírito profético parece ter sido dado também ao Padre Nectou, da Companhia de Jesus. Monsenhor Lyonnet, arcebispo de Alby, na sua história do monsenhor d'Aviau, arcebispo de Bordéus, diz que "novo Jeremias, ele anunciara o decreto que dispersaria sua Sociedade, a Companhia de Jesus, com detalhes que a perspicácia humana não poderia entrever: nomes próprios, datas, e outras circunstâncias eram indicadas com uma exatidão que beirava o prodígio". Segundo monsenhor Gillis, vigário apostólico de Edimburgo, o Padre Nectou teria anunciado, antes da Revolução de 1789, a restauração, seguida da usurpação de Luís Filipe, e mais tarde a contra-revolução. Eis como isso se daria: "Formar-se-ão na França dois partidos que se farão guerra de morte. Um será muito mais numeroso do que o outro, mas será o mais fraco que triunfará. Haverá então um momento tão pavoroso que se acreditará estar no fim do mundo. O sangue correrá em várias grandes cidades. Os elementos estarão agitados. Será como um pequeno julgamento. Uma grande multidão perecerá nessa catástrofe, mas os maus não prevalecerão. Eles certamente terão a intenção de destruir inteiramente a Igreja; não lhes será dado tempo, porque esse período terrível será curto. No momento em que se crer tudo perdido, tudo será salvo. Essa pavorosa confusão será geral e não somente para a França".

"Na seqüência desses acontecimentos pavorosos tudo reentrará na ordem; justiça será feita a todo o mundo; a contra-revolução será consumada. Então o triunfo da Igreja será tal como jamais houve semelhante".

"Estar-se-á próximo dessa catástrofe quando a Inglaterra começar a se abalar (sem dúvida, existe esse abalo para o retorno à unidade católica)".

"Quando se estiver perto desses acontecimentos que devem dar o triunfo à Igreja, tudo estará tão perturbado sobre a terra que se crerá que Deus abandonou inteiramente os homens aos seus sentidos reprováveis e que a divina Providência não cuida mais do mundo (quantas pessoas serão tentadas dizer isso da hora atual)".

"Quando vier o momento da última crise nada haverá a fazer senão permanecer no lugar onde Deus nos tiver colocado, fechar-se no seu interior e rezar, aguardando a passagem da Justiça divina".

No *Problème de l'Heure Présente* tivemos ocasião de falar sobre a profecia da Irmã Mariana das Ursulinas de Blois. Ela também disse: "Será preciso rezar muito, porque os maus quererão destruir tudo. Antes do grande combate eles serão os senhores; farão todo o mal que puderem, não tudo o que quiserem, porque não terão tempo. Esse grande combate acontecerá entre os bons e os maus. Os bons, sendo menos numerosos, estarão prestes a ser liqüidados: mas, ó poder de Deus, todos os maus perecerão. Cantareis um *Te Deum* como jamais se cantou. Não obstante, as perturbações não se estenderão a toda a França, mas somente a algumas grandes

cidades, onde haverá massacres, e sobretudo na Capital, onde ele será grande. O triunfo da religião será tal como jamais se viu semelhante; todas as injustiças serão reparadas, as leis civis serão postas em harmonia com as de Deus e da Igreja; a instrução dada às crianças será eminentemente cristã. As corporações de ofícios serão restabelecidas".

Muitas outras profecias de pessoas menos conhecidas foram publicadas: é inútil citá-las, porque têm menos autoridade, porque redizem o que foi dito por outras, e enfim porque têm um caráter político que não desejamos considerar.

Nós nos propusemos mostrar como, no dizer dessas pessoas, terminaria o descaminho das nações cristãs, iniciado no século XV com a Renascença, agravado pela Reforma, completado pela Revolução. Todas as profecias estão de acordo em nos anunciar: uma terrível desordem, conseqüência natural e necessária da apostasia, — um grande combate entre os maus, que querem destruir tudo o que resta da civilização cristã, e os bons que permanecerem fiéis a Deus, — uma intervenção divina em favor destes últimos, devida à Santíssima Virgem, — e enfim uma renovação religiosa tão profunda como jamais a terra terá visto semelhante.

Está próxima a hora dessa crise? Chegamos a ela? Quem pode dizê-lo. Aconteça o que acontecer, pouco importa o que venhamos a testemunhar, tenhamos nossa alma em paz através da oração e da confiança na Misericórdia e na Bondade do Soberano Senhor de todas as coisas.

———— ♦ ————

CAPÍTULO LXVIII

III. — VOZ DA SANTA IGREJA

No momento em que se punham os princípios que deviam conduzir à atual situação, Santa Gertrudes, abadessa beneditina de Heldelf, recebeu, através do apóstolo São João, as primeiras manifestações da bondade e das misericórdias infinitas do Sagrado Coração, a fim de que a devoção que nós Lhe votássemos nos auxiliasse a suportar nossas provações e a aguardar-lhes o término com confiança.

É coisa notável que o Ofício do Sagrado Coração esteja repleto de promessas não somente de misericórdia, mas de um futuro parecido ao acima descrito pelos amigos de Deus.

A Missa, no seu Intróito, inicia com essas palavras: "O Senhor terá piedade de nós segundo a multidão das suas misericórdias; porque não foi por Seu Coração que Ele nos humilhou, e Ele não rejeitou os filhos do homens. O Senhor é bom para aqueles que esperam nEle, para a alma que O procura. (Salmo) Cantarei eternamente as misericórdias do Senhor; e as celebrarei de geração em geração".

A Epístola é tirada do capítulo XII de Isaías:

"E dirás naquele dia:
Eu vos louvo, Senhor;
porque vos irritastes;
vossa cólera se aplacou e Vós me consolastes.
Eis o Deus que me salva;
tenho confiança e nada temo,
porque o Senhor é minha força e o objeto dos meus louvores:
Ele foi a minha salvação.
Tirareis com alegria água (as graças divinas) das fontes da salvação (as chagas do Salvador),
e direis naquele dia:
Louvai o Senhor, invocai Seu nome,
fazei que Suas grandes obras sejam conhecidas entre os povos,
proclamai que Seu nome é sublime.
Cantai ao Senhor, porque Ele fez maravilhas;
que isto seja conhecido por toda a terra!
Exulta de gozo e alegria, habitante de Sião,
porque no teu meio é grande o Santo de Israel".

Nas Matinas, a segunda e a terceira lição tomam do capítulo XXVI a seqüência destas promessas:

"Naquele dia cantar-se-á este cântico na terra de Judá:

Temos uma Cidade forte (a Santa Igreja).
Ele (o Senhor) porá a salvação nos seus muros e antemuros.
Abri as portas,
Deixai entrar a nação justa, que guarda a Verdade.
Ao coração constante assegurais a paz.
A paz, porque Ele confia em vós.
Tende sempre confiança no Senhor;
porque o Senhor é o rochedo dos séculos.
Ele humilhou os que habitavam nas alturas;
destruiu a cidade soberba.
Derrubou-a por terra,
reduziu-a ao nível do chão.
Ela é calcada aos pés,
sob os passos dos indigentes.
O caminho do justo é reto.
Vós aplainais a senda do justo.
Assim também nós esperávamos, Senhor,
na senda dos vossos julgamentos;
vosso nome e vossa memória constituíam
todo o desejo das nossas almas.
Minha alma Vos desejou durante a noite,
e dentro de mim meu espírito Vos procura;
porque quando vossos julgamentos se exercem sobre a terra,
os habitantes do mundo aprendem a justiça".

Que cântico mais verdadeiro poderá ser colocado nos lábios da Santa Igreja no dia seguinte ao do triunfo que Lhe está prometido, à entrada da era de paz e de prosperidade que a divina misericórdia do Sagrado Coração deve obter-Lhe?

Todos os anos a Santa Igreja a pede por seus desejos, na liturgia.

Desde o primeiro dia do Advento Ela começa seu ofício com este convite: "Vinde, adoremos o Senhor, O REI que deve vir".

Durante todo esse tempo Ela nos dá como lições da Sagrada Escritura as profecias de Isaías. Eis as passagens que Ela escolheu: "Sobre o cume dos montes será fundada a montanha da casa do Senhor (a Santa Igreja); e ela se elevará acima de todas as colinas, e *todas as nações aí acorrerão em multidão*. E os povos irão em grande número, e dirão: Vinde e subamos à montanha do Senhor e à casa do Deus de Jacó, e Ele nos ensinará seus caminhos: e nós caminharemos nas suas sendas".

"Naquele dia o descendente de Jessé (o Messias) será arvorado diante dos povos como um estandarte: as nações oferecer-Lhe-ão suas preces e seu sepulcro será glorioso... A terra está repleta do conhecimento do Senhor, assim como as águas cobrem o mar".

"O Senhor fará para *todos os povos*, nessa montanha (a Igreja), um festim de carnes deliciosas, um festim de vinhos preciosos (a doutrina e os sacramentos, particularmente a Eucaristia). *E Ele quebrará sobre essa montanha a cadeia que estava fechada sobre todos os povos e teia que o inimigo urdira sobre todas as nações*".

Que a Santa Igreja entenda essas palavras como relativas ao reino social de Nosso Senhor é coisa que parece indicado nas antífonas e responsos que Ela própria compôs para acompanhar no Ofício a leitura da Sagrada Escritura e a dos Salmos.

Desde o primeiro domingo do Advento Ela comunicou aos seus filhos aquilo que Ela contempla em meio às trevas deste mundo... Ela vê chegar sobre as nuvens do céu o Filho do Homem, seu divino Esposo, não para julgar os mortais, mas para reinar; não para reinar unicamente sobre as almas individualmente consideradas, mas para estabelecer seu império sobre todos os povos, sobre todas as tribos e sobre todas as línguas do universo: "*Aspiciebam in visu noctis et ecce in nubibus cœli Filius hominis veniebat; et datum est Ei regnum et honor; et omnis populus, tribus et lingua servient Ei*. Eu olhava a visão de noite, e eis que o Filho do Homem vinha sobre as nuvens do céu; e foi-Lhe dado o reino e a honra. *E todos os povos, tribos e línguas O servirão*".

Mais adiante Ela exclama: "Sim, Ele virá e com Ele todos os seus santos". E nesse dia a terra refulgirá com grande luminosidade e o Senhor reinará sobre todas as nações; Ele dominará até os últimos confins das terras; e todos os reis O adorarão e todos os povos O servirão... Ó! vede como é grande Aquele que vem para salvar as nações! *Ecce Dominus veniet et omnes sancti Ejus cum eo et erit in die illa lux magna. Et regnabit Dominus super gentes... Dominatur usque ad terminos orbis terrarum... et adorabunt Eum omnes Reges, omnes gentes servient Ei. Intuemini quantus sit iste qui ingreditur ad salvandas gentes*.

Quando, pois, desde a origem do Cristianismo, a Santa Igreja viu algum dia esses desejos se realizarem? Eis dezenove séculos que, por toda a terra e em todos os lábios de todos os que cantam em Seu nome o Ofício divino, Ela faz ressoar com uma confiança inabalável essas humildes súplicas: "Vinde, Senhor, e não tardeis, vinde reinar sobre todas as nações da terra, que desde então não invocarão senão a Vós. *O radix Jesse quem gentes deprecabuntur, veni jam noli tardare*".

Mas não é somente durante o Advento que a Igreja exprime essas esperanças e esses desejos. Todos os dias do ano, quase sem exceção, nos albores do dia, os monges cantam e todos os sacerdotes recitam o Salmo LXVI, no qual o santo rei Davi pede com tanta instância a vinda do reino social de Jesus Cristo: "Ó Deus, tende piedade de nós, fazei-nos conhecer vossos caminhos na terra, — os caminhos misteriosos da vossa Providência — e a salvação que preparais para todas as nações... Senhor, que os povos vos louvem (bem mais), que TODOS os povos entrem no concerto de louvores. *Confiteantur tibi populi, Deus; confiteantur tibi populi OMNES*". Nesse salmo, que se compõe apenas de seis versetos, as palavras *povos* e *nações* são reditas até nove vezes e o cântico termina com estas palavras: *Et metuant Eum omnes fines terræ*... Que o temor do Senhor se espalhe por toda a parte e atinga todos os confins da terra".

Dir-se-á que esse salmo não encerra nada além de desejos e nada de promessa formal do Todo-Poderoso?

Primeiramente, seria estranho que o Espírito de Deus pusesse, por tão longo tempo e todos os dias, nos lábios da sua Esposa desejos quiméricos. Depois, aquilo que o salmo LXVI contém sob a forma de ardentes desejos uma multidão incontável de outras passagens da Sagrada Escritura o afirma como um acontecimento futuro cuja realização não poderia ser retardada indefinidamente.

Quem não conhece esse canto de triunfo dedicado ao Cristo-Rei e que a Igreja não cansa de repetir durante os dias da santa alegria de Natal e da Epifania? *Deus,*

judicium tuum regi da... Benedicentur in ipso omnes tribus terræ, omnes gentes magnificabunt eum. Ó Deus, dai o cetro ao REI. Que todas as tribos da terra sejam abençoadas nEle, que todas as nações da terra O glorifiquem!" É a grande promessa de Deus aos patriarcas Abrahão, Isaac e Jacó.

Essa profecia ainda não se realizou. A Santa Igreja, todos os anos, põe-na nos nossos lábios na solenidade da Epifania; e qual é o Seu desejo, senão que nesse dia sobretudo peçamos a Deus com instância que apresse seu cumprimento, *ut compleatur et ad exitum perducatur*?

Assim, há dezenove séculos a liturgia da Igreja Católica inclui em favor das sociedades, em favor dos povos e das nações da terra, ou melhor, em favor de toda a humanidade, esperanças que ainda não se realizaram, e, além disso, Ela afirma que um dia elas se realizarão.

Mas não é somente sobre a terra que se encontram essas esperanças e a oração que deve apressar o cumprimento dessas esperanças.

Um dia, na ilha de Patmos, foi dado a São João assistir às funções, por assim dizer, e cerimônias do culto que os anjos e os santos prestam no céu à Majestade divina; e o Apóstolo bem-amado fez chegar até nós, no seu livro do Apocalipse, um eco dos cantos sob os quais reboa a Jerusalém celeste.

Noite e dia os Bem-aventurados clamam com seus desejos pelo reino universal de Cristo: *Requiem non habebant die ac nocte... Et adorabant dicentes Dignus es, Domine, accipere gloriam et honorem et virtutem... Feciste nos Regnum. Et regnabimus super terram*. "Dia e noite eles não cessam de adorar e de dizer: Vós sois digno, Senhor, de receber a glória, a honra e o poder... Vós nos fizestes reis e reinaremos sobre a terra" (*Passim*).

Sobretudo os mártires parecem impacientes de ver raiar a aurora desse grande dia: "Por que, pois, Senhor, demorais em nos fazer justiça? Por que não exerceis enfim vossos julgamentos sobre aqueles que, unidos à antiga serpente, retardam sobre a terra a marcha do Divino Triunfador?" *Usquequo, Domine, non judicas?* (Apoc. VI, 10).

"Sabemos, cantam em coro os habitantes do céu, sabemos que um dia todas as nações da terra virão e adorarão vossa Santa Majestade... *Quoniam omnes gentes veniente et adorabunt in conspectu tuo*".

E quando a hora do triunfo, que pedimos com nossos desejos, tiver soado e a besta tiver sido vencida, todos os Bem-aventurados exclamarão: "Eis que é chegada a hora do reino do nosso Deus e do seu Cristo sobre a terra; Ele reinará pelos séculos dos séculos". *Factum est Regnum hujus mundi Domini nostri et Christi Ejus, et regnabit in sæcula sæculorum. Amen.* (XI, 15).

Não podemos afirmar que a realização de tão magníficas promessas esteja reservada para os nossos dias. A vida da Igreja é feita de alternativas, provações e triunfos: provações cada vez mais terríveis, triunfos cada vez mais brilhantes. Este do qual a Sagrada Escritura nos faz uma descrição tão entusiasta será o último. Acontecerá ele antes ou depois do reino do Anticristo? As opiniões estão divididas.[104] Deus não quis dar sobre a época dos últimos tempos uma luz certa.

---

[104] Um sentimento partilhado por vários daqueles que têm tentado interpretar as revelações divinas consignadas nas Sagradas Escrituras leva-os a crer que o triunfo completo da seita maçônica, através do

Nosso Senhor e os Apóstolos descreveram os sinais precursores do julgamento; mas aos discípulos que O interrogavam a esse respeito o divino Salvador respondeu: "Não vos é dado conhecer os tempos nem os momentos que o Pai fixou por Sua própria autoridade".[105]

———— ♦ ————

reino do seu chefe sobre todas as nações, seria apenas o ponto mais alto da provação a que deveria ser submetida a humanidade antes de gozar plenamente os benefícios da Redenção. Viriam em seguida os longos séculos do reino de Cristo sobre todas as nações.

Fora mesmo das profecias messiânicas e de sua interpretação, já dissemos isto, espíritos eminentes, como J. de Maistre, têm pensado que, longe de estarmos nos últimos dias do mundo, estamos apenas nos primeiros séculos da Igreja.

Numa carta à senhora Swetchine ele dizia: "Quando os vossos (os cismáticos) falam dos *primeiros séculos* da Igreja não têm uma idéia clara. Se devêssemos viver mil anos, os oitenta anos que hoje são o *máximo* comum seriam nossos *primeiros anos*. Que é, pois, que se deve compreender pelos *primeiros séculos* de uma Igreja que deve durar tanto quanto o mundo? etc. etc. Pensai nisso".

E no livro do Papa: "Essa palavra *juventude* do cristianismo me adverte de que essa expressão e algumas outras do mesmo gênero se referem à duração total de um corpo ou de um indivíduo. Se imagino, por exemplo, a República romana que durou cento e cinqüenta anos, sei o que querem dizer essas expressões: *A juventude* ou *os primeiros anos da República romana*... Que é, pois, a juventude de uma religião que deve durar tanto quanto o mundo? Fala-se dos *primeiros séculos do cristianismo*: na verdade, eu não gostaria de afirmar que eles passaram".

Um santo religioso, o Padre Desurmont, após lembrar os sinais que, segundo o Evangelho, devem anunciar a vinda do homem de pecado, diz: "que essas conjecturas e essas dúvidas não nos perturbem além da medida; porque, de um lado, nada nos diz que após a passagem desse primogênito de Satanás a humanidade não verá, durante muitos anos, um triunfo de Cristo cá em baixo; e de outro lado, mesmo e sobretudo à aproximação dessas épocas perturbadas o filho de Deus e da Providência encontra, nas próprias infelicidades do seu tempo, os misteriosos segredos de um superior contentamento (*La Providence*, p. 445).

[105] Atos I, 7.

CAPÍTULO LXIX

IV. — VOZES DA TERRA

O MUNDO SE UNIFICA: COM QUE INTUITO?

Eis, no entanto, algo que não podemos ignorar porque vemos acontecer aos nossos olhos; é, na ordem das coisas naturais, o acontecimento mais prodigioso que jamais ocorreu desde as origens da humanidade. Queremos falar desse trabalho de unificação do gênero humano a que assistimos e ao qual se dedicam, sob perspectivas bem diferentes e mesmo para fins opostos, a ciência e a política, o zelo dos filhos de Deus e o ódio dos filhos de Satanás. Seria temerário crer que Deus conduz esse trabalho jamais visto — que nos faz assistir a resultados que teriam confundido nossos pais de espanto e de admiração — em direção à realização dos desígnios de infinita bondade que acabam de ser profetizados?

"O que é certo, dizia de Maistre, é que o universo caminha rumo a uma grande unidade difícil de perceber e definir. O furor das viagens, a comunicação das línguas, a mistura inaudita de homens operada pelo abalo terrível da Revolução, as conquistas sem precedente e outras causas ainda mais ativas, embora menos terríveis, não permitem pensar de outra maneira".[106] Em várias passagens de suas obras, o Vidente expõe mais longamente essas, podemos assim dizer, medidas do gênero humano em direção à unidade que existia antes de Babel e que ele pretende reconquistar. Vemos essas medidas se multiplicarem e, poderíamos dizer, se precipitarem nos nossos dias, a ponto de que o desenlace, cuja data de Maistre dizia não poder definir, pode parecer-nos próximo.

América, Ásia, Oceania, África, não há mais lugar no mundo em que as raças européias não se tenham instalado, onde elas não imponham suas línguas, suas idéias, seus costumes e suas instituições. E, de sua parte, todas as raças humanas entram no turbilhão político, comercial e científico que as aproxima, que tende a unificá-las, como antes da dispersão de Babel. Umas caminham para isso espontaneamente, outras são arrastadas à força.

"A unificação do mundo, diz Dufourq no prefácio de sua grande obra *Avenir du Christianisme*, parece hoje, sobretudo há uma dezena de anos, acelerar sua marcha e como que precipitar seu curso. Os diversos povos que formam a humanidade viveram longos séculos separados uns dos outros; eles tendem cada vez mais a saírem do isolamento, a desenvolverem a solidariedade que os liga e a se unirem numa grande família".

Isto foi escrito em 1903 ou 1904. A guerra entre a Rússia e o Japão, depois a rivalidade da China vieram abrir a essa perspectiva horizontes infinitos.

Que resultará da militarização do Oriente à maneira européia? Só Deus o sabe. Não é de se notar que as expedições longínquas a que se lançaram os Estados

---

[106] *Œuvres Complètes de J. de Maistre*, t. XII, p. 33.

europeus há meio século têm freqüentemente produzido resultados opostos aos que eles procuravam? Inglaterra, França, Rússia certamente se propunham coisa diversa do que fazer sair os povos asiáticos dos seus países e lançá-los no mundo. Hoje o Japão tem um exército igual ao da Alemanha, a China está em vias de se tornar uma potência militar de primeira ordem.

O mesmo fenômeno ocorre na ordem científica e na ordem política. Quantas descobertas têm sido feitas nos nossos dias! O vapor, a eletricidade e os novos usos a que são submetidas: telegrafia, telefonia, telegrafia sem fio; balões dirigíveis, tudo isso serve e servirá, como as revoluções, como as guerras, como as emigrações, para aproximar os homens![107] Para falar apenas da aviação, através dos seus aeroplanos e balões dirigíveis ela faz com que o homem não conheça mais fronteiras. Por ocasião do transporte de alimentos de diferentes climas para os mais distantes povos, de Maistre já dizia: "Não existe acaso no mundo, e suspeito há muito tempo que isto tem a ver, de perto ou de longe, com alguma obra secreta que se opera no mundo sem que o saibamos". Que devemos dizer hoje? Para onde nos conduzirá o rádio, que nos veio dar um conhecimento mais íntimo da matéria?

A Inglaterra trabalha há vinte e cinco anos para a construção de uma estrada de ferro "bicontinental" que sulque a África, do Cabo ao Cairo, e a Ásia, do Cairo a Singapura.

À estrada Cabo-Cairo-Singapura propõe-se juntar a "tricontinental", que ligaria a Europa à África e à Ásia.a Ela cortaria diagonalmente a África, de Moçambique a Tanger, passando ao norte do lago Tchad, cortando daí para Figuig, depois para Fez, através do corredor de Taza.

Os bancos e o papel-moeda já oferecem aos estrangeiros as mais maravilhosas facilidades. Um sábio genovês, René de Saussure, estuda a confecção da moeda universal: um valor que teria curso por toda a parte nas trocas internacionais de dinheiro.[108]

Dá-se o mesmo relativamente à troca de idéias. Uma sociedade Romajikwai para a adoção da forma latina das letras acaba de ser fundada (1908) no Japão. Ela possui um jornal e trabalha para editar em caracteres latinos as obras dos principais escritores do país. O marquês Saioujl, primeiro-ministro, é o seu presidente e muitos japoneses são partidários dessa reforma destinada a criar um meio mais fácil de comunicação com os outros países.

Conhecemos os ensaios tentados de diversos lados para criar uma língua universal: o Esperanto, o Volapuk, o Ido testemunham, também eles, a necessidade de aproximar os povos, que agita os espíritos.

No mesmo passo de todas essas inovações caminha a Revolução.

---

[107] No dia 1° de novembro de 1902 Chamberlain recebia dois telegramas que tinham feito a volta ao mundo, um pela rota do Leste, outra pela do Oeste. O primeiro gastara dez horas e dez minutos para fazer sua grande viagem, o segundo precisara de treze horas e meia.

[108] Saussure toma como unidade uma peça de ouro de 8 gramas que teria um valor de cerca de 25 francos, ou seja, 20 marcos, uma libra esterlina ou cinco dólares. Essa unidade monetária seria dividida em décimos e a décima-milésima parte dessa unidade se chamaria, por exemplo, "speso". Cem *spesos* constituiriam o "ispescento", representando um valor de 20 cêntimos ou 16 pennings ou 2 quartos de pence. Mil *spesos* formariam um "spesmce", que valeria 2 marcos, ou 2 shillings, ou ½ dólar, ou ½ peso espanhol, ou 1 ien japonês etc.

Vimos que desde seus primeiros dias expressou-se a esperança de, por seu intermédio, se chegar a fazer de todas as nações um só povo, destruir as nacionalidades para constituir sobre suas ruínas uma república universal; e, de outra parte, aniquilar o Cristianismo e fundar uma nova religião, religião humanitária, segundo o desejo de uns, religião satânica, segundo o desejo de outros; mas, assim para estes como para aqueles, religião universal, abarcando todos os homens para encerrá-los no mesmo templo e na mesma cidade.

Uma semelhante concepção, um tal projeto devia parecer então pura loucura. É necessário reconhecer, no entanto, que ele se apresenta hoje mais realizável do que podia parecer aos olhos daqueles que por primeiro o expuseram aos homens da Convenção; e que tudo, no movimento das idéias assim como em todas as revoluções políticas e nas descobertas e aplicações da ciência, parece prestar-se a isso.

Como puderam os homens da Revolução, há um século, quando não podiam ter nenhuma idéia do que vemos, conceber o pensamento de uma Revolução que abrangesse assim a humanidade inteira para transformá-la tão radicalmente?

Não se pode explicar isso senão pela inspiração de Satanás. O anjo decaído via, desde então, nas suas causas, os acontecimentos a que hoje assistimos e que quebram, uns após os outros, as barreiras que separam os povos e as raças; ele via igualmente os progressos que deviam fazer as ciências que acabavam de nascer e as convulsões sociais que elas produziriam. Ele via enfim as negações radicais para as quais os discípulos de Voltaire e de Rousseau arrastariam a razão separada da fé. Ele prometeu a si mesmo apoderar-se, por intermédio daqueles que consentiriam em fazer-se seus escravos nas sociedades secretas, desses movimentos de ordem material e de ordem intelectual, de ordem política e de ordem moral, e fazê-los servir ao restabelecimento, sobre todo o gênero humano, do reino que a redenção cristã lhe fizera perder.

Sabemos como e com que sucesso, podemos dizer, ele trabalhou durante todo o curso do século XIX. Ouvimos seus sequazes no governo e na imprensa, nas lojas e nos clubes, gritarem a uma só voz: A vitória é nossa!

Na edição de 7 de janeiro de 1899, a *Croix* referia essa palavra de um judeu: "É o nosso império que se prepara; é aquele que chamais de Anticristo, o judeu temido por vós, que tirará proveito de todos os novos caminhos para conquistar rapidamente a terra".

Eles não sabem, ou querem ignorar, que acima de Satanás, senhor deles, infinitamente acima, existe Deus, Deus todo-poderoso. Ele criou o mundo para a Sua glória, a glória inexprimível que Lhe será eternamente rendida por todas as Suas criaturas, sem exceção, embora diversamente, umas manifestando Sua bondade, outras manifestando Sua justiça. Até o dia das supremas retribuições, Ele as deixa ao seu livre arbítrio, de tal sorte, entretanto, que tanto os maus como os bons, o mal como o bem, servem à realização dos desígnios da Sua infinita Sabedoria.

Como disse Donoso Cortez: "Lúcifer não é o rival, ele é o escravo do Altíssimo. O mal que ele inspira ou introduz na alma e no mundo, ele não o introduz, ele não o inspira sem a permissão do Senhor; e o Senhor não o permite senão para castigar os ímpios ou para purificar os justos com o ferro em brasa da tribulação. Dessa maneira, o próprio mal acaba por se transformar em bem sob a conjuração todo-poderosa

dAquele que não tem igual nem em poder, nem em grandeza, nem em prodígio; que é Aquele que é, e que tirou tudo o que existe, fora dEle, dos abismos do nada".[109]

Deus permite, e nós somos, ó tristeza!, testemunhas dos extravios do homem e mesmo da revolta contra Ele, *mas dentro de uma medida que não será ultrapassada*; Ele aguarda. Tudo servirá aos Seus desígnios, e quando a prova tiver cessado, tudo estará no devido lugar; então haverá mal apenas para os culpados obstinados. Mas, digamo-lo, os próprios culpados ainda lembrarão os desígnios cheios de amor de Deus por suas criaturas: o que terá causado a perda deles será com efeito o abuso de um benefício que lhes era destinado a obter um peso imenso de glória, o abuso da liberdade que Deus dá às suas criaturas com a finalidade de formar para Si eleitos que possam dizer com São Paulo: "É pela graça de Deus que sou o que sou, e sua graça para mim não tem sido em vão.[110] Não fui eu, portanto, quem trabalhou, mas a graça de Deus que está comigo".

O fundador do iluminismo francês, Saint-Martin, tinha a intuição dessas verdades e dizia que Satanás bem poderia não ter a última palavra da Revolução. Em 6 de janeiro de 1794, ele escrevia ao barão de Kirchberger: "Quanto a mim, jamais duvidei que a Providência se envolvesse na nossa Revolução e que não fosse possível que ela recuasse. Creio mais do que nunca que as coisas irão até o seu termo e terão um final bem importante e bem instrutivo para o gênero humano".[111]

De Maistre não pensava de outra forma. "Para todo homem que tem o olho são, diz ele, e que quer ver¸ nada há de mais visível do que a ligação dos dois mundos. Tudo o que se passa na terra tem sua razão de ser no Céu. É para a realização dos decretos divinos que estão ordenados todos os fatos, todas as revoluções que a História registrou, todos aqueles que ela registrará até o fim dos tempos: todos concorrem, segundo sua natureza e sua importância, para a obra secreta que Deus opera quase sem o percebermos, e que será inteiramente revelada apenas no grande dia da eternidade. Se as revoluções são motivadas pelos erros dos homens, se são feitas com seus crimes, Deus as domina a ponto de fazê-las concorrer para a realização dos Seus desígnios, que datam da eternidade".

Ninguém exprimiu numa linguagem mais sublime essa bela e consoladora verdade. Nas primeiras linhas da primeira das suas obras, ele percebeu essa ação da Providência, que leva os homens para onde Ela quer, mesmo deixando-lhes a liberdade de movimentos.

"Estamos ligados ao trono do Ser supremo com uma corrente flexível que nos retém sem nos sujeitar. O que há de mais admirável na ordem universal das coisas é a ação dos seres livres sob a mão divina. Livremente escravos, eles operam ao mesmo tempo voluntária e necessariamente; eles fazem realmente o que querem, mas sem poder desorganizar os planos gerais. Cada um desses seres ocupa o centro de uma esfera de atividade cujo diâmetro varia à vontade do *eterno geômetra*, que sabe dilatar, restringir, parar ou dirigir a vontade sem alterar sua natureza... Seu poder opera enquanto se exerce; nas suas mãos tudo é dócil, nada Lhe resiste; para Ele tudo é

---

[109] *L'Eglise et la Révolution*.

[110] Cor. XV, 10.

[111] Correspondência inédita de S. C. de Saint-Martin, publicada por L. Schauer, Paris, Dentu. — Um provérbio provençal exprime a mesma coisa à sua maneira: "*Lou diable porte pèire*". O próprio diabo carrega sua pedra para as construções de Deus.

meio, mesmo o obstáculo; e as irregularidades produzidas pelas operações dos agentes livres vêm arranjar-se na ordem geral".[112]

Satanás não foge a essa lei. Ele também faz o que quer; mas fazendo o que quer, trabalha para o cumprimento dos pensamentos divinos. Ele triunfa atualmente; tudo caminha ao sabor dos seus desejos e seus escravos humanos estão jubilosos. Eles não vêem que, parecendo conduzir a Revolução, entram nisso apenas como simples instrumentos e que suas infâmias sempre se voltaram contra os fins aos quais se propuseram.

Querem aniquilar o Cristianismo; não escondem isso, proclamam-no; e vendo as ruínas que acumularam de um século para cá, nas almas como na sociedade, jactam-se de o terem conseguido. Seus gritos de alegria, unidos aos seus gritos de ódio, reboam por toda a parte com um barulho cada vez mais insolente. Eles erram. Eles se vangloriam daquilo que, de uma maneira ou outra, será a vergonha deles.

Assim como a unidade do império romano preparou o terreno para a propagação do Evangelho, todas as novas invenções e todas as revoluções preparam a fusão dos povos. Com que intuito?

Conhecemos as intenções, as esperanças da seita: uma religião única que una todos os espíritos, uma Convenção única que governe todos os povos. Os filhos de Deus têm esperanças bem diversas.

Lacordaire formulou-as um dia do alto do púlpito de Notre-Dame: "Ó vós, homens do tempo, príncipes da civilização industrial, vós sois, sem o saberdes, os pioneiros da Providência. Essas pontes que suspendeis no ar, essas montanhas que abris diante de vós, esses caminhos nos quais o fogo vos conduz, vós os credes destinados a servir à vossa ambição; não sabeis que a matéria é apenas o canal no qual corre o espírito. O espírito virá quando tiverdes cavado o seu leito. Assim fizeram os romanos, vossos predecessores; eles empregaram setecentos anos em aproximar os povos através das armas, e em sulcar com suas longas estradas militares os três continentes do velho mundo; eles acreditavam que suas legiões passariam eternamente por ali para levarem suas ordens ao universo; não sabiam que preparavam as vias triunfais do cônsul Jesus. Ó vós, pois, herdeiros deles, e também cegos como eles, romanos da segunda raça, continuai a obra da qual sois instrumentos; reduzi o espaço, diminuí os mares, tirai da natureza seus últimos segredos, a fim de que um dia a verdade não seja obstruída pelos rios e pelos montes, que ela vá direta e depressa. Como são bonitos os pés dos que evangelizarão a paz".[113]

Dufourq, no livro que acabamos de citar, também pensa que o que se prepara será a continuação, o acabamento do que se faz desde Jesus Cristo.

"É um fato, os povos cristãos ocupam o primeiro lugar e o primeiro papel. Foram os cristãos que colonizaram a Rússia e a América, expulsaram o Islã, conquistaram a Índia, abriram a China; é a civilização cristã que leva aos outros povos os princípios organizadores da vida material e moral. Parece que todos os riachos humanos se dirigem, para serem por ele sucessivamente recolhidos, em direção ao grande rio que, nascido na Palestina, alargado na Galiléia, há mil e novecentos anos flui lentamente suas águas salutares através do mundo".

---

[112] *Œuvres Complètes de J. de Maistre*, t. I, p. 1.
[113] *Conférences de Notre-Dame*, t. II, p. 198.

Antes dele, J. de Maistre expressara as mesmas previsões: “Quando uma posteridade que não está distante vir o que resulta da conspiração de todos os vícios, ela se proclamará cheia de admiração e de reconhecimento”.[114] E algumas palavras adiante: “O que se prepara agora no mundo é um dos mais maravilhosos espetáculos que a Providência jamais deu aos homens”.

Em meio aos horrores de 93 ele já soubera desviar seu olhar desse quadro desesperador para prever o seu desenlace. “A presente geração é testemunha de um dos maiores espetáculos que jamais ocuparam o olho humano: é o combate de morte entre o Cristianismo e o filosofismo.[115] A liça está aberta, os dois inimigos combatem, e o universo olha. Vê-se, como em Homero, *o pai de Deus e dos homens* erguer as balanças que pesam os dois grandes interesses: logo um dos pratos vai descer”. E após ter mostrado a que estava reduzido o catolicismo no momento em que escrevia, acrescentava: “O filosofismo não tem, pois, mais queixas a fazer; todas as oportunidades humanas estão a seu favor; faz-se tudo por ele e tudo contra sua rival. Se ele vencer não dirá como César: *Vim, vi, venci*; mas enfim terá vencido: ele pode bater palmas e sentar-se orgulhosamente sobre uma cruz derrubada. Mas se o Cristianismo sai dessa prova terrível mais puro e mais vigoroso, qual Hércules cristão, forte somente da sua força, ele levanta *o filho da terra* e o sufoca nos seus braços: *Patuit Deus!*”

Nada do que ele viu durante o meio século que se seguiu ao Terror pôde desviá-lo dessa esperança. Todas as convulsões a que assistiu chamava de “prefácio”, “terrível e necessária preliminar”. Na extremidade oposta dos pensamentos humanos, Babeuf dizia na mesma época:

“A Revolução Francesa é a precursora de uma Revolução bem maior”. Quantos outros pensaram e disseram a mesma coisa!

Prefácio de que livro? Precursora de qual transformação? Preliminar de que nova ordem de coisas? Certamente Babeuf e de Maistre não faziam dessas coisas a mesma idéia, muito menos hoje Jaurès e Pio X.[116] Na Encíclica *Præclara*, de 20 de junho de 1894, dirigida aos príncipes e aos povos do universo, Leão XIII também dissera: “Vemos lá, no longínquo futuro, uma nova ordem de coisas; e não conhecemos nada mais suave do que a contemplação dos imensos benefícios que serão seus resultados naturais”.

É muito necessário, com efeito, que tudo mude, se os tempos não estão por terminar. A perversão dos espíritos e a corrupção dos corações atingiram todas as classes da sociedade e fizeram-nas chegar a um estado além do qual nada há senão a decomposição pútrida do corpo social. Se Deus não quiser que cheguemos a isso, é preciso que, através dos meios dEle conhecidos Ele nos faça chegar a uma mudança quase total, e ao mesmo tempo universal, a mudança do mundo moral e religioso que Santa Hildegarde e tantos outros profetizaram.

---

[114] *Ibid.*, t. X, p. 448.

[115] Podemos ir mais longe: da civilização cristã e da civilização humanitária.

[116] Ver as esperanças formuladas na Encíclica que concede um Jubileu ao universo católico por ocasião da ascensão de Pio X ao trono pontifício e do cinqüentenário da definição do dogma da Imaculada Conceição.

Se acreditarmos em Pio IX, Leão XIII e Pio X, de Maistre, Blanc de Saint-Bonnet e outros, Ele o fará, talvez logo. "Poderão acontecer coisas que confundam nossas especulações; mas sem pretender excluir nenhuma falta nem nenhuma infelicidade intermediária, sempre estarei seguro de um final vantajoso".[117] "Ainda não vemos nada, porque até aqui a mão da Providência apenas limpou o terreno: mas nossos filhos exclamarão com respeitosa admiração: *Fecit magna qui potens est*".[118] "Existem nessa imensa revolução coisas acidentais que o raciocínio humano não pode apreender perfeitamente; mas há também uma caminhada geral que se faz sentir a todos os homens que têm estado em condições de obterem certos conhecimentos. NO FIM TUDO REVERTERÁ PARA O MELHOR".[119]

———— ♦ ————

117 *Ibid.*, t. XIII, p. 64.
118 *Ibid.*, t. XIII, p. 169.
119 *Œuvres Complètes de J. de Maistre*, t. XIII, p. 176.

CAPÍTULO LXX

QUE ESPERAR DA FRANÇA?

I. MOTIVOS DE DESESPERANÇA

As previsões dos homens prudentes, as promessas e garantias dos santos relatadas acima abrangem toda a Cristandade; elas anunciam o retorno às instituições, às leis e aos costumes da civilização cristã de todos os povos que receberam os benefícios da Redenção. Elas dizem até que o exemplo destes iluminará os povos infiéis e que será enfim atendida a prece do divino Salvador: *Unum ovile et unus Pastor*, de sorte que aquilo a que Satanás se propôs e para cujo objetivo faz trabalhar os seus — o restabelecimento da unidade do gênero humano em seu proveito — voltar-se-á contra ele.

Sob sua instigação, "as nações agitam-se em tumulto, os povos tramam vãs conspirações, erguem-se os reis da terra, e os príncipes mantêm conselho contra o Senhor e contra o seu Cristo. Quebremos seu jugo, dizem eles, e lancemos para longe de nós suas cadeias!

"Mas Aquele que impera nos céus se ri deles, o Senhor os reduz ao ridículo. Ele lhes fala na sua cólera; Ele os fere de pavor com o seu furor. Submetei-vos, porque estabeleci meu rei em Sião, a montanha santa.

"Publicarei este decreto; Tu és meu Filho: eu hoje te gerei, num dia sem véspera nem dia seguinte, desde toda a eternidade. Pede, e eu te darei as nações por herança, por domínio as extremidades da terra" (Salmo II).

Se é chegada a hora do reino de Jesus Cristo como vencedor sobre a humanidade rebelde, se em meio aos erros, corrupções e calamidades da presente geração podemos permitir-nos ter a esperança de uma intervenção próxima de Deus em favor da Igreja e do gênero humano, uma questão muito angustiante apresenta-se para nós franceses. Terá a França parte nas misericórdias divinas? ou melhor, retomará ela a continuidade da missão que lhe foi dada dentre os outros povos? Porque a França recebeu uma missão no dia em que ela foi posta no mundo, no dia em que ela saiu do batistério de Reims viva da vida de Cristo e sagrada defensora da Igreja, sustentáculo do Papado, apóstola das nações infiéis: "Ó Deus, dizia a santa liturgia no século XI, Deus todo-poderoso e eterno, que estabelecestes o império dos Francos para ser, no mundo, instrumento da vossa divina vontade, o gládio e o escudo da Santa Igreja, concedei sempre e em toda a parte a luz celeste aos filhos suplicantes dos Francos, a fim de que vejam sempre o que é preciso fazer para a vinda do vosso reino neste mundo, e que, para fazer assim como tiverem visto, sejam até o fim cheios de caridade e de coragem".

Essa oração levava até Deus a expressão dos sentimentos que tinham sido colocados no coração dos nossos pais pela carta do Papa Anastácio II a Clóvis, pela do Papa Vigile a Childebert, pela de São Gregório Magno aos filhos de Brunehaut etc., e que tantos acontecimentos sobrevindos no curso dos séculos marcavam muito ser a

função que a Providência havia designado para a França, idéia diretriz de toda a sua história e alma da sua vida.

Mas, assim como um indivíduo, um povo pode acabar por tornar-se infiel à sua missão. O povo judeu, guardião da promessa divina, voltou-se contra a sua vocação. O povo da França, após ter desfrutado semelhante privilégio, não se tornou culpado do mesmo crime?

Em 1795, portanto em plena Revolução, publicou-se em Francfurt um livro sem nome de autor intitulado: *O sistema galicano ferido e convencido de ter sido* A PRIMEIRA E A PRINCIPAL CAUSA DA REVOLUÇÃO *que acaba de descatolicizar e de dissolver a monarquia cristianíssima e de ser hoje o grande obstáculo à contra-revolução em favor dessa monarquia*.

Sabemos o que foi o sistema galicano. Fora formulado na Assembléia de 1862 em quatro artigos que consagravam um duplo erro e cometiam um duplo atentado contra a soberania do Filho de DEUS FEITO HOMEM, chefe da humanidade redimida.

De uma parte afirmavam que o poder do Vigário de Jesus Cristo é limitado, ligado pelos cânones, e sua infalibilidade doutrinária dependente daquela da Igreja. De outra parte, que o poder do rei é absoluto, que depende apenas dele mesmo, que é independente do poder que Nosso Senhor Jesus Cristo deu ao Papa, Seu Vigário.

Pelo primeiro erro e primeiro atentado, a Igreja da França, por seus bispos, colocava-se fora dos ensinamentos da Igreja universal acerca de um ponto essencial que teve de ser definido pelo Concílio do Vaticano.

Pelo segundo erro e segundo atentado, a França estava colocada fora das tradições do gênero humano. Jamais, em nenhum tempo, nenhum povo deixou de dar a religião como fundamento à sua constituição, às instituições públicas e às leis. Nenhuma nação havia feito melhor do que a França; ela serviu mesmo, sob esse aspecto, de modelo aos povos modernos; foi ela a primeira a reconhecer a divina majestade de Nosso Senhor Jesus Cristo e da Sua Igreja. O rei da França intitulava-se de lugar-tenente de Jesus Cristo e proclamava, perante todos, os direitos soberanos do Salvador através dessa inscrição gravada nas nossas moedas: *Christus vincit, regnat, imperat*, palavras inspiradas por aquelas do Intróito da Epifania: Jesus Cristo tem em sua mão o reino, o poder e o império. *Et regnum in manu ejus et potestas et imperium*: "Ó povo dos Francos, exclamava em 1862 o cardeal Pie, remonta o curso dos séculos, consulta os anais dos teus primeiros reinos, interroga os feitos dos teus ancestrais, as proezas dos teus pais, e eles te dirão que na formação do mundo moderno, no momento em que a mão do Senhor modelava novos povos ocidentais para agrupá-los, como uma guarda de honra, ao redor da segunda Jerusalém, a posição que marcou para ti, a parte que construiu para ti, colocava-te à testa das nações católicas. Teus mais intrépidos reis proclamaram-se "oficiais de Cristo".

A declaração de 1682 rompia com esse passado, realizava para o presente a secularização do governo, e preparava para o porvir o ateísmo das leis e a laicização das instituições, que deviam desaguar na separação entre a Igreja e o Estado. A doutrina da separação entre a Igreja e o Estado está contida na declaração de 1682. Com efeito, dizendo que a Igreja não recebeu nenhuma autoridade sobre as coisas temporais e civis, e que, por conseguinte, os reis e os soberanos não estão submetidos a nenhum poder eclesiástico na ordem temporal, Bossuet e os outros membros da assembléia não *quiseram*, sem nenhuma dúvida, submeter a Igreja ao Estado, como o tinham feito antes deles os bispos da Inglaterra ao reconhecerem Henrique VIII e seus sucessores como chefes da Igreja. Mas a dependência da Igreja relativamente ao

Estado devia sair fatalmente da Declaração. Se o rei, ou o Parlamento, ou o povo soberano, não está sujeito ao julgamento do Pontífice, é ele quem decidirá soberanamente a respeito do que é temporal e do que não o é. Foi em virtude desse princípio que o próprio Bossuet foi condenado a queimar um dos seus mandamentos e que, nos nossos dias, quando a Concordata estava ainda em vigor, os clérigos foram submetidos ao serviço militar.

A data de 1682 marca, pois, o momento em que a Revolução foi concebida no seio da nação francesa. "Essa revolução de que somos *vítimas*, dizia o autor desconhecido da brochura cujo título acabamos de referir, não é por si mesma e por sua natureza senão uma espécie de revolta direta e pronunciada contra a autoridade sacerdotal e a autoridade real de Jesus Cristo. É a Jesus Cristo que os ímpios revolucionários odeiam acima de todas as coisas; e se está nos seus objetivos detestáveis trabalhar com todas as suas forças pela derrubada da Santa Sé e de todos os tronos da Cristandade, é apenas para aniquilar, se puderem, a dupla autoridade de Jesus Cristo, da qual o Soberano Pontífice e os reis cristãos são respectivamente depositários e que exercem em Seu nome e em Seu lugar".

A Revolução, com o assassinato de Luís XVI de um lado, e de outro a constituição civil do clero, foi, pois, conseqüência lógica da Declaração de 1682. Querendo limitar os poderes dados ao seu Vigário por Nosso Senhor Jesus Cristo, a Igreja galicana abrira ela mesma o caminho ao cisma no qual a Revolução quis precipitá-la: e privando-a do apoio que ela tivera desde sua origem do trono de Jesus Cristo, ela fazia o trono dos reis cristianíssimos perder seu prestígio e sua estabilidade. A soberania não mantinha mais nenhum sustentáculo além da opinião nacional, tão fácil de mudar, tão pronta a conspurcar hoje o que ontem adorara.

Aí está a verdadeira causa do desaparecimento do trono da França, como do desmoronamento da Igreja galicana. Às conseqüências lógicas que os erros e as impiedades acarretam, junta-se o castigo. Aqui, o castigo foi a decapitação do rei e o massacre do clero. Essas penas parecem-nos enormes, mas quem somos nós para julgar acerca da natureza do crime e da expiação que ele requeria?

Os homens da Convenção quiseram ferir em Luís XVI não apenas um homem, não somente um Rei justo, mas o próprio Cristo, do Qual ele era ministro, a própria Cristandade, da qual ele era o chefe. O que eles queriam derrubar com a sua cabeça era a fé de Clóvis, de Carlos Magno, de São Luís; era o representante mais elevado, após o Papa, do direito divino que eles se vangloriavam de destruir. Eles queriam "descatolicizar não menos que desmonarquizar" a França e a Cristandade; eles queriam, em Luís XVI, atingir a "infame", "esmagar a infame". Pela intenção, o regicídio era, segundo certos homens, um verdadeiro deicídio.

Unido ao Vigário de Cristo e por ele a Cristo, ungido com o óleo santo que a Pomba, mensageira divina, trouxe do céu, o rei da França, não por si mesmo, mas por AQUELE que ele representava, era um outro Cristo, como diz a Escritura. A Revolução, esclarecida por um ódio satânico, não se enganava. Basta, para convencer-nos disso, lembrar as palavras pronunciadas na Convenção por Robespierre, Saint-Just e outros.

Chapot[1] tem razão de dizer:

---

[1] *Revue Catholique des Institutions et du Droit*, setembro de 1904, pp. 212-213.

“Existe um pecado da França como existe um pecado do povo judeu. O pecado nacional do povo judeu é o deicídio; o pecado nacional da França é o regicídio, é a Revolução e o liberalismo. Explico-me: Israel quis matar Jesus Cristo como Deus, a França em revolução quis matá-Lo como rei. O atentado cometido contra Luís XVI tinha seu contragolpe direto contra a própria pessoa de Cristo. Não foi o homem que a Revolução quis matar em Luís XVI, foi o princípio que o rei da França representava: ora, esse princípio era o da realeza cristã. Que quer dizer realeza cristã? Quer dizer realeza temporal dependente de Cristo, imagem da realeza de Cristo; é por isso que os reis da França se intitulavam *oficiais de Cristo*”. Foi com este pensamento que Joana d’Arc, restabelecendo sobre a terra a realeza legítima, disse a Carlos VII: “Vós sereis lugar-tenente do rei dos céus que é rei da França”.

Lammenais comentou assim as palavras da Donzela:

“Não era ao homem que se obedecia, mas a Jesus Cristo. Simples executor dos Seus mandamentos, o soberano reinava em Seu nome; sagrado como Ele, por tanto tempo quanto usasse o poder para manter a ordem estabelecida pelo Rei-Salvador, sem autoridade desde que a violasse. Assim, a justiça e a liberdade constituíam o fundamento da sociedade cristã; a submissão do povo ao Príncipe tinha como condição a submissão do Príncipe a Deus e à Sua Lei, carta eterna dos direitos e dos deveres, contra a qual vinha se quebrar toda vontade arbitrária e desordenada”.[2]

A declaração de 1682 veio colocar o princípio contrário, da secularização do governo dos povos cristãos. É verdade que doze anos após ter ela sido formulada, em 14 de setembro de 1693, Luís XIV escreveu ao Papa Inocente XII: “Estou muito contente em levar ao conhecimento de Vossa Santidade que dei as ordens necessárias para que as coisas contidas no meu édito de 11 de março de 1682, relativas à declaração feita pelo clero da França, à qual as conjunturas passadas me tinham obrigado, não sejam observadas”. E não satisfeito de que o Santo Padre fosse informado dos seus sentimentos a esse respeito, exprimira o desejo que todo o mundo conhecesse sua profunda veneração pelo Chefe da Igreja. O erro estava, pois, retratado de parte da realeza e a falta reparada.

Mas uma e outra foram renovadas e agravadas além de todo limite pela nação, no dia em que foi escrito e votado este artigo da Declaração dos Direitos do Homem: “O princípio de toda soberania reside essencialmente na nação; nenhum corpo, nenhum indivíduo pode exercer autoridade que não emane expressamente dela”.

Isto jamais foi retratado, isto está sempre em vigor, e é isto que autoriza os temores acima expressos.

“O que a Revolução quis destruir, diz ainda Chapot, foi o próprio princípio da autoridade cristã no Estado. Ela quis iniciar a secularização, ou melhor, a apostasia de toda a ordem social e civil. Ela quis arrancar as velhas nações cristãs, das quais a França era a cabeça, ao império de Jesus Cristo”.

Eis aí o pecado da França, causa primeira e radical do rebaixamento em que nos encontramos.

Desde então se colimou a secularização, que tudo atingiu, tudo liberando da tutela paternal de Cristo, da tutela maternal da Igreja. Esse jugo tão honorável e tão suave foi apresentado como sendo humilhante e repressor. No presente momento é completamente rejeitado pela lei de separação entre a Igreja e o Estado.

---

[2] *Du progrès de la Révolution*, p. 5.

A esse primeiro atentado juntou-se um outro, o atentado contra a soberania pontifícia, cuja guarda constituía missão especial da França.

Sabemos como, após ter restabelecido Pio IX no trono, a França o abandonou, retirou-se de perto dele a fim de deixar o campo livre aos soldados da franco-maçonaria. Permanecia, no entanto, junto ao trono pontifício a embaixada, personificação da França. Ela não está mais lá, e o miserável artifício empregado para cobrir essa traição desejada pela franco-maçonaria é bem digno daquela que é perfídia e mentira.

Até então nenhum soberano de nação oficialmente católica quisera visitar em Roma o usurpador, nem mesmo o imperador da Áustria, seu aliado, apesar de vinte anos de instâncias a lembrá-lo a observância das leis de respeito recíproco. Era, da parte dos príncipes católicos, uma maneira de afirmar que a questão de Roma existe sempre, que está colocada para as Potências.

Os próprios soberanos não-católicos, pelo modo como efetuam sua visita ao Vaticano, testemunham que, igualmente para eles, o problema está sempre pendente, não foi resolvido.

Loubet, o primeiro, declarou levianamente que a seus olhos o verdadeiro e único Soberano de Roma era o neto de Victor Emanuel; ele retificou a grande infâmia política e religiosa praticada em 1870. Foi em nome da França que ele pretendeu praticar esse ato, o mais oposto possível à toda a sua história, ao papel que ela desempenhou no mundo, à vocação que Deus lhe deu. E isso no tempo em que o imperador da Alemanha posa de porta-estandarte da Igreja![3]

Havia na Câmara dois padres; e eles deixaram a um leigo, Boni de Castellane,[4] a preocupação de reivindicar os direitos imprescritíveis do Papado e defender os direitos e a honra da França. Que digo? Um deles, Gayraud, por sua abstenção, declarou-se indiferente à questão; e o outro, Lemire, disse, com seu voto, a Loubet: Estou muito contente por que ireis dar à usurpação piemontesa a sanção que ela ainda não recebeu, e, usando meus poderes de deputado, eu vos dou os meios para isso.[5]

No dia seguinte ao desse voto, no dia seguinte ao dessa missão dada a Loubet pelos deputados e senadores, Henri Rochefort escrevia no *Intransigeant*: "O dia de ontem foi, podemos dizer, excelente para os sem-pátria... A França está morrendo, é incontestável, mas eles não estarão realmente satisfeitos senão quando puderem gritar: "A França morreu!" Após a sessão de 22 de janeiro, sobre a questão Delsor, ele havia escrito: "Pode-se dizer que a França venceu. Ela é ainda, por algum tempo, uma expressão geográfica".

É a resposta definitiva à pergunta que J. de Maistre fazia a Bonald: "A França está morta"?

---

[3] Deixou a Prússia de ser o que o *Opinion Nationale* dela dizia no dia seguinte ao desastre de Sadowa? *"A missão da Prússia é protestantizar a Europa, como a missão da Itália é destruir o pontificado romano"*. Quem pode acreditar?

[4] Baudry-d'Asson apoiou Boni de Castellane. No Senado, Dominique Delahaye fez-se a mesma honra. O projeto de lei encontrou na Câmara apenas doze oponentes!

[5] É verdade que esse padre, um pouco mais tarde subiu à tribuna para formular esta heresia: "A constituição da Igreja não é uma monarquia, propriamente falando a Igreja não é uma hierarquia. Ela é governada por uma série de autoridades locais, controladas por uma autoridade central e superior". Câmara dos Deputados, sessão de 15 de janeiro de 1907.

Em 1878 o cardeal Pitra, numa carta dirigida ao barão Baude, embaixador em Constantinopla, perguntava: “Amanhã, onde estará a França? Vós me falais de desmoronamentos que ameaçam todos os pontos da Europa. Que significa semelhante situação, e como chegamos a esse ponto extremo no qual estamos prestes, a cada dia, a temer um abalo universal?”

Em abril de 1903 Drumont também dizia: “Não duvidamos de que a França esteja neste momento em plena depressão, pronta a tudo, aceitando tudo, assistindo indiferente aos mais monstruosos atentados. São múltiplas as causas desse estado de espírito... Parece que o que tocou a França no coração foi que ela entreviu, pela primeira vez talvez, na sua existência como nação, a possibilidade de morrer. E se o coração falha é porque o cérebro vacila no meio da mais pavorosa confusão intelectual e moral a que o mundo jamais assistiu”.

No dia 4 de fevereiro de 1904, no tribunal do Sena, discutia-se, após o divórcio, um processo de guarda de filho. A quem confiá-lo? Os juízes se consultavam. E o presidente, embaraçado, impotente, deixou cair esta palavra de desencorajamento e de tristeza: “Vivemos numa sociedade que desaba”.

Os homens verdadeiramente inteligentes não se enganam acerca da causa primeira da nossa decadência em todos os sentidos, decadência que nos permite fazer esta sinistra pergunta: “A França está morrendo? A França está morta?”

Beugny d’Hagerne publicou em 1890, na *Revue du Monde Catholique*, suas notas de *viagens de Paris à Transilvânia*. Ele relata uma entrevista que teve em Fured com Lonkay, diretor do *Magyar Alam* (O Estado Húngaro), o grande jornal católico da Hungria. “Aprecio muito a França, disse-me ele, e em meio aos acontecimentos políticos da nossa época, que a função de publicista me força a estudar diariamente, há dois pontos que jamais perco de vista: o Papado e a França. A França sempre me pareceu o povo escolhido por Deus para defender os direitos da Sua Igreja; vejo todas as nações cristãs dependerem e esperarem dela a salvação. Infelizmente, há muitas coisas que me fazem temer por vós. Não falo das atuais loucuras dos vossos governantes, é uma doença, um acesso de febre, que só pode ser momentâneo. A guerra entre o império alemão e a França é inevitável... Será um duelo de morte. Se a França fosse ainda a filha primogênita da Igreja, se ela tivesse um chefe que, como São Luís, se intitulasse o oficial de Jesus Cristo, eu nada temeria. Mas, entre as faltas e loucuras de vossa primeira revolução, uma há que deve atrair sobre vós terríveis castigos. Naquela época nefasta a França expulsou Deus das suas leis: foi um crime de renegação nacional. Todos os governos que se seguiram à Revolução não souberam, não puderam, ou não ousaram reparar esse crime. Mais tarde esse crime foi imitado por outras nações católicas, e pergunto-me com freqüência se Deus não terminará, também Ele, por renegar aqueles que O renegaram”.

Mais recentemente, o mesmo temor foi expresso em Amsterdã, ou melhor, a afirmativa foi pronunciada por um protestante, membro da Câmara Alta dos Estados Gerais. Falando a um religioso expulso da França pela lei Waldeck-Rousseau, ele perguntava:

“ — Eu vos ofenderia se afirmasse que a França está perdida?

“ — Gostaria de saber, pelo menos, por que assim julgais, respondeu o religioso.

“ — Por causa dos sinais que anunciam toda decomposição, replicou o senador”.[6]

---

[6] *Etudes*. Número de 5 de outubro de 1902.

Vendo os sinais, ele havia procurado a causa dessa morte, e ele a atribuía ao abandono do catolicismo. "Disse mal: "a França perdida"; é o catolicismo que considero perdido na França. E é nessa atrofia do catolicismo que eu, protestante, vejo o sintoma da morte para a França".

No curso dos debates levantados na Bélgica pela emigração para esse país dos religiosos que um governo, tão traidor da pátria quanto ímpio e inumano, expulsa da França, um dos membros mais eminentes da Câmara belga também dizia: "A política anticlerical será para a França um suicídio nacional".

Os jornais estrangeiros não falam de maneira diversa desses personagens. Baste citar o *Vaterland* de Viena. Num artigo intitulado *O instigador da Kulturkampf francesa*, publicado em 6 de outubro de 1904, ele dizia: "A política anti-religiosa francesa é uma verdadeira política de suicídio".

Antes deles, Joseph de Maistre, após ter lembrado os *Gesta Dei per Francos*, e mostrado que a situação eminente que a França ocupava no mundo decorria do fato de presidir ela (humanamente) o sistema religioso e de que seu rei era "o protetor hereditário da unidade católica",[7] esse profundo pensador acrescentava: "No momento em que os franceses não forem mais católicos não haverá mais franceses na França, porque não haveria mais na França homens que tivessem no espírito e no coração a idéia diretriz dos ancestrais, aquela à qual os franceses têm obedecido desde seu nascimento, que fez da sua nação o que ela foi, e sem a qual ela não será mais ela mesma, não mais existirá".

Já em 1814, vendo que a Restauração não recolocava a França plenamente nas suas vias tradicionais, ele escrevera a Bonald: "Até o momento as nações tem sido *mortas* pela conquista, quer dizer, pela via de penetração; mas aqui se apresenta uma magna questão. — *Uma nação pode morrer sobre o seu próprio solo, sem transplante nem penetração, unicamente pela via da putrefação, deixando a corrupção chegar até o ponto central e até os princípios originais e constitutivos que a fazem o que é?* É um grande e temível problema. Se chegastes a esse ponto, não há mais franceses mesmo na França, e tudo está perdido".[8] No ano seguinte ele se mostrava mais afirmativo: "A França está morta neste momento; toda a questão se reduz em saber se ela ressuscitará".[9]

———— ♦ ————

[7] De Maistre, *Œuvres*, t. X, p. 436 e *passim*.
[8] *Œuvres Complètes de J. de Maistre*, t. XII, p. 460.
[9] *Ibid.*, t. XIII, p. 158.

CAPÍTULO IXXI

QUE ESPERAR DA FRANÇA?

II. APESAR DE TUDO... ESPERANÇA

Uma ressurreição! Isto não pode ser obra humana. "Que decretos o grande Ser, diante do qual nada há de grande, pronunciou sobre a França?" Os amigos de Deus nos trouxeram palavras de misericórdia, mas para a Cristandade, palavras de salvação, mas para a Igreja. E a França? J. de Maistre "gostava de acreditar que ela tinha ainda alguma coisa a fazer neste mundo", e, conseqüentemente, que Deus far-lhe-ia a graça de ressuscitá-la.

"Ela ainda está sob o anátema, dizia ele, mas sempre acredito que está reservada para algum grande papel".

Ele sempre esperava que, livre do seu erro, ela caminharia em seguida a grandes passos rumo a um ponto mais alto do que jamais atingira. "Vejo os franceses que avançam rumo a uma glória imortal".

Quanta nec est, nec erit, nec visa prioribus annis.[120]

Todas as vezes em que ele entrevia para o mundo um melhor porvir, sempre dizia: "Tudo se fará através da França". Sem dúvida não lhe devemos conceder o dom da infalibilidade, mas suas previsões se realizaram tão freqüentemente, e esta corresponde tão bem ao desejo mais ardente do nosso coração, que não podemos deixar de dar-lhe crédito.

Ademais, não é ele o único a nos dar esperança.

Um grande servidor do Papado, o cardeal Pacca, célebre pela sua coragem e pela sua atitude altaneira durante a perseguição de Napoleão, deplorara no tempo das suas duas nunciaturas em Colônia e Lisboa o lastimável estado de espírito em que vira a nobreza emigrada, a qual continuava a professar largamente as máximas filosóficas que tinham produzido a catástrofe.

Essa percepção não o fez, entretanto, desesperar da França. Chegado à idade de 87 anos, foi convidado a pronunciar, em 27 de abril de 1843, o discurso de abertura da Academia da Religião em Roma. Escolheu como tema: *o Estado atual e o futuro destino da Igreja Católica*. Esse discurso foi um acontecimento, logo traduzido em várias línguas e publicado nos diversos países da Europa. Após ter lembrado a estreita união entre a Igreja dos gauleses e a Igreja de Roma, estabeleceu o quadro da luta que se travava momento, sob a Monarquia de Julho, entre os filhos da Revolução e os filhos da Igreja, e disse: "Para mim parece que o Senhor, enfim apaziguado, destina hoje a França a ser instrumento de Suas divinas misericórdias. Ele quer que ela repare por si mesma os numerosos males que causou ao mundo no século passado e neste".

"A França é necessária ao mundo", escreveu Leão XIII numa carta aos canadenses; e um inglês, Edmond Burke, dera precedentemente este motivo: "A destruição da França representaria o aniquilamento da civilização em todas as outras

[120] De Maistre, *Œuvres*, t. X, p. 436 e *passim*.

nações";[121] "o irrevogável embrutecimento da espécie humana", disse Joseph de Maistre.[122] Louis Blanc relatou um propósito semelhante de um outro inglês que ele chama de "o mais profundo pensador da Inglaterra moderna": "queira Deus que a França jamais venha a faltar ao mundo; o mundo cairia de novo nas trevas". De outro lado, a Igreja de Deus ficaria sem defensor; e como foi dito: "A Igreja sem defesa aqui em baixo acabaria como Ela começou, merecendo as palmas do martírio. Se esse fim não está próximo, Deus se levantará e virá em nosso socorro".

Nossa alma recolhe todas essas palavras, emanação do pensamento de amigos, estrangeiros e mesmo de inimigos, e a elas se agarra como o náufrago a uma tábua.

Porque a França está verdadeiramente como um náufrago em pleno oceano. Sua natalidade diminui de uma maneira assustadora, enquanto cresce a de todos os seus vizinhos; sua virilidade se enfraquece no bem-estar e no prazer; as idéias em curso são em todas as coisas o oposto do verdadeiro como do bom senso; como poderia ela salvar-se a si mesma?

Não há esperança senão em Deus. Seguramente nós Lhe demos muitos motivos de irritação contra nós, mas muitos motivos podem também incliná-Lo à misericórdia. Ele não ignora o assalto infernal que sofremos faz dois séculos.

Foi contra França que a conjuração anti-cristã assestou todas as suas baterias. A franco-maçonaria foi importada da Inglaterra para junto de nós, e se ela possui alhures seus centros de conjuração foi nos países católicos e sobretudo na França que ela colocou o teatro das suas operações.

Antes tivemos de nos defender contra a Reforma.

"Jamais, disse de Maistre, o protestantismo cessou um instante de conspirar contra a França".[123] Durante séculos, seja pela violência, seja pela perfídia, ele tentou tudo, ele ainda faz tudo para nos arrastar na sua esteira. Não conseguiu. Seria preciso que a França permanecesse católica para que um dia o mundo o fosse. Ela conservou no seu seio o fogo sagrado, pronta a reacendê-lo entre os dissidentes, jamais deixando de levá-lo aos infiéis.

Ela não dirigiu contra o veneno mais sutil do filosofismo a mesma força de resistência que lançou contra o protestantismo; mas é mais no seu espírito do que no seu coração que ela foi viciada.

"O mal dos nossos vizinhos, diz E. de Saint-Bonnet, deriva do cálculo que produz uma razão mais fria. Pecadores por petulância, praticando o mal quase sem reflexão, devemos ser mais fáceis de corrigir.

"Nós não temos, como o inglês, sessenta milhões de escravos nas Índias, produzindo a três *sous* por dia; e jamais tivemos o pensamento de fazer deste globo um mercado para o nosso comércio.[124]

"Não quebramos, como o alemão, a autoridade do Santo Padre a fim de casar nossos padres; e jamais tivemos o pensamento de fundir os vasos sagrados para fazer panelas.

"Jamais entregamos, como o russo, o poder da Igreja a um príncipe, e jamais foi nosso pensamento confiar nossa alma a um soberano da terra.

---

[121] *Réflexions sur la Révolution française*.

[122] Carta a Viguet des Etoiles, 28 de outubro de 1794.

[123] *Œuvres Complètes de J. de Maistre*, t. VIII, p. 76.

[124] Isto foi escrito em 1850. Seguramente não é mais a mesma coisa depois que os judeus se tornaram nossos senhores.

"Mas nesta hora, mais imprudentes, mais transviados do que os outros povos, nós nos regozijamos em negar a Deus, e já nossos doutores, nossos políticos exigem que nosso ateísmo se instale no Estado! Nós o introduzimos nas leis e no poder, nós o inserimos no ensino e no casamento; agora quereríamos que o Estado se proclamasse abertamente ateu, que fizesse disso o objeto de uma lei".[125]

Mas, ainda nisso, diz em outro lugar nosso autor, a França é vítima da maior mentira que jamais se armou contra os homens. Foi a ela que "Satanás pediu para passar pelo crivo" do erro social, filosófico e religioso mais terrível. É provável que, em seu lugar, nenhuma nação teria podido resistir como ela o fez".[126] Para instrução do gênero humano, "Deus sem dúvida permitiu que essas trevas atravessadas por enlevos envolvessem a nação mais esclarecida, aquela que recebera mais favores do alto, aquela cujo coração batia mais forte, aquela que, somente ela, podia, com o socorro divino, atravessar sem perigo essas regiões mortais. Teria a Áustria podido resistir? A Itália? A Alemanha? Desde o batismo do Sicambre, Deus sem dúvida quis que a verdade no mundo precisasse da França. Assim, logo que a verdade aí não mais brilhou sob forma visível, ainda aí se espalhou sob a forma latente, aquecendo o coração de tantas Irmãs de Caridade vindas para curar as chagas que o erro produzia em nós, de tantos missionários que, no momento em que o sol se eclipsava sobre nós, levavam seus raios para o resto do globo.

"Que a França se felicite abertamente de ter, nos desígnios de Deus, um lugar de algum modo oficial! Que ela esteja alegre de ter fornecido, mesmo no meio de suas quedas, tantos missionários para levar a luz ao mundo, e tantas Irmãs de Caridade para aliviar-lhe as dores! Que ela se regozije de ter dado à luz tantas almas votadas à oração ou à caridade, inteiramente inflamadas pelo ardente desejo do amor. França! França! exclamava uma santa voz, como tu és engenhosa no irritar e acalmar sucessivamente a justiça de Deus! Se teus crimes fizeram cair os castigos sobre ti, tua caridade fez subir tua voz ao Céu".

Satanás e os seus bem sabem que aí está nosso pára-raios, nas obras e nas orações dos nossos religiosos e religiosas: assim, hoje com há um século, eles se apressam primeiramente em afastá-los. Eles não farão senão apressar a hora em que Deus fará ribombar seu trovão. Mas os méritos adquiridos farão com que essa tempestade não tenha outro efeito que senão o de purificar a atmosfera, limpá-la dos miasmas que envenenam os espíritos, de fazer com que aquilo que a França revolucionária quer e aprecia seja rejeitado e repelido, e aquilo que ela desdenhou e detestou seja de novo querido e exaltado.

O *New York Freeman* dos Estados Unidos, escrevia na edição de 7 de junho de 1879: "Em todas as partes, aqueles que pensam e sabem pensar esperam no porvir da França. Ainda por algum tempo haverá combate. Subitamente, de uma maneira ou de outra, através de um meio determinado por Deus, uma grande calma se seguirá: os homens olharão para trás e terão dificuldade de acreditar que os inimigos de Cristo e da Sua Igreja tenham podido ser de tal maneira loucos".

Eis aqui o que dá à nossa esperança ainda mais força.

---

[125] *Restauration Française*, p. 281, publicada em 1850. Isto agora é fato consumado!

[126] Na última obra que acaba de publicar, *Les Sophistes français et la Révolution européene*, Th. Funck-Brentano mostra o abismo profundo que se abriu no pensamento francês no fim do século XVIII e diz: "Dois séculos de sofística! Jamais algum povo suportou por tanto tempo um tal fardo!"

Somente a França está dotada de maneira a poder fazer o mundo voltar para as vias das quais começou a se afastar há cinco séculos, a dar-lhe a verdadeira concepção da vida, a decidir os povos a reorganizarem, segundo o seu exemplo, a vida social com vistas à vida eterna a adquirir, numa palavra, a restaurar a civilização cristã.

Há muito tempo os filhos da França lutam em seu seio como Esaú e Jacó se entrechocavam no seio de Rebeca. Essa guerra terá um fim. Não podemos nos impedir de acreditar e de esperar que ele virá num dia em que for manifesto que Deus amou Jacó e odiou Esaú; o reino dos maus — sempre haverá maus — estará terminado, o reino dos bons recomeçará.

Os maus triunfam há demasiado tempo graças às ignorâncias da massa. A Revolução se escondia nas trevas das lojas. Hoje ela foi arrancada de lá, foi trazida para a luz do dia, todos podem ver o que ela é, e amanhã, quando ela quiser trazer de volta o Terror para manter seu reino, todos verão o que deve ser temido. Compreender-se-á que a Revolução não pode ser detida senão no nada. É como o cancro que só morre com a carne que devora. Os homens então não terão escolha senão entre a vida e a morte; eles deverão se pronunciar como católicos *completos* ou como revolucionários *completos*; não haverá mais meio de se refugiar no meio termo, num meio termo entre a verdade universal e a mentira universal.

Já em 1873 Saint-Bonnet anunciava aquilo que começa a se desenhar aos nossos olhos: "Uma singular separação vai ser feita. Amanhã, aqueles que se agarram à vida vão ser obrigados a se unir àqueles que defendem a Fé. Então, todos os partidos formarão apenas dois: um que deseja que Deus triunfe para que a França exista, outro que a França pereça para satisfazer a sede de crime que a inveja acende nos seus corações". Ele acrescentava: "Mas, chegado o momento, Deus fenderá as ondas do mar Vermelho para abrir uma passagem aos seus, depois fechará essas ondas sobre aqueles que O maldizem, para abrir o porvir".[127]

———— ♦ ————

[127] *La légimité*, p. 36.

CAPÍTULO LXXII

COMO SECUNDAR OS DESÍGNIOS DA MISERICÓRDIA DIVINA?

Para que Deus faça esse milagre é preciso que encontre nossas almas dispostas a receber Sua graça. Nós não o estávamos após os castigos de 1793, de 1848, de 1870-1871. Em vez de nos voltarmos para Deus e de nos jogarmos nos braços da Sua misericórdia, colocamos nossa confiança nas habilidades da sabedoria política. Donoso Cortez nos dissera muito bem após os dias de junho de 1848: "Jamais tive fé nem confiança na ação política dos bons católicos. Todos os seus esforços para reformar a sociedade através das instituições políticas, quer dizer, através das assembléias, dos governos, serão perpetuamente inúteis. As sociedades não são o que são por causa dos governos e das assembléias; as assembléias e os governos são o que são por causa das sociedades. Seria necessário, por conseguinte, seguir um sistema oposto: seria necessário mudar a sociedade, e em seguida se servir dessa sociedade para produzir uma mudança análoga nas instituições".

Foi isso que Le Play, Blanc de Saint-Bonnet e muitos outros sempre disseram. "Não há nenhuma possibilidade de restauração da coisa pública sem uma doutrina", escrevia Barrès em 1899. A doutrina fundamental que é preciso reintegrar nas almas é a da verdadeira noção da vida. O resto virá. As instituições sociais e mesmo políticas sairão dessa noção como outrora. Costumes e instituições transformam-se por si mesmos sob a pressão das idéias. Transformaram-se em bem sob a ação da pregação evangélica, transformaram-se em mal a partir da pregação do evangelho dos humanistas.

Pode a verdadeira noção da vida ser dada à sociedade? Sim, se Deus nos der a graça, e Ele nos dará essa graça se nos apresentarmos diante dEle com um coração contrito e humilhado.

"Senhor, diziam Tobias e seus companheiros de cativeiro, não obedecemos aos vossos mandamentos, e por isso fomos entregues à pilhagem, ao cativeiro e à morte. Somos objeto da zombaria e do desprezo de todas as nações. — Agora, Senhor, experimentamos a justiça dos Vossos julgamentos, porque não nos conduzimos segundo os vossos mandamentos e não caminhamos diante de Vós com um coração reto".[128]

"Pecamos, afastamo-nos de Vós praticando a injustiça; em todas as coisas procedemos mal. — Não escutamos vossa palavra, não observamos vossos mandamentos, não agimos como mandastes que fizéssemos a fim de que fôssemos felizes. — Assim, foi com toda justiça que esses males vieram sobre nós e que Vós nos tratastes como o tendes feito — entregando-nos nas mãos de inimigos injustos, encarniçados contra nós... Mas agora, Senhor, é de todo o nosso coração que queremos seguir-Vos: nós Vos tememos, queremos caminhar na vossa presença. — Não ajusteis nossa perdição, mas, ao contrário, sintamos os efeitos da vossa bondade, sejamos tratados segundo a imensidade da vossa misericórdia".[129] E toda essa magnífica oração de Azarias, que se encontra no capítulo III da profecia de Daniel.

A essas orações, a esse arrependimento, Deus exige que acrescentemos o firme propósito, e um firme propósito que manifeste através das obras sua sinceridade e sua eficácia. Seu primeiro efeito deve ser reavivar o espírito cristão em si e no maior número possível de franceses sobre os quais podemos ter alguma ação. "Tal deveria ser, diz monsenhor Isoard, o primeiro objetivo de todos os pregadores, de todos os guias de almas, de todos os escritores

[128] Tob. III, 3-5.
[129] Dan. III, 26-46.

católicos. Concederá Deus sua graça, uma graça de renovação e de salvação, se a maior parte dos cidadãos que compõem o povo permanece no pecado e leva, deliberadamente, uma vida em oposição manifesta ao espírito de Nosso Senhor, aos exemplos deixados pelas gerações penetradas do sentido cristão e que vive na caridade de Jesus Cristo? Não, Deus não concederá a graça a homens tais. A Escritura no-lo atesta em diversos lugares. Lembremos apenas aqui de que maneira os judeus foram preparados para a pregação do Evangelho, para o conhecimento do Salvador. São João Batista dizia a todos: Cumpri da melhor maneira os deveres de estado no qual vos encontrais. Tendes uma lei: observai-a. Ele se dirigia ao indivíduo, excitava a um trabalho pessoal de reforma e de santificação.

"Nós acusamos tudo pelas desordens e pelos males que delas resultam: entidades abstratas, inatingíveis, o espírito moderno, o governo, a Revolução, a degradação social, a dispersão dos elementos constitutivos da sociedade. Esperamos o remédio através da infusão do espírito cristão nas leis, da substituição de uma forma de governo por uma outra forma de governo, de uma ponderação mais sábia das forças e das influências. Que essas felizes transformações não podem se operar senão por uma graça especial de Deus, nós não o dizemos suficientemente; que cada um de nós possa e deva obter, merecer para todos essa graça de Deus, nós absolutamente não o dizemos. Bem ou mal, nós mantemos nossos hábitos de bem-estar, permanecendo, à mesma distância de antes, do incômodo, do esforço, das privações, dessa vida de comedimento, e, para dizer tudo numa palavra, mortificada, que Deus pede dos seus e sobretudo dos seus ministros.

"Vivamos tranqüilos, acomodando-nos às circunstâncias para sofrer pessoalmente o menos possível, e esperemos que o tempo mude!

"Mas somos nós que devemos mudar o tempo do mundo moral. Que se deve entender por essa palavra *nós*? Deve-se entender todos os cristãos que vivem na fé. Para que a bonança suceda à tempestade é necessária a graça de Deus: e a graça de Deus todo pecador a afasta do seu povo pelo seu pecado, como todo justo a atrai sobre os seus por seus atos de virtude...

"Homens cujos sentimentos são religiosos e cuja vida exterior está de acordo com as crenças sofrem a ação do estado geral dos espíritos. Eles têm isso em comum com os cristãos inconseqüentes e alheios à prática da religião: querem conservar os hábitos adquiridos e implicitamente recusam-se ao esforço e ao sacrifício. Mas diferem deles porque se voltam com fé para a Providência de Deus e esperam dEla um acontecimento súbito, irresistível, que terá por efeito recolocar num instante todas as coisas nos seus verdadeiros lugares. Através de que meios esperam eles obter essa intervenção extraordinária da Providência? Pela prática da penitência? Por um retorno sincero e completo à santidade da sua vocação cristã e sacerdotal? Temos razões para temer que tais não sejam as disposições de alma da maioria. Querem fazer violência a Deus, é a expressão mais ordinariamente empregada, mas através de exercícios de religião, novos como fórmula e como forma, ou que recebem um brilho incomum. Não há talvez mês, faz três ou quatro anos (e ainda mais), em que os bispos não recebam um convite insistente, e num tom bastante próximo do da ordem, para difundirem nas suas dioceses essa devoção, que deve dobrar a justiça divina e triunfar definitivamente sobre o inimigo; Deus esperava, dizem-nos, numa linguagem muito singular, Deus esperava que a oração Lhe fosse dirigida dessa maneira e sob essa nova fórmula. Freqüentemente mesmo a salvação deve vir de um ato no qual os fiéis não terão nenhuma participação.

"Esperamos um lance da Sua graça, sem introduzir a menor reforma, sem trazer a menor correção para a vida de simples honestidade moral, de virtude incerta e cambaleante que nos aprouve adotar. E considerando de perto essas ilusões de muitas almas, sentimos subir aos lábios a palavra de Nosso Senhor: *Haec oportuit facere illa non omittere*. Sim, são belas e boas coisas as honras prestadas aos servidores de Deus, como as consagrações solenes da Pátria ao Sagrado Coração e à Santíssima Virgem, como as peregrinações a todos os santuários; mas esses atos de religião devem ou acompanhar os esforços em direção a uma verdadeira

conversão generosa das almas, ou manifestar progressos de conversão já obtidos: tomemos muito cuidado com o persuadir-nos de que tais atos podem substituir a conversão".

Antes de monsenhor Isoard, Joseph de Maistre dissera a quem lhe perguntara "Quando veremos o fim do mal?": "Veremos o fim do mal quando os homens chorarem o mal",[130] chorarem por terem perdido de vista seus destinos eternos; ou por não terem a coragem de fazer o que esses destinos exigem.

Um estrangeiro, inglês, protestante, lorde Montagne, numa carta endereçada a Le Play após o castigo de 1870-1871, usou praticamente a mesma linguagem.

"Quando vim a Paris, no último mês de dezembro, diz ele, alguém me perguntou se eu tinha vindo para assistir a festas ou para ir ao teatro. Respondi: "Vim para saber se os prussianos retornarão". Então meu interlocutor fez um longo discurso sobre o armamento, os soldados e a resolução de cada francês de obter uma desforra. Quando, enfim, ele parou, eu lhe disse: "Penso que seria possível terem essa desforra. — De que maneira? — Tornando-se *melhores cristãos* do que os vossos vencedores.

"Por *melhores cristãos* não pretendo falar apenas dos que assistem ao serviço divino ou praticam certos atos. Lembro que para ser cristão é preciso observar a lei de Deus, praticar a justiça e a caridade. Vós atribuís as desgraças da França ao desânimo dos militares, à divisão dos partidos, aos preconceitos da nação e aos sofismas dos letrados. Admito. Mas então o problema consiste em descobrir o remédio para esses males. Ora, ele só pode ser encontrado na lei de Deus, a qual, reprimindo os erros e as paixões, chama os homens aos seus deveres e restabelece entre eles a harmonia. Na metade do século XVII os franceses apreciaram, mais retamente do que hoje, a verdadeira causa da prosperidade e da decadência das nações. A seguinte anedota fornece-me a prova disso. Por ocasião da tomada de Dunquerque, quando os franceses entravam na fortaleza, enquanto os nossos se retiravam um oficial inglês disse: Logo voltaremos. — *Retornareis*, respondeu um oficial francês, *se um dia nossos pecados sobrepujarem os vossos*".

Na Instrução Pastoral que publicou por ocasião do Jubileu de 1886, monsenhor Isoard disse ainda:

"Quando os males que a Igreja sofre em Roma, na França, e ainda em outras regiões, nos causam uma justa dor, não percamos nosso tempo em acusar nossos adversários. É a nós mesmos que é preciso acusar; eles não são fortes, somos nós que somos fracos, e fracos por culpa nossa. Não nos sigamos a pista das devoções novas, das Uniões que nos são dadas pelos seus promotores como devendo operar por si mesmas, e em dia predeterminado, a salvação da Igreja e da sociedade! São Pedro de Alcântara nos ensina o que deve ser feito numa nação pervertida para que ela se volte para Deus, para que ela viva de novo Sua palavra e Sua graça.

"Um gentil-homem lamentava-se junto ao Santo do estado das coisas na Espanha e o consultava sobre o que devia fazer contra a desordem da sociedade. São Pedro, após um dia de reflexão, respondeu simplesmente: "Põe ordem na tua própria casa, nos teus próprios negócios; trata como convém a um cristão aqueles que dependem de ti, e assim cumprirás teu dever. Se todos os cristãos agissem assim, disso resultaria um bem imenso para a sociedade".

João III, rei de Portugal, falando um dia aos seus cortesãos, disse quais são as pessoas que devem se aplicar em primeiro lugar a essa reforma pessoal: "Se as pessoas de condição fossem uma vez pessoas de bem, o povo, que sempre se forma segundo eles, não deixaria de reformar seus costumes. A reforma de todas as ordens do Estado consiste principalmente numa boa educação da nobreza". Hoje diríamos das classes dirigentes.

---

[130] *Œuvres Complètes*, t. XIV, p. 1426.

Com efeito, é através da educação, e principalmente da educação daqueles que são chamados a dirigir os outros, que toda reforma deve começar. Seria iludir-se crer que as classes dirigentes mudarão seus hábitos, entrarão numa vida verdadeiramente cristã, se seu espírito não estiver penetrado da doutrina de Cristo. O espírito ordena ao coração e o coração dirige a vida.

Na sua Encíclica de 15 de abril de 1905, nosso Santo Padre o Papa Pio X chamou a atenção de todo o episcopado, de todo o clero católico, acerca da necessidade de reforçar o ensino da doutrina cristã: "Quem quer que tenha zelo pela glória divina, diz ele, procura as causas dessa crise que a religião sofre. Cada qual oferece uma e cada qual também, à sua vontade, emprega seu meio para defender e restaurar a glória de Deus sobre esta terra. Para nós, veneráveis irmãos, sem negar as outras causas, Nós nos atemos de preferência ao sentimento daqueles que vêem na ignorância das coisas divinas a causa do enfraquecimento atual e da debilidade das almas e dos males tão graves que daí se seguem.

"Todos lamentam que no seio do povo cristão tantos homens ignorem profundamente as verdades necessárias à salvação, e essas queixas, ó dor!, infelizmente são fundadas. Quando falamos do povo cristão não falamos somente da plebe ou dos homens da classe inferior, que muito freqüentemente encontram uma escusa no fato de que, estando a serviço de patrões duros, apenas podem pensar neles mesmos e nos seus interesses; mas falamos também e sobretudo daqueles que, não lhes faltando inteligência nem cultura, brilham na erudição profana, e, no entanto, no que concerne à religião, vivem da maneira mais temerária e mais imprudente. É difícil dizer em que trevas espessas estão mergulhados, e o que é mais triste, nelas permanecem tranqüilamente envolvidos! Pensam com dificuldade no Deus soberano, autor e governante de todas as coisas, na sabedoria da fé cristã. Por conseqüência, nada conhecem sobre a encarnação do Verbo de Deus, nem da perfeita restauração do gênero humano por Ele; nada sabem da graça, o principal recurso para alcançar os bens eternos, nada do augusto sacrifício nem dos sacramentos, pelos quais obtemos e conservamos a graça. Quanto ao pecado, não lhe conhecem nem a malícia nem o opróbrio. Imenso é o número — e aumenta a cada dia — dos que ignoram tudo acerca da religião, ou que não têm da fé cristã senão um conhecimento tal que lhes permite, em meio à luz da verdade católica, viver à maneira de idólatras.

"Se em vão se espera uma colheita de uma terra que não recebeu semente, como esperar gerações ornadas de bons costumes se elas não foram instruídas, no devido tempo, sobre a doutrina cristã? Donde inferimos, com direito, posto que a fé esmaece em nossos dias a ponto de estar quase morta em muitos, que o dever de transmitir as verdades do catecismo ou é cumprido com muita negligência ou é inteiramente omitido".

Pio X lembra e renova a esse respeito as prescrições do Concílio de Trento. Depois dirige aos bispos e aos padres esta exortação:

"Muitas coisas úteis e perfeitamente louváveis foram, provavelmente, instituídas na diocese de cada um de vós, para o bem do rebanho que vos foi confiado. Buscai, não obstante, acima de todas as coisas, consagrar tudo o que puderdes dos vossos esforços, do vosso zelo, de vossas preocupações e de vossas assíduas instâncias, para que o conhecimento da doutrina cristã alcance as almas de todos e as penetre a fundo".

Os pais e os diretores da juventude devem meditar essas observações do Pontífice e considerá-las como endereçadas a si mesmos as exortações e os mandamentos que ele dá aos sacerdotes. As mães de família não devem ignorar que se o espírito e o coração do filho não são preparados pela mãe, como o lavrador trabalha seu campo antes de nele lançar a semente, a palavra do padre cairá sobre a pedra ou será sufocada pelo erro.

Às lições da mãe devem suceder as do professor. De 1852 até estes últimos anos, os padres, os religiosos e as religiosas tiveram nas mãos a educação da metade da juventude francesa. Seu labor não parece ter produzido todo o fruto que se poderia esperar. Deu-se

muita importância aos programas impostos pelo mundo universitário, buscou-se demais o sucesso nos exames feitos com base nesses programas: o ensino religioso, que devia ocupar o primeiro lugar esteve muito freqüentemente no último. Que aconteceu? Saídos dos nossos colégios, dos nossos pensionatos, nossos jovens encontraram-se num mundo saturado de naturalismo e de liberalismo. Os jornais, as brochuras, os livros vieram trazer-lhes todos os temas das impressões e das idéias contrárias ao sentimento cristão e à verdade revelada. Mal armados, não souberam se defender, e logo seu espírito ficou repleto de uma multidão de idéias em oposição à doutrina cristã, e não sendo mais sustentados pela fé se transviaram.

Mesmo quando a educação da família e a do colégio foi perfeita, o jovem, o homem maduro não devem repousar sobre o que adquiriram, devem mantê-lo e desenvolvê-lo. À obrigação do padre de sempre ensinar corresponde a do fiel de sempre se instruir, freqüentando os catecismos de perseverança, assistindo às missas nas quais há pregação, obrigando-se a ler cada semana um certo número de páginas dos livros que ensinam as verdades dogmáticas e morais da religião.

Instruir-se na religião é o primeiro passo no caminho da reforma. O segundo passo decisivo é conformar a vida com a fé. Um romancista contemporâneo, não crente, reprova aos católicos de hoje o fato de que as idéias religiosas não constituem para eles “idéias diretrizes”. Nada mais verdadeiro; a fé não é mais, para um grande número daqueles que a conservaram e a ela juntam as práticas de devoção, uma luz e um princípio de vida.

“A vida de um cristão que quer corresponder a essa alta e bem-aventurada vocação, diz monsenhor Isoard, não pode ser semelhante à dos cristãos que têm apenas um sentimento muito vago do que são pelo batismo, do que devem ser pela qualidade de membros vivos de Jesus Cristo. Aí está uma verdade prática que todo mundo admite quando enunciada. Mas a primeira conseqüência a tirar dessa verdade é que aqueles dos nossos irmãos que denominamos de praticantes e os cristãos que afirmamos serem piedosos devem ser facilmente distinguidos no mundo.

“Suas moradas, por exemplo, devem ser simples. A mobília deve ser bem diversa daquela das casas dos que jamais ouviram falar de penitência e de mortificação. É verdade, esse pensamento é muito justo; nós deveríamos encontrar nas casas dos cristãos uma simplicidade severa; mas, de fato, que vemos? Vemos o mesmo conforto e o mesmo luxo que há por toda a parte. O que regula suas despesas é o quanto ganham, não o espírito de fé cristã; tudo o que podem obter de fruições desse gênero eles obtêm”.

As mulheres devem se examinar particularmente e reformar sua maneira de ser.

“O profeta Isaías,[131] o apóstolo São Paulo,[132] têm, a esse respeito, os mais precisos ensinamentos; eles entram nos menores detalhes que concernem ao gênero do luxo, das prodigalidades e das loucuras: não poderemos, pois, num salão, discernir facilmente uma mulher que quer ser uma verdadeira católica de uma outra mulher que não tem outra ambição senão de viver para o mundo? Não, não poderemos observar entre uma e outra diferenças verdadeiramente apreciáveis. Modas, feitio dos vestidos, tecidos, rendas, jóias, tudo é parecido.

“Diferem elas, pelo menos, as mulheres cristãs das mulheres mundanas, na escolha dos seus prazeres e distrações? Também não. A atitude é a mesma no curso ordinário da vida, se bem que as doutrinas sejam absolutamente opostas”.

Para fazê-las sair dessa contradição entre seus sentimentos e sua conduta, monsenhor Isoard propõe às mulheres sérias e aos homens que querem ser verdadeiramente cristãos estes austeros pensamentos:

---

[131] Isaías, cap. III, v. 18 e seg.

[132] Epístola a Timóteo, cap. II, v. 9.

“Que é a Religião, a verdadeira Religião?

“É o meio pelo qual a humanidade decaída se levanta.

“E esse meio, posso exprimi-lo, tê-lo presente num momento?

“ — Sim, devo apenas traçar a imagem de uma cruz. O meio para o homem pecador se erguer é a expiação, a humilhação, o sofrimento e a morte em união com os aniquilamentos, a Paixão e a morte do Filho de Deus feito homem.

“Mas, então, que é um cristão, qualquer que seja o cristão? — É um penitente. — Mas se ele é o melhor e o mais virtuoso que se possa imaginar? — Ainda é um penitente. Assim, vede: na Ladainha dos Santos, a primeira graça que a Igreja nos faz pedir a Deus, para nós pessoalmente e para todos os nossos irmãos, é saber fazer penitência. *Ut ad veram pœnitentiam nos perducere digneris, te rogamus audi nos!* Nós vos suplicamos, Senhor, dai-nos a todos o espírito da verdadeira penitência!

“O menor grau do espírito de penitência consiste na aceitação das leis, das regras, dos próprios usos que restringem nossa liberdade, que nos causam incômodo... Se um fiel tem alguma compreensão do espírito do Cristianismo, ele aceita essas proibições ou essas ordens; ele consente voluntariamente nessas restrições à sua liberdade”.

Como esperar que possamos retornar ao espírito de outrora?

Como esperar que um número suficiente de franceses compreendam a necessidade de se instruírem na doutrina cristã e de nela instruir os que os rodeiam; depois, que conformem sua vida ao que essa doutrina pede na sua maneira de viver e na sua maneira de ser? Como esperar que eles se apliquem em modificar suas idéias, em rejeitar do seu espírito os princípios revolucionários, e em propagar em torno deles as verdades que a Igreja ensina, de maneira a transformar o espírito público, a levá-lo de volta a essa noção fundamental da vida dos povos como da vida dos indivíduos: *quærite primum regnum Dei et hæc omnia adjicientur vobis*. Procurai o reino de Deus, e o resto vos será dado como acréscimo.

E como esperar que a França empregue seu espírito de proselitismo para fazer prevalecer no mundo as idéias diretamente opostas àquelas que ela tem pregado com tanto ardor faz um século?

A um amigo que lhe fazia essa objeção, de Maistre respondeu: “Alguém dizia a Copérnico: Se o mundo está ordenado como dizeis, Vênus teria fases como a Lua; no entanto, ele não as tem. Que tendes a dizer? Copérnico respondeu: Nada tenho a replicar, *mas* Deus *dará a graça* para que se encontre uma resposta para essa dificuldade. Com efeito, *Deus concedeu a graça* de Galileu inventar a luneta com a qual as fases foram vistas; mas Copérnico estava morto. Respondo como ele: Deus concederá a graça para que saiamos desse apuro. Ademais, eis, sobre o capítulo da esperança, uma passagem de Bossuet que quero ter o prazer de citar. Esse homem é meu grande oráculo. Dobro-me de boa vontade a essa trindade de talentos que faz ouvir em cada frase um lógico, um orador, um profeta. Eis, pois, o que ele diz num fragmento de sermão: *Quando Deus quer fazer ver que uma obra é inteiramente da Sua mão, Ele reduz tudo à impotência e ao desespero, depois Ele age.* Mil vezes esse pensamento me veio à cabeça, ao pensar nos vossos negócios, que são os deste mundo, sem poder evitar de acrescentar cada vez, como o faz imediatamente Bossuet:

SPERABAMUS.

NON INGENII VENA RESPONDIT AD VOTUM

A P Ê N D I C E

N O T A S E D O C U M E N T O S

I
FRANCO-MAÇONARIA

1. — CONDENAÇÕES EMITIDAS CONTRA ESSA SEITA PELA SANTA SÉ

Seria por demais longo reproduzir aqui os atos através dos quais os Soberanos Pontífices condenaram a franco-maçonaria.

Bastará mencioná-los.

A primeira condenação pontifícia foi emitida em 28 de abril de 1738, por Clemente XII, através da Constituição *In eminenti*;

A segunda por Bento XIV, em 18 de maio de 1751, através da Constituição *Providas*;

A terceira por Pio VII, em 13 de setembro de 1821, através da Bula *Ecclesiam a Jesu Christo*;

A quarta por Leão XII, em 13 de março de 1825, através da Constituição Apostólica *Quo graviora*;

A quinta por Pio VIII, em 24 de março de 1829; Encíclica *Traditi*;

A sexta por Gregório XVI, em 15 de agosto de 1832; Encíclica *Mirari vos*;

A sétima por Pio IX, em 9 de novembro de 1846; Encíclica *Qui pluribus*; e várias outras vezes de diferentes maneiras;

A oitava por Leão XIII, em 20 de abril de 1884; Encíclica *Humanum genus*.

Resulta dessas condenações:

1º Que o franco-maçom, tendo incorrido em excomunhão, não tem mais nenhum direito aos bens espirituais da Igreja. Está excluído da família cristã. Não pode, pois, nesse estado receber os sacramentos.

2º Afora o perigo de morte, ele não pode ser absolvido senão em virtude de poderes especiais concedidos pelo Soberano Pontífice.

3º Mesmo nesse perigo, a absolvição não pode ser validamente dada senão se o penitente romper inteiramente com essa sociedade e destruir ou fazer destruir, ou entregar ao sacerdote os livros, manuscritos, insígnias que a ela se referem.

4º Pode-se, diz monsenhor William, bispo de Port-Louis, conceder ao franco-maçom o sacramento do casamento, em consideração à outra parte que, tendo permanecido membro da

Igreja, não perdeu seus direitos aos sacramentos.[133] Mas o franco-maçom, ou qualquer membro de uma outra sociedade condenada, que não se tivesse preliminarmente reconciliado com a Igreja, tornar-se-ia culpado da profanação do sacramento, profanação que só serviria para afastar da sua união a bênção do céu e da qual ele terá de prestar contas no tribunal de Deus.

5º A sepultura eclesiástica, diz o mesmo prelado, será concedida a toda pessoa que tenha pedido a assistência de um padre na hora da morte, sendo esse pedido considerado como prova do desejo sincero de se reconciliar com a Igreja. Haverá, entretanto, exceção a essa regra, sempre que os restos mortais do defunto sejam levados para a loja maçônica. Nesse caso, não podemos, por nenhuma consideração, permitir que as orações e as cerimônias religiosas se realizem na igreja. Demos a todos os nossos eclesiásticos ordens formais a esse respeito, e os intimamos de novo, pelas presentes, da mesma proibição.

6º Proibimos expressamente, diz monsenhor bispo de Autun, de colocar sobre a essa, seja na igreja, seja indo para o cemitério, as insígnias das sociedades secretas. No caso em que houver recusa de se submeter a essa ordem, o clérigo anunciará à família do defunto que a inumação não pode se realizar com as cerimônias e as orações da Igreja.

Proibimos também, diz o mesmo Prelado, admitir como padrinho um franco-maçom publicamente conhecido como tal, a menos que ele declare que quer romper com essa sociedade.

Essas proibições não são especiais das dioceses de Autun e de Port-Louis; são de direito comum.

2. — CONDENAÇÃO EMITIDA PELO EPISCOPADO FRANCÊS

Quatro anos após a primeira condenação da franco-maçonaria pela Santa Sé, o bispo de Marselha deu esta “advertência” aos seus diocesanos. É o primeiro ato episcopal que conhecemos contra a seita.

ADVERTÊNCIA

A propósito de uma Associação que começa a se estabelecer na cidade de Marselha.

Henry-François-Xavier de Belsunce de Castelmoron, pela Providência divina e pela graça da Santa Sé Apostólica, Bispo de Marselha, Abade da Abadia Real de Saint-Arnould de Metz e da de Notre-Dame des Chambons, Conselheiro do Rei em todos os seus Conselhos: ao Clero Secular e Regular, e a todos os Fiéis da nossa Diocese, Saudação e Bênção em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Poderíamos nós, meus caríssimos Irmãos, sem nos tornar culpados diante de Deus e diante dos homens, guardar silêncio acerca de uma bizarra e misteriosa associação que

---

[133] Uma Instrução da Sacra Propaganda, de 5 de julho de 1878, diz que nesse caso o cura deve se comportar como nos casamentos mistos, quer dizer, conceder apenas a sua presença.

Em 21 de fevereiro de 1883, o Santo Ofício respondeu a uma questão que lhe foi proposta a esse respeito, dizendo que, até que a Santa Sé tenha promulgado um decreto, o cura deve agir com prudência e fazer aquilo que diante de Deus ele julgar mais conveniente; mas jamais celebrar a missa nessas espécies de casamento. Essa resposta foi publicada no *Tablet*, suplemento de 27 de junho de 1885.

começa a se estabelecer nesta Cidade, e que aí faz hoje tanto ruído? Poderíamos nós estar tranqüilo enquanto esses dentre vós, que, desprezando toda autoridade, se engajaram nessa Associação, arvoram falsa honra pela sua desobediência, e empregam as mais insistentes solicitações para engrossar o número dos seus Associados?

Se todas as Assembléias furtivas são expressamente proibidas no Reino, com quanto mais razão devemos proscrever aquelas cujo segredo impenetrável é por si só suficiente para causar os mais justos alarmas?

Que funestas conseqüências para a Religião e para o Estado temos motivo de temer de uma Associação e das Assembléias em que são indiferentemente recebidas Pessoas de toda nação, de toda religião, e de todo estado, e entre as quais reina em seguida uma união íntima que se demonstra em favor de todo desconhecido, de todo Estrangeiro, desde logo que, através de algum sinal combinado, ele dá a conhecer que é membro dessa misteriosa Sociedade?

As pessoas de uma sólida piedade olham sem dúvida com desprezo e com indignação essa Associação ridícula até no seu nome. Mas M.T.C.F., aqueles que se declaram abertamente FRANCO-MAÇONS, e que solicitam publicamente aos outros unirem-se a eles, poderiam talvez ainda seduzir muitas pessoas fracas e não prevenidas, se nós não nos levantássemos contra um escândalo que se tornou bem público. Devemos, pois, nesta ocasião, tanto quanto em qualquer outra, lembrar-nos de que somos devedores dos fracos e dos fortes.

POR ESSES MOTIVOS, advertimos todos os nossos Diocesanos, de qualquer condição, de qualquer estado, e de qualquer profissão, que não podem entrar na Associação dos FRANCO-MAÇONS, e que se já foram aí recebidos, não podem continuar a se encontrarem nas suas Assembléias sem cometerem um pecado, cuja absolvição reservamos a Nós e aos nossos Vigários Gerais.

E nossa presente advertência será lida e publicada nas Práticas das Missas de Paróquia e nos Sermões, enviada e afixada por toda a parte em que for necessário, ficando disso encarregado o nosso Promotor.

Dado em Marselha, no nosso Palácio Episcopal, em 14 de janeiro de 1742.

✠ HENRY, Bispo de Marselha.
Pelo Monsenhor, BOYER, Padre-Secretário.

Seis anos mais tarde, o mesmo bispo se via na necessidade de se opor aos progressos que a franco-maçonaria fazia apesar da advertência que publicara.

"Vemos com espanto o número dos franco-maçons aumentar nesta Cidade. Quatro Lojas já estão aqui estabelecidas, em diferentes bairros; várias pessoas fazem-se nelas receber, sem ficarem horrorizados com o monstruoso juramento que é preciso pronunciar para ser admitido nessa ilícita e escandalosa sociedade; juramento, não obstante, cujos termos deveriam fazer tremer quem quer que tenha o mínimo de religião; juramento que, com horrível profanação, faz-se prestar sobre a Santa Bíblia; juramento, enfim, que ninguém pode fazer sem se tornar culpado de um enorme pecado mortal. Mas, como alguns dos Chefes dessas Lojas, para enganar e atrair os ingênuos, têm a notável má fé de lhes dizer que nós não desaprovamos mais essa Associação, e que por ordem da Corte nós revogamos nossa Advertência de 14 de janeiro de 1742, somos obrigados, por descargo de consciência, de ordenar, como com efeito ordenamos, que essa mesma Advertência seja de novo publicada amanhã nas Práticas das Paróquias desta Cidade, e nos Sermões das Igrejas onde os houver. Dada em Marselha, no nosso Palácio Episcopal, em 3 de fevereiro de 1748.

✠ HENRY, Bispo de Marselha.
Pelo Monsenhor, COUDOUNEAU, Padre-Secretário.

* *

3. — CONDENAÇÃO EMITIDA PELOS PODERES CIVIS

A franco-maçonaria foi também condenada desde o início por alguns poderes civis.

No mesmo ano em que o Papa Clemente XII lançava a Constituição *In eminenti*, a primeira contra a seita, o magistrado de Hamburgo a interditava. Alguns anos após, era a República de Berna, a Porta Otomana (1751), o magistrado de Dantzig (1763). O edito deste último dá a conhecer o pensamento dos outros governos:

"Visto que soubemos que esses que se dizem franco-maçons, recomendando certas virtudes, procuram minar os fundamentos do Cristianismo, introduzir o espírito de indiferença contra esta doutrina, etc., para *substituí-la pela religião natural*; que eles estabeleceram, para alcançar esse objetivo pernicioso, estatutos ocultos que comunicam sob um juramento que fazem os candidatos prestarem, juramento mais terrível do que nenhum outro exigido por um soberano relativamente aos seus súditos; que eles têm uma caixa expressamente destinada à perniciosa finalidade das suas perigosas intenções, a qual aumentam continuamente através das cotizações que exigem dos seus membros; que eles *mantêm uma correspondência íntima e suspeita com as sociedades estrangeiras da mesma espécie...*"

Para que governos protestantes se decidissem a proscrever assim uma seita condenada solenemente por Roma era preciso que tivessem tido revelações de natureza a fixarem a opinião sobre o seu caráter anticristão e revolucionário.

I I

DOCUMENTOS RELATIVOS À SEITA DOS ILUMINISTAS

No *Problème de l'Heure Présente* reproduzimos em Apêndice os depoimentos feitos em 30 de março de 1785, sob a garantia do juramento, por dois padres e dois professores de humanidades em Munique, que se deixaram recrutar pelo Iluminismo, depoimentos esses acerca dessa seita e das suas doutrinas. Os que se interessarem por essas informações poderão encontrá-las em inteiro teor nas *Mémoires pour servir à l'histoire du Jacobinisme*, de Barruel, que acabam de ser reeditadas. Barruel, como dissemos, copiou esses documentos dos *Ecrits originaux de l'ordre et de la secte des Illuminés* depositados em Munique, nos arquivos do Estado.

Baste dizer aqui que, no seu depoimento, o abade Renner declarou:

Que as lojas maçônicas contêm apenas os serventes de pedreiro (*der tross von leuten*) ou o grosso do exército anti-social e anticristão; que os franco-maçons são conduzidos, sem o perceberem, pelos Iluministas; que estes formam uma sociedade mais secreta, superposta à franco-maçonaria.

O que mais me chocou nos Iluministas, diz Renner, que havia sido admitido apenas no grau de *Iluminista menor*, foi sem dúvida o método que seguem para dirigir os espíritos e aprisionar o mundo deles. Eles formam seu mundo com personagens distintos ou ricos, homens de Estado, governadores, conselheiros. Abades, arquivistas,[134] professores, secretários e funcionários públicos, médicos e farmacêuticos são candidatos sempre bem vindos.

Ele fala da inquisição que é feita sobre cada um desses candidatos antes de admiti-los, e sobre a vigilância contínua à qual são submetidos após a admissão na ordem e sobretudo antes da admissão aos graus.

Barruel reproduz as anotações remetidas a Weishaupt quando Xavier Zwack, conselheiro da Regência, apresentou-se como candidato ao Iluminismo. Essas anotações encontram-se no final do primeiro volume dos *Ecrits Originaux* sob o título: Anotações de Danaïs, escritas por Ajax em data do último dezembro de 1776. Estão divididas em dezessete colunas, distinguidas por outros tantos diferentes títulos: dados pessoais do candidato, seu caráter moral, sua religião, sua consciência, seus estudos favoritos, os serviços que pode prestar, seus amigos, sua sociedade, suas correspondências, suas paixões dominantes etc. Abaixo dessas colunas há um segundo quadro que possui a mesma divisão e interroga a respeito da família do candidato. Esses mesmos *Ecrits Originaux* contêm o interrogatório dirigido ao noviço na sua última prova antes de ser admitido como Iluminista menor. Ele compreende vinte e quatro questões.

Encontram-se também aí as respostas dadas a um desses exames por dois noviços.

---

[134] No depoimento jurídico feito em comum pelo conselheiro Aulique Utzschneider, pelo padre Cosandey e pelo acadêmico Grünberger, em 9 de setembro de 1785, lê-se:

Os Superiores procuram obter dos seus inferiores atos diplomáticos, documentos, títulos originais. Eles os vêem sempre com prazer se entregarem a toda sorte de traições, em parte para aproveitarem eles mesmos os segredos traídos, em parte para em seguida manter os próprios traidores num contínuo temor, ameaçando-os de descobrirem sua traição caso venham a se mostrar esquivos.

À questão: *Que conduta teríeis se viésseis a descobrir na Ordem alguma coisa de má ou injusta?* O primeiro desses noviços, de 22 anos de idade, e chamado *François-Antoine St...* responde, e assina, e jura: "Faria as mesmas coisas, se a Ordem me ordenasse, porque talvez eu não seja capaz de julgar se elas são realmente injustas. Ademais, ainda que elas pudessem ser injustas sob um outro aspecto, *elas deixam de o ser desde o momento em que se tornam um meio para chegar à felicidade e alcançar o objetivo geral*".

A essa mesma questão o noviço *François-Xavier B...* responde, escreve e jura no mesmo sentido: "Eu não me recusaria a fazer essas coisas (*más e injustas*) se elas contribuem para o bem geral".

À questão sobre o direito de *vida e de morte* o primeiro desses noviços responde e jura: "*Sim, concedo esse direito à Ordem Iluminada*; e porque eu o recusaria, se a Ordem se visse reduzida à necessidade de empregar esse meio, e que sem isso ter-se-ia de temer para ela grandíssimos males? (*literalmente, para sua grandíssima ruína*). *O Estado perderia muito pouco com isso, posto que o morto seria substituído por tantos outros*. Quando ao mais, faço remissão à minha resposta número 6; ou seja, aquela na qual prometi fazer mesmo o que fosse injusto, se meus Superiores o acharem bom e mo ordenarem".

O segundo noviço responde à mesma questão e igualmente jura: "*A mesma razão que me faz reconhecer nos Governadores dos povos o direito de vida e de morte sobre os homens, leva-me a reconhecer de bom grado esse direito na minha Ordem*, que concorre para a felicidade dos homens, da mesma forma como os Governadores dos povos devem fazê-lo".

Sobre a promessa de uma obediência sem restrições, um responde: "Sim, sem dúvida, *essa promessa é importante; entretanto, eu a vejo como o único meio de a Ordem chegar ao seu objetivo*".

O segundo é menos preciso: "Quando, diz ele, considero nossa Ordem como moderna e ainda pouco disseminada, tenho alguma repugnância em fazer uma promessa tão assustadora; porque tenho boas razões para duvidar se a falta de conhecimento ou mesmo se alguma paixão dominante não poderiam algumas vezes fazer ordenar coisas inteiramente opostas à finalidade da felicidade geral: mas quando imagino a Ordem mais difundida, penso que numa Sociedade em que se encontram homens de tantos diferentes estados, dos mais elevados e dos mais comuns, eles estão mais capacitados a conhecer o curso do mundo e de distinguir os meios para cumprir os bons projetos da nossa Ordem".[135]

Eis, acompanhadas das reflexões de Barruel, algumas das sentenças, igualmente tomadas dos *Ecrits Originaux*, que os iluministas maiores inculcam sem descanso.

"1ª *Quando a natureza nos impõe um fardo pesado demais, devemos entregar-nos ao suicídio. Patet exitus.* — Um iluminista, dizem-nos eles, deve preferir dar-se a morte a trair sua Ordem; eles também exaltam o suicídio como estando acompanhado de uma voluptuosidade secreta.

"2ª *Nada através da razão, tudo através da paixão*; é o seu segundo princípio.

"A finalidade, a propagação, a vantagem da Ordem são o deus deles, a pátria deles, a consciência deles; o que se opõe à Ordem é negra traição.

"3ª *O fim santifica o meio*. Assim, calúnia, veneno, assassinato, traição, revolta, infâmias, tudo o que leva ao fim é louvável.

"4ª *Nenhum Príncipe pode colocar a salvo aquele que nos trai.*

"Acontecem, pois, nessa Ordem, coisas contrárias aos interesses dos Príncipes — coisas que, vista a importância delas, merecem ser manifestadas aos Príncipes; e essa descoberta seria aos olhos dos iluministas uma traição, que antecipadamente ameaçam vingar!... — Eles

---

135 Barruel, III, p. 82-87.

dispõem, pois, dos meios para se defenderem impunemente dos seus acusadores. — Podemos adivinhar quais são.

"5ª *Todos os Reis e todos os Padres são velhacos e traidores*; ou, ainda, *todos os Padres são patifes*.

"Segundo o plano dos iluministas é preciso liquidar a Religião, o amor à Pátria e aos Príncipes; porque, dizem eles, a religião e esse amor à pátria e aos príncipes restringem as afeições do homem a estados particulares e o desviam do objetivo bem mais vasto do Iluminismo.

"6ª É preciso ser mais submisso aos Superiores do Iluminismo do que aos Soberanos ou Magistrados que governam os povos. Aquele que dá preferência aos Soberanos e aos Governantes dos povos nada vale para nós. *Volte iemand den Regenten mehr anhœgen, so taugt et nicht fur uns*. — É preciso sacrificar aos nossos Superiores honra, fortuna, vida. Os Governantes dos povos são déspotas, quando não são dirigidos por nós. Eles não têm nenhum direito sobre nós, homens livres. *Sie haben kein recht über uns, freye menschen*.

"7ª Na Alemanha não deve haver senão um ou, quando muito, dois Príncipes. — É necessário que esses Príncipes sejam iluministas, e de tal modo conduzidos pelos nossos adeptos, e de tal modo rodeados deles, que nenhum profano possa se aproximar das suas pessoas. Os maiores e os menores encargos do Estado devem ser dados apenas aos membros da nossa Ordem. Uma vez tivemos na Baviera seiscentos iluministas; ninguém está mais em condição de resistir a nós".

DOUTRINA DO ILUMINISMO

Essa doutrina, insinuada nos primeiros graus, é claramente exposta apenas nos últimos mistérios: o do *Mago* e o do *Homem-Rei*; e ela é dada exclusivamente de viva voz. Essa parte do código não pode ser impressa; três exemplares manuscritos, um por cada inspetor, segundo a própria declaração de Weishaupt, é tudo quanto existe.

Não obstante, encontrou-se um homem para revelá-la. "Esse homem, diz Barruel, é meu conhecido. Sei que ele inspiraria toda a confiança ao público se eu revelasse seu nome, mas sei também que os punhais e os venenos do Iluminismo iriam procurá-lo até às Órcades[136] se a seita viesse a descobrir o seu refúgio. O segredo lhe é devido e guardar-me-ei de violá-lo. Podemos designá-lo com o nome de *Biederman*, que significa homem de honra.

"Tudo o que posso dizer é que unicamente o desejo de descobrir as conspirações da seita e de chegar àquilo que ele considerava como o verdadeiro meio de prevenir-lhes as conseqüências sustentou esse adepto nas provas que teve de sofrer. Passando por todos os graus, chegou enfim aos últimos mistérios. Eles estão divididos em duas partes. Uns têm por objeto a religião: são aqueles revelados aos *Magos*; outros são políticos e reservados ao grau de *Homem-Rei*".

[136] Ilhas situadas ao Norte da Escócia, próximas ao círculo polar ártico [N. do T.]

I. — A DOUTRINA ENSINADA AOS MAGOS

Segundo Weishaupt (*Ecrits originaux*, t. II, carta 15 a Caton), o grau de Epopte, ou de Sacerdote iluminista, apresenta ao iniciado o Evangelho como uma máscara religiosa emprestada por Cristo para estabelecer sobre a terra o reino da liberdade e da igualdade.

Após ter levado a esse ponto a impiedade dos seus *Epoptes*, que lhe restava fazer para seus *Magos* nos grandes mistérios senão apagar o nome da religião, o próprio nome de Deus, de sorte que toda religião aparecesse como inconciliável com esses mistérios! "Encaminhai-me o I∴ Vicmenius, escreve Weishaupt a Caton (t. II, carta 15), quero curá-lo da teosofia e torná-lo favorável ao nosso objetivo". E Knigge, após ter exposto o que fez, segundo as instruções de Weishaupt, para demonstrar, no grau de *Epopte*, que Cristo não tinha outro objetivo senão o de estabelecer uma religião puramente natural, acrescenta: "Nos últimos mistérios nós devemos descobrir essa *piedosa fraude*, provar a origem de todas as mentiras religiosas, desvendar seu conjunto e sua conexão (*Ecrits originaux*, t. II, carta 1 de Philm. a Caton)".

II. — A DOUTRINA ENSINADA AO HOMEM-REI

1º *Contra a soberania*. — "O segundo grau dos grandes mistérios, diz Biederman, ensina que cada camponês, cada burguês, cada pai de família é soberano como o eram os homens sob a vida patriarcal, à qual se deve reconduzir o gênero humano, e que é preciso, por conseguinte, destruir toda autoridade, toda magistratura".

2º *Contra a propriedade*. — Já nos pequenos mistérios fora dito ao adepto: "Felizes os homens se soubessem se ter mantido no primeiro estado". Nos grandes graus é acrescentado: "Mas logo no coração deles se desenvolveu um infeliz germe; e seu repouso, sua felicidade desapareceram. À medida que as famílias se multiplicaram, os meios necessários ao sustento começaram a faltar. Cessou a vida nômade, nasceu a propriedade, os homens escolheram para si uma morada fixa, a agricultura os aproximou, a liberdade foi arruinada pela base e a igualdade desapareceu". A vida patriarcal, à qual é preciso retornar para gozar de novo a liberdade e a igualdade, exige pois a cessação da cultura dos campos, a destruição das moradas fixas e a abolição de toda a propriedade.

3º *Contra a autoridade paterna*. — Já nos graus inferiores o Hierofante aprendera a blasfemar contra o amor da família, mais ainda do que contra o amor da pátria, porque esse amor da família é um princípio mais imediato do desastroso egoísmo. Nos últimos mistérios os laços da natureza são quebrados, assim como os dos governos e o da religião. O filho deve esquecer seu pai desde que possa prover sozinho ao seu sustento.

Essas monstruosas doutrinas não desapareceram com o Iluminismo; elas se transmitiram de sociedade secreta para sociedade secreta; e nos dias atuais não somente as ouvimos ainda serem professadas, mas vemos continuarem os esforços para aniquilar toda religião, para dissolver toda propriedade, para transferir para o Estado toda a autoridade que Deus deu aos pais, para fazer desaparecer a instituição divina da família.

O Hierofante anunciava assim o triunfo dessa doutrina àquele que ele iniciava: "Temos por objetivo apenas essa melhor ordem de coisas (uma sociedade sem soberania, sem propriedade, sem autoridade paterna), pela qual trabalhamos sem descanso. Todos os esforços dos príncipes para impedir nossos progressos serão inteiramente inúteis. Essa fagulha pode por muito tempo ainda estar coberta pela cinza; mas certamente o dia do incêndio chegará... (Passaram-se duzentos anos após essas palavras. Não estão elas a ponto de se realizarem?) Foi lançada a semente da qual deve sair um novo mundo; suas raízes se

espalham; elas já estão bastante fortes, bastante propagadas, para que não venha o tempo dos frutos. Talvez seja preciso aguardar ainda muito tempo; mas cedo ou tarde a natureza começará sua obra: ela dará ao gênero humano essa dignidade que foi seu destino desde o início... Esperando que a natureza tenha amadurecido sua grande revolução, consideraríeis censurável uma sociedade (o Iluminismo, a Franco-Maçonaria) que se situasse numa posição própria a colocar os monarcas do mundo fora do estado de fazer o mal, ainda que eles o quisessem? Uma sociedade cujo poder universal impediria todos os governantes de abusarem da sua força (para manter a religião, a família e a propriedade)?"

CONSTITUIÇÃO E GOVERNO DA SOCIEDADE DITA DOS ILUMINISTAS

A organização dos iluministas pode dar a idéia da organização interna das sociedades secretas. Os detalhes sem dúvida mudam com o tempo e as circunstâncias; o fundo deve ser hoje o que era há dois séculos. É necessário que, hoje como ontem, os cúmplices sejam animados do mesmo espírito, formando todos um só corpo, cujos membros, dirigidos pelas mesmas leis, inspecionados, governados pelos mesmo chefes, tendam todos ao mesmo objetivo.

Cada grupo de iluministas era assim constituído: o *candidato* e o *noviço* ficavam sob a orientação do irmão *Recrutador*, o qual os introduzia nas *lojas menores*, regidas pelos *Irmãos iluministas menores*; estes eram inspecionados pelos *Irmãos iluministas maiores*. Acima desses graus preparatórios ficava o grau intermediário dos *Cavaleiros Escoceses*, cuja inspeção se estendia sobre os iluministas maiores e em geral sobre aquilo que o Código chama de edifício inferior da Ordem. Acima dos Cavaleiros Escoceses vinham os *Epoptes*, os *Regentes* ou Príncipes dos pequenos mistérios e enfim os *Magos* e os *Homens-Reis* dos grandes mistérios.

Tal é a constituição do Iluminismo.

Seu governo e funcionamento estão expostos nos documentos que reproduzimos no *Problème de l'Heure Présente* segundo Barruel, como ele próprio o fez nos *Ecrits Originaux*.

Eis os principais órgãos:

"Cada país tem seu Superior *Nacional*, que está em imediata correspondência como os nossos *Pais*, à frente dos quais está aquele ou estão aqueles que detêm o timão da Ordem.

"Sob o *Nacional* e seus *Assistentes* estão os *Provinciais*, que têm, cada qual, uma província dividida em círculos, regidos pelos *Prefeitos*".[137]

Todo provincial tem junto a si seus Consultores.

Sob sua direção está ainda um certo número de Prefeitos, que podem também ter seus Coadjuvantes nos distritos. Todos esses, assim como o Deão da Província, pertencem à classe dos *Regentes*.

"Todas essas funções são vitalícias, salvo os casos de demissão ou de destituição.

"O Provincial é eleito pelos *Regentes* da Província, pelos *Superiores nacionais*, com a aprovação do *Nacional*. (Não vejo, diz Barruel, como o Código põe aqui vários Superiores *nacionais* distintos do Chefe *nacional*, a menos que denomine agora *Superiores* aqueles que inicialmente nomeou simplesmente como *Assistentes* desse Chefe (*Gehülfen*).

---

[137] Há, pois, superiores locais ou prefeitos, superiores provinciais e superiores nacionais, e enfim o Presidente do Areópago, verdadeiro general do Iluminismo. Os regentes ficam fora dessa hierarquia; veremos suas atribuições.

“Dependendo todos os êxitos do Iluminismo dos *Regentes*, é justo que se os coloque acima das necessidades domésticas. Eles serão, pois, sempre os primeiros a serem providos e mantidos pela caixa e pelos cuidados da nossa Ordem.

“Os Regentes, em cada Província, constituem um corpo especial, imediatamente submetido ao Provincial, ao qual devem obediência.

“Não constituindo as funções do Iluminismo dignidades, *lugares de honra*, mas simples *encargos* livremente aceitos, devem os Regentes estar prontos a trabalhar pelo bem de toda a Ordem, cada qual segundo sua situação e seus talentos. A idade não representa aqui um título. Freqüentemente mesmo convirá que o mais jovem seja Provincial, e o mais velho simples Superior local ou Consultor, se um mora no centro e o outro na extremidade da Província; ou se, por sua atividade natural ou por sua posição no mundo, um pode melhor cumprir o ofício de Superior, não obstante o outro tenha muito mais eloqüência. Freqüentemente ainda um Regente não deve ter vergonha de se oferecer para uma pequena função junto a uma *Igreja* (Loja) *Minerval*, na qual ele pode ser útil pelo exemplo.

“Para que o Provincial não seja sobrecarregado por demasiada correspondência, todos os *quibus licet*, todas as cartas dos Regentes passarão pelas mãos do Prefeito, a menos que o Provincial ordene de maneira diversa.[138]

“Mas esse Prefeito não abrirá as cartas dos *Regentes*; ele as enviará ao Provincial, que as fará passar ao seu ulterior destino.

“O Provincial reúne seus Regentes, e os convoca, ou todos, ou simplesmente aqueles que ele julga necessário, segundo as necessidades da sua Província. Aquele que não puder atender o convite, deve avisar com pelo menos quatro semanas de antecedência. Ademais, deve ele sempre dar conta do que tem feito pela Ordem até o momento, e se mostrar pronto a realizar as intenções do Provincial e dos Superiores maiores. Essa assembléia dos Regentes realizar-se-á pelo menos uma vez ao ano.

“A instrução seguinte dirá aos Regentes o que merece mais especialmente a atenção deles.

“Já se falou da preocupação que devemos ter de procurar pouco a pouco fundos para a Ordem. Bastará assinalar aqui alguns artigos.

“Cada Província tem a administração dos seus ganhos, e envia ao Superior apenas pequenas contribuições para despesas com cartas. — Cada Assembléia, cada Loja é também *proprietária* dos seus fundos (*eigenthümlich*). — Quando *para algum grande empreendimento* a assembléia dos Regentes põe a caixa de várias Lojas ou Prefeituras como contribuintes, essa contribuição deve ser encarada como um empréstimo. As Lojas serão indenizadas não somente pelo pagamento dos juros, mas ainda pela restituição dos capitais” (O legislador iluminista teria esquecido aqui que a *propriedade* foi o *primeiro atentado* dirigido contra a *igualdade* e a *liberdade*? Sem dúvida, não; mas é necessário mais de um *grande empreendimento* antes de chegar ao último, o aniquilamento das *propriedades*; e a Ordem,

[138] Entre todos os membros da sociedade conspiradora existe uma correspondência regular. O simples iluminista se corresponde com seu superior imediato, esses superiores com os provinciais, e os provinciais com os nacionais. Somente esses últimos se correspondem imediatamente com o areópago, somente eles conhecem a residência dele; assim como os areopagitas são os únicos a saberem o nome e a residência do general.

Cada irmão, como investigador-nato dos seus adeptos e dos profanos, deve à Ordem pelo menos uma carta por mês. Para essa correspondência existe uma linguagem secreta (Barruel deu a chave da dos iluministas). O endereçamento dessas cartas é concebido nestas duas palavras: *Quibus licet* (a quem é permitido abrir, ou *a quem de direito*), ou simplesmente essas duas letras Q.L. Quando a carta encerra segredos ou queixas que o adepto não quer dar a conhecer ao seu superior imediato, ele acrescenta ao endereço as palavras *soli* ou *primo*. Essa carta “ao único” ou “ao primeiro” será aberta pelo Provincial, ou chegará aos *Areopagitas* ou ao *General* segundo o grau daquele que a escreveu.

enquanto aguarda, fica bem à vontade para fruir as suas, de fazer acreditar às Lojas inferiores que não se pensa em privá-las das delas).

"O Provincial não tem caixa, mas ele tem um estado de todas as da Província.

"Os objetos gerais da *receita* são: 1º as contribuições pagas pela recepção dos Franco-Maçons, *freymaurer-receptions gelder*; 2º o excesso das contribuições de cada mês; 3º os presentes gratuitos; 4º as multas; 5º os legados e doações; 6º nosso comércio e nossas manufaturas; *handel und gewerbe*. (Essa última palavra, *gewerbe*, significa igualmente *negócio, tráfico, profissão*).

"As *despesas* são: 1º os gastos com as assembléias, com as cartas, com a decoração e com algumas viagens; 2º as pensões aos II∴ pobres, desprovidos de qualquer outro meio; 3º as somas a pagar para *atingirmos o grande objetivo da Ordem*. 4º para o encorajamento dos talentos; 5º para os ensaios, as provas; 6º para as viúvas e crianças; 7º para as fundações".

Seguem-se as instruções especiais dadas a cada uma das classes de dignitários: regentes, prefeitos, provinciais, diretor nacional, chefe do Iluminismo. Seria longo demais reproduzi-las aqui. Já o fizemos no *Problème de l'Heure Présente*.

Eis alguns excertos:

"Os Regentes iluministas devem estudar a arte de dominar, de governar, sem demonstrarem seu interesse por isso. *Die Regenten sollen die kunst studiren zu herrschen, ohne das ansehen davon zu haben*. É preciso que exerçam um império absoluto e sem limites, *sollen sie unumgeschrœnkt regieren*, e que tendam a dirigir as coisas rumo a cada objetivo da nossa Ordem.

"Os meios para conduzir os homens são inumeráveis. Quem poderia descrevê-los todos?... A necessidade dos tempos deve fazê-los variar. Numa época, aproveita-se a inclinação dos homens para o maravilhoso; numa outra, serve-se da atração das sociedades secretas. *Daí resulta que às vezes é bom deixar vossos inferiores suspeitarem, sem no entanto dizer-lhes do que se trata, que todas essas outras sociedades, e a dos Franco-Maçons, são secretamente dirigidas por nós; ou que é realmente verdadeiro que em alguns lugares os grandes monarcas são governados pela nossa Ordem. Quando sucede alguma coisa de grandiosa, de notável, é também preciso lançar com antecipação a suspeita de que aquilo nos seja devido. Se se encontra um homem de uma grande reputação por seu mérito, fazei ainda crer que ele é dos nossos*".

Agora o artigo sobre a maneira de procurar o apoio das mulheres, sobre a arte que *todo Regente deve estudar* para saber adulá-las, ganhá-las, e fazê-las servir ao grande objetivo do Iluminismo.

"É preciso também, acrescenta imediatamente o Código, é preciso também por toda a parte ganhar para nossa Ordem o *comum do povo*. O grande meio para isso é a *influência sobre as escolas*. Consegue-se isso ainda seja através das liberalidades, seja pelo brilho; outras vezes, rebaixando-se, popularizando-se, sofrendo, *com um ar de paciência, preconceitos, que se poderá em seguida desenraizar pouco a pouco*.

"Cabe aos Regentes prover às necessidades dos II∴ *e conseguir para eles os melhores empregos*, após terem disso dado ciência ao Provincial.

"Os Regentes ocupar-se-ão sem descanso daquilo que concerne aos grandes interesses da Ordem, das *operações de comércio*, ou de muitas outras coisas semelhantes, que podem ajudar o nosso *poder*. Enviarão aos Provinciais os projetos dessa natureza. Se o objetivo for premente, eles lhes darão aviso de maneira diversa dos *quibus licet*, que não lhes será permitido abrir.

"Agirão da mesma maneira no que diz respeito a tudo quanto servir de influência geral, a fim de encontrarem os meios de pôr em ação todas as nossas forças reunidas.

"*Se um Regente crê poder fazer suprimir as casas religiosas* e aplicar seus bens para o nosso objetivo, por exemplo *para a manutenção dos professores de escolas convenientes para as campanhas*; essas espécies de projeto seriam especialmente bem vindas aos Superiores.

"Quando um escritor enuncia princípios que são verdadeiros, *mas que não entram ainda no nosso plano de educação para o mundo, ou então princípios cuja publicação é prematura, é preciso procurar ganhar esse autor. Se não pudermos ganhá-lo e dele fazer um adepto, é preciso desacreditá-lo*.

"Quando entre nossos adeptos se encontrar um homem de mérito, mas pouco conhecido ou mesmo inteiramente ignorado do público, não economizemos nada para elevá-lo, para dar-lhe a celebridade. *Que nossos II.·. desconhecidos* sejam advertidos de soprar por toda a parte em favor dele as trombetas da nomeada, para forçar ao silêncio a inveja e a cabala.

"Se a nossa Ordem não puder se estabelecer em alguma parte com toda a forma e progresso das nossas classes, *é preciso suprir isso de uma outra forma. Ocupemo-nos com o fim; aí está o essencial; pouco importa sob que véu, desde que sejamos bem sucedidos. Entretanto, é preciso sempre algum véu; porque é no segredo que reside a grande parte da nossa força*.

"É por isso que é sempre preciso se esconder sob o nome de uma outra sociedade. As Lojas inferiores da franco-maçonaria são, enquanto aguardamos, o manto mais conveniente ao nosso grande objetivo. O nome de uma sociedade de sábios é também uma máscara muito conveniente.

"É muito importante para nós estudar a constituição das outras Sociedades secretas e *governá-las*. É preciso mesmo, quando se pode, com a permissão dos Superiores, fazer-se receber nessas Sociedades, sem, entretanto, se sobrecarregar de compromissos. Mas para isso mesmo é bom que a nossa Ordem permaneça sob o segredo.

"Os graus elevados devem sempre ser desconhecidos dos graus inferiores. *Recebe-se mais facilmente as ordens de um desconhecido do que dos homens nos quais se reconhece pouco a pouco toda sorte de defeitos. Com este recurso pode-se melhor observar os inferiores. Estes prestam mais atenção à sua conduta quando se crêem cercados de pessoas que os observam; sua virtude inicialmente é de constrangimento; mas o exercício a muda em hábito.*

"Jamais percamos de vista as Escolas Militares, as Academias, as Gráficas, os Capítulos das Catedrais, quaisquer estabelecimentos que influenciem a educação ou o governo. Que nossos Regentes estejam sem cessar ocupados em formar planos e em imaginar a maneira necessária a adotar para nos tornarmos senhores de todos esses estabelecimentos. *Militair-schulen, Academien, Buch-druckereyen, Buch-læden, Dom-capitel, und alles was ein einflus auf bildung und regierung hat, muss nie aus den augen gelassen werden; un die Regenden follen unaufhœrlich plane entwerfen, wie man es anfangen kœnne, uber dieselben gewalt zu bekommen.*

PREFEITOS OU SUPERIORES LOCAIS

"Nossa força está em grande parte no número; mas ela também depende muito do cuidado que pusermos na formação dos alunos. — Os jovens dobram-se, prestam-se melhor a esse objetivo. — O Prefeito iluminista não poupará nada, pois, para se pôr na posse *das escolas* do seu distrito e *dos seus professores*. Ele agirá de maneira que elas sejam confiadas a membros da nossa Ordem; porque é assim que se consegue inspirar nossos princípios, formar os jovens; é assim que preparamos as melhores cabeças para trabalharem para nós, que as acostumamos à disciplina, que garantimos sua estima; que a afeição concebida relativamente a esses jovens alunos se torne tão durável quanto todas as outras impressões da infância.

"Quando se puser a hipótese de uma nova colônia, escolhei primeiramente um adepto esforçado, empreendedor, cujo coração seja todo nosso. Enviai-o a passar algum tempo no meio em que pensais colocar vosso estabelecimento.

"Antes de povoar as extremidades, começai por constituir-vos no centro.

"Não procurareis difundir-vos senão quando tudo esteja consolidado na capital do vosso distrito.

"Se para nós é importante ter escolas ordinárias, é também muito importante ganhar os *Seminários e seus Superiores. Com esse mundo aí nós temos a principal parte do país; colocamos ao nosso lado os maiores inimigos de toda inovação; e, o que está acima de tudo, com os Eclesiásticos, o povo e as pessoas comuns encontram-se nas nossas mãos*.

"Em geral, raramente os príncipes serão admitidos na própria Ordem, e aqueles que forem recebidos não serão facilmente elevados acima do grau de *Cavaleiro Escocês*".

Sob o título *Esprit de Corps*, o Prefeito é advertido de que esse espírito se inspira no cuidado de exaltar sem cessar a beleza e a importância do fim. Para alimentá-lo, *é preciso manter a esperança de descobertas sempre mais importantes* à medida que se avança. Temer deixá-lo esfriar: "*Procurai colocar vossos alunos numa situação em que estejam freqüentemente e constantemente ocupados com a nossa Sociedade; fazei dela sua idéia favorita*. Vede tudo quanto faz a Igreja Romana para tornar a religião sensível, para manter o objetivo sempre presente aos olhos dos seus aderentes; tomai-a como exemplo.

"Se souberdes fazer sentir a vossos alunos a grandeza do nosso objetivo e dos nossos planos, nenhuma dúvida haverá de que obedeçam com prazer aos Superiores. *Quanto mais as anotações* ou as contas a prestar sobre os inferiores *forem detalhadas, melhores elas serão; porque é em cima disto que repousa todo o plano das nossas operações*. É por aí que se conhece o número dos II∴ e seus progressos. É por aí que se vê a força ou a fraqueza da máquina, a proporção ou a adesão das partes ao todo; o verdadeiro titulo dos II∴ às promoções e, enfim, o mérito das assembléias, das Lojas, dos seus Superiores.

"O prefeito deve pôr-se de acordo com o Provincial acerca do manto, do véu que é preciso dar à Ordem. — Assim, é preciso *esconder nossa ordem sob a aparência de uma sociedade mercantil ou sob qualquer exterior semelhante*".[139]

Com medo de que o número de II∴ os exponha a serem descobertos se suas assembléias forem muito numerosas, o Prefeito terá cuidado de ordinariamente não reunir mais de dez II∴ nas Igrejas Minervais. "Se em algum lugar houver um número muito maior desses alunos, será preciso multiplicar as lojas, ou então marcar dias diferentes para que todos não se reúnam de uma só vez; e se houver várias Lojas Minervais numa mesma cidade, o Prefeito cuidará para que os II∴ de uma loja nada saibam acerca das outras".

---

[139] Os carbonários seguiram essa recomendação. Prova, entre muitas outras, de que sob diferentes nomes e diversas organizações, é sempre a mesma seita que conspira contra a Igreja e a sociedade.

PROVINCIAIS

"Que o Provincial seja filho da Província confiada às suas mãos, ou pelo menos que ele a conheça a fundo.

"Tanto quanto for possível, seja ele livre de todo negócio público, de toda outra obrigação, para ser todo inteiro da Ordem.

Ele terá a aparência de um homem que procura apenas o repouso e que se retirou dos seus negócios.

"Ele terá residência, tanto quanto possível, no próprio centro da sua Província, a fim de melhor estender seus cuidados aos diversos cantões.

"Tornando-se Provincial, ele abandonará seu primeiro nome de guerra para adotar aquele que os Superiores maiores lhe derem. — Ele terá como sinete da sua província aquele cuja impressão os mesmos Superiores lhe enviarem, e ele o usará gravado no seu anel.

"O Provincial, imediatamente submisso a um dos Inspetores nacionais, prestar-lhe-á cada mês contas gerais da sua província.

"Que essas contas sejam divididas em tantas partes quanto o número das prefeituras que lhes estão subordinadas. Que ele tenha preocupação em relatar tudo o que se passou de mais notável em cada uma das nossas escolas: que ele aí diga o nome, a idade, a pátria, o estado dos novos recebidos, e o dia das suas cartas reversais.[140]

"Além dessas contas a prestar mensalmente, ele deve se dirigir ao Nacional cada vez que se trate dessas coisas importantes que não são deixadas à sua própria decisão.

"Quando ele tiver repreensões a fazer a II∴ que seria perigoso ofender ele se servirá de uma mão alheia, e sua carta será assinada como *Basile*. Esse nome, que ninguém usa na Ordem, é expressamente destinado a esse fim.

"Ele escreverá de tempos em tempos às classes inferiores; e por proposta dos nossos Epoptes, ele prescreverá os livros com os quais seja necessário ocupar os alunos, segundo as necessidades de cada grau. — Ele deve, quando puder, estabelecer nos lugares mais cômodos da sua província bibliotecas, gabinetes de história natural, museus, coleções de manuscritos e outras coisas semelhantes". Bem entendido, para uso dos II∴.

"O Provincial abre as cartas dos iluministas menores e dos Cavaleiros Escoceses, cujo endereço seja *soli*. Ele também abre as simples *quibus licet* dos Epoptes, e mesmo as *primo* dos Noviços: mas ele não pode abrir nem as *primo* de um Minerval, nem as *soli* de um Epopte, nem as *quibus licet* dos Regentes".

Essa graduação na faculdade de abrir as cartas dos II∴, segundo o grau que ocupam na Ordem, indica evidentemente que o endereço deve ser acompanhado de algum sinal que marque o grau do I∴ que escreve; não consegui saber qual é esse sinal. Mas uma observação que não deve escapar ao leitor é que as cartas dos II∴ e mesmos seus simples *quibus licet* chegam sempre a II∴ de um grau acima deles; de maneira que eles jamais conhecem aquele que as recebe e que as responde, posto que as regras dessa hierarquia não se desvendam senão na proporção do direito que cada I∴ recebe na sua promoção. O próprio Provincial não sabe, ou pelo menos não pode saber senão por conjectura, a quem chegam suas próprias cartas e aquelas que não lhe é permitido ler.

"Para dizer tudo em poucas palavras, o Provincial é encarregado de colocar sua província em estado de tudo empreender para o bem e de impedir o mal (sabemos em que sentido é preciso entender aqui essas palavras). — *Felizes as regiões em que a nossa Ordem tiver*

[140] Cartas que garantem promessa precedente [N. do T.]

adquirido esse poder! Isso não será muito difícil para o Provincial que seguir exatamente os conselhos dos mais altos Superiores. Secundado por tantos homens hábeis, *formados na ciência moral*, submissos e que trabalham com ele em segredo, não há nobre empreendimento que não possa realizar, mau desígnio que não possa abortar. — Assim, nada de conivência com as faltas; nada de nepotismo, nada de inimizades. — Nenhuma outra perspectiva que não a do bem geral. — Nada de outro objetivo e nada de outros motivos que não sejam os da nossa Ordem".

DIRETOR NACIONAL

Está dito no plano geral do governo iluminista que cada I∴ terá instruções especiais relativas ao lugar que ocupa na Ordem hierárquica da Seita; não me foi dado descobrir, diz Barruel, aquelas que ela consagra à direção dos Superiores nacionais. Essa parte do Código não se encontra nem nos dois volumes tão freqüentemente citados sob o título de *Ecrits Originaux*, nem naquele de *Spartacus* e *Philon*, que nos desvendou tantos outros mistérios. Eis uma das principais recomendações que lhes são feitas: "Se entre vossos Epoptes encontram-se desses gênios mais elevados, essas *cabeças especulativas*, faremos deles *Magos*. Os adeptos desse grau ocupar-se-ão em recolher, em colocar em ordem os grandes sistemas filosóficos, e imaginarão, *redigirão para o povo uma religião que nossa Ordem quer dar ao Universo o mais cedo possível. So werden die selben Magi. — Diese sammeln und bringen die hæbere philosophische systeme in ordnung, und bearbeilen eine volks-religion, weiche der orden demnœschsten der welt gebel will* (Essas palavras *volks-religion*, religião do povo, no original escrito pela mão de Caton Zwach, são obtidas pelos números 20, 14, 2, 3, 18 — 17, 8, 2, 4, 6, 4, 14, 13).

Esses "homens de gênio" combinam primeiro esses sistema entre eles e fazem uma primeira compilação nas suas Assembléias Provinciais; mas não é aí que os projetos amadurecem. Eles são encarados como um primeiro esboço que cada Provincial é encarregado de enviar ao *Diretório nacional* para aí sofrer novo exame e receber um novo grau de perfeição. (*Voy. Instruct. pour le grade d'Epopte, números 12 e 14*). Um dos primeiros deveres do *Diretor nacional* será recolher todos esses sistemas anti-religiosos, anti-sociais e fazer julgar pelo seu tribunal a que ponto eles podem ser úteis ao grande objetivo de desorganização universal; estarão, pois, junto à sua pessoa os Eleitos da Nação, assim como os Provinciais têm junto a eles os Eleitos das Províncias. Esses Eleitos nacionais, combinando seus esforços, verão primeiramente quais desses sistemas podem entrar no tesouro das ciências iluministas. Acrescentar-lhes-ão em seguida tudo o que seu próprio gênio inventar, para tirar a maior vantagem possível, sempre nas vias da Seita. Chegados a esse grau de perfeição, todos esses planos, esses projetos, esses sistemas de impiedade, de desorganização, serão depositados nos arquivos do Diretor, tornados *arquivos nacionais*. É a eles que recorrerão, em suas dúvidas, os Superiores provinciais; deles partirão todas as luzes que devem ser espalhadas em todas as partes da nação. É neles também que o Diretor nacional encontrará as novas regras a ditar, para que todos os II∴ nacionais tendam com mais segurança, com mais uniformidade, ao grande objetivo.

O TRIBUNAL SUPREMO DO ILUMINISMO

A seita não limita suas considerações a uma nação. Existe no seu regime um tribunal supremo, que tem podido submeter toda a Ordem à sua inspeção e aos seus complôs. Composto por doze *Pares* da Ordem (*Voy. Philos. enlich. Erklœr, p. 119*), presidido por um chefe, general de todo o Iluminismo, esse tribunal supremo, sob o nome de Areópago, é o centro de comunicação para todos os adeptos espalhados pela face da terra, assim como cada Diretor nacional o é para todos os adeptos do seu império; como todo Provincial o é para os distritos da sua província; como todo Superior local o é para todas as Lojas do seu distrito; como todo Mestre Minerval o é para os alunos da sua academia, todo Venerável para seu antro

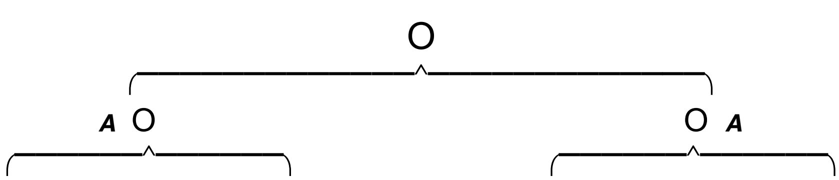
maçônico; e enfim todo I∴ Insinuante e Recrutador o é para os seus noviços e os seus candidatos. Assim, desde o último dos II∴ até o adepto consumado, tudo se gradua, tudo se liga por meio dos *quibus licet*, dos *soli*, dos *primo*; todo se faz, tudo chega em cada império até aos Diretores nacionais; e pelos Diretores nacionais tudo se faz, tudo chega ao centro de todas as nações, ao supremo Areópago, chefe da Seita, moderador universal da conspiração.

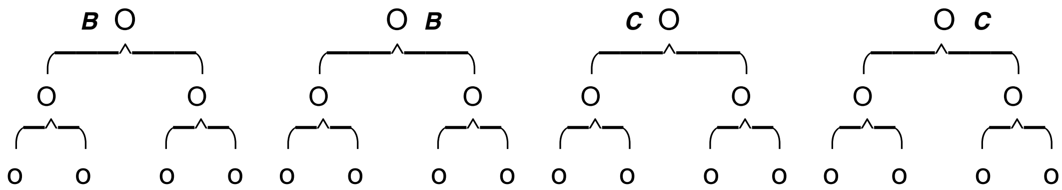
O artigo essencial a observar no Código do Diretor nacional é a sua correspondência imediata com o Areópago do Iluminismo. Essa correspondência não é duvidosa: ela é formalmente expressa nesses termos, no plano geral do regime que a Seita desvenda aos seus Regentes: *Há para cada império um diretor nacional, em sociedade ou em ligação imediata com nossos Pais, o primeiro dos quais está no timão da Ordem* (Direct. systm., nº 4).

Ao Diretor nacional, todos os segredos dos II∴ disseminados pelas Províncias, na Corte e na cidade: a ele todos os projetos, todos os relatórios sobre os sucessos ou perigos da Ordem; sobre os progressos da conspiração; sobre as funções, as dignidades e o poder a obter para os adeptos; sobre os concorrentes a afastar, os inimigos a deslocar, os Dicastérios e os Conselhos a ocupar: a ele, enfim, tudo o que pode ou retardar ou então acelerar a queda dos Altares e dos Impérios, a desorganização do Estado e da Igreja sob sua inspeção; e por ele, por sua correspondência imediata, por aquela de todos os Inspetores nacionais da Ordem, todos os segredos dos II∴ investigadores, todos os projetos dos II∴ políticos, dos II∴ de gênio especulativo; tudo o que se medita nos conselhos dos Príncipes; tudo o que se enfraquece ou se fortifica na opinião dos povos; tudo o que é preciso prever e impedir, prevenir ou apressar em cada cidade, cada Corte e cada família: por ele e por seus II∴ das nações, todos esses conhecimentos irão se reunir, se concentrar no Conselho Supremo da Seita; e desde então não há um só Soberano, um só Ministro de Estado, um só pai de família, um só homem no seio da amizade que possa dizer: meu segredo só a mim me pertence; ele não chegou, ele não chegará a esse Areópago. Ainda através desse Diretor nacional e através dos adeptos da mesma posição, todas as ordens planejadas e combinadas nesse Areópago, todos os decretos dos Pares iluministas serão notificados aos adeptos de todas as Nações, de todas as Províncias, de todas as academias e de todas as lojas maçônicas ou minervais da Seita. Através dele, enfim, e através dos seus Confrades Diretores nacionais retornará a prestação de contas geral das suas ordens, da sua execução, ao Senado dos Pares que as ditou. Através dele conhecerão os negligentes a relevar, os transgressores e os rebeldes a castigar, a fazer lembrar o juramento de que submeteu sua fortuna e mesmo os seus dias aos decretos dos Superiores maiores, dos Pais desconhecidos, ou do Areópago da Seita. É em vão que ela oculta o Código a todos esses Inspetores; após todas as leis saídas dos seus antros, eis aí evidentemente os mistérios compreendidos nessas únicas palavras: Existe para cada império um Diretor nacional, em *ligação* ou em correspondência *imediata* com os pares da Ordem; *Jedes land hat einen National-Obern, welcher in unmittelbarer verbindung met unsern Vœtern stecht*.

CADEIA DE COMUNICAÇÕES

Assim se denomina a organização que dá ao poder central a facilidade, o poder invisível de colocar em ação milhares de legiões que vemos sair num piscar de olhos dos seus subterrâneos, nos dias marcados para as revoluções.





“Tenho imediatamente abaixo de mim dois adeptos aos quais inspiro todo meu espírito; cada um desses dois adeptos correspondem a dois outros, e assim sucessivamente. Dessa maneira, da maneira mais simples do mundo, posso *colocar em movimento e inflamar milhares de homens. É dessa mesma maneira que é necessário fazer chegar as ordens e operar em política*.” (Carta de Weishaupt a Caton Zwach, 16 fev. 1782).

Poucos dias após essa lição Weishaupt escreveu a Celse-Bader e disse-lhe: “Enviei a Caton um modelo, *esquema*, uma prancha ou figura, mostrando como se pode *metodicamente* e sem muita dificuldade, *dispor na melhor ordem possível uma grande multidão de homens*. Sem dúvida ele deve ter te mostrado isso; se não o fez, peça-lhe. Eis a figura“.

Weishaupt reproduz nesta carta a figura de progressões acima e continua:

“*O Espírito do primeiro, do mais ardente, do mais profundo dos adeptos*, comunica-se diariamente e sem cessar aos dois *A*; através de um deles passa a *B B*; e através do outro a *C C*. Destes ele chega da mesma maneira aos oito seguintes; desses oito aos dezesseis; dos dezesseis aos trinta e dois e assim sucessivamente. Escrevi mais longamente a Caton. Em resumo, *cada qual tem seu Ajudante-Mor, através do qual age imediatamente sobre todos os outros. Toda a força sai do centro e vem de novo aí se reunir*. Cada qual de alguma maneira é subordinado; *dois homens que ele estuda a fundo, que ele observa, que ele dispõe, que ele inflama, que ele exercita por assim dizer como recrutas, a fim de que em seguida possam exercitar e pôr fogo em todo o regimento. Pode-se estabelecer a mesma coisa para todos os graus*”. (*Ecrits Originaux*, t. II, carta 13 a Celse).[141] *É assim que devem ser comunicadas as*

---

[141] Percebo bem que também aqui, diz Barruel, é preciso que eu forneça o próprio texto das cartas para que se veja o quanto estou longe de acrescentar algo às lições e às explicações de Weishaupt; eis os termos da sua carta a Caton: *“An mich selbst aber verweisen sie dermalen noch keinen unmittelbar als den Cortez, bis ich schreibe, damit ich indessen speculiren, un die leute geschickt rangieren kann; den davon hoengt alles ab. Ich werde in dieser figur mit ihnen operiren.”* (Aqui se encontra a figura que se vê no texto francês, com as letras A, B, C, que são acrescentadas para explicação apenas na carta a Celse). *“Ich habe zwey unmittelbar unter mir welchen ich meinen gan zen geit einbauche, und qon diesen zweyen hat weider jeder zwey andere, und so fort. Auf diese art kann ich auf die einfachste art causend menschen in bewehung und flammen setzen.”* (Não ousei dizer em francês senão pôr em movimento e não em chamas milhares de homens. É a tradução literal; em alemão ela é mais forte do que o nosso *inflamar*). *“Auf eben diese art muss man die* ordres *ertheilen, un im politischen operiren.”* (*Ecrits Originaux*, t. 2, carta 8 a Caton, 16 fev. 1782). Observai que o alemão de Weishaupt não é da maior pureza.

Agora, no mesmo volume, carta 13 a Celse, sem data: *“Ich habe an Caton ein* schema *geschickt, wie man planmœesig eine grose menge menschen in der schœensten ordnung... abrichten kann... Es ist diese forme.”*

“Der geist des ersten, wœrmsten, un einsichtsvollesten comumunicirt sich unaushœrlich un tœglich an A A — A *an* B B: *und das andere an* C C — B B, *und* C C *communiciren sich auf die nœmliche art an die unteren 8. Diese an die weitere 16, und 16 an 32, und so weiter. An Cato hab ich es weitlœufiger geischrieben: Kurz! Ieder hat zwey flügel-adjutanten, wodurch er mittelbar in all übrige wirkt. Im centro geht alle kraft aus, un vereinigt sich auch wiëder darinn. Ieder sucht sich in gewisser subordination zwey mœnner aus, die er ganz studiert, beobachtet, abrichtet, anfeuert, un so zu sagen, wie recruten abrichtet, damit sie dereinst mit dem ganzen regiment abfeueren un exerciren kœnnen. Das kann mann durch alle grade so einrichten.”* (Id. carta 13).

N.B. Não se encontra nos *Ecrits Originaux* essa explicação mais longa dada a Caton por Weishaupt; pelo menos não a possuo; sem dúvida seria preciosa. Ve-lo-emos ainda melhor soprar seu espírito e seu fogo a milhares de homens; mas no fundo essas duas cartas são mais do que suficientes para o que queremos provar.

BARRUEL.

ordens e operar em política. Essas palavras nos mostram não a lei provisória, mas a lei meditada, refletida e fixada até que chegue o tempo de sublevar e de inflamar todas as legiões preparadas para o terrível exercício; esse tempo tão expressamente anunciado por Weishaupt de *atar as mãos, subjugar, pôr fogo e destruir* o universo.

Uma observação interessante deve ser feita antes de deixarmos a seita dos iluministas.

A doutrina ensinada no guia do *Epopte* diz que Cristo não tinha outro objetivo senão o de estabelecer uma *religião puramente natural*.

E uma das principais recomendações feitas ao diretor nacional é esta: Se entre vossos Epoptes encontram-se cabeças especulativas, delas faremos *Magos* nossos. Os adeptos desse grau ocupar-se-ão em recolher os sistemas filosóficos e redigirão para o povo uma religião que nossa Ordem quer dar ao universo o mais cedo possível.

III

DOCUMENTOS RELATIVOS À REVOLUÇÃO

Esses documentos poderiam ser muito numerosos. Contentar-nos-emos em oferecer três que poderão confirmar nossos leitores nessa dupla convicção: que a Revolução do fim do século XVIII foi um primeiro ensaio de aplicação dos princípios ensinados nas lojas e nas lojas de retaguarda; que esse crime social foi obra dos franco-maçons.

I — LIVROS QUE DESCREVERAM ANTECIPADAMENTE A REVOLUÇÃO

Em 1771, um dos corifeus do filosofismo, que mais tarde foi convencional, Sébastien Mercier, publicou, sob o título *L'an 2240 ou rêve s'il en fut jamais*, [Ano 2240 ou sonho se ele jamais existir] um livro estranho, no qual todos os acontecimentos que iam se suceder, dezoito anos depois, estavam nitidamente indicados. Pode-se mesmo crer, segundo uma nota ao capítulo II, o qual tem por título *Tenho setecentos anos,* que ele foi escrito em 1786, quer dizer, trinta anos antes de que fosse posta em atividade a máquina montada no segredo das lojas de retaguarda para transformar a França.

Esse livro não tardou em ser conhecido em Roma, porque numa brochura impressa naquela cidade em 1797, lê-se o que segue: "Um homem que estava bem ao par do que se tramava, Mercier, deu a público uma obra que os acontecimentos tornaram muito notável, mas que à época foi tomada como romance, porque ele só falava daquilo que deveria acontecer dentro de sete séculos, que estava escrito sob o símbolo de um sonho e que ele anunciava coisas que, se bem que depois se tenham infelizmente realizado, eram vistas, naquela época, como impossíveis".

Nesse livro Mercier anunciava o que segue. No capítulo primeiro: a soberania absoluta é abolida pelos Estados reunidos; — a monarquia não mais existe; o ancinho, a naveta e o martelo são mais brilhantes do que o cetro; — por que o governo não seria republicano? Será a época terrível e sangrenta de uma guerra civil, mas o sinal da liberdade: remédio terrível, mas necessário; — a Bastilha é derrubada; — os mosteiros são abolidos, os monges casam, o divórcio é permitido, o Papa despojado dos seus Estados. "Ó Roma, dizia Mercier, como te odeio! como todos os corações abrasados de um justo ódio sentem o mesmo horror que tenho pelo teu nome!" Esse capítulo era intitulado: *Não tão distante quanto se pensa!*

A destruição da Bastilha, acabamos de dizê-lo, encontra-se literalmente anunciada (p. 36). "Dizem-me que a Bastilha tinha sido derrubada de alto a baixo, por um efeito, sem dúvida, desse ódio virtuoso que o ser sensível deve ao opressor... a esse vil populacho dos Reis que terão, em todo sentido, atormentado a espécie humana" (*Epît. dédic.,* p. VI e VII). Essas palavras, escritas e impressas trinta anos antes do acontecimento, não são muito dignas de nota?

No capítulo III, cujo título é *Visto-me na loja de roupas usadas*, Mercier descreve exatamente a forma dos trajes, o boné, a grande gravata, o corte de cabelo adotado, com efeito, pelos revolucionários (p. 17, 18 e 19).

O capítulo VI, intitulado *Os chapéus enfeitados*, anuncia (p. 28 e 29) a abolição das ordens e dos títulos.

O capítulo VII — *A ponte desbatizada*, e o VIII — *A nova Paris*, giram em torno de certas mudanças a serem feitas na parte material da cidade. Elas foram em parte executadas e em parte projetadas pelos revolucionários.

No capítulo XXXVI o autor faz soar o sino a rebate para excitar à revolta e ao derramamento de rios de sangue para conquistar uma liberdade quimérica. “Para certos Estados, diz ele, há uma época que se torna necessária, época terrível, sangrenta, mas que é o sinal da liberdade”. O contexto não deixa dúvida de que Mercier teve em vista os tempos vizinhos daquele em que escrevia.

No capítulo XXII ele anunciara que seria derramado mais do que o sangue dos tiranos. Aqui, no capítulo XXXVI, ele diz que ao assassinato de Luís XVI, no início dessa época terrível e sangrenta, deviam juntar-se muitos outros e misturar ao sangue dos tiranos o sangue de tantos milhares de vítimas. Nesse mesmo capítulo encontramos nomes de estátuas emblemáticas, entre outras a do “Negro vingador do Novo Mundo”, que tem aos seus pés os fragmentos de vinte cetros.

A separação dos dois mundos, o de antes da Revolução e o pós-revolucionário, fora pois marcada com antecedência através das mudanças na nação, a transformação material de Paris, a abolição das ordens e dos títulos, o regicídio e também a propagação da Revolução para as outras monarquias, cujos cetros quebrados jaziam aos pés do negro.

Mercier permaneceu entre os republicanos moderados. Ele não votou pela morte do rei. Ele tinha sido enviado à Convenção pelo Departamento de Seine-et-Oise. No seu livro *L’an 2240* ele prevê o despertar do Japão para a vida européia. Ele pinta o japonês dos nossos dias vestido segundo a moda de Paris, possuidor de um exército treinado por oficiais estrangeiros, uma constituição inspirada no *Esprit des Lois* e uma justiça baseada no Tratado dos Delitos e Penas de Beccaria.

Tais previsões, levadas a esse ponto, são difíceis de se explicar, mesmo para quem mais profundamente estudou a tríplice cooperação dos Enciclopedistas, Franco-Maçons e Iluministas na Revolução.

Em 1797 apareceu em Neufchâtel um livro intitulado “Os verdadeiros autores da Revolução de 1789”, escrito por Soudart. O autor nota “a trama obscura e clandestina urdida pelo Calvinismo, pelo Jansenismo e pelo Filosofismo nascente” (p. 425). Numa nota, nessa mesma página, ele diz: “O cavaleiro Follard (o cavaleiro Foillard ou de Folard — 1669-1752 — foi um excelente militar) o tinha previsto (o movimento revolucionário) em 1729. Trama-se, exclamava ele então, uma revolução cujas molas são tão delicadas quanto imperceptíveis, e cuja política é admirável. É preciso que as potências da Europa tenham binóculos muito ruins para que não percebam a tempestade que as ameaça”.

Um outro livro vindo da Holanda, ou datado da Holanda para não ter necessidade de aparecer com o privilégio do rei, esteve em grande voga no meio do século XVIII. Todos os autores maçons da época o mencionam. Tinha por título *L’ordre des Francs-Maçons trahi et le secret du Mopsis révélé!* [A ordem dos franco-maçons traída e o segredo do Mopsis revelado] (Amsterdã, 1745). Era a explicação completa dos três primeiros graus, tais como ainda existem hoje nos seus traços gerais. Vinte anos após, o mesmo autor, o abade Larudan, publicou uma outra obra: *Les Francs-Maçons écrasés* [Os franco-maçons esmagados], seguida do livro intitulado *L’ordre des Francs-Maçons trahi*, traduzida do latim. A Revolução Francesa está aí descrita e analisada nos seus princípios e nos seus caminhos, com vinte e três anos de antecedência, com uma penetração impossível de conceber sem um conhecimento aprofundado da cooperação das lojas. Quem poderia ter dado a fórmula definitiva (sempre atual) da república e da democracia que deviam suceder a realeza e se manter com o cadafalso? Nada obstante, é o que se podia ler nesse livro, sob a forma de um escrito histórico cujo disfarce não podia enganar ninguém. O autor emprestava ao seu personagem, Cromwel,

os pensamentos, as máximas, as considerações políticas que teria sido impossível então expor de forma direta. Ele desvendava a maçonaria, que preparava o que devia ser a Revolução, e teve êxito em fazê-lo com uma fidelidade, uma previsão do futuro às quais a história não devia oferecer nenhum desmentido; e isto se vendia em Paris oito anos antes da ascensão de Luís XVI.[142]

Conhecemos a estranha cena em que Cazotte, através de um prodígio de "reportagem" antecipada, descreveu, três ou quatro anos antes de 1789, os traços, mesmos circunstanciados, da tragédia revolucionária, predizendo a numerosos deputados o fim deles sobre o cadafalso.

Tudo isso confirma bem que o Terror foi obra da franco-maçonaria.

Essas advertências tão detalhadas e vindas de fontes tão diferentes não conseguiram abrir os olhos dos contemporâneos. E ainda agora encontram-se homens inteligentes e instruídos que se recusam a ver a mão da franco-maçonaria na Revolução.

Em 1791, o abade Le Franc, antigo membro da Congregação dos Eudistas, que acabava de ser dispersada, publicou na Casa Le Petit, rua de Lavori, 10: *Le voile levé pour les curieux ou le secret de la Révolution française révélé à l'aide de la Franc-Maçonnerie* [O véu levantado para os curiosos ou o segredo da Revolução francesa revelado com a ajuda da franco-maçonaria]; depois, no ano seguinte: *La conjuration contre la religion catholique et les souverains* [A conjuração contra a religião católica e os soberanos].[143]

O terceiro capítulo do *Voile levé pour les curieux* é consagrado à ação da franco-maçonaria sobre a Assembléia Nacional, sob o título: *Ce que l'Assemblée Nationale doit à la Franc-Maçonerie* [O que a Assembléia Nacional deve à franco-maçonaria]. Lê-se o que segue:

"É difícil explicar quanto a Assembléia Nacional da França deve à franco-maçonaria.

"Vários franceses ainda hoje estão persuadidos de que foi o despotismo nacional, a obstinação da nobreza e do clero que forçaram a Assembléia a se reunir como Assembléia Nacional e a atacar impiedosamente todos os abusos que reinavam sob o antigo regime. Esses franceses, que ignoram a influência do governo maçônico, não somente nas lojas maçônicas retificadas, mas também nos clubes espalhados por todo o território da França, nos Departamentos e nos distritos, nos próprios comitês da Assembléia Nacional, são diariamente enganados pela bonomia dos maçons, pelas suas aparências e pelos discursos que são impressos por toda a parte. No entanto, a verdade é que, antes de os Estados-Gerais serem convocados, todos os franco-maçons só falavam de elevar seus grãos-mestres a algum posto importante, que os colocasse em situação de figurar na primeira posição e lhes obtivesse uma grande consideração.

"Eles nada pouparam para conseguir esse intento. Os fastos do Império francês transmitirão para a posteridade os inauditos esforços que os franco-maçons fizeram em todas as províncias para levarem todos os franceses ao compromisso de se unirem a eles com vistas a abolir tudo o que pudesse lembrar o *Ancien Régime* e substituí-lo pelo da sociedade deles, feito, segundo eles, para conclamar todos os homens à liberdade e à igualdade primitiva para as quais o homem nasceu.

"A Assembléia Nacional favoreceu com todo o seu poder os projetos da Ordem maçônica; podemos julgar isso pela adoção do seu governo, das suas máximas, e pelo fervor que ela pôs em sustentar tudo o que a Sociedade maçônica lhe sugeriu através dos seus clubes, suas associações e seus escritos.

"É de se notar, primeiramente, que a Assembléia Nacional, não obstante sempre dissesse que queria um governo monárquico, que jamais o Rei teria sido mais rei do que o seria pelo

---

[142] Ver *Maçonnerie nouvelle du Grand-Orient de France*, por Georges Bois, p. 96-110.

[143] Essas duas corajosas publicações valeram ao abade Le Franc o ódio da maçonaria, seu encarceramento e seu martírio no Carmelo em setembro de 1792.

decretos dela, acabou, no entanto, por adotar um governo republicano e uma democracia pura, cuja organização tomou emprestada à franco-maçonaria. Para convencer-nos disso, que se examine a divisão que ela fez do Reino".

O autor faz em seguida a aplicação dessas deduções gerais e mostra que a divisão do trabalho adotado pela Assembléia, o procedimento das suas discussões, as funções dos seus órgãos, o juramento e as insígnias dos seus membros, correspondem a um método, a um juramento e a insígnias adotadas nas Lojas.

O abade Le Franc diz ainda:

"É evidente que os franco-maçons, os propagandistas, os filósofos, e uma multidão assalariada de sectários insensatos querem abolir a religião cristã, não somente no seio da França, mas na Europa inteira, no Universo. É evidente que, sobrepujando todos os erros dos heréticos de todos os séculos e dos filósofos de todos os tempos, eles inventaram um sistema que equivale à idolatria... Esse sistema permite que o povo se entregue aos seus prazeres, desde que o bem público não sofra, enriquece-o com o que tira dos templos e dos ministros do culto religioso; faz o povo esperar uma felicidade celeste trabalhando sua terra...

"As pessoas não se persuadirão, nos séculos futuros, de que os franco-maçons tenham formado uma confederação contra o verdadeiro Deus, contra a religião, contra os homens sábios e virtuosos, e que todos os seus esforços tenham sido reunidos para substituí-los por tudo quanto a nação que os nutria encerrava de pessoas sem princípios, sem costumes.

"Não se poderá acreditar que elas tenham tido... a imprudência de traçarem elas próprios aos conselheiros da nação francesa o plano que devia derrubar sua constituição e sua religião. (Le Franc, *Conjuration contre la religion catholique...,* Paris, 1792, pp. 113 a 115).

"Ninguém, continua Le Franc, conhece melhor a constituição da franco-maçonaria do que o senhor de la Lande, cuja história escreveu no dicionário enciclopédico, e que trabalhou com Condorcet no código dessa Sociedade e na organização de todas as suas partes. Se as lojas maçônicas são hoje a escola de todos os princípios da irreligião que infectaram a França, é a esses filósofos que devemos imputá-lo, posto que formaram o regime e continuam a conduzir suas operações.

"A mesma linguagem mantida em todos os clubes, o mesmo espírito de irreligião manifestado da mesma maneira em todas as lojas maçônicas, tudo indica *a universalidade de princípios, o mesmo motor, os mesmos ensinamentos, o mesmo ódio e o mesmo furor contra a religião cristã e contra a única religião cristã. Sim! é somente a ela que se quer mal, e é para destruí-la que se perturba a França*, visto como, através dos decretos de 7 e de 29 de novembro (1791), *a religião católica foi a única cujo culto foi proscrito*, a única à qual se recusam templos, *a única cujos ministros são perseguidos com um encarniçamento que beira ao furor...*

Os franco-maçons que são conseqüentes dizem abertamente nas suas Assembléias, e mesmo na Assembléia Nacional, que **a religião cristã não pode estar de acordo com a constituição do reino**" (Le Franc, *Conjuration...*, Paris, 1792, p. 115 a 118).

I V

DOCUMENTOS RELATIVOS À GRANDE LOJA

Crétineau-Joly apresentou, no seu livro *L'Eglise Romaine et la Révolution*, alguns dos documentos que lhe tinham sido entregues por Gregório XVI para composição da história das sociedades secretas.

Incluímos alguns fragmentos desses documentos neste livro. Cremos dever reproduzi-los aqui tais como se encontram na obra de Crétineau-Joly.

1. — CARTA DO CARDEAL CONSALVI AO PRÍNCIPE DE METTERNICH, datada de 4 de janeiro de 1818.

A Santa Sé manifesta aqui a presciência que tem do perigo que o Carbonarismo, à testa do qual logo será colocada a Grande Loja, faz a sociedade correr.

"As coisas não vão bem em nenhuma parte, e penso, caro Príncipe, que nós nos sentimos por demais dispensados da mais simples precaução. Converso diariamente aqui com os embaixadores da Europa acerca dos perigos futuros que as Sociedades secretas preparam para a ordem recentemente reconstituída, e percebo que só me respondem com a maior de todas as indiferenças. Imaginam que a Santa Sé está inteiramente pronta a se assustar; espantam-se com os conselhos que a prudência nos sugere. É um erro manifesto, que eu ficaria muito feliz de não ver compartilhado por V.A. Tendes bastante experiência para que não queirais pôr em prática o conselho de que mais vale prevenir do que remediar; ora, é chegado o momento de prevenir; precisamos aproveitá-lo, a menos que nos decidamos antecipadamente por uma repressão que não fará senão aumentar o mal. Os elementos que compõem as Sociedades secretas, sobretudo aqueles que servem para formar o núcleo do Carbonarismo, ainda estão dispersos, mal apoiados ou *in ovo*; mas vivemos numa época tão fácil para as conspirações e tão rebelde aos sentimentos do dever que a mais vulgar circunstância pode muito facilmente produzir uma temível agregação desses conciliábulos esparsos. V.A. faz-me a honra de dizer-me, na sua última carta, que me inquieto muito vivamente com alguns abalos, naturais ainda após uma tão violenta tempestade. Estimaria muito que meus sentimentos permanecessem no estado de quimera; nada obstante, não posso iludir-me durante tanto tempo com uma esperança tão cruel.

"Por tudo aquilo que recolho de diversos lados, e por tudo aquilo que entrevejo no porvir, creio (e vereis mais tarde se estou errado) que a Revolução mudou de marcha e de tática. Ela não ataca mais à mão armada os tronos e os altares; ela se contentará em miná-los através de incessantes calúnias: ela semeará o ódio e a desconfiança entre os governantes e governados; tornará uns odiosos, ao mesmo tempo em que se queixa dos outros. Depois, um dia, as mais seculares monarquias, abandonadas por seus defensores, encontrar-se-ão à mercê de alguns intrigantes de baixo nível, aos quais ninguém se digna de conceder um olhar de atenção preventiva. Pensais que nesses temores por mim manifestados (mas sempre por ordem verbal do Santo Padre), existe um sistema preconcebido e idéias que só podem nascer em Roma. Juro a V.A. que, ao lhe escrever e ao me dirigir aos altos Poderes, despojo-me completamente de todo interesse pessoal, e que é de um ponto muito mais elevado que encaro a questão. Não a considerar agora, porque ela, por assim dizer, ainda não entrou no domínio público, é condenar-se a arrependimentos tardios.

“O governo de Sua Majestade Imperial e Real Apostólica toma (eu o sei, e o Santo Padre agradece-lhe do fundo de sua alma) todas as prudentes medidas que a situação comporta; mas gostaríamos que ele não se descuidasse, como o resto da Europa, acerca de terríveis eventualidades. A necessidade de conspirar é inata ao coração dos italianos; não se deve deixá-los desenvolver essa tendência ruim: senão, em poucos anos, os príncipes se verão obrigados a usar a severidade. O sangue ou o cárcere estabelecerá entre eles e seus súditos um muro de separação. Caminharemos assim para um abismo que com um pouco de prudência seria muito fácil evitar. Graças aos três eminentes serviços que V.A. prestou à Europa, ela mereceu um lugar privilegiado no conselho dos Reis. Adquiristes e inspirastes, caro Príncipe, confiança; aumentai ainda essa glória tão universal, colocando os conspiradores noviços na impossibilidade de prejudicar os outros assim como a eles mesmo. Foi nessa arte de presciência e de cálculo antecipado que brilharam os grandes homens de Estado; vós vos guardareis de faltar à vossa vocação”.

A linguagem da Santa Sé não foi compreendida, suas advertências foram desdenhadas. Pouco depois, ou na mesma época, a Grande Loja era constituída.

2. — INSTRUÇÃO SECRETA PERMANENTE
dada aos membros da Grande Loja

“Depois que nos estabelecemos como corpo de ação e que a ordem começa a reinar no fundo da Loja mais afastada como no seio daquela mais próxima do centro, existe um pensamento que sempre preocupou profundamente os homens que aspiram à regeneração universal: é o pensamento da libertação da Itália, do qual deve sair, num dia determinado, a libertação do mundo inteiro, a República fraternal e a harmonia da humanidade. Esse pensamento não foi ainda compreendido por nossos irmãos de além-Alpes. Eles acreditam que a Itália revolucionária não pode conspirar senão na sombra, distribuir algumas punhaladas em esbirros e traidores; e sofrer tranqüilamente o jugo dos acontecimentos que se sucedem além dos montes para a Itália, mas sem a Itália. Esse erro já nos foi fatal por diversas vezes. Não se deve combatê-lo com frases, isto seria propagá-lo; mas é preciso matá-lo com fatos. Assim, em meio às preocupações que têm o privilégio de inquietar os mais vigorosos espíritos das nossas Lojas,[144] uma existe que jamais devemos esquecer.

“O Papado tem exercido, em todos os tempos, uma ação decisiva sobre os negócios da Itália. Pelos braços, pela voz, pela pena, pelo coração dos seus inúmeros bispos, padres, monges, religiosas e fiéis de todas as latitudes, o Papado encontra abnegações sempre prontas ao martírio e ao entusiasmo. Por toda a parte em que lhe apraza evocar essas abnegações, ele tem amigos que morrem, outros que se despojam por ele. É uma alavanca imensa, cujo inteiro poder somente alguns papas souberam apreciar (ainda que dele se tenham utilizado apenas numa certa medida). Hoje não se trata de reconstituir em nosso favor esse poder, cujo prestígio está momentaneamente enfraquecido; nosso objetivo final é o de Voltaire e o da Revolução Francesa, o aniquilamento para sempre do Catolicismo e mesmo da idéia cristã, que, a permanecer de pé sobre as ruínas de Roma, seria mais tarde sua perpetuação. Mas, para alcançar com mais certeza esse objetivo e não arranjarmos voluntariamente reveses que adiam indefinidamente ou comprometem pelos séculos o sucesso de uma boa causa, não se deve dar ouvidos a esses franceses fanfarrões, a esses alemães nebulosos, a esses ingleses tristes, que imaginam todos matar o Catolicismo ora com uma canção impura, ora com uma dedução ilógica, ora com um sarcasmo grosseiro, contrabandeado como o algodão da Grã-Bretanha. O Catolicismo tem a vida mais dura do que isso. Ele viu adversários mais implacáveis, mais terríveis, e se deu freqüentemente ao maligno prazer de jogar água benta sobre a tumba dos mais raivosos. Deixemos, pois, nossos irmãos desses países se entregarem às intemperanças

[144] As Lojas do Carbonarismo, no cume das quais estava colocada a Grande Loja.

estéreis do seu zelo anti-católico, permitamos-lhes mesmo que caçoem das nossas madonas e da nossa aparente devoção. Com esse passaporte podemos conspirar inteiramente à vontade e chegar pouco a pouco ao termo proposto.

"Pois o Papado é há dezesseis séculos inerente à história da Itália. A Itália não pode respirar, nem se mover sem a permissão do Pastor supremo. Com ele ela tem os cem braços de Briarée; sem ele, está condenada a uma impotência que causa piedade. Ela nada tem além de divisões a fomentar, ódios a explodir, hostilidades a ver surgir desde a primeira cadeia dos Alpes até ao último elo dos Apeninos. Não podemos querer um tal estado de coisas; importa, pois, procurar um remédio para essa situação. O remédio está inteiramente encontrado. O Papa, quem quer que seja, jamais virá às Sociedades secretas; cabe às Sociedades secretas dar o primeiro passo em direção à Igreja, com o objetivo de vencer os dois.

"O trabalho que iremos empreender não é obra nem de um dia, nem de um mês, nem de um ano; pode durar vários anos, talvez um século; mas, nas nossas fileiras o soldado morre e o combate continua.

"Não pretendemos ganhar os Papas para a nossa causa, fazê-los neófitos dos nossos princípios, propagadores das nossas idéias. Seria um sonho ridículo; e seja como for que andem os acontecimentos, que cardeais ou prelados, por exemplo, entrem espontaneamente ou por surpresa numa parte dos nossos segredos, não seria isto motivo para desejar a ascensão deles à Sé de Pedro. Essa ascensão nos poria a perder. A simples ambição conduzi-los-ia à apostasia: as necessidades do poder força-los-iam a nos imolar. O que devemos pedir, o que devemos procurar e alcançar, assim como os judeus esperam do Messias, é um papa segundo as nossas necessidades. Alexandre VI, com todos os seus crimes privados, não nos conviria, porque jamais errou nas matérias religiosas. Um Clemente XIV, ao contrário, seria o que nos convém da cabeça aos pés. Bórgia era um libertino, um verdadeiro sensualista do século XVIII perdido no século XV. Foi anatematizado, apesar dos seus vícios, por todos os vícios da filosofia e da incredulidade, e deve esse anátema ao vigor com que defendeu a Igreja. Ganganelli entregou-se de mãos e pés atados aos ministros dos Bourbons que lhe metiam medo, aos incrédulos que celebravam sua tolerância, e Ganganelli tornou-se um grande Papa. É mais ou menos nessas condições que precisaríamos de um, se ainda for possível. Com isto caminharemos mais seguramente ao assalto da Igreja do que com os panfletos dos nossos irmãos da França ou mesmo com o ouro da Inglaterra. Quereis saber a razão disso? É que para isso, para quebrar o rochedo sobre o qual Deus construiu sua Igreja, não mais temos necessidade de vinagre anibalino, não temos mais necessidade de pólvora para canhão, não temos mais necessidade nem mesmo dos nossos braços. Temos o dedo mindinho do sucessor de Pedro comprometido com a conspiração, e esse mindinho vale para essa cruzada por todos os Urbanos II e todos os São Bernardo da Cristandade.

"Não duvidamos de que chegaremos a esse termo supremo dos nossos esforços; mas quando? mas como? Ainda não se distingue o desconhecido. Contudo, como nada deve nos afastar do plano traçado, e como, ao contrário, tudo deve tender para ele, como se o sucesso devesse coroar, a partir do dia seguinte, a obra apenas esboçada, queremos, nesta instrução que permanecerá secreta para os simples iniciados, dar aos prepostos da Loja suprema conselhos que deverão inculcar na universalidade dos irmãos, sob a forma de ensino ou de memorando. Importa, sobretudo, e com uma discrição cujos motivos são transparentes, jamais deixar pressentir que estes conselhos constituem ordens emanadas da Loja. O Clero está diretamente posto em jogo nisso, para que possamos, nesta hora, permitir-nos brincar com ele como com um desses reizetes ou principelhos sobre os quais basta-nos soprar para que desapareçam.

"Pouca coisa há a fazer com os velhos cardeais ou com os prelados cujo caráter é muito decidido. Devemos deixá-los incorrigíveis na escola de Consalvi, e buscar nos nossos entrepostos de popularidade ou de impopularidade as armas que tornarão inútil ou ridículo o

poder que eles têm nas mãos. Uma palavra habilmente inventada e que se tenha a arte de espalhar em certas famílias honestas escolhidas, para que daí desça para os cafés e dos cafés para a rua, uma palavra pode algumas vezes matar um homem. Se um prelado chega de Roma para exercer alguma função pública no fundo das províncias, conhecei sobretudo seu caráter, seus antecedentes, suas qualidades, sobretudo seus defeitos. É ele desde logo um inimigo declarado? um Albani, um Pallotta, um Bernetti, um della Genga, um Rivarola? cercai-o com todas as armadilhas que puderdes estender sob seus passos; criai para ele uma dessas reputações que assustam as crianças e as velhas; pintai-o cruel e sanguinário; contai alguns traços de crueldade que possam ficar gravados na memória do povo. Quando os jornais estrangeiros recolherem esses nossos relatos, que embelezarão por seu turno (inevitavelmente por respeito à verdade), mostrai, ou melhor, fazei mostrar, através de algum respeitável imbecil, esses jornais em que estão relatados os nomes e os excessos arranjados dos personagens. Como a França e a Inglaterra, a Itália jamais ficará sem essas penas que sabem se talhar nas mentiras úteis à boa causa. Com um jornal, cuja língua ele não compreende, mas no qual ele verá o nome do seu delegado ou do seu juiz, o povo não tem necessidade de outras provas. Ele está na infância do Liberalismo, ele acredita nos Liberais, assim como mais tarde acreditará em nós, nem sabemos bem por que.

"Esmagai o inimigo, qualquer que ele seja, esmagai o poderoso à força de maledicências ou de calúnias: mas sobretudo esmagai-o no ovo. É preciso ir à juventude; é ela que precisamos seduzir, é ela que devemos arrastar, sem que o perceba, sob a bandeira das Sociedades secretas. Para avançar a passos contados mas seguros nessa via perigosa, duas coisas são absolutamente necessárias. Deveis ter a aparência de serdes simples como as pombas, mas sereis prudentes como a serpente. Vossos pais, filhos, vossas próprias mulheres devem sempre ignorar o segredo que carregais em vosso seio, e se vos agradar, para melhor enganar o olho inquisitorial, ir freqüentemente à confissão, estais como de direito autorizados a guardar o mais absoluto silêncio sobre essas coisas. Sabeis que a menor revelação, o menor indício, que se deixa escapar no tribunal da penitência ou em outra parte pode acarretar grandes calamidades, e que o decreto de morte marca assim o revelador voluntário como o involuntário.

"Ora, pois, para garantir-nos um Papa nas proporções exigidas, trata-se inicialmente de moldar para ele uma geração digna do reino com qual sonhamos. Deixai de lado a velhice e a idade madura; ide à juventude e, se for possível, até à infância. Jamais tenhais para ela uma palavra de impiedade ou de impureza: *Maxima debetur puero reverentia*. Jamais esqueçais essas palavras do poeta, porque elas vos servirão como salvo-conduto contra os descomedimentos dos quais importa essencialmente se abster no interesse da causa. Para fazê-la frutificar no umbral de cada família, para vos conceder direito de asilo em cada lar, deveis apresentar-vos com todas as aparências do homem grave e moral. Uma vez estabelecida vossa reputação nos colégios, nos ginásios, nas universidades e nos seminários, uma vez que tiverdes captado a confiança dos professores e dos estudantes, fazei com que principalmente aqueles que se comprometem com a milícia clerical gostem de procurar vossas conversas. Nutri-lhes o espírito com o antigo esplendor da Roma papal. Existe sempre no fundo do coração do italiano uma saudade da Roma republicana. Confundi habilmente essas duas lembranças. Excitai, acendei essas naturezas tão cheias de incandescência e de orgulho patriótico. Oferecei-lhes inicialmente, mas sempre em segredo, livros inofensivos, poesias esplendorosas de ênfase nacional, depois, pouco a pouco, conduzireis vossos discípulos ao grau de cozimento desejado. Quando em todos os pontos do Estado eclesiástico esse trabalho de todos os dias tiver disseminado nossas idéias como a luz, então podereis apreciar a sabedoria do conselho cuja iniciativa tomamos.

“Os acontecimentos que, segundo nós, se precipitam depressa demais,[145] vão reclamar necessariamente, daqui a alguns meses, uma intervenção armada da Áustria. Há loucos que voluntariamente gostam de jogar os outros no meio dos perigos, e no entanto são loucos que, em determinada hora, arrastam até os prudentes. A revolução que se premedita na Itália não desaguará senão em infelicidades e proscrições. Nada está maduro, nem os homens, nem as coisas, e nada estará ainda durante muito tempo; mas dessas desditas podereis facilmente fazer soar uma nova corda no coração do clero jovem. Será o ódio ao estrangeiro. Fazei com que o alemão (*il Tedesco*) seja ridículo e odioso antes mesmo da sua prevista entrada. À idéia da supremacia pontifícia misturai sempre a velha lembrança das guerras do Sacerdócio e do Império. Ressuscitai as paixões mal apagadas dos Guelfos e dos Gibelinos, e assim conseguireis com pouco trabalho uma reputação de bom católico e de puro patriota.

“Essa reputação permitirá o acesso das nossas doutrinas ao seio do clero jovem, assim como ao fundo dos conventos. Em alguns anos esse clero jovem terá, pela força das coisas, invadido todas as funções; ele governará, administrará, julgará, formará o conselho do soberano, será chamado a escolher o Pontífice que deverá reinar, e esse Pontífice, como a maioria dos nossos contemporâneos, estará necessariamente mais ou menos imbuído dos princípios italianos e humanitários que iremos começar a pôr em circulação; é um pequeno grão de mostarda que confiamos à terra; mas o sol das justiças desenvolve-lo-á até ao mais alto poder, e vereis um dia que rica colheita esse pequeno grão produzirá.

“No caminho que traçamos para os nossos irmãos encontram-se grandes obstáculos a vencer, dificuldades de mais de uma natureza a superar. Triunfaremos delas pela experiência e pela perspicácia; mas o objetivo é tão bonito, que importa abrir todas as velas ao vento para alcançá-lo. Quereis sublevar a Itália? procurai o Papa cujo retrato acabamos de traçar. Quereis estabelecer o reino dos eleitos sobre o trono da prostituta da Babilônia? que o Clero marche sob o vosso estandarte, crendo sempre marchar sob a bandeira das Chaves Apostólicas. Quereis fazer desaparecer o último vestígio dos tiranos e dos opressores? estendei vossas redes como Simão Bar Jonas; estendei-as no fundo das sacristias, dos seminários e dos conventos, preferentemente ao fundo do mar: e se nada precipitardes, nós vos prometemos uma pesca mais miraculosa do que a dele. O pescador de peixes tornou-se pescador de homens; colocareis amigos nossos em torno da Cátedra apostólica. Tereis pregado uma revolução de tiara e capa, marchando com a cruz e a bandeira, uma revolução que não terá necessidade de ser senão um pouquinho aguilhoada para pôr fogo nos quatro cantos do mundo.

“Que cada ato da vossa vida tenda, pois, à descoberta dessa pedra filosofal. Os alquimistas da Idade Média perderam o tempo e o ouro das suas vítimas na procura desse sonho. O das Sociedades secretas realizar-se-á pela mais simples das razões: ele está baseado nas paixões do homem. Não nos desencorajemos, pois, nem por causa de um malogro, nem por um revés, nem por uma derrota; preparemos nossas armas no silêncio das Lojas; assestemos todas as baterias, adulemos todas as paixões, assim as piores como as mais generosas, e tudo nos leva a crer que esse plano terá êxito um dia, além mesmo dos nossos mais improváveis cálculos”.

3. — FRAGMENTO DE UMA CARTA que tem por assinatura apenas um esquadro, mas que, comparada a alguns outros escritos da mesma mão, parece mesmo emanar do comitê diretor e ter uma autoridade especial. Ela é de 20 de outubro de 1821.

“Na luta agora engajada entre o despotismo sacerdotal ou monárquico e o princípio da liberdade, há conseqüências que importa sofrer, princípios que antes de tudo importa fazer

---

[145] Este escrito está datado do ano de 1819.

triunfar. Um revés estava nos acontecimentos previstos; não devemos nos entristecer além da medida; mas se esse revés não desencorajar ninguém, deverá, num determinado tempo, facilitar-nos os meios para atacar o fanatismo com mais fruto. Trata-se apenas de sempre exaltar os espíritos, e de tirar proveito de todas as circunstâncias. A intervenção estrangeira, nas questões, por assim dizer, de polícia interna, é uma arma efetiva e poderosa que é preciso saber manejar com habilidade. Na França nós nos desembaraçaremos do ramo primogênito reprovando-lhe incessantemente o fato de ter chegado nos veículos dos cossacos; na Itália é também necessário tornar impopular o nome do estrangeiro, de sorte que quando Roma estiver seriamente assediada pela Revolução um socorro estrangeiro seja antes de tudo uma afronta, mesmo para os fiéis nacionais do país. Não podemos mais marchar contra o inimigo com a audácia dos nossos pais de 1793. Somos incomodados pelas leis e mais ainda pelos costumes; mas, com o tempo, ser-nos-á permitido alcançar o objetivo no qual eles fracassaram. Nossos pais puseram muita precipitação em tudo e perderam a partida. Nós a ganharemos se, contendo as temeridades, conseguirmos fortalecer as fraquezas.

"É de insucesso em insucesso que se chega à vitória. Tende pois o olho sempre aberto sobre o que se passa em Roma. Despopularizai a padralhada através de toda espécie de meios; fazei no centro da Catolicidade o que nós todos, individualmente ou como organização, fazemos nas naves das igrejas. Agitai, criticai com ou sem motivo, pouco importa, mas agitai. Nesta palavra encerram-se todos os elementos do sucesso. A mais bem urdida conspiração é aquela que mais se excita e que compromete a maioria das pessoas. Tende mártires, tende vítimas, sempre encontraremos pessoas que saberão dar a isso os matizes necessários".

4. — CARTA DO JUDEU DESIGNADO NA SEITA PELO NOME DE PICCOLO-TIGRE. Ela dá aos membros da Loja dos Carbonários que Piccolo-Tigre tinha formado em Turim instruções sobre os meios a adotar para aliciar franco-maçons. Está datada de 18 de janeiro de 1822:

"Na impossibilidade em que se encontram nossos irmãos e amigos de dizer ainda sua última palavra, foi julgado bom e útil propagar por toda a parte a luz e pôr em ação tudo quanto aspira a excitar-se. É com esse objetivo que não cessamos de vos recomendar que afilieis a toda espécie de congregações, visto como o mistério aí domina, toda espécie de pessoas. A Itália está coberta de Confrarias religiosas e de Penitentes de diversos matizes. Não temais fazer introduzir sub-repticiamente alguns dos nossos no meio desses rebanhos guiados por uma devoção estúpida; que estudem com cuidado o pessoal dessas Confrarias, e verão que pouco a pouco não faltarão colheitas a fazer. Sob o mais fútil pretexto, mas jamais político ou religioso, criai vós mesmos, ou melhor ainda, fazei com que outros criem associações que tenham por objeto o comércio, a indústria, a música, as belas-artes. Reuni num ou noutro lugar, mesmo nas sacristias e nas capelas, vossas tribos ainda ignorantes; colocai-as sob o cajado de um padre virtuoso, bem conhecido, mas crédulo e fácil de corromper; infiltrai o veneno nos corações escolhidos, infiltrai-o em pequenas doses e como por acaso: depois, com a reflexão, ficareis espantados com o vosso próprio sucesso.

"O essencial é isolar o homem da sua família, fazê-lo perder os costumes. Ele está disposto, pela inclinação do seu caráter, a fugir das preocupações do lar, a correr atrás dos prazeres fáceis e das alegrias proibidas. Ele gosta das longas conversas do café, da ociosidade dos espetáculos. Atraí-o, trabalhai-o, dai-lhe uma importância qualquer; ensinai-o discretamente a se aborrecer das ocupações diárias, e, com essa artimanha, após tê-lo separado da sua mulher e dos seus filhos, e ter-lhe mostrado como são penosos todos os deveres, inculcar-lhes-ei o desejo de uma outra existência. O homem nasce rebelde; atiçai esse desejo de rebelião até ao incêndio, mas que o incêndio não se revele. É uma preparação para a grande obra que deveis começar. Quando tiverdes insinuado em algumas almas o desgosto pela família e pela religião (um vai quase sempre após o outro), deixai cair certas palavras que provocarão o desejo de ser afiliado à loja mais próxima. Essa vaidade do homem citadino e do burguês, de se entregar à franco-maçonaria, tem alguma coisa de tão banal e de tão universal que fico sempre admirado diante da estupidez humana. Espanto-me de não ver o mundo inteiro bater à porta de todos os Veneráveis, e pedir a esses senhores a honra de ser um dos operários escolhidos para a reconstrução do Templo de Salomão. O prestígio do desconhecido exerce sobre os homens um tal poder que se preparam com tremor para as fantasmagóricas provas da iniciação e do banquete fraterno.

"Ser membro de uma loja, sentir-se, afora sua mulher e seus filhos, chamado a guardar um segredo que jamais se lhe confia, é para certas naturezas uma voluptuosidade e uma ambição. As lojas podem hoje procriar glutões: elas jamais darão à luz cidadãos. Come-se demais nas casas dos T∴ C∴ e T∴ R∴ F∴ de todos os Orientes; mas é um lugar de depósito, uma espécie de haras, um centro pelo qual é necessário passar antes de chegar a nós. As lojas não fazem senão um mal relativo, um mal temperado por uma falsa filantropia e por canções ainda mais falsas, como na França. Isso é muito pastoral e muito gastronômico, mas isso tem um objetivo que é preciso encorajar sem cessar. Ensinando-o a carregar a arma com o copo, apoderamo-nos assim da vontade, da inteligência e da liberdade do homem. Dispomos dele, ficamos em volta dele, estudamo-lo. Adivinhamos suas inclinações, suas afeições, suas tendências; quando ele está maduro para nós, dirigimo-lo à sociedade secreta da qual a franco-maçonaria não pode ser mais do que a antecâmara muito mal iluminada.

"A Grande Loja deseja que, sob um pretexto ou outro, introduzamos nas lojas maçônicas príncipes e ricos, tantos quantos pudermos. Os príncipes da casa soberana, que não têm a esperança legítima de serem reis pela graça de Deus, querem todos sê-lo pela graça de uma

revolução. O duque de Orleans é franco-maçom, o príncipe de Carignam também o foi. Não faltam, na Itália e alhures, os que aspiram às honras bastante modestas do avental e da colher de pedreiro simbólicos. Outros são deserdados ou proscritos. Adulai todos esses ambiciosos de popularidade; monopolizai-os para a franco-maçonaria: a Grande Loja verá depois o que poderá fazer de útil para a causa do progresso. Um príncipe que não tem reino a esperar é uma boa fortuna para nós. Há muitos nessa situação. Fazei deles franco-maçons. A loja conduzi-los-á ao carbonarismo. Virá o dia em que a Grande Loja talvez se digne de afiliá-los. Enquanto esperam, servirão de engodo para os imbecis, os intrigantes, os citadinos e os necessitados. Esses pobres príncipes farão nosso trabalho crendo que trabalham apenas para os deles. É uma magnífica bandeira, e sempre há tolos dispostos a se comprometerem no serviço de uma conspiração da qual um príncipe qualquer parece ser o arcobotante.

"Uma vez que um homem, mesmo um príncipe, sobretudo um príncipe, tiver começado a ser corrompido, estejais persuadidos de que ele não vai parar no declive. Há poucos costumes, mesmo entre os mais moralistas, e vai-se muito depressa nessa progressão. Não vos espanteis, pois, de ver as lojas florescentes, enquanto o carbonarismo recruta com dificuldade. É com as lojas que contamos para duplicar nossas fileiras; elas formam, sem o saberem, nosso noviciado preparatório. Elas discorrem sem fim sobre os perigos do fanatismo, sobre a felicidade da igualdade social, e sobre os grandes princípios de liberdade religiosa. Elas têm, entre dois festins, anátemas fulminantes contra a perseguição. É mais do que o necessário para fazer adeptos. Um homem imbuído dessas coisas não está distante de nós; resta apenas arregimentá-lo. A lei do progresso social está aí, e toda aí; não vos incomodeis em procurá-la em outro lugar. Nas circunstâncias presentes, jamais levanteis a máscara. Contentai-vos de andar em volta do aprisco católico; mas, como bons lobos, pegai na passagem o primeiro cordeiro que se oferecer nas condições desejadas. O burguês tem boas qualidades, o príncipe mais ainda. No entanto, que esses cordeiros não se transformem em raposas, como o infame Carignan. A traição do segredo é um decreto de morte, e todos esses príncipes, fracos ou relaxados, ambiciosos ou arrependidos, nos traem e nos denunciam. Felizmente eles sabiam pouca coisa, nada mesmo, e não podem colocar ninguém na pista dos nossos verdadeiros mistérios.

"Na minha última viagem à França vi com profunda satisfação que nossos jovens iniciados punham extremo ardor na difusão do carbonarismo; mas acho que precipitam um pouco demais o movimento. Segundo penso, eles fazem do seu ódio religioso demasiado ódio político. A conspiração contra a Sé Romana não deveria ser confundida com outros projetos. Estamos expostos a ver germinar no seio das sociedades secretas ambições ardentes; essas ambições, uma vez donas do poder, podem nos abandonar. A rota que seguimos não está ainda suficientemente bem traçada para livrar-nos dos intrigantes e dos tribunos. É preciso descatolicizar o mundo, e um ambicioso que tenha chegado ao seu objetivo guardar-se-á de nos secundar. A revolução na Igreja é a revolução permanente, é a derrubada obrigatória dos tronos e das dinastias. Ora, um ambicioso não pode desejar essas coisas. Nós visamos mais alto e mais longe; tratemos, pois, de nos aparelhar e de nos fortificar. Conspiremos apenas contra Roma: para tanto sirvamo-nos de todos os incidentes, tiremos proveito de todas as eventualidades. Defendamo-nos principalmente dos exageros do zelo. Um bom ódio bem frio, bem calculado, bem profundo, vale mais do que todos os fogos de artifício e do que todas as declamações de tribuna. Em Paris não querem compreender isso; mas em Londres vi homens que apreenderam melhor nosso plano, que se associaram com mais fruto. Ofertas consideráveis foram-me feitas: logo teremos em Malta uma gráfica à nossa disposição. Poderemos então, impunemente, seguramente e sob a bandeira britânica, espalhar, de uma extremidade à outra da Itália, os livros, brochuras, etc., que a Loja julgar apropriado colocar em circulação".

5. — CARTA DE NUBIUS, O CHEFE DA GRANDE LOJA, A VOLPE, datada de 3 de abril de 1824:

"Sobrecarregaram nossos ombros com um pesado fardo, caro Volpe. Devemos fazer a educação imoral da Igreja, e chegar, através de pequenos meios bem graduados, ainda que muito mal definidos, ao triunfo da idéia revolucionária através do Papa. Nesse projeto, que sempre me pareceu de um cálculo sobre-humano, caminhamos ainda tateando; mas não faz dois meses que estou em Roma e já começo a me habituar com a nova existência que me foi destinada. Primeiramente devo fazer uma reflexão enquanto vos encontrais em Forli para reerguer a coragem dos nossos irmãos: é que, seja dito entre nós, encontro nas nossas fileiras muitos oficiais e poucos soldados. Há homens que fazem misteriosamente, ou a meia voz, ao primeiro passante, semi-confidências com as quais nada traem, mas também pelas quais, para ouvidos inteligentes, poderiam muito bem deixar adivinhar tudo. É a necessidade de inspirar o temor ou a inveja a um vizinho ou a um amigo que leva alguns dos nossos irmãos a essas culpáveis indiscrições. O sucesso da nossa obra depende do mais profundo mistério, e nas lojas devemos encontrar o iniciado, como o cristão da *Imitação*, sempre pronto a "amar ser desconhecido e a ser tido por nada". Não é para vós, fidelíssimo Volpe, que me permito editar esse conselho; não presumo que pudésseis ter necessidade dele. Como nós, deveis conhecer o preço da discrição e do esquecimento de si mesmo em face dos grandes interesses da humanidade; mas, no entanto, se, feito o exame de consciência, vos julgásseis em contravenção, eu vos rogaria de refletir bem nisso, porque a indiscrição é a mãe da traição.

"Há uma certa parte do clero que cai no laço das nossas doutrinas com uma vivacidade maravilhosa: é o padre que não terá outro emprego que não dizer a missa, outro passatempo que não o de esperar num café que soem duas horas após a *Ave Maria* para ir dormir. Esse padre, o maior ocioso de todos os ociosos que a Vida eterna encobre, parece-me ter sido criado para servir de instrumento às sociedades secretas. Ele é pobre, ardente, desocupado, ambicioso; ele se sabe deserdado dos bens deste mundo; ele se crê por demais afastado do sol do favor para poder aquecer seus membros, e ele tirita de frio na sua miséria, murmurando contra a injusta repartição das honras e dos bens da Igreja. Começamos a utilizar esses surdos descontentamentos que a incúria nativa com dificuldade ousava reconhecer. A esse ingrediente dos padres estáticos, sem funções e sem nenhum outro caráter além de um manto tão deteriorado quanto o chapéu que perdeu toda espécie de forma primitiva, acrescentamos, tanto quanto possível, uma mistura de padres corsos e genoveses que chegam a Roma com a tiara na valise. Depois que Napoleão viu o dia na ilha deles, não há um desses corsos que não se creia um Bonaparte pontifício. Essa ambição, que agora tem sua vulgaridade, tem sido favorável a nós; ela nos tem aberto caminhos que provavelmente teriam permanecido desconhecidos durante muito tempo. Ela serve para consolidar, aclarar a via na qual caminhamos, e suas queixas, enriquecidas com todos os comentários e todas as maldições, oferecem-nos pontos de apoio com os quais jamais teríamos sonhado.

"A terra fermenta, o germe se desenvolve, mas a colheita ainda está bem distante".

6. — FRAGMENTO DE UMA CARTA DE NUBIUS AO JUDEU PRUSSIANO KLAUSS.

"Algumas vezes passo uma hora da manhã com o velho cardeal della Somaglia, o Secretário de Estado; passeio a cavalo seja com o duque de Laval, seja com o príncipe Cariati; vou, após a missa, beijar a mão da bela princesa Doria, ocasião em que encontro muito freqüentemente o bom Bernetti; dali corro à casa do cardeal Pallotta, um Torquemada moderno que não desonra nosso espírito de invenção; depois visito nas suas células o procurador-geral da Inquisição, o dominicano Jabalot, o teatino Ventura ou o franciscano Orioli. À noite começo na casa de outros essa vida de ociosidade tão bem ocupada aos olhos do mundo e da corte; no dia seguinte reinicio essa cadeia eterna. (Aqui isto se chama fazer andar as coisas). Num país

em que a só imobilidade é uma profissão e uma arte, é fato, no entanto, que os progressos da causa são sensíveis. Não contamos os padres ganhos, os jovens religiosos seduzidos, não o poderíamos, eu não o quereria; mas há indícios que quase não enganam o olhos exercitados, e sente-se de longe, de muito longe, o movimento que começa. Por felicidade nós não temos como herança a petulância dos franceses. Nós queremos deixar amadurecer antes de explorar; é a única maneira de agir com segurança. Tendes freqüentemente falado em vir ajudar, quando o vazio se produzir na bolsa comum. Essa hora é chegada *in questa Dominante*. Para trabalhar na futura confecção do Papa não temos mais um papalino, e sabeis pela experiência que o dinheiro é por toda a parte, e aqui, principalmente, o nervo da guerra. Conto-vos novidades que vos alegrarão a alma; em troca, colocai à nossa disposição táleres, e muitos táleres. É a melhor artilharia para atacar a sé de Pedro".

7. — CARTA DE NUBIUS A VINDICE, após a execução de Targhini e de Montanari, em 23 de novembro de 1825:[146]

---

[146] "A Comissão especial nomeada pelo Nosso Santo Padre o Papa Leão XII, felizmente reinante, e presidida por Monsenhor Thomas Bernetti, governador de Roma, reuniu-se esta manhã, três horas antes do meio dia, numa das salas do palácio do governo, para julgar o crime de lesa-majestade e de ferimentos com traição e outras circunstâncias agravantes de que são acusados: Angelo Targhini, nativo de Brescia, domiciliado em Roma; Leonidas Montanari, de Cesano, cirurgião em Rocca di Papa; Pompeo Garofolini, romano, advogado *(legal)*; Luigi Spadoni, de Forli, anteriormente soldado de tropas estrangeiras, depois camareiro; Ludovico Gasperoni, de Fussignano, da província de Ravena, estudante de direito; Sebastiano Ricci, de Cesano, doméstico sem colocação, todos maiores de idade.

"Tendo sido aberta a discussão, após as orações de costume e a invocação do santíssimo Nome de Deus, foi feito o relatório da causa, segundo o teor do processo e o sumário preliminarmente distribuído. O advogado fiscal e o procurador-geral desenvolveram os pontos da legislação e as Constituições que concernem aos atentados de que se cuida.

"O advogado dativo apresentou os motivos da defesa, tanto oralmente quanto através de memoriais precedentemente distribuídos.

"A Comissão especial, após ter maduramente considerado os resultados do processo, as razões da defesa e o dispositivo das leis declarou:

"Que Angelo Targhini, durante sua reclusão por homicídio, cometido em 1819 contra a pessoa de Alexandre Corsi, imiscuiu-se em tudo quanto tinha relação com sociedades secretas proibidas, em seguida agregou-se à seita dos carbonários, e enfim tornou-se seu fundador na própria capital, desde que pôde para cá retornar;

"Que após ter feito alguns prosélitos, estes, na sua maioria, não freqüentaram muito essa Sociedade, na qual ele figurava como chefe e ademais como déspota, como referem seus próprios companheiros;

"Que após ter envidado, com seus outros co-acusados, todos os esforços para levá-los de volta à dita seita e freqüentá-la para que ela pudesse ulteriormente progredir, resolveu atemorizar através de algum exemplo terrível os indivíduos que se tinha separado: formou, pois, o projeto de assassinar alguns dentre eles pela via da traição;

"Que na noite de 4 de junho último, com o desígnio bem determinado de pôr seu plano em execução, o dito Targhini fez uma visita a um desses indivíduos na sua residência, e tendo-o feito sair sob algum pretexto, conduziu-o a um hotel, onde beberam juntos, e daí, sempre com modos amigáveis, até a rua que dá para a praça de Sant'Andrea della Valle, na qual esse homem, sem desconfiar, recebeu, de súbito e por trás, no lado direito, um golpe de estilete que o feriu gravemente, da mão de Leonidas Montanari, que lá se colocara de emboscada para aguardar a passagem deles; que mais ou menos à mesma hora em que Targhini chegou à casa desse indivíduo, Pompeo Garofolini e Luigi Spadoni foram à casa de um outro afiliado da seita, que igualmente não a freqüentava mais; e enquanto um permanecia na rua, o outro subiu à casa indicada, igualmente com o desígnio, como se pretende, de fazê-lo sair para que fosse assassinado, coisa que felizmente não aconteceu porque este, encontrando-se indisposto, tomava naquele momento um banho de pés;

"Que no mesmo tempo e no mesmo momento em que Targhini saía da sua casa com Montanari, e imediatamente após eles Spadoni e Garofolini, saía também Ludovico Gasperoni e Sebastiano Ricci, todos eles preliminarmente reunidos;

"Assisti, com toda a cidade, à execução de Targhini e de Montanari; mas gosto mais da morte deles do que das suas vidas. A conjuração que loucamente prepararam a fim de inspirar o terror não podia ter êxito; quase nos comprometeu; assim, a morte deles resgata esses pecadilhos. Eles tombaram com coragem, esse espetáculo frutificará. Gritar como um possesso, na praça do Povo, em Roma, na cidade-mãe do Catolicismo, em face do carrasco que vos segura e do povo que vos olha, que se morre inocente, franco-maçom e impenitente, é admirável; tanto mais admirável por ser a primeira vez que semelhante coisa acontece. Montanari e Targhini são dignos do nosso martirológio, posto que não se dignaram de aceitar nem o perdão da Igreja, nem a reconciliação com o Céu. Até esse dia, os pacientes, depositados em capelas, choravam de arrependimento a fim de tocar a alma do Vigário das misericórdias; aqueles nada desejaram compreender das felicidades celestes, e sua morte de reprovados produziu um efeito mágico sobre as massas. É uma primeira proclamação das sociedades secretas e uma tomada de posse das almas.

"Temos, pois, mártires. A fim de pregar uma peça à polícia de Bernetti, fiz depositar flores, e muitas flores, no fosso em que o carrasco escondeu seus restos. Adotamos disposições para as conseqüências. Temíamos ver nossos domésticos comprometidos ao fazerem esse trabalho; encontram-se aqui ingleses e jovens senhoritas romanticamente antipapistas, e foi a eles que encarregamos dessa piedosa peregrinação. A idéia pareceu a mim tão feliz quanto aos sobreditos jovens louros. Essas flores, lançadas durante a noite aos cadáveres proscritos, farão germinar o entusiasmo da Europa revolucionária. Os mortos terão seu Panteão; depois irei, de dia, levar a Monsenhor Piatti meu cumprimento de condolências. Esse pobre homem perdeu suas duas almas de carbonários. Ele empregou toda a sua tenacidade de padre para confessá-los, e foi vencido. Devo a mim mesmo, ao meu nome, à minha posição, e sobretudo ao nosso porvir, o deplorar com todos os corações católicos esse escândalo, inaudito em Roma. Eu o deplorarei tão eloqüentemente que espero enternecer o próprio Piatti. A propósito das flores, mandamos pedir ao poeta Casimir Delavigne, através de um dos nossos mais inocentes afiliados da franco-maçonaria, uma *Messénienne* sobre Targhini e Montanari. Esse poeta, que vejo freqüentemente no mundo das artes e dos salões, é um bom homem: ele prometeu, pois, chorar uma homenagem para os mártires e fulminar um anátema contra os carrascos. Os carrascos serão o Papa e os padres. Os correspondentes ingleses também farão maravilhas, e conheço mais de um aqui que fez soar o clarim épico em honra da coisa.

"É bem, no entanto, uma obra muito má fazer assim heróis e mártires. A multidão é tão impressionável diante da cutelo que corta a vida; ela passa tão rapidamente, essa multidão, de uma emoção a outra; ela se prende tão rapidamente a admirar aqueles que afrontam com audácia o supremo instante, que, depois desse espetáculo, sinto-me eu mesmo inteiramente desconcertado e pronto a fazer como a multidão. Essa impressão, de que não posso me defender, e que fez tão rapidamente perdoar aos dois supliciados seu crime e sua impenitência final, conduziu-me a reflexões filosóficas, médicas e pouco cristãs, que serão necessárias talvez utilizar um dia.

"Um dia, se triunfamos e se, para eternizar nosso triunfo, for preciso que algumas gotas de sangue, não se deve conceder às vítimas designadas o direito de morrer com dignidade e firmeza. Semelhantes mortos não são bons senão para manter o espírito de oposição e para

---

"Que, reunindo essas circunstâncias e outras não menos notáveis desses fatos, os quais se encontram ao longo do processo, não se pode deixar de concluir que precedentemente os co-acusados não tivessem premeditado a execução do crime que foi realizado apenas na pessoa de um só dos indivíduos designados;

"Que em seguida a Comissão especial, considerando a gravidade tanto desse crime quando daquele de lesa-majestade e as provas que se reuniram contra o ditos co-acusados, julga e condena por unanimidade Angelo Targhini e Leonidas Montanari à pena de morte; Luigi Spadoni e Pompeo Garofolini às galeras perpétuas; Ludovico Gasperoni e Sebastiano Nicci às galeras por dez anos".

dar ao povo mártires cujo sangue frio ele sempre gosta de ver. É um mau exemplo; aproveitamo-nos disso hoje; mas creio útil fazer minhas reservas para os casos ulteriores. Se Targhini e Montanari, de uma maneira ou de outra (a química tem receitas tão maravilhosas!) tivessem subido ao cadafalso abatidos, ofegantes e desencorajados, o povo não teria tido piedade. Eles foram intrépidos, o mesmo povo guardará deles preciosa lembrança. Aquele dia será uma efeméride para ele. Seja inocente, o homem que se leva ao cadafalso não é mais perigoso. Que ele suba de pé firme, que ele contemple a morte com um rosto impassível, ainda que criminoso terá o favor das multidões.

"Não nasci cruel; jamais terei, espero, a glutoneria sanguinária; mas quem quer o fim quer os meios. Ora, digo que, num determinado caso, não podemos, mesmo no interesse da humanidade, deixar-nos encher de mártires. Não credes que, na presença dos cristãos primitivos, os Césares teriam feito melhor se tivessem enfraquecido, atenuado, confiscado, em benefício do Paganismo, todas as heróicas tentações do céu, do que deixar provocar o fervor do povo através de um belo fim? Não teria mais valido medicar a força de alma pelo embrutecimento do corpo? Uma droga bem preparada, ainda melhor administrada, e que debilitasse o paciente até à prostração, seria, segundo penso, de um efeito salutar. Se os Césares tivessem empregado os Locustes do tempo deles nesse comércio, estou persuadido de que o nosso velho Júpiter Olímpio e todos os seus pequenos deuses de segunda ordem não teriam sucumbido tão miseravelmente. A chance do Cristianismo não teria sido, certamente, tão bela. Chamavam seus apóstolos, seus padres, suas virgens, para morrer pelos dentes dos leões no anfiteatro ou nas praças públicas, sob o olhar de uma multidão atenta. Seus apóstolos, seus padres, suas virgens, movidos por um sentimento de fé, de imitação, de proselitismo ou de entusiasmo, morriam sem empalidecer e cantando hinos de vitória. Era de dar inveja imolar-se assim, e isso foi verificado através daqueles caprichos. Os gladiadores não procriavam gladiadores? Se esses pobres Césares tivessem tido a honra de fazer parte da Grande Loja, eu lhes teria pedido simplesmente que dessem aos mais afoitos dos neófitos uma poção segundo a receita, e não se teriam contado novas conversões, porque não se teriam encontrado mais mártires. Não há, como efeito, êmulos por cópia ou por atração, quando se arrasta sobre o cadafalso um corpo sem movimento, uma vontade inerte e olhos que choram sem enternecer. Os Cristãos foram muito prontamente populares, porque o povo ama tudo o que o toca. Se ele tivesse visto a fraqueza, o medo, sob um envoltório trêmulo e suando de febre, ele se teria posto a assobiar, e o Cristianismo teria acabado no terceiro ato dessa tragicomédia.

"É por princípio de humanidade política que creio dever propor tal meio. Se se tivesse condenado Targhini e Montanari a morrer como covardes, se se tivesse auxiliado essa sentença com algum ingrediente de farmácia, Targhini e Montanari seriam, neste momento, dois miseráveis assassinos, que não teriam sequer ousado encarar a morte de frente. O povo os teria em profundo desprezo, e os esqueceria. Em vez disso, ele admira, apesar dele, essa morte em que a fanfarrice é apenas a metade, mas na qual a falta do governo pontifical fez o resto em nosso proveito. Gostaria, pois, que em caso de urgência ficasse bem decidido que não agiríamos assim. Não vos presteis a tornar a morte do cadafalso gloriosa e santa, altaneira ou feliz, e não tereis freqüentemente necessidade de matar.

"A Revolução francesa, que teve tantas coisas boas, enganou-se a esse respeito. Luís XVI, Maria Antonieta e a maior parte das hecatombes da época são sublimes pela resignação e pela grandeza de alma. Sempre nos lembraremos (e minha velha avó mais de uma vez me fez chorar quando me contava isso) sempre nos lembraremos dessas damas que desfilavam diante da princesa Elisabete ao pé da guilhotina, fazendo-lhe uma profunda reverência, como no círculo da corte de Versalhes; não é disso que precisamos. Em dada circunstância, arranjemos para que um Papa e dois ou três Cardeais morram como mulheres velhas, com todos os

transes da agonia e nos pavores da morte, e paralisareis os arrebatamentos de imitação. Poupais o corpo, mas matais o espírito.

"É a moral que nos importa atingir; é, pois, o coração que devemos ferir. Conheço tudo quanto se pode objetar contra semelhante projeto; mas, tudo bem considerado, as vantagens sobrepujam os inconvenientes. Se o segredo for fielmente guardado, vereis oportunamente a utilidade desse novo gênero de medicamento. Uma pequena pedra mal posicionada na bexiga foi suficiente para reduzir Cromwel: que seria preciso para enfraquecer o homem mais robusto, mostrá-lo sem energia, sem vontade e sem coragem nas mãos dos executores? Se ele não tem a força para colher a palma do martírio, não há auréola para ele, por conseguinte, nada de admiradores ou de neófitos. Cortamos rente tanto uns quanto outros e será um grande pensamento de humanidade revolucionária que nos terá inspirado semelhante precaução. Eu a recomendo *en memento*".

8. — CARTA DE FELICE, escrita de Ancona, em 2 de junho de 1829, após a publicação da Encíclica de Pio VIII, em data de 24 de maio de 1829. A Grande Loja, ao lê-la, creu-se traída.[147]

---

[147] "É nosso dever, veneráveis Irmãos, dirigir vossas preocupações para essas Sociedades secretas de homens facciosos, inimigos declarados do Céu e dos príncipes, que se aplicam em desolar a Igreja, em perder os Estados, em perturbar todo o universo, e que, quebrando o freio da verdadeira fé, abrem caminho a todos os crimes. Esforçando-se por ocultar, sob a religião de um tenebroso juramento, e sob a iniqüidade de suas assembléias, e sob os desígnios que nelas formam, eles têm só por isso oferecido justas suspeitas nesses atentados que, para a infelicidade dos tempos, saíram como que do poço do abismo e explodiram para grande prejuízo da Religião e dos Impérios. Assim, os Soberanos Pontífices nossos predecessores, Clemente XII, Bento XIV, Pio VII, Leão XII, aos quais sucedemos, apesar da nossa indignidade, feriram sucessivamente de anátema essas Sociedades secretas, qualquer que fosse seu nome, através de Cartas Apostólicas cujas disposições confirmamos com toda a plenitude do nosso poder, querendo que elas sejam inteiramente observadas. Trabalharemos com todo nosso poder para que a Igreja e a coisa pública não sofram os complôs dessas seitas, e conclamaremos para essa grande obra vosso concurso quotidiano, a fim de que, revestidos com a armadura do zelo e unidos pelos laços do espírito, sustentemos valentemente nossa causa comum, ou melhor, a causa de Deus, para destruir essas muralhas atrás das quais se entrincheiram a impiedade e a corrupção dos homens perversos.

"*Dentre todas essas sociedades secretas, resolvemos assinalar-vos uma recentemente formada, e cujo objetivo é corromper a juventude educada nos ginásios e nos liceus.* Como é sabido que os preceitos dos mestres são todo-poderosos para formar o coração e o espírito dos seus alunos, dirigem-se todas as espécies de cuidados e de intrigas para dar à juventude mestres depravados, que a conduzam pelos caminhos de Baal através das doutrinas que não são segundo Deus.

"Daí vem que vemos gemendo esses jovens chegados a tal licenciosidade, que, tendo sacudido todo o temor da Religião, banido a regra dos costumes, desprezado as santas doutrinas, pisado aos pés os direitos de um e de outro poder, não enrubescem mais diante de nenhuma desordem, de nenhum erro, de nenhum atentado; de maneira que bem se pode dizer deles, com São Leão, o Grande: "Sua lei é a mentira, seu deus é o demônio, e seu culto é o que há de mais vergonhoso". Afastai, veneráveis Irmãos, todos esses males das vossas dioceses, e cuidai, por todos os meios que estejam em vosso poder, pela autoridade e pela suavidade, para que homens distintos não somente nas ciências e nas letras, mas ainda pela pureza de vida e pela piedade, sejam encarregados da educação da juventude.

"Como cada dia vê crescer de uma maneira espantosa esses livros tão contagiantes e em favor dos quais a doutrina dos ímpios se insinua como uma gangrena em todo o corpo da Igreja, velai por vosso rebanho, e ponde tudo em prática para afastar dele essa peste dos maus livros, dentre todas a mais funesta. Lembrai com freqüência às ovelhas de Jesus Cristo que vos são confiadas essas advertências de Pio VII, nosso mui santo predecessor e benfeitor, que elas não encarem como salutares senão as pastagens às quais a voz e a autoridade de Pedro as conduzirem, que elas não se alimentem senão aí, que elas considerem nocivo e contagiante tudo o que essa voz lhes indicar como tal, que elas disso se afastem com horror, e que elas não se deixem seduzir por nenhuma aparência nem enganar por nenhum encanto".

“É preciso suspender a ação momentaneamente e conceder às suspeitas do velho Castiglioni[148] o tempo de se acalmarem. Ignoro se alguma indiscrição foi cometida, e se, apesar de todas as nossas precauções, algumas de nossas cartas tenham caído nas mãos do cardeal Albani. Essa raposa austríaca, que não vale o leão de Fermo mais do que Bernetti, não nos deixará em repouso. Ambos se encarniçam sobre os carbonários; eles os perseguem, eles os encurralam de comum acordo com Metternich; e essa caça, na qual eles se sobrepujam, pode muito inocentemente conduzi-los à nossa pista. A Encíclica brama e precisa com tanta certeza, que devemos temer por ciladas, seja da parte de Roma, seja mesmo dos falsos irmãos. Aqui não estamos habituados a ver o Papa se exprimir com tanta resolução. Essa linguagem não está em uso nos palácios apostólicos: para que a tenha empregado nessa circunstância solene, é preciso que Pio VIII tenha obtido algumas provas da conjuração. Cabe àqueles que estão nesses lugares vigiar com maior cuidado ainda pela segurança de todos; mas, em presença de uma declaração de guerra assim tão explícita, eu gostaria que fosse julgado oportuno depor as armas por um momento.

“A independência e a unidade da Itália são quimeras, como a liberdade absoluta cujo sonho alguns dentre nós perseguem em abstrações impraticáveis. Tudo isso é um fruto que jamais será dado ao homem colher; mas, quimera mais seguramente do que realidade, isso produz um certo efeito sobre as massas e sobre a juventude efervescente. Sabemos a que nos restringirmos acerca desses dois princípios; eles são vazios e permanecerão sempre vazios: no entanto, é um meio de agitação, não devemos pois privar-nos dele. Agitai com murmúrios, inquietai a opinião, mantende o comércio em cheque: sobretudo, jamais apareçais. É o mais eficaz dos meios para colocar em suspeita o governo pontifício. Os padres são confiantes porque acreditam que dominam as almas. Mostrai-os suspeitos e pérfidos. A multidão sempre teve uma extrema propensão para as mentiras. Enganai-a: ela gosta de ser enganada; mas nada de precipitação, e sobretudo nada de tomar em armas. Nosso amigo de Osimo, que sondou o terreno, afirma que devemos bravamente fazer nossa Páscoa e assim adormecer a vigilância da autoridade.

“Supondo que a Corte romana não tenha nenhuma suspeita do nosso comércio, pensais que a atitude dos furiosos do carbonarismo não pode, de um momento para outro, colocá-la na nossa pista? Brincamos com o fogo, mas não deve ser para que nos queimemos. Se, à força de mortes e de jactância liberal os carbonários jogam nos braços da Itália uma nova *impresa*, não devemos temer um comprometimento? A fim de dar ao nosso plano toda a extensão que ele deve ter, devemos agir silenciosamente, na surdina, ganhar terreno pouco a pouco e jamais perdê-lo. O clarão que acaba de brilhar do alto da loja vaticana pode anunciar uma tempestade. Estamos em condições de evitá-la? essa tempestade não retardará nossa colheita? Os carbonários agitam-se em mil propósitos estéreis; cada dia eles profetizam uma desordem universal. É o que nos porá a perder; porque então os partidos estarão mais separados e será necessário optar a favor ou contra. Dessa escolha nascerá inevitavelmente uma crise, e dessa crise um adiamento ou males imprevisíveis”.

9. — CARTA DE NUBIUS A VINDICE, após as insurreições de fevereiro de 1831 e de janeiro de 1832.

“Zucchi, Sercognani, Armandi e todos os nossos velhos arrastadores de sabres do Império agiram como verdadeiros escolares em férias. Tiveram a fé num martírio estéril, ou melhor, quiseram fazer resplandecer ao sol as dragonas que fizeram oferecer a si mesmos pelas Lojas maçônicas das Legações. Esses empreendimentos temerários, acerca dos mais sempre me foi impossível augurar algo de bom, tiveram pelo menos uma vantagem. Eles levam para o exílio

---

[148] O cardeal Castiglioni acabava de ser nomeado papa sob o nome de Pio VIII.

uma multidão de fanáticos sem inteligência, que nos comprometiam aqui e que queimam de vontade de saber se o pão do estrangeiro é tão amargo quanto Dante o pretende. Afirmo que esses heróis, que se destinam a fugir, não serão da opinião do poeta. A escadaria do estrangeiro não lhes parecerá mais difícil de subir do que a do Capitólio. Apenas, em alguns meses, ser-nos-ão enfim úteis para alguma coisa. Nós nos serviremos das lágrimas reais da família e das presumidas dores do exílio para fazer da anistia uma arma popular para nós. Nós a pediremos sempre, felizes em obtê-la o mais tarde possível; mas nós a pediremos em altos brados.

"Nossos oito anos de trabalhos internos produziram felizes frutos. Para peitos tão exercitados como os nossos, começava-se a sentir que o ar não circulava tão livremente assim ao redor da Igreja. Minha orelha, sempre levantada como a de um cão de caça, recolhia com volúpia suspiros da alma, propósitos involuntários, que escapavam da boca de certos membros influentes da família clerical. A despeito das bulas de excomunhão e das encíclicas, eram nossos de coração, senão de corpo. O *Memorandum* teria terminado a obra pelo desenvolvimento das suas conseqüências inglesas e naturais.[149] Sintomas de mais de uma

---

[149] *Memorandum*:

1. — "Parece aos representantes das cinco Potências que, quanto à Igreja, trata-se, no interesse geral da Europa, de *dois pontos fundamentais*: 1º que o governo desse Estado esteja assentado em bases sólidas para os *melhoramentos* meditados e anunciados pela própria Sua Santidade desde o início do seu reinado; 2º que os melhoramentos, os quais, segundo a expressão do edito de Sua Excelência o Monsenhor Cardeal Bernetti, fundarão uma nova era para os súditos da Santa Sé, sejam, através de uma *garantia interior*, postos ao abrigo das mudanças inerentes à natureza de qualquer governo eletivo.

2. — "Para alcançar esse objetivo salutar, coisa que, em razão da posição geográfica e social do Estado da Igreja, é de um interesse europeu, parece indispensável que a declaração orgânica de Sua Santidade parta de dois princípios vitais:

"1° Da aplicação dos melhoramentos em questão não somente às províncias em que a revolução estourou, mas também àquelas que permaneceram fiéis, e à capital;

"2° Da admissão geral dos leigos nas funções administrativas e judiciárias.

"3. — Os melhoramentos parecem mesmo dever primeiramente abarcar o sistema judiciário e o da administração municipal e provincial.

"A. Quanto à ordem judiciária, parece que a execução inteira e o desenvolvimento conseqüente das promessas e dos princípios do motu proprio de 1816 apresentam os meios mais seguros e eficazes de corrigir os gravames tão genéricos relativos a essa parte tão interessante da organização social.

"B. Quanto à administração local, parece que o restabelecimento e a organização geral das municipalidades eleitas pela população, e a fundação de franquias municipais, que regularia a ação dessas municipalidades nos interesses locais das comunas, deveria ser a base indispensável de todo melhoramento administrativo.

"Em segundo lugar, a organização dos conselhos provinciais, seja de um conselho administrativo permanente destinado a auxiliar o governador da província na execução de suas funções com atribuições convenientes, seja de uma reunião mais numerosa, tirada sobretudo do seio das novas municipalidades e destinada a ser consultada acerca dos interesses mais importantes da província, parece extremamente útil para conduzir à melhoria e simplificação da administração, para controlar a administração da comuna, para estabelecer os impostos e para esclarecer o governo acerca das verdadeiras necessidades da província.

"4. — A importância imensa de um estado regrado das finanças e de uma administração semelhante da dívida pública que daria a garantia tão desejável para o crédito financeiro do governo, e contribuiria essencialmente para aumentar seus recursos e assegurar sua independência, parece tornar indispensável um *estabelecimento central* na Capital, encarregado, como Corte suprema das contas, do controle da contabilidade do serviço anual de cada ramo da administração civil e militar, e da supervisão da dívida pública, com atribuições correspondentes ao grande e salutar objetivo que se propõe alcançar.

"Mais uma tal instituição porte o caráter de independência e a marca da íntima união entre o governo e o país, mais ela corresponderá às intenções benfazejas do Soberano e à expectativa geral.

"Parece que, para atingir esse objetivo, pessoas deveriam ter lugar nessa Corte, escolhidas pelos conselhos locais, e formando, com os conselheiros do governo, uma *junta* ou *consulta administrativa*. Semelhante junta formaria ou

espécie, cuja gravidade situava-se mais no fundo do que na forma, mostravam-se como pesadas nuvens precursoras de uma tempestade. Pois bem! todos esses sucessos, preparados de tão longa data, encontram-se comprometidos por miseráveis expedições, que terminam ainda mais deploravelmente do que começaram. O pequeno Mamiani, com sua poesia e suas brochuras, Pietro Ferretti, com os negócios ruins que procura esconder, Orioli, com seu instinto belicoso acalmando-se ao primeiro tiro de canhão, afastam de nós, pelo menos por dez anos, o sacerdócio. Diz-se ao padre que se quer mal à Igreja, ao Papa, ao Sacro Colégio, à Prelazia etc. Ora, o padre, enquanto padre, olha todos esses bens, todas essas honras como patrimônio seu, o padre se põe a refletir. O Liberalismo apresenta-se a ele com aspectos de um inimigo implacável, o padre declara ao Liberalismo uma guerra de morte. Assim, vede o que acontece. Dir-se-ia que o Cardeal Bernetti tem a intuição dos nossos planos, porque as ordens emanadas dele, e que me são comunicadas, trazem todas a recomendação de pôr os monges à testa das populações e de engajá-los no combate contra os rebeldes. Monges e curas obedecem: o povo segue lançando gritos de vingança. Um bispo fez melhor. Armado com duas pistolas à cintura, ele marchou contra os insurrectos, e podia matar seu irmão na confusão. Gosto muito dessa evocação de Caim e Abel. Do ponto de vista dos ódios da família ela tem seu lado bonito: mas é incompatível com os nossos planos.

"Os franceses parecem ter nascido para nossa infelicidade. Eles nos traem ou nos comprometem. Quando poderemos retomar agora, de cabeça fria, a obra em torno da qual tínhamos reunido tantos elementos de sucesso?"

10. — CARTA DE MALEGARI endereçada de Londres ao Doutor Breidenstein, em 1835.

"Formamos uma associação de irmãos em todos os pontos do globo; temos propósitos e interesses comuns: tendemos todos à libertação da humanidade; queremos quebrar toda espécie de jugo, e um há que não vemos, que sentimos com dificuldade e que pesa sobre nós. De onde vem ele? Ninguém o sabe, ou pelo menos ninguém o diz. A associação é secreta, mesmo para nós, os veteranos das associações secretas. Exigem de nós coisas que, algumas vezes, são de fazer arrepiar os cabelos; acreditaríeis que me informam de Roma que dois dos nossos, bem conhecidos pelo ódio ao fanatismo, foram obrigados, por ordem do chefe supremo, a se ajoelharem e comungar na última Páscoa? Não discuto minha obediência, mas garanto que gostaria muito de saber aonde nos conduzirão tais fingimentos".

11. — CARTA DE NUBIUS A BEPPO, de 7 de abril de 1836.

"Sabeis que Mazzini julgou-se digno de cooperar conosco na obra mais grandiosa dos nossos dias. A Loja Suprema não decidiu assim. Mazzini tem demasiadamente os modos de um conspirador de melodrama para que convenha ao papel obscuro que nos resignamos a representar até o dia do triunfo. Mazzini gosta de falar de muitas coisas, sobretudo dele. Ele não pára de escrever que ele derruba os tronos e os altares, que ele torna os povos produtivos, que ele é o profeta do humanitarismo etc., etc., e tudo isso se reduz a algumas miseráveis derrotas ou a assassinatos de tal modo vulgares que eu expulsaria imediatamente um dos meus lacaios se ele se permitisse de me desfazer de um dos meus inimigos com meios tão vergonhosos. Mazzini é um semideus para os tolos, diante dos quais ele tenta fazer proclamar-

---

não parte de um *conselho de Estado*, cujos membros seriam nomeados pelo Soberano entre as notabilidades de nascença, de fortuna e de talentos do país.

"Sem um ou vários estabelecimentos centrais dessa natureza, intimamente ligados às notabilidades do país rico de elementos aristocráticos e conservadores, parece que a natureza de um governo eletivo necessariamente suprimiria dos melhoramentos que formarão a glória eterna do Pontífice reinante *aquela estabilidade* cuja necessidade é geral e poderosamente sentida, e se-lo-á tanto mais vivamente quanto os favores do Pontífice forem grandes e preciosos".

se o pontífice da fraternidade, da qual ele será o deus italiano. Na esfera em que ele age, esse pobre José não passa de um ridículo; para que ele seja um animal feroz completo sempre lhe faltarão as garras.

"É o *burguês gentil-homem* das sociedades secretas que meu caro Molière não teve a oportunidade de entrever. Deixemo-lo espalhar boatos nos cabarés do lago Léman ou esconder nos lupanares de Londres sua importância e sua vacuidade real. Que ele fale ou que ele escreva: que fabrique bem a seu gosto, com os velhos detritos da insurreição ou com seu general Ramorino *jovens Itálias*, *jovens Alemanhas*, *jovens Franças*, *jovens Polônias*, *jovens Suíças* etc., etc. Se isso pode servir de elemento ao seu insaciável orgulho, não nos opomos; mas fazei-o compreender, arranjando os termos segundo vossas conveniências, que a associação da qual ele falou não mais existe, se é que algum dia existiu; que vós não a conheceis, e que, no entanto, deveis declarar-lhe que, se ela existisse, ele teria com toda a certeza tomado o pior caminho para entrar aí. Admitida a sua existência, essa Loja está evidentemente acima de todas as outras; é a São João de Latrão, *caput et mater omnium ecclesiarum*. Para ela foram chamados apenas os eleitos julgados dignos de serem aí introduzidos. Até esse dia Mazzini teria sido excluído dela: não pensa ele que se metendo pela metade, pela força ou pela artimanha, num segredo que não lhe pertence ele se expõe a perigos que já fez correr a mais de um?

"Arrumai esse último pensamento ao vosso gosto; mas passai-o ao grande padre do punhal, e eu, que conheço sua consumada prudência, garanto que esse pensamento produzirá seu efeito sobre o rufião".

12. — CARTA DE VINDICE, ESCRITA DE CASTELLAMARE, A NUBIUS, em 9 de agosto de 1838. Aí ele desenvolve o plano da Grande Loja.

"Os assassinatos de que os nossos se tornam culpados ora na França, ora na Suíça, e sempre na Itália, constituem para nós uma vergonha e um remorso. É o berço do mundo explicado pelo apólogo de Caim e Abel; e estamos progredindo bastante para que nos contentemos com semelhantes meios. De que serve um homem morto? Para atemorizar os tímidos e afastar de nós todos os corações audaciosos. Nossos predecessores no Carbonarismo não compreendiam o poder que tinham. Não é com o sangue de um homem isolado, nem mesmo de um traidor, que ele deve ser exercido, mas sobre as massas. Não individualizemos o crime; a fim de crescer até às proporções do patriotismo e do ódio à Igreja, devemos generalizá-lo. Que representam para o mundo alguns cadáveres desconhecidos, jogados na rua pela vingança das Sociedades secretas? que importa ao povo que o sangue de um operário, de um artista, de um gentil-homem ou mesmo de um príncipe tenha corrido em virtude de uma sentença de Mazzini ou de alguns dos seus sicários que brincam seriamente de *Sainte-Vehme*?[18] O mundo não tem tempo de prestar atenção aos últimos gritos da vítima; ele passa e esquece. Somos nós, meu Nubius, somente nós podemos suspender sua caminhada. O Catolicismo não tem mais medo de um estilete bem afiado do que a monarquia; mas essas duas bases da ordem social podem desmoronar sob a corrupção; jamais nos cansemos de corromper. Tertuliano dizia com razão que o sangue dos mártires fazer nascer cristãos. Está decidido nos nossos conselhos que não queremos mais cristãos: não façamos, pois, mártires; mas popularizemos o vício nas multidões. Que elas o respirem pelos cinco sentidos, que elas se saturem dele; e essa terra, que o Aretino semeou, estará sempre disposta a receber ensinamentos lúbricos. Formai corações viciosos e não tereis mais católicos. Afastai o padre do trabalho, do altar e da virtude; procurai sutilmente ocupar seus pensamentos e suas horas com outras coisas. Tornai-o ocioso, comilão e patriota; ele se tornará ambicioso, intrigante e

---

[18] *Sainte-Vehme*: tribunais secretos que surgiram na Vestfália, no século XI, espalharam-se pelo Santo Império no século XIII, e desapareceram no século XVI. (N. do T.)

perverso. Assim tereis cumprido vossa tarefa mil vezes melhor do que se tivésseis embotado a ponta dos vossos estiletes nos ossos de alguns pobres miseráveis. Não desejo, e vós também não, não é verdade amigo Nubius?, dedicar minha vida aos conspiradores para me arrastar nos hábitos inveterados.

"Empreendemos a corrupção em grande escala, a corrupção do povo pelo clero e do clero por nós, a corrupção que deve nos levar um dia a pôr a Igreja no túmulo. Ouvi ultimamente um dos nossos amigos rir de uma maneira filosófica acerca dos nossos projetos e dizer: "Para abater o Catolicismo, é preciso começar por suprimir a mulher". A palavra é verdadeira, mas posto que não podemos suprimir a mulher, corrompamo-la com a Igreja. *Corruptio optimi pessima*. O objetivo é suficientemente belo para tentar homens como nós. Não nos afastemos dele em razão de algumas miseráveis satisfações de vingança pessoal. O melhor punhal para ferir a Igreja no coração é a corrupção. Ao trabalho, pois, até o fim!"

13. — IDÉIA SUBMETIDA À GRANDE LOJA POR TRÊS DOS SEUS MEMBROS, em 23 de fevereiro de 1839.

"Os assassinatos periódicos de que a Suíça, a Itália, a Alemanha e a França estão cobertos não conseguem sacudir o torpor dos reis e dos seus ministros. A justiça permanece desarmada ou impotente diante desses atentados; mas um dia, talvez amanhã, a opinião pública despertará em presença de semelhantes empreitadas. Então, o sangue inutilmente derramado retardará por longos anos nossos projetos, concebidos com tão audaciosa sagacidade. Nenhum de nós ignora qual é o braço que dirige todos esses estiletes. Sabemos, sem poder duvidar, quais são os *birbanti*[19] que, por somas relativamente mínimas, dispõem, sem nenhum proveito, da existência dos seus associados ou da vida dos estranhos ao Carbonarismo. Esse estado de coisas, que vai imperando cada vez mais, deve ter um termo, ou é preciso, por bem ou por mal, renunciar aos nossos planos contra a Sé romana, porque a menor das indiscrições pode desvendar tudo. Um assassinato que não passar despercebido, como tantos outros, colocará na pista das nossas reuniões. Importa, pois, adotar medidas eficazes e parar prontamente esses atos comprometedores.

"Aquilo que a Sociedade cristã se permite para sua defesa, e aquilo que o Carbonarismo, por alguns dos seus chefes, encara como lícito e político, não deve nos espantar mais do que a Sociedade e o Carbonarismo. A pena de morte é aplicada através dos tribunais ordinários. A *Sainte-Vehme* da *jovem Suíça* e da *jovem Itália* arroga-se o mesmo direito; porque não faríamos como ela? Seus quatro ou cinco membros, que recrutam os mercenários do punhal e lhes apontam a vítima a ferir na sombra, imaginam estar acima de todas as leis. Eles as desafiam seja na Suíça, seja na Inglaterra, seja na América. A hospitalidade concedida por esses Estados é, para os assassinos intencionais, uma garantia de impunidade. Eles podem assim, e bem à vontade, agitar a Europa, ameaçar os príncipes e os indivíduos, e fazer-nos perder o fruto de nossas longas vigílias. A justiça, que verdadeiramente tem uma venda nos olhos, não vê nada, não advinha nada, e sobretudo nada pode, porque entre o estilete e a vítima se eleva uma barreira internacional que os costumes e os tratados tornam intransponível.

"A justiça humana está sem força em face desses acúmulos de homicídios; mas será que a Grande Loja não teria nada a ver com semelhantes negócios? Alguns insubordinados, tomando nossa paciência por fraqueza, puseram-se em revolta contra a Loja suprema. Eles agem à sua revelia e em seu detrimento; são traidores e perjuros. A lei civil, que eles transgridem ou fazem transgredir, é impotente para puni-los; será que não cabe à Grande Loja pedir-lhes contas pelo sangue derramado? A Sociedade cristã não tem a feliz idéia de atingir secretamente, no fundo dos seus refúgios, aqueles que, de uma maneira arbitrária, dispõem da vida dos seus semelhantes. Ela não sabe nem se proteger, nem defender seus membros; ela não tem um

---

[19] Termo italiano que significa "maroto, malandro, molecote". (N. do T.)

código secreto para punir aqueles que estão ao abrigo do código público. É o seu processo. O nosso será muito menos complicado, porque deve-se esperar que não tenhamos vãos escrúpulos.

"Ora, pois, certos dissidentes, pouco perigosos hoje, mas que podem tornar-se mais tarde, mesmo por sua orgulhosa incapacidade e desordenada enfatuação, põem a cada instante a Grande Loja em perigo. Começam suas experiências de assassinato em príncipes e obscuros cidadãos. Logo, pela força das coisas, chegarão até nós; e, após nos terem comprometido em razão de mil crimes inúteis, far-nos-ão desaparecer misteriosamente como obstáculos. Trata-se, muito simplesmente, de antecipar-nos e de fazer voltar contra eles o ferro que aguçam contra nós.

"Seria muito difícil à Grande Loja pôr em prática um plano que um de seus membros apresentou pessoalmente ao príncipe de Metternich? Eis o plano, em toda a sua simplicidade: "Não podeis, dizia ele confidencialmente ao chanceler, atingir os chefes das Sociedades secretas, que, num território neutro ou protetor, desafiam vossa justiça e conspurcam vossas leis. Os decretos das vossas cortes criminais falecem diante das costas da Inglaterra; eles se embotam nos rochedos hospitaleiros da Suíça, depois, mês a mês, vós vos encontrais sempre mais fraco, sempre mais desarmado diante de audaciosas provocações. A justiça dos vossos tribunais está condenada à esterilidade. Não poderíeis encontrar no arsenal das vossas necessidades de Estado, na evocação do *Salus populi suprema lex* um remédio para os males que todos os corações honestos deploram? As associações ocultas julgam e fazem executar seus decretos através do direito que se arrogam. Os governos estabelecidos, tendo duplo interesse em se defenderem, porque, em se defendendo salvaguardam a Sociedade por completo, não teriam o mesmo direito que as Lojas usurpam? Seria, pois, impossível combinar alguns meios que, levando a perturbação ao seio do inimigo social, tranqüilizaria os bons e acabariam muito prontamente em atemorizar os maus? Esses meios são mesmo indicados por estes últimos. Eles ferem por intermédio de segunda ou terceira mão; feri como eles. Fazei procurar agentes discretos, ou melhor ainda, Carbonários sem consistência, que desejam resgatar seus velhos pecados ligando-se à polícia secreta. Que sejam tacitamente ajudados a tomar precauções para escaparem às primeiras investigações. Que ignorem a trama da qual serão instrumentos. Que o governo não use de severidade nem à direita nem à esquerda, que não perca nenhum golpe; mas que mire justo, e após ter escamoteado assim dois ou três homens, restabelecereis o equilíbrio na sociedade. Aqueles que realizam o trabalho de matar primeiramente se espantarão; em seguida se aterrorizarão por encontrarem justiceiros tão terríveis quanto eles. Ignorando de onde parte o golpe, eles o atribuirão inevitavelmente a rivais. Terão pavor de seus cúmplices, e logo voltarão a embainhar a espada, porque o pavor se comunica bem depressa nas trevas. A morte se faz *incognito* de mil maneiras. Fechai os olhos, e posto que a justiça dos homens não pode alcançar nos seus covis nossos modernos Velhos da Montanha, deixai penetrar aí a justiça de Deus, sob a forma de um amigo, de um servidor ou de um cúmplice que terá um passaporte perfeitamente regrado".

"Esse plano, que a incurável despreocupação do chanceler de Corte e do Estado rejeitou por motivos pelos quais os impérios poderão se arrepender mais tarde, pôs perfeitamente nosso irmão e amigo na confiança do governo; mas será proibido empregar para a nossa preservação os meios de salvação que as cabeças coroadas desdenham para si mesmas. Se por uma via ou por outra a Grande Loja for descoberta, não seria possível tornar-nos responsáveis pelos atentados cometidos por outros? Nós não agimos nem através da insurreição nem através do assassínio; mas como nós não poderíamos divulgar nossos projetos anticatólicos, seguir-se-ia que a Grande Loja seria acusada de todas essas ignominiosas ciladas. O recurso que nos resta, a fim de escaparmos a semelhante opróbrio, é armar discretamente alguma boa-vontade suficientemente corajosa para punir, mas suficientemente limitada para não compreender demais.

“Os dissidentes colocaram-se voluntariamente fora da lei das nações, eles se colocam fora da lei das Sociedades secretas; porque não lhes aplicaríamos o código que inventaram? Os governos, embrutecidos pela sonolência, recuam diante do axioma: *Patere legem quam fecisti*; não seria oportuno apoderamo-nos disso? Temos uma combinação tão simples quanto infalível para nos desembaraçarmos sem ruído e sem escândalo dos falsos irmãos que se permitem prejudicar-nos decretando o assassinato. Essa combinação, bem colocada em jogo, carrega inevitavelmente a perturbação e a desconfiança às Lojas insubmissas. Julgando por nosso turno, e punindo aqueles que julgam e punem tão sumariamente os outros, restabelecemos o equilíbrio social através de um procedimento cuja receita nos é fornecida por alguns miseráveis. A combinação é aplicável; podemos ferir sem despertar suspeita, paralisar assim e dissolver as Lojas adversas nas quais é ensinado o assassinato: seremos autorizados e, na necessidade, seremos sustentados?”

14. — CARTA DE GAETANO A NUBIUS, de 23 de janeiro de 1844.

Após ter contribuído, tanto quanto estava nele, para a perversão do povo, vieram as reflexões, e ele endereça conselhos que constituem uma demissão antecipada ou uma reclamação.

“Antes de responder às vossas duas últimas cartas, meu Nubius, devo participar-vos algumas observações que gostaria muito vos aproveitassem. No espaço de alguns anos avançamos consideravelmente as coisas. A desorganização social reina por toda a parte; ela está no norte como no sul, no coração dos gentis-homens como na alma dos padres. Tudo sofreu o nível sob o qual queríamos rebaixar a espécie humana. Aspiramos a corromper para chegar a governar, e não sei se, como eu, vos espantais com a nossa obra. Temo ter ido longe demais; corrompemos demasiadamente; e, estudando a fundo a personalidade dos nossos agentes na França, começo a crer que não controlaremos à vontade a torrente que fizemos transbordar. Há paixões insaciáveis que eu não adivinhava, apetites desconhecidos, ódios selvagens que fermentam ao nosso redor e debaixo de nós. Paixões, apetites e ódios, tudo isso pode nos devorar um belo dia, e se houvesse tempo de remediar essa gangrena moral seria para nós um verdadeiro benefício. Foi muito fácil perverter, será também bem simples sempre refrear os pervertidos? Aí, para mim, está a questão grave. Procurei freqüentemente tratá-la convosco, mas evitastes a explicação. Hoje não é mais possível adiá-la, porque o tempo urge, e na Suíça como na Áustria, na Prússia como na Itália, nossos fanáticos, que serão amanhã nossos senhores (e que senhores, ó Nubius!) esperam apenas um sinal para quebrar o velho modelo. A Suíça propõe-se a dar esse sinal; mas esses radicais helvécios, dominados por seus Mazzini, seus Comunistas, sua aliança com os santos e com o Proletariado-ladrão, não são de porte a conduzir as Sociedades secretas ao assalto da Europa. É preciso que a França imprima seu sinete nessa orgia universal; esteja bem convencido de que Paris não faltará à sua missão. Dado e recebido o impulso, aonde irá essa pobre Europa? Eu me inquieto, porque estou envelhecendo, perdi minhas ilusões, e não gostaria, pobre e despido de tudo, assistir como um figurante de teatro ao triunfo de um princípio que eu teria alimentado e que me repudiaria, ao confiscar minha fortuna ou ao tomar minha cabeça.

“Fomos além dos limites em muitas coisas. Tiramos do povo todos os deuses do céu e da terra que recebiam sua veneração. Arrancamos-lhe sua fé religiosa, sua fé monárquica, sua probidade, suas virtudes de família, e agora que ouvimos ao longe seus surdos rugidos, trememos, porque o monstro pode nos devorar. Nós o despojamos, pouco a pouco, de todo sentimento honesto: ele não terá piedade. Quanto mais penso nisso, mais fico convencido de que seria preciso procurar subterfúgios. Ora, que fazeis nesse minuto talvez decisivo? Vós considerais apenas um ponto; e desse ponto espalhais os raios, e percebo com dor que todos os vossos propósitos tendem a uma conflagração geral. Não haveria um meio de recuar, de retardar, de adiar esse momento? Crede vossas medidas bem tomadas para dominar o movimento que imprimimos? Em Viena, quando soar o sino revolucionário, seremos tragados pela turba, e o chefe provisório que dela sairá está talvez hoje nas galés ou em algum mau

lugar. Na nossa Itália, em que se joga uma dupla partida, deveis ser afligido pelos mesmos temores. Não agitamos o próprio lodo? Essa lama sobe à superfície e tenho medo de morrer sufocado por ela.

"Qualquer que seja o futuro reservado às idéias que as Sociedades secretas propagaram, seremos vencidos e teremos senhores. Não estavam aí o nosso sonho de 1825 e as nossas esperanças de 1831? Nossa força é apenas efêmera, ela passa a outros. Sabe Deus onde parará esse progresso em direção ao embrutecimento. Eu não recuaria diante das minhas obras, se nós sempre as pudéssemos dirigir, explicá-las ou aplicá-las. Mas o temor que experimento em Viena, não o sentis vós mesmo? Não vos convenceis, como eu, que é preciso, se ainda for tempo, fazer uma parada no templo antes de fazê-lo sobre ruínas? Essa parada é ainda possível, e só vós, ó Nubius, podeis decidi-la. Não é verdade que tratando disso com habilidade poderíamos desempenhar o papel de Penélope e romper durante o dia a trama que teríamos preparado durante a noite?

"O mundo está lançado no declive da Democracia e, faz algum tempo, para mim, democracia quer dizer sempre demagogia. Nossos vinte anos de conspirações correm o risco de se apagar diante de alguns tagarelas que virão adular o povo e puxar as pernas da nobreza após ter metralhado o clero. Sou gentil-homem e confesso muito sinceramente que me custaria conviver com a plebe e aguardar do seu desejo meu pão quotidiano e o dia que brilha. Com uma revolução tal como se prepara, podemos perder tudo, e eu tenho o que conservar. Também deveis estar na mesma situação, vós também, caro amigo, porque tendes bens, e não gostaríeis menos do que eu de ouvir ressoar nos vossos ouvidos a palavra de confisco e de proscrição dos Eglogues, o grito fatal dos espoliadores:

Haec mea sunt; veteres, migrate, coloni.

"Tenho bens, quero tê-los, e a Revolução pode levar-me tudo fraternalmente. Outras idéias ainda me preocupam e estou certo de que elas preocupam simultaneamente vários dos nossos amigos. Ainda não tenho remorsos; mas estou perturbado com temores, e em vosso lugar, na situação em que percebo os espíritos na Europa, não gostaria de assumir sobre meus ombros uma responsabilidade que pode conduzir Joseph Mazzini ao Capitólio. Mazzini no Capitólio! Nubius no rochedo Tarpeano ou no esquecimento! Eis o sonho que me persegue, se o azar realizar vossos propósitos. Esse sonho vos sorri, ó Nubius?"

15. — CARTA DE BEPPO, ESCRITA DE LIVOURNE, A NUBIUS e datada de 2 de novembro de 1844.

"Caminhamos a toda velocidade e a cada dia incorporamos novos e ferventes neófitos na conspiração. *Fervet opus;* mas o mais difícil ainda está não somente por fazer, mas mesmo por esboçar. Conquistamos, e sem maiores dificuldades, monges de todas as ordens, padres de quase todas as condições, e certos monsenhores intrigantes ou ambiciosos. Talvez não seja o que há de melhor ou de mais respeitável; mas não importa. Para o fim buscado, um *Fratre,* aos olhos do povo, é sempre um religioso; um prelado será sempre um prelado. Falhamos inteiramente relativamente aos Jesuítas. Desde que começamos a conspirar tem sido impossível deitar a mão sobre um Inaciano, e seria preciso conhecer o por quê dessa obstinação tão unânime. Não creio na sinceridade da fé e da dedicação deles à Igreja; porque jamais, junto a um só, não pudemos o ponto vulnerável da couraça? Não temos Jesuítas conosco; mas sempre podemos dizer e fazer dizer que temos, e isso daria absolutamente no mesmo. Não se dá o mesmo com os Cardeais; todos escaparam das nossas redes. As adulações mais bem combinadas não serviram para nada, de tal maneira que na presente hora avançamos tão pouco quanto na primeira. Nenhum membro do Sacro Colégio caiu na armadilha. Os que foram sondados, auscultados, todos, à primeira palavra acerca das Sociedades secretas e do poder delas, fizeram sinais de exorcismo, como se o diabo os fosse carregar para o alto da montanha; e morrendo Gregório XVI (coisa que vai acontecer proximamente), nós nos encontraremos como em 1823, por ocasião da morte de Pio VII.

"Que fazer nessas circunstâncias? Renunciar aos nossos projetos não é mais possível, sob pena de um ridículo indelével. Esperar por uma quina de loteria, sem ter comprado o bilhete, parece-me por demais maravilhoso; continuar a aplicação do sistema sem poder esperar uma oportunidade, mesmo incerta, produz-me o efeito de jogar com o impossível. Eis que chegamos ao termo dos nossos esforços. A Revolução avança a galope, carregando na garupa revoltas sem fim, ambiciosos sem talento e desordens sem valor; e nós, que tínhamos preparado todas essas coisas, nós que tínhamos procurado dar a essa revolução um supremo derivativo, nós nos sentimos tocados pela impotência no momento de agir soberanamente. Tudo nos escapa, somente a corrupção permanece para ser explorada por outros. O futuro papa, quem quer que seja, jamais virá a nós; poderemos nós algum dia ir a ele? não será ele como seus predecessores e seus sucessores, e não agirá como eles? Nesse caso, continuaremos na luta e esperaremos um milagre? O tempo passou e não temos mais esperança senão no impossível. Morto Gregório, veremos indefinidamente adiados nossos projetos. A Revolução, cuja hora se aproxima um pouco por toda a parte, dará talvez um novo curso às idéias. Ela mudará, modificará; mas, a bem da verdade, não somos nós que seremos elevados. Nós nos encerramos demais na meia-luz e na sombra; não tendo tido êxito, nós nos sentiremos apagados e esquecidos por aqueles que tirarão proveito dos nossos trabalhos e dos respectivos resultados. Nós não conseguimos, não podemos conseguir; é preciso, pois, sucumbir e se resignar ao mais cruel dos espetáculos, o de ver o triunfo do mal que se fez e não partilhar desse triunfo".

16. — CARTA DO CARDEAL BERNETTI A UM DE SEUS AMIGOS, datada de 4 de agosto de 1845.

"Tenho freqüentemente conversado convosco acerca das minhas apreensões sobre o estado das coisas. O Papa e o governo procuram um remédio para o mal, uma saída para o contágio; um e outro progridem sem que se possa parar o curso dessa torrente desconhecida. Coisas vagas e misteriosas são agitadas ao nosso redor. Vê-se muito mal e muito pouco bem. Nosso jovem clero está imbuído das idéias liberais, e delas se embebeu pelo pior aspecto. Os estudos sérios foram abandonados. Esforçamo-nos em vão em encorajar os alunos, recompensar os professores, prometer a uns e outros as graças que o Santo Padre está sempre disposto a conceder, isto em nada melhora o estado dos espíritos. Os jovens trabalham para a aquisição de suas futuras funções; mas, como nos bons dias de Roma, não é o trabalho que constitui a felicidade e a ambição deles. Eles se preocupam muito pouco em tornar-se sábios teólogos, graves casuístas ou doutores versados em todas as dificuldades do direito canônico. Eles são padres, mas aspiram a tornar-se homens, e é inacreditável tudo quanto misturam de fé católica e de extravagância italiana sob esse título de homem, que preconizam com ênfase cômica. A mão de Deus nos pune; humilhemo-nos e choremos; mas essa perversão *humana* da juventude ainda não é o que mais preocupa e atormenta aqui.

"A parte do clero que, segundo nós, chega naturalmente aos trabalhos, e que já nos empurra para o túmulo, repreendendo-nos tacitamente por termos vivido muito, muito bem!, essa parte do clero é mil vezes mais contaminada pelo vício liberal do que a juventude. A juventude é inexperiente; ela se deixa seduzir, ela vai como pode ir um noviço fugido da regra do seu convento em troca de duas boas horas de sol, e que depois volta para o claustro; mas entre os homens de idade madura semelhantes tendências são mais perigosas. A maioria nada conhece nem do caráter nem das coisas deste tempo, e eles se deixam levar por sugestões das quais nascerão evidentemente grandes crises para a Igreja. Todas as pessoas de bem ou de talento que empregamos são no mesmo instante objeto de maldições públicas. Os estúpidos, os fracos e os preguiçosos se vêem *ipso facto* coberto de uma auréola de popularidade que constituirá para eles um ridículo a mais. Sei que no Piemonte, na Toscana, nas Duas-Sicílias, assim como no Lombardo-Veneziano, o mesmo espírito de discórdia sopra sobre o Clero. Da França chegam-nos notícias deploráveis. Quebram o passado para se tornarem homens novos. O espírito de seita toma o lugar do amor ao próximo; o orgulho individual, que talentos tristemente empregados colocam no lugar do amor a Deus, cresce na sombra. Virá o dia em que todas essas minas carregadas de pólvora constitucional e progressista explodirão. Queiram os Céus que, após ter visto tantas revoluções e assistido a tantos desastres, eu não seja testemunha de novos males para a Igreja! A barca de Pedro sobrenadará, sem nenhuma dúvida; mas envelheço, sofro há muito tempo, e sinto a necessidade de me recolher na paz, antes de ir prestar contas a Deus de uma vida tão atormentada ao serviço da Sé Apostólica. Que Sua divina vontade seja feita, e tudo será para o melhor!".

17. — CARTA DE UM AGENTE DAS SOCIEDADES SECRETAS, em 1485.

"Diferentes partidos existem agora na Itália. O primeiro contenta-se com tudo. Depois dele vem o que quer ir mais longe; ele quer reformas progressivas, mas contínuas, não somente na administração, mas também na política. Atrás deles está o partido chamado italiano, que empurra o primeiro e o segundo, que aceita tudo para ir em frente; ele mascara, traveste e oculta seu fim último, que é a unidade italiana. Em meio a todos esses partidos há uma outra divisão ou subdivisão; quero falar do Clero, para o qual Gioberti é o que Mazzini é para o partido italiano. O padre Gioberti fala aos padres sua linguagem, e dir-vos-ei que ouvimos de todos os lados que, nas fileiras do clero secular e regular, as doutrinas de liberdade, com o Papa à testa dessa liberdade e da independência italiana, constituem um pensamento que seduz vários, a tal ponto que se persuadem de que o Catolicismo é uma doutrina

essencialmente democrática. Esse partido cresce diariamente sobretudo entre o Clero; esperamos com impaciência a nova obra de Gioberti; essa obra é para os padres. O livro, ou melhor, os cinco volumes de Gioberti ainda não foram publicados; Mazzini espera-os impacientemente para deles falar no primeiro capítulo da obra que vai ser lançada e terá por título: Os Partidos da Itália, ou A Itália com seus príncipes, ou A Itálica com o Papa".

18. — CARTA ENDEREÇADA DE LIVOURNE A NUBIUS PELO PEQUENO-TIGRE, o qual ainda ignora a saída forçada do seu chefe. 5 de janeiro de 1846.

"A viagem que acabo de realizar à Europa foi mais feliz e produtiva do que esperávamos. Doravante basta-nos pôr mãos à obra para chegar ao desnudamento da comédia. Encontrei por toda a parte espíritos muito inclinados à exaltação; todos garantem que o velho mundo está ruindo e que se acabaram os tempos dos reis. A colheita que recolhi foi abundante: nesse caminho encontrareis as primícias, as quais não preciso que me confirmeis, porque gosto de dispor pouco dos meus amigos, poderia dizer, dos meus irmãos. A colheita feita deve frutificar, e se acreditar nas notícias que me comunicaram aqui, chegamos à época tão desejada. A queda dos tronos não me oferece mais dúvida, a mim, que acabo de estudar na França, Suíça, Alemanha, e até na Rússia o trabalho das nossas Sociedades. O assalto que, dentro de alguns anos e talvez mesmo dentro de alguns meses, será lançado contra os príncipes da terra soterra-los-á sob os destroços dos seus exércitos impotentes e das suas monarquias caducas. Por toda a parte existe entusiasmo entre os nossos e apatia ou indiferença entre os inimigos. É um sinal certo e infalível do sucesso; mas essa vitória, que será tão fácil, não é aquela que provocou todos os sacrifícios que fizemos. Há uma mais preciosa, mais durável e que desejamos há tanto tempo. Vossas cartas e as dos nossos amigos dos Estados romanos permitem-nos esperá-la; é o objetivo para o qual tendemos, é o termo ao qual queremos chegar. Com efeito, que pedimos em reconhecimento às nossas dificuldades e aos nossos sacrifícios?

"Não uma revolução numa região ou noutra. Isso se obtém quando bem se quer. Para matar seguramente o velho mundo, acreditamos fosse preciso sufocar o germe católico e cristão, e vós, com a audácia do gênio, vos oferecestes para ferir na cabeça, com a funda de um novo Davi, o Golias pontifício. Está muito bem, mas quando ferireis? Tenho pressa de ver as Sociedades secretas engalfinhadas com esses cardeais do Espírito Santo, pobres naturezas estioladas, que jamais devem sair do círculo no qual a impotência ou a hipocrisia os encerra.

"No curso de minhas viagens vi muitas coisas e poucos homens. Teremos uma multidão de devotados subalternos, mas nenhuma cabeça, nenhuma espada para comandar: o talento é mais raro do que o zelo. Esse bravo Mazzini, que reencontrei várias vezes, tem sempre dentro do cérebro e da boca seu sonho de humanidade unitária. Mas, afora seus pequenos defeitos e sua mania de mandar assassinar, há coisas boas nele. Com seu misticismo atinge a atenção das massas, que nada compreendem dos seus grandes ares de profeta e dos seus discursos de iluminado cosmopolita. Nossas gráficas da Suíça estão em bom caminho; elas produzem livros tais como os desejamos; mas são um pouco caros. Consagrei a essa necessária propaganda uma parte bastante importante dos subsídios recolhidos. Vou utilizar os restante nas Legações. Estarei em Bolonha por volta de 20 deste mês. Podereis mandar-me as instruções para o endereço ordinário. Dali transportar-me-ei para os lugares nos quais julgardes que minha presença dissimulada será mais necessária. Falai, estou pronto a executar".

19. — Num Breve endereçado a Crétineau-Joly, em 25 de fevereiro de 1861, Pio IX consagrou, por assim dizer, a autenticidade das peças que acabamos de ler.

Caro filho, saudação e benção Apostólica,

Adquiristes direitos particulares ao Nosso reconhecimento, quando, há dois anos, formastes o projeto de compor uma obra recentemente terminada e novamente entregue à impressão, para mostrar através de *documentos* esta Igreja Romana sempre exposta à inveja e ao ódio dos maus, e sempre triunfante em meio às revoluções políticas do nosso século. Assim, é com alegria que recebemos os exemplares com os quais Nos homenageastes, e por essa muito afetuosa atenção Nós vos rendemos justas ações de graças. Quanto ao mais, os tempos que se seguiram, tempos, ó dor!, tão tristes e tão cruéis, tão funestos a esta Sé de Pedro e à Igreja, não podem perturbar Nossa alma, posto que é a causa de Deus que defendemos, causa pela qual nossos predecessores sofreram a prisão e o exílio, deixando-Nos assim um belo exemplo a seguir. Supliquemos pois ao Senhor todo-poderoso que nos fortifique com a sua virtude e ouça as orações que a Igreja, para dissipar essa tempestade medonha, Lhe dirige por toda a parte com um só coração. Nós vos confirmamos Nosso amor todo particular através da bênção Apostólica, penhor de toda graça celeste que a vós, caro filho, e a toda a vossa família, concedemos na afetuosa efusão do Nosso coração paterno.

Dado em Roma, junto a São Pedro, no 25º dia de fevereiro de 1861, XIVº ano do nosso Pontificado.

PIO IX, PAPA.

20. — *A grande obra da qual a Grande Loja fora encarregada desde 1820, não terminou com a ocupação de Roma pelos piemonteses: a seqüência está confiada a outras mãos.*

Vinte anos após a ruína do Poder temporal, Lemmi, o grande-mestre da franco-maçonaria na Itália, endereçou o documento abaixo a todas as lojas da Península.

"Do T∴, 10 de outubro de 1890.

"Aos Ven∴ II∴ das Lojas italianas,

"O edifício que os II∴ estão em vias de erguer no mundo não poderá ser considerado como tendo chegado a bom termo enquanto os II∴ da Itália não tiverem doado à humanidade os escombros da destruição do grande inimigo.

"O empreendimento avança rapidamente na Itália... Aplicamos a tesoura ao último refúgio da superstição, e a fidelidade do I∴ 33∴ que está à testa do poder político (Crispi) é uma garantia de que o Vaticano cairá sob o nosso martelo vivificador... Os últimos esforços encontrarão maiores obstáculos da parte do chefe dos padres e dos seus arrebatados escravos... O G∴ O∴ invoca o gênio da Humanidade para que todos os II∴ trabalhem com todas as suas forças para dispersar as pedras do Vaticano, a fim de construírem com elas o templo da nação emancipada.

"O G∴ O∴ do Vale do Tibre".

V

ALGUNS OUTROS DOCUMENTOS RELATIVOS À FRANCO-MAÇONARIA

1. — REVELAÇÕES DE UM ALTO MAÇOM ITALIANO.

Elas foram publicadas em 1832, no Memorial Católico, por Monsenhor Gerbel, que morreu como bispo de Perpignan. Diz ele tê-las recebido de um personagem altamente colocado, que as obtivera entre os papéis de um chefe das sociedades secretas, após a morte deste.

Nossos leitores seguramente encontrarão neste documento um ar de parentesco com os acima publicados, como também com as doutrinas de Jean-Jacques Rousseau e as diretrizes de Weishaupt. Vários traços denunciam os judeus, e a república universal, como a religião natural, aparecem aqui como o objetivo supremo perseguido pela seita.

"Igualdade e liberdade, preciosas prerrogativas! É através delas que é preciso fazer secar as fontes envenenadas das quais decorrem todos os males dos humanos; é através delas que devemos fazer desaparecer *toda idéia importuna e humilhante de superior*, e fazer os homens voltarem aos seus *primeiros direitos, não conhecer mais nem posição, nem dignidade, cuja visão fere seus olhos e choca seu amor próprio. A subordinação não passa de uma quimera* cuja origem não está nos sábios decretos da Providência; ela se situa apenas nos caprichos da sorte e nas extravagâncias do orgulho, que pretende que tudo se dobre diante dele e que não considera as criaturas que compõem o mundo senão como seres vis e desprezíveis condenados a servi-la.

"Essa igualdade deve produzir essa paz deliciosa e essa confiança tão calma, tão digna de inveja, mas incompatível com a *avareza*, cujos desígnios ela arruína ao dar ao homem *esses bens e essas riquezas comuns* cuja posse custa tantos cuidados, e cuja perda custa tantos remorsos.

"Tal é a força da nossa doutrina; mas persuadamo-nos bem de que *jamais devemos expô-la subitamente à claridade, nem em termos tão formais* a qualquer aspirante. Um espírito isento poderia tirar conseqüências *por demais funestas para as intenções que ela encobre*; assim, apenas tenhamos feito com que ouça essas duas palavras sagradas: *liberdade, igualdade*, e logo devemos saber prevenir ou pelo menos parar o curso das suas reflexões, contra as quais nossos emblemas e nossos hieroglifos nos fornecem um remédio certo, empregando-os imediatamente, para distrair propositadamente o espírito do aspirante através da variedade dos assuntos que se lhe apresentam: recurso admirável e política refinada do nosso célebre *autor* (fundador), muito versado no conhecimento do coração humano para que não nos tenha preparado, como toda a astúcia imaginável, o *golpe encantador e misterioso* que devemos apresentar e fazer passar sem cessar na alma de cada I∴, sempre escondido e sob uma forma inocente que disfarça o verdadeiro sentido.

"É assim, pois, que devemos acomodar, *na nossa ordem verdadeiramente sublime, o dogma à capacidade*, e que, para facilitar o mais possível os grandes progressos e fazer conhecer mais ou menos toda a sua importância, nós distribuímos essa capacidade em três classes diferentes e bem distintas, das quais a primeira é a dos *espíritos penetrantes*, a segunda a dos *espíritos revoltados*, e a terceira a dos *espíritos crédulos e supersticiosos*. Devemos colocar cada uma dessas classes em contato com a mesma doutrina mas não

comunicá-la a cada uma ao mesmo tempo nem da mesma maneira. *O verdadeiro sentido* não tarda em se fazer sentir à primeira classe, cujos membros esclarecidos, dissipando em seguida a nuvem que os rodeia, não precisam senão de uma olhada para percebê-lo; a esses, por isso, devemos mais prontamente, por todos os meios, excitar e fortificar bastante seu entusiasmo com toda a habilidade possível, fazendo-lhes ver esse astro radioso de luz como uma primeira coluna e o principal apoio da nossa sociedade.

"Quanto à segunda classe, dos espíritos revoltados e inquietos, devemos fazê-la chegar a esse elevado conhecimento apenas através de graus, e sob emblemas e semelhanças que lhe proporemos à adivinhação, e que devem cativar, por seus embaraços, essas imaginações volúveis cujos brilhos poderiam causar algumas desordens.

"Para a última classe, dos espíritos crédulos e supersticiosos, à qual poderemos juntar esses *imbecis* especialmente feitos para alojar a ignorância, não devemos exigir outra coisa senão *seguir cegamente e sem reserva* o simples espírito da doutrina que sempre devemos insinuar-lhes apenas na proporção das suas inteligências; que eles a abracem com zelo, sustentem-na com cuidado, e a ela permaneçam inviolavelmente ligados pelo temor da violação do juramento sagrado, primeiro ponto através do qual devemos sempre começar a ligar todo aspirante.

"Essa independência e essa subtração a *toda autoridade, a todo poder* não deve ser apresentada inicialmente, entre nós, senão como o restabelecimento dessa *idade de ouro*, desse império tão vangloriado pelos poetas, no qual uma divindade propícia, descida à terra, reunia sob um cetro de flores seus primeiros habitantes. A *idade de ouro* são esses séculos afortunados nos quais os corações, isentos de paixões, ignoravam até o mais simples movimento de ciúme; em que o orgulho, a avareza e todos os vícios eram desconhecidos a todos os homens iguais e livres e movidos unicamente pelas leis da natureza, que não admitiam outras distinções além daquelas que essa sábia mãe havia colocado entre eles.

"Mas como para uma mudança tão súbita seria preciso nada menos do que um milagre, e que uma execução muito precipitada seria perigosa, devemos, pois, usar astúcia e a maior circunspecção até que os homens estejam livres desses *velhos e comuns princípios* que enfraquecem e alarmam os espíritos simples e os mergulham nessa montanha de erros e os submetem às paixões desses tiranos imperiais, devorados pela *ambição e pela avareza*.

"É da maior importância, para o sucesso do nosso sublime projeto e para facilitar-lhe e melhor assegurar-lhe a execução, nada negligenciar para atrair para nossa ordem membros marcantes dentro do *clero*, dentre as *autoridades civis e militares*, os *mestres da juventude*, sem deixar de fora os reis e os príncipes e sobretudo os filhos deles, *seus conselheiros e seus ministros*, e enfim todos aqueles cujos interesses estiverem em oposição à nossa doutrina. É preciso sutilmente, na sua *educação* e sob as formas mais sedutoras, fazer infiltrar o germe dos nossos dogmas e, assim, acostumá-los, insensivelmente e sem que o percebam, ao *choque que deve aniquilá-los*. É através de autores célebres, *cuja moral está de acordo com os nossos desígnios, que paralisaremos e estremeceremos a autoridade e o poder deles*, que foram usurpados dos seus semelhantes. É preciso lançar no coração dos inferiores um ponto de ambição e de inveja relativamente aos seus superiores, inspirar-lhes o *desprezo*, até mesmo o *ódio* contra aqueles que o *azar* colocou acima deles, e *conduzi-los insensivelmente à insubordinação*, demonstrando-lhes com astúcia que a *submissão e a fidelidade não são senão usurpação do orgulho e da força sobre os direitos do homem*; enfim, empregar todos os nossos meios, e com prudência, para seduzi-los, dispô-los e *colocá-los na necessidade de nos secundarem e de nos servirem apesar deles*.

"É através de tão sábias providências, aproveitadas com prudência e sobretudo aplicadas oportunamente em corações jovens demais *para discernir o verdadeiro objetivo*, que nós os conduziremos a corroborarem a execução dessa grande obra que deve dar aos homens essa

nobre independência com a qual o Criador os presenteou como um favor especial, a qual, sozinha, os distingue das outras criaturas.

"É armados com todas as categorias da história que nós nos apresentamos com habilidade aos nossos prosélitos, segundo a capacidade deles.

"O TEMPLO DE SALOMÃO fora construído através da ordem que Deus deu a esse príncipe. Era o santuário da religião, o lugar consagrado especialmente às suas augustas cerimônias. Foi para o esplendor desse templo que esse sábio monarca estabeleceu tantos ministros, encarregados de vigiar pela sua pureza, pelo seu embelezamento. Enfim, após vários anos de glória e de magnificência, vem um exército formidável que derruba esse magnífico monumento. Os povos, que ali prestavam suas homenagens à Divindade, foram postos em ferros e conduzidos à Babilônia, de onde, após o mais rigoroso cativeiro, viram-se livres pela mão do seu Deus; um príncipe idólatra, escolhido para ser o instrumento da clemência divina, permite a esses povos desafortunados e religiosos não somente restabelecerem esse templo no seu primeiro esplendor, mas ainda fornece-lhes todos os meios para que tenham êxito.

"Então, dizemos nós, esse templo, desde seu primeiro esplendor, *é a figura do ser primitivo do homem ao sair do nada*; essa religião, as cerimônias que ali se praticavam, outra coisa não são senão essa *lei comum e natural* gravada em todos os corações e que encontra seu princípio nas idéias de equidade e de caridade às quais os homens estão obrigados entre si. A destruição do templo, a escravidão dos seus adoradores, são o *orgulho, a avareza e a ambição* que introduziram a dependência e a escravidão entre os homens: *esses assírios, esse exército impiedoso, são os reis, os príncipes, os magistrados*, cujo poder dobrou tantos infelizes povos que eles oprimiram. Enfim, esse povo escolhido e encarregado de restabelecer esse templo magnífico, são nossos irmãos iluminados e franco-maçons, que devem dar ao universo sua primeira dignidade através *dessa liberdade, dessa igualdade, atributos tão essenciais ao homem*, dados pelo Criador como *seu próprio bem*, como *sua propriedade incomutável, sobre os quais ninguém tinha nenhum direito*. Esse Deus criador de todas as coisas que, tirando a natureza do nada, fez do homem seu principal ornamento, *sem submetê-lo a outros poderes que não o seu, foi ele que lhe deu a terra para habitar com o título de dela desfrutar e de ser independente dos seus semelhantes*, aos quais ele jamais pode render suas homenagens sem *tornar-se sacrílego e sem contravir formalmente as leis da natureza e as intenções do nosso divino Criador.*

"Foi em vão que a superioridade dos talentos e a sublimidade do gênio de alguns pareceu pedir aos outros esse tributo de respeito e de veneração. Todas essas vantagens, reunidas nos seus semelhantes num grau mais eminente do que nele, nada têm que justifique sua impiedade. É degradar a natureza, é aviltar a dignidade, é perder todo o preço, quando se reconhece em outro homem alguma coisa além de um igual.

"Se o homem viu aniquilarem-se seus privilégios, se ele decaiu desse estado glorioso de independência, se ele hoje está subordinado e marcado pela ignomínia, ou se a ambição e a avareza dos seus semelhantes, ou o esquecimento do seu próprio interesse o afundaram nesse abismo cavado pelo orgulho, cabe a ele sair daí; cabe a ele reerguer enfim o estandarte da independência e da igualdade, arrebatado pelos seus tiranos, e hasteá-lo sobre os destroços desses monstros impiedosos que cavaram a sua ruína; ou, se é ele o próprio artífice da sua desventura, que abra enfim os olhos sobre os grilhões aos quais condenou a si próprio, que aceite o socorro dessa mão que lhe estendemos para que quebre essas cadeias e com elas sobrecarregue seus cruéis tiranos. *Somente a nossos irmãos foi reservado realizar esse milagre de reunir num corpo universal todas essas diferentes famílias*, as quais, à medida que se afastaram de sua origem comum, embora compondo um todo, vieram a se desconhecer a ponto de quererem compor para elas esse objetivo do qual elas eram apenas partes.

"Enfim, cabe a nós, meus irmãos, apagar essas chamas de discórdia que consomem o universo, e reanimar aquele cuja fecundidade deve reproduzir nossa espécie mais perfeita e

mais pura. Novos Moisés, logo libertaremos esses povos que gemem; logo *todos os tiranos e seus poderes fracassarão* em presença dos novos prodígios que vão se operar *pela força* e pela justiça da nossa perseverança.

"LIBERDADE, IGUALDADE, prerrogativas preciosas que foram dadas como próprias ao homem pelo grande arquiteto do universo! devemos sem cessar persuadir nossos irmãos de que, sem elas, o homem não pode estar senão em estado de constrangimento e de humilhação perpétuos; que depois de tê-las perdido pela força, é com dor que devem suportar a privação; que não somente a violência foi o principal móvel que se utilizou para delas despojá-los, mas que *a ignorância e a superstição* foram ainda empregadas para fascinar os olhos e conservar os bens que deles usurparam; que esses reis, esses felizes tiranos, estabelecendo seu tronos sobre seus destroços, souberam, para melhor fortalecê-los, insinuar habilmente *que a religião, que o culto mais agradável a Deus* era uma submissão e uma deferência cegas para com todos os príncipes da terra...

"Ora, uma vez bem dirigida e apresentada com habilidade e prudência essa doutrina, não nos resta senão tirar proveito e fazer ver claramente que nada é difícil a quem ousa empreender, que o contrário deve se destruir pelo contrário, que a *revolta deve suceder a obediência*, o ressentimento a fraqueza, que é preciso opor a força à força, derrubar o império das superstições... e livre enfim por sua natureza, fazer o homem retornar à posse desses privilégios que constituem sua propriedade sagrada: essa liberdade, essa igualdade, sem as quais ele não pode ser feliz, e cuja inteira dissimulação deve ser por todas as espécies de meios o objeto dos nossos trabalhos, dos nossos desígnios, com uma firmeza, uma perseverança imperturbáveis, *bem persuadidos de que todo crime cometido para o bem geral torna-se, só por isso, um ato de virtude e de coragem*, que deve cedo ou tarde garantir-nos o pleno sucesso.

"Mas tomemos muito cuidado ao nos explicarmos tão claramente antes de ter reconhecido bem as disposições e a força de caráter do aspirante: se não o consideramos suficientemente sólido, se cremos que a posição se torna delicada, não devemos de imediato assestar uma nova bateria; *à força de astúcia e de habilidade*, dar uma aparência mais favorável, enfraquecer ou atenuar a força de cada termo, até fazer desaparecer mesmo nossa intenção.

"Então, esse templo de Salomão, essa liberdade, essa igualdade dizem respeito apenas à sociedade (maçônica) sem pensar em se estender mais longe; não se trata mais de revolta, de independência, de subtração a toda autoridade: tudo deve se metamorfosear num instante com habilidade; não são mais senão os deveres a cumprir, um Deus a reconhecer, virtudes a praticar, submissão e fidelidade invioláveis a observar relativamente a toda autoridade... É preciso saber aparecer no momento oportuno, incensar e adorar o colosso que nos esmaga para trabalhar mais seguramente para a sua ruína".

2. — CARTA PASTORAL DE MONSENHOR RENDU.

Desde o ano de 1858, numa pastoral de Quaresma, monsenhor Rendu, bispo de Annecy, traçara, com grande perspicácia e singular intuição do futuro, o caminho que a seita seguiria para paralisar o padre e aniquilar a ação do clero.

Não se deu maior atenção às suas advertências, às suas informações!

"Existe uma Constituição ditada pela seita anticlerical; à força de astúcia e de perversão, os adeptos conseguiram fazer entrar seus principais artigos, ora paulatinamente, ora subitamente, na legislação de quase todos os povos da Europa. É bom, caríssimos irmãos, que conheçais essa caminhada subterrânea dos inimigos de vossas almas. Ora, eis os principais artigos dessa Constituição anti-cristã, concebida e meditada nas sociedades secretas para vos retirar a mais preciosa das liberdades, aquela de construir vossa salvação e de conquistar pela fé católica o lugar que vos está prometido no reino de Deus. Os adeptos do racionalismo dizem a todos os legisladores da cristandade, e àqueles que são chamados homens de Estado:

Mantende o padre na servidão, e quando ele descobrir que as cadeias pesam demais, dizei que isto é a liberdade.

Concedei liberdade de consciência aos heréticos, aos judeus, aos ateus, mas cuidai para que nem o padre nem o católico dela desfrutem.

Entravai, tanto quanto possível, o ministério do padre, separai-o do povo do qual ele é o amigo, o defensor, o sustentáculo.

Não permitais que as obras de beneficência que ele fundou passem por suas mãos e o aproximem do pobre do qual é o confidente e o consolador.

Para apagar sua influência, retirai-lhe os bens que o tornariam independente, reduzi-o ao salário de empregado do Estado, à condição de mercenário.

Tirai dele tudo o que poderia aumentar a consideração que o povo tem por ele, expulsai-o dos conselhos, das assembléias deliberativas, das administrações, de todo lugar, a fim de que ele caia na condição de pária.

Ponde sob tutela tudo o que lhe pertença; que ele seja, se possível, estranho no presbitério, no cemitério e até na sua igreja.

Afastai-o da infância, expulsai-o das escolas públicas.

Secularizai o ensino superior de maneira a interditá-lo ao padre.

No temor de que ele fale muito freqüentemente à razão do povo, diminuí o número de festas, empregai o domingo para exercícios, banquetes, brincadeiras, ocupações que afastem o povo da moral evangélica; dizei-lhe sobretudo que o trabalho santifica melhor o domingo do que a missa e a oração.

Estabelecei festas nacionais, pagãs, ou de qualquer natureza que sejam, desde que façam esquecer as festas cristãs.

Não permitais que missionários vão às paróquias agitar as consciências e reforçar a fé do povo.

Para retirar do padre a vantagem de apoiar seus ensinamentos nas palavras da Escritura, servi-vos dessa mesma Escritura para demonstrar todas as doutrinas que quiserdes estabelecer contra a Escritura; dai à razão individual o direito de interpretar à sua vontade, e de construir para si uma religião de fantasia.

Para enfraquecer o padre, esforçai-vos em separá-lo dos seus. Levantai o simples padre contra seu Bispo; separai o Bispo do Soberano Pontífice. Quebrai o liame da hierarquia, e a Igreja ruirá.

Quereis conseguir dominar mais seguramente a Igreja? Avocai o direito de escolher, nomear e formar os padres; fazei-os o mais possível segundo a vossa imagem. Controlai a inspeção das escolas eclesiásticas; reservai para vós a nomeação dos professores de Teologia, ditai as lições deles. Em lugar dos enviados de Jesus Cristo e da sua Igreja, tende professores de religião e que eles ensinem a vossa.

Enquanto não fordes senhores das consciências, vosso poder não será senão um despotismo incompleto.

Para retirar do padre o devotamento absoluto que o torna querido ao povo, tratai de encadeá-lo a uma família; levantai a opinião contra o celibato. Fazei fechar os claustros, expulsai os religiosos, confiscai seus bens, e quanto eles estiverem reduzidos à miséria, privados dos direitos de cidadãos, afastados das obras de beneficência, expulsos das escolas, desconsiderados pelos vossos publicistas, gritareis mais forte do que nunca contra as suas usurpações.

Nem todo o mundo acreditará em vós. O que importa? Sempre haverá pessoas em número suficiente para paralisar o partido-padre e nos ajudar a destruí-lo".

Em cinqüenta anos isso foi realizado e ultrapassado.

3. — O ANTICONCÍLIO DE NÁPOLES.

Monsenhor Martin, bispo de Natchitoches, nos Estados Unidos, que assistira ao Concílio Vaticano, publicou, em 1875, uma pastoral na qual assinala o perigo que a franco-maçonaria representa para todos os países. Aí ele relata o que segue segundo documentos recolhidos, diz ele, de primeira mão.

Quando, em 8 de dezembro de 1869, sob a presidência de Pio IX, a Igreja — representada pelos bispos do mundo inteiro, vindos de todas as partes do universo em atendimento à voz do príncipe dos pastores —, abria no Vaticano suas importantes sessões, as maiores que o mundo cristão jamais vira desde seu doloroso nascimento sobre o Calvário, para julgar os monstruosos erros do mundo moderno, e mostrar-se às almas fracas ou transviadas, tão inquebrantável quanto nos primeiros dias, quando a mão de Cristo a colocou, e mais do que nunca elevada acima das vagas móveis das opiniões humanas, como a pedra sobre a qual repousam a infalibilidade da fé do cristão e a integridade da moral evangélica; — nesse mesmo dia, à mesma hora, em Nápoles, sob o nome de anticoncílio, a seita, ela também, abria solenemente suas grandes sessões, sob a presidência de Ricciardi, para renovar após cerca de mais de dezoito séculos as condenações do pretório e do sinédrio contra o Filho de Deus, conspurcá-Lo, feri-Lo no rosto, coroá-Lo de espinhos, expô-Lo, coberto de escárnio, aos blasfemos pecadores, e gritar novamente com os judeus deicidas: "Não queremos que Ele reine sobre nós". Para essa orgia verdadeiramente diabólica tinham sido convocados, e dela participaram, setecentos delegados das grandes lojas dos Estados Unidos, México, Brasil, Ásia, África, e de todos os reinos e principados da Europa. Um incidente levantado pela impudência de um dos delegados obrigou a polícia a dissolver a assembléia após alguns dias de sessões, e uma revolta popular, provocada pelas horríveis blasfêmias desses ímpios contra Jesus Cristo e sua Mãe Imaculada, constrangeu os membros a se dispersarem. Todavia, tendo sido definidos antecipadamente os planos de ação, o presidente teve tempo de comunicá-los aos delegados, tais como os vemos hoje se desenrolar sob os nossos olhos, e de fazer proclamar as declarações dos princípios da seita adotados pelo anticoncílio.

A primeira declaração dos princípios maçônicos, assinada por todas as comissões do anticoncílio, está assim concebida, segundo o texto oficial da Maçonaria de Florença:

"Os abaixo-assinados, delegados das diversas nações do mundo civilizado, reunidos em Nápoles para participarem do anticoncílio, afirmam os princípios abaixo: eles proclamam a liberdade da razão contra a autoridade religiosa, a independência do homem contra o despotismo da Igreja e do Estado, a escola livre contra o ensino do clero; não reconhecem como base das crenças humanas senão a ciência, proclamam o homem livre e a necessidade de abolir toda Igreja oficial. A mulher deve ser libertada dos laços que a Igreja e a legislação opõem ao seu pleno desenvolvimento. A moral deve ser completamente independente de qualquer intervenção religiosa".

Uma outra declaração apresentada por um delegado da grande loja da capital de um dos maiores Impérios da Europa, adotada por aclamação e referendada pelo Presidente é ainda mais explícita. Reza assim:

"Os livres-pensadores reconhecem e proclamam a liberdade de consciência e a liberdade de exame. Consideram a ciência como a única base de qualquer crença, e, em conseqüência, repudiam todo dogma fundado sobre qualquer revelação. Reclamam a instrução em todos os níveis, gratuita, obrigatória, exclusivamente laica e materialista. No que concerne à questão filosófica e religiosa, considerando que a idéia de Deus é a fonte e o sustentáculo de todo despotismo e de toda iniqüidade, considerando que a religião católica é a mais completa e a mais terrível personificação dessa idéia, que o conjunto dos seus dogmas é a própria negação da sociedade, os livres-pensadores assumem a obrigação de trabalhar para a abolição pronta e

radical do Catolicismo, para o seu aniquilamento, por todos os meios, aí incluída a força revolucionária".[20]

4. — O CONCÍLIO DO JUDAÍSMO.

Nesse mesmo ano da abertura do Concílio do Vaticano, em 29 de junho, na festa de São Pedro, reuniu-se em Leipzig, sob o nome de sínodo israelita, o concílio do judaísmo.[21]

Teve por presidente o professor Lazarus de Berlin e por vice-presidentes o rabino Geiger, de Francfurt, e o cavaleiro Joseph de Wertheimer, de Viena. As duas grandes facções, os judeus reformistas e os judeus ortodoxos, mantiveram o equilíbrio nesse concílio em que figuravam os representantes da Alemanha, Rússia, Turquia, Áustria, Inglaterra, França, Países-Baixos, etc., etc.

A proposição a seguir foi adotada por *aclamação* das duas facções do judaísmo:

"O sínodo reconhece que o *desenvolvimento* e a *realização* dos princípios *modernos* constituem *as mais seguras garantias* do presente e do *futuro* do Judaísmo e dos seus membros. Eles representam as condições *mais energicamente vitais* para a existência *expansiva e o mais alto grau de desenvolvimento* do Judaísmo".

Os princípios modernos propagados pelos franco-maçons e a multidão daqueles que sofrem suas sugestões vêm dos judeus. Eles judaízam o mundo e o preparam para o reino do judaísmo, quer dizer, a época messiânica que a *Aliança Universal* nos promete.

Bem antes desse concílio do judaísmo, Cahen, um dos órgãos mais autorizados dos judeus modernos, dissera: "O Messias chegou para nós em 28 de fevereiro de 1790, com os direitos do homem" (*Archives Israélites*, VIII, p. 801, ano 1847).

———— ♦ ————

[20] O I∴ Andrieux, que, depois de delegado de polícia, e em seguida embaixador no Vaticano, fora delegado ao anticoncílio pelas lojas de Lião. Quando essa delegação lhe foi dada, o *Excommunié*, no seu número de 27 de novembro de 1869, anunciou-a nestes termos:

"O candidato do *Excommunié*, Louis Andrieux, foi unanimemente aclamado como delegado ao concílio de Nápoles. O programa de livre-pensamento que o cidadão Andrieux desenvolveu garante-nos sermos representados em toda a extensão e energia das nossas convicções".

[21] Existe em Leipzig uma loja inteiramente composta por judeus. Por ocasião da feira que faz vir a essa cidade uma parte dos grandes negociantes judeus e cristãos de toda a Europa, a loja judia secreta fica sempre em sessão permanente e jamais nenhum cristão foi nela recebido (*Le Juif, le judaïsme et la judaïsation des peuples chrétiens*, por Gougenout des Mousseaux, p. 343).

II

NOTAS E DOCUMENTOS RELATIVOS AOS JUDEUS

1. — A QUESTÃO JUDIA

Que papel exerce entre nós a raça judia?[150]

Essa questão obceca, no momento presente, todos os espíritos atentos ao que acontece, preocupados com o futuro do país.

"Na minha infância, diz Jules Lemaître, conhecia os judeus apenas pela literatura, e era mais tentado a lhes atribuir alguma poesia. Eu os julgava pitorescos; tinha por eles a mesma simpatia que sentia pelos *pifferari* ou pelos boêmios... Sabia que tinham sido muito perseguidos outrora, e isso me enternecia. Estava persuadido de que esse passado infeliz explicava e justificava suas faltas mais evidentes...

"A admirável *France Juive*, de Drumont, não me convenceu inteiramente. Via ali belos vislumbres, uma magnífica premonição de historiador; mas acreditava tratar-se de uma hipérbole. Naquele momento, ademais, eu tinha algumas relações judias. E quando tinha que falar sobre Israel nos meus folhetins, a propósito de uma peça de teatro ou de um romance, eu o fazia com extrema moderação e com afetação de imparcialidade. Afetação? não: eu era sincero. Tinha medo de ser injusto".

Esse estado de espírito era exatamente o da maioria dos franceses há alguns anos. Hoje é completamente diferente.

"Os judeus, é sempre o acadêmico Jules Lemaître quem fala, — não digo todos, mas a maioria, e em todo caso aqueles que vemos, que conhecemos e que fazem barulho, — são abertamente, há cerca de uma década, os cúmplices ativos ou mesmo os inspiradores e os mestres do regime político mais infame e mais ofensivo para nós; daquele regime que, simultaneamente, mais excitou e enganou os apetites, o que mais desarmou a defesa nacional e o que mais odiosamente perseguiu a Igreja de França. O espírito maçônico é, como se sabe, propriamente o espírito judeu...

"É por demais claro que, tomado na sua totalidade, o espírito judeu, que implica o ódio à Igreja, a bárbara utopia coletivista e o internacionalismo, não pode senão ser malfazejo para nós.

"Povo bizarro! Paradoxo da história! Sua pátria não mais existe há quase dois mil anos: existe não sei o que neles que os impede de adotarem sinceramente uma outra e de nela se fundirem. De maneira que eles se tornam inquietantes e incômodos para todas as pátrias".

---

[150] Os filhos de Judá e de Benjamim, envergonhados sem dúvida das manchas de que o nome judeu estava coberto, o repudiam. Entretanto, esse é o seu verdadeiro nome. A história os chamou de judeus, *Judaei*, porque o patricarca Judá, filho de Jacó, foi o pai deles, e porque eles são os dispersos do reino de Judá.

As outras tribos formaram o reino de Israel. No que deram os israelitas, quer dizer, a mistura das dez tribos e dos estrangeiros de que se compunha aquele reino? Não o sabemos.

No que diz respeito à nossa pátria em particular, Edouard Drumont não se cansa, há quinze anos, de chamar a atenção dos seus numerosos leitores para a influência dissolvente dessa raça, estranha ao nosso solo, à nossa religião, à nossa língua, às nossas tradições, e que, no entanto, tornou-se preponderante entre nós, usando o poder que deixamos nos fosse tomado para nos corromper em todos os sentidos que essa palavra pode ter, mas sobretudo no seu sentido etimológico, para romper todos os laços que nos unem e que nos ligam aos nossos ancestrais, numa palavra, para nos dissolver, e, através disso, fazer a França desaparecer do mapa-múndi num futuro não distante.

Dizendo isso, somos apenas o eco do próprio Judeu. Se há alguém que, atualmente, é um dos representantes dessa raça entre nós, e seu porta-voz, é exatamente Bernard Lazare. Ele foi a alma do caso Dreyfus, e para recompensá-lo por isso foi-lhe erguido um monumento na cidade de Nimes, com o concurso de todas as autoridades civis e militares.

Ele escreveu um livro do qual citamos diversas passagens: *L'antisémitisme, son histoire, ses causes*. Charles Maurras resumiu-o fielmente nessas linhas:

"Sou o judeu. O judeu é por definição o destruidor e o parasita. Esse destruidor, esse parasita ataca todos os povos que lhe dão boa acolhida. Ele não se cansa de desorganizá-los de todas as maneiras. Quando a cristandade lhe reabriu suas portas, no fim da Idade Média, ele fez o protestantismo. Quando o protestantismo pareceu se aquietar e se moderar, ele fez a Maçonaria. Quando o Rei de França o liberou, o judeu respondeu cortando-lhe o pescoço. A nação francesa associou-se à generosidade do rei: o judeu obstinou-se em arruinar tudo o que compõe essa nação. A Europa imitou a França. O judeu pôs-se a drenar o dinheiro da Europa e a semear entre todos os povos a revolução social. Enfim, a França acreditou desarmar a judiaria confiando-lhe sua fortuna e seu governo, seu ensino, sua magistratura, seu exército, seu comércio, e até a preocupação de diverti-la; os judeus respondem colocando sua benfeitora em liquidação, sendo essa sua função natural e fatal..."

Isto significa que devemos votar aos judeus o ódio do cristão e particularmente o do francês? Deus nos livre disso!

Fazemos nossa a declaração que Gougenot des Mousseaux colocou no início do seu livro *Le juif, le judaïsme et la judaïsation du peuple chrétien*, para prevenir qualquer falsa interpretação do seu pensamento:

"Sempre que uma qualificação especial não modificar nosso sentido, o judeu será para nós não um rebento qualquer da raça de Judá, mas o homem da ortodoxia farisaica, o fiel das selvagens e insociáveis tradições do Talmude. Nossas intenções formais são de fazer compreender sob o nome puro e simples de judeu apenas o *puro sectário do Talmude*.

"Admitimos, mesmo, e de todo coração, até nessa categoria dos puros ortodoxos, exceções tão honrosas e tão numerosas quantas a razão do leitor lhe permitir fazer".

O que hoje se chama de anti-semitismo, quer dizer, a oposição aos judeus, à sua ambição de dominar o gênero humano e aos meios que empregam para chegar a esse império universal, não nos deve fazer esquecer aquilo que eles foram nem também aquilo que, segundo as Sagradas Escrituras, eles serão um dia. Coisa que o abade Mustel expôs muito bem.

Escolhido por Deus, na origem, para uma missão magnífica, à qual, através de peripécias diversas e dramáticas, apesar da dureza de cabeça e de coração, restou fiel, o povo judeu foi, durante dois mil anos, a esperança e a honra da humanidade. Ele guardava a herança das promessas divinas, prestava testemunho ao verdadeiro Deus, no seio da idolatria pagã, conservava aqui em baixo a fé, a verdade, o culto puro e substancial do Pai que está nos Céus, a esperança e a graça preventiva do Salvador do mundo; ele recebera do próprio Deus, através do ministério dos Anjos, uma lei sem mancha, que continha em germe a perfeição que devia ser desenvolvida através do Evangelho; seus Patriarcas, seus Profetas, seus grandes Reis eram mensageiros fiéis do céu à terra; pela palavra e pelo exemplo, eles mantinham um nível e uma corrente de virtude e de religião sem a qual a corrupção e a impiedade teriam lançado todo o

gênero humano como vítima da maldição e da morte. Abraão, Isac, Jacó, José, Judá, Moisés, Davi, Salomão e tantos outros, figuravam o Messias prometido, o Verbo eterno de Deus que devia se encarnar e tornar-se realmente o descendente, o filho dessa raça, dessa família eleita para a maior glória com a qual Deus podia honrar a humanidade.

A Virgem Maria, a mais perfeita de todas as criaturas, a mais pura, a mais santa, num grau que não podemos imaginar, mais que todos os coros dos Anjos, a Imaculada Mãe de Deus ia sair do tronco de Jessé, e, voltando-se para Abraão e sua raça, para abençoar Deus por ter realizado nEla as grandes coisas que lhes havia prometido, ela saudaria, nas heroínas que tinham tido, no antigo mundo, o privilégio único e maravilhoso do seu povo, Débora, Judite, Ester, sem esquecer Sara, Rebeca, Raquel, nem Ana, mãe de Samuel, esboços já radiosos, formados, modelados, louvados, cantados e abençoados pelo próprio Espírito Santo, do tipo sublime e inefável de santidade que devia se realizar nEla e atrair do Céu o Verbo de Deus para o seu seio virginal.

Assim, quando escritores, os quais gostaríamos de poder aplaudir sem reservas, deixam-se levar pela paixão do objetivo que perseguem a ponto de lançarem o ultraje a esses nomes que a Igreja e o próprio Espírito Santo oferecem e impõem à nossa veneração, só podemos reprovar essas blasfêmias insensatas contra a própria Palavra e a Inspiração de Deus.

Até Jesus Cristo os judeus foram, em toda verdade, “o Povo de Deus”; nascendo da raça de Abraão, Jesus Cristo coroou-a e consagrou-a com a sua própria santidade, e a propôs, em virtude do laço indissolúvel pelo qual estava unido a ela, ao respeito, às bênçãos e ao reconhecimento de todas as tribos da terra e de todas as gerações humanas.

É, pois, com toda justiça, e deve ser de todo coração que cantemos com Davi: “O Altíssimo não mostrou tanta predileção por outras nações, e nem sequer lhes manifestou Seus julgamentos. *Non fecit taliter omni nationi et judicia sua non manifestavit eis*”.

Mas, o deicídio cavou entre o tempo antigo e os novos tempos um abismo que somente a misericórdia divina fechará um dia, quando a justiça tiver realizado a sua obra.

Aqui, contudo, é preciso ainda distinguir.

A verdadeira raça de Abraão, dócil e fiel ao espírito da lei, reconheceu a sua realização e recolheu piedosamente o fruto divino. Os verdadeiros e bons israelitas, cujo coração não foi viciado pela fraude, vieram Àquele que seus pais esperavam e chamavam com seus desejos. Eles saíram do templo quando o véu se rasgou; eles saíram da sinagoga quando a cátedra que ela continha, deixando de ser aquela de Moisés, tornou-se uma cátedra de pestilência, de mentira e de ódio. Os Apóstolos, os discípulos, os convertidos de Pentecostes e aqueles que, após eles, entraram no aprisco do Bom Pastor, foram a verdadeira posteridade de Abraão, o pai, não dos blasfemadores e dos malditos, mas dos crentes.

Estes, com Pedro e Paulo à frente, foram os fundamentos da Igreja, as bases da cristandade, as pedras angulares da casa de Deus que se alargava para conter o mundo inteiro. Eles são nossos pais na fé e nós descendemos deles, não pelo sangue, nem pela carne, mas pelo espírito, pela seiva de fé e de caridade que deles passou para nós, quando fomos enxertados nessa haste cuja raiz mergulha no coração do próprio Jesus. Assim, Abraão, Moisés, Davi não estão entre os judeus rebeldes, assim como não estão Pedro, Paulo, André, Marcos, João e os outros apóstolos; nem Maria e José; eles estão conosco. O Calvário separou em dois a raça judia: de um lado, os discípulos que chamaram a si e incorporaram todos os cristãos; de outro, os carrascos, sobre a cabeça dos quais, segundo seu desejo, recaiu o sangue do Justo, lançando-os numa maldição que durará tanto quanto sua rebelião.

Mas essa porção maldita, que é o povo judeu tal como ele subsiste, visível e separado de todos os outros povos, guarda, sob a maldição e a justa vingança de Deus, sua força de coesão e de resistência, flexível, elástica, mas indomável e inalterável: ele permanece tal como o deicídio e o justo castigo desse crime infinito o tornaram: a vítima imortal do ódio que o atormenta e o obstina, sem repouso nem trégua, a lutar com todas as suas forças e com todas

as armas contra o Salvador que ele crucificou, contra o gênero humano que ele abomina, mas sobretudo contra a Igreja, herdeira, às suas expensas, das bênçãos que ele recusou e desprezou.

O judeu, durante muito tempo, repudiou a lei de Moisés assim como repudiou o Evangelho. Ele guarda os Livros Santos para obedecer, apesar dele, a um desígnio misericordioso de Deus, que lhe confiou esse depósito para tornar sua autenticidade mais incontestável. Mas não é na Bíblia que ele haure sua fé e sua lei, é no *Talmude*, que podemos definir como o código do mais violento, pérfido e implacável ódio. O *Talmude* é para o Evangelho o que o inferno é para o Céu, o que Satã é para Nosso Senhor Jesus Cristo.

Há dezoito séculos esse ódio tem inspirado, dominado esse povo, o mais tenaz, o mais incompreensível dos povos. Seu ódio tomou todas as formas, dissimulou-se e infiltrou-se, com uma habilidade igual à sua constância, em todas as revoltas do espírito humano contra Deus, seu Cristo e sua Igreja. O judaísmo introduziu-se, no início, na própria Igreja, para levar a agitação, a divisão e a heresia. Essa foi a obra de Simão, o Mago, dos gnósticos, de Manés e dos seus aderentes ou êmulos. Mais tarde o judeu favorece, quando não inspira, todas as heresias; quanto mais estudamos de perto sua ação, mas o vemos misturado a toda resistência contra o Espírito de Deus.

Na Idade Média o judeu trai os cristãos em proveito dos maometanos, que, não obstante, o desprezam e o maltratam, na Espanha como no Oriente; ele está com os albigenses, contra os católicos, como estará com os protestantes, como ele está com os livres-pensadores, os jacobinos, os socialistas e os franco-maçons; como ele está hoje com os niilistas na Rússia. Ele está, como o abutre, em todos os campos de batalha, não para lutar, mas para se fartar com a carnificina.

No entanto, a Igreja sempre protegeu o judeu contra as indignações legítimas, mas excessiva, dos povos que ele explorou, enganou ou traiu. Ela conhecia tudo o que ele trama incessantemente contra a fé e contra os fiéis. O judeu cabalista, o judeu da magia negra era-lhe conhecido como o judeu usurário, espião ou traidor. Mas ela não esqueceu a antiga glória, ela espera a conversão prometida desse povo, no qual ela honra, apesar de tudo, os fragmentos daquilo que foi a nação escolhida, o povo de Deus.

Entretanto, ela é uma mãe prudente, e a regra que inspirava sua conduta e sua legislação relativamente aos judeus era esta: é preciso deixar-lhes a vida e a segurança, mas é preciso impedir-lhes que assumam algum império sobre os cristãos.

Se essa legislação, tão sábia, não tivesse sido repudiada pelos governos modernos, a questão judia não existiria; a questão social não teria nascido ou seria fácil de resolver, e não teria havido Dreyfus, nem Ullmo, nem Marix, nem Dupont etc., etc.

Apesar de suas traições e de todos os seus defeitos, todo bom cristão deve ter pelos judeus algum coisa dos sentimentos que estavam no coração de São Paulo e que ele assim exprimia:

"Digo a verdade em Jesus Cristo, não minto, a minha consciência me dá testemunho pelo Espírito Santo: sinto grande pesar, incessante amargura no coração! Porque eu mesmo desejaria ser reprovado, separado de Cristo, por amor de meus irmãos, que são do mesmo sangue que eu, segundo a carne. Eles são os israelitas: a eles foram dadas a adoção, a glória, as alianças, a Lei, o culto, as promessas, e os patriarcas; deles descende Cristo, segundo a carne, o qual é sobre todas as coisas, Deus bendito para sempre... Irmãos, o desejo do meu coração e a súplica que dirijo a Deus por eles são para que se salvem" (Romanos, IX-X).

2. — A LEI DOS JUDEUS DESDE A DISPERSÃO

Desde Cristo até nossos dias, é no Talmude e não na lei de Moisés que o judeu haure a única e verdadeira ortodoxia jurídica.

Um autor israelita bem conhecido (Singer) disse com toda razão: *"Aqueles que se vangloriam, em razão da Bíblia, de nos conhecerem, estão em completo erro".*

"São os obras que compõem o imenso edifício da legislação talmúdica que regulamentam a vida religiosa do judeus, desde a primeira respiração até o último suspiro".

É, pois, grandemente errado que se considere o Antigo Testamento como sendo o código religioso dos judeus atuais: "Esse código é o Talmude, que, como observou Chiarini, só é próprio para fazê-los perder o bom senso e a *corromper-lhes o coração em nome do Eterno*" (Mons. Meslin, *Les Lieux Saints*, t. III, p. 549).

"O Talmude, disse por seu turno o grande rabino Trenel, diretor do seminário rabínico, teve em todos os tempos detratores violentos e apologistas apaixonados. Durante dois mil anos ele foi *e ainda é* um objeto de veneração dos israelitas, *para os quais ele é o código religioso*".[151]

Que é, pois, o Talmude? O Talmude é uma coletânea, iniciada cerca de 150 anos após a morte de Nosso Senhor Jesus Cristo, por um rabino chamado Judá, continuada por outros rabinos, e terminada somente no fim do século V. Eis, segundo um sábio rabino judeu, convertido ao catolicismo, Drach, o que devemos pensar a respeito:

"Nós que, por estado, ensinamos durante muito tempo o Talmude e explicamos sua doutrina, após termos seguido um curso especial durante longos anos com os doutores israelitas mais renomados deste século..., nós falaremos dele com conhecimento de causa e imparcialidade...; diremos o que o recomenda e o que o condena... Talmude é um termo hebreu-rabínico que significa *doutrina*, estudo. Ele designa mais particularmente o grande corpo de doutrina dos judeus, no qual trabalharam sucessivamente e em diferentes épocas os mais acreditados doutores de Israel. *É o código completo, civil e religioso, da sinagoga*. Seu objeto é explicar a lei de Moisés, *conforme ao espírito da tradição verbal...*

"Se o leitor judicioso do Talmude tem *freqüentemente* oportunidade de se afligir com as *estranhas aberrações* nas quais pode cair o espírito humano privado da verdadeira fé; se mais de uma vez as *torpezas do cinismo rabínico* obrigam o pudor a esconder sua face; se a Igreja está revoltada com as atrozes e insensatas calúnias que o ódio ímpio dos fariseus ali espalha sobre todos os objetos da sua veneração religiosa, o teólogo cristão recolhe no Talmude informações e tradições preciosas para a explicação de mais de um texto obscuro do Antigo Testamento, e para convencer seus adversários religiosos acerca assim da antiguidade como da santidade dos dogmas católicos".

Existem duas redações do Talmude; a de Jerusalém e a da Babilônia, composta para reformar os defeitos da primeira.

"O Talmude da Babilônia — diz Achille Laurent, um dos membros da sociedade oriental que mais aprofundou nestes últimos tempos a questão judaica — é o único a ser seguido. Ele forma uma coleção que não tem menos de doze volumes *in-folio*. É o código religioso dos judeus modernos, bem diferente daquele dos antigos judeus. É aí que estão encerradas todas as crenças; e quando se tem a coragem de percorrer essa imensa coletânea, encontram-se *as causas sempre ativas dos povos contra os restos dispersos de Israel*... É desse comentário que se derivaram as quimeras da cabala, os perigosos erros da magia, a invocação dos bons e dos maus espíritos, um enorme amontoado de erros morais e uma teologia emprestada da Caldéia e da Pérsia... O comentário destrói a lei pelos *princípios de ódio que contém contra todos os homens que não fazem parte daquilo que ele chama de povo de Deus*".[152]

Foi dessa maneira que o Talmud se tornou o provocador supremo dos mais anti-sociais costumes e o inspirador de um ódio furioso contra os cristãos. Drach nos ensina que, depois que o conhecimento da língua hebraica se espalhou na Europa, os impressores judeus tomaram a precaução de suprimir as passagens que contêm horrores e recomendações

---

[151] *Univers Israélite*, agosto de 1866, XII, p. 568-570.
[152] Laurent, *Relations des affaires de Syrie*, etc., t. II, p. 352-353.

detestáveis contra os cristãos e o cristianismo, deixando lacunas nesses lugares, e, para remediar essas lacunas, os rabinos ensinam verbalmente o que elas indicam. Algumas vezes também eles restabelecem tais supressões à mão nos seus exemplares. "Isso aconteceu, diz ele, no exemplar do Talmude que possuo".

O Talmude tem sobretudo a finalidade de inculcar nos judeus essa fé de que eles compõem uma raça superior, destinada a dominar sobre todo o universo e a dar-lhes os meios para chegarem a essa dominação.

"Os políticos sensatos, escrevia Mercier no ano de 1786,[153] não souberam prever as desagradáveis conseqüências que poderia ter a súbita explosão de um povo numeroso e inflexível nas suas opiniões, cujas idéias, contrastando fortemente com as dos outros povos, tornavam cruéis e fanáticas a sua lei e as promessas pomposas que remontavam à origem do mundo, porque a Terra lhes pertencia e os outros povos não eram, aos olhos deles, senão usurpadores.

"Os judeus, considerando-se um povo anterior aos cristãos e criado para subjugá-los, reuniram-se sob um chefe ao qual repentinamente atribuíram todo o maravilhoso criado para desestabilizar as imaginações e dispô-las às maiores e mais extraordinárias resoluções.

"Eles compunham então na Europa uma multidão esparsa que podia subir a 12 milhões de indivíduos, e os judeus espalhados no Oriente, na África, na China e mesmo nas partes interiores da América, acorrendo ou enviando socorros, a primeira invasão foi violenta. Seria preciso reparar a invigilância política dos séculos precedentes e nós teríamos necessidade de sabedoria, constância e firmeza para decompor esse fanatismo ardente, para apaziguar essa fermentação perigosa, e reduzir os judeus daí para a frente a ganharem sua vida numa absoluta tranqüilidade!..."

Essa fermentação, essa explosão do poder judeu, pressentida por Mercier em 1786, nós a vemos em plena atividade.

Faz um século, com a ajuda da Revolução, os judeus puseram-se a perseguir, com novo ardor, o ideal da sua raça, e a dominar, para tanto, todas as forças vivas dos povos que tiveram a imprudência de admiti-los no seu seio em pé de igualdade, usando, relativamente a eles, a moral cristã, ao passo que os judeus não conhecem senão a moral talmúdica.

Foi assim que chegaram a nos dominar na França, ou melhor, a nos tiranizar do ponto de vista da política e do governo, dos bancos e das finanças, da indústria e do comércio, da imprensa e da opinião pública.

Gougenot des Mousseaux expõe nestes termos os frutos produzidos pelo Talmude na alma judia e na raça de Israel:

"A lei religiosa do judeu da franca ortodoxia é uma lei de exclusão e de ódio; mas ele não fugirá de vós, porque ele vive de vós. O olho dele vos absorve e seus raios vos devoram. O roubo, a usura, a espoliação constituem direitos religiosos dele sobre os cristãos; porque o não-judeu não passa aos olhos dele de um simples bruto inábil a ser possuído; e para o judeu, a propriedade que esse bruto detém é roubo. Nenhuma lei lhe impõe o respeito pelos bens, nenhuma o respeito pela vida desse infiel. Quer o acolhais, quer o repudieis, considerai bem de tê-lo sempre como vizinho: mas quer o persigais, quer ele ceda ao peso dos vossos benefícios, jamais o tereis como próximo; jamais ele vos considerará seu semelhante".

Numa palavra, a doutrina anti-social do talmudisante é a morte da civilização cristã.

Auguste Rohling, professor da Universidade de Praga, aprendeu o hebreu para poder traduzir o Talmude. Eis alguns excertos do seu trabalho.[154]

---

[153] Sébastien Mercier, autor do livro *L'an 2440*, do qual falamos acima, teve uma surpreendente intuição do que se tornaria o poder judeu, ao qual a Revolução iria dar impulso.

[154] *Le Juif selon le Talmud*, por Rohling, edição francesa de Pontiguy, do editor Savaète.

1° As almas dos judeus têm o privilégio de serem uma parte do próprio Deus. As almas dos outros povos da terra vêm do diabo e são semelhantes às dos brutos.

4° A dominação sobre os outros povos deve ser partilha unicamente dos judeus.

5° Esperando a vinda do Messias, os judeus vivem em estado de guerra contínua com todos os outros povos.

Quando a vitória for definitiva, os povos aceitarão a fé judaica, mas os cristãos serão os únicos a não participarem dessa graça; ao contrário, serão inteiramente exterminados, porque descendem do diabo.

Um judeu é da substância de Deus; e um não-judeu que fere um judeu merece a morte.

8° Somente os judeus são homens, as outras nações não passam de variedades de animais. O cão vale mais do que o não-judeu. Os não-judeus são não somente cães, mas asnos. As almas dos não-judeus vêm do espírito impuro, e as almas de Israel vêm do espírito de Deus.

9° Os não-judeus foram criados apenas para servir os judeus noite e dia, sem se desviarem do seu serviço.

10° É proibido ao judeu louvar a ciência ou a virtude de um cristão.[155]

11° Não é justo usar a misericórdia relativamente aos inimigos.

12° O homem (o judeu) deve em todo o tempo ser astucioso.

13° O judeu pode dizer ao não-judeu que o ama, se julga necessário ou tem medo.

14° O judeu pode ser hipócrita com o não-judeu.

15° Os filhos de Abraão são os judeus; os filhos de Noé são os não-judeus.

16° Deus deu todo poder aos judeus sobre os bens e o sangue de todos os povos.

17° Um não-judeu que rouba um judeu, seja ainda menos que um óbolo, deve ser morto. Ao contrário, é permitido a um judeu fazer mal a um não-judeu. Despojar um pagão é coisa permitida.

18° Se a vinha pertence a um estrangeiro, traga-me as uvas; se ela é de um judeu, não a toque. O dinheiro do não-judeu é um bem sem dono, de sorte que o judeu tem o direito de tomá-lo. O bem dos cristãos é para o judeu como um bem abandonado, como a areia da praia; o primeiro que se apodera é o verdadeiro possuidor.

19° Tu podes enganar um estrangeiro e exercer a usura contra ele.

20° Quando, num país em que os judeus governam, um judeu tem um processo com um não-judeu, faz teu irmão ganhar e diz ao estrangeiro: "Assim o quer a nossa lei". Nos países em que as leis dos povos são favoráveis aos judeus, faz ainda ganhar teu irmão e diz ao estrangeiro: "Assim o quer a nossa lei". Se os judeus não são os senhores do país ou se eles não têm a lei a seu favor, então é preciso enredar os estrangeiros por meio de intrigas, até que o judeu ganhe.

21° Se alguém devolve a um cristão o que ele perdeu, Deus não o perdoará. É proibido devolver a um *goim* o que ele perdeu. Aquele que devolve ao não-judeu aquilo que ele perdeu comete um pecado. Aquele que ama um cristão odeia seu próprio criador.

22° Deus ordenou-nos que exercêssemos a usura relativamente ao não-judeu, de maneira que não lhe prestemos assistência, mas, ao contrário, façamos-lhe o mal.[156]

23° Extermina o melhor dentre os não-judeus. Tira a vida ao mais honesto dos idólatras.

24° Se um pagão cai num fosso, recobre-se o fosso com pedra e devem-se tornar vãos todos os meios que ele possa empregar para dali sair. Quando o virmos cair num rio ou em perigo de morte, não devemos salvá-lo. Mamônidas ensina que se deve ferir de morte todo não-judeu quando se tem esse poder. É justo exterminar todo herético; aquele que espalha o

[155] Os judeus observam rigorosamente esse preceito do Talmude; a pena manejada por um judeu só tem louvado palavras e escritos dos judeus.

[156] É preciso ler todo o capítulo sobre a usura para ver como os judeus adestram seus filhos para ela.

sangue dos ímpios oferece um sacrifício a Deus. (Sob o nome de *ímpio* compreende-se Jesus e seus partidários). Aqueles que negam os ensinamentos de Israel, particularmente os adeptos do Nazareno, devem ser mortos, e é sempre uma boa obra executá-los: se não se puder, *deve-se esforçar-se por ocasionar a sua morte*. Mas aquele que mata uma alma de Israel será julgado como se tivesse matado o mundo todo. Se um judeu pode enganar os não-judeus e fazer-lhes crer que ele mesmo é um não-judeu, isto lhe é permitido etc., etc.[157]

Por respeito aos nossos leitores nós nos abstemos de reproduzir aquilo que o Talmude ensina, aconselha, prescreve aos judeus relativamente ao sexto mandamento da Lei de Deus. Os que desejarem conhecer o Talmude mais de perto podem ler na obra de Gougenot des Mousseaux o capítulo IV e o capítulo V, com suas cinco divisões.

Semelhante código foi e devia ser a fonte da degradação do povo judeu e também do ódio e do desprezo com que os outros povos o atormentaram.

O homem age em todas as coisas segundo a sua crença. Aquilo em que ele crê com sinceridade passa, dia a dia, e freqüentemente sem que o perceba, para os seus atos. A fé de um crente é a razão dos seus costumes e a fonte da sua moral. Entre os judeus, para os quais, durante uma longa seqüência de séculos, a fé e a lei foram uma só e mesma coisa, entre esse povo que só vivia para a sua religião, o Talmude foi o supremo estimulante dos mais anti-sociais costumes.

3. — CARTA DE SIMONINI A BARRUEL

Entre os papéis deixados por Barruel encontra-se a cópia por ele feita de uma carta que lhe foi endereçada de Florença no dia 5 de agosto de 1806 e recebida no dia 20 em Paris. O original, como veremos, foi enviado ao Papa Pio VII. Outras cópias autênticas foram feitas e endereçadas a vários bispos. Um correspondente da *Vérité* encontrou uma delas, faz vinte anos, nos arquivos de um bispado e remeteu cópia dela à redação no dia 2 de outubro de 1893.

O bispo dessa diocese comunicara esse documento, em 1822, a um célebre convertido, e havia escrito em cima: “N. — Não é necessário devolver-me esta cópia, que X me pediu lhe transmitisse”.

Aquele a quem esta comunicação fora feita, devolveu o documento ao bispo, em 9 de maio de 1822, com uma carta, cujo original se encontra nos mesmos arquivos e na qual lêem-se as seguintes linhas: “Tenho a honra de devolver a Vossa Grandeza os papéis que quisestes transmitir-me da parte de X. A carta de Florença, relativa aos judeus, eu já a conhecia; o marquês de Montmorency ma havia mostrado em Paris...”

A *Civiltà Cattolica* publicou-a na edição de 21 de outubro de 1881, e diz que *o original da carta de Simonini, assim como a carta de remessa de Barruel ao Papa, encontram-se nos arquivos do Vaticano*.

---

[157] O doutor Rohling ofereceu 10.000 francos a quem demonstrasse que as teses incriminadas não se encontravam no Talmude; até agora nenhum judeu aceitou o desafio. O jornal *Mercure de Westphalie*, que dera a público essas doutrinas numa brochura intitulada *Le Miroir des Juifs [O Espelho dos Judeus]* foi absolvido por julgamento de 10 de dezembro de 1883. Diversos outros jornais, perseguidos na Alemanha como os principais atacantes dos judeus, foram absolvidos. Num desses processos, um rabino judeu declarou que a doutrina do Talmude unia todos os judeus.

Em 1888, a valente folha católica *Luxembourg Wort*, redigida por Welter, publicou uma série de artigos estabelecendo que a oposição que os judeus encontraram em todos os países e em todos os tempos vem sobretudo do Talmude. O rabino de Luxemburgo, Blumenstem, encaminhou uma queixa ao procurador do Estado e o caso teve seguimento perante o tribunal correcional de Luxemburgo. O defensor observou que nos últimos anos mais de três centenas de obras tinham sido publicadas sobre a questão judia, e que o resultado dessa discussão não tinha sido favorável aos judeus; que a maioria dos autores havia declarado que as afrontas dirigidas contra os judeus tinham base no Talmude; e que se concordaria em reconhecer que a moral do Talmude é perigosa para a sociedade e que ela legitima a campanha anti-semita.

Eis o documento:

"J. † M. Florença, 5 de agosto de 1806.

Senhor, faz pouco tempo que, fortuitamente, fiquei muito feliz por ter conhecido vossa excelente obra intitulada *Mémoires des Jacobins*. Eu a li, ou melhor, a devorei com um prazer indizível, e dela retirei as maiores vantagens e as maiores luzes para a minha pobre conduta, tanto mais quanto nela encontrei exatamente pintada uma infinidade de coisas das quais fui, no curso da minha vida, testemunha ocular, sem, no entanto, compreendê-las bem. Recebei, pois, Senhor, de um militar ignorante, como sou, as mais sinceras felicitações pela vossa obra, que se pode a justo título chamar de a obra por excelência do último século. Ó! como bem desmascarastes essas seitas infames, que preparam os caminhos do Anticristo, e são inimigas implacáveis não somente da religião cristã, mas de todo culto, de toda sociedade, de toda ordem. Há uma, entretanto, da qual falastes apenas ligeiramente. Talvez o tenhais feito expressamente, porque ela é a mais conhecida, e, por conseguinte, a que menos se deve temer. Mas, segundo penso, é hoje o poder mais formidável, se se consideram suas grandes riquezas e a proteção de que ela goza em quase todos os Estados da Europa. Compreendeis, bem, Senhor, que falo da seita judaica. Em tudo ela parece inimiga e separada das outras seitas; mas realmente não o é. Com efeito, basta que uma destas se mostre inimiga do nome cristão para que ela a favoreça, a suborne e a proteja. E não a vimos, e não a vemos ainda prodigalizar seu ouro e seu dinheiro para sustentar e favorecer os modernos sofistas, os franco-maçons, os jacobinos, os iluminados? Os judeus, pois, com todos os outros sectários, formam uma só facção, para aniquilar, se for possível, o nome cristão. E não creais, senhor, que tudo isso seja exagero de minha parte. Nada adianto que não me tenha sido dito pelos próprios judeus, e eis como: enquanto o Piemonte, onde nasci, estava em revolução, tive oportunidade de freqüentar casas de judeus e de tratar confidencialmente com eles. Eles, no entanto, foram os primeiros a me procurarem, e eu, como não era então escrupuloso, fingi ligar-me a eles por estreita amizade, e cheguei a dizer-lhes, rogando-lhes o mais rigoroso segredo, que tinha nascido em Livourne, de uma família de hebreus, mas que, menino ainda, tinha sido educado não sei por quem; que não sabia mesmo se tinha sido batizado, e que, embora exteriormente vivesse e agisse como os católicos, no meu interior pensava como os da minha nação, pela qual havia sempre conservado um terno e secreto amor. Então eles me fizeram as maiores ofertas e me concederam toda a confiança; prometeram-me fazer-me general se eu quisesse entrar na seita dos franco-maçons; mostraram-me quantidades de ouro e de dinheiro, que distribuíam, disseram, para aqueles que abraçavam o partido deles, e quiseram presentear-me a todo custo com três armas decoradas com os signos da franco-maçonaria, que aceitei para não os desgostar, e para incitá-los a cada vez mais me contarem seus segredos. Eis, pois, aquilo que os principais e os mais ricos judeus me disseram em diversas circunstâncias:

"1° Que Manés e o infame velho da montanha tinham saído da nação deles; — 2° que os franco-maçons e os iluminados tinham sido fundados por dois judeus, cujos nomes me disseram, mas que por desgraça me escaparam da memória; — 3° que, numa palavra, deles tinham origem todas as seitas anti-cristãs, que eram no momento tão numerosas no mundo a ponto de chegarem a vários milhões de pessoas de todo sexo, estado, nível e condição; — 4° que, só na nossa Itália, eles tinham como partidários mais de 800 eclesiásticos, tanto seculares quanto regulares, entre os quais muitos curas, professores públicos, prelados, alguns bispos e alguns cardeais, e que, dentro em pouco, não perdiam a esperança de ter um Papa a favor deles; (supondo-se que seja um cismático, a coisa torna-se possível); — 5° que, semelhantemente, na Espanha eles tinham grande número de partidários, mesmo no Clero, apesar de que, nesse Reino, ainda estivesse em vigor a maldita Inquisição; — 6° que a família dos Bourbons era sua maior inimiga; que, dentro de alguns anos, eles esperavam aniquilá-la; —

7° que para melhor enganar os cristãos, viajavam e passavam de um país a outro com certificados falsos de batismo, que compravam de certos curas avaros e corrompidos; — 8° que esperavam, à força do dinheiro e de cabalas, obter de todos os governos um estado civil, como já aconteceu em diversos países; — 9° que, possuindo os direitos de cidadãos como os outros, eles comprariam casas e terras, tantas quanto pudessem, e que, através da usura, conseguiriam bem depressa despojar os cristãos dos seus bens e tesouros. Isso começa a se verificar na Toscana, onde os judeus exercem impunemente a mais exorbitante usura, e fazem imensas e contínuas aquisições, tanto na zona rural como nas cidades; — 10° que, por conseguinte, eles prometiam, em menos de um século, ser os donos do mundo, abolir todas as outras seitas, fazer reinar a deles, e fazer das igrejas dos cristãos outras tantas sinagogas, e reduzir o restante destes a uma verdadeira escravidão.

"Eis, senhor, os pérfidos projetos da nação judia, que ouvi com os meus próprios ouvidos. Sem dúvida, é impossível que possam realizá-los todos, porque são contrários às promessas infalíveis de Jesus Cristo à sua Igreja, e às diversas profecias que anunciam claramente que esse povo, ingrato e obstinado, deve permanecer errante e vagabundo, no desprezo e na escravidão, até que conheça o verdadeiro Messias, que crucificou, e faça, nos últimos tempos, a consolação da Igreja, abraçando a fé. Entretanto, eles podem fazer muito mal se os governos continuarem a favorecê-los, como têm feito há muitos anos. Seria, pois, muito de desejar que uma pena enérgica como a vossa abrisse os olhos aos sobreditos governos, e os instruísse a fazer retornar esse povo à abjeção que lhe é devida, e na qual nossos pais, mais políticos e mais judiciosos do que nós, tiveram sempre o cuidado de mantê-los. É a isto, senhor, que particularmente vos convido, no meu nome particular, rogando-vos que perdoeis a um italiano, a um militar, os erros (de gramática) que encontrardes nesta carta. Eu vos desejo, da mão de Deus, a mais ampla recompensa pelos escritos luminosos com os quais tendes enriquecido a Igreja, e que Ele inspire para vós, de quem os ler, a mais alta estima e o mais profundo respeito, nos quais tenho a honra de ser, senhor, vosso muito humilde e obediente servidor.

Jean-Baptiste SIMONINI".

"*P.S.* — Se neste país eu puder vos servir em alguma coisa, e se tiverdes necessidade de novas luzes sobre o conteúdo da presente, fazei-mo saber, e vos obedecerei".

Notas acrescentadas por Barruel à cópia dessa carta:

N.B. 1 — Refletindo a respeito, o objeto dessa carta pareceria inacreditável, e quanto, ao menos, em sã crítica, ele exigiria provas impossíveis de obter! Eu me abstive de publicar algo semelhante. No entanto, acreditei dever comunicá-la ao cardeal Fesch, a fim de que dela fizesse uso, junto ao Imperador, conforme melhor lhe aprouvesse. Fiz o mesmo relativamente a Desmaretz, para que dela falasse ao chefe de polícia, se julgasse útil.

Creio ter melhor agido nada publicando de semelhante.

Era meu intuito, ao colocar aquelas pessoas a par desta carta, impedir o efeito que pudesse ter o Sinédrio convocado em Paris pelo Imperador. Ela produziu tanta impressão em Desmaretz que ele se encontrava então ocupado em pesquisas sobre a conduta dos judeus, os quais, disse-me ele, eram bem piores na Alsácia do que na Toscana. Ele quisera guardar o original; eu o recusei, reservando-me para enviá-lo ao Papa, como fiz, rogando-lhe que levasse a Simonini as informações convenientes, para saber o grau de confiança que sua carta merecia. Alguns meses mais tarde, Sua Santidade fez-me escrever através do abade Tetta, seu secretário, que tudo anunciava a veracidade e a probidade daquele que me mostrara tudo aquilo de que dizia ter sido testemunha. Depois disso, não me permitindo as circunstâncias entrar em contato com Simonini, julguei dever guardar sobre o objeto da sua carta profundo silêncio, bem certo de que, se não acreditassem em mim, melhor valia nada ter dito.

N.B. 2 — À chegada do rei, encaminhei-lhe uma cópia da carta.

Para conceber esse ódio dos judeus contra os reis de França, é preciso remontar até Filipe o Belo, que, no ano de 1306, tinha expulsado da França todos os judeus e se apoderou de todos os seus bens. Daí, como conseqüência, causa comum com os Templários. — Origem do grau de Kadoc.

N.B. 3 — Soube, através de um franco-maçom iniciado nos grandes mistérios da seita, que nela havia muitos judeus, sobretudo nos altos graus.

Já não se realizou tudo o que está demonstrado nessa carta escrita nos primeiros dias do século XIX e não está tudo isso sob os nossos olhos no início do século XX?

Quem dirá em que medida as riquezas dos judeus aumentaram e qual a influência que eles exercem hoje em todos os Estados da Europa?

Ademais, não é também evidente que eles protegem, favorecem e subornam tudo quanto é inimigo do nome cristão?

O estado civil que lhes permite pertencer simultaneamente a duas nacionalidades, à deles e àquela na qual entraram, eles o obtiveram sucessivamente de todos os governos que acolheram no seu seio os princípios de 89.

Vemos muito bem o uso que eles fazem dessa situação. Eles se propuseram e conseguiram: despojar aqueles que tão benevolamente lhes abriram os braços.

E como eles predisseram, EM MENOS DE UM SÉCULO eles se tornaram nossos senhores: eles entrevêem o dia em que serão os senhores do mundo.

Como eles queriam, a família dos Bourbons foi expulsa de todos os Estados em que reinava.

Na ordem religiosa, não obtiveram tudo o que desejavam. Mas que não fizeram eles?

Enfim, não é sinistramente interessante comparar o que está dito neste documento: "Eles não desanimam de, dentro em pouco, ter um papa do partido deles", com aquilo para o que a Grande Loja foi principalmente constituída, cerca de vinte e cinco anos antes da remessa dessa carta? Que se releiam acima os escritos de Núbius e dos outros conjurados.

4. — DISCURSO-PROGRAMA DE UM RABINO

A Revista intitulada *Le Contemporain*, editada em Paris, publicou no tomo XXII da 3ª série, edições de julho, agosto, setembro, outubro e novembro do ano de 1881, um estudo em vinte capítulos, assinado por Wolski, sobre a vida íntima e secreta dos judeus, particularmente na Rússia.

Esse estudo baseia-se principalmente num livro publicado em língua russa, em Vilna, em 1870, por um judeu convertido, Brafmann: *Livre sur le Kahal*. Essa publicação desagradou soberanamente os judeus, que compraram, para queimá-los ou escondê-los, todos os exemplares dos quais puderam se apoderar. Wolski diz possuir um, e nos vinte capítulos traduz as partes mais importantes.

O *Kahal*, que é o governo administrativo dos judeus, e o seu tribunal judiciário, que se chama *Bec-Dinc*, são as duas autoridades às quais os judeus se submetem e cujas prescrições executam cegamente. O *Livre sur le Kahal* contém mais de mil normas do Kahal, bem assim atos, notícias, cartas etc. Todos esses documentos levantam o véu que encobre a organização interior da sociedade judia, os meios secretos, os caminhos enviesados pelos quais os judeus, que antigamente não eram admitidos ao gozo dos direitos civis, conseguiram, na maioria dos países da Europa, suplantar, nos negócios, o elemento estrangeiro, acumular grandes capitais, hipotecar, em benefício deles, as propriedades imobiliárias, tornar-se donos do comércio e da indústria, e, enfim, apoderar-se da posição influente, dominadora, que ocupam na Europa e no mundo inteiro.

Todas as ordenações do Kahal, publicadas por Brafmann no seu livro, datam de 1794 a 1833. "Sua autenticidade, diz ele, é confirmada pela antiguidade do papel em que foram escritas, pela uniformidade da escrita do notário que as redigiu, pelas marcas d'água do papel,

que mostram as letras B.O.F.E.B. ; enfim, pelas assinaturas que são exatamente idênticas em documentos de diferentes datas".

Wolski, no estudo publicado no *Le Contemporain*, oferece, desses documentos, apenas aqueles que importam ao objetivo que ele se propunha no estudo. Ele os precede de um excerto tirado de uma obra inglesa publicada por *sir* John Readlif sob este título: *Compte-rendu des événements politico-historiques survenus dans les dix dernières années.* [Relatório dos acontecimentos político-históricos ocorridos nos últimos dez anos].

O documento extraído desse livro, e que publicamos abaixo,[158] consiste num discurso pronunciado por volta da metade do século XIX, por um grande rabino, numa reunião secreta. Não existe melhor prova da perseverança com a qual o povo judeu persegue, desde tempo imemorial e através de todos os meios possíveis, a idéia e a arte de reinar sobre toda a terra.

Em 1806, Bonald lembrava a palavra do célebre Herder, que fazia esta predição no seu *Adrastée*: "Os filhos de Israel, que formam por toda a parte um Estado dentro do Estado, conseguirão, através da sua conduta sistemática e raciocinada, reduzir os cristãos a seus escravos. Que ninguém se engane, a dominação dos judeus será dura como a de todo povo dominado durante muito tempo que se encontra no nível dos seus antigos senhores".

O discurso acima pode ser considerado como o comentário dessas palavras.

"Nossos pais legaram aos eleitos de Israel o dever de se reunir, um vez a cada século, ao redor da tumba do grande-mestre Caleb, santo rabino Simão-Ben-Judá, cuja ciência libera aos eleitos de cada geração o poder sobre toda a terra e a autoridade sobre todos os descendentes de Israel.

"Eis já dezoito séculos que dura a guerra de Israel contra esse poder que tinha sido prometido a Abraão, mas que tem sido arrebatado pela cruz. Pisoteado, humilhado por seus inimigos, sempre sob a ameaça da morte, da perseguição, de raptos e violações de toda espécie, o povo de Israel não sucumbiu, e se se dispersou por toda a terra é porque toda a terra deve pertencer-lhe.

"Há vários séculos nossos sábios lutam contra a cruz corajosamente e com uma perseverança que nada pode abater. Nosso povo se ergue gradualmente e seu poder cresce a cada dia. A nós pertence esse Deus do dia que Aarão ergueu para nós no deserto, esse bezerro de ouro, essa divindade universal da época.

"Assim, pois, que nós nos tornarmos os únicos possuidores de todo o ouro da terra, o verdadeiro poder passará para as nossas mãos, e então se cumprirão as promessas que foram feitas a Abraão.

"O ouro, o maior poder da terra, o ouro que é a força, a recompensa, o instrumento de todo poder, esse tudo que o homem teme e deseja, eis o único mistério, a ciência mais profunda sobre o espírito que rege o mundo. Eis aí o futuro.

"Dezoito séculos pertenceram aos nossos inimigos: o século atual e os séculos futuros devem pertencer-nos, a nós, povo de Israel, e seguramente nos pertencerão.

"Eis a décima vez, depois de mil anos de luta atroz e incessante com nossos inimigos, que se reúnem no cemitério, ao redor da tumba do nosso grande-mestre Caleb, santo rabino Simeão-Ben-Judá, os eleitos de cada geração do povo de Israel, a fim de estabelecer os meios de obter vantagem, para a nossa causa, das grandes faltas e pecados que não cessam de cometer nossos inimigos, os cristãos.

"Em cada oportunidade o novo sinédrio proclamou e pregou a luta sem perdão contra seus inimigos; mas, em nenhum dos séculos precedentes nossos ancestrais tinham conseguido concentrar tanto ouro em nossas mãos, e por conseguinte tanto poder, quanto o século dezenove nos forneceu. Podemos, pois, nos vangloriar, sem ilusão temerária, de que logo atingiremos nosso objetivo, e lançar um olhar de certeza em direção ao nosso porvir.

[158] Esse documento, publicado em Londres, foi reproduzido na *Terre Sainte*.

“As perseguições e as humilhações, esses tempos sombrios e dolorosos que o povo de Israel suportou com uma paciência heróica, muito felizmente passaram para nós, graças ao progresso da civilização entre os cristãos, e esse progresso é o melhor escudo atrás do qual poderíamos nos abrigar e agir para vencer, a passo rápido e firme, o espaço que nos separa do nosso supremo fim.

“Apenas, lancemos os olhos sobre o estado material da época e analisemos os recursos que os israelitas procuraram desde o começo do atual século, através do fato único da concentração nas suas mãos dos imensos capitais de que dispõem neste momento. Assim, em Paris, Londres, Viena, Berlim, Amsterdã, Hamburgo, Roma, Nápoles etc., e junto a todos os Rotschild, por toda a parte os israelitas são senhores da situação financeira, mediante a posse de vários bilhões, sem contar que em cada localidade de segunda e de terceira ordem são ainda eles os detentores dos fundos em circulação, e que, por toda a parte, sem os filhos de Israel, sem sua influência imediata, nenhuma operação financeira, nenhum trabalho importante poderia ser executado.

“Hoje, todos os imperadores, reis e príncipes reinantes estão sobrecarregados de dívidas contraídas para a manutenção de exércitos numerosos e permanentes, a fim de sustentar seus tronos cambaleantes. A Bolsa cota e regula essa dívidas, e somos em grande parte senhores da Bolsa em todas as praças. É caso, pois, de facilitarmos ainda e cada vez mais os empréstimos que nos são pedidos, a fim de nos tornarmos os reguladores de todos os valores, e tanto quanto for possível, explorar, em penhor dos capitais que fornecemos ao país, suas linhas de ferro, minas, florestas, grandes siderúrgicas e fábricas, assim como outros imóveis, até mesmo a administração dos impostos.

“A agricultura sempre será a grande riqueza de cada país. A posse das grandes propriedades valerá sempre honras e grande influência aos seus titulares. Daí segue que nossos esforços devem também tender no sentido de que nossos irmãos de Israel façam importantes aquisições territoriais. Devemos, pois, tanto quanto possível, levar ao fracionamento essas grandes propriedades, a fim de nos permitir sua aquisição mais pronta e mais fácil.

“Sob o pretexto de ir em ajuda das classes trabalhadoras, é preciso fazer com que os grandes possuidores de terras suportem todo o peso dos impostos, e quando as propriedades tiveram passado para as nossas mãos, todo o trabalho dos proletários cristãos se tornará para nós fonte de imensos lucros.

“A pobreza é a escravidão, disse um poeta; o proletariado é o humílimo servidor da especulação, mas a opressão e a influência são os humílimos servidores do espírito que inspira e estimula a intriga; e quem poderia recusar aos filhos de Israel o espírito, a prudência e a perspicácia?

“Nosso povo é ambicioso, orgulhoso, ávido de prazeres. Onde existe luz existe também sombra e não é sem razão que *nosso Deus deu a seu povo escolhido* a vitalidade da serpente, a astúcia da raposa, o olho do falcão, a memória do cão, a solidariedade e a associação dos castores. Gememos sob a escravidão da Babilônia, e nos tornamos poderosos. Nossos templos foram destruídos e no lugar deles levantamos milhares de templos. Durante dezoito séculos fomos escravos, e no século presente nós nos levantamos e nos colocamos acima de todos os outros povos.

“Diz-se que numerosos dos nossos irmãos em Israel se converteram e aceitaram o batismo cristão... Pouco importa!... Os batizados podem nos servir perfeitamente e se tornarem para nós auxiliares para caminhar em direção a novos horizontes que ainda nos são atualmente desconhecidos; porque os neófitos estão sempre presos a nós e apesar do batismo do corpo, o espírito e a alma deles permanecem sempre fiéis a Israel. Daqui a um século, no máximo, não serão mais os filhos de Israel que quererão fazer-se cristãos, mas sim os cristãos que se alinharão sob a nossa santa fé; mas então Israel os repudiará com desprezo.

“Sendo a Igreja cristã um dos nossos mais perigosos inimigos, devemos trabalhar com perseverança para diminuir sua influência; é preciso pois enxertar, tanto quanto possível, nas inteligências dos que professam a religião cristã, idéias de livre-pensamento, de ceticismo, de cisma, e provocar as disputas religiosas tão naturalmente fecundas em divisões e em seitas dentro do cristianismo. Logicamente, é preciso começar por depreciar os ministros dessa religião: declaremos-lhes uma guerra aberta, provoquemos suspeitas acerca da sua devoção, da sua vida privada, e através do ridículo e da zombaria, venceremos a consideração demonstrada pelo estado e pelo hábito.

“A Igreja tem como inimiga natural a luz, que é o resultado da instrução, o efeito natural da propaganda múltipla das escolas. Empenhemo-nos em ganhar influência sobre os jovens alunos. A idéia do progresso tem como conseqüência a igualdade de todas as religiões; a qual, por seu turno, conduz à supressão, nos programas, dos estudos, das lições de religião cristã. Os israelitas, com habilidade e ciência, obterão sem dificuldade as cátedras e os lugares dos professores nas escolas cristãs. Com isso, a educação religiosa ficará relegada à família, e como na maioria das famílias falta tempo para vigiar esse ramo de ensino, o espírito religioso diminuirá gradativamente e pouco a pouco desaparecerá completamente.

“Cada guerra, cada revolução, cada estremecimento político ou religioso faz aproximar o momento em que atingiremos o fim supremo ao qual tendemos.

“O comércio e a especulação, dois ramos fecundos em lucros, jamais devem sair das mãos dos israelitas; em primeiro lugar é preciso monopolizar o comércio do álcool, da manteiga, do pão e do vinho, porque, através dele, nós nos tornamos senhores absolutos de toda a agricultura, e, em geral, de toda a economia rural. Seremos os dispensadores de grãos para todos; mas se sobrevier algum descontentamento produzido pela miséria, sempre teremos tempo para jogar a responsabilidade sobre os governos.

Todos os empregos públicos devem ser acessíveis aos israelitas, e uma vez titulares, saberemos, através da obsequiosidade e da perspicácia de nossos agentes, penetrar até na primeira fonte da verdadeira influência e do verdadeiro poder. Entenda-se aqui que se trata apenas desses empregos aos quais estão ligados as honras, o poder e os privilégios, porque, relativamente àqueles que exigem o saber, o trabalho e a contrariedade, podem e devem ser abandonados aos cristãos. A magistratura é para nós uma instituição de primeira importância. A carreira dos advogados desenvolve mais a faculdade de civilização e inicia melhor nos negócios desses inimigos naturais, os cristãos, e é através dela que podemos reduzi-los à nossa mercê. Por que os israelitas não se tornariam Ministros da Cultura, quando têm tido tão freqüentemente a Pasta das Finanças? Os israelitas devem também aspirar à posição de legisladores, com vistas a trabalharem para a ab-rogação das leis feitas pelos Goim contra os filhos de Israel, os verdadeiros fiéis, dado o seu invariável apego às leis de Abraão.

“Quanto ao mais, nesse ponto nosso plano atinge sua mais completa realização, porque o progresso reconheceu-nos e concedeu-nos quase por toda a parte os mesmos direitos de cidadania dos cristãos; mas o que importa obter, aquilo que deve ser objeto dos nossos incessantes esforços, é uma lei menos severa sobre a falência. Faremos disso uma mina de ouro para nós, bem mais rica do que foram outrora as minas de ouro da Califórnia.

“O povo de Israel deve dirigir sua ambição para esse algo grau de poder do qual decorrem a consideração e as honras; o meio mais seguro de aí chegar é ter a parte preponderante de todas essas operações industriais, financeiras e comerciais, guardando-se de toda armadilha e de toda sedução que poderiam expô-lo aos processos judiciais perante os tribunais do país. Ele aplicará, pois, na escolha dessas espécies de especulação, a prudência e o tato que são próprios à sua atitude congênita para os negócios.

“Não devemos ficar alheios a nada daquilo que conquiste um lugar distinguido na sociedade: filosofia, medicina, direito, música, economia, política, numa palavra, todos os ramos da ciência, da arte e da literatura, constituem vasto campo em que os sucessos devem caber

grandemente a nós, e colocar em relevo a nossa capacidade. Essas vocações são inseparáveis da especulação; assim, a produção de uma composição musical, ainda que muito medíocre, fornecerá aos nossos uma razão plausível para erguer sobre um pedestal e cercar com uma auréola o israelita que for o seu autor. Quanto às ciências, medicina e filosofia, devem fazer parte igualmente do nosso domínio intelectual. Um médico é iniciado nos segredos mais íntimos da família, e tem, como tal, nas suas mãos, a vida e a saúde dos nossos mortais inimigos, os cristãos.

"Devemos encorajar as alianças matrimoniais entre israelitas e cristãos, porque o povo de Israel, sem arriscar-se a ter prejuízo com esse contato, só pode beneficiar-se com tais alianças; a introdução de uma quantidade mínima de sangue impuro na nossa raça eleita por Deus não poderia corrompê-la; e nossos filhos e filhas fornecerão, através desses casamentos, alianças com as famílias cristãs possuidoras de alguma influência e poder. Em troca do dinheiro que daremos, é justo que obtenhamos o equivalente em influência sobre tudo o que nos cerca. O parentesco com os cristãos não importa em desvio do caminho que traçamos; ao contrário, com um pouco de habilidade, ela nos tornará de alguma maneira os árbitros dos seus destinos. Seria desejável que os israelitas se abstivessem de ter por esposas as mulheres da nossa santa religião, e que escolhessem para esse papel as virgens cristãs. Substituir o sacramento do casamento da Igreja por um simples contrato, diante de uma autoridade civil qualquer, seria para nós da maior importância, porque então as mulheres cristãs afluiriam para o nosso campo.

"Se o ouro é o primeiro poder deste mundo, o segundo é, sem contradita, a imprensa. Mas que pode o segundo sem o primeiro? Como nós não podemos realizar tudo o que tem sido dito e projetado no mais alto sem o socorro da imprensa, é preciso que os nossos presidam a direção de todos os jornais cotidianos em cada país. A posse do ouro, a habilidade na escolha e no emprego dos meios de amolecimento das capacidades venais, tornar-nos-ão árbitros da opinião pública e dar-nos-ão o império sobre as massas.

"Caminhando assim passo a passo nessa via e com a perseverança que é nossa grande virtude, expulsaremos os cristãos e tornaremos nula a influência deles. Ditaremos ao mundo aquilo em que ele deve ter fé, aquilo que ele deve honrar, e aquilo que ele deve maldizer. Talvez algumas individualidades se ergam contra nós e nos lancem injúrias e anátemas, mas as massas dóceis e ignorantes nos escutarão e tomarão nosso partido. Uma vez mestres absolutos da imprensa, poderemos mudar a nosso bel-prazer as idéias sobre honra, virtude, retidão de caráter, e lançar o primeiro dano e o primeiro golpe contra essa instituição sacrossanta, até o momento, a família, e consumar sua dissolução. Poderemos extirpar a crença e a fé em tudo aquilo que nossos inimigos os cristãos veneraram até este momento, e, fazendo do arrebatamento das paixões uma arma, declararemos guerra aberta a tudo aquilo que ainda se respeita e venera.

"Que tudo seja compreendido, notado, e que cada filho de Israel se compenetre desses verdadeiros princípios. Então nosso poder crescerá como uma árvore gigantesca, cujos ramos conterão os frutos que se chamam riqueza, prazer, felicidade, poder, em compensação a essa condição hedionda que, durante longos séculos, tem sido o único quinhão de Israel. Quando um dos nossos der um passo à frente, que o outro o siga de perto; se o seu pé escorrega, seja socorrido e levantado por seus correligionários. Se um israelita é citado perante os tribunais do país onde ele mora, que seus irmãos de religião se apressem em lhe dar auxílio e assistência, mas somente quando o acusado tiver agido de conformidade com as leis que Israel observa estritamente e guarda há tantos séculos.

"Nosso povo é conservador, fiel às cerimônias religiosas e aos usos que nos legaram nossos ancestrais. Nosso interesse é que ao menos simulemos o zelo pelas questões sociais da ordem do dia, sobretudo por aquelas que têm caráter de melhorar a sorte dos trabalhadores, mas, na realidade, nossos esforços devem tender a que nos apoderemos desse movimento de opinião pública e o dirijamos. A cegueira das massas, sua propensão a se entregar à

eloqüência tão vazia quanto sonora que reboa nas esquinas, fazem delas uma presa fácil e um duplo instrumento de popularidade e de crédito. Encontraremos sem dificuldade entre os nossos a expressão de sentimentos artificiais e tanta eloqüência quanto os cristãos sinceros encontram no entusiasmo deles.

"É preciso, tanto quanto possível, entreter o proletariado, submetê-lo àqueles que têm o gerenciamento do dinheiro. Por esse meio levantaremos as massas quando quisermos. Nós as impeliremos às desordens, às revoluções, e cada uma dessas catástrofes adianta um grande passo dos nossos interesses íntimos e nos aproxima rapidamente da nossa única finalidade: a de reinar sobre a terra, como foi prometido a nosso pai Abraão".

Se os fatos que se desenrolam aos nossos olhos não estivessem, como estão, tão conformes às instruções dadas ao seu povo pelo rabino citado por *sir* John Readclif, poderíamos dizer que existe exagero nesse documento. Mas cada dia nos traz uma nova prova da sua assustadora realidade.

A perda da França e dos Estados católicos, além da dos outros Estados cristãos é coisa decidida. É apenas uma questão de tempo, caso os povos não retornem à Igreja e aos seus preceitos, e não levantem o estandarte da Cruz, que foi sua salvaguarda durante tantos séculos, e que seus inimigos querem fazer desaparecer.

5. — A CONDIÇÃO DO JUDEU DESDE A DISPERSÃO ATÉ NOSSOS DIAS E SUAS CAUSAS

Os judeus tiveram muito que sofrer nos séculos passados.

Nesses sofrimentos é preciso reconhecer primeiramente, com o abade Joseph Lémann, um castigo do céu.[159]

"O JUSTO fora embebido por nós com ultrajes. Nós colocáramos um manto de irrisão sobre seus ombros, uma coroa de espinhos sobre sua cabeça, uma cana na sua mão. Golpes, escarros, insultos, vergonhas de toda espécie lhe foram prodigalizadas; nada daquilo que constitui opróbrio lhe foi poupado por nós. E como último aspecto, quanto se tratou de comprá-lo a preço de dinheiro para fazê-lo matar, nós o estimáramos um ser vil: trinta dinheiros!

"Esses opróbrios foram encontrados depois, como castigo e pena de talião, na vida do povo judeu. Nada daquilo que constitui vexame e tristezas igualmente não lhe faltou. Quem ousaria desconhecê-lo? "Povo infeliz que todavia não sabemos como lamentar!" escreveu São Jerônimo. Reflexão que parece suave à vista do decreto pronunciado pelo nosso próprio grande legislador, Moisés: "Sereis como o alvo da maledicência e o escárnio de todos os povos para onde o Senhor vos tiver conduzido!" Para se ter tornado o alvo da maledicência e o escárnio do universo, quando se tinha sido o povo de Deus, é preciso certamente ter cometido um grande crime!

"Levantemos, com a história na mão, o catálogo de algumas dessas humilhações que nos tornaram o alvo da maledicência e o escárnio dos outros povos. Enumeraremos sem desenvolver; por exemplo:

"1° A venda dos judeus como gado na feira, após a ruína de Jerusalém. — Nós vendêramos O JUSTO por trinta dinheiros: na feira de Terebinto, trocavam-se trinta judeus por um dinheiro.

"2° A proibição, durante vários séculos, de virem chorar nas ruínas de Jerusalém. — Os pobres judeus visitantes eram repelidos com dureza e desprezo. Mais tarde, conceder-se-lhes-á esse favor um só dia por ano. Mas era preciso então pagar nossas lágrimas e comprar bem caro o direito de olhar e de chorar do alto de uma colina.

"3° A exclusão dos judeus das classes da sociedade, e isto por toda a parte. — Nós éramos menos que os leprosos. Mas também a Ele nós não havíamos olhado como um leproso?[160]

"4° A bofetada que, em Toulouse, Béziers e outros lugares, um representante da comunidade judia estava obrigado a vir receber publicamente... na Sexta-Feira Santa.

"5° A rodela ou estrela amarela. — Era um pedaço de tecido amarelo sobre os nossos peitos, ou ainda um chifre dessa mesma cor nos nossos chapéus, a fim de que, de longe, todos pudessem nos perceber e dizer: É um judeu!

"6° Os bairros separados ou judiarias; ruelas estreitas, insuficientes, freqüentemente infectadas, nas quais nossas famílias eram guardadas à distância e amontoadas.

"7° A obrigação, em certas cidades, de pagar de alguma maneira o ar que respiravam, como em Augsburgo, onde pagavam um florim por hora, e em Breme, um ducado por dia.

---

[159] Nada mais sugestivo do que os livros sobre os judeus de dois irmãos, os abades Lémann, que abraçaram a fé católica e se fizeram sacerdotes ao mesmo tempo, há cerca de cinqüenta anos. O que confere um valor de primeira ordem às suas obras é que os abades Lémann conservaram por sua raça uma afetuosa piedade, como poderiam ter filhos bem-nascidos pela sua mãe decaída. Coisa que não os impede de considerar o problema judeu como deveria ser considerado por todos os cidadãos, crentes ou não crentes, que saíram de uma raça católica.

[160] Nos putavimus eum quasi leprosum. Is., LIII, 4.

“8° A proibição de aparecer em público certos dias do ano. — Era preciso que nos escondêssemos, desde a manhã de Ramos até o dia de Páscoa, parecíamos riscados da lista dos vivos... Mas também a Ele nós não tínhamos riscado? Não tínhamos, no palácio de Caifás, escondido Seu divino semblante para melhor feri-Lo: adivinha quem Te bateu?[161]

“9° Os suplícios infames. — Supliciava-se um judeu entre dois cães. Na Alemanha, na Suíça, penduravam-nos pelos pés, ao lado de um cão, por escárnio, porque este é símbolo da fidelidade.

“10° A permissão dada a qualquer oficial público para usar epítetos desonrosos relativamente aos judeus, nas defesas, nos atos judiciários... Mas Ele, quando estava diante dos tribunais de Jerusalém, não O sobrecarregamos com designações odiosas, perseguindo-O e insultando-O até à cruz?

“11° A expulsão, todas as noites, de certas cidades, ao som da trompa. — Eles deviam, quando a trompa soava, se dispor a partir e ter deixado a cidade na hora do fechamento dos portões.

“12° A proibição de se banharem nos rios em que se banhavam os cristãos. — Na Provença e na Borgonha eles estavam excluídos dos banhos públicos, exceto na sexta-feira, dia em que esses estabelecimentos eram abertos às dançarinas e às prostitutas.

“13° A interdição de certos passeios, lugares, jardins públicos. — Não faz ainda cinqüenta anos que numa cidade da Alemanha ainda se lia na entrada de um passeio público esta inscrição: “Proibido aos judeus e aos porcos entrar aqui”.

“14° Mas o que nos pareceu particularmente amargo e doloroso foram os obstáculos que se colocaram para o batismo através da tomada dos bens do judeu que se fazia batizar. Com efeito, o judeu que se tornava cristão deixava de ficar sujeito às taxas que pesavam sobre os da sua nação; ele diminuía, pois, de igual parte o feudo do seu senhor. Ora, um tal ato era proibido, e o suserano acreditava compensar essa diminuição do feudo através da tomada de todos os bens do judeu. Ele lhe dava em seguida a porção que estimava conveniente. Não é bem verdade?

Tais foram os nossos opróbrios. Pode-se dizer que para os judeus existiram *instituições de desprezo*, um desprezo publicamente organizado. Nós estávamos envolvidos nesse desprezo, da cabeça aos pés... Mas também nEle, dos pés à cabeça, quando foi o homem das dores, não havia um só lugar que não tivéssemos deixado sem feridas![162]

Como a Providência encolerizada tinha dispersado Israel por todos os países, esses opróbrios se encontraram, sob uma forma ou outra, em todos os países. Eles duraram cada dia do ano, durante 1800 anos. Ó Moisés, nada tínheis exagerado ao anunciar que seríamos o escárnio e a irrisão de todos os povos!

“Davi, igualmente, nas suas visões sobre Cristo, tinha visto que nós Lhe daríamos vinagre a beber;[163] ele anunciara, logo em seguida, que nosso dorso seria obrigado a se curvar.[164] Sua profecia, como a de Moisés, realizou-se ao pé da letra. Nosso dorso está literalmente curvado sob o desprezo que pesa sobre nós.

“Ó Deus das justiças e das misericórdias, se aceitando esses opróbrios podemos fazer com que esqueçais aqueles com que sobrecarregamos vosso Filho, nosso Messias, então inclinamos a cabeça e vos dizemos agora: piedade!”[165]

---

[161] Joseph Lémann cita aqui os insultos feitos aos judeus no Oriente, na Pérsia, na Túrquia, na África etc.
[162] A planta pedis usque ad verticem non est in eo sanitas. Is., I, 6.
[163] In siti mea potaverunt me aceto. Salmo LXVIII.
[164] Dorsum eorum semper incurva. Salmo LXVIII, 24.
[165] *L’entrée des Israélites dans la société française.*

Uma outra causa desses sofrimentos que os judeus tiveram que suportar foi a vingança dos povos que os judeus arruinavam, reduziam à miséria em todo o lugar em que se estabeleciam.

Não somente monopolizavam o comércio de troca, no qual obtinham escandalosos lucros, mas emprestavam a juros ou sob penhor, com prazo reduzido de vencimento, por semana, e nessa exploração do povo sua rapina chegou a excessos quase inacreditáveis.

"Sua usura, diz um dos seus recentes historiadores, era onerosa para o público e tornava-os impopulares, porque a taxa do juro, além de muito variável, era muito elevada, em razão da raridade dos capitais e do tamanho do risco".[166] Os judeus e os lombardos "não emprestavam a menos de 40 por cento; era a condição mais humana que um amigo podia esperar deles quando não tinham nada a perder com ele; e eles raramente se limitavam a esse percentual".[167]

O Papa Clemente VIII escreveu sobre os judeus do seu século: "Todos sofrem suas usuras, seus monopólios, suas fraudes; eles reduziram à mendicidade uma multidão de infelizes, principalmente os camponeses, os simples e os pobres".[168]

O rei Filipe-Augusto teve que publicar a famosa ordenação de setembro de 1206, na qual era dito, entre outras coisas:

"Nenhum judeu poderá ter juro mais alto do que *dois dinheiros por libra por semana*.[169] Durante o tempo do empréstimo, o judeu e o devedor abster-se-ão de afirmar, o devedor, que recebeu todo o contido na obrigação e que nada terá dado nem prometido ao judeu, e o judeu que nada terá recebido e que nada lhe terá sido prometido. E se no prosseguimento do negócio se convencerem do contrário, o judeu perderá seu crédito e o devedor estará na misericórdia do rei. — Haverá em cada cidade dois homens de probidade que guardarão o sinete dos judeus, e eles jurarão sobre o Evangelho que não aporão o sinete em nenhuma promessa, se não tiverem conhecimento por eles mesmos ou por outros que a soma que ela contém é legitimamente devida".

Vê-se por essa ordenação que medidas eram necessárias para conter os usurários judeus.

A rainha Branca, que governava o reino durante a menoridade de Luís IX, tentou pôr termo a esse flagelo indestrutível da usura judia. Sua ordenação está datada de Melun, dezembro de 1230: — As somas devidas aos judeus serão pagas em três anos e o termo de cada pagamento venderá no dia de Todos os Santos. — Os judeus apresentarão suas letras ou suas obrigações aos seus senhores antes do seguinte dia de Todos os Santos, e se faltarem a isso suas obrigações serão nulas".

Decorridos os três anos, subsistia ainda uma parte das dívidas registradas, e os judeus perseguiam a cobrança. Uma nova ordenação (1234) facilitou aos cristãos o pagamento e pôs um termo às violências dos judeus.

Vinte anos mais tarde (1254), na *Ordenação geral para a reforma dos costumes*, São Luís ratificou o que tinha sido ordenado precedentemente por sua mãe; acrescentou a ordem de queimar o Talmude, segundo as prescrições de Inocêncio IV.

A usura judia resistiu a todos os esforços do santo rei. Ele expulsou os judeus e confiscou seus bens, mas tendo o cuidado de fazer restituir aquilo que os judeus tinham extorquido pela usura. Os judeus não tardaram a entrar de novo no reino, e o rei os recolocou na posse de suas sinagogas e cemitérios.

Vários dos sucessores de São Luís tiveram de adotar medidas semelhantes. Eis um édito publicado em julho de 1291 por Filipe-o-Belo, a pedido dos habitantes de Poitiers.

---

[166] *La Grande Enclyclopédie*, verbete *Juifs*, pelo judeu Théodore Reinach.
[167] *Essai sur l'appréciation de la fortune privée au moyen âge*, por C. Leber, Paris, 1847, citada no *Université Catholique* de 15 de maio de 1895, artigo de F. Vernet. *Papes et banquiers juifs ao XVIe. siècle*.
[168] *Revue Catholique des Institutions et du Droit*.
[169] O que representava um juro de mais de 40% ao ano.

"Filipe, rei dos Francos, pela graça de Deus, a todos os que lerem o presente, saudação.

"Tendo sabido, através do relato de grande número de homens muito dignos de fé que o território de Poitiers é desumanamente explorado e absolutamente despoticamente esmagado por uma quantidade considerável de judeus que ali se entregam a uma usura criminosa e a toda espécie de comércios ilícitos;

"Desejando velar pela felicidade dos habitantes desse território e cumprir a vontade que vieram exprimir de diferentes maneiras;

"Concedemos a todos, prelados, capítulos, abades, priores, colégios, cidades, comunas, barões e outros senhores temporais da senescalia de Poitiers, a todos os que governam os homens e também a todos aqueles que deles dependem, que os judeus sejam expulsos perpetua e irrevogavelmente da dita senescalia. Não permitimos que em nenhum tempo eles aí tenham habitação nem permanência; ordenamos que sejam afastados e expulsos por nosso senescal antes da Natividade da Bem-Aventurada Virgem Maria".

Hoje, os judeus conseguiram cavar em todos os Estados o abismo da dívida. É um princípio moderno que Estados, Províncias, Cidades, podem onerar o futuro em benefício do presente. Os capitalistas judeus fornecem os meios para isso e com isso concordam. Empréstimos insensatos, que jamais serão amortizados, aumentam perpetuamente a carga esmagadora do imposto e põem todos os governos à mercê da judiaria. Todo governo "moderno" estaria perdido no momento em que tivesse a imprudência de se indispor com os proprietários do grande capital. Como resistiria ele à coalizão dos judeus, que juntos fechariam seus cofres?

"Graças à sua astúcia, e possuídos pelo instinto da dominação, os judeus invadiram gradualmente todas as avenidas que conduzem às riquezas, às dignidades e ao poder. Eles dirigem a bolsa, a imprensa, o teatro, a literatura, as administrações, as grandes vias de comunicação em terra e no mar, e pela ascendência da sua fortuna e do seu gênio mantêm encerrada na hora presente, como numa rede, toda a sociedade cristã". Assim fala um da raça deles, o venerável Padre Ratisbonne (questão judia). Ele não exagera, e essas nações, tão orgulhosas de terem conquistado a liberdade, a igualdade e a fraternidade, são o joguete de estrangeiros que as conduzem, que as mantêm sob o jugo e que as dividem.

6. A CONDUTA DA IGREJA EM FACE DOS JUDEUS

O número de outubro de 1893 da *Revue Catholique des Institutions et du Droit*, publicou, sob a assinatura de Auzias Turenne, um longo e erudito estudo sobre o direito eclesiástico em relação aos judeus.

Extrai-se muito nitidamente do exame atento de todos os documentos relacionados por Auzias Turenne, de todas as proibições feitas e das circunstâncias em que elas intervieram, que a Igreja jamais mudou sobre a questão judia. Ela sempre quis que os judeus fossem respeitados nas suas pessoas e tolerado o seu culto, mas também sempre quis que fossem mantidos num estado de submissão e de isolamento que lhes retirasse os meios de prejudicar o povo cristão.

O primeiro Concílio que parece ter-se ocupado dos judeus foi o de Évira, na Espanha, realizado antes do fim da décima perseguição. Um cânon proibia aos cristãos darem suas filhas em casamento aos judeus; um outro, de comerem com eles. Essa proibição foi renovada pelo Concílio de Laodicéia (século IV), pelos de Vannes (465), Agde (506), Epaone (517) e pelos três Concílios de Orleans (530, 533 e 541).

O Concílio de Macon (581) proíbe aos judeus o exercício de funções que lhes permitam pronunciar penas contra os cristãos.[170]

Os quatro Concílios realizados sucessivamente em Toledo nos séculos VI e VII, e o de Paris, em 614, insistiam na proibição de confiar aos judeus qualquer cargo público, civil ou militar. Essa incapacidade foi mesmo estendida aos filhos de judeus convertidos.

Outros Concílios proíbem aos cristãos recorrerem aos serviços dos judeus como médicos, empregados, governantas. Segundo os moralistas do século XVIII, violar uma dessas prescrições pode, segundo as circunstâncias, constituir falta mortal. “Sem pretender, diz Auzias Turenne, que seja da mesma forma hoje em dia, não se poderia sustentar que essas disposições tenham caído inteiramente em desuso ou tenham sido ab-rogadas”.

Um dos mais sábios cânones é certamente o do 4° Concílio de Avinhão (1409), que proíbe aos cristãos ter qualquer negócio de dinheiro com os judeus. Estes são condenados a devolver o que extorquiram pela usura.

O quarto Concílio de Latrão volta a essas proibições e interdita aos judeus exigirem lucros exagerados, sob pena “de serem privados de todas as relações com os cristãos”. Não se lhes deve confiar nenhum emprego público; se se faz isso, o contraventor será punido, e o judeu, após ter sido exonerado, deverá, além disso, devolver ao bispo, para que este o distribua aos pobres, todo o dinheiro recebido em razão desse emprego. Foi então que se viu aparecer a imposição para que os judeus se distinguissem através da vestimenta ou pelo menos através de uma marca bem visível. A marca mais ordinariamente prescrita era uma peça circular de tecido amarelo chamada “rodela”, que homens e mulheres deviam igualmente usar, ou um gorro amarelo. Sabemos que os judeus deviam ocupar nas cidades um bairro especial chamado gueto.[171]

---

[170] Quão diferente é o que vemos hoje. Um jornal citava um dia o fato de que no Tribunal de Aix tinham assento quatro judeus. Ora, é do Tribunal de Aix que dependem *todos* os tribunais consulares franceses.

[171] Censuraram a Igreja por causa desses guetos. Eis, a respeito, o testemunho de um israelita convertido, o Revmo. Pe. Ratisbonne, no seu livro *La Question Juive*:

“A Igreja condenou energicamente, por meio dos Pontífices, os furores dessas inimizades cruéis, mesmo quando elas constituíam represálias. Ela cobriu com sua proteção os trêmulos judeus; Ela não se limitou a arrancá-los das paixões populares; Ela abriu-lhes asilos invioláveis, onde encontravam segurança. Foi Roma que deu o exemplo dessa caridade protetora; ela concedeu aos judeus um bairro à parte, e várias outras cidades imitaram a iniciativa dos

De outra parte, a Igreja não cessava de condenar as violências de que os judeus às vezes eram objeto por parte dos povos por eles oprimidos e exasperados.

Constantemente, diz Auzias Turenne, a Igreja inspirou-se no princípio diretor que o Concílio de Latrão enunciou nestes termos: "*Judeos subjacere christianis oportet et ab eis pro sola humanitate foveri.* Que os judeus sejam tratados com humanidade; mas que sejam sempre mantidos na dependência e que se tenha com eles o mínimo possível de relações".

Infelizmente, não ouvir a Igreja e crer-se mais sábio do que Ela não é coisa nova. Freqüentemente esquecia-se e pisava-se aos pés as prescrições dos Sínodos ou dos Concílios; daí resultava que os judeus não tardavam em enriquecer, em monopolizar as mercadorias e todo o dinheiro do país; de modo que, longe de estarem em dependência, eram eles que impunham o jugo aos cristãos. Quando esse jugo se tornava intolerável, se os príncipes não intervinham, as multidões às vezes recorriam às mais deploráveis violências. A Igreja tornava-se então a única protetora dos judeus e viam-se os Papas, como João XII e Clemente VI, intervir em favor deles e, ao mesmo tempo, lembrar ao povo cristão que seus males provinham sobretudo do esquecimento das prescrições tão prudentes da Igreja.[172]

Alguns Papas, Pio IV notadamente e Sixto V, quiseram tentar a indulgência e, na esperança de converter os judeus, fizeram-lhes concessões, mas o resultado foi inteiramente diverso e após alguns anos Pio V e Clemente VIII foram forçados a restabelecer os cânones em todo o seu rigor. "Todos, dizia Clemente VIII, sofrem suas usuras, seus monopólios, suas fraudes; eles reduziram à mendicância uma multidão de infelizes, principalmente os camponeses, os simples e os pobres".

Auzias Turenne termina com essas conclusões:

"A Igreja, desde a origem e antes de todos os políticos, compreendeu que os judeus constituíam um perigo e que era preciso mantê-los afastados. Depositária da doçura evangélica, Ela defendeu a vida dos judeus; mãe das nações cristãs, Ela quer preservá-las da invasão hebraica, que seria sua morte nos campos espiritual e temporal. Se tivesse sido obedecida, os cristãos não teriam precisado sofrer tudo o que sofreram da parte dos judeus, e, por conseguinte, as reações terríveis, com todos os crimes que as acompanharam, não teriam acontecido. Cristãos e judeus teriam, pois, tirado vantagem da observância das regras da Igreja.

"Em vez de manterem os judeus afastados, as nações cristãs, após terem deixado inteiramente de lado as prescrições da Igreja, acabaram por admiti-los na sociedade e por conceder-lhes todos os direitos de cidadania. E hoje se dá que esses novos cidadãos, após terem monopolizado a maior parte da riqueza nacional, tendem a se apoderar do governo e a oprimir aqueles que nunca deixaram de olhar como seres impuros, gentios, filisteus incircuncisos. Todas as medidas propostas, exceto aquelas da Igreja, serão vãs, e as da Igreja, para serem eficazes, devem ser aplicadas de comum acordo com o Estado e com cada um de nós pessoalmente. Por todo o tempo em que os judeus forem judeus, isto é, até após o

---

Pontífices romanos. Graças aos lugares de refúgio, os judeus viviam juntos ao redor da sua sinagoga, de acordo com suas leis, sob a autoridade dos seus chefes espirituais, e tinham o gozo pleno e inteiro do seu culto. Daí os guetos, cuja origem está ligada a um pensamento hospitaleiro, muito esquecido, muito caluniado em nossos dias..."

[172] É interessante conhecer os considerandos sobre os quais os Soberanos Pontífices baseiam suas determinações.

Os judeus, está dito — e esse pensamento se encontra nos preâmbulos de numerosos atos pontifícios — dão testemunho da verdade da fé ortodoxa, tanto por conservarem as Escrituras plenas das profecias que anunciam Cristo, quanto pela sua dispersão entre os povos lembrar o deicídio que cometeram. Em segundo lugar, deve chegar a hora do retorno deles à verdadeira fé; seus restos serão salvos. Depois, seus pais foram amigos de Deus. Eles mesmos carregam a semelhança do Salvador, e Deus é criador deles como dos cristãos. Ademais, a Santa Sé se dedica a todos, prudentes e insensatos. Os cristãos devem ter pelos judeus a mesma benignidade que desejam que seus irmãos, que vivem nas regiões pagãs, recebam da parte dos pagãos. Não é necessário que o cristão odeie a iniqüidade, ame a paz e trabalhe pela justiça?

Anticristo, a única política a seguir a respeito deles será mantê-los afastados, sem maltratá-los; mas também convivendo o menos possível com eles e impedindo-os de perturbarem".

Um bispo austríaco, de origem judia, Monsenhor Kohn, antigo professor de Direito Canônico, resumiu as prescrições a respeito dos judeus.

No dizer do sábio bispo, elas não foram ab-rogadas.

1° Os judeus não podem ter escravos cristãos, nem empregar cristãos no serviço de suas casas ou de suas famílias. É proibido aos cristãos aceitar emprego permanente e remuneração dos judeus.

2° É especialmente proibido às cristãs aceitar contrato de governantas de judeus.

3° Os cristãos não podem recorrer, em caso de doença, aos serviços de médicos judeus, nem aceitar medicamentos preparados por mãos judias.

4° É proibido em todos os casos aos cristãos, sob pena de excomunhão, morar na mesma casa ou na mesma família com judeus.

5° Deve-se cuidar para que os judeus não cheguem a ocupar na vida pública funções que lhes dêem uma certa autoridade sobre os cristãos.

6° É proibido aos cristãos assistir aos casamentos dos judeus e participar de suas festas.

7° Os cristãos não podem convidar judeus para comer, nem aceitar os convites que lhes são feitos pelos judeus.

Essas regras canônicas inspiraram numerosas ordenações reais, graças às quais, durante tantos séculos, a França foi preservada da invasão semítica tão ameaçadora em nossos dias.

De outra parte, encontramos no livro do abade Joseph Lémann:

I. Um quadro das proibições expressas, por intermédio das quais a Igreja protege e faz respeitar a liberdade de consciência dos judeus e o exercício do seu culto. Esses quadros oferecem o próprio texto das ordenações dos Papas. Reproduziremos aqui apenas os títulos:

1. Proibição de forçá-los a abraçar a religião cristã.
2. Proibição de tirar-lhes as sinagogas.
3. Proibição de perturbar seus *sabbats* e suas festas.
4. Proibição de desarrumar ou profanar seus cemitérios.
5. Proibição de mudar seus costumes.

II. Quadro das medidas cheias de mansidão legitimamente empregadas pela Igreja para iluminar as trevas dos judeus e instruir suas almas.

1° A oração da Sexta-Feira Santa. — 2° A pregação. — 3° As polêmicas públicas. — 4° O estudo do hebreu encorajado pelos Papas nas Academias cristãs, como meio de melhor evangelizar os judeus. — 5° O estabelecimento de um catecumenato. — 6° O respeito pelos seus livros mosaicos, mas a condenação e a destruição dos exemplares do Talmude.

Esses dois quadros, confrontados um com outro, não provam de maneira eloqüente que a Igreja é simultaneamente a mais alta escola de respeito pela liberdade de consciência e a mãe mais preocupada com a salvação das almas?

Deve-se acrescentar que ao lado desses procedimentos inspirados pela doçura e caridade, a Igreja decretou *restrições* e *precauções* relativamente aos judeus, para circunscrever a liberdade de triunfarem e assim salvaguardar a sociedade cristã. A grande regra de prudência adotada a esse respeito foi esta: "Todo cargo que tenha relação direta com a própria constituição da sociedade cristã não lhes pode ser confiado". A observação dessa regra estava sob a guarda conjunta do Estado e da Igreja; um e outra tinham interesse em impedir que as nações fossem invadidas pelo elemento judeu e, assim, perdessem a direção da

sociedade. Coisa que infelizmente aconteceu desde que essa regra foi ab-rogada pelos poderes civis. Naquilo que diz respeito à Igreja, o espírito de sabedoria em nada abandonou o que os Soberanos Pontífices ou os santos Concílios decretaram para prevenir o perigo de invasão.

Assim como no século X, no século XVIII Ela também não admite que um judeu possa ter posse ou participar daquilo que constitui função essencial na sociedade cristã; que um judeu, por exemplo, possa manter escola para os cristãos, ter assento numa cadeira de magistrado, contribuir para a feitura de leis de um Estado cristão.

No dia 30 de outubro de 1806, Napoleão reuniu em Paris o Grande Sinédrio. O rabino Isaac Samuel Avigdor, deputado dos Alpes Marítimos, pronunciou o discurso abaixo, através do qual professava seu reconhecimento e convocava o Grande Sinédrio a reconhecer com ele a constante benignidade da Igreja relativamente aos judeus:

Os mais célebres moralistas cristãos condenaram as perseguições, professaram a tolerância e pregaram a caridade fraterna.

"Santo Atanásio, livro I, diz: "É uma heresia execrável querer atrair pela força, pelos golpes, pelos aprisionamentos, os que não puderam ser convencidos pela razão".

"Nada é mais contrário à Religião, diz São Justino, mártir, livro V, do que o constrangimento".

"Perseguiremos nós, diz Santo Agostinho, aqueles que Deus tolera?"

"Lactâncio, livro III, diz a esse respeito: "A Religião forçada não é mais Religião; é preciso persuadir e não constranger; a Religião não se ordena".

"São Bernardo diz: "Aconselhai e não forçai".

"Assim, visto como a moral cristã ensina em toda parte o amor ao próximo e a fraternidade, somente a ignorância e um preconceito de costume puderam permitir a vexações e perseguições de que tendes sido freqüentemente vítimas. Isso é tão verdadeiro que essas virtudes sublimes de humanidade e de justiça foram freqüentemente postas em prática pelos cristãos verdadeiramente instruídos, e sobretudo pelos dignos ministros dessa moral pura que acalma as paixões e insinua as virtudes.

"Foi em conseqüência desses princípios sagrados de moral que, em diferentes tempos, os Pontífices romanos protegeram e acolheram nos seus Estados os judeus perseguidos e expulsos de diversas partes da Europa, e que os eclesiásticos de todos os países muitas vezes os defenderam em diversos Estados dessa parte do mundo.

"Por volta da metade do século VII, São Gregório defendeu os judeus e os protegeu em todo o mundo cristão.

"No século X os bispos da Espanha opuseram a maior energia ao povo que pretendia massacrá-los. O Pontífice Alexandre II escreveu a seus bispos uma carta cheia de felicitações pela conduta sábia que tinham mantido a esse respeito.

"No século XI os judeus, muito numerosos nas dioceses de Uzes e Clermont, foram poderosamente protegidos pelos bispos.

"São Bernardo defendeu-os, no século XII, do furor das Cruzadas.

"Inocente II e Alexandre III igualmente os protegeram.

"No século XIII, Gregório IX preservou-os, na Inglaterra, França e Espanha, dos grandes males com que se os ameaçavam; ele proibiu, sob pena de excomunhão, constranger suas consciências e perturbar suas festas.

"Clemente V fez mais do que protegê-los; ele ainda lhes facilitou os meios de instrução.

"Clemente VI concedeu-lhes um asilo em Avinhão, quando eram perseguidos em todo o resto da Europa.

"Por volta da metade do mesmo século, o bispo de Spira impediu a liberação que os devedores dos judeus reclamavam à força, sob pretexto de usura tão freqüentemente renovado.

“Nos séculos seguintes, Nicolau II escreveu à Inquisição para impedi-la de constranger os judeus a abraçar o Cristianismo.

“Clemente XIII tranqüilizou a inquietação dos pais de família alarmados acerca da sorte dos seus filhos, que eram freqüentemente arrancados do seios das suas próprias mães.

“Seria fácil citar uma infinidade de outras ações caridosas de que os israelitas foram objeto, em diversas épocas, por parte dos eclesiásticos instruídos nos deveres dos homens e nos de sua religião.

“Somente o vivo sentimento de humanidade pôde dar, em todos os séculos de ignorância e barbárie passados, a coragem necessária para defender homens infelizes, barbaramente abandonados à mercê da horrível hipocrisia e da feroz superstição.

“Não obstante, esses homens virtuosos não podiam esperar de sua coragem filantrópica senão essa doce satisfação interior que as obras de caridade fraterna fazem os corações puros experimentar.

“O povo de Israel, sempre infeliz e quase sempre oprimido, jamais teve meios nem oportunidade de manifestar seu reconhecimento por tantos benefícios; reconhecimento tanto mais doce a testemunhar porque devido a homens desinteressados e duplamente respeitáveis.

“Após dezoito séculos, a circunstância em que nos encontramos foi a única que se apresentou para fazer conhecer os sentimentos de que nossos corações estão penetrados.

“Essa grande e feliz circunstância, que devemos ao nosso augusto e imortal Imperador, é também a mais conveniente, a mais bela, como também a mais gloriosa, para exprimir aos filantropos de todos os países, e notadamente aos eclesiásticos, nossa inteira gratidão relativamente a eles e aos seus predecessores.

“Apressemo-nos, pois, senhores, em aproveitar essa época memorável, e paguemos-lhes esse justo tributo de reconhecimento que lhe devemos; façamos retumbar neste recinto a expressão de toda a nossa gratidão; testemunhemos com solenidade nossos sinceros agradecimentos pelos sucessivos benefícios com que eles cumularam as gerações que nos precederam”.

A assembléia aplaudiu esse discurso. Ela votou sua impressão e a inserção no final da ata de 5 de fevereiro de 1807; depois, adotou o decreto que reproduzimos abaixo:

“Os deputados do Império de França e do Reino da Itália ao Sínodo Hebraico, decretado em 30 de março último, penetrados de gratidão pelos sucessivos benefícios do Clero cristão, nos séculos passados, em favor dos Israelitas dos diversos Estados da Europa;

“Cheios de reconhecimento pela acolhida que diversos Pontífices (Papas) e vários outros eclesiásticos deram em diferentes épocas aos israelitas de diversos países, quando a barbárie, os preconceitos e a ignorância, reunidos, perseguiam e expulsavam os judeus do seio das sociedades;

“Decretam que a expressão desses sentimentos será consignada na ata deste dia, para que permaneça para sempre como testemunho autêntico da gratidão dos israelitas desta Assembléia pelos benefícios que as gerações que os precederam receberam dos eclesiásticos de diversos países da Europa;

“Decretam, outrossim, que cópia desses sentimentos será enviada à Sua Excelência o Ministro dos Cultos”.[24]

Qual era o valor dessas declarações? Se as compararmos com a conduta dos judeus para com Pio IX, em 1870, e aquela que eles hoje mantêm relativamente aos católicos da França, só podemos lembrar a palavra de Louis Veuillot:

---

[24] *Atas das sessões da assembléia dos deputados franceses que professam a religião judia,* p. 169 etc.

“O judeu é um povo servil quando pisado; ingrato, quando soerguido; insolente, quando se sente forte”.

Apesar da experiência feita pelos Papas Pio IV e Sisto V, Pio IX creu poder mostrar-se bom e confiante para com os judeus; foi mesmo além dos seus predecessores: mandou demolir as muralhas do gueto, fez cessar as humilhações às quais eram ainda submetidos, e deu aos pobres direito a socorros dos quais até então não participavam.

De que maneira os judeus testemunharam seu reconhecimento? Para dizê-lo, recorreremos a uma carta escrita pelos irmãos Lémann aos israelitas dispersos, *sobre a conduta dos seus correligionários durante o cativeiro de Pio IX no Vaticano*:

“Quando, em 20 de setembro de 1870, o governo sub-alpino forçava a tiros de canhão as portas de Roma, a brecha não fora ainda concluída e já uma tropa de judeus tinha passado por ela para ir felicitar o general Cadorna. E o gueto inteiro se embandeirava com as cores piemontesas... Tendo os zuavos defensores de Pio IX recebido ordem de não mais continuarem a heróica defesa, os judeus os esperaram sobre a ponte Santo Anjo para cumulá-los de insultos e até mesmo arrancar suas roupas... Durante os dias da instalação do governo usurpador, foram vistos correndo, semelhantes a chacais, de uma caserna a outra, para pilhá-las... Várias vezes se reuniram na porta das igrejas para vaiar e bater nos cristãos que ali se reuniam para rezar... Todas as vezes, acrescentam os abades Lémann, que pedimos informações sobre as cenas ignóbeis que se passaram no Corso, diante do Quirinal e em outros lugares, onde as coisas santas eram ridicularizadas, os padres insultados, as Madonas profanadas, as santas imagens laceradas, sempre nos responderam: *Os luzzuri e os judeus...*”

Os três jornais ministeriais eram o *Opinione*, o *Libertà* e o *Nuova Roma*; todos tinham judeus como diretores. “Pois bem! dizem esses senhores Lémann, desde que são os senhores de Roma não cessaram um só dia de espalhar a calúnia, a injúria e a lama sobre a religião católica, seu culto, suas comunidades, seus padres, sobre tudo aquilo que há de mais respeitável e até sobre a augusta pessoa do Papa. Sua Santidade nos disse, ele mesmo: “Dirigem contra mim e contra a Igreja toda a imprensa revolucionária”.

Dirigindo-se aos homens da sua raça, os irmãos Lémann disseram ainda:

“Não é o rei Victor Emanuel que nos parece o supremo perigo para Roma, nem mesmo os homens da Revolução; *eles passarão*. O supremo perigo para Roma sois vós, senhores (os judeus), *que não passais!*

“Armados com o direito de propriedade, com vossa habilidade, vossa tenacidade e vosso poder, *o século não chegará ao fim sem que sejais os senhores de Roma.* Aí está o perigo, nós o mostramos a todos os católicos”.

Quando os irmãos Lémann foram levar aos pés de Pio IX a expressão de sua dor após a pesquisa que acabavam de fazer sobre a conduta de seus irmãos de sangue, o Papa contentou-se em dizer: “Rezemos por eles, a fim de que participem do triunfo da Igreja”. E pôs-se então a recitar a oração que a Igreja faz subir ao Céu por eles na Sexta-Feira Santa.

Joseph Lémann fez esta observação: “Sobre o Gólgota, o Cristo que expirava tinham rezado também por seus carrascos: *Meu Pai, perdoai-os*. Davi, Seu real ancestral e profeta, iluminado acerca dos sofrimentos de Cristo e figurando-os nas suas próprias desventuras, pedira esse destino para os culpados: “*Não os extermineis*, Senhor, mas *dispersai-os* pelo vosso poder, e *rebaixai-os*, Vós que sois o meu protetor” (Salmo LVIII, 12).

“Essa misteriosa prece, na qual havia um eco antecipado do Gólgota, unida à justiça, cumpriu-se ao pé da letra. Os judeus foram conservados, embora pudessem ter sido exterminados mil vezes e desaparecido; mas ao mesmo tempo foram dispersos e rebaixados, a ponto de serem olhados como o opróbrio e a escória do gênero humano.

“Ora, a quem eles devem por não terem sido exterminados?

“À Igreja Católica.

"As nações queriam *exterminá-los*, mas a Igreja velava para que fossem apenas rebaixados".

7. EMANCIPAÇÃO DOS JUDEUS

Na segunda metade do século XVIII apareceram numerosos livros que anunciavam para os judeus um estado diverso daquele no qual se encontravam desde a dispersão de Jerusalém.

1753. Nota sobre o retorno dos judeus, pelo Pe. d'Houbigand.

1760. A futura revocação dos judeus, por Deschamps, cura de Danzu, na Normandia.

1769. Tentativa de explicação da época assinalada para a conversão dos judeus, pelo abade Belet, de Montauban.

1775. Dissertação sobre o retorno dos judeus à Igreja e sobre o que deve ocasionar isso. Publicado em italiano.

1778. Dissertação sobre a revocação dos judeus, por Rondet.

1779. Carta na qual se prova que o retorno dos judeus está próximo. Sem nome de autor.

1779. Dissertação sobre a época da revocação dos judeus e sobre a feliz revolução que ela deve operar na Igreja. Sem nome de autor, etc., etc.

"Todas essas obras, diz Joseph Lémann, entrevêem como *indício* e também como *causa* da revocação dos judeus a blasfêmia proferida contra Deus e contra o seu Cristo no seio das nações. A Gentilidade ou as Nações foram *chamadas* por causa da ingratidão dos judeus. Os judeus são *revocados* por causa da apostasia e da ingratidão estimuladas entre as Nações. E todas essas obras diziam: Estamos alcançando esse ponto, estamos nesse ponto!..."[25]

De fato, alguns anos após terem sido formuladas as previsões assinaladas nesses livros, vimos a França libertar os judeus e logo as outras nações imitarem seu exemplo.

A Inglaterra, em primeiro lugar, começara a emancipá-los e não tivera êxito. "Em 1753, sob o reinado de George II, uma tentativa de emancipação dos judeus ocorreu na Inglaterra; o ministro Pelham fez votar um projeto de lei que permitia ao Parlamento naturalizar os judeus estabelecidos no país há mais de três anos; mas a oposição, ciosa do comércio de Londres, e os clamores do populacho levaram à ab-rogação dessa lei a partir do ano seguinte".

Se tivesse sido confiada a uma outra nação que não a França, a causa da emancipação judia também não teria encontrado, no sentir de Joseph Lémann, grande probabilidade de ser bem sucedida; e ele oferece suas razões, negativas para os outros povos, afirmativas para o nosso país, umas e outras apoiadas no temperamento, na vocação e na história dos diversos povos.

As dificuldades eram consideráveis. Dificuldades em razão do perigo que semelhante empreendimento podia fazer a sociedade correr e que somente hoje é por demais manifesto; dificuldades do ponto de vista dos preconceitos: existiam sobre os judeus da parte dos cristãos; existiam sobre os cristãos da parte dos judeus; dificuldades, enfim, no modo de emancipação. Elas não impediram a sua realização.

8. O AFRANCESAMENTO DOS JUDEUS

Na antiga França os judeus não eram considerados cidadãos franceses. Aliás, em nenhum país do mundo foram considerados como nacionais, nem entre os pagãos, nem entre

---

[25] Em 1657, o autor da *Ancienne nouveauté de l'Écriture Sainte* [Antiga novidade das Sagradas Escrituras], oferece como último sinal precursor da conversão do povo judeu a *morte civil da Igreja*. É o que acaba de fazer na França a lei de separação entre a Igreja e o Estado.

os cristãos. Freqüentemente expulsos do reino pelas ordenações reais que emanavam amiúde dos príncipes que mais serviços prestaram à França, jamais deixaram de ser apenas tolerados, e sempre permaneceram sob um regime de exceção e sob uma vigilância bastante rigorosa.

Nos primeiros séculos, com Childeberto, 540, Clotário II, Dagoberto I, etc., os éditos que concernem aos judeus revestem sobretudo a forma de um ostracismo teocrático: a aversão confessional misturava-se mais intimamente com a defesa econômica. Carlos Magno teve para com eles, diz-se, as primeiras solicitudes, mas, em 1096, Filipe I os expulsou do reino. São Luís prescreveu-lhes que usassem uma marca particular sobre as vestes. Até 1789 houve uma única seqüência de éditos que regulavam a usura, que vomitavam os judeus ou os expulsava do reino. À medida que os costumes se civilizam, que a economia política é regulamentada, são feitas generosas tentativas para dar aos judeus algumas liberdades e direitos comuns, mas os rápidos abusos da raça conduzem sempre a novas repressões. No século XVIII a raça reencontra toda a sua atividade na Alsácia e na Lorena. Apesar das medidas de precaução tomadas em Metz, em 1567, pelo marechal de la Vieuxville, em 1721, pelo duque Leopoldo e por Luís XIV na Alsácia, o país se tornou insolvente por causa da usura dos judeus.

Luís XVI, cuja bondade permaneceu proverbial, melhorou a sorte dos judeus, amenizando muito a legislação sob a qual tinham vivido até então. Mas jamais teve a idéia de deixar de proteger seus súditos contra a usura judia que arruinava sobretudo os habitantes provincianos, menos ainda de dar a esses estrangeiros o título de franceses.

Pelo édito de 1784, Luís XVI aboliu o pedágio pessoal. As cartas patentes do mesmo ano, se bem que muito prudentemente restritivas, consagram para a condição dos judeus melhorias capitais: doravante estão investidos do poder de possuir casa e jardim; podem, como proprietários, cultivar a terra; ficam estabelecidos ou confirmados em todos os ofícios e profissões que não lhes entregue o coração da sociedade cristã. Não era ainda o regime do direito comum; é um germe que encontra enfim seu pleno desenvolvimento no projeto de emancipação definitiva cujo estudo o rei determina em 1788.

Foi esse projeto, amadurecido sob a monarquia, que a Constituinte recolheu, para nossa desgraça, declara o abade Lémann, porque falseou a obra real ao dela se apropriar.

É preciso dizer, no entanto, que a própria Assembléia Constituinte não fez o que fez de bom grado.

Os judeus, para vencer sua resistência, recorreram à intervenção revolucionária da Comuna. Tiveram como agentes principais o jacobino Godard e Adrien Duport, que Louis Blanc acusa de ter sido o organizador dos massacres cometidos em Paris e dos pânicos espalhados pelas províncias.

Os comissários nomeados pela Comuna fizeram apresentar uma petição urgente, quase imperativa, à Assembléia Nacional em 24 de fevereiro de 1790. Os judeus tinham preparado essa intervenção ilegal da Comuna, solicitando, nas quarenta e oito seções de Paris, pareceres favoráveis à sua completa emancipação. Como o elemento jacobino prevalecia na organização dessas seções, todas acolheram favoravelmente os judeus, à exceção da seção dos Halles, seção de negociantes de roupas e móveis usados, que repudiaram energicamente esses terríveis concorrentes.

O sucesso dos judeus junto às seções é facilmente explicado: os jacobinos obedeciam a chefes que recebiam, eles próprios, o impulso das sociedades secretas dominadas pelos judeus. Os líderes que dirigiam as seções eram recrutados entre a ralé da sociedade. Quanto aos industriais e aos comerciantes, estavam reduzidos a desaparecerem, para não serem perseguidos como aristocratas. Sua opinião sobre os judeus permanecia aquela que tinham exprimido por escrito, trinta anos antes, num documento conservado nos Arquivos Nacionais sob o título: *Requerimento dos seis corpos de comerciantes e negociantes de Paris contra a admissão dos judeus*.

“A admissão dessa espécie de homens, está dito no requerimento, só pode ser perigosíssima; podemos compará-los a vespas que se introduzem nas colméias apenas para matar as abelhas, abrir-lhes o ventre e tirar o mel que está nas suas entranhas; assim são os judeus, nos quais é impossível supor qualidades de cidadãos. O negociante francês faz sozinho o seu comércio, cada casa de comércio está de alguma forma isolada; enquanto os judeus são partículas de mercúrio, que à menor inclinação se reúnem num bloco”.

Eis o que fora unanimemente subscrito por todos os membros dos corpos de comerciantes de Paris em 1760, e que permanecia verdadeiro em 1789. Porque conheciam o sentimento nacional a esse respeito, os membros da Assembléia Constituinte permaneciam inabaláveis, mesmo em presença das demonstrações ameaçadoras da Comuna.

Os comerciantes de Paris acrescentavam que os judeus, dos quais “nenhum foi jamais criado segundo os princípios de uma autoridade legítima”, entendem mesmo como usurpação toda autoridade exercida sobre eles, pretendem um império universal, e se consideram como verdadeiros senhores de todos os bens, dos quais os outros humanos são ladrões”.

Na sessão de 23 de dezembro de 1789, Maury fizera esta observação:

“A palavra *judeu* não é o nome de uma seita, mas de uma nação que tem leis, que sempre as seguiu, e que ainda quer segui-las. Chamar os judeus de cidadãos seria o mesmo que dizer que, sem deixar de serem ingleses e dinamarqueses, os ingleses e os dinamarqueses pudessem tornar-se cidadãos franceses. Os judeus atravessaram dezessete séculos sem se misturar aos outros povos.

“Não devem ser perseguidos, são homens, são nossos irmãos. Que sejam, pois, protegidos como indivíduos, e não como franceses, porque não podem ser cidadãos”.

Era o brado do bom senso.

Somente o batismo pode incorporar o judeu a uma nacionalidade diversa da sua nacionalidade original. Quando ele cai aos pés de Jesus Cristo, como os doze apóstolos, como Paulo, então, sem deixar de amar seus irmãos de sangue, ele ama sinceramente e cordialmente a pátria que lhe deu um lar. Para citar apenas um ou dois exemplos, os irmãos Ratisbonne e os abades Lémann são com toda certeza tão bom franceses quanto um francês. Mas, afora essa purificação divina, em todo lugar e para sempre o judeu permanece judeu. Pode-se dar a ele uma carta de naturalização, ele a aceitará porque ela lhe propiciará um benefício; mas, no fundo do coração e entre os seus, ele a desprezará e permanecerá judeu.

Por quatorze vezes a Assembléia Constituinte tinha repudiado a admissão dos judeus como cidadãos ativos.

Quando, no dia 29 de setembro de 1791, após todas essas tentativas infrutíferas, os franco-maçons retornaram uma décima quinta vez diante da Assembléia Constituinte para que fosse votado o decreto concedendo aos judeus todos os direitos dos cidadãos ativos, Rewbell, o Alsaciano, obstinado inimigo dos israelitas, quis de novo combater a proposição. Regnault de Saint-Jean-d’Angély, cortando-lhe a palavra, exclamou: “Peço que se chame à ordem todos os que falam contra esta proposição, porque *é a própria Constituinte que eles combatem*”.

Com efeito, toda a Revolução tinha sido maquinada para chegar a esse resultado.

Na véspera do encerramento da Constituinte, Duport exige “que se decrete que os judeus gozarão na França dos direitos de cidadãos ativos”. Renunciando ao combate, a Constituinte, que ia se dissolver no dia seguinte, deixou passar a moção de Duport: os judeus, armados dos direitos de cidadãos ativos, podiam legalmente começar a invadir tudo. Eles eram então apenas quinhentos em Paris; mas na França, como em toda a Europa, eles tinham a seu serviço um numeroso e brilhante exército de conspiradores, organizados em sociedades secretas: os vinte e quatro oradores que advogaram a causa deles na Constituinte eram todos franco-maçons.

De Bonald, julgando o ato através do qual a Assembléia Constituinte concedeu assim os direitos de cidadania aos judeus, escreveu:

"A Assembléia os declara *cidadãos ativos*: título que, como a declaração dos *direitos do homem*, novamente decretados, era então encarado como o mais alto grau de honra e beatitude ao qual uma criatura humana pudesse aspirar!... Mas os judeus eram mais repelidos pelos nossos costumes do que oprimidos pelas nossas leis. A Assembléia praticava o enorme e voluntário delito de colocar suas leis em contradição com os costumes.

"Logo os judeus deviam, como cidadãos ativos, ser chamados a participar do próprio poder...

"... *Que se cuide para que o afrancesamento dos judeus não se transforme em opressão para os cristãos!*

"... Os cristãos podem ser enganados pelos judeus, mas não devem ser governados por eles. Essa dependência é ainda mais ofensiva para a sua dignidade do que a cupidez dos judeus é lesiva aos seus interesses".

Não é verdadeiramente profética essa palavra? Que se cuide para que o afrancesamento dos judeus não se transforme em opressão para os cristãos?[26]

Também o abade Joseph Lémann fez acerca dos Direitos do Homem e do partido que os judeus souberam deles tirar esta reflexão: "O homem abstrato" foi inventado por uma Sociedade soberba para se desembaraçar de Jesus Cristo; desse mesmo "homem abstrato" saíram os judeus; e aconteceu que, não contando mais Jesus Cristo para o governo dessa Sociedade, os *embusteiros* encontraram o caminho aberto para se tornarem os seus *governantes*".

"... Só se chega tão longe quando não se sabe onde se vai". Isto foi dito por Cromwell. É a história da Assembléia de 1789.

"Proclamando os famosos *direitos do homem* como base da Sociedade, a Assembléia de nenhum modo pensava nos judeus. Quando ela os percebeu e quis detê-los era tarde demais. Juntamente com a cabeça da serpente esse primeiro anel tinha passado e muitos outros deveriam seguir!"

Se a Assembléia Constituinte não tinha sabido ver os judeus através da *Declaração dos Direitos do Homem*, é mais do que provável que estes estivessem há muito tempo emboscados atrás dessa Declaração, como estavam atrás da franco-maçonaria, a qual, criada por eles, fazia a Revolução não para o bem da França, mas para proveito deles.

A Assembléia Constituinte abriu as portas da sociedade francesa aos judeus. Napoleão, em 17 de março de 1808, fez com que eles as transpusessem. Descontente em ver os judeus perseverarem nas suas práticas usurárias, e evitarem por subterfúgios indignos o serviço militar, ele tomou a resolução de vencer aqueles dos quais dizia: "O mal que fazem os judeus não vem dos indivíduos, mas da própria constituição desse povo: são lagartas, gafanhotos que devastam a França". Mas para isso adotou uma política diametralmente oposta àquela que tinha sido seguida antes da Revolução.

---

[26] O judeu Bernard Lazare dizia numa conferência feita em 6 de março de 1897, por ocasião de uma visita de estudantes israelitas russos a Paris: "Como traduzir esse fato para um certo número de indivíduos, de terem o mesmo passado, as mesmas tradições e idéias comuns? Traduz-se-o dizendo que eles pertencem a um mesmo agrupamento, que eles têm uma mesma nacionalidade. Tal é a justificativa do liame que une os judeus das cinco partes do mundo: "Existe uma nação judia". Os fundadores da *Aliança Israelita Universal* concordavam com isso quando escreviam, há quarenta anos: "A aliança que fundamos não é francesa, nem alemã, nem inglesa, mas universal; não temos compatriotas, não conhecemos correligionários... Não está longe o dia em que as riquezas da terra pertencerão aos judeus!".

Essa verdade mostra-se hoje tanto mais evidente para aqueles que meditam no fato de ser ela simultaneamente proclamada pelos fatos e, como se vê, pelos próprios judeus.

Os reis de França tinham mantido os judeus fora da sociedade francesa. Napoleão quis instalá-los definitivamente: “Desejo adotar todos os meios... para fazer com que encontrem Jerusalém na França”.

Com esse objetivo ele convocou em Paris, pelo decreto de 30 de maio de 1806, uma assembléia dos notáveis israelitas escolhidos pelos prefeitos em todos os departamentos do Império e do reino da Itália.

Três comissários, Molé, Portalis e Pasquier, foram nomeados pelo Imperador para dirigir os trabalhos da Assembléia. Um certo número de perguntas lhes foi apresentado pelos comissários imperiais. Citemos algumas:

“Aos olhos dos judeus, os franceses são seus irmãos ou são estrangeiros?” “Os judeus nascidos na França e tratados pela lei como cidadãos franceses olham a França como sua pátria? têm a obrigação de defendê-la? estão enfim obrigados a obedecer as leis e seguir as disposições do Código Civil?”

Enquanto os três comissários faziam as perguntas aos israelitas, de Champagny ditava secretamente aos interessados as respostas que Napoleão desejava.

Mas a autoridade da Assembléia dos Notáveis não bastava: “É preciso, diz Molé, que suas respostas, convertidas em decisões por uma outra Assembléia, de uma forma ainda mais importante e mais religiosa, possam ser colocadas ao lado do Talmude e assim adquiram, aos olhos dos judeus de todos os países e de todos os séculos, a maior autoridade possível... É o grande Sinédrio que Sua Majestade se propõe a convocar hoje. Esse corpo, caído com o Templo, vai reaparecer para tornar compreensível para todo o mundo o povo que ele governava...”

O abade Joseph Lémann descreveu essa assembléia:

Os integrantes do Sinédrio são em número de 71, como na época das sessões em Jerusalém. Usam um traje severo e escuro, aquele que usavam os membros do grande Sinédrio do tempo antigo.

Onde a imitação do antigo tempo excita o interesse em mais alto grau é na denominação dos membros, assim como a disposição da sala de sessões: o presidente chama-se *Nasi*, chefe ou príncipe do Sinédrio.

Ele tem dois assessores: o primeiro assessor, sentado à sua direita, é chamado *Ab-beth-din*, pai do tribunal; o segundo assessor, sentado à esquerda, tem o nome de *Halam*, sábio.

A sala de sessões é disposta em semicírculo, segundo o costume praticado na antiguidade.

Desde a primeira sessão o entusiasmo possui todos os espíritos e o chefe faz-se intérprete desse clima num discurso em que glorifica Napoleão:

“Doutores da lei e Notáveis de Israel, glorificai o Senhor!

“A Arca santa, batida por séculos de tempestades, deixa enfim de ser agitada.

“O eleito do Senhor conjurou a tempestade, a Arca está no porto.

“Ó Israel, seca tuas lágrimas, teu Deus lançou um olhar sobre ti. Tocado pela tua miséria, Ele vem renovar Sua aliança.

“Graças sejam dadas ao herói, para sempre célebre, que encadeia as paixões humanas, assim como confunde o orgulho das nações!

“Ele eleva os humildes, humilha os soberbos, imagem sensível da Divindade, que se compraz em confundir a vaidade dos homens.

“Ministro da justiça eterna, todos os homens são iguais perante ele; seus direitos são imutáveis.

“Doutores e Notáveis de Israel, é a esse príncipe sagrado por esse grande homem que deveis a alegria de estar reunidos em assembléia para discutir os interesses de Israel.

“Fixando meu olhar sobre esse conselho supremo, minha imaginação atravessa milhares de séculos. Transporto-me ao tempo da sua instituição, e meu coração não pode impedir uma certa emoção que dividireis comigo...”

No dia 9 de março, o grande Sinédrio, após ter reconhecido, como assembléia dos Notáveis, que na lei de Moisés existiam disposições políticas que regiam o povo de Israel na Palestina, quando tinha suas leis, seus pontífices e seus magistrados, declarou que essas disposições não lhe eram mais aplicáveis desde que não mais formava um corpo de nação. Assim o Sinédrio se conformava às vontades secretas do imperador e consentia em rasgar a Bíblia. O resto será combinado mais ou menos sem resistência. O Sinédrio reconheceu que a poligamia era proibida aos israelitas, que o ato civil do casamento devia preceder o ato religioso, que o divórcio não podia ser formalizado senão segundo as leis civis, que os casamentos entre israelitas e cristãos eram válidos, que a lei de Moisés obrigava a considerar como irmãos todos aqueles que acreditavam num Deus criador, que os judeus tinham relativamente aos outros homens deveres de justiça e de caridade; que deviam obedecer as leis da pátria, exercer de preferência profissões mecânicas e liberais, e abster-se escrupulosamente da usura.

Por uma espécie de contradição, ou melhor, para tomar com uma mão o que era dado com a outra, o Sinédrio considerou o Talmud quase em pé de igualdade com a lei de Moisés.

Os judeus estrangeiros não aprovaram as decisões do Sinédrio; mas pouco importava aos judeus da França; eles conheciam o partido que poderiam tirar do fato de serem reconhecidos como cidadãos franceses.

Napoleão, através de dois decretos datados de 17 de março de 1808, deu autoridade legal às decisões do Sinédrio, e o culto judeu tornou-se um culto oficial.

O grande Sinédrio aprovou e sancionou tudo o que já tinha sido feito, segundo a vontade do Imperador.

Os judeus esgotaram todas as formas de adulação para marcar sua satisfação. No aniversário de nascimento do Imperador, a sinagoga de Paris foi transformada em “templo pagão” (é a própria expressão de que se servem os historiadores israelitas). O novo deus é o Imperador, cujo retrato, rodeado de flores, está no templo; discursos são pronunciados. O rabino Segré inspira-se em Daniel para louvar Napoleão: “... Verdadeiramente apareceu sobre a terra um gênio sobrenatural, cercado de uma grandeza e de uma glória infinitas. E eis que com as nuvens do céu vinha o Filho do Homem e o Ancião dos dias deu-lhe o poder, a honra e o reino”. O rabino Sinzheim tomou emprestadas a Isaías suas hipérboles: “Eis o meu servidor, cuja defesa assumirei; eis meu eleito, no qual minha alma colocou toda sua afeição. Derramarei sobre ele meu espírito, e ele fará justiça às nações; ele não será triste, nem precipitado quando exercer seu julgamento sobre a terra, e as ilhas aguardarão sua lei. Eu sou o Senhor que te conservei, que te estabeleci para seres o reconciliador do povo e a luz das nações”.

Todas as formas de linguagem e todos os idiomas deviam servir ao louvor de Napoleão. O rabino Segré pronunciou um discurso em italiano; o rabino Sinzheim fez um sermão em alemão; o rabino Cologne, deputado de Mântua, recitou uma ode em língua hebraica.

Um ano tinha se passado desde a dissolução da Assembléia dos Notáveis, quando Napoleão expediu os decretos de 17 de março de 1808. Esses decretos têm uma importância histórica considerável. No momento da sua expedição teria sido justo repetir o que fora dito no início das deliberações da Assembléia: “O culto mosaico sai pela primeira vez... da espécie de *incógnito* na qual esteve há dois mil anos”. Esses decretos fizeram do culto israelita — praticamente inexistente na véspera, e, em todo caso, completamente desprovido de organização — um culto oficial e legal.

Tais são, resumidas tão brevemente quanto possível, as diferentes etapas percorridas pelos judeus[27] até o dia em que começou para eles uma nova era: "O nome de Napoleão deve ser inscrito no frontispício da nova era que se abriu para os judeus".

Ele foi, no considerar do povo deicida, mais longe do que a Assembléia Constituinte. Esta havia declarado os judeus cidadãos, se bem que tivessem permanecido estranhos a tudo aquilo que interessava à nossa pátria, e que tivessem sido freqüentemente um verdadeiro flagelo para ela; mas ela tinha parado aí. Napoleão foi mais longe; ele instalou os judeus na França e fez da organização do seu culto uma engrenagem administrativa posta sob a garantia da lei e sob a proteção dos poderes públicos. A sinagoga foi dali em diante uma instituição do Estado. O culto judeu tornava-se, pela vontade de Napoleão, igual ao culto católico. Uma espécie de França judia estabelecia-se assim, pela vontade do soberano, ao lado da velha França católica.

O grande Sinédrio não sobrevivera ao deicídio. Napoleão teve a audácia de querer restabelecê-lo, sem compreender que o povo judeu é um povo à parte, que sua existência, apesar da dispersão por toda a terra, é um milagre permanente, e que uma maldição pesa sobre ele, maldição que nada no mundo, nem mesmo o poder do maior gênio, poderia apagar. Ele acreditou que sua vontade seria suficientemente forte para fazer com que os judeus fossem franceses como os outros. Ele fracassou, e cem anos depois vemos que em vez de serem iguais a nós eles se tornaram nossos senhores.

O judeu Cahen disse muito bem nos *Archives Israélites* (t. VIII, p. 801, 1847): "*O Messias veio para nós no dia 28 de fevereiro de 1790, com os Direitos do Homem*". O Messias significa aquilo que nos permite a conquista do mundo. Os Direitos do Homem deram, inicialmente, a liberdade econômica que permitiu aos judeus acumularem seu tesouro de guerra; depois a liberdade filosófica, que lhes serve para deformarem a moral e o espírito franceses; enfim, o sufrágio universal democrático e inorgânico que nos trouxe o outro Napoleão e que os fez passar da igualdade para a dominação sob a qual gememos.

Aquilo que eles fizeram na França fazem-no nas outras nações, graças aos mesmos princípios que Napoleão espalhou à ponta de espada em toda a Europa. "Como tudo já mudou para nós, exclamou o judeu Crémieux numa das primeiras assembléias da *Aliança Israelita Universal*, e em quão pouco tempo!".

9. RABINOS, CONSISTÓRIOS E SINAGOGAS

Por decreto de 11 de dezembro de 1808, datado de Madri, Napoleão não se contentou em organizar no seio da França a raça judia, ele concedeu a consagração oficial ao seu culto. Ele instalou treze consistórios, com um consistório central em Paris; hierarquizou os rabinos, elevados por ele a uma espécie de dignidade sacerdotal e lhes deu um hábito.

O sacerdócio judeu pertence apenas aos filhos de Aarão, que não mais existem de maneira distinta; ele foi abolido, assim como os sacrifícios figurativos, por ocasião da destruição do Templo de Jerusalém.

Assim, quando os comissários imperiais fizeram esta pergunta:

— *Quem nomeia os rabinos? Que jurisdição eles tem?*

A Assembléia respondeu: "A qualificação de rabino não se encontra na lei de Moisés... As atribuições dos rabinos, onde existem, limitam-se a pregar a moral, a abençoar os casamentos e a pronunciar os divórcios". Onde ninguém tinha a qualificação de rabino, essas funções eram

---

[27] Cf. *La Condition des Juifs en France depuis 1789*, por Henry-Lucien Brun. Paris, Nouvelle Librairie Nationale. Pode-se dizer que nesse livro os judeus pintaram a si mesmos. São os documentos e os fatos que nele falam, como nos livros de Taine sobre a Revolução.

cumpridas pelos anciãos, e mesmo onde os rabinos se encontravam elas podiam ser realizadas por outros judeus.

O nome “rabino” não significa “sacerdote”, mas “professor” ou “preceptor”; é dado àqueles que têm a reputação de bem conhecer a lei. Foi somente depois dos decretos de Napoleão que passaram a ser considerados como ministros do culto e que se lhes deu um caráter fictício, em contradição com a lei do Antigo Testamento.

Os rabinos são o que eram outrora os “escribas”, que de nenhum modo pertenciam à tribo de Levi. Eles são doutores da ciência religiosa. Mas nas suas pessoas nada há do sacerdócio. Este é o sentimento dos próprios judeus. Em apoio a essa afirmativa bastará reproduzir o próprio texto de um dos membros notáveis do consistório da cidade de Paris: “Os rabinos não são, como os párocos e os pastores das comunhões cristãs, os ministros *necessários* do nosso culto. O ofício das orações no seio dos nossos templos não se efetua por intermédio deles. Eles não são os confidentes das nossas consciências. Seu poder *nada pode* para a salvação das nossas almas... O diploma do rabinado é compatível com todas as profissões e contamos entre nós com rabinos advogados, rabinos de lojas e rabinos comerciantes de feiras”.[28]

No entanto, agora gostam de designá-los com estes termos sagrados: os *padres*, os *pontífices*, o *sacerdócio* da nação. “Em Paris, diz o *Univers Israélite*, encontramo-nos em presença de um fato acabado; esperamos que “nosso novo soberano pontífice” não esquecerá que ele é doravante o guia espiritual de todo o judaísmo francês, e não mais somente da comunidade de Paris”.[29] “Esses pontífices, diz Gougenot de Mousseaux, nada têm de pontífices; esses padres são padres apenas na aparência, para iludir os povos cristãos que os pagam. Se eles não criassem e fizessem circular entre nós essa audaciosa ficção, esse fantasma enganador do sacerdócio, perderiam aos olhos dos povos o prestígio de ter uma religião, esse bem, esse tesouro inapreciável que, após tantos séculos, morreu nas mãos deles; perderiam também perante o orçamento o direito de se apresentarem para receber os honorários e as taxas do culto que, sem uma religião e um ministro verdadeiramente sacerdotal, não passaria de uma ridícula e mentirosa paródia”.

Foi Napoleão quem constituiu a hierarquia moderna dos ministros do culto israelita. Ele lhe impôs suas leis na assembléia dos israelitas de 30 de maio de 1806.[30]

Luís Filipe completou a obra.

“A ordenação real de 1831, diz o Revmo. Pe. Ratisbonne, sancionou essa singular anomalia de um *sacerdócio impossível*. Com efeito, os rabinos transformados em padres pela lei civil permaneceram sem autoridade entre os judeus e foram alvo de sarcasmos dos seus amigos e dos seus inimigos”.[31]

Desde 1885 o culto israelita compreende nove consistórios departamentais e outras tantas sinagogas consistoriais (Paris, Nancy, Bordéus, Marselha, Baonne, Lião, Vesoul, Lille e Besançon), e, ademais, um certo número, sempre crescente, de sinagogas comunais, espécie

---

[28] *Des Consistoires en France*, por Singer, membro do consistório, p. 32-33, Paris, 1820.

[29] *Univers Israélite*, dezembro de 1866, p. 147.

[30] “Esses ministros são o *grande rabino* do consistório central e os *rabinos* dos consistórios departamentais e das sinagogas particulares cujo estabelecimento for autorizado”.

Chamam-se consistórios os conselhos encarregados de dirigir os negócios dos judeus.

O consistório é composto por dois rabinos e três outros membros escolhidos por uma assembléia dos notáveis, apresentados pelo consistório central e nomeados pelo Ministro do Interior, mediante indicação dos prefeitos.

Napoleão decretou quer seriam estabelecidos uma sinagoga e um consistório israelita em todos os departamentos que contassem 2.000 indivíduos professantes da religião judia e em Paris um consistório central.

Um decreto de dezembro do mesmo ano fixa o número das sinagogas consistoriais em 13. Havia 77.162 israelitas na França.

Deve-se lembrar que o império francês de então era bem mais extenso do que a atual França.

[31] *La Question Juive*, p. 20.

de paróquias judias, que têm à testa *rabinos* e *ministros oficiantes*. Domina toda essa organização um consistório central estabelecido em Paris.

O culto judeu não se tornou apenas igual ao culto cristão; ele foi favorecido.

A lei de 14 de novembro de 1881 proíbe a qualquer culto ter um lugar de inumação particular; não obstante, os israelitas continuam a ter, em cada cidade importante, um cemitério especial.

Assim, um autor inteiramente devotado à causa judia, G. Baugey, doutor em direito, pôde, em 1899, terminar um estudo sobre a situação do culto israelita com a seguinte conclusão:

"Se se acrescenta que, de fato, a administração *não aplica* aquelas disposições legais que poderiam constituir a religião israelita em estado de inferioridade relativamente à religião católica, ao passo que *se mostra muito freqüentemente rigorosa em relação a esta última e aos seus ministros*, compreenderemos facilmente que a situação dos israelitas na França, do ponto de vista do culto, não é igual e inferior à dos outros franceses... Nada nos atos do governo permite dizer que o culto israelita seja perseguido" (*Conditions du culte israélite*, p. 285).

10. ESTADO CIVIL DOS JUDEUS

O decreto de 11 de dezembro de 1808 obrigou os judeus a adotarem novos nomes.

Os judeus não tinham nomes patronímicos, diz o abade Lémann; ao nome pessoal: *Jacó*, ou *Nathan*, ou *Moisés*, ou *Salomão*, acrescentavam, segundo antigo costume, a locução "filho de um tal": Jacó, *filho* de Baruque, o qual, por seu turno, é *filho* de Samuel, o qual, por sua vez, é *filho* de Jonas.

Resultava desses nomes, sempre os mesmos, apesar da adição da cidade (Samuel de Francfurte, Nathan de Lisboa etc.) uma confusão nos negócios e uma facilidade para trocar de nome, facilidade que os judeus usavam cada vez que viam alguma vantagem.

O decreto ordenou a adoção de *um nome patronímico* de família e um *prenome fixo*.

Foi a partir daí que os judeus verdadeiramente entraram na sociedade e foram assimilados aos cidadãos.

Eles então forjaram nomes, tornados célebres hoje, e como eles não deviam, após o decreto, tirá-los da Escritura, torturaram a Bíblia: MOISÉS deu *Mosches, Moche, Manche*; LEVI deu *Lœvy, Levisthal, Halévy*; ABRAÃO deu *Brahm*; EFRAIM deu *Ephrussi*; ISRAEL, *Disraeli*.

Mas foram sobretudo a botânica, a geografia e a zoologia que serviram de fonte para a nomenclatura do novo dicionário.

Houve o judeu astronômico: *Stern*, estrela; *Goldstern*, estrela de ouro, e todos os nomes em *stern*; o judeu botânico: *Rosen*, rosa, *Rosenthal*, vale das rosas; *Blum*, flor; *Kornblüth*, centáurea etc.

Mas o judeu geográfico apareceu sobre todos e o decreto fez nascer *Crémieux* de l'Isère, *Carcassonne*, cidade onde havia bom número deles*, Worms, Lisbonne, Lyon, Allemand, Charleville* etc., etc.

Não faltou o judeu zoológico: *Wolff*, lobo; *Katz*, gato; *Beer*, urso, com seus derivados *Meyerbeer, Cerfbeer*; *Hirsch*, cervo.

Convidando-os, diz ainda o abade Lémann, a se vestirem com novos nomes, Napoleão iria tornar mais fáceis o assalto e a invasão das dignidades, das altas funções, do poder. Se eles tivessem continuado a se chamar simplesmente Jacó, Tobias, Israel, Baruque, Moisés, teriam sido mais tímidos a se apresentarem, a atravessarem as camadas sociais que os acolhiam, para subirem até os cumes. Eles teriam se limitado a se sentarem nos arredores da última posição, em lugar de visarem à primeira.

Um *Israel* jamais teria sido primeiro ministro na Inglaterra: um *Disraeli* o foi. *Baruque* ou *Tobias* jamais teriam ousado, na França, pretender o Ministério da Justiça: *Crémieux* o recebeu.

11. QUE SÃO HOJE OS JUDEUS ENTRE NÓS

Os códigos de Teodósio e de Justiniano, o direito canônico, as leis dos visigodos e as ordenações da Idade Média, os *ukases* dos tzares etc., tinham estabelecido uma situação especial para as populações judias, tribo nômade acampada no Estado, *consortium* de financistas temidos pelos verdadeiros produtores de riqueza, e seita essencialmente hostil à religião cristã.

A Assembléia Constituinte e Napoleão I mudaram esse estado de coisas: deram aos judeus os direitos do cidadão francês.

Agiram bem? Devemos felicitar-nos por essa inovação?

Se se considera que o *judaísmo* constitui não apenas um culto separado, mas uma raça imutável, que o judeu, antes da sua pátria aparente e física, pertence a uma pátria comum ideal à qual é difícil crer que algum dia renuncie; que assim, nação secreta no seio de cada nação que os adota, a um tempo cidadãos e estrangeiros, os judeus possuem para a conquista material do mundo armas especiais, e que suprimem em benefício deles toda igualdade nas condições da luta, percebe-se bem que erro cometeram os Estados modernos ao tratá-los em pé de igualdade com o restante dos cidadãos.

Após a organização imperial do culto judaico, os judeus nacionalizados franceses tornaram-se *duas vezes* cidadãos sobre a própria terra dos nossos pais, na qual somos *apenas um!* Ei-los tornados cidadãos franceses tanto quanto pode sê-lo um Montmorency; mas, ao mesmo tempo, e mais do que nunca, ei-los reconhecidos cidadãos judeus ou membros de uma nação que não é a nossa, que se ramifica e toma raízes no mundo todo, que se afirma por sua lei talmúdica, mortal inimiga da nossa, que sofre, querendo ou não, sob o jugo da sua ortodoxia religiosa, a *necessidade* de permanecer estrangeira em toda nação cujo governo a acolhe e a satisfaz. Cessando de viver a vida dos *dispersos*, os filhos de Jacó, *pela própria lei* que se esforça em fundi-los, tornaram-se um povo distinto e são reconhecidos como corpo de nação judaica. Eles gozam em paz os benefícios de uma assimilação que sua crença, seu coração, no seu âmago talmúdico, declara só poder ser provisória e fictícia para eles; e nós os vemos, no momento em que a lei parece misturar o sangue deles ao nosso nas veias do corpo social, se unirem, se estreitarem numa ligação mais sólida do que nunca, realmente preparados e disciplinados nessa nova organização, às vistas da política que lhes é própria e cujos acontecimentos lhes ditarão os conselhos no dia a dia. Não nos espantemos mais, pois, se esses fiéis do judaísmo se preparam, na ativa paciência da espera, para o ato supremo no qual se resumem, após séculos, as imorredouras esperanças do judeu farisaico, guiadas pelos rabinos do Talmude.

Gougenot des Mousseaux não exagera quando, após ter amontoado documentos sobre documentos em apoio à sua tese, a resumia assim:

“Auxiliados em todos os reinos da terra pelo socorro mútuo que se entreprestam com ardor os membros de suas comunidades; auxiliados pelos socorros que retiram das associações mistas e das contribuições industriais; auxiliados pelos socorros e pela proteção que lhes devem e lhes prodigalizam as sociedades secretas, nas quais seu posto é o posto supremo e cujo poder se iguala ou hoje domina todo poder; cidadãos da sua própria nação e cidadãos da nação que os adota, quer dizer, duas vezes cidadãos e duas vezes esplendidamente protegidos na pátria em que cada cristão só o é apenas uma vez, os judeus, cuja astúcia, cuja audácia e cuja habilidade tem sido sempre coisa proverbial, têm sobre todo nacional dos Estados cristãos a mais incontestável das vantagens e delas se prevalecem com uma habilidade singular para fazer crescer uma influência já tão grande. Simples observador do fato do qual não parecia discernir a causa, um homem de espírito de raça israelita escrevia, há algum tempo, com verdade: “Os judeus preenchem, guardada a proporção e graças à sua insistência, mais empregos do que as outras comunhões católicas e protestantes. Sua desastrosa influência faz-

se sentir sobretudo nos negócios que mais pesam sobre a fortuna do país; não existe empreendimento em que os judeus não tenham larga participação, nenhum empréstimo público que eles não monopolizem, nenhuma desgraça que eles não tenham preparado e da qual não tirem proveito: eles não têm razão para se queixar, como fazem diariamente, eles que têm todos os favores e que tiram todo o proveito" (*Cerfbeer de Medelsheim, Les Juifs*, p. 9).

"Numa palavra, fortes contra cada um de nós, pelas forças que as leis do Estado lhes emprestam, fortes por aquela que lhes dá, em meio à massa dos povos, a natural organização da comunidade judaica, fortes por aquelas que retiram das sociedades do ocultismo e das alianças criadas segundo a necessidade dos tempos e dos lugares por essas sociedades, os judeus, com observa Kluber, formam no seio dos reinos cristãos um Estado dentro do Estado. "Daí decorre, se a sociedade cristã permanece digna do seu nome e fiel na defesa dos seus direitos, que um antagonismo permanente entre o Estado e o judaísmo torna-se inevitável",[32] e que o triunfo do judeu (*quer dizer, a desordem dos Estados cristãos*) ou da civilização cristã é a conseqüência inevitável dessa luta".

Tudo isso fora previsto.

Um livro publicado na Alsácia, no fim de 1790, sob o título *Les juifs doivent-ils être admis au titre de citoyens actifs?*, tinha lançado este brado de alerta: "Que o judeu seja cidadão sob todos os aspectos *pelos quais ele não for cidadão pernicioso*, muito bem; que todos *os direitos com os quais nossas leis poderiam vigiar sua consciência* lhe sejam dados sem distinção, muito bem; que ele possa enfim exercer seu culto desde que não perturbe a ordem.

"Tudo isso é possível, caridoso mesmo e deve ser largamente recomendado aos novos cidadãos. Mas *que em nenhum caso o judeu seja elegível para os corpos políticos, administrativos e judiciários*, quer dizer, que ele não seja revestido de nenhuma das funções importantes e delicadas, que sempre deveriam ser presididas pelos princípios de uma moral cristã.

"O gozo ilimitado de todos os direitos de cidadão colocaria as vantagens da condição do judeu acima daquela de qualquer outro francês, porque, de uma parte, ele colheria o ouro em abundância; e, de outra, esse ouro colocaria em suas correntes um grande número de escravos, cujos sufrágios ele dirigiria nas assembléias, e lhe serviriam de instrumentos para se elevar até a cadeira do presidente da nação, ou, então, para se colocar sobre as flores de lis".

Esses pensamentos tinham inspirado Luís XVI quando ele começou a reformar a legislação relativa aos judeus; mas logo se perderam de vista os limites nos quais a reforma podia ser operada e se viu o que aconteceu.

Depois disso devemos nos espantar das queixas que se levantam por toda parte?

Um marselhês, socialista militante, escrevia há um ou dois anos aquilo que pode ser escrito na maior parte das nossas cidades: "Os judeus são os senhores da nossa cidade. Há mais de quatrocentas mil almas em Marselha. Eles são apenas um milhar. Isso não os impede de serem os detentores de todas as nossas riquezas. Ele possuem uma das grandes companhias de navegação. Eles têm a Bolsa. Eles têm os tribunais de comércio. Eles têm os juízes e advogados dos agentes de comércio. Eles têm quase toda a magistratura e o Ministério Público. O alto banco, os juizados estão povoados de Levy, de Cahen, de Mossé e de Bédarride.

"A administração é feudo deles, como em todo o resto da França.

"Eles têm também o alto comércio. Nossos marselheses dir-vos-ão que existe em toda a cidade *uma só* grande loja de confecções que não está nas mãos de Israel: essa única casa cristã não tem ainda um ano de existência. Os mesmos judeus que se isolavam, há cem anos, em tristes lojinhas no fundo de ruelas obscuras, ocupam atualmente as mais belas instalações.

[32] Kluber. *Coup d'œil des déliberations diplomatiques du Congrès de Vienne*.

A rua Saint-Ferréol, a rua de Rome, a metade da Cannebière pertencem aos judeus. E eles são apenas mil... Isso não é natural!

"A grande força dos nossos judeus vem da solidariedade. Eles são dotados de um maravilhoso espírito de família e de um admirável espírito nacional. Em todas as ocasiões sabem formar contra os seus concorrentes cristãos um forte batalhão. Eles se unem e nos dias de sucesso penetram todos juntos em nossas fileiras. Os reveses que eles experimentam são suportados em comum ou, mais praticamente, entram em acordo para fazê-los suportar aos cristãos. Uma falência judia jamais atinge os judeus; e credores judeus são para eles melhores do que credores privilegiados: são credores sagrados. Eles não param de viver assim, fora de todo direito comum. São os primeiros a se porem fora da lei quando nisso têm alguma vantagem. Gostaríamos que eles tivessem que suportar também os inconvenientes desses negócios *fora da lei*. Os judeus formaram um Estado dentro do Estado. Que a lei considere o nascimento desse novo Estado e que a nação se ponha em guarda contra ele".

O conselho com o qual o marselhês termina sua queixa começa a ser ouvido um pouco por toda parte. As nações se põem em guarda contra os judeus.

Se existe um país no qual não se deveria ter medo dos judeus, esse país é a Inglaterra. O exemplo do judeu Disraeli, o maior ministro conservador do século passado, parecia decisivo e tranqüilizador. E no entanto a Inglaterra toma suas precauções. Alguns publicistas influentes, chocados com a excessiva proporção de judeus que se encontra entre os multimilionários e sobretudo entre os parlamentares e os diretores de jornais, começaram a campanha anti-semita.

Na Alemanha, na Rússia, os judeus são legalmente excluídos das fileiras militares. Na Áustria, na Espanha, na própria Itália, a tradição, a despeito da lei, opõe-se freqüentemente à admissão, entre os oficiais, dos membros da raça judia. Sabemos o que custa à França não ter levado em consideração essa prudência das nações.

As nações cristãs escaparão da dominação do judeu na medida em que elas saírem da política cosmopolita para voltarem à política nacional.

Ora, quem não o vê? A política seriamente nacional relega os judeus ao segundo plano. Os filhos de Israel formam, como os franco-maçons, seus aliados ou seus serventes-escudeiros, uma panelinha secreta dentro da grande sociedade nacional. Daí porque eles não podem ser os representantes oficiais da vida dessa sociedade nacional. As funções públicas devem ser confiadas na Inglaterra a ingleses, na Alemanha a alemães, na França a franceses. Não basta que os funcionários públicos pertençam legalmente à nação por um artifício de escrituras; é preciso que pertençam à alma da nação por seus ancestrais, pelos serviços prestados, por um patriotismo provado.

Porque não são apenas os interesses privados que estão em perigo em razão da situação privilegiada dada aos judeus hoje em dia; os interesses nacionais também estão.

Disraeli, que acabamos de mencionar, no seu livro *Coningsby* (p. 183-184; tradução francesa, p. 148 e segtes.) expôs, em 1844, com uma indizível complacência a superioridade crescente que a raça judia adquire na Europa e como ela prepara seu reino universal.

"Em conseqüência de lutas mil vezes repetidas..., o peso de mil e quinhentos anos de servidão sobrenatural abateu-se sobre nossas cabeças. Mas, longe de sermos quebrados sob esse fardo de opressão e ignomínias, nós zombamos dos esforços da invenção humana, que se esgotava em vão em nos perder... Os judeus! os judeus! É possível que vejais algum dia evidenciar-se um movimento de alguma importância na Europa sem que os judeus nele figurem em grande parte?

"... Essa diplomacia russa, tão cheia de mistérios; e diante da qual empalidece a Europa ocidental inteira, quem a organiza e a dirige? *Os judeus!* A poderosa revolução que se prepara e se trama na Alemanha, onde, de fato, ela logo será uma segunda reforma, mais considerável do que a primeira, sob quais auspícios adquire ela a plenitude do seu desenvolvimento? *Sob*

os auspícios do judeu. A quem toca o monopólio quase completo de todas as cátedras docentes? Neandre, o fundador do catolicismo espiritual, e Regius, o professor de teologia da Universidade de Berlim, não são *dois judeus?* Benary, essa celebridade da mesma Universidade, é *um judeu*, não é? E é ainda um *judeu* Wehl, o professor de Heildelberg... Numa palavra, qual é o nome dos professores alemães da raça judaica? Esse nome é *legião!*

"Quando cheguei a São Petersburgo tive uma entrevista com o Ministro das Finanças da Rússia, o conde Cancrim; era filho de um *judeu* da Lituânia.

"Na Espanha consegui uma audiência com o ministro Mendizabal. Mendizabal é o que eu mesmo sou, *o filho de um judeu*, de um convertido da província de Aragão.

"Em Paris quis conhecer a opinião do presidente do Conselho, e tive diante dos olhos um herói, um marechal do Império (aquele que um dia por pouco não se sentou no trono de Portugal), numa palavra, *o filho de um judeu* francês, Soult. Mas como! Soult, um judeu? Sim, sem dúvida, assim como *vários outros marechais do Império*, à testa dos quais encontra-se Masséna, que entre nós se chama Manasseh...

"Deixei Paris para ir a Berlim, e o ministro que visitei não era outro senão um *judeu* prussiano... *Este mundo é governado por personagens inteiramente diferentes daqueles imaginados pelos que não vêem o que se passa atrás dos bastidores...*"

Assim, em 1844, os ministérios dos maiores países da Europa eram dirigidos não pelos seus soberanos, mas por *judeus*. É um primeiro ministro da Inglaterra que nos afirma e o demonstra.

Depois dessa data o poderio judeu só cresceu.

"Eles mantêm encerrada, na hora presente, como numa rede, toda a sociedade cristã", escrevia em 1868 o Padre Ratisbonne, judeu de nascimento.

Um outro inglês, Houston-Steward Chamberlain, fixado em Viena, na Áustria, publicou recentemente um livro: *Les Assises de la Civilisation*, que obteve fulminante sucesso na Alemanha. Guilherme II, após tê-lo devorado, leu-o em voz alta para a sua família e distribuiu por todo lado várias dezenas de exemplares.

Chamberlain não tem religião nem pátria. Ele se apóia numa só coisa, na sua qualidade de europeu. Ele é anti-semita, sem que seja fanático da idéia de raça, porque a inteligência, os modos de pensar do judeu pareceram-lhe inimigos dos seus, e porque a organização *política* dos judeus ajuda perigosamente seus ataques contra a cultura e a civilização ocidentais.

Foi o estudo, a reflexão, a observação que conduziram Chamberlain a esse ponto de vista.

"Chegou o dia, diz ele, após muitos anos de estudos independentes e desinteressados, em que percebi que uma força, no mundo contemporâneo, trabalha contra mim, aplica-se em destruir tudo o que é precioso para mim, tudo aquilo que constitui minha pessoa, tudo aquilo que os meus predecessores me legaram e aquilo que tenho a legar aos meus. Naquele dia um grande pavor abateu-se sobre mim".

12. O COLETIVISMO E A HEGEMONIA DE ISRAEL

O escritor Bernard Lazare escreveu o que segue ao falar dos seus correligionários:

"Quanto à sua ação e à sua influência no socialismo contemporâneo, elas foram e são, sabemos, muito grandes.

"Foi Marx[33] quem deu impulso à Internacional através do manifesto de 1847, redigido por ele e Engels; não que se possa dizer que ele tenha "fundado" a Internacional, como afirmaram

[33] Bernard Lazare escreve em outro lugar:

aqueles que sempre consideram a Internacional como uma sociedade secreta cujos chefes foram os judeus, porque muitas causas conduziram à constituição da Internacional, mas Marx foi o instigador do comício operário realizado em Londres em 1864, e do qual saiu a Associação. Nela os judeus eram numerosos, e no Conselho Geral encontra-se apenas Karl Marx, secretário para a Alemanha e para a Rússia, e James Cohen, secretário para a Dinamarca. Além de Marx e Cohen, podemos citar Neumayer, secretário do escritório de correspondência da Áustria, Fribourg, que foi um dos diretores da Federação parisiense da Internacional, da qual também fizeram parte Lœb, Haltmayer, Laare e Armand Lévi. Léon Frankel, que dirigiu a seção alemã em Paris; Cohen, que foi delegado da Associação dos charuteiros de Londres ao Congresso da Internacional realizado em Bruxelas em 1868; Philippe Cœnen, que foi, no mesmo Congresso, o delegado da seção de Anvers da Internacional, tiveram mais tarde um papel durante a Comuna, na qual reencontraram outros correligionários.

"Quanto à organização do partido socialista, a contribuição dos judeus foi muito poderosa. Marx e Lasalle na Alemanha; Aaron Liberman e Adler na Áustria; Dobrojanu Ghéréa na Rumânia; Gompers, Kahn e de Lion nos Estados Unidos da América, foram ou ainda são os diretores ou iniciadores. Os judeus russos devem ocupar um lugar à parte nesse breve resumo. Os jovens estudantes, apenas saídos do gueto, participaram da agitação niilista; alguns — entre os quais mulheres — sacrificaram sua vida à causa emancipadora, e, ao lado desses médicos e desses advogados israelitas, é preciso colocar a massa considerável dos refugiados artesãos que fundaram em Londres e em Nova Iorque importantes aglomerações operárias, centros de propaganda socialista e mesmo comunista anarquista".

Foram, pois, os judeus quem, segundo testemunho de um judeu, fundaram as primeiras associações socialistas.

Foram os grandes barões da Finança Judia que, em seguida, permitiram que o coletivismo se expandisse e prosperasse, mediante suas subvenções e a fundação de jornais pelos quais se propaga sua doutrina nas massas. A imprensa coletivista está nas mãos dos judeus em todos os países do mundo, e sabemos que entre nós o *Humanité*, porta-voz do cidadão Jaurès, foi fundado com os capitais fornecidos por doze judeus — "um para cada tribo", dizia Urbain Gobier no seu *Terreur Juive*.

O coletivismo é o termo para o qual tendem os judeus, o coletivismo que, sob o pretexto de transferir tudo para o Estado, transferirá tudo para as mãos daqueles que se encontram dissimulados atrás da personalidade anônima do Estado.

O Estado, que operou a centralização do ponto de vista político, trabalha agora para centralizar nas suas mãos todas as forças econômicas. Ele já possuía um certo número de monopólios. Começou a monopolização das estradas de ferro; deixa ver suas intenções de monopolizar os seguros, o álcool etc.; fala também em dar a cada dia novos passos em direção ao confisco das sucessões através do aumento dos impostos?. O coletivismo estabelecer-se-á assim, pouco a pouco, sem violência, sem revolução, mediante o apossamento sucessivo de todas as manifestações econômicas, industriais ou comerciais da atividade francesa.

Um eminente sociólogo, Louis Durand, o fundador das Caixas rurais e operárias na França, faz-nos tocar com o dedo a arte e a tenacidade com as quais o fim do Deus-Estado é lentamente, sorrateiramente, mas seguramente buscado. Eis um resumo dos seus argumentos:

A opinião pública — diz ele — inquieta-se às vezes com as manifestações ruidosas e violentas do socialismo, greves, revoltas, incêndio de fábricas etc. Ela tem razão em se preocupar com isso.

Esse descendente (Karl Marx) de uma linhagem de rabinos e de doutores herdou em tudo a força lógica dos seus ancestrais; ele foi UM TALMUDISTA LÚCIDO E CLARO, que as minúcias bobas da prática não atrapalharam, um talmudista que praticou sociologia e aplicou suas qualidades inatas de exegeta à crítica da economia política (V. *L'Antisémitisme*, p. 342).

E no entanto, esses fatos, por lamentáveis que sejam, não passam de incidentes locais, que quase não têm importância em comparação com as medidas graves e gerais que fazem penetrar o socialismo nas nossas leis e nos nossos costumes, sob aparências benéficas e pacíficas, e, muito freqüentemente, com a aprovação das pessoas honestas, por demais confiantes.

O socialismo integral tende à socialização dos meios de produção e de troca. O Estado deve apoderar-se dos capitais para regular à sua vontade a produção e o consumo. A realização desse programa daria ao Estado um poder ilimitado sobre os indivíduos cujo bem-estar, e mesmo a vida, ficariam à mercê dos poderes públicos. Trememos ao pensamento do poder de que desfrutaria o Estado socialista, se algum dia conseguisse realizar seu programa.

Para dominar o comércio, a indústria, a agricultura, toda a produção nacional, bastaria ao Estado apoderar-se de três ou quatro ramos da atividade econômica que comandam e condicionam todos os outros. O Estado será senhor de tudo quando possuir exclusivamente o crédito, os transportes, os seguros e, em caso de necessidade, as minas (matérias primas).

Para ser senhor em um desses ramos, desnecessário que dele se apodere. Basta-lhe exercer essa indústria *a fundo perdido*, cobrindo os déficits com os recursos do imposto. É evidente que a indústria privada não poderia sustentar uma concorrência tão desproporcionada. Ora, é precisamente isso que o Estado tende a fazer há vários anos.

Vede já sua obra relativamente ao *crédito*:

Ele começou por organizar poupanças regionais agrícolas subvencionadas por ele (mais de cem milhões são afetados por esse serviço). Essas poupanças dependem inteiramente do Estado, porque ele se reserva o direito de retirar, à sua vontade, as subvenções renováveis a curto prazo.

Naturalmente, os agricultores não protestaram contra essa primeira tentativa. Pode-se taxar de socialista uma medida que traz benefício?

Segundo passo: crédito às indústrias agrícolas. Hábil medida de favorecimento, posto serem as classes agrícolas as mais opostas ao socialismo.

Terceiro passo: ele abrirá créditos para a construção de casas a preço reduzido.

Depois ele se dá a missão de abrir crédito para os marítimos.

Depois, através de projetos de lei relativos aos socorros aos alagados, ele se autoriza a emprestar aos pequenos comerciantes. É uma medida transitória... sem dúvida; mas esse crédito do Estado cessará de funcionar quando as inundações não passarem de uma lembrança???... Isto seria conhecer muito mal o Estado. Os jornais já nos dizem que uma delegação foi recebida pelo Ministro, pedindo que o Estado organize o crédito para os pequenos industriais e os pequenos comerciantes, “como fez para os agricultores”.

Note-se: todas essas medidas são benéficas em si mesmas. Criadas pela iniciativa privada (tal como existem e florescem em outros países), seriam excelentes. Mas elas se tornam eminentemente perigosas quando o Estado substitui a iniciativa privada — que sempre faz o melhor preço — porque a ação do Estado mata essa última, e o resultado final não pode ser outro: o Estado tudo; o cidadão nada.

Em matéria de seguros o Estado foi um pouco menos depressa. Até agora ele se limitou a conceder subvenções aos seguros mútuos, o que lhe permite inspecioná-los.

Mas o Ministro da Agricultura anunciou um projeto de lei que objetiva fundar uma caixa de resseguros através do Estado. Como sempre, começa-se pela agricultura... para que ela não faça oposição.

Depois os marítimos, os industriais, os comerciantes virão dizer-lhe: “Porque garantis, às expensas do Estado e com dispensa de impostos, os agricultores e não nós?”

Isto será muito justo e o Estado se tornará o único segurador. Como, com efeito, as companhias privadas, gravadas com enormes impostos, poderiam sustentar a concorrência das

garantias do Estado, que não pagam impostos e que pode, em caso de déficit, apelar aos contribuintes?

De todos os lados vemos o Estado tender com perseverança em intervir com seus capitais, quer dizer, com os dinheiros dos contribuintes, no domínio da produção e da troca.

E para multiplicar ainda seus meios de ação, a lei da aposentadoria de operários, tal como foi votada pelo Senado, permite ao governo empregar uma parte dos capitais produzidos pela capitalização dos depósitos *em obras ou instituições diversas*.

Quanto à indústria dos transportes, inútil insistir: a Oeste foi recomprada, a Orleans vai ceder uma parte da sua malha, — falou-se também da recompra da Sul.

Mas, quando o Estado tiver terminado sua penetração metódica no domínio econômico, qual será a liberdade deixada aos cidadãos, cuja atividade econômica inteira estará então à mercê dos poderes públicos e que não poderão obter crédito se desagradam a prefeitura, nem pagar seus sinistros pelo seguro se são mal cotados?

Essas observações de Louis Durand são certamente dignas de atenção.

Dissemos que há dois mil anos os judeus ambicionam a conquista do mundo inteiro. Para dominar as nações é preciso destruir as instituições que constituem a ordem social, particularmente a ordem social cristã.

Por isso os princípios de 89, por isso os Direitos do Homem, por isso o Liberalismo, cujo vírus a franco-maçonaria insinua em todas as sociedades. Com esses venenos as instituições são desagregadas, mortas: Religião, Pátria, Propriedade, Exército, nada resiste. Como, de outra parte, os judeus se conservam como nação, como corpo de famílias, como comunidade de religião, breve como pátria, compreende-se sem dificuldade que essa organização, excludente de todas as outras, chegue a estabelecer seu domínio universal sobre os povos reduzidos a pó.

Eis a meta suprema dos judeus, eis o grande objetivo da nação judia.

A destruição da propriedade privada, a instituição do coletivismo do Estado representará um grande passo.

O coletivismo é o Estado que se substitui aos indivíduos na posse de todas as riquezas. Mas, que é o Estado? Todos os cidadãos reunidos em coletividade, respondem os judeus e os seus discípulos. Que se veja o que já é hoje. É o Estado, mas não é a França, que faz a guerra à Igreja. É o Estado, mas não é a França, que dispõe dos quatro ou cinco milhões que abastece o orçamento. Será o Estado, mas não será a França, que se tornará o único proprietário; e o Estado é o homem, são os homens que detêm o poder; é, serão os judeus.

Um erudito economista, du Mesnil Marigny, na sua *Histoire de l'économie politique des anciens peuples*, publicada em Paris, editora Plon, em 1878, creu poder, apoiando-se apenas nos fatos da economia e da estatística, formular estas previsões:

"*A elevação política de Israel ao cume das grandezas parece pois certa*, posto que neste momento nada parece poder conjurá-la. Assim, a menos que haja uma grande modificação na ordem e no movimento das sociedades, nós o veremos dentro em pouco, por extraordinário que pareça semelhante golpe de sorte, *governar as nações*, após ter aplicado em seu benefício todas as riquezas e, em seguida, multiplicar-se sem medida, expulsando da sua frente (Êxodo, XXIII, 30) os habitantes de toda a terra, assim como destruiu os cananeus e os aborígines de nome Gessen. Certamente, criticar-se-á esse pressentimento da *substituição das atuais raças das diversas partes do globo pelos israelitas*, e não podemos deixar de admitir que essa previsão seja muito ousada.. Mas a história está aí para nos ensinar que em cada país as populações nativas são pouco a pouco substituídas pela colônia que, instalada provisoriamente sobre o seu território, é-lhe incontestavelmente superior em riquezas, em indústria, em faculdades produtoras de toda espécie...

... “Todavia, se, segundo as nossas previsões, os filhos de Jacó, aproveitando sua superioridade em tudo o que concerne a prosperidade e a longevidade neste mundo, chegarem a sobreviver a qualquer outra raça, como conhecemos o apego, o espírito de fraternidade que os une, ninguém contestará que é através deles que veremos realizar-se então essa era da humanidade, esse desejo de todos os filósofos, essa aspiração de todos os grandes corações, queremos dizer, a fraternidade universal... A partir de hoje, em razão dos fatos que expusemos, seria preciso ser cego para duvidar do soberbo futuro que está reservado aos israelitas”.[34]

13. A POPULAÇÃO JUDIA

O número total dos judeus que existem no mundo é muito difícil de avaliar. Disseminados entre todos os povos, eles dissimulam em vários lugares sua nacionalidade e religião; e quando, como na França, o recenseamento não menciona mais o culto, oficialmente não há mais judeus, pois os judeus são naturalizados franceses.

Os documentos judeus que podem ser consultados só podem ser aceitos com reservas. Segundo o exige o interesse do dia, eles inflam ou diminuem os números.

Um trabalho sério sobre essa questão foi publicado em 1900. O autor, cujo nome não temos, faz preceder as estatísticas com esta nota:

“Tive muita dificuldade em reunir os documentos esparsos dos quais me servi. Indicarei como fontes acessíveis a todos:

1° O *Almanach de Gotha*, anos de 1898, 1899, 1900;

2° As *Geographisch Statistische Tabellen*, de Hubner;

3° A *Géographie Universelle*, de Elisée Reclus;

4° O *Dictionnaire de Géographie*, de Vivien-Saint-Martin.

“Além disso, consultei os relatórios oficiais de recenseamento publicados pelos diversos governos. Enfim, recorri igualmente aos Almanaques judeus e às Revistas publicadas em Paris e Leipzig.

“Eis o resultado dessa comparação de documentos:

Nota. — Colocamos ao lado dos números dados por esse autor aqueles publicados em 21 de abril de 1910 pelos *Archives Israélites*, segundo o *Bureau de Statistique Juive*. Veremos que se os números são exatos tanto de um lado quanto do outro, deve ter havido grandes migrações nesses dez anos, notadamente na Ásia.

	1900	**1910**
Europa	7.800.000	8.853.599
África	500.000	325.778
Ásia	1.400.000	484.165
América	[35] 1.300.000	1.889.624
Oceania	20.000	27.106
Total	**11.020.000**	**11.580.272**

[34] *Op. cit.*, t. II, p. 283 e 285.

[35] Nova Iorque abrigaria atualmente 800.000 judeus.

"O total oferecido por Hubner (ano de 1893), continua nosso autor, é um pouco inferior: 10.860.000. Estudando as estatísticas, tivemos que reforçar ligeiramente os números que ele dá para a Europa, a África e a América, e diminuir um pouco aquele da Ásia".

O mesmo autor diz em seguida como se repartem os 7.800.000 atribuídos à Europa.

"Agora, eis, segundo o *Almanach de Gotta* (ano de 1900), Hubner (ano 1898), e os documentos oficiais publicados pelos governos, o número da população judia nos diferentes Estados da Europa:

	1900	**1910**
Alemanha	630.000	607.862
Áustria-Hungria	3.030.000	2.076.978
Bélgica	3.000	15.000
Bulgária	27.500	37.653
Dinamarca	4.000	3.176
Espanha	400	2.500
França	[36] 70.000	100.080
Grécia	10.000	8.350
Holanda	110.000	103.988
Inglaterra	80.000	247.760
Itália	40.000	35.617
Noruega	200	642
Portugal	1.100	1.200
Rumânia	243.000	266.652
Rússia	4.250.000	5.215.805
Sérvia	5.048	5.729
Suécia	3.402	3.012
Suíça	8.069	12.264
Turquia da Europa	140.000	[37] 106. 977
Total	**8.655.719**	**8.851.165**

O *Jewish Yearbook* também dá o percentual da população judia nas principais cidades do mundo: Borditcheo, 87.72; Jerusalém, 55; Odessa, 33.75; Varsóvia, 33.36; Nova Iorque, 26.30;

[36] Os judeus da França estão oficialmente divididos em doze circunscrições, dirigidas por outros tantos consistórios, que saem de um consistório central.

O *Univers Israélite* publicou esta estatística:

Anos de 1892, 1894, 1896 — Besançon, 2.200; Bordéus, 3.500; Lille, 3.200; Lião, 2.200; Marselha, 4.800; Nancy, 4.400; Vesoul, 4.100. A população do consistório de Bayonne não está indicada.

Anos de 1901, 1902 — Bayonne, 2.200; Besançon, 2.250; Bordéus, 3.000; Epinal-Vesoul, 3.900; Lille, 3.800; Marselha, 5.500; Nancy, 4.500.

Quanto à população judia de Paris, o autor do artigo, Mathieu Wolff, não dispõe, diz ele, de dados precisos que lhe permitam fixar o número.

"Creio, acrescenta M. Wolff, que se fica mais perto da verdade estimando a população israelita da França em 85.000 almas. A essas acrescentemos, se quiserem, os 48.000 judeus da Argélia".

O número de prefeitos, vice-prefeitos, juízes e funcionários judeus, é quatro vezes, dez vezes mais elevado do que deveria ser, relativamente ao número dos judeus na população francesa.

Seu efetivo nos escalões superiores do exército cresce sem parar.

Em vinte anos a França contará com pelo menos uma centena ou menos de coronéis ou generais ou assemelhados judeus; a defesa da pátria estará nas mãos de um estado-maior de sem-pátrias

[37] O Escritório de Estatística Judia dá em 1910 também estes números: Creta, 1.150; Luxemburgo, 1.201; Gibraltar, 1.300; Bósnia-Herzegovínia, 8.213.

Budapeste, 23.05; Amsterdã, 11.30; Viena, 8.75; Francfurte, 8.15; Montreal, 6.94; Constantinopla, 5.77; São Francisco, 6.94; Berlim, 4.85; Chicago, 3.58; Hamburgo, 2.34; Londres, 2.28; Paris, 2.07; Roma, 1.51; Bruxelas, 1.16; São Petersburgo, 0,83.

Pode ser interessante comparar o número de população alcançado atualmente pelos judeus àqueles de outrora.

Por ocasião da entrada deles na Terra prometida, eram 601.730 homens. Contando quatro pessoas para cada homem adulto, obtém-se uma população total de dois milhões e meio.

No tempo de Salomão a população de origem judia contava 1.300.000 combatentes, o que representa um total de 5.000.000 almas, o dobro da população do tempo da conquista.

Segundo Flávio Josefo, a Galiléia compreendia 3.000.000 no momento da expedição de Tito, o que permitiria avaliar a população da Palestina em 8.000.000. Mas os números dados por Josefo são de um evidente exagero. A Galiléia não tinha mais de 930 milhas quadradas. Haveria, pois, 30.000 habitantes por milha quadrada, o que é absolutamente impossível.

Como quer que seja, vemos que a raça judia é atualmente mais numerosa do que jamais foi.

Esse crescimento não data de longe.

"Um fenômeno nascido ontem, diz Gougenot des Mousseaux, acaba de causar uma estranha surpresa aos investigadores dos relatórios da estatística, e o repentino da sua produção parece designá-la como uma dessas advertências que a Providência se compraz em dar ao mundo e que a história registra sob o título de *sinal do tempo*.

"Esse sinal é uma *anormal* multiplicação da espécie, é um inexprimível crescimento de população que, subitamente e simultaneamente por toda parte, se opera e se acentua no lar de Israel, no seio dos diversos povos aos quais ele se mistura... Será que depois de ter mantido, durante séculos, sobre a superfície do globo, o nível da população que nutria a Judéia, por ocasião da morte de Cristo, uma força *inteligente*, que jamais se fatigou de caminhar de acordo com o sentido das profecias judaico-cristãs, queria, em alguns anos, ao lado do poder intelectual e metálico de Israel, chegar subitamente ao cume de todas as posições sociais, dobrar, triplicar seu valor numérico? Será que ela queria criar para ele, pronta a mover-se ao toque de trombeta do homem que ela chamará seu Messias, um exército-mestre em todos os lugares de ouro e de ferro, esses dois metais que, sobre a ruína dos princípios da civilização cristã, tornaram-se as duas alavancas das mudanças sociais, as duas razões dominantes de todo poder moderno?"

14. A LÍNGUA UNIVERSAL

Para manter toda a humanidade sob seu domínio após tê-la conquistado, não basta ter rebaixado, abolido as barreiras que separam os homens em nacionalidades distintas e em confissões diversas e tê-la dotado de uma religião humanitária e de uma religião universal; será bom fazê-la adotar uma língua comum.

Do mesmo modo como vimos os trabalhos de aproximação que tendem a fazer desaparecer dos corações os sentimentos patrióticos e dos espíritos os dogmas revelados, assistimos a um poderoso esforço para criar uma língua internacional. E assim como a seita anti-cristã conseguiu que numerosos católicos se façam propagadores dos *princípios modernos*, os quais, segundo os judeus, são as mais seguras garantias do presente e do futuro do judaísmo e as condições mais energicamente vitais para sua expansão e seu mais alto desenvolvimento, assim os inventores do Esperanto ganharam numerosos católicos e entre eles vários muito influentes que se devotam a fazer adotar essa linguagem artificial.

Os primeiros ensaios de uma língua universal datam do século XVII.

Quase simultaneamente, Dalgarno e o bispo anglicano Wilkins escreveram, um, a *Ars signorum* (1664), outro, o *Mercury* (1668).

O objetivo desses autores era criar uma língua universal destinada a substituir todos os idiomas da terra por um outro modo de expressão dos pensamentos humanos: cada um dos signos em cada vocábulo devia representar um conceito.

Depois, foram publicados: a *Langue Universelle*, de Letellier (1852); a *Lingua Universal*, de Sotos Ochando (1854); o *Solrésol*, de Sudre (1866), o *Chabé* (1886), do engenheiro Maldant; o *Spokil* (1900), do doutor Nicolau.

A partir de 1839, Schipfer, na sua "Communicationsprache" tinha indicado a semelhança de numerosos vocábulos em diversas línguas européias e de formas morfológicas comuns. De Rudelle publicou em Bordéus, em 1859, uma gramática com alguns exemplos sob o nome de *Pantos dimou-glossa*; e em 1881, o pastor Schleyer, de Constança, publicou o *Volapuk*: língua universal (vol em lugar de world, mundo; a, sinal de união; puk, abreviação de speak, falar).

Imediatamente são publicados jornais, estabelecidos cursos, reunidos congressos; mas logo se percebe que, fácil para a correspondência, o instrumento imperfeito não basta para a comunicação oral.

A maioria dos adeptos, desencorajados, acredita ser impossível a solução do problema.

Mas o doutor Liptay, no seu projeto de *Langue Catholique*, demonstrou que a língua internacional existia em estado latente e que bastava tirá-la dos dicionários nacionais. Volk e Fuchs, em 1883, e Eichhorn, em 1886, publicaram, cada qual, um *Weltsprache*; Steiner, sua *Pasilingua* (1885) e o judeu Zamenhof seu *Esperanto*; outros fizeram outras tentativas.

Todos esses sistemas partem dos mesmos princípios: simplificação exagerada da gramática, que é sucessivamente reduzida a uma vintena de regras, e elaboração de um dicionário *a posteriori*, quer dizer, encontrado nas línguas nacionais procurando-se o máximo de internacionalidade em cada palavra.

Zamenhof, no Esperanto, através de um sistema de desarticulação dos vocábulos e da atribuição de sentido preciso aos afixos, forneceu o método do manuseio de um vocabulário muito copioso com um mínimo de raízes. Esse progresso contribui para a facilidade da aquisição mnemotécnica.

No mês de outubro de 1907, um comitê se reuniu no Colégio de França, estudou todos os projetos, ouviu os autores dos diversos sistemas e examinou a situação.

O Esperanto estava muito desenvolvido, graças ao apoio da Sociedade Francesa de Propaganda, presidida por de Beaufront, autor, ele também, de um projeto, o Adjuvanto, similar à obra de Zamenhof, que ele sacrificou. O Esperanto possuía uma literatura copiosa (um milhar de traduções de diversas obras, alguns originais); seus partidários eram em número de 100 a 200 mil; em três congressos (Bolonha, Gênova, Cambridge) provara-se que numerosos indivíduos de nacionalidades diferentes tinham-se compreendido falando uma língua artificial; através de centenas de cursos em todo o país, de uma vintena de jornais e revistas, a vitalidade do Esperanto era inegável

Um primeiro *Congresso Internacional dos Esperantistas Católicos* foi realizado em Paris, de 30 de março a 3 de abril de 1910, no Instituto Católico de Paris. Dezoito delegados de diversas nações da Europa e da América estavam presentes, assim como numerosa e entusiasta assistência.

Esse congresso não se ocupou do Esperanto enquanto língua, mas o Esperanto foi a única língua utilizada durante as sessões.

A principal questão tratada foi a reunião de todos os cristãos num só aprisco sob o único Pastor, sucessor de São Pedro, vigário de Jesus Cristo. Ocupou-se também das obras católicas e dos meios de fortificá-las, tornando-as mais internacionais por intermédio da língua comum.

Os congressistas tiveram em vista apenas colocar a serviço da fé o novo instrumento de unificação do gênero humano.

Possam eles ter êxito! Bons espíritos temem o contrário.

Um deles, Charles Vincent, escreveu:

"Em plena Babel moderna, homens sonham em fundar uma língua única e universal, *como que ligando um povo através dos povos*. Um judeu, Zamenhof, é o instigador. "Aquele que espera crê no esperanto". Seria ele precursor? — Quando se se declara partícipe desse novo modo de comunicação, é recomendado que *se inscreva, assine, se comprometa a usar insígnias*. Seria isso o prelúdio da "marca" futura? Os aderentes utilizam papéis, envelopes e selos especiais. Eles prometem traduzir todos os livros clássicos e outros, *a fim de que, dizem eles, não mais seja necessário recorrer ao texto original*. — Isso não facilitará novas falsificações? Assim agiram os fariseus outrora, em relação às Santas Escrituras, no retorno do cativeiro. — Enfim, eles têm a estrela flamejante da franco-maçonaria,[38] e sua divisa é: *Um povo sem pátria*".

Um outro adversário:

"Isto seria a língua do humanitarismo sem tradição, o que se encaixa bem no plano de Israel. Coisa digna de atenção. Discutiu-se a instituição de um curso de esperanto nos nossos liceus, — inicialmente facultativo, para não chocar ninguém. Os professores do ensino secundário que se mostravam partidários desse "feliz progresso" eram conhecidos como pertencentes à judiaria ou à maçonaria, ou suspeitos de serem de uma ou de outra congregação".

Um terceiro:

"Praticamente não existe dúvida de que o Esperanto seja uma tentativa judaico-maçônica que dissimula os meios empregados pela seita para preparar o nivelamento dos espíritos e das nações. Entre muitos outros indícios que fazem pensar nisso, a estrela maçônica de cinco pontas não é a insígnia preferida dos esperantistas?"

Charles Vincent concluiu assim o artigo acima:

"Experimento algum embaraço em me pronunciar. De uma parte não poderia pôr em dúvida a boa-fé dos esperantistas católicos; e o nome e a autoridade de Monsenhor Baudrillard impedem-me de formular uma opinião definitiva.

"Mas, infelizmente, após quarenta anos de combates nas fileiras católicas, conheço a inacreditável facilidade que elas têm para se abrirem aos desertores interesseiros do inimigo, sua ingenuidade em ouvir aqueles que tomam como guias do progresso "moderno". E é-me impossível censurar a desconfiança daqueles que vêem nesse movimento "internacional" um dos aspectos desse método de destruição que Maurice Talmeyer denomina tão exatamente de "arte subterrânea".

15. A CRISE RELIGIOSA DE ISRAEL

Em razão de sua mescla com os diversos povos europeus, a raça judia sofreu grandes transformações no século XIX. O judeu moderno hoje não guarda mais nada do judeu

[38] O convite para o congresso dos católicos esperantistas em Paris representava um círculo sustentado por duas asas, muito semelhantes ao disco egípcio alado. Esse círculo continha um pequeno mapa do mundo, limitado à África, Austrália e a uma porção do golfo de Bengala. No lugar em que figura o planalto central asiático encontrava-se uma grande estrela de cinco pontas. O selo era dominado por uma cruz.

A despeito da cruz, a estrela central pareceu aparentada de muito perto àquela do Grande-Oriente e as asas que a sustentam adquiriram aos olhos de várias pessoas um inquietante aspecto cabalístico.

tradicional, nem seu traje, nem sua língua, nem seus costumes, nem seus ritos, nem mesmo os traços da fisionomia.

O *Univers Israélite* (agosto de 1906, p. 590) lançou um brado de alerta, não hesitando em confessar que a situação parece desoladora e sem remédio. Tentaremos dar uma idéia disso.

I. — O MOVIMENTO DE CONVERSÕES. — No curso do mês de março de 1902, um apelo fora endereçado de Berlim às comunidades judias das cinco partes do mundo, com a finalidade de interessar os filhos de Israel na fundação de um escritório de estatística destinado a recolher todas as informações que poderiam ter por objeto o estado demográfico da raça, as condições da vida material e moral dos diversos agrupamentos, o desenvolvimento ulterior da sua prosperidade. É tal o espírito de solidariedade que resulta dos elementos esparsos dessa nação dividida e errante, que nos primeiros dias do mês de maio do mesmo ano uma *Sociedade de Estatística Judia* com sede em Berlim era fundada, organizada, ligada a uma vasta rede de sucursais criadas ao mesmo tempo em Viena, Lamberg, Odessa, Varsóvia, Tomsk, Filipopoli, Berna, Hamburgo, e escritórios de correspondentes estabelecidos em Estrasburgo, Posen, Zurique, Vilna, Pinsk, São Petersburgo, Amsterdã, Cincinati, Nova Iorque. Graças aos numerosos e seguros documentos publicados pela sexta seção, *Estatística da Vida Religiosa*,[39] é possível de agora em diante seguir bem de perto e apreciar no seu justo valor o movimento insólito de conversões que se manifesta há trinta anos em Israel.

Segundo os dados oficialmente coletados no *Jewish Year-Book* de 1905, o número global da população judia no mundo era, naquela data, de 11.081.000 almas, da quais 8.748.000 na Europa, 1.556.000 na América, 354.000 na África, 342.000 na Ásia e 17.000 na Austrália.[40]

Jean de Le Roy, o célebre missionário alemão que dedicou sua vida à evangelização dos judeus, chegou, mediante a reunião de uma multidão de preciosos documentos, a fixar em 250.000 o número dos judeus convertidos no curso do século XIX. Desse número, 73.000 teriam passado para o protestantismo, 58.000 ao catolicismo, 75.000 à Igreja ortodoxa, e o restante, cerca de vinte mil, seriam de confissão desconhecida.[41]

Qualquer que seja a importância desses números, eles não bastariam para dimensionar o tamanho da crise atual do judaísmo nem para deixar pressentir a saída fatal, porque não é somente o total das conversões e dos batismos que se trata de determinar, é muito mais sua constante progressão, que, sozinha, pode fielmente traduzir a intensidade desse poderoso movimento de cristianização. Porque é de notar que esse movimento, que data da emancipação dos judeus que se seguiu à Revolução, muito lento em se estabelecer, foi sempre se ampliando. Parece que Satã, vendo que sua hora se aproxima, se esforça em desviar o movimento que sacode Israel há alguns anos; porque muitas dessas conversões não são devidas a uma convicção religiosa solidamente estabelecida; elas são mais um cálculo todo humano. Há no entanto aquelas que são sinceras. Nós, filhos da Igreja católica, sabemos pela palavra de São Paulo acima lembrada que um dia, enxertada novamente na Oliveira pura que é Jesus Cristo, toda Israel reflorescerá. Não viu o século XIX as primícias dessa ressurreição nesses homens incomparáveis que, saídos das fileiras do judaísmo e revestidos do sacerdócio ao preço dos mais duros sacrifícios encheram a terra com os frutos do seu apostolado?[42]

---

[39] Cf. *Jüdische Statistik, herausgegeb, vom "Verein für jüdische Statistik" unter Redaktion* von Dr. Alfreg ROSSIG. Berlim, 1905.

[40] Esses números, como se vê, diferem daqueles dados mais acima, embora deles muito se aproximem. Ademais, eles se referem a um outro ano.

[41] J. de Le Roy, *Judentaufen im 19. Jahrhundert*, p. 49 e seg. Leipgiz, 1899.

[42] Basta citar os irmãos Rabistone e os irmãos Lémann.

Monsenhor Augustin Lémann, prelado da Casa de Sua Santidade, morreu no fim de junho de 1909. Seu irmão Joseph lhe sobreviveu. Nascidos ambos no judaísmo, após uma conversão espetacular, dedicaram suas vidas ao

Os batismos. — Um livro composto por um judeu sob o título *Baptêmes Israélites au XIXe. siècle* e com esta epígrafe *Cum ira et studio* acaba de ser publicado em Berlim. Tem por autor o doutor Samter, reputado por sua elevada inteligência e seu profundo conhecimento de todas as questões religiosas, sociais e filosóficas da Alemanha.

"Os numerosos batismos de israelitas no século XIX formam, diz Samter, um dos mais tristes capítulos de nossa história. O célebre Schleiermacher, que viveu em Berlim, no próprio centro desse movimento anti-semita, declara que o judaísmo está perto da morte.

"Quase não há mais judeus convictos entre nós; temos vergonha do próprio nome de judeu; os jovens israelitas que freqüentam as escolas, as universidades, passam-se por cristãos.

"Quais são as causas dessas deserções lamentáveis? pergunta Samter. A convicção? pensais. De nenhum modo. Salvo raras exceções as causas são o desejo de promoção, o horror à humilhação. Mudar de religião é um comércio vantajoso para o judeu infiel; pois nós não somos alemães, não somos prussianos, se não somos cristãos. Assim, fazei-vos batizar, diz o conselheiro Pauls, encarando o batismo menos como ato religioso do que como garantia (na Alemanha) contra a exclusão das funções honoríficas ou governamentais".

Samter fala em seguida das convicções dogmáticas exigidas do judeu que aspira ao batismo nos meios protestantes. Em geral, o ato de fé é exigido; mas as restrições mentais deixam à vontade a consciência do convertido. Ademais, quantos dentre os dissidentes excluem do seu ensino os artigos de fé que não lhes convêm, ou que não se encaixam nas suas opiniões modernistas? Quantos teólogos luteranos fazem concordar os dogmas com o sistema filosófico de Kant e de Hegel! "É o racionalismo pleno, que não aceita da religião senão aquilo que é admitido pela razão, exclama Samter, e freqüentemente são os rabinos convertidos que professam essas doutrinas".

Dessa observação o autor passa à estatística dos batismos administrados no século XIX, principalmente na Prússia, Inglaterra, Rússia e Palestina. Seu levantamento apresenta um total de 200.000, dos quais 69.400 na Rússia, mais de 10.000 na Prússia, de 1880 a 1902; e 565 na igreja protestante do Monte Sião em Jerusalém. É na França, onde os judeus são menos oprimidos do que em outros lugares, nota Samter, que os batismos são em menor número — de onde ele judiciosamente infere "que as ameaças, as injustiças, as perspectivas de ganho fazem muito mais batismos do que as convicções sinceras".

---

serviço da Igreja. Simultaneamente com a conversão à fé católica, converteram-se às mais puras tradições francesas. Em nenhum momento as névoas do liberalismo, nem da democracia, penetraram em suas inteligências. Seus escritos e seus discursos dão fé disso. Eles consideravam a Revolução Francesa como um acontecimento "satânico". Seus estudos sobre o "Ingresso dos Judeus na Sociedade Francesa", em 1789, fazem autoridade, assim como seus trabalhos de exegese hebraica.

Os dois irmãos Lémann eram alunos no liceu Ampère, de Lião, quando se converteram. A influência do célebre abade Noirot, que ensinava filosofia, tinha-nos abalado. Mas o golpe decisivo da graça é devido a duas religiosas de Saint-Joseph, Irmã Zeferina e Irmã Evarista, que, encarregadas da enfermaria, cuidaram deles durante uma doença que sofreram juntos, e cuja piedade foi decisiva para eles. Quando estavam convalescentes, o abade Murgues, capelão do liceu, confiou-os ao abade Rueil, vigário de Saint-Nizier. Este os catequisou e conferiu-lhes o batismo.

A insigne devoção à Santíssima Virgem e ao Crucifixo do Perdão, a ciência das Escrituras daquele que não mais vive, sua eloqüência inflamada, toda nutrida nos Livros Santos, que se fez ouvir em todas as cátedras ilustres da França, em Lião, Paris, Orleans, Reims, suas obras sobre a Santíssima Virgem, sobre o Sionismo, sobre os Judeus após a era cristã e sua influência na Revolução Francesa, seus estudos sobre o Evangelho, notadamente sobre o quarto Evangelho e suas refutações ao apóstata Loisy, faziam dele uma personalidade eminente, estimada e venerada em Roma e na França. Sua bondade e a afabilidade da acolhida que reservava para todos fazia com que só tivesse amigos.

Os casamentos mistos. — Mas o fator mais poderoso na perdição para a religião de Israel é sem contradita a proteção que se concede cada vez mais, em todos os países, aos casamentos mistos. Constitui uma honra para um judeu desposar uma cristã e mais ainda para uma judia o unir-se a um cristão de boa nomeada. Os veteranos do rabinado não se podem consolar com as sensíveis perdas infligidas ao judaísmo sob esse aspecto. Eles procuram por toda parte um remédio para esse mal que se espalha, sem encontrar outros, até agora, além das suas redobradas maldições.

Nos casamentos mistos, três quartas partes dos filhos passam para o cristianismo, e podemos dizer que o outro quarto quase não conta para o judaísmo.

Na França essas uniões diminuíram mais após o caso Dreyfus, mas jamais foram muito numerosas, mesmo na aristocracia. A situação é diferente na Áustria, Hungria, Dinamarca e Suécia. Por toda parte é fácil observar uma progressão que cresce rapidamente, sobretudo nos últimos vinte e cinco anos.

A evangelização dos judeus. — O pensamento de converter os judeus à religião de Cristo não é novidade na Igreja Católica. Foi um uso muito antigo em Roma, igualmente adotado na maioria das cidades onde havia um gueto, uma comunidade judia, obrigar os israelitas a ouvirem cada ano, de preferência no Sábado Santo, e às vezes semanalmente, após o ofício do *sabbat*, um sermão sobre a divindade de Jesus.

Os abades Lémann e Ratisbonne inauguraram um meio mais prático para fazer penetrar o Evangelho no seio das comunidades judias, procedendo à organização de uma Sociedade de missionários destinados sobretudo à evangelização dos judeus da Palestina. A Congregação das Damas de Sião, fundada pelos irmãos Maria-Afonso e Teodoro Ratisbonne, em 1855, encarregou-se da educação das jovens judias e não tardou em multiplicar seus pensionatos, orfanatos, locais para trabalhos beneficentes, não somente na França e na Palestina, mas também na Inglaterra, Turquia, Líbano.

Mas nada iguala o espírito de empreendimento e engenhosa atividade que desenvolvem as Igrejas anglicana, presbiteriana e luterana para atraírem os israelitas. Somente na cidade de Londres existem nada menos do que trinta Sociedades exclusivamente dedicadas à evangelização dos judeus, e recentemente a maioria foi transferida para os bairros pobres, onde se encontra agrupada a população israelita. O protótipo de todas essas associações é a *London Society for promoting Christianity among the Jews*, fundada em 1808 pelo Rev. Lewis Way.

Os Estados Unidos, a partir de 1880, fundaram cerca de vinte dessas Sociedades, todas ricamente dotadas. Para um milhão de israelitas repartidos atualmente pelos grandes centros da América do Norte, não se conta com menos de cento e cinqüenta missionários, que dispõem de um crédito de mais de 200.000 francos. A Dinamarca também tem seus missionários, assim como a Noruega, a Suíça. A Alemanha possui atualmente três Sociedades de missão judia.

Na França os protestantes não mostram um zelo tão grande. É com dificuldade que se menciona a *Société Française pour l'Évangelization d'Israël*, fundada em 1888, pelo pastor J. Kruger: ela só tem um missionário para toda a França, o que não a impede de estar dotada de uma revista.

O doutor Samter conclui que todos esses esforços têm apenas pobres resultados: "Gastou-se muito dinheiro para obter um resultado nulo, diz ele, porque todos os milhares de batizados não são atualmente nem bons judeus, nem bons cristãos, e numerosos missionários renunciaram a uma tarefa tão ingrata".

Se a Inglaterra, os Estados Unidos e mesmo a Alemanha despendem tantos esforços para arregimentar os judeus para as suas Igrejas, é de se presumir que o proselitismo cristão não seja o único fator a inspirá-los, e que interesses nacionais, que podemos adivinhar, estão muito gravemente engajados no negócio.

Ao interesse nacional junta-se o interesse privado. Pôde-se ler, num recente número da *Gazette Populaire de Cologne*, essas linhas atribuídas à pena de um rabino, o doutor F. Goldmann:

Em todos os ramos da Administração da Justiça, nas cátedras das escolas secundárias e das escolas superiores, nas próprias Forças Armadas encontra-se um grande número de judeus batizados. É infelizmente coisa universalmente conhecida que em todas essas pretensas conversões ao protestantismo, o batismo é recebido somente com vistas puramente materiais, a saber, para abrir caminho para melhores condições, sem que o convertido traga para a sua nova religião nada além de um sorriso cínico devido à facilidade com que ele se desembaraçou da antiga.

É por essa razão que o número dos judeus que recebem o batismo católico é muito restrito na Alemanha. Ali, como em toda parte, o padre católico tem o costume de examinar muito atentamente os motivos da conversão, e ele rejeita impiedosamente quem quer que pretenda receber o caráter cristão por "razões de negócios". A maioria dos judeus que querem ter o nome de cristãos agrega-se à Igreja protestante, porque ali a não discussão dos motivos da sua conversão facilita sua aceitação.

O fato de que o convertido deve jurar observar a nova fé que presumivelmente abraça, de nenhuma maneira é de natureza a lhe tornar mais difícil a passagem de uma religião para outra. Assim como para a maioria dos judeus batizados essa nova fé é apenas uma questão de "negócios", também a recitação do seu símbolo não passa de uma comédia, revoltante e injuriosa para todo crente convicto. O juramento desses judeus convertidos é, numa palavra, um perjúrio que os conduziria impiedosamente a uma prisão, se, em lugar de ser pronunciado na igreja diante do único juiz eterno, o fosse diante de um tribunal aqui de baixo, na presença de um juiz terrestre.

Ademais, quais podem ser as outras qualidades morais de pessoas que juram pelos motivos que conhecemos? Não é natural que depois de ter primeiramente renegado sua própria religião, depois enganado cinicamente os representantes de uma outra, olhem com desprezo e desdém tudo aquilo que carrega a marca religiosa? Tão logo lhes é permitido agir livremente na administração, na justiça, nas forças armadas, é inevitável que seus princípios imorais e suas tendências destrutivas da religião exerçam uma influência nefasta numa esfera tanto maior quanto mais altas as funções que ocupem.

II . — REFORMAS NO INTERIOR DO JUDAÍSMO. — No que concerne aos judeus que guardam a etiqueta judia, existe um movimento pronunciado de reformas. Esvaziam-se as sinagogas, os rabinos são abandonados. De modo semelhante a esses insetos mal protegidos pela natureza, que se revestem maravilhosamente, para se dissimularem, com as cores do meio em que vivem, o judeu faz-se ortodoxo com os ortodoxos, protestante com os protestantes, católico com os católicos; sobretudo, ele se faz incrédulo com os incrédulos. Em toda parte ele se moderniza, quer dizer, ele se "desjudaiza", e, para melhor fazê-lo, cuida de rejeitar para longe de si, pisa aos pés todas as longínquas tradições, seus livros sagrados, e não somente sua doutrina, mas também sua moral. O apego excessivo e pueril a todos os velhos costumes logo cede lugar a um desprezo não menos exagerado por toda a herança do antigo judaísmo.

Não é fácil dar a razão adequada, nem mesmo uma razão aproximada dessa transformação instantânea no sentido da incredulidade. O judeu James Darmesteter reconhece que o judeu, no curso das épocas, jamais deixou de ser o secreto obstinado, o campeão oculto da incredulidade.[43] Ele faria, pois, hoje, com ele mesmo, o trabalho que fez no curso dos séculos com os outros.

Ainda hoje existem entre os judeus os ortodoxos irredutíveis, os entusiastas da tradição de Israel, que execram o batizado, fogem de todo contato com o incircunciso. Mesmo nas esferas brilhantes da sociedade moderna, ainda os encontramos, não obstante raros, esses judeus fiéis e zelosos.

Mas há muito tempo que não mais se lê a Bíblia na grande maioria das famílias, e que não se conhece mais nada da religião judaica. A crença no sobrenatural se desvaneceu; os

[43] James Damesteter, *Coup d'œil sur l'histoire du pleuple juif*, p. 16.

dois dogmas essenciais do judaísmo, a unidade de Deus e o messianismo, são interpretados como puros símbolos, e a prática religiosa não mais se enquadra com as novas concepções.

Para pôr termo a esses dilaceramentos íntimos, uma assembléia plenária dos rabinos da França foi convocada em Paris em junho de 1906. As discussões foram apaixonadas e a luta entre conservadores e modernistas distinguiu-se por sua aspereza e violência. Os modernistas acreditavam firmemente serem os senhores: ficaram, todavia, em desvantagem.

Em 1908 ou 1909, uma assembléia, compreendendo, é verdade, apenas os partidários do judaísmo liberal, reuniu-se em Londres, para estudar as causas dessas defecções. Indicou diversas. A primeira e principal é a discordância que existe entre os costumes e as idéias contemporâneas dos ocidentais e o pensamento oriental formado pela legislação mosaica. Ademais, a sinagoga é fria, os ofícios não apresentam mais interesse; as orações públicas são de outra época; os homens são separados das mulheres nas cerimônias do culto; a língua hebraica, de que se servem na liturgia, tornou-se incompreensível para a maioria dos assistentes, e ao conjunto falta a música. Daí advém que os próprios filhos de pais que são observadores austeros da lei procuram alhures uma orientação religiosa ou se deixam seduzir pelas teorias racionalistas.

Há alguns anos a judiaria inglesa empreendeu remediar esse estado de coisas e propôs reformas.

O serviço divino, que se realizava na manhã de sábado, foi transferido para a tarde, a fim de permitir que toda a comunidade participasse. As cerimônias litúrgicas foram radicalmente transformadas; o inglês substituiu o hebreu; as orações, escolhidas com gosto, foram adaptadas às necessidades atuais. Cantar-se-iam cânticos com o acompanhamento de órgãos e formar-se-ia um verdadeiro coral. Haveria sermões. Compor-se-ia um livro de orações para uso das famílias. Enfim, os cavalheiros poderiam sentar-se ao lado das damas.

Essas reformas foram calculadas, como se vê, em cima dos costumes das igrejas anglicanas. Foram admitidas com dificuldade. Muitos judeus gritaram que isso era sacrilégio e expulsaram da Sinagoga-Unida os principais fautores dessa revolução. Estes romperam abertamente com a organização estabelecida e se separaram. O número dos que aderem a eles cresce a cada dia.

Transformação semelhante foi tentada na Alemanha. Por volta de 1850, homens como Darmesteter, Munk, Weil, aplicaram-se em dar ao judaísmo um feitio liberal, “mais conforme ao pensamento moderno”.

Existe na Alemanha uma judiaria liberal, que remonta a 1870. Ela se ocupa principalmente com obras de instrução, funda círculos de juventude e dá às mulheres uma larga parte na vida religiosa.

Em 1900, a União Liberal Israelita foi fundada em Paris, por Théodore Paralelamente. A nova comunidade pediu ao Consistório lhe concedesse uma das sinagogas: o pedido foi rejeitado, por estimarem os rabinos que as tendências dos reformadores modificariam de alto a baixo a religião tradicional. Diante dessa recusa, os judeus liberais abriram uma sinagoga para eles, e enviaram aos seus correligionários de Paris a seguinte circular:

> Um certo número de israelitas parisienses, firmemente apegados aos princípios fundamentais da religião israelita, mas persuadidos da necessidade de colocar as formas exteriores do culto e os métodos da instrução religiosa em harmonia mais completa com as condições de existência, a ciência e a consciência modernas, conceberam o projeto de se constituírem num grupo no seio da grande comunidade parisiense que se vai reorganizar em cumprimento à lei sobre a separação entre as Igrejas e o Estado.
>
> Não se trata de provocar uma cisão, um cisma. Tudo o que ambicionamos é poder celebrar nossos ofícios, instruir nossos filhos segundo nossas idéias, e pedimos para fazê-lo num dos templos existentes, de maneira a afirmar, por esse laço externo, nossa firme vontade de permanecer em comunhão de pensamento, trabalhos e encargos com o conjunto dos nossos correligionários.

Eis os princípios gerais que contamos aplicar na realização da nossa modesta reforma:

1° Paralelemante ao *sabbat*, instituir um ofício na manhã de domingo, para oferecer aos que não estão livres no sábado oportunidade de se instruírem e se edificarem.

2° Reduzir a duração desse ofício a uma hora, com a maioria das orações em francês e uma prédica de cada vez; esta poderá, em alguns dias, e sob controle do comitê diretor da associação, ser confiada a oradores não rabinos, segundo uma velha tradição israelita que merece ser recolocada em lugar de honra.

3° Tornar a instrução religiosa mais aprofundada, melhor adaptada aos resultados garantidos pela crítica moderna, que não faz senão realçar a grandeza e a originalidade do progresso religioso do qual nasceu o judaísmo.

4° Deixar a cada qual plena liberdade para seguir as práticas e cerimônias tradicionais; ficando bem entendido que elas não devem nem eclipsar nem substituir o essencial da religião que reside na comunhão do culto coletivo e no ardor da crença moral individual.

Numa palavra, buscamos uma obra não de separação e de perturbação, mas de renovação espiritual, que será de natureza a, sendo compreendida, recuperar para o judaísmo a juventude e o vigor, melhor assegurar seu caráter de doutrina sempre viva de verdade e de força moral, conciliar-lhe, enfim, mesmo fora, preciosas simpatias. O espírito, não a letra, verdade e vida, tal é nossa divisa.

Se essas idéias, senhor e caro correligionário, são as vossas, nós vos pedimos que nos remeta desde logo vossa adesão de princípio ao grupo em formação, que tomará o nome de "Associação Israelita Liberal de Paris".

O *Univers Israélite* consagrou a essa associação liberal um longo artigo, cuja passagem principal vai transcrita:

Se bem que pessoalmente não sejamos partidário do serviço dominical, porque vemos nisso um encaminhamento em direção à absorção do judaísmo pelo cristianismo, e a supressão de uma garantia da liberdade de consciência, parecer-nos-ia lamentável que o consistório recusasse ceder aos apelos de uma categoria de pessoas que são israelitas como nós e que nada pedem de contrário à lei religiosa. Um ofício dominical é tão proibido quanto uma conferência, e se se trata somente de emprestar uma sala ou uma sinagoga uma ou duas horas por semana, a comunidade nada perderia com isso.

Esse templo da *União Liberal Israelita* foi inaugurado em Paris, num domingo, 2 de dezembro de 1907. O ofício "novo estilo" foi celebrado pelo rabino Louis-G. Lévy, fundador da União Liberal. À guisa de sermão ele desenvolveu seu programa. Os velhos costumes, que os hábitos orientais tinham introduzido nos ritos judaicos, não combinam mais com as condições da existência moderna e européia. A obrigação ritual de repouso no sábado, quando todo mundo trabalha, e a obrigação, de fato, de folgar ainda o domingo, dia feriado para todos que não são judeus, criam para este graves inconvenientes; assim também a Páscoa judia, que dura oito dias, o Yom-Kipur, três dias, etc. Existe nisso um tal entrave para os "negócios" que muitos israelitas se afastam das práticas da religião para conservarem a possibilidade de fazer frente à concorrência.

A *União Liberal Israelita* tem por finalidade remediar esse estado de coisas. Ela fará os ofícios do *sabbat* no domingo, em vez de no sábado. A Páscoa durará apenas vinte e quatro horas; as outras festas, igualmente. Curtas visitas à sinagoga substituirão as estações longas e repetidas às quais os israelitas estavam adstritos no curso dessas festas. Os homens se descobrirão diante do templo, porque "é o *sinal moderno* do respeito".

Que querem exatamente os reformistas? Acabamos de ver: um mínimo de culto, um mínimo de moral, um mínimo de dogma. Mas as exigências, em semelhante matéria, comportam um ponto de parada? Uma concessão leva a outra, e com a ousadia, que não deixa de cumprir seu papel, os programas modestos do início são bem depressa ultrapassados: tratava-se, inicialmente, apenas de fazer desaparecer o mobiliário envelhecido e murcho, de tornar o próprio edifício um pouco mais confortável.

Agora, vem-se exigir o sacrifício do repouso hebdomadário e das observâncias do *sabbat*, depois a supressão das leis relativas ao jejum, à abstinência, à escolha dos alimentos, enfim, o abandono das práticas da circuncisão.

Quanto ao dogma, conserva-se, é verdade, a crença na unidade de Deus e na Providência, que se encarrega de colocar Israel à frente das nações; mas as profecias messiânicas devem pôr-se de acordo com a Revolução de 1789 e com a emancipação dos judeus: *o Messias é a raça toda que marcha para a conquista dos povos*. Porque é de se notar que a maioria dos judeus que fazem uma profissão qualquer de cristianismo, consideram-se sempre como pertencendo à raça judia e como devendo aproveitar as promessas que lhe são feitas. Para os iniciados, a entrada puramente exterior dos judeus num cristianismo modernizado é o meio de chegarem e de prepararem esse cristianismo sem dogma, essa religião humanitária, essa Jerusalém da nova ordem de que falamos. Eles entram na sociedade cristã para nela serem um fermento de liberalismo. Não obstante, mesmo na Europa, existem judeus que perseguem por outras vias os destinos de Israel.

16. O SIONISMO

"Aquilo que o povo judeu fazia há cinco mil anos, diz Chateaubriand, ele ainda o faz. Ele assistiu dezessete vezes à ruína de Jerusalém, e nada pode desencorajá-lo; nada pode impedi-lo de dirigir seus olhares para SIÃO".

Todo ano, no dia 20 de abril, por toda a terra, a nação judia se levanta, à mesma hora, como um só homem, pega a taça da bênção e repete três vezes: "No próximo ano, em Jerusalém!"[44]

No livro *Les nations frémissantes contre Jésus-Christ et son Eglise* [As nações que rugem contra Jesus Cristo e sua Igreja], o abade Joseph Lémann diz: "Afirmo que em todas as partes do mundo pelas quais estão dispersos, nossos antigos correligionários ainda amam Jerusalém, freqüentemente rezam voltando-se para a direção de Jerusalém, praticam entre eles a caridade em nome de Jerusalém, esperam rever Jerusalém. E conheço países onde judeus muito pobres ou idosos demais para empreenderem a viagem sagrada, ver com seus olhos Jerusalém e nela colar seus lábios, fazem vir pequenos saquinhos cheios da terra de Jerusalém. No leito de morte, recomendam a seus filhos que os enterrem com essa terra da pátria sobre o coração...

"Toda a religião judia está baseada na IDÉIA NACIONAL; não existe uma aspiração, uma pulsação que não seja PARA A PÁTRIA. Ao levantar, ao deitar, ao tomar assento à mesa, invocamos a Deus, para que Ele apresse nosso retorno a Jerusalém, sem demora, nestes dias!".

No início da era cristã os judeus que residiam em Jerusalém vinham chorar no próprio lugar onde tinha sido enterrada a pedra fundamental do Templo. Esse lugar tem o nome de *pedra sagrada*. Elas a untavam com óleo e a regavam com suas lágrimas. Hoje, esse lugar da pedra sagrada está encravado na mesquita de Omar, construída sobre as ruínas do Templo de Salomão. Agora os judeus choram diante de um antemuro do Templo ou muralha que permaneceu em pé.

Eis como Joseph Lémann descreve essa cena:

"Todas as sextas-feiras à tarde, há dezenove séculos, quando o viajante cristão se dirige para esse lado, percebe, no cair da noite, grupos de pobres judeus que choram juntos. De um lado, as mulheres, sentadas em círculo, em atitude de dor... Mais longe, os homens, acocorados sobre os destroços do Templo, beijam restos de muros; neles apóiam suas

---

[44] *Archives Israélites*, 1864, p. 335 a 350.

cabeças, enfiam as mãos com uma espécie de frenesi nas fendas das pedras... Ouve-se-os recitarem as lamentações de Jeremias e todos gemem, repetindo esse grito de dor: "*Quanto tempo ainda, ó meu Deus!*"

Os "Anais de Nossa Senhora de Sião na Terra Santa" (dezembro de 1878) descrevem a mesma cena quase nos mesmos termos: "Sexta-feira, às três horas da tarde, ao pé de uma alta muralha escurecida pelos séculos, único resto das bases que sustentam a esplanada do Templo de Salomão, uma centena de infelizes israelitas, com a Bíblia na mão, recitam em voz alta as lamentações de Jeremias; alguns soltam soluços de cortar a alma; outros se espremem convulsivamente contra as pedras da antiga muralha, e beijam-nas com amor; há os que enterram suas mãos nas fendas dessas veneráveis ruínas, e as passam em seguida sobre seus olhos e lábios; todos levantam os olhos e braços para o céu, pedindo com instância o socorro de Deus e a vinda do Messias!!"

V. Nós vo-lo suplicamos, Senhor, tende piedade de Sião.

R. Reuni os filhos de Jerusalém.

R. Apressai-vos, apressai-vos, Salvador de Sião.

V. Falai em favor de Jerusalém.

R. Que logo se restabeleça a dominação real em Sião.

V. Consolai os que choram por Jerusalém etc.

Não parece ter o profeta Jeremias visto essa cena de dor, quando exclama no capítulo XXX, versículo 15: "Por que gemes sobre tuas ruínas? Tua dor é incurável por causa das tuas iniqüidades. Por causa da tua dureza fiz cair esses males sobre ti"?

Pareceu que os tempos modernos se prestavam à realização desses desejos e que o dever era auxiliar nisso.

Daí o SIONISMO.

Podemos remontar essa concepção a Moïse-Hesse, que publicou seu livro *Rome et Jerusalém* em 1848.

Segundo Hesse, o verdadeiro promotor do movimento é o doutor Herzl, redator-chefe do *Neue Freie Presse*, importante jornal de Viena.

"A emigração dos judeus, diz Herzl no livro que escreveu sobre a organização com a qual sonhava, efetuar-se-á pouco a pouco, de uma maneira regular e metódica.

"Os capitais necessários para lançar as bases do estabelecimento agrícola e industrial dos judeus na Palestina serão fornecidos pelo povo. O solo nacional, a Palestina, certamente será concedida aos judeus: as grandes potências preferirão certamente fundar ali um pequeno Estado neutro e pacífico, como fatalmente deve ser o futuro Estado judeu, a deixar que uma delas se apodere dessa região. O império turco terá ainda mais interesse nela, porque a venda desses territórios palestinos permitir-lhe-á restabelecer o estado das suas finanças, e a colonização e valorização da Palestina pelos judeus assegurar-lhe-ão vantagens econômicas incontestáveis.

"A fim de respeitar os escrúpulos da cristandade, os lugares santos serão colocados em regime de extraterritorialidade, regime garantido e reconhecido pelo direito internacional público. Para construir o Estado judeu temos, pois, o pessoal, os materiais e o plano; o terreno a ser edificado, nós o obteremos. Estamos, por conseguinte, exatamente a ponto, hoje, de preparar um domicílio para nossa nacionalidade libertada: para realizar esse objetivo, basta que o queiramos, mas é necessário o querer de todas as nossas forças

"Restaurar o poder judeu em Jerusalém, continua Herzl, não é pois somente garantir um lugar de asilo para os infelizes judeus, é soerguer-lhes a coragem abatida, reanimar no coração a fé em si mesmos, devolver-lhes a consciência e o orgulho da raça. Não é Palestina, além disso, a terra a que estão ligadas todas as tradições religiosas e nacionais do povo judeu? Em

todos os períodos de sua história, foi a Jerusalém, e sobretudo à colina sagrada de Sião, que se ligaram as esperanças místicas, a fé em dias melhores, em meio às provações".

Os judeus da Rússia, Polônia, Rumânia, Finlândia, saudaram o livro de Herzl como um ato de libertação.

Realizam-se regularmente em Bâle congressos que têm a missão de desenvolver a questão sionista. O primeiro ocorreu em 24 de agosto de 1897. No de 1898 os sionistas decretaram a construção, naquela localidade, de um palácio que sediaria o congresso anual e o comitê permanente. Marmoreck de Vienne foi encarregado de levantar a planta segundo as indicações que lhe foram dadas: uma grande sala de sessões para o congresso, escritórios para os secretários, restaurantes, e uma peça de grandes dimensões destinada a receber a "Biblioteca nacional judia". Essa biblioteca já era muito rica, mas os livros reunidos pelos sionistas, não dispondo de lugar especial, estavam num estado de confusão prejudicial às obras e que os tornavam inúteis para os trabalhadores. O comitê de ação exprimia ao mesmo tempo a resolução de fundar uma academia hebraica.

Uma outra resolução do congresso de 1898 teve por objeto a criação, em Londres, de um banco internacional destinado a lançar e a sustentar a idéia judia.[45]

No ano seguinte o *Intransigeant* publicava a informação abaixo. Não sabemos dizer se era a realização de uma intenção expressa pelo congresso sionista.

"Uma Companhia judia (Limited), registrada de acordo com a lei inglesa sobre as sociedades anônimas, foi fundada com o capital de dois milhões de libras esterlinas, ou seja, cinqüenta milhões de francos, dividido em 1.999.900 ações de uma libra esterlina e 100 partes de fundadores.

"A sociedade tem como secretário-geral *J.-H. Lœwe*. A sede social está estabelecida em Londres, Broad Street Avenue.

"O conselho de fiscalização é composto de vinte judeus de qualidade, entre os quais destacamos os seguintes nomes: Théodore Herzl, literato, de Viena; Bodenheimer, advogado, de Colônia; Bernstein Kohan, doutor em medicina, de Kissingers (Baviera); Samuel Pineles, negociante, de Galatz.

"O conselho de administração conta entre seus principais membros: David Wolffsohn, da casa Bernstein e Wolffsohn, de Colônia; J.-H. Kahn, da casa Lissa e Kahn, de La Haye; S.-L. Heymann, de Londres; Rodolphe Schauer, de Mayence; Horenssein, negociante, de Kiev. Banco da Sociedade: London and Provincial Bank (Limited), 7, Bank Buildings, Lothbury, Londres.

"A composição das diversas comissões encarregadas de dirigir essa Companhia financeira judia está estabelecida com um marcante ecletismo. Há aí bons israelitas da Áustria, da Holanda, da Rússia, sobretudo da Alemanha.

"Mas particularmente interessante é a preciosa indicação fornecida pelos estatutos sobre a finalidade da Sociedade.

"Ali está dito isto: A Companhia não tem como finalidade exclusiva a aquisição de lucros e a distribuição de dividendos.

"*Ela tem por finalidade dedicar-se às operações ordinárias bancárias em todas as regiões do globo,* segundo o exigir o interesse do povo judeu, *de acordo com o parecer do conselho de administração*".

Ao Congresso de 1901 acorreram mais de duzentos delegados. Vinham da Mandchúria, da América, do Tchad, da Sibéria, do sul da África, do Egito e de toda a Europa.

---

[45] O banco de Londres tem atualmente três sucursais, uma em Jerusalém, uma outra em Jaffa e a terceira em Caiffa.

O Dr. Herzl, presidente da comissão permanente de ação, fez saber que fora recebido em audiência particular pelo sultão e que este havia declarado abertamente que o sionismo encontraria nele um poderoso protetor.

Após o presidente, diferentes membros da comissão de ação prestaram contas da situação relativamente à propaganda.

Os números citados merecem atenção. Assim é que um delegado vienense anuncia que toda a Europa oriental está perpassada por um ardor de proselitismo extraordinário. Na Bulgária, de 6.000 judeus 2.000 são sionistas. A Rússia conta com 600 grupos, dispondo cada qual de pelo menos 1.000 francos para a propaganda.

O número oficial oferecido ao congresso, por toda a Europa, no capítulo "Movimento", é de 150.000 francos.

O movimento sionista alcançou também a Inglaterra. Assim foi que de Haas anunciou que quatro e meio por cento dos israelitas ingleses aderiram ao sionismo.

É em Londres sobretudo, e através das boas disposições do Banco colonial — do qual são membros ricos israelitas e mesmo cristãos, que o sionismo encontra apoio. Um inglês, Hall Caine, enviou uma carta ao Congresso declarando que ele, cristão sionista!!, admirava muito os judeus e que era tempo de eles pensarem *em construir cidades* para eles mesmos, após terem construído muitas para os outros. Eles formariam na Palestina, sob a proteção do sultão e sob o *controle das outras nações*, uma República judia.

Os sionistas adotaram uma bandeira *simbólica* que flutuou sobre o cassino de Bâle durante os quatros dias de duração do Congresso. Sobre um fundo branco, duas faixas azuis longitudinais enquadram dois *triângulos* superpostos que representam uma estrela de seis pontas.

Após o congresso de 1903 produziu-se um incidente que causou grande rumor. Num baile promovido por judeus na casa de um judeu, com o objetivo de união e solidariedade, um judeu da Rússia chamado Chain Selik Louban disparou dois tiros de revólver contra um outro judeu, o escritor Max Nordau.

Max Nordau trouxera ao Congresso as propostas de Chamberlain, que oferecia a reconstituição da nação judia não na Palestina, mas em Uganda. O congresso compreendia 490 membros. Essa proposta desencadeou uma tempestade. Max Nordau foi acusado de ter traído o ideal judeu, que deve tender para Jerusalém e para nenhum outro lugar.

Max Nordau contou que os sionistas, ao ouvi-lo, "puseram-se a rolar no solo, com os olhos injetados de sangue, a boca retorcida, espuma nos lábios, horrivelmente contorcidos. Foi preciso transportá-los para fora e dispensei-lhes meus cuidados como médico. Eles me condenaram à morte e o executor, designado pela sorte, veio de Berna com esse objetivo".

O confronto entre Chain Louban e o Dr. Max Nordau, confronto que foi processado pelo juiz de Valles, é particularmente interessante.

Os dois adversários colocaram nitidamente a questão judia. Um e outro reconheceram que o judeu constituía mais do que uma religião, mais do que uma raça, uma nação, e que essa nação jamais deveria fundir-se, assimilar-se a outros povos. Ambos concluíram pela necessidade de reconstituir o reino de Israel.

O que divide o doutor Max Nordau e Chain Louban é o fato de o primeiro ser um oportunista, que prefere ver o povo judeu reconstituir sua nação na África a permanecer no estado de povo errante, ao passo que o intransigente, o estudioso sionista declara que a nação judia se estabelecerá na Palestina e unicamente na Palestina.

O sétimo congresso foi aberto, sempre em Bâle, no dia 26 de julho de 1905. Mais de setecentos delegados, dos quais mais de cem vindos dos países de além-mar, estavam

reunidos. Representavam vinte e dois Estados.[46] No discurso de abertura, o Dr. Max Nordau lembrou a memória do Dr. Herzl, promotor do movimento sionista. Foi nomeado presidente com seis vice-presidentes de diferentes países, onze assessores e treze secretários para oito línguas diferentes. O presidente, após essas eleições, leu seu discurso-programa, que não foi publicado.

No dia seguinte, um dos vice-presidentes, Walmorok, de Paris, fez seu relatório sobre a gestão da comissão de ação. Constatou o desenvolvimento contínuo do movimento sionista.

No dia 28 de julho realizou-se a importante discussão sobre o lugar de reunião de Israel dispersa. Seria a África, seria a Palestina? O número dos oradores inscritos ultrapassava o habitual. A mesa diretora propôs designar quatro que falariam em nome dos outros. O Dr. Syrken, de Paris, se opôs. A maioria não foi da sua opinião, e a agitação da Assembléia foi tal que o presidente se viu constrangido a encerrar a sessão. Na ante-sala, nas escadarias, houve troca de socos e a polícia teve de intervir.

A discussão foi retomada à tarde, sem nenhum acordo. Suspensa às 7 horas, foi a sessão reiniciada às 9 horas.

29 de julho era dia do *sabbat*.

No dia 30 a questão a colonização de Uganda pelos judeus foi finalmente encerrada.

O congresso, agradecendo o governo inglês pela oferta, votou a seguinte resolução:

"O Congresso mantém firmemente os princípios do seu programa, que indicam o estabelecimento de uma pátria para o povo judeu na Palestina. Ele recusa qualquer colonização fora da Palestina ou em países vizinhos".

Os opositores protestaram, deixaram a sala gesticulando, para redigir e endereçar ao povo judeu um protesto contra o tratamento que a maioria lhes havia infligido.

Outras sessões foram realizadas nos dias seguintes, nas quais foram tratadas questões menos importantes: a nomeação da comissão de organização composta de 31 membros; a manutenção da comissão da Palestina com seu crédito anual; a constituição do fundo nacional para compra de terrenos na Palestina, desde que essas aquisições pudessem ser feitas em bases seguras.

No dia 2 de agosto, Frommensen, em nome dos delegados americanos, deixou sob a guarda do Congresso a bandeira sionista que, na exposição de Saint-Louis, flutuara entre as das outras nações.

Depois, um fato novo aconteceu. No dia 28 de julho do ano anterior, os jornais de Londres publicavam esta notícia:

"Os chefes do partido juventude-turca, que querem atrair as simpatias de todos os partidos e dos adeptos de todas as religiões, teriam inscrito no seu programa, se acreditarmos num telegrama recebido de São Petersburgo pelo "Daily Telegraph", a retrocessão da Palestina aos judeus de acordo com a base do projeto dos sionistas. Compreende-se agora por que os israelitas abraçaram tão depressa a causa dos Jovens-Turcos".

A persistência dos sionistas em recusarem um após outro os territórios que lhes foram oferecidos, inicialmente na América, depois na África, nessas regiões mais próprias à colonização do que a Palestina hodierna, mostra bem que o objetivo deles é a restauração de Israel de conformidade com a pressuposta predestinação de que Israel chegará à dominação de todos os povos.

Enquanto esperam, os judeus, solidamente ligados entre si, constituem em cada nação um Estado dentro do Estado, levando, em caso de revolução, como acabamos de ver na Rússia, a contribuição da sua influência e da sua ação a todos os partidos subversivos. Não existe

---

[46] As associações sionistas eram, na abertura desse congresso, em número de 1.572.

revolução que não faça avançar a obra de desorganização universal que deve permitir a Israel estabelecer seu domínio sobre todos os povos.

Não foi mais em Bâle, mas em Hamburgo, que se reuniu no final de dezembro de 1909 o novo congresso sionista. Ele permitiu verificar um notável crescimento de poder do movimento que seduz os judeus pobres, particularmente os da Rússia, Áustria e Rumânia, em direção à reconstituição de um Estado judeu.

Além dos congressos internacionais que se realizam cada ano em Bâle, o sionismo mantém congressos regionais em diversos países, assim no Novo Mundo como no Antigo. A imprensa não parece preocupada em noticiá-los. *La Vérité*, de Quebec, publicou o relatório do congresso realizado em Montreal, em 4 e 5 de junho de 1905. 260 delegados estavam presentes. De Sola, que o presidia, fez um discurso entusiasta. Proclamou claramente que os judeus constituem uma raça distinta, na qual se deve manter a consciência que tem de sua antiga glória, e as grandezas que o futuro lhe reserva. Antes de se separarem, os congressistas elegeram a comissão preparatória para o congresso do ano seguinte.

As colônia agrícolas que os judeus têm na Palestina constituem atualmente um dos aspectos mais interessantes da propaganda sionista.

Em 1870, um judeu chamado Netter fundou em Jaffa uma escola de agricultura para os judeus, e Jaffa tornou-se o verdadeiro centro da colonização israelita na Palestina.

Em 1882, emissários judeus foram à Terra Santa comprar terras para as colônias em preparação, lugares de refúgio oferecidos aos judeus expulsos do meio dos cristãos católicos ou cismáticos da Europa central e oriental.

Desde então os judeus continuam a se instalar na Palestina. Inicialmente eles realizaram compras de propriedades, depois compraram aldeias árabes inteiras. Para isso aproveitam um ano de penúria ou de calamidades para enviarem os cobradores do imposto, os quais exigem o imediato pagamento. Como não há um só cêntimo na aldeia, é-se forçado a recorrer aos judeus, que se apressam a emprestar... à taxa de 200% e contra a hipoteca da aldeia inteira (a propriedade é indivisa nas aldeias da Palestina). Ao cabo de um ano, a aldeia é vendida aos judeus a preço vil. A penetração judia na Palestina é patrocinada abertamente pela *Alliance Israélite*; ela recebe, como vimos, os estímulos e os subsídios de todos os grandes judeus. Sua principal alavanca é a *Anglo-Jewisch Colonisation Association*, fundada pelo barão de Hirsch, e à qual esse ilustre flibusteiro deixou, ao morrer, 250 milhões. Ela tem igualmente o apoio da *Anglo-Palestina Company*, fundada, como dissemos, para essa finalidade.

"Os próprios Rothschild, diz Edouard Drumond, tão prudentes e hábeis, interessam-se enormemente nessa retomada de posse do reino de Israel. Assim é que Edmond de Rothschild, após ter feito comprar às suas expensas uma quantidade de aldeias, reuniu todas essas colônias judias nas mãos da *Anglo-Jewisch Association*, acrescentando uma doação de 20 milhões".

Se os ricos israelitas favorecem o estabelecimento dos seus correligionários na Palestina, isso não equivale a dizer que eles entendam dever abandonar a Europa, onde, sendo os reis das finanças, ocupam posições privilegiadas. Ademais, para o objetivo final que a nação persegue, é útil que permaneçam no seio dos outros povos.

No momento atual, diz o *Boletim da Sociedade Italiana de Geografia*, um terço da Palestina está nas mãos dos judeus. Eles têm propriedades consideráveis por toda parte: mais de quarenta por cento das terras cultiváveis do distrito de Jaffa; setenta e cinco por cento do território do distrito de Tiberíade; grandes extensões de terra a oeste do Jordão, nos arredores de Jerusalém, de Jaffa e de Caifa. Fundaram escolas, estabeleceram uma gráfica, e redigem um jornal muito divulgado. Jerusalém já é uma cidade conquistada; a maioria da sua população atual é judia.

O número de judeus cresce a cada ano na Palestina. Dizer seu número exato seria impossível, porque os registros do estado civil são desconhecidos e os recenseamentos periódicos reduzem-se, em suma, a estimativas mais ou menos aproximativas. Mas não exageramos se levamos seu número, em toda a Palestina, a 100.000, o que representa a oitava parte da população total do país.

Em Jerusalém, no século XVII, havia apenas uma centena de famílias judias; em 1877, contavam-se 15.000 judeus; em 1903 esse número tinha se elevado para 35.000; e atualmente podemos avaliar seu número em 50.000. Afora a Cidade Santa, suas colônias estão disseminadas pelo país inteiro; em Hebron eles são 1.500; em Jaffa, 4.000; em Gaza, 100; em Napluse, 200; em Haifa, 900; em Acco, 1.000; em Tiberíade, 3.500; em Safed formam a imensa maioria da população: 24.000 para 35.000 habitantes. Ademais, possuem várias colônias agrícolas de menor importância: em Akir (a antiga Ekrou dos filisteus), em Artouf, em Zammarin perto de Cesaréia, em Athlit, em Es-Sadjara, entre o Tabor e Tiberíade, etc. Além disso, podemos estar certos de encontrar uma ou várias famílias judias em todas as cidadezinhas e aldeias onde exista esperança de lucro, até Kerak, no coração do país dos beduínos.

Os judeus da Palestina, disse o doutor Motzkine no congresso sionista de 1898, devem aprender e falar o hebreu, de modo a estabelecer, pelo uso dessa língua, uma solidariedade indispensável entre todos os membros da raça. De fato, na colônia de Recbovoth, que, fundada em 1890 por uma sociedade polonesa, não tem mais de 250 habitantes, os cursos de língua hebraica são muito concorridos, e a geração jovem fala o hebreu puro.

Na ordem de idéias aberta pelo sionismo, um jornal americano, o *Pearson's Weekly*, anunciou que os franco-maçons de Boston formaram uma "Companhia" com o objetivo de reconstruir o templo de Salomão.

Outro projeto: discute-se a constituição de um Parlamento judeu, Parlamento que seria internacional, nem é preciso dizer, e que, semelhante aos congressos socialistas ou à conferência do Marrocos, teria sede ora numa cidade, ora em outra. O *Jewish World* de 15 de dezembro de 1908 publicou a esse respeito as declarações eminentemente sugestivas de um nacionalista judeu ativo e irrequieto, B.-J. Belisha:

"O que queremos, diz Belisha, é uma instituição que fosse poderosa e efetiva, uma instituição que representasse todos os judeus numa Assembléia internacional judia, que seria baseada nos princípios democráticos e responsável perante *a nação judia.*

"Precisamos de um Parlamento para Israel reunida. As organizações sionistas e territoriais não passam de seções. Temos necessidade de um Parlamento que agiria como o Grande Conselho de *toda a nação*. Naturalmente, ele não poderia ser um corpo legislativo; não poderia manter suas decisões pela força, mas poderia exercer um grande poder moral.

"O que proponho é que essa assembléia internacional seja composta de 500 membros, eleitos por todas as comunidades judias do mundo, proporcionalmente ao seu número e à sua importância. Todo homem e toda mulher acima de dezoito anos poderia ser eleitor subscrevendo a soma de 2 *shillings* e 6 *pence* por ano, e se um milhão de indivíduos dessem adesão a essa proposta, teríamos uma renda anual de 125.000 libras esterlinas...

"O escritório central ficaria sediado em Londres ou em Paris. Haveria uma sessão anual do Parlamento, que duraria um mês, e essa sessão seria realizada por revezamento em todos os principais centros judeus do mundo, para excitar o interesse do partido e mantê-lo. Esse Parlamento ficaria sediado até que nós pudéssemos transferi-lo para uma terra que nos pertencesse".

Seria esse Parlamento o ensaio, o esboço da Convenção que os revolucionários de 93 já desejavam para governar a República universal na qual devem se fundir todas as nações do universo, e para a qual as idéias internacionalistas preparam os caminhos no espírito dos povos???

Por tudo quanto acabamos de dizer do n° 8 ao n° 16, é fácil ver como esse problema é profundo, e extenso o movimento que, há um século, agita o povo judeu.

Evidentemente, é um sinal.

17. ESTÁ PRÓXIMO O INGRESSO DOS JUDEUS NA IGREJA?

“A primeira conseqüência do ato de emancipação, diz Joseph Lémann,[47] foi para os judeus *a ruína das tradições e das práticas* que constituíam essencialmente a *vida judia*. Por tanto tempo quanto esse povo fora desprezado e posto de lado, por tanto tempo ele se conservara fervoroso, unido às suas tradições, porque é próprio da perseguição ou da hostilidade fazer com que o perseguido se apóie em qualquer idéia, em qualquer crença. O povo judeu apoiava-se, pois, na sua religião, em razão da qual estava em hostilidade contra o resto do gênero humano. A despeito das puras práticas do mosaísmo tornadas impossíveis depois da queda de Jerusalém, ele observava com escrúpulo as prescrições cem vezes mais rígidas dos seus rabinos. O Talmude, esse livro de chumbo, pesava sobre ele. Mas a partir de 1791, quer dizer, depois da sua reentrada na sociedade, a maioria dos israelitas, para se porem em harmonia com as exigências da lei civil, e sobretudo para poderem figurar nessa vida de festas e prazeres que reencontraram ao saírem dos guetos, abandonaram uma a uma as tradições, os costumes dos seus pais, suas práticas incômodas: de sorte que, como uma primeira vez, após a queda de Jerusalém, o mosaísmo puro tinha degenerado em talmudismo, eis que o próprio talmudismo degenera, por seu turno, em racionalismo ou em indiferença, quer dizer, em niilismo”.

O mesmo autor expõe assim as conseqüências que essa mesma emancipação tem para nós:

“Desde sempre eles eram uma potência hostil. Eram igualmente uma potência financeira, com a qual era preciso contar. Tornaram-se uma potência civil pelos direitos do cidadão que a Constituição lhes reconheceu. Napoleão fez novamente deles uma potência religiosa, dando vida ao seu culto e aos seus rabinos. Nada mais lhes resta senão se tornarem uma potência política, que disporá, entre as nações hospitaleiras, do tesouro, da legislação, do exército e da diplomacia. Chegarão aí...” Hoje podemos dizer: Chegaram.

Os judeus estão emancipados; vão se converter verdadeiramente, realizar em nossos dias as profecias e entrar em massa na verdadeira Igreja? À primeira vista parece que estão mais longe disso do que jamais estiveram.

Vimos que não somente ocupam nos exércitos de perseguidores da Igreja as primeiras fileiras, mas também que muitos dentre eles perderam a fé, e são os instigadores desse movimento que, nos dois hemisférios, quer dissolver todas as religiões no humanitarismo.

É provável, no entanto, que nos desígnios da Providência uma coisa prepare a outra.

Os judeus conseguiram humilhar as nações cristãs infiéis, e castigá-las, e durante um tempo que só Deus conhece, o castigo se tornará cada vez mais visível e mais grave. Mas ao exercício da justiça sucederá o da misericórdia; e pode dar-se que quando os chefes da conjuração anti-cristã virem seus planos fracassar e todo seu poder quebrar-se na mesma hora em que crerem ter uma vitória definitiva, voltem-se para seu vencedor e como Saulo exclamem: “Quem sois, Senhor? Senhor, que quereis que eu faça?” — E o Senhor responderá, como nos primeiros dias do cristianismo: “Vai levar meu nome diante das nações, diante dos reis e diante dos filhos de Israel”.

Sua pregação reconduzirá o rebanho ao aprisco.

---

[47] *Les nations frémissantes contre Jésus-Christ et son Eglise*, 194.

O fato acontecerá certamente um dia. Deus o afirmou. A hora e o modo permanecem Seu segredo.

Todas as interpretações das Sagradas Escrituras sobre esse aspecto sempre encontraram da parte da Santa Sé e da Igreja uma completa reserva. "Com uma mão, diz Lémann, a Santa Igreja segura as divinas Escrituras que anunciam essa conversão, e com a outra Ela se apresta a abençoar o antigo povo de Deus, que Ela espera e pelo qual Ela reza. Mas eis tudo. Os caminhos pelos quais eles retornarão e a época desse retorno Ela ignora. E todas as vezes que se Lhe apresentaram interpretações que tiravam sua autoridade das divinas Escrituras, a Igreja permaneceu reservada, reverenciando "*os sete selos misteriosos que somente o leão da tribo de Judá descobrirá*".[48]

"O retorno de Israel, diz o doutor Allioli, é da mais alta importância, pois a inteira conversão dos judeus será a inteira conversão do mundo".

É o que dá a entender São Paulo (capítulo XI da sua Epístola aos Romanos): "*Acaso rejeitou Deus o seu povo? De maneira alguma!* — Pois eu mesmo sou israelita. *Deus não rejeitou o seu povo*, que conheceu na Sua presciência. — Que direi, pois? Tropeçaram, acaso, para caírem para sempre? Certamente não".

O grande Apóstolo faz em seguida esta memorável e consoladora predição: "Ora, se o seu pecado ocasionou a riqueza do mundo, e sua decadência a riqueza dos gentios, que não será a sua plenitude?... Porque se da *sua rejeição* resultou a reconciliação do mundo, que não será *sua reintegração* senão um retorno (para o mundo) *da morte à vida?*".

Já antes de São Paulo, o profeta-rei Davi havia contemplado essa era singular, até aquele dia de um impulso de todos os povos da terra, sem exceção, em direção ao Senhor, por ocasião da conversão de Israel. Sua alma se exalta e exclama a essa visão: "*Nações, louvai todas o Senhor*, povos, louvai-O todos, PORQUE *sua misericórdia manifestou-se sobre nós* (Israel) e porque a verdade (as promessas) estender-se-á a todos os séculos".[49]

E antes de Moisés, Davi: "O Senhor teu Deus reconduzirá teus cativos, e terá piedade de ti, e te reunirá de novo do meio das nações dentre as quais te houver espalhado. Ainda que os teus exilados se encontrassem na extremidade dos céus, dali te tirará o Senhor teu Deus e te buscará e te introduzirá na terra que teus pais possuíram e te dará a sua possessão, e abençoando-te, far-te-á mais numeroso do que o foram teus pais".[50]

Os acontecimentos que se desenrolam há um século lembram-nos ainda esta célebre predição de Oséias:

"Os filhos de Israel ficarão durante muito tempo sem rei, sem chefe, sem sacrifício, sem altar: *e depois disso voltarão e buscarão o Senhor seu Deus e Davi seu Rei*".[51]

No seu livro *Les nations frémissantes contre Jésus-Christ et son Eglise*, p. 196, Lémann chama a atenção para este fato:

"Há trinta anos (isto fora escrito em 1876), num santuário de Roma, a Virgem Maria se revelava com sua glória e suas ternuras a um judeu (Libermann), cuja conversão foi como um toque de trompete do Apocalipse na Igreja. Desde essa hora, como a um sinal de Maria, começou no mundo, de uma maneira lenta, mas certa, a conversão dos judeus. Desde então, o judaísmo moderno dividiu-se em duas correntes: uma, o *falso* judaísmo, que corre a perder-se no racionalismo e na indiferença; mas a outra, *verdadeiro* judaísmo, que silenciosamente quer completar-se, aperfeiçoar-se e coroar-se no catolicismo. Porque o judaísmo é o Messias *prometido*; o cristianismo é o Messias *vindo*".

---

48 Apocalipse, V, 5.
49 Salmo CXVI.
50 Deut., XXX, 3-6.
51 Oséias, III, 4-5.

18. A QUESTÃO JUDIA NO CONCÍLIO DO VATICANO

A questão judia ocupa cada vez mais todos os espíritos. Os livros que tratam dela se multiplicam e os jornais têm de falar nisso quase todos os dias. A Igreja tem uma solução para essa questão, toda de caridade e de paz. Ela foi apresentada por quinhentos e dezesseis bispos no Concílio do Vaticano, nestes termos:

"Os Padres abaixo-assinados pedem ao santo Concílio Ecumênico do Vaticano, em humilde e urgente oração, que ele se digne de, através de um convite todo paternal, prevenir a infortunadíssima nação de Israel; ou seja, que ele exprima o desejo de que, fatigados enfim de uma espera não menos vã do que longa, os israelitas se apressem em reconhecer o Messias, nosso Salvador, Jesus Cristo, verdadeiramente prometido a Abraão e anunciado por Moisés: aperfeiçoando e coroando, assim, a religião mosaica sem mudá-la.

"De uma parte, os Padres abaixo-assinados têm a firmíssima confiança de que o santo Concílio terá compaixão dos israelitas, porque eles são sempre caríssimos a Deus por causa dos seus pais, e porque *foi deles que nasceu Cristo segundo a carne*.

"De outra parte, os mesmos Padres partilham a doce e íntima esperança de que essa manifestação de ternura e de honra será, com a ajuda do Espírito Santo, bem acolhida por vários dos filhos de Abraão, porque os obstáculos que os embaraçam até este dia parecem mais e mais desaparecer desde que caiu o antigo muro de separação.

"Queira, pois, o Céu que o mais cedo possível eles aclamem Cristo dizendo-Lhe: "Hosana ao Filho de Davi! Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor!"

"Queira o Céu que eles acorram a se lançar entre os braços da Imaculada Virgem Maria, que, já irmã deles segundo a carne, pode ser ainda mãe deles segundo a graça, como nossa é!"

Eis o desejo e a esperança da Santa Igreja, que não quer arrancar o arbusto partido, nem apagar a mecha que ainda fumega, mas aspira unicamente a salvar com as nações os restos da casa de Israel.

Alguns dias antes da apresentação desta súplica, o Papa Pio IX, ao receber em audiência os abades Lémann, apóstolos infatigáveis da conversão de Israel, exclamava: "Eis os dois irmãos israelitas, os dois sacerdotes que têm tanto zelo pela salvação do seu povo. Ah! para obter todas estas assinaturas, deveis ter trabalhado e vos fatigado muito". Os dois irmãos responderam: "Sim, Santíssimo Padre, trabalhamos muito; personificando em nós todo o nosso povo, nós éramos o judeu errante, e o judeu errante terminou suas caminhadas ao subir as escadas de todos os Bispos do mundo, reunidos em Roma. Em Roma fizemos pela última vez a volta ao mundo". E Pio IX redargüiu com ternura: "Meus filhos, aceito vosso *postulatum*, eu mesmo o remeterei ao secretário do Concílio. Sim, convém, sim, é bom dirigir aos israelitas algumas palavras de exortação e de encorajamento. Vossa nação tem nas Escrituras promessas certas do retorno. Se a vindima não pode ser feita por inteiro, que o Céu nos conceda pelos menos alguns cachos". Depois, abençoando com amor esses dois bons sacerdotes: "Trabalhai por vosso povo, é vossa vocação, continuai vossa trilha; deveis fazer por ele aquilo que fez Moisés: libertá-lo".

Num outro dia o Papa Pio IX também dizia aos mesmos abades Lémann, pelos quais tinha grande afeição: "Rezemos pelos israelitas, a fim de que tenham parte no triunfo da Igreja".

19. ASSOCIAÇÃO DE ORAÇÕES PELA CONVERSÃO DOS JUDEUS

Por volta do fim do ano de 1903, um eclesiástico da diocese de Paris, intérprete de alguns piedosos fiéis, dirigia-se à Casa-mãe da Congregação de Nossa Senhora de Sião para comunicar o desejo que haviam concebido de suscitar entre os cristãos seculares uma associação de orações cujo objetivo seria a conversão do povo de Israel.

Esse desejo, tão conforme ao impulso experimentado pelos dois irmãos Maria Teodoro e Maria Afonso Ratisbonne, em seguida à milagrosa conversão de 20 de janeiro de 1842, devia ser favoravelmente acolhido pela Congregação nascida do milagre.

Todavia, não houve pressa em se dar seguimento a esse desejo; e, apesar das reiteradas instâncias, de dezembro de 1903 a dezembro de 1904 o projeto ficou sem execução.

Insistiu-se, então, com mais vigor, para que as almas de boa vontade que tinham estendido o pequeno círculo pudessem enfim se encontrar e unir suas orações através da assistência a uma missa mensal, cuja celebração se faria no altar de Nossa Senhora de Sião. Tendo esse desejo recebido a sanção de Sua Excelência o Cardeal-Arcebispo de Paris, que colocou a nova Associação sob a direção dos padres de Nossa Senhora de Sião, foi a missa fixada para o dia 25 de janeiro, festa da conversão de São Paulo.

Naquela ocasião os associados se uniram pela primeira vez à oração que há sessenta anos as Filhas de Sião repetem diariamente no momento mais solene do Santo Sacrifício. É aquela que o próprio Salvador, expirando sobre a Cruz, dirigiu a Deus em favor do Seu povo: “PAI, PERDOAI-LHES PORQUE NÃO SABEM O QUE FAZEM”.

Em cada uma das reuniões que regularmente se seguiram àquela de 25 de janeiro, essa súplica se eleva entre dois cânticos carregados de amor compassivo por Israel. Ela exala do coração e dos lábios dos associados, cujo número, desde então, não parou de crescer com maravilhosa rapidez.

Simpatias que pareciam esperar apenas por um toque para se produzirem despertam por toda parte.

Um movimento de misericordiosa caridade vem ao encontro de um impulso motivado há tanto tempo.

A iniciativa de fervorosos zeladores e de piedosas zeladoras soube conquistar numerosos foros de intercessão, repartidos por diversos pontos da França, da Itália e da Palestina: religiosas franciscanas, dominicanas, capuchinhas e clarissas, jovens confiadas a esses diversos estabelecimentos, sacerdotes, cristãos e cristãs que vivem no meio secular, todos juntos formavam no fim do primeiro ano um total de cerca de mil pessoas. Esses progressos já consoladores estavam longe de fazer pressentir a extensão que obtiveram.

Efetivamente, uma corrente de caridade ardente invadiu com um impulso comunicativo o Tirol, a Baviera, a Irlanda. Aldeias inteiras pedem para se inscrever, seguindo seus pastores. Em várias escolas a oração “*Deus de bondad*e” é recitada em comum, grande número de famílias acrescentam-na às orações da manhã e da noite.

Como no tempo da vinda do Redentor à terra, são também os habitantes dos campos que se encarregam a si mesmos de espalhar a boa nova da salvação, cuja aurora se levanta sobre Israel. Mas eis que, simultaneamente do lado da Terra Santa, abre-se um horizonte não menos carregado de esperanças. É um Príncipe da Igreja, são seus colaboradores, são suas mais dignas ovelhas que se inscrevem na Associação. “Mais do que nunca é momento de rezar pela conversão dos judeus”, declara monsenhor Picardo ao se inscrever em primeiro lugar nessa pacífica cruzada. Em Túnis, monsenhor o Arcebispo, concedendo seu *imprimatur* à oração, digna-se de colocar-se ele próprio à frente dos associados. Sua Alteza acrescenta, com convicção bem digna da sua eminente piedade, que essa inscrição pessoal é toda para seu proveito, pois ela lhe permite participar das indulgências a ela ligadas. Essas indulgências foram concedidas primeiramente por Leão XIII para a oração “*Deus de bondade*” que os sacerdotes e as religiosas de Nossa Senhora de Sião recitam quotidianamente. Mais recentemente, a pedido de uma Irmã israelita convertida, zeladora, zelosa tão infatigável quanto

inteligente, nosso Santíssimo Padre o Papa Pio X dignou-se, no dia 22 de março de 1906, de conceder à Associação novos e importantes favores.

Essas indulgências, imprimindo à obra um novo entusiasmo, foram o ponto de partida de um desenvolvimento mais rápido ainda, e em menos de dois anos elevaram a mais de 18.000 o número dos associados (em janeiro de 1908 o número dos associados era de 50.000) espalhados pela França, Inglaterra, Escócia, Bélgica, Holanda, Alemanha, Áustria, Itália, Tunísia e até nas Índias inglesas e no Canadá.

"O pensamento de trabalhar por Israel ganha todos os corações", escrevia uma piedosa cristã. E acrescentava: "Nesses tempos perturbados de discórdias, divisões, dissensões, como é bonito, como é tocante ver formar-se essa liga de orações, essa união de almas animadas por um só desejo, perseguindo o mesmo objetivo: trazer de volta a Deus o povo sempre caro ao Seu Coração".

Parece que nos nossos dias o Salvador deseja estender às almas cristãs a missão outrora dada por Ele aos discípulos. "Ide antes de tudo às ovelhas perdidas da Casa de Israel".

Propagar a Associação que tem por finalidade realizar essa injunção divina é, pois, entrar nos desígnios misericordiosos de Jesus; é também fazer um ato de amor e devotamento à Igreja que espera da conversão de Israel seu mais decisivo triunfo: é alegrar o céu; é preparar para o mundo uma era de paz e de ressurreição; é amealhar para si mesmo tesouros de méritos.

Se o reino dos Céus é garantido ao copo de água daquele que mais não pode oferecer, quanto mais não será concedido àqueles cuja oração perseverante terá apressado o dia que verá cair Israel aos pés do seu Redentor!

ORAÇÃO DOS ASSOCIADOS

(100 dias de indulgência. Leão XIII, 15 de julho de 1893)

"Deus de bondade, Pai das misericórdias, nós Vos suplicamos pelo Coração Imaculado de Maria e pela intercessão dos Patriarcas e dos Santos Apóstolos, que lanceis um olhar de compaixão sobre os restos de Israel, a fim de que eles cheguem ao conhecimento do nosso único Salvador Jesus Cristo, e que participem das graças preciosas da Redenção. Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem".

INDULGÊNCIAS PLENÁRIAS PERPÉTUAS

(Concedidas por nosso Santo Padre o Papa Pio X, em 22 de março de 1906)

1. Uma indulgência plenária na Sexta-Feira Santa a todos os membros da Associação de orações que, tendo confessado e comungado, recitarem a oração *Pro perfidis judæis*, que a Igreja reza no Sábado Santo, ou pelo menos um "Pai-nosso", uma "Ave-Maria" e o "Glória ao Pai".

2. Uma indulgência plenária que ganham na primeira sexta-feira de cada mês os membros associados desde que, nas suas orações, Missas, comunhões, tenham a intenção de pedir a Deus a conversão dos judeus, e isso sem que tenham a necessidade de nenhuma outra fórmula especial.

Após ter-nos sido feita essa comunicação, encontramos as seguintes informações nos Anais da Missão de Nossa Senhora de Sião:

Por um Breve datado de 24 de agosto de 1909, Sua Santidade Pio X dignou-se erigir em *Arquiconfraria* a Associação de orações em favor de Israel.

A sede da nova Arquiconfraria foi fixada em Jerusalém, na Basílica *Ecce Homo*, que serve de capela para as religiosas de Nossa Senhora de Sião.

Convinha que a sede dessa Arquiconfraria ficasse na Cidade Santa, na qual os vestígios sagrados do antigo e do novo povo de Deus se conservam, confirmando-se uns aos outros; na qual, diante dos peregrinos do mundo inteiro, as próprias ruínas testemunham a autenticidade dos fatos que evocam; na qual a realização das antigas profecias corresponde à realização

daquelas que ainda estão por se verificar, notadamente no que concerne à conversão dos restos de Israel.

O movimento, partido da França, estende-se com rapidez verdadeiramente prodigiosa, e logo não haverá terra por demais distante em que algumas almas de elite não implorem para obter a conversão de Israel. Às adesões, inicialmente todas individuais, sucedem longas listas de centenas, milhares de novos associados. Em certos países, nos quais a fé cristã permanece mais viva, os corações são de tal forma conquistados para esse apostolado que paróquias inteiras se inscrevem.

Os aderentes vêm de todas as classes da sociedade, assim como vieram ao Evangelho os primeiros cristãos; vêm também das fileiras daqueles que na Igreja constituem a "porção escolhida". Eminentes prelados, sacerdotes, em grande número, religiosos e religiosas oferecem-se para participar de uma obra cujo objetivo é apressar o ingresso do povo judeu no aprisco e obter a unidade na fé católica.

Mais de trinta arcebispos e bispos alistaram-se entre os associados. A oração "*Deus de bondade*" foi traduzida para dezoito línguas, não em razão de adesões futuras e problemáticas, mas para satisfazer as necessidades dos membros já conquistados para o novo apostolado. Em certas regiões é tal a comoção das almas que ela se comunica aos próprios israelitas; diversos deles, para os quais a luz divina começa a se levantar, pedem para serem inscritos, desejosos de rezar eles também pela sua própria conversão.

Essas orações começam a produzir fruto. Poderia parecer inicialmente às almas de pouca fé que o Céu permanecesse obstinadamente fechado, mas eis que a graça desce com tal abundância que por toda parte germes escondidos fermentam e prometem uma opulenta colheita.

Ainda não é o despertar de um povo para a verdadeira fé, mas para muitas almas retas os véus se rasgam; elas reconhecem Aquele que seus pais ignoraram, e entre elas várias, na alegria da verdade conquistada, aspiram à honra do apostolado.

Os *Annales de la Mission de Notre-Dame de Sion* assinalam essas conversões na França, Prússia, Áustria, Hungria, Polônia, América. Por toda parte elas manifestam fatos tão espetaculares quanto consoladores.

———— ♦ ————